JOSÉ ROBERTO SALES

Theatro Capitólio de Varginha (MG)

do objeto ao símbolo

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA
Ars in Totum

VARGINHA-MG
2022

JOSÉ ROBERTO SALES
Especialista em História e Construção Social do Brasil
Universidade Vale do Rio Verde – UninCor, 2006

THEATRO CAPITÓLIO DE VARGINHA (MG)
Do objeto ao símbolo

1ª edição

Edição do Autor
Varginha – MG
2022

© Copyright José Roberto Sales, 2022

Catalogação na Fonte
Responsável: José Roberto Sales

981
306
Sales, José Roberto (1957-)

Theatro Capitólio de Varginha (MG): do objeto ao símbolo / José Roberto Sales. 1ª ed. Varginha (MG) : José Roberto Sales, 2022.

572 p. ; il.

Bibliografia.

ISBN 978-65-994386-3-9
1. Varginha (MG). Theatro Capitólio. História.
I Título.

CDD –

CAPA: Theatro Municipal Capitólio de Varginha (MG) em 26 jun. 2022

Fotografia: Agnaldo Montesso

Arte da capa e diagramação: Agnaldo Montesso - jornalista MTB 15.903 JP

Suporte técnico: Cláudio Henrique Martins

Revisão de Língua Portuguesa: Marcos Valério Albinati Silva

José Roberto Sales

COLEÇÃO

Em 2014, o Setor de Patrimônio Histórico da Fundação Cultural do Município de Varginha realizou o inventário do conjunto das obras do historiador varginhense José Roberto Sales, que tem por assunto a história de Varginha, em seus mais variados aspectos. Surgiu, assim, a Coleção José Roberto Sales que integra o acervo de inventário de proteção do patrimônio cultural local. Este livro é uma das obras que integram a referida Coleção.

José Roberto Sales

COLLECTION

In 2014, the Historical Heritage Sector of the Cultural Foundation of Varginha Municipality carried out an inventory of all the works historian José Roberto Sales, whose subject is Varginha's (Brazil, MG) history in its most varied aspects. Thus arose the José Roberto Sales Collection which integrates the inventory of protection of the local cultural heritage. This book is one of the works that integrate the said Collection.

Parte da Coleção José Roberto Sales pode ser acessada no site

da Fundação Cultural de Varginha por meio do link

https://fundacaoculturaldevarginha.com.br/colecao-joserobertosales

ou ainda pelo QR Code ao lado.

AGRADECIMENTOS

À Fundação Cultural do Município de Varginha, na pessoa do seu diretor-superintendente Marco Aurélio da Costa Benfica, pelo convite que me foi feito para escrever a história do Theatro Municipal Capitólio.

Aos competentes e dedicados servidores públicos municipais lotados na Fundação Cultural e, em especial ao Cláudio Henrique Martins, pelo apoio, incentivo e fornecimento de parte da documentação original que constitui a base da bibliografia para a escrita deste livro. Esses documentos integram o acervo do Centro de Documentação Histórica da Fundação Cultural de Varginha – CEDOC.

À direção do jornal *Correio do Sul* pela gentileza de ter franqueado ao autor a consulta ao rico acervo de sua hemeroteca, constituído pelos jornais editados entre 1945 e 2022.

Aos artistas, engenheiros e arquitetos que, com seus depoimentos, tornaram a narrativa da história do Capitólio mais rica, viva e interessante.

Aos anônimos varginhenses que, de geração a geração, durante mais de um século, guardaram, cuidadosamente, exemplares dos jornais *Arauto do Sul, Gazeta da Varginha, O Momento, O Capitólio e O Sul-Mineiro*. Graças ao zelo deles, a história da cultura em Varginha pôde ser contada neste livro com grande riqueza de detalhes.

À minha amiga italiana Giusi Zamana, produtora cultural da Associação Ponte entre Culturas, pela tradução do resumo deste livro para o idioma italiano.

Ao meu amigo Marcos Valério Albinati Silva, professor de Língua Portuguesa e de suas literaturas, pela primorosa revisão de texto. Generoso como sempre, ele me devolveu o texto revisado com o seguinte comentário: "De todas as suas obras, a mais sublime! Parabéns!".

APRESENTAÇÃO

Mais uma vez, José Roberto Sales brinda a todos nós com uma obra primorosa, digna da importância do nosso querido Theatro Capitólio para a história e para a memória de todo varginhense. Ao longo das 570 páginas que compõem este livro, poderemos rememorar momentos marcantes da arte e da cultura varginhense. É importante destacar que o historiador faz esse trabalho voluntariamente, sem receber nenhuma remuneração por parte da Fundação Cultural ou do município. Quem ganha com esse trabalho somos todos nós, que podemos ter esse registro de momentos que marcaram o cotidiano da nossa cidade e da região.

O Theatro Municipal Capitólio, fundado em 1927, chega aos seus 95 anos como baluarte das manifestações culturais feitas pelos nossos cidadãos, mas também com artistas de diversas partes do Brasil e do mundo. Em 2021, iniciamos a revitalização do prédio, concluída em outubro de 2022.

Diversas ações foram feitas para que o teatro pudesse receber adequadamente centenas de pessoas nas apresentações pelos próximos anos. Os recursos investidos são provenientes do ICMS Patrimônio Cultural, que foram destinados pelo Governo de Minas para os investimentos na preservação do patrimônio na cidade.

Após essa reforma, muitos outros investimentos ainda estão por vir para garantir que esse espaço seja onde floreiam a imaginação e a criatividade, próprias das manifestações culturais. Varginha é uma cidade que incentiva a arte e a cultura, que agora voltam a ter um espaço nobre para serem divulgadas.

Marco Aurélio da Costa Benfica
Diretor-superintendente da Fundação Cultural de Varginha

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
APRESENTAÇÃO
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS
RESUMO
SUMMARY
RIASSUNTO
1 INTRODUÇÃO
2 METODOLOGIA
PARTE I - BREVE HISTÓRIA DAS ATIVIDADES CULTURAIS
E DE ENTRETENIMENTO EM VARGINHA (1884-1930)
1 LEITURA
1.1 Imprensa local
1.2 Biblioteca Municipal
2 CARNAVAL
3 CIRCOS, ESPETÁCULOS EQUESTRES E TOURADAS
3.1 Circos
3.2 Espetáculos equestres
3.3 Touradas
4 ARTISTAS TRANSFORMISTAS
5 ESPETÁCULOS COM BONECOS E FANTOCHES
6 ESPETÁCULOS DE ILUSIONISMO
7 DANÇA
8 MÚSICA

9 EXPOSIÇÕES: PINTURAS, FOTOGRAFIAS E PLANTAS ARQUITETÔNICAS
10 JOGOS
11 CINEMAS
11.1 Cinema Brasil
11.2 Cinema Íris
12 TEATROS EM VARGINHA (1884-1927)
12.1 Teatro da Casa da Instrução (1884)
12.2 Teatro Municipal ou Cineteatro Íris (1901-1927)
12.2.1 Histórico
12.2.2 Espetáculos
12.2.2.1 Companhia Negra de Teatro de Revistas (1926-1927): De Chocolat e Grande Otelo
12.2.3 Filmes
12.2.4 Eventos políticos, cívicos e sociais
13 GRUPOS DE TEATRO AMADOR: GRUPO DRAMÁTICO RECREIO FAMILIAR VARGINHENSE (1893-1915) E GRUPO DRAMÁTICO IDEAL VARGINHENSE (1916)
13.1 Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense (1893-1915)
13.2 Grupo Dramático Ideal Varginhense (1916)
14 GRÊMIO VARGINHENSE (1905)
15 CINETEATRO POPULAR (1930)
PARTE II - THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO
1 HISTÓRICO
1.1 A família Navarra
1.2 Localização e entorno

1.2.1 Rua Capitólio. Bairro Capitólio. Bar Capitólio
1.3 Planta, construtores e custos da obra
1.4 A denominação Capitólio
1.5 Da idealização de um politeama ao Theatro Capitólio (1921-1927)
1.6 Gerentes (1927-1946)
2 ESTILO DA ARQUITETURA
2.1 Breve consideração sociológica sobre o estilo da arquitetura
2.2 Foyer Aurélia Rubião
3 A INAUGURAÇÃO E AS REINAUGURAÇÕES
3.1 Expectativas
3.2 A inauguração (1927)
3.2.1 O Theatro Capitólio na imprensa nacional (1927)
3.3 A reinauguração de 1985
3.4 A reinauguração de 2011
4 ESCRITURAS PÚBLICAS DE COMPRA E VENDA DO THEATRO CAPITÓLIO (1924, 1943, 1945 E 1983)
4.1 Escritura pública de compra e venda, de 30 de janeiro de 1924
4.1.1 Escritura pública de compra e venda, de 30 de janeiro de 1924. Registro no Cartório de Registro de Imóveis
4.2 Escritura pública de compra e venda, de 12 de abril de 1943
4.3 Escritura pública de compra e venda com garantia hipotecária, de 14 de julho de 1945
4.3.1 Escritura pública de compra e venda, de 14 de julho de 1945. Registro no Cartório de Registro de Imóveis
4.4 Escritura pública de compra e venda, de 29 de agosto de 1983

5 LEGISLAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TEATROS (1919) E INGRESSO DO PÚBLICO MENOR DE IDADE (1928)
5.1 A construção de teatros no Código de Posturas de 1919
5.2 Edital de Regulamentação da Execução do Código de Menores (1928)
6 A PASSAGEM DO TEMPO: USO E INTERVENÇÕES
6.1 Reforma de 1930
6.2 Reforma de 1946
6.3 Reforma da década de 1950
6.4 Reforma do período 1983-1985
6.5 Reforma do período 2004-2011
6.6 Pequenas intervenções do período 2016-2019
6.7 Reforma de 2021
6.8 A segurança da edificação: Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (2020)
7 TOMBAMENTO
8 THEATRO CAPITÓLIO EM CENA: OS ESPETÁCULOS
8.1 A transição do filme mudo para o filme sonoro em Varginha (1930)
8.1.1 A orquestra do Theatro Capitólio. Piano. Músicos
8.2 Companhias e artistas internacionais de música, canto e dança
8.3 Companhias e artistas nacionais
8.4 Companhias e artistas varginhenses
8.4.1 Teatro
8.4.1.1 Grêmio de Teatro Amador Amor à Arte (1937)
8.4.1.2 Grêmio Teatral Varginhense (1951-1952)
8.4.1.3 Companhia Yvonjanpen (1954)
8.4.1.4 Grupo Teatral Ginásio Catanduvas (1962)

8.4.1.5 Grupo Teatrão (1970)
8.4.1.6 Grupo Médico de Teatro Amador (1980-1983)
8.4.1.7 Grupo Quarta Parede (1989-1992)
8.4.1.8 Grupo Teatral Segundo Tempo (1993-1997)
8.4.1.9 Alicerce Cia. de Teatro (1999-)
8.4.1.10 Grupo de Teatro Pan-go-de-lê (2003-2014)
8.4.1.11 Além do Capitólio: outros grupos de teatro
8.4.2 Música (grupos e escolas), banda, dança, ópera e grupos mistos de teatro e dança
8.4.2.1 Quinteto Varginhense (1939)
8.4.2.2 Orfeão Santa Cecília (1956)
8.4.2.3 Escola de Música Lorenzo Fernândez de Varginha (1968-)
8.4.2.4 Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha – CEMVA
(1985-)
8.4.2.4.1 Cantus Coral Cênico (2008-)
8.4.2.5 Clube da Cultura (2011-2017) / Música Varginha (2017-)
8.4.2.6 Academia de Dança Marlene Paiva (1966-)
8.4.2.7 Estúdio Corpo e Dança (1985-2006)
8.4.2.8 Banda Tuatha de Danann (1994-)
8.4.2.9 Ópera: tenor Hercílio Batista Pinto (1927-2007)
8.5 Exposições e lançamentos de livros no Foyer Aurélia Rubião
8.6 Oficinas de teatro
8.7 O uso do Theatro Capitólio para atividades não artísticas
8.7.1 Gerais

8.7.2 O ovo da serpente: Theatro Capitólio, Fascismo e Estado Novo (1937-1938)
8.7.3 Plínio Salgado
8.8 A frente do Theatro Capitólio: manifestações artísticas e políticas
9 CINETHEATRO CAPITÓLIO: CRÍTICAS AO COMPORTAMENTO DOS ESPECTADORES (1932/1946)
10 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O THEATRO CAPITÓLIO
11 SOBRE O CAPITÓLIO: DEPOIMENTOS
12 ALÉM DOS EDIFÍCIOS DOS TEATROS: OUTROS ESPAÇOS CULTURAIS
13 THEATRO CAPITÓLIO: OBJETO E SÍMBOLO
14 TERCEIRO ATO
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
APÊNDICE THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO – DATAS DE IMPORTÂNCIA HISTÓRICA 1921-2022
ANEXO FOTOGRÁFICO
REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA OBRA DE REVITALIZAÇÃO EM 2021 E 2022

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

C. / Cia. / C^{ia}	Companhia
CD	Compact Disc
CDCA	Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente
D^{r} / D^{rs}	Doutor / doutores
DVD	Digital Video Disc
ed.	Edição
EPTV	Emissoras Pioneiras de Televisão
Exmo / Ex^{mos} / Exm^{as}	Excelentíssimo / Excelentíssimos / Excelentíssimas
f.	frente
FM	Frequência Modulada
f./v^{o}	frente e verso
GDRFV	Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense
mlle.	Mademoiselle
Mme.	Madame
N. B.	Note Bem
p.	página
p.p.	próximo passado
PRP	Partido de Representação Popular
P^{te}	Presidente
SEMEC	Secretaria Municipal de Educação e Cultura
s.d.	sem data
Snr. / Snr^{s}	senhor / senhores
TV	Televisão
V.^{excias}	Vossas Excelências
v^{o}	verso

RESUMO

Este livro, dividido em duas partes, conta a história do Theatro Municipal Capitólio, de Varginha, Minas Gerais, construído pela família Navarra de imigrantes italianos. A Parte I "Breve história das atividades culturais e de entretenimento em Varginha (1884-1930)" apresenta as seguintes áreas da cultura: leitura (imprensa local e Biblioteca Municipal); Carnaval; circos, espetáculos equestres e touradas; artistas transformistas; espetáculos com bonecos e fantoches; espetáculos de ilusionismo; dança; música; exposições (pinturas, fotografias e plantas arquitetônicas); jogos; cinemas (Cinema Brasil e Cinema Íris); teatros em Varginha (1884-1927): Casa da Instrução (1884) e Teatro Municipal ou Cineteatro Íris (1901-1927): histórico, espetáculos, filmes, eventos políticos, cívicos e sociais, e a legislação sobre teatros no Código de Posturas Municipal de 1919; grupos de teatro amador e a idealização de um Cineteatro Popular (1930). A Parte II "Theatro Municipal Capitólio" apresenta o histórico da construção do Theatro Capitólio no período entre 1921 e 1927; a descrição do estilo da arquitetura; a inauguração (1927) e as reinaugurações (1985 e 2011); as escrituras públicas de compra e venda do lote e do prédio (1924, 1943, 1945 e 1983); as reformas realizadas; o tombamento do prédio; os espetáculos com as companhias e artistas internacionais de música, canto e dança, companhias e artistas nacionais, companhias e artistas de Varginha; exposições e lançamentos de livros no Foyer Aurélia Rubião; realização de oficinas de teatro; o uso do teatro para eventos políticos durante os anos iniciais do Estado Novo (1937-1938); transcrição de crônicas sobre o Capitólio (1940/1943); produção de conhecimento sobre o Capitólio; depoimentos de escritores, artistas e políticos; e a dinâmica da construção do Theatro Capitólio do objeto ao símbolo. O livro é encerrado com o Apêndice Theatro Municipal Capitólio datas de importância histórica.

Palavras-chaves: Theatro Municipal Capitólio (Varginha – MG). Arquitetura. Teatro (peças). Música. Orquestras. Dança. Canto. Artistas. Cinema (prédios).

SUMMARY

VARGINHA CAPITÓLIO MUNICIPAL THEATER
(BRAZIL – STATE OF MINAS GERAIS): FROM OBJECT TO SYMBOL

This book, divided into two parts, tells the story of the Varginha Capitólio Municipal Theater (Theatro Municipal Capitólio de Varginha), a city in the state of Minas Gerais, Brazil, built by the Navarra family of Italian immigrants. Part I "Brief history of cultural and entertainment activities in Varginha (1884-1930)" presents the following areas of culture: reading (local press and Municipal Library); Carnival; circuses, equestrian shows and bullfights; transforming artists; puppet and puppet shows; illusionism shows; dance; song; exhibitions (paintings, photographs and architectural plans); games; cinemas (Cinema Brasil and Cinema Iris); theaters in Varginha (1884-1927): Casa da Instrução (school) (1884) and Municipal Theater or Cineteatro Íris (1901-1927): historical, shows, films, political, civic and social events, and the legislation on theaters in the Municipal Posture Code of 1919; amateur theater groups and the idealization of a Popular Cineteatro (1930). Part II "Varginha Capitólio Municipal Theater" presents the history of the construction of the theater in the period between 1921 and 1927; the description of the style of architecture; the inauguration (1927) and the reopenings (1985 and 2011); the writ for the purchase and sale of the lot and the building (1924, 1943, 1945 and 1983); the reforms carried out; the building's tipping; shows with international music, singing and dancing companies and artists, brazilian companies and artists, companies and artists from the city of Varginha; exhibitions and books launched at the Foyer Aurélia Rubião; conducting theater workshops; the use of theater for political events during the early years of the Estado Novo (1937-1938); transcription of chronicles about the Capitólio Theater (1940/1943); production of knowledge about the Capitólio Theater; testimonials from writers, artists and politicians; and dynamics of the construction of the Capitólio Theater from object to symbol. The book closes with Appendix Varginha Capitólio Municipal Theater dates of historical importance.

Keywords: Theatro Municipal Capitólio de Varginha (Brazil – Minas Gerais State). Theater (architecture). Theater (plays). Song. Orchestras. Dance. Artists. Cinema (buildings).

RIASSUNTO

THEATRO MUNICIPALE CAPITÓLIO DI VARGINHA (MG): DA OGGETTO A SIMBOLO

Per Giusi Zamana

Questo libro, diviso in due parti, racconta la storia del Theatro Municipale Capitólio di Varginha, Minas Gerais, Brasile, costruito dalla famiglia di immigrati italiani Navarra. La prima parte: "Breve storia delle attività culturali e di intrattenimento a Varginha (1884-1930)" riguarda i seguenti ambiti e argomenti: lettura (stampa locale e Biblioteca Comunale), Carnevale, circhi, spettacoli equestri e corride, artisti trasformisti, spettacoli di burattini e marionette, spettacoli di illusionismo, danza, musica, mostre (dipinti, fotografie e progetti architettonici), giochi, cinema (Cinema Brasil e Cinema Iris), teatri a Varginha (1884-1927), Casa dell'Istruzione (1884) e Teatro Municipale o Cineteatro Íris (1901-1927); eventi storici, spettacoli, film, eventi politici, civili e sociali e legislazione sui teatri nel Codice Postale Municipale del 1919; gruppi filodrammatici e l'idealizzazione di un Cineteatro Popolare (1930). La seconda parte "Theatro Municipale Capitólio" presenta la storia della costruzione del Teatro Capitol nel periodo compreso tra il 1921 e il 1927; lo stile architettonico; l'inaugurazione (1927) e le riaperture (1985 e 2011); gli atti pubblici di compravendita del lotto e dell'edificio (1924, 1943, 1945 e 1983); i restauri realizzati; il crollo dell'edificio; gli spettacoli con compagnie e artisti internazionali di musica, canto e danza, compagnie e artisti nazionali, compagnie e artisti di Varginha; mostre e presentazioni di libri nel Foyer Aurélia Rubião; lo svolgimento di laboratori teatrali; l'uso del teatro per eventi politici durante i primi anni dello "Estado Novo" (1937-1938); la trascrizione di cronache del Capitólio (1940/1943); studi sul Capitólio; testimonianze di scrittori, artisti e politici; e la dinamica della costruzione del Theatro Capitólio da oggetto a simbolo. Chiude il volume l'Appendice sul Theatro Municipale Capitólio con le date storiche piú importanti.

Parole chiave: Theatro Municipale Capitólio (Varginha – Stato del Minas Gerais. Brasile). Architettura. Teatro (commedie). Musica. Orchestre. Danza. Canto. Artisti. Cinema (edifici).

1 INTRODUÇÃO

O paradigma historiográfico que sustenta a pesquisa de história do Theatro Municipal Capitólio, de Varginha, Minas Gerais, aqui apresentada, é o da Nova História Social, cuja proposta é o trabalho da micro-história e da história local. Esse paradigma tem buscado descrever, de modo mais realista, o comportamento do homem envolvido nos fazeres e saberes do cotidiano. Ao agir no cotidiano, o homem revela, de modo inescapável, por meio do seu comportamento, o seu pensamento e os elementos simbólicos da cultura da qual ele é parte integrante. Esse fato constitui a base da construção da História das Mentalidades Coletivas ou da História Cognitiva, como, recentemente, tem sido denominada. A descrição histórica nessa abordagem recupera, das sombras e do esquecimento, atores sociais cujos feitos não encontrariam expressão na história acadêmica tradicional. Os fenômenos ligados às religiosidades, às crenças coletivas, aos sentimentos e aos códigos de comportamento consagrados pelo uso têm sido chamados de "terceiro nível" da estrutura social.

Peter Burke ressalta que tanto a história em si quanto a história do conhecimento estão operando uma guinada social em que é visível o crescente interesse a respeito dos conhecimentos cotidianos e a inclusão do conhecimento construído pelas camadas inferiores da sociedade, formadas pelos governados

Os pesquisadores de história reconhecem que esse novo tipo de trabalho historiográfico procedeu a um deslizamento da ênfase do historiador das condições econômicas e políticas determinantes do homem, para o homem em circunstância específica de tempo e lugar. Essa singularidade era antes alheia aos estudos acadêmicos. A transposição da macro para a micro-história alterou e multiplicou os temas objetos

de estudo da historiografia. Com isso, a abordagem e a metodologia dos estudos históricos teve que também ser revista. O historiador, no entanto, não abandonou a preocupação com as divisões de tempo e espaço, e o documento continua sendo indispensável, aliado a outras formas de investigação como entrevistas e observações participativas. É necessário ressaltar que esse novo modo de fazer historiografia não equipara a narrativa histórica com a narrativa ficcional.

Outro conceito com o qual este estudo trabalha é o da História Cultural – do termo alemão *Kulturgeschichte* ou *Kulturhistorik*. A partir de 1970, os adeptos da história cultural passaram a combinar abordagens da antropologia e da história para descrever a cultura popular e para analisar e interpretar a experiência histórica e humana por meio da pesquisa e da representação de determinada cultura em uma época e em um espaço geográfico delimitado. De certa forma, a história cultural é uma sobreposição ao movimento francês da História das Mentalidades da denominada Nova História Cultural, cujo representante mais conhecido é Roger Chartier.

A tradicional historiografia alemã representada pelo positivismo (escola pragmático-documental ou metódico-documental, segundo alguns) é outra grande influência que se pode perceber neste trabalho de pesquisa realizado para contar a história do Theatro Capitólio. Há, pois, aqui, uma grande preocupação com o método. O uso adequado do método, aliado a uma interpretação plausível dos dados e dos fatos e a uma narrativa escorreita e agradável, propiciam a criação de um trabalho original com respaldo técnico-científico e que, ao mesmo tempo, possui os elementos necessários de objetividade para ser reconhecido pela academia, ainda que a objetividade na escrita da história seja, desde a década de 1930, considerada impossível pelos historiadores Carl Becker e Charles Beard. Assim, este trabalho reconhece e valoriza o documento original como fonte de informação. A partir da análise documental, é possível construir uma interpretação (sempre relacional e sempre intrinsecamente vinculada a cada

tempo) dos usos e costumes sociais sem a pretensão de estabelecer um ensaio. Nessa interpretação foram utilizados conceitos da história, da filosofia, da linguística, da antropologia e da psicanálise.

Da mesma forma que a história, a antropologia cultural, recentemente, tem ampliado seu leque de interesse no estudo dos povos e de grupos étnicos. O foco, agora, não se restringe somente à análise das famílias, genealogia, economia e organização social e política, mas inclui a interpretação da cosmogonia, mitos e processos simbólicos.

É nesse contexto que se insere a descrição e a análise historiográfica, por meio das quais se analisa a história do Theatro Municipal Capitólio em sua relação com as atividades culturais de Varginha no período entre 1927 e 2022, ano que ele completa 95 anos de sua inauguração.

A história do Theatro Capitólio – obra edificada, está íntima e indissoluvelmente vinculada à história de amor que o varginhense sempre teve pelas artes, de modo geral, e pelo teatro, espetáculo encenado, de modo específico. A partir de 1884, essa história foi amplamente documentada nos jornais locais do final do século XIX e do início do XX, como a *Gazeta da Varginha* (1893-1897), *Correio do Sul* (1905), *Arauto do Sul* (1924/1941), *O Momento* (1915/1922), *O Capitólio* (1927) e *O Sul-Mineiro* (1937), dentre outros, bem como em almanaques regionais.

O Theatro Capitólio, inaugurado em 12 de outubro de 1927, localizado na Rua Presidente Antônio Carlos, nº 522, centro, foi construído por iniciativa da Empresa Navarra & Irmãos, dos irmãos Navarra, imigrantes italianos. Atualmente, o teatro é administrado pela Fundação Cultural do Município de Varginha, instituição criada em 22 de março de 1986, com o objetivo de gerir a política cultural da cidade. Além do teatro, a Fundação Cultural é responsável pela administração do Museu Municipal, Biblioteca Pública Municipal Deputado Domingos de Figueiredo, Rádio Melodia FM

102.3 e TV Princesa (Canal 7).

Nada mais apropriado que lembrarmos a mitologia greco-romana ao contar a história de um teatro, construído por imigrantes italianos, em uma terra de montanhas, em que o povo, amante da cultura e inspirado pelas Musas, escolheu o nome Capitólio, para esse templo das artes. Na Grécia, Capitólio é o ponto culminante do Monte Capitolino, onde os antigos gregos construíram os templos de Hera, Atena e Zeus. Na antiguidade, o monte era coberto por carvalhos, árvore dedicada a Zeus, pai dos deuses. Nesse local, os pastores diziam sentir a presença divina.

Na mitologia grega, Mnemósine (Μνημοσύνη), a personificação da Memória ou da Lembrança, não por acaso, era filha do Céu e da Terra, onde todas as coisas estão, onde todas as coisas são. Apaixonado por ela, Zeus, o Onipotente, amou-a durante nove noites e, ao fim de nove meses, Mnemósine deu à luz as nove Musas, divindades inspiradoras da poesia e do canto. Além disso, as Musas presidiam ao pensamento sob a forma da eloquência, persuasão e sabedoria. Musas, filhas da Memória.

A tanta criação possibilitada por Eros (Ἔρως), divindade primordial, força atrativa que leva as coisas a se juntarem e a criarem a vida, é inevitável, no entanto, haver o contraponto: Lete (λήθη), a representação do Esquecimento, era filha da Discórdia e deu nome a um dos rios dos infernos. Era filha da Noite e irmã da Morte e do Sono. As águas do Rio dos Infernos faziam os mortos esquecer todo o passado.

Duas figuras femininas representam, assim, a essência do espírito humano. Lembrar-se de tudo: algo impossível para o homem; é a pane, a paralisação, a perda do sentido. Esquecer-se de tudo: é o nada, a perda da identidade; ninguém é o que é senão pela sua própria memória. O mesmo vale para a história das cidades: nos planos imagético e simbólico, cada cidade é construída a partir de sua própria memória.

Se lembrar-se de tudo é impossível, então, o esquecimento torna-se parte fundamental das memórias, tanto individuais e familiares, quanto coletivas. No

caso específico das memórias coletivas, é o próprio povo que constrói e escolhe seus objetos materiais e imateriais de reverência, objetos que passarão a constituir a identidade de determinado povo, em um lugar e tempo determinados. Se perguntarem aos varginhenses que objetos icônicos da memória coletiva eles prezam e desejam preservar para sempre, com certeza, o Theatro Municipal Capitólio será um deles, senão o principal.

Outra figura da mitologia greco-romana que se impõe ao nos lembrarmos da história do Theatro Capitólio, desde sua idealização e construção até o presente, é a da fênix. Esse pássaro, originário da Etiópia, era venerado também pelos gregos. Ele era semelhante a uma águia de grande porte, com plumagem vermelha, azul e dourada. Em uma das versões do mito, para assegurar a sua descendência, quando sentia a proximidade da morte, construía um ninho com plantas aromáticas e mágicas e, após atear-lhe fogo, instalava-se em seu centro. Das cinzas, surgia uma nova fênix. Apesar de ter-se tornado um clichê evocar a fênix, quando da citação de coisas que foram construídas, danificadas e, depois, reconstruídas, essa imagem é perfeita como metáfora da história do Capitólio, feita de idealismo, sonhos de monumentalidade e pompa, abandono e reconstruções. Em quase um século de história, o Capitólio sempre conseguiu manter-se em pé, afastando os ciclos das sombras que poderiam destruí-lo ou alterá-lo de modo tão irremediável, que seria impossível nos reconhecermos nele.

A história do Theatro Capitólio é parte integrante da história das artes na cidade. A compreensão aprofundada das atividades de entretenimento e de cultura praticadas pela população residente em Varginha, entre 1884 e 1927 (ano da inauguração do teatro), exige o esclarecimento do contexto social desse período que, em obras anteriores, denominamos *Belle Époque* Varginhense (1881-1914).

No final do século XIX, fazendeiros, comerciantes e políticos abastados de Varginha compravam títulos de patentes da Guarda Nacional. Assim, a maioria dos

políticos varginhenses que compunham o Conselho Distrital (1890-1892), o Conselho de Intendência (1893-1894) e a Câmara Municipal, no final do Brasil Império e durante a Primeira República, ostentavam nos títulos. A compra poderia ser efetuada por meio de correspondência registrada no correio, enviada à Empresa Predial, com sede no Rio de Janeiro, Capital da República. Em agosto de 1893, os valores dos títulos das patentes eram: Rs 100$000 (cem mil-réis) de Alferes até Capitão, Rs 320$000 (trezentos e vinte mil-réis) para Major, Rs 450$000 (quatrocentos e cinquenta mil-réis) para tenente-coronel e Rs 500$000 (quinhentos mil-réis) para coronel (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 31, p. 3. Varginha, 20 ago. 1893). Esses políticos eram os responsáveis pelas decisões de impacto na vida social, econômica, política e cultural de Varginha. Os comerciantes, empresários, industriais e proprietários de pequenas oficinas formavam um grupo da sociedade civil não organizado, mas com capacidade de exercer pressão e de influenciar as deliberações da Câmara Municipal.

A *Belle Époque* Varginhense é o período de 33 anos compreendido entre 1881 e 1914, marcado por fatos que tiveram profundo impacto social e econômico no município: a criação do município (1881) e da cidade (1882); a abolição da escravatura (1888); a Proclamação da República (1889); a elevação a sede de comarca (1890); as inaugurações da estrada de ferro (1892), da rede telefônica (1913) e da usina local produtora de eletricidade e da luz elétrica (1914), a introdução dos veículos automotores e das estradas de rodagem e a imigração de europeus, principalmente de italianos. A soma desses fatores contribuiu para Varginha tornar-se um centro de expressão regional. Podemos denominá-los propulsores de desenvolvimento, pois determinaram o progresso alcançado pela cidade no decorrer do século XX. Em 1914, a eclosão da I Guerra Mundial marca o fim da *Belle Époque.* Nesse período, teve início um ciclo de graves problemas econômicos para o município devidos, principalmente, às dificuldades para a produção e comercialização do café.

Em 1934, período entreguerras, a cafeicultura varginhense recebeu novo impulso. Nesse ano, estiveram na cidade comerciantes europeus de café procedentes da Alemanha, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Itália e Suécia, a convite do Departamento Nacional do Café, para que conhecessem as principais zonas cafeeiras (*JORNAL DO COMMERCIO*. Edição nº 200, p. 11. Rio de Janeiro, 25 maio 1934).

A abolição da escravatura trouxe a necessidade imediata da contratação de novo tipo de mão de obra para a lavoura e pecuária e para as várias oficinas e empresas locais como as da construção civil, caldeirarias, funilarias mecânicas, marcenarias, olarias, selarias, serralherias, azulejarias, marmorarias, fábricas de bebidas gasosas e alcoólicas etc.

Levou ainda algum tempo para que as indústrias passassem a produzir equipamentos mecânicos movidos a energia elétrica, o que possibilitaria o aumento da produtividade das oficinas e empresas. Esse novo tipo de maquinário, que não exigia mais o uso da força muscular bruta, necessitava de uma mão de obra com qualificação específica de profissionais capazes de operar maquinários mais sofisticados.

Em 1920, embora a casa Sociedade Comercial e Industrial Suíça anunciasse a venda de "material elétrico para instalações de força e luz", os maquinários e utensílios para a lavoura como moendas de grãos e de cana-de-açúcar, máquinas para beneficiamento de cereais e outros produtos da agricultura, ainda eram feitos de ferro ou de aço para serem movidos por animais e destinados à pequena indústria, conforme anúncios comerciais publicados em álbuns de propaganda ilustrada de Varginha (FONSECA; LIBERAL, 1920, p. 102-103; RUBIÃO, 1919, p. 133). Para a pequena lavoura, ainda eram vendidas as moendas de cana-de-açúcar movidas por força animal, com cilindros e eixos colocados sob pressão hidráulica. Em 1918, começaram a surgir as primeiras Oficinas de Eletricidade, com técnicos que faziam instalações de luz e montavam e consertavam aparelhos elétricos como, por exemplo, a oficina de J.

G. Soares, na Rua Delfim Moreira (*O MOMENTO*. Edição nº 143, p. 5. Varginha, 03 fev. 1918). Nesse período de transição, a Navarra & Irmãos anunciava a venda de "grande variedade de lustres, lampiões e arandelas para gás e luz elétrica" (RUBIÃO, 1919, p. 130).

Sem dúvida, o evento mais marcante do início do século XX, em Varginha, se refere à saúde pública e à medicina: a epidemia da gripe espanhola de 1918, que ocasionou grave crise sanitária e devastação na vida social e das famílias do município. A epidemia da gripe espanhola no município foi analisada em detalhes no livro "A gripe espanhola em Varginha (MG) 1918: memória de uma tragédia" (SALES, 1 ed., 2004; 2 ed., 2006).

Antes da Proclamação da República, a Constituição Política do Império do Brasil (1824) havia estabelecido a continuidade da Religião Católica Apostólica Romana como a Religião do Império, embora outras religiões fossem permitidas com seu culto doméstico ou particular (CONSTITUIÇÃO DE 1824, art. 5).

A Proclamação da República resultou na elaboração da Constituição de 1891 com o estabelecimento da República Federativa, regime representativo em que as antigas províncias passaram a constituir os Estados Unidos do Brasil. A Constituição estabeleceu normas que tiveram profundo impacto nos costumes, até então marcados por acentuada influência da Igreja católica: o reconhecimento do direito do indivíduo às confissões religiosas de sua preferência e do exercício livre e público do culto, nenhum culto ou igreja poderia gozar de subvenção oficial do Estado e apenas o casamento civil passou a ser legalmente reconhecido (o casamento religioso perdeu a validade legal). Além disso, houve a decretação do caráter secular dos cemitérios, que passaram a ser administrados pelos municípios, e instituiu-se a administração do ensino leigo nos estabelecimentos públicos de ensino (CONSTITUIÇÃO DE 1891. Artigo 72).

A transição da moralidade religiosa construída sob os dogmas da Igreja católica

para uma moralidade de caráter secular, compreensivelmente, ocorreu de forma gradativa e enfrentou resistências de alguns setores sociais. Um exemplo dessa resistência é uma piada publicada em um jornal local: "QUE BILONTRA! [...] um indivíduo que casou-se religiosamente trata, agora, de casar-se civilmente...com outra. Se pega a moda aqui..." (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 7, p. 2. Varginha, 12 fev. 1893). Bilontra é o espertalhão, velhaco e, também, aquele que costuma frequentar bordéis. Antes de 1891, os registros de nascimentos, óbitos e casamentos eram realizados pela Igreja por meio de suas paróquias. A Constituição de 1891 oficializou a separação entre o Estado e a Igreja, o que permitiu a formalização dos Cartórios de Registro Civil das Pessoas Naturais.

Dentre as grandes novidades tecnológicas dos anos 1920 estão a massificação do acesso aos cinemas e, no final da década, o surgimento do filme sonoro, e a primeira transmissão de rádio realizada no Brasil, no dia 07 de setembro de 1922, durante a inauguração da Exposição Internacional do Centenário da Independência na Esplanada do Castelo no Rio de Janeiro, a maior realizada no País até a presente data e um dos marcos da modernização brasileira. Na ocasião, foram transmitidos o pronunciamento de Epitácio Pessoa, Presidente da República (1919-1922) e a ópera O Guarani, de Carlos Gomes, direto do Teatro Municipal. O período político brasileiro foi conturbado, marcado pelo Movimento Tenentista, pela Revolta do Forte de Copacabana e pela formação das classes urbanas médias e operária, mais engajadas social e politicamente.

Evidentemente, esses avanços tecnológicos logo se fizeram sentir em Varginha, cuja mudança de costumes ocorria em várias frentes. Em 25 de setembro de 1922, foi promulgada a Lei Municipal nº 458, de proteção aos animais. A lei estabelecia multa e prisão de até oito dias para os infratores, dependendo do tipo de infração cometida. Varginha foi uma das primeiras cidades brasileiras a aprovar uma legislação

municipal específica e bastante detalhada de proteção aos animais. No inciso 34, do artigo 2º, a lei estabelecia que era crime "Todo o ato, mesmo não especificado nesta lei, que for violento ou envolver crueldade ou mal tratamento contra os animais em geral". Caso tenha sido aplicado, esse dispositivo legal resultaria na proibição das touradas realizadas no Largo de Santa Cruz da Boa Viagem (atual Praça Melo Viana), consideradas espetáculos e muito apreciadas pelos varginhenses. Embora promulgada há um século, essa lei tem um texto cujo conteúdo é contemporâneo e constitui, sem dúvida, um marco indelével do avanço do processo civilizatório no município.

Nos grandes centros urbanos dos Estados Unidos e da Europa a década de 1920 ficou conhecida como *Roaring Twenties*: os Loucos Anos Vinte ou Felizes Anos Vinte (os *Années Folles*, em francês), devido à retomada das relações sociais após a epidemia da gripe espanhola e à efervescência cultural desse período. O Charleston, música e dança de ritmo frenético com as pernas e braços, é uma das marcas mais expressivas desse período.

No Brasil, no âmbito cultural, a década foi marcada pela Semana de Arte Moderna, posteriormente denominada Semana de 1922, que representou uma ruptura nas formas tradicionais da expressão artística em suas mais variadas manifestações. Esse movimento cultural organizado propôs uma interpretação tupiniquim das vanguardas artísticas europeias. Dentre os participantes, Villa-Lobos, maestro e compositor, que contribuiu para elevar o folclore brasileiro à categoria da erudição e, com isso, valorizar a cultura nacional. Surgiram novas ideias e conceitos de arte. Esse movimento artístico renovador ocorreu nos anos finais da República Velha (1889-1930), controlada pelas oligarquias cafeeiras e pela política do café com leite (1898-1930). Em Varginha, a felicidade ou a loucura dos anos 1920 foi, sem dúvida, a construção e a inauguração do Theatro Capitólio.

Conforme se constata, mudanças políticas, sociais, culturais e nos costumes

surgiram nos horizontes do País e da cidade. Varginha tinha o seu Teatro Municipal, mas aspirava a ter outro, mais amplo, moderno, seguro, luxuoso e confortável: um teatro para os novos tempos. Surgiu, assim, o Theatro Capitólio. Um pouco dessa história é contada nas páginas a seguir.

2 METODOLOGIA

Até a adoção, pelo Brasil, do Formulário Ortográfico de 1943, as palavras de origem grega em que se empregava a letra theta Θ como, por exemplo, a palavra teatro, eram escritas com th: theatro. Neste livro, optamos pela manutenção da grafia antiga Theatro com a inicial maiúscula quando nos referimos ao nome próprio do edifício: Theatro Capitólio. Trata-se de uma reverência à memória do nosso idioma, aos antigos varginhenses e à originalidade da construção, uma vez que esse nome se encontra inscrito com essa grafia em estuque no alto da fachada e sua alteração descaracterizaria o conjunto da obra. Nas demais passagens, quando foi empregado o substantivo masculino desvinculado do nome próprio, optamos pelo uso da atual forma ortográfica: teatro.

Dados sobre a história das atividades culturais em Varginha e sobre o Theatro Capitólio estão dispersos em centenas de documentos a partir de 1884. Documentos sobre a idealização de uma casa de espetáculos que pudesse ser construída para substituir o antigo Teatro Municipal, passaram a ser produzidos a partir de 1921.

A narrativa dessa história foi elaborada predominantemente por meio da pesquisa da fonte documental primária constituída por documentos impressos (jornais, revistas e almanaques), cartas e correspondências oficiais manuscritas e datilografadas, e por documentos iconográficos (fotografias, cartazes e folhetos de propaganda ilustrados) do período entre 1884 e 1927. O Centro de Documentação Histórica da Fundação Cultural de Varginha – CEDOC, criado em 2017, possui em seu acervo, dentre outros documentos relevantes para a história do município, uma hemeroteca com jornais

locais desde o final do século XIX, correspondências trocadas entre a Empresa Navarra e a Câmara Municipal e os livros de atas da Câmara Municipal no período entre 1882 e 1927. Alguns colecionadores particulares de documentos impressos e iconográficos puseram suas coleções à disposição do pesquisador para a realização de cópias e de consultas.

Foram consultados os almanaques: 1) *Almanak Laemmert*, um anuário comercial, industrial, agrícola, profissional e administrativo, com informações estatísticas variadas, inclusive da área cultural e do entretenimento. O almanaque foi publicado no Rio de Janeiro com data da primeira impressão em 1843 e, antes da criação do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1936, era a principal fonte de consulta brasileira de estatísticas variadas de todos os estados, territórios, distrito federal, municípios e distritos brasileiros. 2) *Alamanak Sul-Mineiro para 1884,* de Bernardo Saturnino da Veiga (organizador, redator e editor), publicado em Campanha pela Tipografia do Monitor Sul-Mineiro, edição de 1884. Esse almanaque contém informações sobre algumas atividades culturais de Varginha no final do século XIX.

Os jornais locais pesquisados do período entre 1893 e 1943 são: *Arauto do Sul, Gazeta da Varginha*, Correio do Povo (edições de 1897 e de 1937), *Correio do Sul* (edição de 26 de novembro de 1905), *O Sul-Mineiro* (edições variadas entre 07 de setembro de 1930 e 16 de outubro de 1946), *O Momento* e *O Capitólio*.

No *Arauto do Sul,* pesquisamos artigos publicados entre 09 de dezembro de 1923 a 19 de setembro de 1943.

No jornal *O Momento*, pesquisamos artigos e notas publicados entre 23 de maio de 1915 e 22 de outubro de 1922, da seguinte forma: entre 23 de maio de 1915 e primeiro de maio de 1916 (Anos I e II), edições de nºs 4 a 52; entre 28 de maio de 1916 e primeiro de maio de 1917 (Anos II e III), edições de nºs 56 a 104; entre 06 de maio de 1917 e primeiro de maio de 1918 (Anos III e IV), edições de nºs 105 a 155; e entre 25 de

setembro de 1921 e 22 de outubro de 1922 (Anos VII), edições de nºs 1 a 45. As edições dos anos V (1919) e VI (1920) do jornal não foram localizadas.

O jornal *O Capitólio*, edição nº XLIII, de 12 de outubro de 1927, dia da inauguração do Theatro Capitólio, apresenta ampla cobertura jornalística da inauguração do teatro. O periódico era de propriedade da família e Empresa Navarra, a construtora do teatro.

Os seguintes periódicos nacionais foram utilizados para a complementação de informações: A Cidade de Ytu (SP, 1915); *Correio da Manhã* (RJ, 1913/1954); *Diário Carioca* (RJ, 1954/1959); *Diário da Noite* (RJ, 1940); *Diário de Notícias* (RJ, 1934/1942); *Gazeta da Tarde* (RJ, 1887); *Jornal do Brasil* (RJ, 1917-1927); *Jornal do Commercio* (RJ, 1917); *O Cruzeiro, Revista* (1957); *O Estado de S. Paulo* (SP, 1916, 1962 e 2001); *O Globo* (RJ, 1927) e *O País* (RJ, 1928).

A barra: / indica intervalo de tempo não consecutivo, por exemplo: do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro foram consultadas edições de anos não consecutivos entre 1934 e 1942.

A partir da segunda metade do século XX, foram consultados: *A Verdade*, *Correio do Sul* (fundado em 1945), *Gazeta de Varginha*, *Tribuna Varginhense* e a publicação oficial *Varginha* – Órgão Oficial do Município, da Prefeitura de Varginha. O periódico *A Verdade* era local, fundado em 1958, dirigido por Edgard de Britto. A redação e a administração tinham por sede o apartamento nº 102, do Edifício Catanduvas, na Avenida Rio Branco. Foram consultadas edições dos dias 15 de fevereiro e 30 de novembro de 1959, e a edição de 15 de agosto de 1961.

Da Câmara Municipal de Varginha, foram consultados: Livro Atas da Camara Municipal da Cidade da Varginha 1883-1889, com atas de 1882 a 1889; Livro de Atas 1915-1916 MDCCCCXV; Livro de Atas 1916-1920; Livro de Atas da Camara Municipal da Cidade de Varginha maio de 1920 a janeiro de 1923; e Livro de Atas das Sessões da Camara Municipal da Cidade de Varginha de 15 de março de 1923 a... [22 de agosto de 1928].

A transcrição da documentação de época das mais variadas fontes primárias foi realizada com atualização ortográfica.

Em relação ao conjunto documental específico do Theatro Capitólio relativo às apresentações realizadas no palco e no Foyer Aurélia Rubião, foram consultados:

1) Livro de Registro de Eventos de Palco nº 1 do Theatro Municipal Capitólio, com cem folhas tipograficamente numeradas, aberto em 29 de janeiro de 1993, que contém o registro das atividades realizadas entre 30 de janeiro de 1993 e 22 de dezembro de 2012, preenchido até a folha 63 frente.

2) Livro de Registros de Eventos do Foyer Aurélia Rubião nº 1 do Theatro Municipal Capitólio, com cem folhas tipograficamente numeradas, aberto em 05 de março de 1993, que contém o registro das atividades realizadas entre 08 de março de 1993 e 22 de setembro de 2012, preenchido até a folha 30 frente.

O tamanho de cada livro é 22 x 31 cm. Entre 2004 e 2011, há uma lacuna nesses livros de registros (palco e *foyer*), pois entre 08 de fevereiro de 2004 e 12 de maio de 2011 o teatro esteve fechado.

Entre 1884 e 1927, milhares de notas sobre as mais variadas atividades artísticas e culturais realizadas em Varginha foram publicadas em periódicos locais e nacionais e nos almanaques citados. O propósito deste livro não é citar nem reproduzir todas, o que, evidentemente, constituiria material suficiente para a publicação de um volumoso catálogo. A quantidade de dados nos obrigou a apresentar uma seleção das atividades artísticas, agrupadas por áreas: teatro, cinema, circo, música, dança etc.

Consultamos o acervo audiovisual do Jornal Cidade, da TV Princesa, emissora da Fundação Cultural do Município, especialmente as reportagens sobre espetáculos apresentados no Theatro Capitólio e entrevistas realizadas com atores, atrizes, músicos e musicistas, maestros, diretores de espetáculos musicais e de peças de teatro etc. O acervo consultado encontra-se disponível, gratuitamente, na plataforma

YouTube de compartilhamento de material audiovisual. Com o mesmo propósito, foi consultado o G.1, Portal de Notícias da Rede Globo de Televisão e os arquivos *online* da Fundação Cultural do Município de Varginha.

Alguns depoimentos de pessoas com trabalhos relevantes para a história do Capitólio (arquitetos, engenheiros civis, artistas etc.) foram colhidos pelo pesquisador. A técnica utilizada foi a da entrevista oral realizada presencialmente ou por meio de contato telefônico.

Documentos até então inéditos e de grande importância para contar a história do teatro foram descobertos em arquivos públicos da cidade pelo pesquisador. Dentre os mais relevantes estão as escrituras de compra e venda do Theatro Capitólio, dos anos de 1925, 1943 e 1945. Esses documentos foram localizados no Cartório de Notas do 1º Ofício de Varginha – Cartório Braga (1945) e no Cartório de Registro de Imóveis (1925 e 1943).

Textos da primeira metade do século XX, publicados em jornais locais e em programas de cinema impresso, utilizavam palavras em francês e inglês.

Em francês: *ateliers* (ateliês), *avant-première* (apresentação de um filme ou espetáculo antes de sua estreia oficial), *chanteuse gommeuse* (cantora de café-concerto, cantora de gênero), *chic* (chique), *coupons* (cupons), *matinée* (sessão da tarde), *soirée* (sessão noturna), *écran [de cinéma]* (tela de cinema), mademoiselle ou, mais comumente a forma abreviada mlle. (senhorita), madame [mme.] (senhora), *fan / fans* (fã / fãs), *habitués* (frequentadores) e *revuette* (revista, teatro de). Posteriormente, a palavra *matinée* foi aportuguesada para matinê.

Em inglês: *broadcasting* (transmissão), *club* (clube), *black-girls* (moças pretas, as artistas pretas), *film / films* (filme / filmes), *footing* (pé), *flit* (esvoaçar = passear), *players* (jogadores, no caso, de times de futebol), *record* (recorde), *sport / sports* (esporte / esportes), *sportmen* (homens esportistas) e *stock* (estoque). A palavra inglesa *footing*

tornou-se um brasileirismo muito em voga, principalmente na primeira metade do século XX, para se referir a um passeio a pé. Por exemplo, antes ou após os espetáculos do Capitólio, os jovens subiam e desciam a rua do teatro para se distraírem no passeio em conversas com os amigos e, ao mesmo tempo, flertarem com quem lhes parecesse belo, atraente ou interessante.

Uma palavra bastante utilizada no final do século XIX e, em Varginha, pelo menos até 1954, era 'enchente' para se se referir a um teatro lotado como, por exemplo: "Deu mais dous espetáculos, muito apreciados, correspondendo a cada um deles uma enchente [de público]", segundo nota publicada na *Gazeta de Varginha,* edição n º 80, de 1894. Os mais importantes jornais do Rio de Janeiro também utilizavam essa expressão. Em 1954, em Varginha, ela foi empregada em notas sobre as apresentações do ator Procópio Ferreira e sua companhia de teatro no Theatro Capitólio.

Este livro, como não poderia deixar de ser, está redigido na norma culta do nosso idioma e obedece, portanto, às regras e à tradição da Língua Portuguesa, construídas, de modo espontâneo e inconsciente, pelos seus falantes, ao longo dos séculos. Esse fato histórico e linguístico não deve ser ignorado, em nenhuma circunstância, na redação de textos técnicos, científicos e literários.

Em relação à Companhia Negra de Teatro de Revistas (1926-1927), utilizamos os termos 'preto' e 'mulato' com o mesmo sentido empregado na época em que foram escritos. Atualmente, o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, utiliza as seguintes subcategorias de classificação da cor da pele da população brasileira: branca, preta, parda, amarela e indígena. A população negra é constituída por pretos e pardos. Mulato é o filho de pai preto e de mãe branca ou vice-versa. O conceituado Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 1975) afirma que uma das acepções da palavra 'mulato' é indivíduo valente e que a etimologia da palavra é o espanhol 'mulato' (1525), em que 'mulo' significa 'macho'. As palavras negro, preto, pardo ou

mulato não foram utilizadas neste trabalho com nenhuma conotação pejorativa.

Os jornais da época, locais e nacionais, utilizavam o termo troupe como sinônimo de companhia de teatro. Algumas peças musicais executadas pelos artistas tiveram seus programas publicados nos jornais locais. Na transcrição, optamos pelas correções e acréscimos dos nomes dos compositores e dos títulos das composições. Por exemplo, em 1939, no concerto de Aurélia Vergara, uma das peças executadas, segundo o jornal *O Sul-Mineiro*, foi o "Hino Nacional", de Gottschalk. Na transcrição, optamos pela citação do título correto e completo da peça e do nome completo do compositor: "Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro", de Louis Moreau Gottschalk. O mesmo procedimento foi adotado em situações similares.

Sobre logradouros públicos onde eram realizadas as touradas, no final do século XIX e início do XX, os periódicos locais da época citavam a Praça de Santa Cruz da Boa Viagem e a Praça de Santa Cruz. A princípio, o leitor poderia deduzir que se tratava do mesmo logradouro, sendo Praça de Santa Cruz a forma abreviada utilizada de preferência. Tal dedução, no entanto, é um equívoco. A Lei Municipal nº 647, de 1929, que estabeleceu nomes para diversas ruas que ainda não os tinham e alterou o nome de outras, não deixa dúvidas sobre a existência de duas praças. A Praça de Santa Cruz da Boa Viagem, localizada na região limítrofe entre o centro e os atuais bairros da Vila Paiva e Campos Elísios, passou a ser denominada Praça Melo Viana. Até o início do século XX, essa praça marcava o final da zona urbana e o início da estrada entre Varginha e Três Pontas, daí o termo Boa Viagem. Nessa praça, atualmente, está localizada a Igreja Nossa Senhora do Rosário, por isso, ela é mais conhecida como Praça do Rosário. A Praça de Santa Cruz onde está a igreja Santa Cruz foi mantida com o mesmo nome (LEI MUNICIPAL Nº 647, 18 jul. 1929).

Parte 1

Breve história das atividades culturais e de entretenimento em Varginha

(1884-1930)

Circo em Varginha, 1898

PARTE I

BREVE HISTÓRIA DAS ATIVIDADES CULTURAIS E DE ENTRETENIMENTO EM VARGINHA (1884–1930)

A Parte I apresenta o contexto sociocultural de Varginha nas três décadas anteriores à criação do Theatro Capitólio no período entre 1884 e 1925. O teatro foi construído entre 1926 e 1927. Em 1930, houve a proposta não efetivada da criação de um cineteatro popular.

No final do século XIX, poucos anos antes de sua emancipação político-administrativa, Varginha era uma freguesia adstrita ao município de Três Pontas. O povoado era sujo e violento. Atentados com armas de fogo e invasão de residências por criminosos armados com facas aconteciam, à luz do dia, nas ruas centrais. Essas ocorrências tinham grande repercussão e eram citadas nos jornais da corte: "É gravíssima a situação da freguesia da Varginha, onde a lei e a autoridade não têm império, e a vida dos cidadãos está de contínuo ameaçada". A nota foi publicada após o assassinato, na rua de sua residência, de um abastado proprietário e capitalista local (*JORNAL DA TARDE*. Edição nº 48, p. 3. Rio de Janeiro, 27 fev. 1878). Nesse quadro social caótico, as manifestações culturais do período já mostravam um povo em busca da construção do seu processo civilizatório.

O interesse do varginhense pelas atividades artísticas está registrado em notas dos jornais locais, a partir do século XIX. Em 1895, artigo publicado na *Gazeta da Varginha* (ed. nº 12, p. 1. Varginha, 24 mar. 1895) afirmava: "Todas as artes são

necessárias e úteis; mas, entre elas, destacam-se cinco, que despertam, deleitam, encantam e inebriam o espírito humano: a música, a pintura, a arquitetura, a arte dramática e a poesia".

Entre 1884 e 1930, a população residente em Varginha tinha acesso aos seguintes tipos de atividades de entretenimento e/ou de cultura: imprensa livre, leitura de livros na biblioteca pública municipal, carnaval de rua, touradas, espetáculos equestres, circos, cinema, apresentações teatrais, de ilusionismo e musicais (inclusive bandas de música e retretas), danças, espetáculos com bonecos e fantoches, exposições de fotografias e de pinturas a óleo sobre tela e jogos de bilhar e carteado em bares. A classe social mais abastada, representada, principalmente, por fazendeiros, comerciantes e políticos realizava saraus literários-musicais em suas residências e promoviam bailes em clubes. A partir de 1914, com a inauguração do Jardim Público ou Jardim Municipal, na Praça D. Pedro II, denominado pela população carinhosamente como Jardim do Sapo, as pessoas passaram a frequentá-lo para passeios e para assistir às retretas patrocinadas pela Câmara Municipal aos domingos, dias santificados e feriados nacionais. Nessas retretas, havia a apresentação das bandas de música da cidade como, por exemplo, a banda União Varginhense.

As companhias de teatro e os circos com seus artistas, animais, figurinos, cenários e instrumentos musicais chegavam à cidade, inicialmente, pelos trens da Estrada de Ferro Minas e Rio, na Estação Ferroviária, na atual Praça Matheus Tavares, nº 121, centro. A linha férrea para Varginha começou suas atividades em 1892. O local da Estação era o mesmo do atual. Décadas depois, a edificação do final do século XIX foi demolida e, em seu lugar, construída a atual, inaugurada em 1934.

1 LEITURA

Os registros históricos revelam que, pelo menos desde o final do século XIX, os artistas varginhenses ou residentes em Varginha, preocupavam-se com a instrução escolar, com a formação das crianças e dos adolescentes e, consequentemente, com o desenvolvimento do interesse e do gosto pela leitura.

Em 1887, Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas, que era médico, educador e pedagogo, "mandou entregar ao farmacêutico Rocha Braga 200 volumes de suas obras para as escolas públicas e particulares da cidade de Varginha, em Minas Gerais" (*GAZETA DA TARDE*. Edição nº 159, p. 1. Rio de Janeiro, 15 jul. 1887).

1.1 Imprensa local

Durante o período em estudo, a imprensa contava com os seguintes jornais locais: *Gazeta da Varginha, Correio do Sul, Arauto do Sul, O Momento* e *O Capitólio*. A imprensa era livre, conforme bem lembrou o escritor Luiz José Álvares Rubião, nas páginas de *O Momento,* ao evocar a Constituição de 1891: "Assim nos permite a liberdade de pensamento garantida pela Constituição" (*O MOMENTO*. Edição nº 60, p. 1. Varginha, 25 jun. 1916). Segundo a *Gazeta da Varginha* (ed. nº 34, p. 01 set. 1895), a imprensa livre e "criteriosa é o sol adamantino, cuja luz deslumbrante e majestosa, ilumina os destinos de um povo", portanto, é "um vulto gigante da liberdade universal".

A *Gazeta da Varginha* teve seu primeiro número publicado no dia 30 de dezembro de 1892 e o último em 03 de janeiro de 1897 (por um erro tipográfico, consta o ano de 1896). No entanto, o jornal retornou à ativa logo em seguida. A hemeroteca da Fundação Cultural possui as edições publicadas nos meses de maio e junho de 1897. Em 1894, o periódico circulava às quintas-feiras e aos domingos, era de propriedade

Carnaval – 1928. Carro Alegórico. Réplica criticando a velha Estação Ferroviária de Varginha.

Na foto: Astolfinho (Não Me Interrompa), Jovino Rezende (o General),
Francisco Limborço, Zeferino Augusto da Silva, Afonso Megda, Artur Piruca (mala),
José Elisei (lança) e Agenor Braga.

do Dr. Pinto de Oliveira e do capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga, e contava com redatores e colaboradores variados. O jornal era impresso na tipografia própria e se denominava um "órgão semanário, literário, científico e noticioso". Em 1895, era anunciado como órgão republicano constitucional, publicado sob a responsabilidade do seu proprietário Pedro de Alcântara da Rocha Braga com a colaboração franca. Não eram admissíveis diatribes pessoais e ataques à vida privada. Segundo o jornal, eram inimigos irreconciliáveis da imprensa "os governos déspotas, esbanjadores e os criminosos de toda a laia" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 7, p. 2. Varginha, 17 fev. 1895). Entre 26 de setembro e 31 de dezembro de 1895, o jornal teve como redator-chefe o tenente-coronel Olympio Liberal, cargo retomado, em seguida, por Pedro Braga.

O fluminense Pedro de Alcântara da Rocha Braga era filho do coronel Rocha Braga, tendo se mudado para Varginha no final do século XIX, por solicitação de seu pai, para dirigir o Colégio Santo Antônio, para meninos, fundado pelo pai. Ele casou-se em Varginha e firmou laços com a cidade, onde fundou várias agremiações, dentre elas o primeiro Clube Operário, sociedades cooperativas, um grupo dramático e incentivou o esporte e o civismo, fundou o jornal *Gazeta da Varginha* e o Cinema Brasil, ambos os primeiros da cidade. Pedro Braga era farmacêutico, proprietário da Farmácia Braga. Em agosto de 1917, mudou-se com a família para o Rio de Janeiro e ficou conhecido por seu "amor às letras, à cultura do espírito nas lides da imprensa" (*O MOMENTO*. Edição nº 119, p. 3. Varginha, 12 ago. 1917; *O CAPITÓLIO, 1928*).

O *Correio do Sul*, primeiro jornal com esse nome a circular em Varginha, fundado em 1905, circulava uma vez por semana, aos domingos. Nas páginas desse periódico, em colunas reservadas, eram impressas as notícias de *O Grêmio* – órgão consagrado aos interesses do Grêmio Varginhense – Noticioso, literário e recreativo, que contava com "colaboradores diversos entre os quais exm[as] senhoras e gentis senhoritas". O

Capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga com a esposa Elisa Severo Rocha Braga e filhas, 1920. A austeridade do casal com roupas escuras contrasta com a leveza quase vaporosa das vestimentas brancas das filhas. Na época, o branco simbolizava ingenuidade e virgindade, sendo muito usado por moças solteiras.

noticiário *O Grêmio* era publicado todos os dias em que circulasse o *Correio do Sul.* O redator-chefe era José J. de Miranda, primeiro-secretário do Grêmio (*CORREIO DO SUL*. Varginha, 26 nov. 1905). Dessa forma, o *Correio do Sul* funcionava como se fosse, simultaneamente, dois jornais em um.

O jornal *O Momento* foi lançado em Varginha no dia primeiro de maio de 1915 e circulou aos domingos, durante sete anos, no período entre 1915 e 1922. Tratava-se, como anunciava, de uma folha imparcial e afeita aos interesses do município. Era dirigida pelo jornalista e redator-chefe João Liberal, um dos autores do *Álbum da Varginha* (1920). O relator alertava: "O Momento não dará invasão [sic] a ideias que não estejam ao nível do seu programa e nem a produtos anônimos". Em 1922, o jornal era um "hebdomadário independente e defensor dos interesses do povo". A redação e oficina estavam localizados na Rua Direita, nº 4-A, centro (atual Rua Presidente Antônio Carlos). Em 1915, a localização era na Rua Direita, nº 7, telefone 32. Em novembro de 1916, as oficinas passaram a funcionar na Rua de São Pedro, nº 11 (atual Rua Wenceslau Braz). Em 1922, último ano de atividade de periódico, as oficinas voltaram a funcionar na Rua Direita, nº 4-A.

Em 1924, o *Arauto do Sul* era um periódico semanal, dirigido por Leopoldo de Melo Pádua. O redator era Álvaro Gentil da Costa e, o gerente, Eduardo C. Luz. No primeiro ano da fundação, a redação e oficinas estavam localizadas na Rua Direita, nº 4-A, centro, no mesmo local onde, anos antes, funcionara o jornal *O Momento*. No Ano III, em fevereiro de 1926, a redação e oficinas foram transferidas para a Praça Alves da Silva e, em 1939, funcionavam na Rua São Paulo. O jornal contava com colaboradores variados e possuía uma tiragem de 1050 exemplares a cada publicação semanal.

O jornal *O Capitólio* foi fundado em dezembro de 1926 pela Empresa Navarra. Em 1927, esse "Semanário imparcial, ilustrado, noticioso crítico e humorístico" era dirigido pelo jornalista Carlos Silva e contava com colaboradores variados. Os

O Capitolio

SEMANARIO IMPARCIAL ILUSTRADO, NOTICIOSO, CRITICO E HUMORISTICO, DE GRANDE CIRCULAÇÃO EM TODO O SUL DE MINAS.

— Propriedade da EMPRESA NAVARRA —

CORRESPONDENTES ESPECIAES EM S. PAULO, SANTOS, RIO, BELLO HORIZONTE, SANTA RITA DO SAPUCAHY, TRES PONTAS, PONTALETE — ELOY MENDES, CARMO DA CACHOEIRA, ETC. ETC. —

DIRECTOR — CARLOS SILVA
COLLABORADORES DIVERSOS

ANNO I — VARGINHA, (Estado de Minas) de 12 Outubro de 1927 — N. XLIII

THEATRO CAPITOLIO

A sua Solemne Inauguração

Da-se hoje, entre festas e solemnidades que serão inesqueciveis para o povo varginhense, a inauguração do Theatro "CAPITOLIO".

Esse acontecimento registra na historia de Varginha um marco novo do seu progresso, um surto incontido de desenvolvimento, cuja acção benefica se estenderá pelos tempos afora, como um padrão da nossa grandeza e da pujança das nossas grandes organizações.

Sumptuoso, a dominar como aguia o centro da nossa urbs, ahi está o Theatro CAPITOLIO, altaneiro, como a fallar a todos do esforço tenaz e da cooperação dos seus proprietarios, os Irmãos Navarra, cujo espirito progressista tem dado a varginha innumeros melhoramentos.

[illegible] existente e [illegible] uma conquista [illegible] valor social pode ser aquilatado atravez o seu proprio valor.

O Theatro CAPITOLIO é como que uma demonstração positiva de quanto vale a força de vontade alliada a um ideal elevado, cuja directriz marcha de accordo com o pensamento humano.

Progredir é lei natural, quasi uma segunda natureza que exige e seu impulso ascensional, a força que move e realiza as grandes ideas. A lei do progresso collectivo é a lei do progresso individual.

Progredir é viver!

Pois é por effeito dessa lei maravilhosa do progresso, que hoje constatamos a inauguração do Theatro CAPITOLIO, fructo desse esforço de gigantes, que são os Irmãos Navarra, cuja ansia de progresso estua, a invadir os mais intimos recessos do pensamento humano, d'onde a primeira idéa se desgarra, para a materialização de um ideal qualquer.

E ahi está esse ideal gigante materializado, solido, transformado pelo trabalho e pela vontade em um monumento de arte, a mais emplo de convivio social, onde e choarão sempre as palmas de gratidão do povo.

Hoje se alteia, magestoso, imponente, como a desafiar o espaço, parecendo querer subir mais, o Theatro CAPITOLIO — cuja conclusão representa por si só um surto de progresso, a realização de uma velha aspiração dos progressistas Irmãos Navarra e do povo de varginha, sempre amigo do seu progresso.

O CAPITOLIO é, para os que vem acompanhando o nosso desenvolvimento, um marco do nosso progresso. Nelle se acham redivivas as primeiras passadas que se levaram a sente do nosso progresso, numa evolução constante, dia a dia augmentada, crescendo como que arrastado por um tufão, na vertiginosa carreira que origina os grandes emprehendimentos.

E, pois, como justa homenagem aos Irmãos Navarra, que damos hoje esse numero especial do "O CAPITOLIO" no qual relembramos todos os factos que se relacionam com essa obra monumental, cuja inauguração hoje se dá por [illegible]

[illegible] á cujo espirito emprehendedor ficamos devendo mais esse surto do nosso progresso.

Synthetizamos nesta homenagem toda a nossa sincera admiração, por esse grande emprehendimento, pois obra de tal relevancia social representa sempre um passo a mais nas conquistas no campo vastissimo das relações que coexistem entre os povos, como symbolo de adaptação das necessidades collectivas.

Fica, com a sinceridade da nossa offerta, a nossa homenagem aos Irmãos Navarra, e, com ella, o nosso enthusiasmo expontaneo, baluartado em a nossa amizade, que hoje se abre numa ansia de expansões incontidas, para homenagear no momento preciso uns dos maiores propulsores da industria e do progresso varginhense: os Irmãos Navarra.

A' Empresa Navarra, portanto, a nossa homenagem, a admiração do "O Capitolio", que vem acompanhando, dia a dia, na sua tragectoria ascensional, o seu progresso e, assim, bastante da grandeza e do desenvolvimento de Varginha, sobre cujo solo hoje se alteia magestoso o Theatro CAPITOLIO, o mais luxuoso, vasto e imponente do Sul de Minas, Minas que se revê espelhada no progresso das suas cidades, onde grande somma de energias contribue efficazmente, com o trabalho alurado e o labor constante, para a grandeza de todo o Estado e até mesmo do Brasil.

Jornal
O Capitólio,
12 out. 1927

correspondentes especiais eram de São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Três Pontas, Santa Rita do Sapucaí, Pontalete, Elói Mendes e Carmo da Cachoeira. O secretário do jornal era Antônio Nunes Bitttencourt, jornalista e cronista. O periódico era impresso nas oficinas gráficas da Tipografia São Geraldo.

Os periódicos citados acima eram os de maior público e circulação. Além deles, o *Almanak Laemmert*, entre 1900 e 1911, cita: *Correio do Povo*, fundado em 1896; *O Bandeirante*, fundado em 1904, com sede na Rua Direita, circulação semanal e redator Evaristo Paiva; *O Incentivo*, redator Joaquim Costa e *Cruzeiro do Sul*, redator Jorge Silveira (*ALMANAK LAEMMERT*, edição de 1900, jornais, p. 531; ibidem, ed. 1901, jornais, p. 1339; ibidem, ed. 1902, jornais, p. 505; ibidem, ed. 1903, jornais, p. 521; ibidem, ed. 1904, jornais, p. 624; ibidem, ed. 1905, jornais, revistas etc, p. 721 e 723; ibidem, edição de 1911, Estado de Minas Gerais, p. 3236;). Esses jornais circularam por curto tempo e não localizamos exemplares para consulta.

Além do noticiário, os jornais locais publicavam textos literários e cômicos, poemas, sonetos, trovas, charadas, logogrifos, pensamentos, piadas, a maioria, de autores da cidade. Uma das piadas publicadas na *Gazeta da Varginha*: "Anúncio de um jornal do interior: vende-se um macaco, dois cachorros, seis gatos, oito canários e um papagaio. O motivo da venda é que, a dona, tendo de casar-se, não precisa de tantos animais" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 23, p. 3. Varginha, 16 jun. 1895). As piadas nos revelam o tipo de humor apreciado na época e, geralmente, eram publicadas na Seção Alegre do jornal.

1.2 Biblioteca Municipal

Sobre Varginha, o *Almanak Sul-Mineiro para 1884* (p. 184) afirma: "Nota-se, entre o povo, verdadeiro amor à leitura, havendo diversos assinantes de jornais.

Poucos, porém, têm sido os filhos do lugar que têm seguido a carreira literária".

A Biblioteca Municipal, cujo endereço não foi citado nas fontes documentais pesquisadas, permitia a leitura dos livros no local e por meio de empréstimos. Alguns leitores costumavam não devolver os livros. A. C. Rocha Braga, secretário da Câmara, publicava notas no jornal, solicitando aos leitores que devolvessem à biblioteca os livros levados de empréstimo (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 8, p. 3. Varginha, 02 mar. 1893).

Em 1917, o livro Ignotæ Deæ, de Honório Armond, então residente em Varginha, e estreante na poesia, foi lançado na cidade. Os exemplares foram impressos em Varginha, nas oficinas da gráfica de *O Momento* e foram vendidos no Bazar Moderno (*O MOMENTO*. Edição nº 113, p. 3. Varginha, primeiro jul. 1917; ibidem, ed. nº 118, p. 2. Varginha, 05 ago. 1917).

2 CARNAVAL

No Carnaval, em 1894, as pessoas se associavam para os festejos que deveriam ser caracterizados pela pompa: "Está resolvido que será realizado com pompa, o carnaval, este ano. Grande é a sociedade que se levantou para fazer os festejos; o programa será distribuído" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 53, p. 4. Varginha, 04 fev. 1894). Na época, poucos anos após a Proclamação de República, bandos de mascarados percorriam as ruas da cidade "festejando o Deus Momo". Os foliões criticavam a política local, principalmente o recém-criado Conselho Distrital "por ter colocado postes para iluminar a cidade, não se lembrando nunca mais dos lampiões" e a Câmara Municipal "por ter o sr. Presidente prometido água para o abastecimento da cidade, antes de sua eleição, e não ter realizado, até hoje, este importante melhoramento". Fez sucesso um homem, vestido de mulher, que implorava com toda clemência, água do engenheiro

que fazia o nivelamento (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 54, p. 2. Varginha, 11 fev. 1894).

Em 1895, o Carnaval era anunciado com grande destaque na *Gazeta da Varginha*: "CARNAVAL. Elevação do Deus Momo a grande chefe de todos os chefes durante 3 dias!!! Viva o grande chefe. Narração precisa com todos os ff e rr da ressurreição do BURRO DO CONSELHO e as façanhas do mesmo durante a revolta. Viva a folia!!! Guerra e morte dos enfados!!! Três dias!!! Em nome do Deus Momo, declaro que não temo a resistência que nos ofereceu a casa do sr. capitão Leônidas, em mandar buscar tantas máscaras para nos afrontar e desaviar, bem como fazendas próprias para dominós etc. Isto é demais! E eu, como chefezinho do CHEFE GRANDE, protesto solenemente. VIVA O CARNAVAL DE 95" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 6, p. 6. Varginha, 10 fev. 1895). Evidentemente, o burro do Conselho era uma crítica política a algum dos membros do Conselho Distrital da cidade que, muitas vezes, tomavam decisões impopulares. "Fazendas próprias", nesse contexto, quer dizer tecidos próprios para a confecção de fantasias. Outra edição do mesmo periódico trazia: "este ano teremos uma formidável folia nos três dias de Carnaval, e para isso serão feitas comissões para a ornamentação das ruas por onde tiver de passar o exército carnavalesco de 1895" (*GAZETA DA VARGINHA*, edição e número da página não constam do original pesquisado, 1895).

Ainda em 1895, a *Gazeta da Varginha* publicou um poema sobre o Carnaval com quatro estrofes: "Rapazes, vamos; coragem! / Abrilhantar o Carnaval; / Olhem que o caso é sério. / Renderemos homenagem / Com ânimo descomunal, / Ao Momo co'o seu império. // Três dias de diversões! / Três noites de bebedeira! / E de geral contentamento. / Música, flores, canções, / Chuva grossa e borracheira / Mil diabruras a um tempo! // O *Deus Momo* animado, / Espera com ansiedade / Os seus admiradores. / O povo entusiasmado, / Com a festa desta cidade / Enfeita as ruas de flores. // Vejam só como é bonito! / E como é encantador! / Que luxo e que vaidade! / Do povo que está

Cinira Silva, fantasiada de aranha

Zilá Frota, fantasiada de odalisca

Fonte: Álbum de Varginha, p. 49

Judith Frota, fantasiada de República

Julieta Procópio Bueno, fantasiada de uvas

Fonte: Álbum de Varginha, p. 49

convicto, / Que os rapazes com valor / Farão rir toda a cidade" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 7, p. 6. Varginha, 17 fev. 1895). No verso, "chuva grossa e borracheira", borracheira é bebedeira. Borracho é o bêbado. Atualmente, essa palavra é obsoleta em Português, mas bastante utilizada no idioma espanhol.

Com a construção do Theatro Municipal, em 1901, a partir da primeira década do século XX, durante os três dias de Carnaval, eram realizados bailes nessa casa de espetáculos.

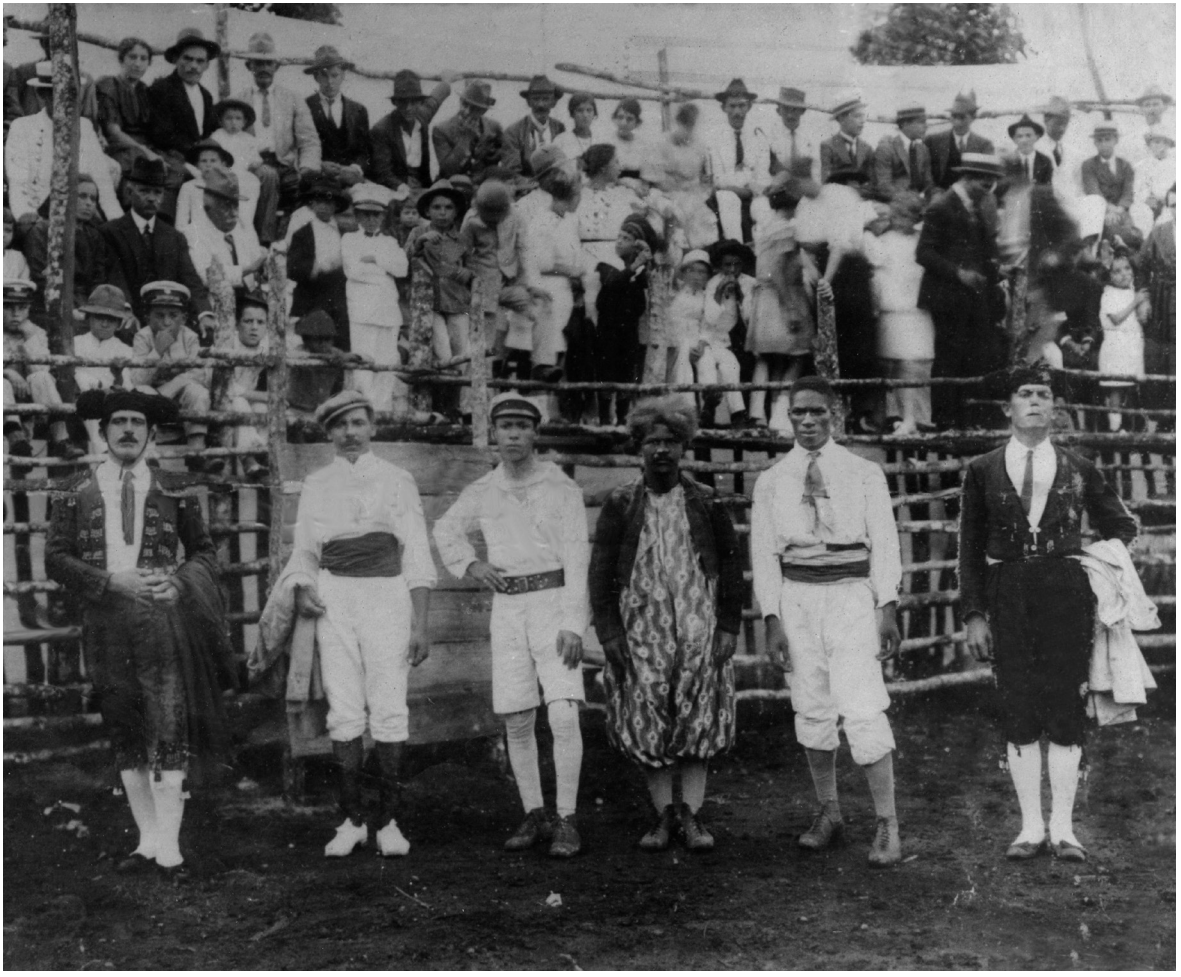
Em 1917, moças da elite local – as *mademoiselles*, na refinada denominação de bom-tom da época, que considerava *très chic* o uso do idioma francês, apresentavam-se com elaboradas fantasias, conforme se vê no *Álbum de Varginha*, de Fonseca; Liberal (1920, p. 49-50): 1) Carnaval de 1917 – Um grupo de moças e pessoas de nossa melhor sociedade: Mlle. Judith Frota, fantasiada de República, por ocasião do último carnaval. Mlle. Cinira Silva, fantasiada de Aranha. Mlle. Julieta Procópio Bueno, fantasiada de uvas. Mlle. Zilá Frota, fantasiada de odalisca (p. 49). 2) Carnaval em Varginha. Um grupo de demoiselles de nossa crou [sic], fantasiadas por ocasião do último carnaval: Mlle. Mariana Procópio Bueno, fantasiada de borboleta. Mlle. Cecy Frota, fantasiada de Rainha de Sabá.

O artigo O Carnaval, assinado por Diabo Azul, pseudônimo do escritor Álvares Rubião, publicado n'*O Momento*, revela-nos algumas curiosidades dos antigos carnavais em Varginha, ou seja, do final do século XIX: um Carnaval sem "ar chic" nem aristocracia, com quebra de limões-de-cheiro, fantasias com "casacas velhas, cartolas aposentadas, espadagões enferrujadas, pederneiras sem culatras e velharias anônimas". Eram usados "os balões das nossas veneráveis avós e as anquinhas das nossas dignas tias [...] As luvas eram, então, feitas com meias velhas, e as máscaras fabricadas na terra, tinham o culto artístico dos ídolos africanos. Os bigodes eram feitos de cabelo de milho e as barbas eram confeccionadas com capuchos de lã, quando

não o fosse o cavanhaque cortado dalgum respeitável bode" (*O MOMENTO*. Edição nº 94, p. 1-2. Varginha, 25 fev. 1917). Os limões-de-cheiro ou laranjas-de-cheiro eram pequenas bolas de cera recheadas de perfume, feitas para serem atiradas nas pessoas durante a folia do Carnaval. Foram muito utilizados nos carnavais do século XIX. "Balões das nossas veneráveis avós" é uma referência à crinolina, uma armação arrendonda utilizada, no século XIX, debaixo das saias, para dar volume a elas.

Em 1918, em artigo não assinado, o articulista fala do Carnaval, mas sem esquecer os conflitos da I Guerra Mundial. Dizia ele: "O Deus Momo já faz barulho na cidade. Desertou do meio dos que ora se entregam às sangrentas lutas na Europa e veio derramar alegria na alma do povo...". Rapazes e *demoiselles* estavam envolvidos na organização de grupos carnavalescos para o melhor êxito das festas projetadas: os cordões dos Feios, dos Cutubas e dos Empatas, todos chefiados por Álvaro Paiva. Para hino oficial do Carnaval, foi adotado o Matuto Cearense, cuja estrofe inicial era: "Os mortos se elevantaram / uns aos outros perguntaram / que qu'eu havera de querê? / Nas catacumba os defunto gemia, / no céu as coruja ria... / eu mesmo não sei porquê". O lança-perfume Rodo era vendido no Bazar das Famílias, na rua do Teatro Municipal (*O MOMENTO*. Edição nº 143, p. 2. Varginha, 03 fev. 1918). Na época, o uso desse composto psicotrópico era permitido, sendo legalmente comercializado.

Em 1922, "Depois da folia. O Carnaval esteve frio. [...] Como todo ano, houve bailes carnavalescos; mas somente bailes. Os brinquedos no jardim, nas ruas, pouca animação tiveram. As chuvas, a falta de entusiasmo, deram aos dias de Carnaval um aspecto assaz desanimador (*O MOMENTO*. Edição nº 23, p. 1. Varginha, 12 mar. 1922). Um dos locais onde ocorriam os brinquedos, ou seja, as brincadeiras carnavalescas, era no Jardim Público, na Praça D. Pedro II, conhecida como Jardim do Sapo.



Circo de Touros, 1919

1- José Luiz (Treme Terra), 2- Oscar Gonçalves (José Parafuso), 3- Macalé, 4- Zé Capilé, 5- Estevam da Nicota, 6- Juvenal de Oliveira.

Na arquibancada: José Limborço, Bié Paiva, Francisco Limborço e Chico Chagas.

3 CIRCOS, ESPETÁCULOS EQUESTRES E TOURADAS

Entre 1893 e 1927, os circos e espetáculos com animais era um dos prediletos dos varginhenses. Fazendeiros promoviam caçadas de animais silvestres nas matas de suas fazendas e isso era considerado uma forma magnífica de diversão. Em junho de 1917, o fazendeiro Antônio dos Reis Silva Rezende convidou os amigos para "uma caçada de veados que, anualmente, esse nosso amigo oferece aos seus companheiros. Durou quatro dias essa magnífica diversão, que deixou saudades nos que nela tomaram parte". A maior parte dos convidados era de fazendeiros, coronéis e capitães da Guarda Nacional, mas o professor e escritor Honório Armond também integrava a comitiva (*O MOMENTO*. Edição nº 111, p. 4. Varginha, 17 jun. 1917).

Nos circos, alguns números eram executados por animais selvagens sob o comando de adestradores e domadores. Os mais comuns eram: leões, leoas, tigres, onças, elefantes, ursos, javalis, cavalos, macacos e cães, citados nos periódicos locais da época.

A pioneira e avançada lei municipal nº 458, de 25 de setembro de 1922, que providenciou a proteção aos animais, nos permite saber que, até essa data, os varginhenses utilizavam em suas diversões públicas nas ruas e praças da cidade espetáculos de feras, selvagens ou domésticas, briga de galos, tiro ao pombo, exibição de símios e luta de animais açulados uns contra os outros como canários, cães e gatos. O mesmo artigo também proibiu as touradas, mesmo com os touros embolados (*O MOMENTO*. Edição nº 45, p. 3. Varginha, 22 out. 1922). É o retrato de um mundo cruel que a promulgação da referida lei pretendia deixar no passado.

3.1 Circos

Entre 1894 e 1926, companhias circenses vinham com frequência a Varginha. Citamos algumas: Circo Cruzeiro do Sul (1894), Grande Circo Franco-Brasileiro ou Bracesco, Circo Norte-Americano e Estrela de São João (1895), Circo Nacional (1896 e 1897), Circos União Familiar, Guarani, Martinelli e Naska (1915), Circo Buck (1916), Circos Zovetti, Landa (ou União Familiar), Pinheiro e Recreativo (1917), Circos Spinelli e Brasileiro (1918), Grande Circo Europeu e Circo Politerpsia (1922), Circo Nerino (1924), Circo Ventura e Circo Bortoli (1926). Além da sede (Varginha), algumas dessas companhias se apresentam no distrito de Carmo da Cachoeira.

Em 1894, apresentou-se o Circo Cruzeiro do Sul, uma companhia de cavalinhos dirigida pelos senhores Andrade & Zovetti, "uma das melhores que têm vindo a Varginha. [...] A companhia compõem-se de artistas de muito merecimento, e tem excelente palhaço, inteligente e muito jocoso. Os trabalhos apresentados foram executados com muita agilidade". Dentre os números, foram citados os do trapézio e o do equilíbrio do globo (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 63, p. 2. Varginha, 29 mar. 1894).

Em 1895, apresentaram-se em Varginha três companhias de circos: o Grande Circo Franco-Brasileiro ou Circo Bracesco, dirigido por Batista Bracesco, com "importantes trabalhos ginásticos" e acrobacias; o Circo Estrela de São João, dirigido pelo artista Lázaro Telles de Freitas, com uma série de espetáculos variados: companhia equestre, ginástica, equilibrismo, funamboléstica e mímica e o Circo Norte-Americano, dirigido pelo Sr. Pinho, companhia "composta de bons artistas e de um excelente palhaço, que tem feito as delícias das noites de espetáculos" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 16, p. 4. Varginha, 28 abr. 1895; ibidem, ed. nº 20, p. 2. Varginha, 26 maio 1895; ibidem, ed. nº 20, p. 4. Varginha, 26 maio 1895; ibidem, ed. nº 26, p. 2. Varginha, 07 jul. 1895). O redator utilizou o neologismo 'funamboléstica'

para caracterizar um tipo de apresentação do espetáculo. O vocábulo é funambulesco [funambulêsco]: relativo a ou próprio de funâmbulo. O funâmbulo é o equilibrista que anda na corda bamba ou arame, demonstrando sua destreza em exibições públicas. Ele também pode ser chamado de burlantim, volantim, burlantim etc (DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2001, p. 1402; VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2009, p. 387).

Em 1896 e 1897, foi a vez do Circo Nacional, companhia do Sr. Limido Cruz, com "grandes espetáculos e trabalhos admiráveis", executados pelo diretor (com 1,20 cm de altura), uma companhia equestre, uma menina contorcionista, repertório de pantomimas e espetáculos de revista da própria companhia, como a engraçada Terra da goiabada (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 22, p. 4. Varginha, 09 ago. 1896; ibidem, ed. nº 3, p. 2. Varginha, 23 maio 1897).

Em 1915, apresentaram-se na cidade as companhias: 1) Circo União Familiar, sob a direção de D. Tomás Landa, artista chileno. O circo era uma grande companhia equestre e acrobática, com números de pantomimas, elenco aprimorado e moderno com 25 notáveis artistas (*O MOMENTO*. Edição nº 6, p. 3. Varginha, 06 jun. 1915). 2) Circo Guarani, dirigido por João Alves, uma luxuosa e afamada companhia de cavalinhos, que contava, também, com cães, gatos, um palhaço com espírito fino e penetrante, com um repertório bem elaborado, e uma magnífica banda de música. "Ao espetáculo de estreia afluiu quase toda a população de Varginha, tornando-se, por fim, absolutamente necessária a proibição das entradas". 3) Circo Martinelli, dirigido por José Martinelli era uma grande companhia acrobática com números de ginástica, cavalinhos e os irmãos Martinelli no trapézio (*O MOMENTO*. Edição nº 16, p. 3. Varginha, 15 ago. 1915; ibidem, ed. nº 17, p. 1. Varginha, 22 ago. 1915; ibidem, ed. nº 25, p. 2. Varginha, 17 out. 1915). 3) Circo Naska (*O MOMENTO*. Edição nº 26, p. 6. Varginha, 24 out. 1915).

Em 1916, chegou à cidade o Circo Buck, com uma bem organizada companhia de cavalinhos, com espetáculos variados, dirigida pelo afamado artista Paulo Buck e cujo destaque foi a apresentação do Homem sem braço (*O MOMENTO.* Edição nº 60, p. 3. Varginha, 25 jun. 1916; ibidem, ed. nº 61, p. 3. 02 jul. 1916).

Em 1917, estiveram em Varginha quatro companhias: 1) Circo Zovetti, que apresentava números que agradavam a plateia, "como a Copofonia, uma cançonetista bem regular e o impagável palhaço Zulu" (*O MOMENTO*. Edição nº 105, p. 3. Varginha, 06 maio 1917). 2) Circo Landa (em 1915, citado como Circo União Familiar), um circo equestre, dirigido pelo artista Tomás Landa, com um elenco de 25 artistas, de ambos os sexos, de incontestável valor, apresentava variados espetáculos (*O MOMENTO*. Edição nº 114, p. 3. Varginha, 08 jul. 1917; ibidem, ed. nº 115, p. 3. Varginha, 15 jul. 1917). 3) Circo Pinheiro, um Circo Cinema, dirigido pelo artista Aristides Pinheiro, com numeroso elenco, um luxuoso centro ambulante de diversões. Além dos animais, vários artistas renomados, como Aristóbolo Pinheiro, mestre na arte do faquirismo, capaz de deixar a plateia suspensa em sua própria admiração (*O MOMENTO*. Edição nº 127, p. 3. Varginha, 07 out. 1917). 4) Circo Recreativo (*O MOMENTO*. Edição nº 103, p. 3. Varginha, 22 abr. 1917).

Em 1918, apresentaram-se: 1) Circo Spinelli, dirigido pelo artista Rafael Spinelli, que estreou com excelente companhia de cavalinhos. 2) Circo Brasileiro, excelente companhia que proporcionou à plateia soberbos espetáculos. Na parte da tarde, eram realizadas matinês para as crianças e, à noite, espetáculos para adultos (*O MOMENTO*. Edição nº 141, p. 2. Varginha, 20 jan. 1918; ibidem, ed. nº 151, p. 3. Varginha, 31 mar. 1918). O Circo Spinelli, companhia equestre nacional do empresário Afonso Spinelli, era um dos mais conhecidos, tendo apresentado vários espetáculos no Rio de Janeiro. Dentre outros, os números executados eram de ginástica, acrobacia, saltos, bicicleta no arame, saltos em pêlo sobre cavalo, lutas em estilo romano e encenação de farsas

e de peças cômicas (*CORREIO DA MANHÃ.* Rio de Janeiro. Edições variadas entre 1904 e 1907).

Em 1922, apresentaram-se: 1) Grande Circo Europeu, de propriedade de João de Oliveira e direção de Adelino Matos, com uma grande companhia de cavalinhos, com Joaquim de Araújo, célebre equilibrista e malabarista, campeão brasileiro, e Carlos Sampaio, popular e excêntrico, conhecido como Cócó. 2) Circo Politerpsia, sob a direção do exímio voador A. Tavares, com afamada Companhia de Cavalinhos e boa banda de música (*O MOMENTO*. Edição nº 36, p. 2. Varginha, 06 jul. 1922; ibidem, ed. nº 37, p. 2. Varginha, 16 jul. 1922; ibidem, ed. nº 39, p. 2. Varginha, 05 ago. 1922). O Grande Circo Europeu exibia números com animais e feras amestradas (cachorros, leão, leoa, onças, tigres e javalis), acrobacias, espirituosos palhaços e *tonys de soirées* (palhaços da reprise de um número).

Em 1924, apresentou-se o Circo Nerino, um "conjunto de artistas ginastas da Empresa Benedito Garoni" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 33, p. 3. Varginha, 15 jun. 1924).

Em 1926, apresentaram-se: 1) Circo Bortoli, que "Continua a exibir a sua série de espetáculos, este circo que atualmente delicia o público de Varginha, proporcionando-lhe espetáculos variados, os quais têm sido muito concorridos" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 136, p. 2. Varginha, 06 jun. 1926). 2) Circo Ventura conquistou a simpatia do público varginhense, que não lhe negava aplausos. Os artistas executavam com perícia vários números: o equilibrista David, o arame de Madame Mary, o trapézio ondulante e rotativo de Carlito, a escada giratória de Armando e Lina, as pilhérias de sete palhaços, inclusive a "Cigarrinha", que preenchiam os *intermezzos* e as danças modernas do Charleston e outras, executadas com arte e graça excepcionais (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 167, p. 4. Varginha, 23 set. 1926).

Geralmente, com uma ou duas semanas de antecedência, os circos anunciavam nos jornais a sua chegada à cidade.

3.2 Espetáculos equestres

Espetáculos equestres eram realizados com a apresentação de Companhias Equestres especializadas nesse tipo de apresentação ou números equestres como uma das exibições do programa de circos.

Em 1893, apresentou-se na cidade a companhia de cavalinhos dirigida por Jorge de Carvalho, que apresentou "trabalhos variados, executados com muita arte". Os ginetes se exibiam com seus cavalos de montaria (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 14, p. 2. Varginha, 16 abr. 1893).

Em 1894, foi citada a Companhia dos senhores André & Zunetti (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 60, p. 2. Varginha, 15 mar. 1894). O artista Temperany, diretor de outra Companhia Equestre, realizou apresentações noturnas de equilíbrio aéreo, com artistas saltadores e ginastas, além de trabalho no arame executado por uma ginasta. "São merecedores também de aplausos os artistas João Lourenço Dias, equestre e saltador, Antônio Bento de Oliveira, saltador e ginástico [sic], trabalho de arame pela artista Pihia Temperany. No dia 18, deu a companhia um benefício em favor da nossa [igreja] matriz, fazendo n'essa ocasião suas despedidas ao generoso público d'esta cidade e agradecendo o bom acolhimento que aqui teve" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 82, p. 2. Varginha, 24 jun. 1894).

Em 1897, foi a vez da Zovetti & C. apresentar seu espetáculo equestre em cinco apresentações na cidade (*GAZETA DA VARGINHA*. Varginha, 09 maio 1897). Os anúncios dos espetáculos não informaram o local das apresentações.

Em 1915, apresentou-se o Circo Martinelli, "uma afamada companhia de cavalinhos, dirigida habilmente pelos irmãos Martinelli" (*O MOMENTO*. Edição nº 29, p. 4. Varginha, 15 nov. 1915).

Em 1922, estreou o Pavilhão-Teatro Colombo, grande companhia de cavalinhos,

dirigida pelos artistas M. Ferreira da Silva e Antônio das Neves, que esteve na cidade durante duas semanas. Tratava-se de um pavilhão confortável e de aspecto muito convidativo com um seleto corpo de artistas e programa variado de trabalhos. Um dos números era uma interessante luta romana entre os *sportmen* Marcelo Cacerss e um artista chileno da Companhia (*O MOMENTO*. Edição nº 28, p. 2. Varginha, 23 abr. 1922; ibidem, ed. nº 29, p. 3. Varginha, 30 abr. 1922).

3.3 Touradas

Em 1893, a *Gazeta da Varginha* fazia referência a touradas como um dos eventos da programação de festas que seriam realizados na cidade. Os touristas se hospedaram no Hotel das Famílias. Tratava-se de uma Companhia Espanhola de Touradas, dirigida por D. Fernando Bellostas, considerado um dos melhores artistas do gênero no Brasil. Ele veio acompanhado por D. Rosa Mellende, sua esposa. Outros toureiros da Companhia: D. Fernando Blasco, D. Lourenço Fenito e D. Manoel Victor (GA*ZETA DA VARGINHA*. Edição nº 21, p. 1 e 2. Varginha, 04 jun. 1893).

Em Varginha, ainda no final do século XIX, a população tinha opiniões contrárias em relação às touradas: alguns as consideravam espetáculos artísticos dignos de serem vistos e admirados; outros uma expressão de brutalidade. Um artigo da *Gazeta da Varginha* dizia que em todas as touradas comparecem três feras: o touro, o toureiro e o público. "O touro provocado, defende-se. O toureiro, fiel ao seu compromisso, toureia. O público... diverte-se. No touro há força e instinto. No toureiro, valor e destreza. No público não há senão brutalidade". O capitão Valério Máximo dos Reis foi o encarregado da organização dos festejos (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 22, p. 3. Varginha, 18 jun. 1893).

As mulheres também participavam de apresentações com touros. Diz uma

nota: "artista Dom Fernando Bellos [sic] [Bellostas], na qual toma parte a célebre farpeadora D. Rosa Mellendes e o sem rival pegador e montador de touros Manoel Rodrigues e outros" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 32, p. 1-2. Varginha, 27 ago. 1893). A palavra farpeador não consta do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001) e do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, editado pela Academia Brasileira de Letras (2009). Na tauromaquia, a "arte" de tourear, farpear é enfiar bandarilhas em touro, portanto, farpeador é aquele que enfia bandarilhas em touros. A bandarilha é uma pequena haste de madeira, enfeitada com bandeirinhas, fitas e papéis de cores vistosas, que tem na extremidade uma ponta de ferro que o toureiro crava no cachaço (parte posterior do pescoço) do touro. Na época, em Varginha, essa atividade era considerada, por alguns, uma arte; atualmente, é compreendida como uma forma de tortura de animais.

Em 1896, a mesma companhia regressou a Varginha. O nome do artista foi citado na *Gazeta da Varginha* como Fernando Vellez, que pretendia proporcionar "diversas funções desse perigoso gênero de divertimento". Novamente, ele veio acompanhado por D. Rosa Mellendes, artista de nome, que farpeava o touro montada em um cavalo (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 9, p. 3. Varginha, 19 abr. 1896).

Ainda em 1896, foram realizadas corridas com quatro touros bravios locais, anunciada como Praça de Touros (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 14, p. 4. Varginha, 24 maio 1896).

Em 26 de novembro de 1905, os toureiros Francisco Miranda e Manoel Martins visitaram as oficinas e a redação do jornal *Correio do Sul*. A nota publicada no jornal se refere a ambos como artistas. Nesse mesmo dia, foi realizada a tourada (*CORREIO DO SUL*. Varginha, 26 nov. 1905).

Em outubro de 1915, apresentou-se o Circo de Touros dirigido pelo toureiro Francisco Miranda. O espetáculo foi realizado na Praça Santa Cruz (*O MOMENTO*.

Edição nº 24, p. 3. Varginha, 10 out. 1915).

Em 1917, estreou uma companhia amadora de touradas, dirigida por José Lelo Sobrinho, da qual faziam parte os seguintes artistas: José Teles Chicolate, Chiquito (o Olho de Vidro), João Branco, Estevão Mateus de Azevedo, Alcides Rio Grandense, Júlio Prego e as senhoritas Manoela e Joanina Rio Grandense. "O maior sucesso coube ao arrojado toureiro Joaquim Pruna, que, destemido e hábil, proporcionou ao público cenas de verdadeiro assombro". Segundo o jornal *O Momento*: "O nosso povo já ressentia da falta desse gênero de diversão, daí o desejo que a todos empolgava de *los toros*". Os espetáculos foram realizados no Largo de Santa Cruz da Boa Viagem, atual Praça Melo Viana Cruz, às dezesseis horas (*O MOMENTO*. Edição nº 122, p. 2. Varginha, 02 set. 1917; ibidem, ed. nº 124, p. 2. Varginha, 16 set. 1917).

Em 1918, o circo de touros de Amadeu Guilherme, apresentou-se na Praça Santa Cruz, onde touros bravios foram postos à prova (*O MOMENTO*. Edição nº 142, p. 2. Varginha, 27 jan. 1918).

4 ARTISTAS TRANSFORMISTAS

Em 1915, o Cinema Brasil, durante toda uma semana, apresentou o espetáculo Os Freires, estrelado por "conhecidos e admirados transformistas". Após a estreia, foi publicada a seguinte apreciação: "magníficos trabalhos de transformismo, o que há de mais perfeito no gênero, [...] cuja estreia alcançou um sucesso extraordinário" (*O MOMENTO*. Edição nº 10, p. 3. Varginha, 04 jul. 1915; ibidem, ed. nº 11, p. 3. Varginha, 11 jul. 1915). Os Freires também eram cançonetistas e se apresentavam na capital paulista e em cidades do interior do estado.

Os Freires era um casal de artistas, anunciados no programa entregue à plateia como "Os dois, uma companhia [de teatro]". "O Snr. Freire, é, indiscutivelmente, um

apreciado ator cômico e um transformista de nomeada. Mm. Freire, auxilia com graça e talento o seu digno esposo" (*A CIDADE DE YTU*. Edição nº 1677, p. 2. Itu, 30 out. 1915). Além dos números de transformismo, eles eram duetistas e cançonetistas, e viajavam pelas capitais e pelo interior do sudeste do Brasil, sempre com grande sucesso (*JORNAL DO COMMERCIO*. Edição nº 258. Rio de Janeiro, 16 set. 1917). Os Freires eram considerados "únicos no gênero brasileiro, nas suas "petites" comédias e transformações em geral" (*JORNAL DO BRASIL*. Edição nº 258, p. 10. Rio de Janeiro, 15 set. 1917).

Em junho de 1922, Os Freires haviam expandido a Companhia, agora denominada Troupe Freire. Além do transformista Freire, diretor, a troupe apresentou-se com as atrizes Palmira Franco, Leonor e Mucília Freire, e o ator V. Fonseca (*O MOMENTO*. Edição nº 35, p. 2. Varginha, 18 jun. 1922).

Em 1917, apresentou-se no palco do Cineteatro Íris o artista transformista Nilo Durval, chileno, com trabalhos muito apreciados de imitador do belo sexo. Tratava-se de um trabalho incomparável. Dentre os números apreciados o Vatapá, já conhecido da plateia varginhense e mais cinco números novos. Em alguns, ele encarnava uma verdadeira *chanteuse gommeuse* (*O MOMENTO*. Edição nº 107, p. 3. Varginha, 20 maio 1917).

Chanteuse gommeuse, literalmente, 'cantora gomosa' [cantora de borracha], é uma expressão francesa que se refere a um estilo de performance de artistas no palco, no caso, de cantoras de café-concerto, chamadas de cantoras de gênero, com gesticulações expressivas e, muitas vezes, exageradas, que lembravam a plasticidade da borracha. Daí, o *gommeuse*, de *gomme* (goma), palavra egípcia que significa borracha. Por isso, o *Nouveau Petit Larousse Illustré* (Paris, 1945, p. 458) define a palavra como algo elegante ou ridículo. A expressão revela a fina ironia francesa.

5 ESPETÁCULOS COM BONECOS E FANTOCHES

O teatro de bonecos pode ser realizado com fantoches, marionetes ou bonecos de vara. No período em estudo, os jornais de Varginha anunciaram raros espetáculos desse tipo. Os bonecos são indispensáveis aos ventríloquos, mas nenhum espetáculo com eles foi anunciado em Varginha. No Brasil, apresentações com ventríloquos foram mais comuns entre 1920 e 1949, período em que ocorre o maior número de citações no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Em 1894, eram comuns espetáculos com bonecos, conforme consta dessa nota bem-humorada: "O Sr. Batista continua a divertir ao público com seus bonecos. Deu mais dous espetáculos, muito apreciados, correspondendo a cada um deles uma enchente. Se continua o sucesso, não há dúvida, os bonecos do Sr. Batista firmam residência aqui" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição n º 80, p. 2. Varginha, 31 maio 1894). A nota do jornal não especificou o tipo de boneco utilizado.

Em junho de 1917, durante toda a semana, apresentou-se no Theatro Municipal espetáculos da Troupe Esteves de fantoches (*O MOMENTO*. Edição nº 111, p. 4. Varginha, 17 jun. 1917). O fantoche é um boneco, geralmente, uma pessoa ou animal, calçado pela mão de uma pessoa oculta que o faz representar algum papel teatral.

6 ESPETÁCULOS DE ILUSIONISMO

O ilusionismo ou prestidigitação é a performance que tem por propósito o entretenimento do público com apresentações que dão a ilusão que um fenômeno impossível ou sobrenatural ocorreu.

Em 1895, foram apresentados espetáculos de ilusionismo pela Companhia do Sr. Manoel Lopes, hábil ilusionista. A renda da última apresentação foi doada em benefício

da Casa da Instrução, local onde os espetáculos aconteciam. O programa era dividido em três partes: predição da vontade, simulação do impossível e fantasia infernal (efeitos rápidos) (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 2, p. 1. Varginha, 13 jan. 1895).

Em 1915, no Cinema Brasil, apresentou-se o ilusionista Edu Gomes acompanhado por sua esposa, em dois espetáculos em que reunia e adaptava "toda a sua habilidade e sapiência à dificultosa e belíssima arte do ilusionismo". Ele hipnotizava e divertia a plateia com sua espantosa habilidade (*O MOMENTO*. Edição nº 19, p. 3. Varginha, 05 set. 1915).

No final desse ano, apresentaram-se no Teatro Municipal os ilusionistas Robert e Lydie que "têm maravilhado assombrosamente a plateia, em todos os espetáculos, com as suas experiências sobre a transmissão do pensamento, cálculos rápidos etc. Todos os espetáculos têm causado sensacional emoção na plateia e todos os números têm sido executados com ótima perfeição, sendo, por isso, deveras aplaudidíssimos" *(O MOMENTO*. Edição nº 35, p. 4. Varginha, 25 dez. 1915).

Em 1916, o Cineteatro Íris apresentou um espetáculo de ilusionismo com o Professor Celso, "com reconhecida habilidade de iludir" e a Rainha da Andaluzia. Em um dos números, ele se introduzia em um caixão preparado, pregado e parafusado, e, dois minutos depois, o caixão estava vazio. Os números de telepatia, executados por ele, eram considerados os mais difíceis (*O MOMENTO*. Edição nº 81, p. 3. Varginha, 26 nov. 1916).

7 DANÇA

Em 1896, o povo tomou a Rua de São Pedro (atual Wenceslau Braz), para um cateretê, (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 46, p. 2. Varginha, 14 jan. 1896). O cateretê é um tipo de dança rural em que os participantes formam duas filas, uma de homens, outra de mulheres. Ao som da música, eles sapateiam e batem palmas. A nota, publicada

na *Gazeta da Varginha*, é racista contra os participantes, predominantemente pretos e mulatos, e irônica e preconceituosa em relação a essa autêntica manifestação da cultura brasileira: "o Cateretê ou Batuque, tradicional divertimento da Costa d'África [...] indica adiantamento e progresso de um povo", sua realização revela que houve o "restabelecimento desse moralizado divertimento (bem entendido: nós ficamos de fora) [...] Progredimos admiravelmente! Em nome dos foliões agradecemos as bondosas autoridades que deram licença para a realização do extemporâneo divertimento no centro da cidade". Ora, não houve autorização alguma das autoridades policiais para a realização do evento. A afirmativa deixa claro que o articulista gostaria que a polícia tivesse impedido a manifestação. Décadas depois, coube à etnomusicóloga varginhense Oneyda Alvarenga (1911-1984) resgatar com o livro de sua autoria, Cateretês no sul de Minas Gerais (1937), essa importante manifestação cultural de nossa região.

Em 1917, apresentou-se no Teatro Municipal o célebre casal de dançarinos Les Zutz. No ano anterior, os artistas se apresentaram no Palácio Teatro em São Paulo, Capital, na Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, contratados pela Empresa Alberto de Andrade (*O MOMENTO*. Edição nº 115, p. 3. Varginha, 15 jul. 1917; *O ESTADO DE S. PAULO*. Edição nº 13.813, p. 4. São Paulo, 19 out. 1916).

Bailes particulares eram promovidos para a comemoração de datas especiais como formaturas e casamentos, e para a recepção de hóspedes, de viajantes ilustres e de oficiais do exército. O Teatro Municipal realizava bailes de máscaras em sábados de Aleluia e bailes para homenagear jogadores de futebol. Em 1917, foi fundado o Clube Fogo da Palha, "uma simpática agremiação" cujo objetivo era proporcionar bailes, piqueniques e partidas familiares aos seus sócios, membros da sociedade de escol (*O MOMENTO*. Edição nº 49, p. 1-2. Varginha, 02 abr. 1916; ibidem, ed. nº 99, p. 3. Varginha, 25 mar. 1917).

Maestro Marciliano Braga, sentado, ao centro. Banda Santa Cruz, 1919

8 MÚSICA

No período entre 1884 e 1927, os compositores com peças executadas pelos músicos varginhenses foram: Carlos Gomes (1836-1896); Guiseppe Verdi (1813-1901), Gaetano Donizetti (1797-1848), Constantino De Crescenzo (1847-1911), Pietro Mascagni (1863-1945), Charles Acton (Carlo Eduardo Acton 1829-1909), o franco-húngaro Dezsö Lederer (1858-1921), o belga Benoît Constant Fauconnier (1816-1877), P. Galeco e W. R. Cave. À exceção de Carlos Gomes, Donizetti, Verdi e Mascagni, os demais compositores são, atualmente, pouco conhecidos. Dentre os compositores locais, ressaltamos Marciliano Braga, autor de dobrados, mazurcas, polcas, tangos, valsas e *schottischs,* e Edith Fonseca, professora de música de colégio particular, autora da valsa A vesperal.

O *Almanak Sul-Mineiro para 1884* (p. 183 e 189), afirma que "O ensino da música é feito de modo satisfatório em uma aula bem frequentada, havendo uma banda de música regular" e cita os músicos alferes João Batista da Fonseca, diretor, e Presciliano Sinfrônico da Fonseca, professor, embora não cite o nome da banda e escola ou do estabelecimento onde as aulas eram ministradas.

Em 1893, o Colégio da Varginha, dirigido por Maria Izabel Coutinho da Fonseca e A. J. Pinto da Fonseca, ministrava aulas de música e de piano como atividades extras, que não integravam a grade curricular e deveriam ser, portanto, pagas à parte (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 5, p. 4. Varginha, 29 jan. 1893).

Em 1894, violeiros e violinistas se apresentavam em concertos: "Dará concerto, hoje, de violão, o cego Manoel Cordeiro Cavalcanti [...] tomam parte no concerto outros violinistas daqui" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 54, p. 2. Varginha, 11 fev. 1894). No mesmo ano, a banda de música de Varginha realizava apresentações na cidade e em municípios vizinhos (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 54, p. 3. Varginha, 11 fev. 1894).

Em 1894, o músico Perciliano Sinfrônio da Fonseca dava aulas de música para meninos e para adultos. O anúncio, publicado em jornal, não faz referência ao instrumento musical praticado (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 84, p. 4. Varginha, 08 jul. 1894). De outras edições do mesmo periódico, o nome desse músico consta como Prisciliano. Na Semana Santa de 1895, o vigário da paróquia do Divino Espírito Santo anunciou, durante a celebração de uma missa, que deixaria de realizar as comemorações religiosas da Semana Santa daquele ano por culpa desse músico, uma vez que a banda de música sob a sua direção cobraria pelo serviço prestado. Para responder ao vigário, o músico publicou extensa nota na *Gazeta da Varginha* com suas justificativas. Citamos um trecho: "Sendo as festas da Semana Santa prolongadas, nos obrigam a fazer despesas, para correspondermos às cerimônias da Semana, e compondo-se a banda de música de pobres artistas, justo me parece ser que devemos receber uma compensação dos nossos serviços". Segundo o músico, a banda gastava tempo nos ensaios e o dinheiro "faz falta a muitos músicos, que têm família numerosa, são pobres e do trabalho diário tiram a subsistência" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 4, p. 4. Varginha, 27 jan. 1895). A banda de música de Prisciliano da Fonseca tocava não somente em ocasiões festivas e em eventos religiosos. Em setembro de 1895, a banda acompanhou o cortejo fúnebre da menina Maria Amélia, filha de Paulino Franco de Carvalho, em direção ao cemitério paroquial, localizado no então Largo de São Miguel, atual Praça José de Rezende Paiva, conhecida como Praça da Fonte ou, na década de 1960, como Praça da Bandeira (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 34, p. 3. Varginha, primeiro set. 1895).

Em 1895, foi anunciada a criação da Banda Sete de Setembro, sob a direção de Joaquim Pedro de Oliveira (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 34, p. 3. Varginha, 01 set. 1895).

Em 1896, o Colégio Freitas oferecia aulas de música vocal e instrumental,

ministradas pelo professor Djalma Indiano Diamantino (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 7, p. 4. Varginha, 30 mar. 1896). O professor também atuou como ator em peças do Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense.

Nas décadas de 1910 e 1920, professores particulares ministravam aulas de piano e de violino em suas residências e em hotéis. Em 1916, o professor e violinista Olivério Rolim, do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, que residiu em Varginha por algum tempo, hospedou-se no Hotel Bela Vista, onde lecionava violino para os interessados. Em março de 1917, ele passou a lecionar em um curso noturno de música, que funcionou em uma das salas do Colégio São Luiz (*O MOMENTO*. Edição nº 63, p. 2. Varginha, 16 jul. 1916; ibidem, ed. nº 97, p. 4. Varginha, 18 mar. 1917). Em 1924, ele seria um dos professores do Liceu e Ginásio Mineiro de Muzambinho (MG). Em 1924, o professor M. Braga, com prática de mais de quarenta anos no ofício, lecionava música em sua residência na Rua do Carmo (atual Silva Bittencourt) com três lições semanais, ao preço de Rs 20$000 (vinte mil-réis) mensais. Ele tocava vários instrumentos (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 8, p. 3. Varginha, 16 dez. 1923).

Em 1914, após a inauguração do Jardim Público ou Jardim Municipal eram realizadas retretas na Praça D. Pedro II, conhecida pela população como Jardim do Sapo. A palavra retreta é um brasileirismo que significa apresentação de banda de música, geralmente em praça pública. Embora o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, 1 ed., p. 2448), não classifique a palavra como obsoleta, atualmente, na região sul-mineira, ela é de uso pouco comum. As retretas no Jardim Municipal eram realizadas aos domingos, dias santificados e festas nacionais e passaram a ocorrer inclusive por demanda da população à Câmara Municipal. Em 1921, foi apresentado "à Câmara um abaixo-assinado de diversos habitantes da cidade solicitando a criação de uma verba para retretas no Jardim Público; foi tomado na devida consideração." (Livro de Atas da Câmara Municipal, ata de 16 nov. 1921, fl. 49f). O jornal *O Momento*,

de 29 de novembro de 1921, publicou um edital que abria concorrência pública para a realização de retretas no Jardim Público (*O MOMENTO*. Edição nº 10, p. 3. Varginha, 29 nov. 1921).

Em 1915, a banda União Varginhense, também chamada de corporação, era dirigida pelo maestro José Augusto de Lima e apresentava seus números musicais no Jardim Público. A banda executava peças fúnebres durante os cortejos até o cemitério paroquial. Foi o que ocorreu durante o cortejo de D. Filomena da Silva Paiva, em abril de 1917: "A banda União Varginhense por todo o trajeto executou sentidas marchas fúnebres" (*O MOMENTO*. Edição nº 4, p. 3. Varginha, 23 maio 1915; ibidem, ed. nº 5, p. 3. Varginha, 30 maio 1915).

Em junho de 1915, o jornal *O Momento* citou o programa que seria executado pela banda Santa Cruz em uma retreta no Jardim Público: músicas da composição de Marciliano Braga: Polca, para pistão e clarinete; Saudades, ária para saxofone; e o tango O Momento, de Marciliano Braga, dedicado ao proprietário e redator d'*O Momento*, Sr. João Liberal. Além dessas, dentre outras peças, foram executadas: Dobrado, de autor desconhecido, abertura da ópera Nabucodonosor e ária para trombone (*O MOMENTO*. Edição nº 9, (Suplemento do nº 9). Varginha, 27 jun. 1915). A ópera Nabucodonosor é de Giuseppe Verdi (1842).

Marciliano Braga era um compositor local bastante profícuo. Outras peças de sua autoria, apresentadas durante as retretas no Jardim Público, são: Varginha na ponta (tango), Variações de Saxofone, Mazurca, Dobrado Delfim Moreira, Polca, para bombardino, Saudade roxa (valsa), *Schottisch*, Tango 23 (*O MOMENTO*. Edição nº 7, página não numerada. Varginha, 13 jun. 1915?; ibidem, ed. nº 11, p. 3. Varginha, 11 jul. 1915).

O maestro Presciliano Fonseca era outro músico local que participava das retretas no Jardim Público, com orquestra sob sua direção (*O MOMENTO*. Edição nº 14, p. 3. Varginha, primeiro ago. 1915).

Em 15 de novembro de 1915, às dezesseis horas, em comemoração ao Dia da Proclamação da República, a banda União Varginhense apresentou um concerto musical no Jardim Público com o seguinte programa, aberto e encerrado com a execução do Hino Nacional: Fantasia favorita, de Donizetti; Valsa Dolores, de P. Galeco; Lucia Di Lammermoor, de Donizetti; Ernani, de Verdi; Ave Maria, da ópera O Guarani, de Carlos Gomes; Dobrado Augusto Muniz Silva (*O MOMENTO*. Edição nº 29, p. 2. Varginha, 15 nov. 1915).

Em 1917, a banda União Varginhense executou várias peças, entre dobrados e valsas, durante a inauguração do carrossel, chamado cavalinho de pau, ao lado do Cineteatro Íris (*O MOMENTO*. Edição nº 121, p. 2. Varginha, 28 ago. 1917). Eduardo das Neves, apreciado cantor da Casa Edson, apresentou-se no Cineteatro Íris com o seu violão (*O MOMENTO*. Edição nº 127, p. 3. Varginha, 07 out. 1917).

Em 1919, a cidade contava com duas bandas de música e uma orquestra. A banda Santa Cruz era dirigida pelo maestro e compositor Marciliano Braga e a banda 15 de Novembro pelo maestro José Augusto de Oliveira. A orquestra Santa Cecília era um bem organizado corpo musical, sendo dirigida pelo maestro Oscar Louçada (RUBIÃO, 1919, p. 63).

Em 14 de novembro de 1921, o Colégio Varginhense realizou exames musicais de alunos de violinos e bandolins em audiência pública coordenada pela professora Edith Fonseca. O programa, dividido em três partes, era composto pelas peças:

1ª parte: Dezsö Lederer: *Cavatine*, com sete bandolins. *Petite Valse*; *Berceuse*, com três bandolins cada. 2ª parte: W. R. Cave: Romance op. 4, com seis bandolins. Constantino De Crescenzo: *Prima carezza* (primeira carícia) op. 120 – Noturno, com dois violinos. Pietro Mascagni: *Cavalleria Rusticana* – Siciliana, com dois bandolins. Edith Fonseca: A vesperal – valsa, com três violinos. 3ª parte: Charles Acton: *Toujours dans ma gondole* op. 404, com dois violinos e dois bandolins. Benoît Constant Fauconnier:

V Elegie op. 114, quarteto. *Meditation* op. 114, quarteto. Os acompanhamentos foram feitos pelas alunas Clarisse Reis Miranda, Maria Rezende Lima e Ana Navarra (*O MOMENTO*. Edição nº 8, p. 2. Varginha, 13 nov. 1921). Nota-se que a composição A vesperal – valsa era de Edith Fonseca, professora de música do Colégio Varginhense.

Em 1925, mesmo antes da inauguração do Theatro Capitólio, algumas apresentações artísticas em Varginha eram noticiadas em jornais do Rio de Janeiro, como o concerto de violão do professor Domingos Silva, que esteve na cidade para alguns recitais (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 9460, p. 6. Rio de Janeiro, 27 nov. 1925).

9 EXPOSIÇÕES: PINTURAS, FOTOGRAFIAS E PLANTAS ARQUITETÔNICAS

Entre 1894 e 1895, a *Gazeta da Varginha* realizava, ocasionalmente, exposições de imagens impressas que pudessem despertar a curiosidade pública.

Durante o mês de setembro de 1894, uma fotografia das vítimas de um bárbaro assassinato ocorrido em Carmo do Rio Claro esteve em exposição no escritório do periódico (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 93, p. 3. Varginha, 16 set. 1894).

No dia 04 de agosto de 1895, foi anunciada a Exposição da Planta Geral e de Fotografias da nova Capital de Minas. Durante uma semana, a exposição foi realizada no escritório da *Gazeta da Varginha*, sendo aberta ao público das oito horas da manhã às dezoito horas. As fotografias eram as dos principais edifícios públicos, acompanhadas de um mapa dos terrenos. No dia 10 de agosto, após o encerramento da exposição, todos os objetos expostos foram agrupados em lotes e oferecidos na praça para serem arrematados (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 30, p. 4. Varginha, 04 ago. 1895).

Em 1915, no Salão do Rio Verde Clube, foi realizada a primeira exposição de pintura a óleo e de arquitetura com 26 quadros de Luiz Signorelli (*O MOMENTO*. Edição nº 22, p. 2. Varginha, 26 set. 1915).

Em 1917, o pintor de arte figurativa Júlio Tancredi "senhor da arte de Rafael, um artista completo", executou pinturas nas paredes internas do Hotel Megda, inaugurado nesse ano. O trabalho foi descrito como belo e impressionante (*O MOMENTO*. Edição nº 118, p. 2. Varginha, 05 ago. 1917). O Hotel Megda, localizado próximo à Estação Ferroviária, era de propriedade do capitão João de Castro Megda, com instalações higiênicas e confortáveis, e, segundo o *Álbum da Varginha* (Fonseca; Liberal, 1920, p. 46), era considerado um dos melhores do Sul de Minas.

Exposições de pinturas eram realizadas em vitrines de estabelecimentos comerciais como a do pintor português Marquês do Rio Frio, "que abandonando seus privilégios de linhagem, se faz conhecer como J. Barreiros, seu nome de batismo". A exposição de quadros a óleo sobre tela foi realizada na Casa Robert (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 292. Varginha, 08 dez. 1927). A Casa Robert, localizada na Rua Delfim Moreira em frente à Charutaria Liberty, era propriedade de Isaak Caracik, judeu radicado em Varginha.

Em julho de 1926, foi realizada no Clube de Varginha uma exposição coletiva de pinturas de pintores varginhenses da qual participou Carlos Silva, Carmem Braga, esposa de Luiz Teixeira, e Aurélia Rubião, então jovem de 25 anos de idade. Uma crítica publicada no *Arauto do Sul* sobre a pintura de Aurélia, merece ser transcrita em seus principais trechos, pois além da escolha dos temas da pintora, revela informações sobre Varginha nesse ano: "Na exposição de Aurélia Rubião, dois quadros figuram, que muito devem impressionar as pessoas interessadas pela tradição de nossa cidade. São: "A casa mais velha de Varginha" e "A igrejinha de Santa Cruz". O primeiro quadro representa uma casa construída à Praça Rio Branco e há poucos dias demolida. Segundo a tradição corrente, era a casa mais velha da cidade, trazendo ainda impregnado no velho arcabouço o cheiro do antigo curado [sic] [curato] do Espírito Santo das Catandubas. O outro quadro é uma igrejinha antiquíssima da nossa cidade, igrejinha

que outrora plantou a fé religiosa dos antigos moradores no meio de um cerradinho teimoso, mas hoje já se acha cercada de diversos prédios, como que pastoreando-os. [...]" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 145, p. 1. Varginha 08 jul. 1926).

O editorial continua, em uma visão profética do futuro que se revelou verdadeira: "Esses dois quadros, atualmente, podem, excluído o valor artístico, valer pouco, mas num futuro não remoto, constituirão preciosos documentos para os que querem bem à tradição e à história de nossa *urbs*. Não é, pois, demais que a nossa municipalidade os adquira e, dizemos ainda, que encomende à mesma artista outros que estampem ao vivo os trechos da cidade, ainda não atingidos pela intensidade do nosso progresso. Será um meio de perpetuar essas relíquias, que mais tarde hão de ser evocadas pela posteridade com as mais suaves recordações, e, de prestigiar, animar e encorajar na rútila estrada da Arte uma artista varginhense, digna por todos os títulos de alta consideração pelos méritos de que é portadora. Aurélia Rubião representa uma glória, cujos triunfos hão de fatalmente refletir sobre a terra de seu berço" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 145, p. 1. Varginha 08 jul. 1926). O leitor interessado em outras informações sobre Aurélia Rubião pode consultar o capítulo 2 Estilo da arquitetura, item 2.2 Foyer Aurélia Rubião da Parte II deste livro.

10 JOGOS

Os jogos, em Varginha, no final do século XIX, eram aprovados como distração, mas condenados como vício que nasce da ociosidade, vadiação e preguiça, conforme notas publicadas nos jornais locais. Havia várias casas de jogos chamadas casas de tavolagem, com funcionamento noturno. As pessoas jogavam em botequins e mesmo nas ruas (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 12, p. 2. Varginha, 02 abr. 1893). O artigo 369, do Código Penal, punia os proprietários das casas onde se praticavam jogos de azar.

Em 1917, contavam com mesas de bilhar o recém-fundado Clube União Varginhense, casa de diversões instalada em frente ao Hotel Megda, nas imediações da Estação Ferroviária bilhares e o Salão Smart, confeitaria na Avenida Alves e Silva, atual Avenida Rio Branco (*O MOMENTO*. Edições variadas de 1917).

Na década de 1920, os bares Capitólio e Ponto Chic, próximos ao Theatro Capitólio, tinham mesas para jogos de bilhar. O jogo de víspora, conhecido hoje como loto ou bingo, era um dos praticados.

O jogo do bicho era uma prática condenada: "Um dos grandes males que pesam sobre esta cidade é o jogo do bicho. E esse mal já se tornou uma verdadeira monomania para as classes mais humildes que compõem a plebe" (*O MOMENTO*. Edição nº 114, p. 2. Varginha, 08 jul. 1917). O jornal *O Momento* costumava publicar extensas notas e artigos sobre o assunto, inclusive o parecer jurídico O jogo do bicho, de Walfrido Silvino dos Mares Guia, promotor de justiça da comarca (*O MOMENTO*. Edição nº 109, p. 1-2. Varginha, 03 jun. 1917).

Cinema Brasil, inaugurado em 1908, na então Rua de São Pedro, antiga Rua da Chapada e atual Wenceslau Brás. Proprietário: capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga (1908–1917).

11 CINEMAS

Em 12 de abril de 1914, deu-se a cerimônia oficial da inauguração da luz elétrica na cidade. A energia elétrica possibilitou que os motores a querosene, utilizados para a projeção de filmes mudos, fossem substituídos por motores elétricos.

Em 1915, Varginha possuía dois cinemas em atividades: o Cinema Brasil e o Cinema Íris no Teatro Municipal. Os filmes exibidos eram produzidos pela Paramount, Pasquali, Universal, Cines, Nordisk e pela Leal-Film, esse último, brasileiro. Mais raramente, os cinemas exibiam os chamados fotodramas, filmes que hoje denominamos documentários, como, por exemplo, em 1917, "A indústria cigarreira no Brasil". O fotodrama era dividido em três longas partes e mostrava as grandes transformações porque passava o cigarro, desde o fumo bruto, em fardos, até a embalagem em carteirinhas para o consumo dos fumantes (*O MOMENTO*. Edição nº 107, p. 2. Varginha, 20 maio 1917).

11.1 Cinema Brasil

Em agosto de 1908, foi inaugurado o Cinema Brasil, o primeiro cinema de Varginha, na Rua de São Pedro (atual Rua Wenceslau Braz). O cinema era uma casa de diversões instalada pelo capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga. Entre 1908 e 1916, o motor de projeção cinematográfica era movido a querosene. Somente em outubro de 1916, oito anos após a abertura do cinema, foi instalado um motor elétrico para melhorar a projeção dos filmes (*O MOMENTO*. Edição nº 66, p. 3. Varginha, 06 ago. 1916; ibidem, ed. nº 77, p. 3. Varginha, 29 out. 1916; ibidem, ed. nº 79, p. 3. Varginha, 12 nov. 1916; ibidem, ed. nº 91, p. 3. Varginha, 04 fev. 1917; *O CAPITÓLIO*. Página não numerada. Varginha, 12 out. 1927).

O Cinema Brasil foi assim descrito no jornal *O Momento*: "Não menos conceituado [que o Cineteatro Íris], esse Cinema corresponde, pelo conforto que oferece e pelos aprimorados *films* que exibe, às exigências e bom gosto de todos" (*O MOMENTO*. Edição nº 5, p. 3. Varginha, 30 maio 1915).

Em 1915, o Cinema Brasil exibiu o filme "Uma injusta suspeita", drama policial em cinco partes. Na época, já eram exibidos filmes nacionais, como O contestado, anunciado para a próxima semana, no mesmo cinema (*O MOMENTO*. Edição nº 4, p. 3. Varginha, 23 maio 1915).

Da mesma forma que o Cineteatro Íris, o Cinema Brasil funcionava também como teatro.

Em 1916, estreou a Troupe Nacional ou Companhia Silveira, com numeroso elenco, sob a direção de Sílvio Lage: Ada Egos, Adelaide Silveira, Alfredo e Madalena Closel, Antônio Cândido, Ernesto Cardoso, Fernando Neves, J. Larrig Coimbra, José Silveira, Luiza Cândida, Raulina Braga, Sílvio Lage e o menino Chico, de seis anos de idade, responsável pela apresentação do grupo teatral ao público. Foi encenada a peça João Cândido, burleta em três atos do escritor brasileiro Gastão Togeiro, e nove números de música. "A nossa plateia, tão exigente em questões de arte, não poupou aplausos à Troupe Silveira" e à representação da "jocosa e desopilante" opereta. Segundo *O Momento*, "essa companhia é uma das melhores que tem aparecido por aqui [...] dado o valor incontestável do elenco artístico e o apurado gosto que se nota na escolha das peças representadas". A Companhia Silveira apresentou-se no Cinema Brasil durante duas semanas. Em seguida, seguiu com seu espetáculo para os palcos do Rio de Janeiro. "O sr. Silveira é um tipo todo especial em papéis cômicos, e principalmente, quando assume a personalidade do caipira mineiro, faz rir ao espectador mais pessimista e casmurro. / O sr. Lage sai-se bem em qualquer papel, principalmente no de *galan* [...] essa companhia é uma das melhores que têm aparecido por aqui, queremos crer

que seja a melhor, dado o valor incontestável do elenco artístico e o apurado gosto que se nota na escolha das peças representadas" (*O MOMENTO*. Edição nº 59, p. 2. Varginha, 18 jun. 1916; ibidem, ed. nº 63, p. 2. Varginha, 16 jul. 1916; ibidem, ed. nº 65, p. 3. Varginha, 30 jul. 1916).

Outra atividade promovida pelo Cinema Brasil era a de conferências (atualmente, denominamos palestras). Em junho de 1916, foi realizada a conferência com o tema Amor e as flores, pelo literato Temístocles Cardoso (*O MOMENTO.* Edição nº 60, p. 3. Varginha, 25 jun. 1916).

Em 1917, "foi levada à cena, no palco deste cinema, a engraçadíssima comédia "Cautela com as mulheres", pelos amadores locais Juca Leônidas, Júlio Fonseca, Benedito Fonseca, Santoca Peixoto, Alberto Moraes e Mlle. Hercy Sales, do Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense (*O MOMENTO*. Edição nº 88, p. 3. Varginha, 18 jan. 1917).

Em março de 1917, o Cinema Brasil foi adquirido por arrendamento pelo proprietário do Cineteatro Íris (*O MOMENTO*. Edição nº 99, p. 3. Varginha, 25 mar. 1917).

11.2 Cinema Íris

O Cinema Íris funcionava no Teatro Municipal. Para informações sobre o Cinema Íris vide item 12.2 Teatro Municipal, Cineteatro Íris ou Íris Cinema (1901-1927).

12 TEATROS EM VARGINHA (1884-1927)

De 1884 até o presente, Varginha teve três teatros como espaços públicos: o Teatro da Casa da Instrução, o Teatro Municipal (Cineteatro Íris) e o Theatro Municipal Capitólio.

O *Almanak Sul-Mineiro para 1884* (p. 59), cita a existência de teatros em dez cidades do Sul de Minas, alguns ainda em construção. Varginha não foi citada.

Pelo menos desde 1884, o interesse pelo teatro sempre fez parte da vida do varginhense. Esse fato está amplamente registrado em jornais locais do período como a *Gazeta da Varginha* (1893-1897), *O Sul-Mineiro* (1905), *O Momento* (1915/1922) e *O Capitólio* (1927), no *Almanak Sul-Mineiro,* em documentos variados da Câmara Municipal e nos livros de atas. Nos livros de atas da Câmara, a primeira referência ao antigo Teatro Municipal consta da ata de 31 de julho de 1912 (convém lembrar que o livro de atas do período entre fevereiro de 1892 e março de 1910 está desaparecido).

No final do século XIX e início do século XX, os varginhenses iam ao teatro para assistir peças de teatro (comédias e dramas, inclusive o drama moralizador ou moralista, e o drama religioso), teatro de revista, operetas, cançonetas, burletas e os mais variados espetáculos musicais. As apresentações musicais compunham extenso leque de repertório, desde canções caipiras tradicionais, músicas populares e folclóricas, dobrados (marchas militares em ritmo rápido), até trechos de óperas dos mais consagrados compositores internacionais de todas as épocas e escolas. A opereta é um tipo de teatro musicado, incluindo diálogos falados. A cançoneta é uma canção ligeira, bem-humorada, espirituosa ou satírica. A burleta, originária do teatro italiano de comédia musical do século XVIII, é uma farsa jocosa, geralmente musicada. O teatro de revista é um gênero teatral originário da França, durante o século XVIII. Trata-se de um tipo de teatro de gosto acentuadamente popular, que teve seu auge no Brasil no

meado do século XX.

Em relação às artes, o varginhense demonstrava ser despido de preconceitos: assistia às encenações dramático-religiosas da Semana Santa, reivindicava aos diretores dos jornais locais que pressionassem os proprietários dos cinemas da cidade para exibirem o filme brasileiro Lucíola (1916), considerado escandaloso por exibir cenas de nudez, apreciava filmes de Hollywood, do cinema nacional e fotodramas (documentários), aplaudia artistas transformistas como Os Freires (1915) e Nilo Durval, o "imitador do belo sexo" (1917) e recebia calorosamente a Companhia Negra de Teatro de Revistas (1927), aclamada nos palcos do Rio de Janeiro, cujo numeroso elenco era composto somente por artistas pretos.

Em 1916, o redator de *O Momento* observava que questões sociais e da economia influenciavam a frequência do público varginhense ao teatro: "Excelentes espetáculos têm proporcionado ao público varginhense a bem organizada troupe Silveira [...] É de se notar, entretanto, a tão limitada frequência aos últimos espetáculos, o que talvez se justifique não só na *crise* que se observa por aqui, como também por estarmos em uma época de trabalho, em que nossos lavradores se veem a braços com a preparação do café" (*O MOMENTO*. Edição nº 64, p. 2. Varginha, 23 jul. 1916). O relator não especificou que tipo de crise era observada na cidade, no entanto, as edições anteriores e posteriores do mesmo jornal, durante o período da guerra, referem-se à carestia dos preços dos produtos de diversos gêneros em parte como consequência econômica provocada pela I Guerra Mundial, na época, chamada de Grande Guerra. Uma das notas: "em Varginha o dinheiro corria a granel, há uns tempos atrás, na época da fartura [...] agora, estamos em péssimo estado financeiro" (*O MOMENTO*. Edição nº 148, p. 1. Varginha, 10 mar. 1918). O trecho "tempos atrás, na época da fartura" é uma referência ao período anterior ao início da guerra, em 1914.

As encenações teatrais e demais espetáculos exigem palco e um lugar para

acomodar o público. Assim, o gosto do varginhense pelo teatro acabou por levar à reivindicação da construção de um teatro. A leitura da extensa documentação do período em estudo revela que esse gosto se impunha como uma necessidade que devia ser satisfeita, uma necessidade artística, uma necessidade do espírito humano, algo análogo à sensação física de sentir fome. Tratava-se, pois, de uma demanda popular, oriunda dos mais variados setores da sociedade: membros da nascente classe média urbana, artistas, intelectuais, escritores, professores, empresariado, jornalistas, médicos, dentistas, comerciantes, estudantes, políticos, operariado, cabeleireiras, donas de casa etc.

12.1 Teatro da Casa da Instrução (1884)

O *Almanak Sul-Mineiro para 1884* (p. 182) cita a existência e o pleno funcionamento da Casa da Instrução em Varginha, inclusive para a encenação de peças teatrais: "Existe uma casa para instrução pública feita com auxílio de donativos promovidos por outro cidadão distinto, o estimado fazendeiro Domingos Teixeira de Carvalho, sobre quem igualmente pesou a maior parte da soma despendida com essa edificação. / Esse prédio foi depois aumentado com as acomodações precisas para representações teatrais, que ali se têm realizado com o concurso de amadores".

Curiosamente, nove anos depois, a *Gazeta da Varginha* se refere às negociações realizadas para a aquisição de um edifício de instrução pública. Segundo esse periódico, as negociações tiveram início em janeiro de 1893. Nesse mês, o professor A. J. Pinto da Fonseca publicou a seguinte nota na *Gazeta da Varginha*: "um grupo de distintos cidadãos tendo à sua frente o popular Snr. Major Domingos Teixeira de Carvalho, está promovendo a aquisição de um prédio apropriado para a instrução da mocidade desta cidade" (*GAZETA DA VARGINHA*. Varginha, jan. 1893).

A Casa da Instrução era localizada na Rua da Paz. Essa rua, posteriormente, teve sua denominação alterada e, nos documentos pesquisados, não foi possível identificar o nome atual. Na década de 1920, o edifício era utilizado como uma das sessões de votação da Terceira Seção Eleitoral (*O MOMENTO*. Edição nº 22, p.2. Varginha, 26 fev. 1922).

Segundo o jornal *O Capitólio* (12 out. 1927), Varginha sempre teve o seu teatro. Primitivamente, um prédio doado ao estado pelo coronel Domingos Teixeira de Carvalho, para que nele funcionasse uma escola foi adaptado para teatro e serviu à cidade como tal por muitos anos, sendo utilizado para a apresentação de espetáculos e de peças de teatro. Esse prédio não oferecia as condições necessárias para o fim a que servia.

Na última década do século XIX, os espetáculos e peças de teatro eram apresentados na Casa da Instrução, pois a cidade não contava com um teatro. A Casa da Instrução, edifício considerado um palacete, havia sido construído anos antes por iniciativa de particulares, por meio de doações e, posteriormente, oferecido ao governo do estado. No final de 1895, o edifício, considerado um dos melhores da região sul-mineira para atender a finalidades educacionais, achava-se aberto e infiltrado por águas pluviais. Tratava-se de um edifício, de boa construção, mas abandonado pelo poder público estadual. O capitão Valério Máximo dos Reis doou um milheiro de tijolos para a reforma, que foi realizada aos poucos, pelo Partido Beneficente. Auxiliaram com doações financeiras os cidadãos major Antônio J. de Rezende Xavier, tenente-coronel Olympio Liberal, Pedro Braga, Cordeiro e Oliveira Santos (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 16, p. 2. Varginha, 28 abr. 1895; ibidem, ed. nº 38, p. 1. Varginha, 04 nov. 1895).

Em fevereiro de 1894, apresentou-se em Varginha a Empresa do Capitão Pinto, Grande Companhia de Variedades e Operetas. A companhia publicava o anúncio do espetáculo na cidade em página inteira da *Gazeta da Varginha*. A estrela era Maria

THEATRO

Grande Companhia de Variedades
e Operetas, da qual faz parte
a festejada actriz cantora
argentina

MARIA URITE

EMPREZA DO CAP. PINTO

Brevemente

Estréa da companhia

Depois que a musica executar uma
brilhante ouverfura será cantado pelo
artista José Soller e actriz D. M. Urite

O MUGUNSÀ

da festejada revista Tim-tim portim tim!
Seguir-se-ha a 1.ª representação de
esperituosa comedia

DOIS ATRAZ D'UMA

pelos artistas Luiz Pinto, Luiz Gonza
ga e D. Maria Urite

Pela festejada actriz cantora, d. Ma
ria Urite a linda cançoneta comica

Fica quieto nhonhô

Seguir-se-ha a 1.ª representação d
verdadeira fabrica de gargalhadas

SR. QUINCAS TEIXFIRA, NATURAL D
ITABAPOAMA

TerMinará o espectaculo com o deliran
dueto comico napolitano

LA CAMUSELLA

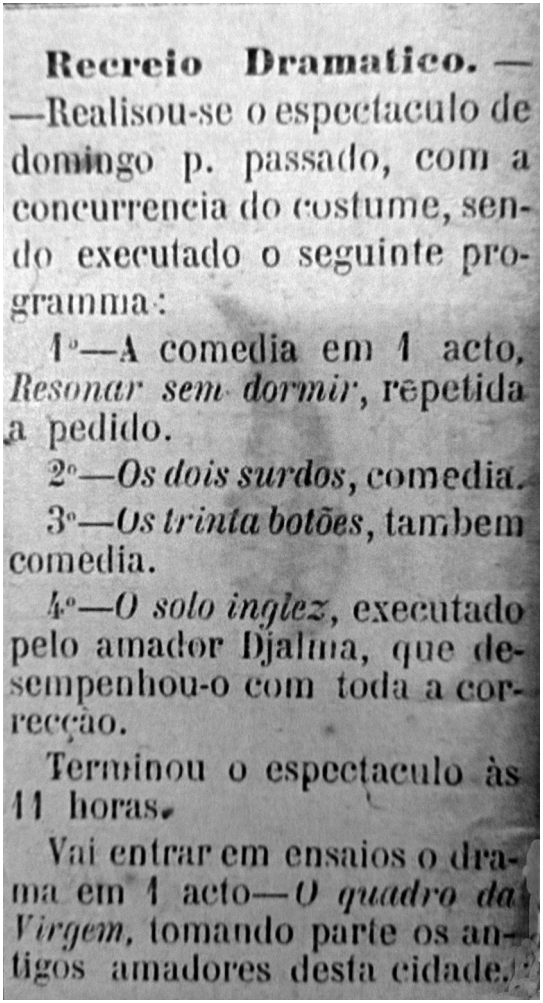
Gazeta da Varginha, nº 55.
18 fev. 1894

Urite, atriz e cantora argentina. Os seguintes números compunham a apresentação: músicas: "O Mugunzá" lundu baiano, da Revista Tim-Tim por Tim-Tim, cantada por Maria Urite e pelo cantor José Soller, e a cançoneta cômica "Fica quieto, nhonhô!", com Maria Urite. Encenação da comédia "Dois atrás duma", estrelada por Luiz Pinto, Luiz Gonzaga e Maria Urite. O espetáculo foi encerrado com "La Camusella", cantada por um dueto cômico napolitano. Uma banda de música integrava a comitiva (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 54, p. 4. Varginha, 11 fev. 1894; ed. nº 55, p. 3. Varginha, 18 fev. 1894). Em 1890, a companhia se apresentara nos palcos de Taubaté (SP) com Maria Urite. A Revista Tim-Tim por Tim-Tim do português António de Souza Bastos, chegou ao Brasil em 1892, tendo sido o primeiro grande sucesso do teatro de revista no País. Grupos brasileiros montavam espetáculos com base nessa revista. O Mugunzá, com música de Francisco Carvalho e letra do ator Bernardo Lisboa, era a versão brasileira de Tim-Tim: uma baiana que cantava um lundu. A apresentação com figurinos bem cuidados, consistia em falas fantasiosas, alusões sexuais e duplos sentidos eróticos. A cançoneta "Fica quieto, nhonhô!", para canto e piano, é de autoria de Hervé.

No mês seguinte, a Companhia Dramática de Operetas do Capitão Pinto realizou um grandioso espetáculo oferecido ao público da cidade e em homenagem à *Gazeta da Varginha*. Foram realizadas quatro apresentações (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 59. Varginha, 11 mar. 1894).

Em março de 1895, após algumas reformas na Casa da Instrução, foram retomadas as apresentações de uma série de espetáculos. Para isso, era imprescindível "a atenção do respeitável público que, por certo, irá abrilhantar com sua presença, a este agradável divertimento" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 12, p. 1. Varginha, 24 mar. 1895).

Ainda em 1895, o Grupo dos Amadores levava à cena diversas peças dramáticas que constituíam os espetáculos variados. Os espetáculos eram realizados na Casa



Recreio Dramatico. —
—Realisou-se o espectaculo de domingo p. passado, com a concurrencia do costume, sendo executado o seguinte programma:

1º—A comedia em 1 acto, *Resonar sem dormir*, repetida a pedido.

2º—*Os dois surdos*, comedia.

3º—*Os trinta botões*, tambem comedia.

4º—*O solo inglez*, executado pelo amador Djalma, que desempenhou-o com toda a correcção.

Terminou o espectaculo às 11 horas.

Vai entrar em ensaios o drama em 1 acto—*O quadro da Virgem*, tomando parte os antigos amadores desta cidade.

Gazeta da Varginha, nº 12.
25 abr. 1895.

da Instrução, que se achava completamente reformada. Os cenários eram novos e "pintados a capricho". Durante o dia, os ingressos eram vendidos na Farmácia Braga e, à noite, na Casa da Instrução, ao preço de Rs 500 (quinhentos réis). As pessoas que pretendiam assistir as peças deveriam mandar com antecedência suas cadeiras para a Casa da Instrução, até as quinze horas. Antecipadamente, o Grupo de Amadores pedia desculpas ao público caso fosse cometida alguma falta, uma vez que se tratava de atores principiantes (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 12. Varginha, 24 mar. 1895).

Em maio de 1897, a cidade ressentia-se de não possuir um teatro: "Dos jornais que recebemos, vimos que 11 cidades mineiras tratam, atualmente, das edificações de teatros, sendo alguns auxiliados pelas municipalidades respectivas. É pena a Varginha não completar a dúzia..." (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 17. Varginha, 05 maio 1897).

Segundo o *Arauto do Sul*, na última metade do século XIX, as dependências da Casa da Instrução, "exageradamente acanhada, já serviu de teatro e, bem ou mal, deu conta do recado" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 19 ago. 1926).

12.2 Teatro Municipal ou Cineteatro Íris (1901-1927)

12.2.1 Histórico

O Teatro Municipal era citado na imprensa local como Teatro Municipal, Municipal, Cineteatro Íris, Cinema Íris, Cine Íris ou Íris Cinema. Do jornal *O Momento* consta: "no Teatro em que funciona o Íris Cinema" (*O MOMENTO*. Edição nº 24, p. 2. Varginha, 10 out. 1915), portanto, a principal finalidade do prédio era a de abrigar um teatro. Atualmente, diríamos que do programa de necessidade do teatro constava um cinema.

Teatro Municipal (1901–1927)
Álbum de Varginha, 1920

O antigo teatro era localizado na Rua Direita (atual Presidente Antônio Carlos), entre o Theatro Municipal Capitólio, nº 522 e a atual agência de atendimento da Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG, nº 538.

Em 1916 (c.c), uma fotografia do Teatro Municipal publicada em um álbum de Roberto Capri, trazia a seguinte legenda: "Teatro Municipal, na Rua Direita, esquina da Wenceslau Braz, onde funcionam o "Íris Cinema" e outras diversões da Empresa José Navarra. Vê-se ao lado o "Íris Bar" com fábrica de gelo da mesma empresa".

A Câmara Municipal, sob a presidência do Dr. Antônio Pinto de Oliveira, com o desejo de dotar a cidade com um melhoramento compatível com o desenvolvimento que experimentava na época, deliberou pela construção do Teatro Municipal. O teatro foi construído e entregue ao público em 1901 (*O CAPITÓLIO*. Edição XLIII. Página não numerada. Varginha, 12 out. 1927). Conforme vimos, o livro de atas da Câmara Municipal do período entre fevereiro de 1892 e março de 1910 está desaparecido, portanto, não foi possível pesquisá-lo para saber se nele foram lançados registros sobre essa construção.

Raras fotografias do antigo Teatro Municipal nos permitem afirmar que, quanto à arquitetura, no centro da fachada do edifício, na testada do lote, havia a porta principal de entrada e duas janelas, uma em cada lateral, com acabamento superior em arco ogival, uma característica do estilo neogótico, que trazia elementos arquitetônicos do medievalismo. Os elementos decorativos utilizados na ornamentação da fachada eram sóbrios e discretos.

O pavimento superior era ocupado por camarotes reservados às famílias Oliveira, do Dr. José da Silva Frota, médico clínico geral, Walfrido Silvino dos Mares Guia, promotor público da comarca, e outras.

O proprietário do teatro era José Navarra que, posteriormente, o arrendou ao coronel Sebastião Mendes de Brito. Em outubro de 1915, consta que o coronel Brito,

residente na cidade do Rio de Janeiro, então a Capital da República, era o proprietário do Teatro Municipal e superintendente da luz elétrica em Varginha, ou seja, era um capitalista com investimentos na cidade (*O MOMENTO*. Edição nº 26, p. 6. Varginha, 24 out. 1915).

Da data de sua construção até 1910, o edifício era utilizado como teatro para apresentações de peças teatrais e números de música, canto, dança e bailes de Carnaval. Em 1910, com a popularização do cinema, o teatro foi remodelado pelo arrendatário Sebastião Mendes de Brito, que nele instalou o Cinema Íris, cujas atividades se estenderam até após a inauguração do Theatro Capitólio, em 1927. Nessa época, as exibições cinematográficas eram acompanhadas por uma orquestra ou por um pianista, pois as películas exibidas ainda não eram sonorizadas. Era a época do filme mudo em que o conteúdo é transmitido por meio de gestos, mímica e cartelas com diálogos ou textos explicativos curtos inseridos esparsamente entre as imagens em movimento. Segundo Rubião (1919, p. 63), as sessões de cinema no Teatro Municipal eram diárias e contínuas. As da tarde eram chamadas de *matinées* e as noturnas, de *soirées*, com início às 19:30 horas. Em 1926, as *matinées* eram as 14:00 horas e havia duas *soirées*, uma às 18h30min. e outra às 20h30min. (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 172, p. 4. Varginha, 10 out. 1926).

A concessão do arrendamento a Sebastião Brito foi discutida pela Câmara Municipal, em três sessões, nos dias 31 de julho e 13 de setembro de 1912, e em 27 de janeiro de 1913. O arrendamento foi concedido por três anos (LIVRO DE ATAS E. PAIVA [CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1910-1915).

No mês seguinte à aprovação do arrendamento, Brito enviou um requerimento à Câmara Municipal em que solicitava a concessão de alguns benefícios, devido aos custos adicionais que fizera para executar as obras de reforma do teatro. Em 17 de fevereiro de 1913, a Câmara teve ciência da solicitação e deliberou por lhe conceder

o prazo de oito anos de suspensão da cobrança do arrendamento, além do perdão da dívida do imposto de Indústrias e Profissões (LIVRO DE ATAS E. PAIVA [CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1910-1915, ata de 17 fev. 1913, fl. 51 f/vº). Sebastião Mendes de Brito era um empreendedor em Varginha. Em março de 1913, em parceria com o vigário João Leônidas Ferreira, ele solicitou um auxílio financeiro da Câmara para a construção de dois colégios na cidade (LIVRO DE ATAS E. PAIVA [CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1910-1915, ata de 15 mar. 1913, fl. 51vº).

Em novembro de 1915, o Teatro Municipal e o Cinema Brasil foram arrendados ao coronel José Camilo da Costa, operoso industrial e progressista, que há muito tinha essa pretensão. A convite dele, o capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga assumiu a gerência de ambos (*O MOMENTO*. Edição nº 29, p. 4. Varginha, 15 nov. 1915).

De início, o arrendamento não conseguiu resolver os antigos problemas do teatro. Em março e abril de 1916, o Teatro Municipal encontrava-se fechado, apesar da boa vontade do coronel José Camilo, que entrou em contato com a Câmara Municipal, na tentativa de solucionar essa questão. Ele "não pôde conseguir a abertura definitiva dessa casa de diversão, o que lamentamos grandemente". Por isso, nessa época, a imprensa considerava o Cinema Brasil "a única casa de diversão que temos" (*O MOMENTO*. Edição nº 47, p. 4. Varginha, 19 mar. 1916; ibidem, ed. nº 52, p. 5. Varginha, primeiro maio 1916).

O escritor Álvares Rubião publicou, em *O Momento*, três extensos artigos com o título O Teatro Municipal, nas edições de número 60, de 25 de junho, e de números 61 e 62, de 02 e de 09 de julho de 1916, com críticas sobre o contrato, então, recentemente firmado entre a Câmara Municipal e os proprietários do teatro Sebastião Mendes de Brito e José Navarra.

O referido autor criticava, dentre outras coisas, o longo prazo de seis anos de arrendamento estipulado no contrato firmado entre a Câmara e Sebastião de Brito, pelo

presidente da Câmara, sem a aquiescência dos vereadores, e o fato de as disposições contratuais acarretarem prejuízos aos cofres públicos municipais. Posteriormente, a solicitação de Sebastião de Brito de prorrogar o contrato de arrendamento por mais dois anos, estenderia o prazo para oito anos. Além disso, o arrendatário transferiu, indevidamente, o prédio do teatro a José Camilo.

No Carnaval de 1916, quando a cidade se encontrava envolvida com tangos e maxixes, durante um período de ausência de Sebastião de Brito, que estava em viagem em outro município, o presidente da Câmara apoderou-se, indevidamente, do teatro, de modo violento, usando a força da polícia. No entanto, no final, a Câmara tomou as seguintes deliberações que causaram prejuízos aos cofres públicos: pagou a Sebastião de Brito a quantia de Rs 4:800$000 (quatro contos e oitocentos mil-réis) e ficou com o encargo de receber, sem comissões nem porcentagem, a quantia de Rs 200$000 (duzentos mil-réis) de José Navarra e de enviá-la a Brito. Segundo Álvares Rubião, Brito era um homem de negócios, com espírito prático, senhor de singular penetração e, assim, conseguiu embrulhar "nas malhas estreitas de sua reconhecida habilidade" a Câmara Municipal, em um negócio que muito lhe favorecia; a população desaprovou o contrato feito dessa forma (*O MOMENTO*. Edição nº 60, p. 1. Varginha, 25 jun. 1916).

Apesar de toda a polêmica política, jurídica e econômica envolvendo a administração do teatro, depois de três meses com as portas fechadas, na primeira quinzena de julho de 1916, o Teatro Municipal, a "excelente casa de diversão, foi franqueada ao público, depois de reformas porque passou [...] O seu novo empresário, José Navarra, não apouca esforços no louvável intuito de proporcionar aos *habitués* do Íris, horas agradáveis e de real proveito" (*O MOMENTO*. Edição nº 63, p. 2. Varginha, 16 jul. 1916).

Em 03 de julho de 1916, o vereador Roque Rotundo apresentou um projeto aprovando os atos praticados pelo Presidente da Câmara de rescisão do contrato do

Teatro Municipal com Sebastião Mendes de Brito. O contrato e o distrato foram lidos e, após discussão, aprovados por unanimidade em primeira discussão (LIVRO DE ACTAS [DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1915-1916 MDCCCCXV, ata de 03 jul. 1916).

Em 17 de novembro de 1919, a Câmara aprovou, por meio do projeto nº 22, a liberação da quantia de Rs 200$000 (duzentos mil-réis) para a rescisão do contrato do teatro (LIVRO DE ACTAS [DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1916-1920, ata de 17 nov. 1919).

Em 1920, Fonseca & Liberal (p. 70), autores do *Álbum de Varginha*, consideraram que o prédio "em que funciona o ÍRIS CINEMA" era "elegante e confortável" e que, numa extensa área anexa, se achava "instalado um magnífico Bar e uma fábrica de gelo".

Em fevereiro de 1924, o jornal *Arauto do Sul* fez a seguinte avaliação do antigo Teatro Municipal: "O estado de ruína a que atingiu o atual Teatro Municipal, principalmente a sua parte interna, com o solo esburacado e sem higiene, não podia, absolutamente, continuar aos olhos dos forasteiros que nos visitam como atestado entristecedor do nosso desleixo e atraso, da nossa incapacidade e pobreza artística" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 16, p. 1. Varginha, 10 fev. 1924). Em março, o mesmo periódico afirmou que o antigo Teatro Municipal "era velho e caduco, arrepiado de medo, surdo como uma porta [...] pardieiro da Rua Direita", enfim, uma "esplêndida velharia" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 19, p. 1. Varginha, 02 mar. 1924).

Em 18 de fevereiro de 1925, a Câmara Municipal solicitou, por meio de ofício, que o construtor Antônio Manoel Pires realizasse uma vistoria técnica no Cineteatro Íris, para verificar as condições de segurança do prédio, tendo em vista a aproximação do Carnaval, ocasião em que bailes eram realizados naquele local. No dia seguinte, acompanhado por José Garcia da Silva, o construtor esteve no Íris, para realizarem juntos a vistoria solicitada.

Em carta-relatório de 19 de fevereiro de 1925, ambos apresentaram o resultado

da vistoria realizada sobre as condições da construção e dos riscos de desabamento. O relato foi enviado à Câmara Municipal. No relatório, eles afirmaram: "fomos examinar se, de fato, o aludido prédio oferece ruína. / Subimos em cima do teto e verificamos que o engradamento acha-se em perfeito estado, não achando razão para que se dê desastre algum por ocasião dos bailes do Carnaval, mas, no entretanto, aconselhamos que façam as reparações nas calhas por motivo de infiltração de água, que danifica as paredes e assim como as madeiras. / Também achamos conveniente que se aumente mais uma tesoura, além das que estão, por estas acharem-se um pouco distanciadas. / Quanto ao engradamento que diz respeito a madeiras, acham-se em perfeito estado, não tendo nada a recear pela segurança do telhado. / Outrossim, lembramos que, nos espigões, sejam reforçados com umas escovas que partam do pendural aos espigões com mais extensão das já existentes. / Transmitimos a V.[excias] que estamos de pleno acordo que nada acontecerá de desastre por ocasião dos bailes do Carnaval, pois que o prédio oferece, ainda, bastante solidez para se darem tais casos. [...] (aa) Antônio Manoel Pires / José Garcia da Silva" (CARTA de Antônio Manoel Pires e José Garcia da Silva para o presidente da Câmara Municipal. Varginha, 19 fev. 1925).

O pendural é uma peça componente da asna, situada no eixo vertical da estrutura. A asna é a tesoura, peça triangular de madeira ou ferro que se dispõe na parte superior das construções para sustentar o telhado.

A avaliação do construtor que "o prédio oferece, ainda, bastante solidez" indica que sua estrutura era adequada e resistente, e que ele poderia ter sido recuperado, bastava para isso a execução de reformas. As citações ao Cine Íris que constam dos jornais e documentos da época são, geralmente, depreciativas e fazem referência a pardieiro, ou seja, a um prédio velho e/ou arruinado. É provável que a falta de manutenção no edifício, o desgaste do piso, do madeiramento e da pintura externa e interna, bem como do mobiliário (cadeiras), causassem a impressão de abandono.

O varginhense não conseguia mais se identificar com um teatro que, construído no coração da cidade, mostrava-lhe ruína.

Assim é que, embora o prédio do teatro pudesse ser recuperado por meio de reformas, ainda que dispendiosas, cerca de um ano após a vistoria realizada, tiveram início as obras da construção do novo teatro.

Em abril de 1926, a Empresa Navarra enviou ofício à Câmara Municipal em que se queixava dos custos da manutenção do Cineteatro Íris: "A manutenção de uma casa de diversões para o público é dispendiosíssima, requerendo grande esforço por parte do Empresário, pois os alugueres de *Films*, Orquestra, empregados, selos do Estado, força e luz, fretes da Estrada de Ferro, etc, grande parte dos proventos consome". A Empresa do "ÍRIS", no decurso de Setembro a Dezembro do ano findo, época de balanços, despendeu 207$000 [duzentos e sete mil-réis] diários, para fazer face aos serviços (Ofício da Empresa Navarra para a Câmara Municipal. Varginha, 15 abr. 1926). Ou seja, a despesa mensal alegada de manutenção do teatro era de, aproximadamente, Rs 6:210$000 (seis contos e duzentos mil-réis).

Em 19 de agosto de 1926, artigo publicado no mesmo periódico se refere ao antigo Teatro Municipal como "aquele pardieiro acachapado da Rua Wenceslau Braz", embora sua localização fosse na Rua Direita. No artigo, ainda há uma descrição do edifício: era "relativamente baixo, sem conforto, sem estética" e podia dar ao visitante uma ideia de tudo, menos de um teatro. "No entanto – sejamos justos! – o que se nos afigura hoje grosseiro arremedo de teatro, estava no tempo de sua construção, compatível com o grau de desenvolvimento do lugar, servindo perfeitamente, satisfatoriamente, ao fim a que era destinado" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 19 ago. 1926). Causa estranheza a nota citar o endereço do Teatro Municipal na Rua Wenceslau Braz, pois a localização era na Rua Direita, atual Presidente Antônio Carlos. É provável que o redator tenha se distraído ao confundir a localização com a do Cinema Brasil,

este sim, localizado na Rua Wenceslau Braz. Dois anos antes, em 1924, uma nota publicada no mesmo periódico se refere ao Teatro Municipal como "velho e caduco, arrepiado de medo, surdo como uma porta [...] pardieiro da Rua Direita", enfim, uma "esplêndida velharia" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 19, p. 1. Varginha, 02 mar. 1924).

O *Almanak Laemmert*, nas edições de 1925 e de 1926, cita o antigo Teatro Municipal e o Cine Íris (*ALMANAK LAEMMERT*, edição nº 81, 1925, vol. IV, p. 475; edição nº 82, 1926, vol IV, p. 503).

O primeiro Teatro Municipal de Varginha esteve em atividades durante 26 anos, entre 1901 e 1927. O ano da demolição não consta da extensa documentação pesquisada. O varginhense sonhava com um teatro amplo, luxuoso, imponente, mais condizente com o surto de desenvolvimento da cidade naquele momento histórico.

12.2.2 Espetáculos

Em março de 1915, apresentou-se a Troupe Gomes, companhia dramática e de variedades, dirigida pelo ator M. Gomes. Semanas depois, foi a vez do tenor José Osório, acompanhado de Fructuoso Vianna ao piano. A primeira canção executada foi a ária *Vesti La Giubba*, de Ruggero Leoncavallo (*O MOMENTO*. Edição nº ?, p 3. Varginha, 1915; ibidem, ed. nº 33, p. 2. Varginha, 12 dez. 1915). Fructuoso Vianna (1896-1976), mineiro de Itajubá, era pianista e compositor. A pedido de Villa-Lobos, compôs uma peça para a Semana de 1922. O tenor José Osório havia estreado no Teatro Carlos Gomes, no Rio de Janeiro, em 1913, pela Companhia Carlos Leal, de operetas, mágicas e revistas. Na ocasião, ele obteve o "mais assinalado sucesso, sendo freneticamente aplaudido" (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 5161, p. 14. Rio de Janeiro, 18 mar. 1913). Ele era casado com Antonieta Osório, soprano absoluto.

Em junho de 1915, foram apresentados um teatro de revista com a peça O

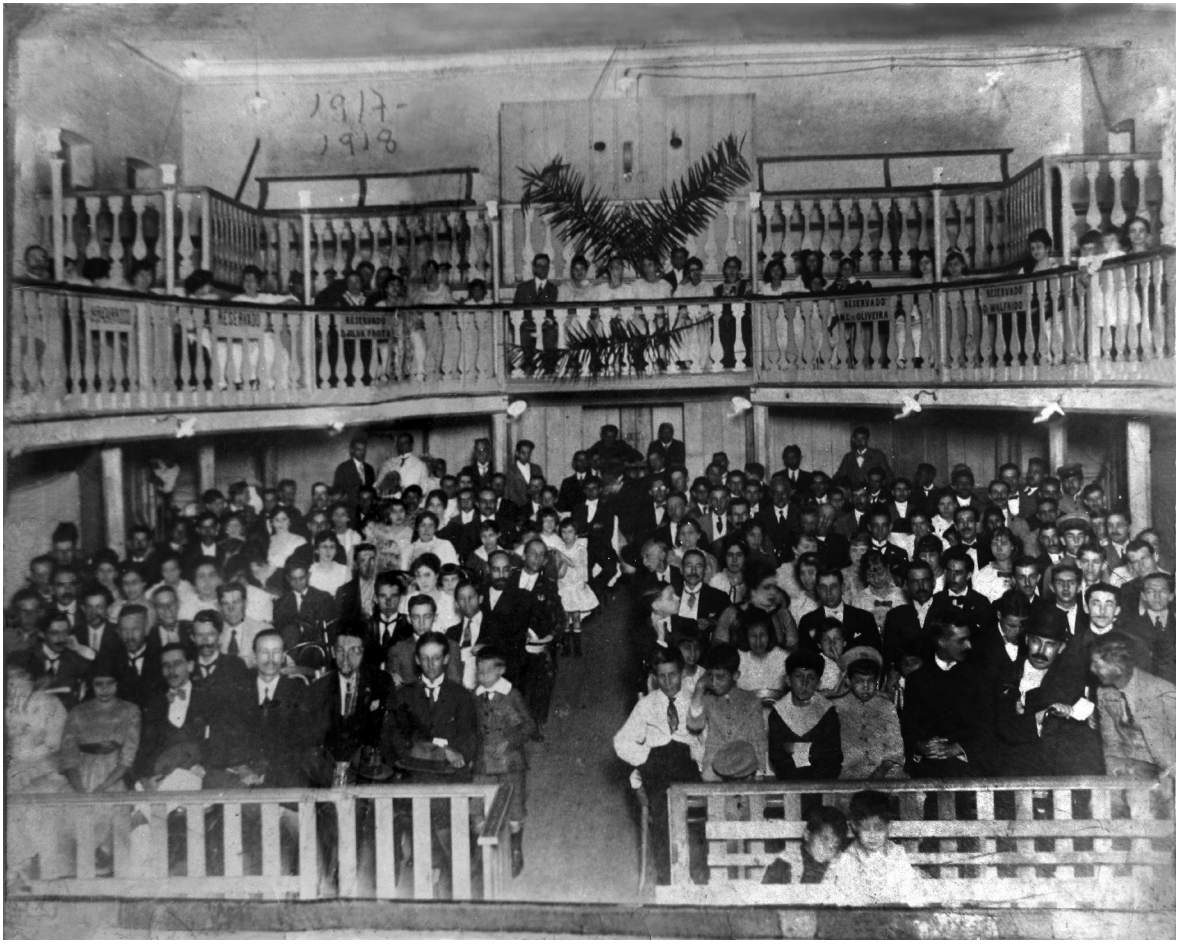
gramofone, considerada pela imprensa local como "espirituosa e digna de toda cotação" e um número variadíssimo do seleto repertório da Troupe Luso-Brasileira (*O MOMENTO*. Edição nº 7, p. 3. Varginha, 13 jun. 1915; ibidem, ed. nº 9. Suplemento do nº 9. Diversões. Varginha, 27 jun. 1915).

Em setembro de 1915, o Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense apresentou a peça Cautela com as mulheres, "engraçadíssima e estrepitosa comédia [...] da lavra do festejado humorista Araújo Pinheiro. A Diretoria do Grupo [...] teve o cuidado de escolher uma peça de valor e de espírito, aliando mais ao programa um ato de variedades em que serão recitadas soberbas poesias e finos monólogos" (*O MOMENTO*. Edição nº 21, p. 3. Varginha, 19 set. 1915).

Em outubro de 1915, estreou a Companhia Silva & Amadim, dirigida pelo ator Arnaldo. No elenco, os atores Ferreira da Silva e Lúcia Fernandes, "artistas de incontestável mérito, que há tempos alcançaram nesta cidade estrondoso sucesso, cuja lembrança ainda desperta em nós uma saudade inefável. [...] Ferreira da Silva ainda é o mesmo cômico irresistível, de um espírito fino e provocante". João Miranda é outro ator da Companhia (*O MOMENTO*. Edição nº 24, p. 2. Varginha, 10 out. 1915).

Em fevereiro de 1916, a jovem pianista mineira Georgina de Boucherville (1899-1985), apresentou um concerto em que executou peças de Chopin, Paderewski, Schumann, Liszt, Beethoven, Grieg e Mendelssohn (*O MOMENTO*. Edição nº 42, p. 3. Varginha, 13 fev. 1916; ibidem, ed. nº 43, p. 2. Varginha, 20 fev. 1916).

Em maio de 1916, a "Grande Comissão Portuguesa Pró-Pátria promoveu um grande e magnífico concerto em benefício da Cruz Vermelha Portuguesa, no qual tomaram parte senhoritas, senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade". Do extenso programa constavam números musicais executados por uma banda de música, números com piano, violinos e bandolim, canto solo, canto coral e declamação de poesias. Na abertura, a banda musical Santa Cruz executou trechos de ópera.



Teatro Municipal e Cine Íris. 2ª Hora Literária.
Foto: Revista Fon-Fon, nº 45, p. 53.
Rio de Janeiro, 10 nov. 1917

Em seguida, teve início a primeira parte do Concerto com a execução das seguintes peças: 1) *Chanson d'amour*, de Charles Acton, com os violinistas professor Olivério Rolim e Julieta Rebelo, acompanhados Cyta Castro ao piano. O redator descreve como foi tocado pela apresentação: "A impecável cadência dos sons, a mágoa gemida dos violinos, casando-se à emotividade expressiva dos artistas, constituíram para a plateia um desses momentos extraordinários, que se nos afiguram em sonho, em que nosso espírito sobe às culminâncias da altura e se perde no mundo das fantasias". 2) *Canção de Margarida*, cantada por Amélia Couto, que a interpretou com expressão e sentimento de sua voz maviosa e cristalina. 3) *Al chiaro di luna*, de G. Guardione, executado pelo violinista Manoel Rodrigues de Souza, acompanhado ao piano por sua esposa Olga Frota de Souza. 4) declamação do poema *A Guilherme II*, de Guerra Junqueiro, recitado por José F. da Silva Júnior. 5) *Berceuse*, de Benjamin Godard, com Olivério Rolim, ao violino e Cyta Castro, ao piano. 6) *As Garças*, canção brasileira cantada por Amélia Couto.

Depois de pequeno intervalo, seguiu-se a segunda parte do programa, em que foram executadas as seguintes peças: 7) *Romance*, de Arthur Napoleão. 8) *Cavatine*, de Joseph Joachim Raff, compositor suíço. 9) *Fado do Bairo Alto*, canto e orquestra. 10) *Serenade espagnole*, em que tomou parte Áurea Rezende, ao bandolim. 11) *Noturno nº 5*, de Chopin, e 12) *Cracovienne Fantastique*, de Ignacy Jan Paderewski, compositor polonês, executados por Judith Frota, ao piano. 13) recitação do poema Portugal, de Alexandre Braga, pelo professor J. Menezes. O espetáculo de sábado foi finalizado com a "Canção do Soldado", cantada por Amélia Couto e coros, em que tomaram parte as senhorinhas Adelina de Oliveira, Noêmia Sérgio, Deosolina Foresti, Ana Isabel de Oliveira, Drosiana Foresti, Maria Isabel de Oliveira e Adélia Avelar. No domingo, foi repetido o mesmo programa, acrescendo dois monólogos recitados pelas meninas Ester e Mercedes de Carvalho. Zezé, um menino, recitou o poema Pálida e loira, de Feijó (*O*

MOMENTO. Edição nº 56, p. 2. Varginha, 28 maio 1916; ibidem, ed. nº 57, p. 2. Varginha, 04 jun. 1916). Amélia Couto tinha um atelier na Praça Rio Branco em que executava trabalhos de costura para homens e mulheres e *posticheuse* de cabeleireira (trabalhos nos cabelos pelo sistema francês) (*O MOMENTO*. Edição nº 69, p. 4. Varginha, 27 ago. 1915). Manoel Rodrigues de Souza era médico especialista em doenças nervosas, tendo sido nomeado, em 1917, médico da Rede Sul-Mineira de Viação.

Em janeiro de 1917, foi encenado o drama Jocelyn, o pescador de baleias, com as atrizes Isaura e Nieta de Oliveira, Américo Casseano de Oliveira, J. Menezes, Antônio Lúcio e J. Silva. A renda foi em benefício do Varginha *Sport Club*, time de futebol (*O MOMENTO*. Edição nº 86, p. 3. Varginha, 07 jan. 1917). A peça, em quatro atos, é uma tradução de Frederico Napoleão de Vitória do drama francês *Jocelyn le baleinier* (Jocelyn, o baleeiro), de autoria desconhecida, e fazia parte da Série Teatro Escolhido para Amadores e de Agrado Certo. O tradutor afirma que não alterou o tema da peça, mas criou cenas novas, modificou personagens e excluiu várias falas. Assim, tornou-se também coautor. A trama é ambientada na Martinica, nas Antilhas Francesas, em 1872, e conta com vários personagens. A capa do livro da 4ª edição (1927) traz a informação: "Representado com grande sucesso em quase todos os teatros de Portugal e Brasil". No texto publicado em livro, a peça é anunciada como "imitação acomodada às exigências de sociedades dramáticas de poucos recursos e de pequenos palcos". Antes da tradução de Napoleão de Vitória, a peça já havia sido traduzida algumas vezes para o português, em uma delas com o título de Coração de marinheiro, embora essas traduções não tivessem sido publicadas.

Em abril de 1917, contratado pelo empresário teatral José Navarra, apresentou-se no Teatro Municipal o barítono brasileiro Ferreira da Silva que, anteriormente, havia feito outras récitas no mesmo local. Fazia parte do seu repertório canções, cançonetas e trechos de óperas. Nessa apresentação, o artista não veio com sua orquestra, sendo

acompanhado por músicos de Varginha. Do programa constaram as seguintes peças: Valsa dos que sofrem, do compositor pernambucano Alfredo Gama (1867-1932), Jenuy e trechos da Tosca, Rigoletto, Aída e Cavalleria Rusticana (*O MOMENTO*. Edição nº 104, p. 6. Varginha, primeiro maio 1917).

Em maio de 1917, apresentaram-se as Irmãs Vidigal, companhia portuguesa de operetas, comédias e variedades, sob a direção do ator José Lopes Vidigal (*O MOMENTO*. Edição nº 109, p. 3. Varginha, 03 jun. 1917; ibidem, ed. nº 108, p. 3. Varginha, 27 maio 1917). No Brasil desde 1910, as jovens cantoras lisboetas eram consideradas crianças prodígio, "duas rapariguitas portuguesas, mais conhecidas por Lusitanitas". Em 1914, elas estrearam com um espetáculo no Palace Theatre, no Rio de Janeiro (*JORNAL DO BRASIL.* Edição nº 198, p. 11. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914; ibidem, ed. nº 210, p. 14. Rio de Janeiro, 29 jul. 1914; *CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 5619, p. 5. Rio de Janeiro, 14 jul. 1914). Nesse mês, ainda foi apresentado um espetáculo com cançonetas do repertório do barítono Ferreira da Silva. A renda foi destinada ao benefício do barítono e de seus auxiliares da orquestra, em Varginha, Olivério Rolim, José Fonseca e Joaquim R. de Lima. O festival foi encerrado com um monumental baile (*O MOMENTO*. Edição nº 105, p. 3. Varginha, 06 maio 1917).

Em novembro de 1917, foi realizada a 2ª Hora Literária "devido à iniciativa do apreciado homem de letras, Honório Armond, colaborador da Revista *Fon-Fon,* e do maestro Olivério Rolim" (*FON-FON*. Edição nº 45, p. 53. Rio de Janeiro, 10 nov. 1917). A Revista *Fon-Fon* publicou a nota ilustrada por uma fotografia do Teatro Municipal lotado e outra, em detalhe, de pessoas com instrumentos musicais, portanto, tratou-se de um evento literário-musical. Em Varginha, Honório Armond (1891-1958), poeta, escritor, latinista e bacharel em Letras, foi professor dos Colégios Luso-Brasileiro, São Luiz e Varginhense, tendo residido na cidade durante quase dois anos, entre 1916 e 1918. No Colégio Varginhense, ele lecionou Português, Francês e Matemática. Em 1917,

seu livro de poemas *Ignotæ Deæ*, lançado primeiramente em Varginha, foi impresso nas oficinas do jornal *O Momento*.

Em janeiro de 1918, apresentou-se a Troupe Diógenes-Cardoso, um duo com Licarião Diógenes e Ernesto Cardoso. Foram executadas cançonetas. O espetáculo foi dedicado à Liga Operária Varginhense (*O MOMENTO*. Edição nº 141, p. 2. Varginha, 20 jan. 1918).

Em 10 de dezembro de 1921, sob a coordenação de D. Scintilla Exel, foi realizado no Teatro Municipal o Festival de Caridade, em benefício da Santa Casa. No longo espetáculo, dividido em três partes, com quinze minutos de intervalo entre as partes, foram apresentados os seguintes números executados por alunos:

1ª parte: ginástica, com alunas do Colégio Evangélico Americano. Declamação da poesia A festa e a caridade, por Mariana de Oliveira. A doutora, cançoneta, por Eleonora R. de Melo. A lavadeira, cançoneta, por Elvira Silva. A carta, monólogo, por José Foresti. O futebol, cançoneta, por Durval Silva. A faceira, cançoneta, por Marta Paiva. Um noivo a fim de século, cançoneta, por Joel Exel. A flor da pitangueira, canção, por Mariana de Oliveira. O bico do papagaio, trio com Joel Exel, Durval Silva e E. Lisboa. A canção do melro, por Dina Elisei. A feminista, cançoneta por Mariana de Oliveira. Barcarola dos marinheiros, com várias crianças.

2ª parte: A dona da casa, comédia em ato único. Personagens: Madame Mota, por Mariana de Oliveira. Lília, sua filha, por Lígia R. de Paiva. Benvinda, a criada matuta, por Célia R. Braga. Primo Juca, por Vera Puschman. Vendedora de peixe, por Elvira Silva. Hortelba [sic], por Amália Meduna. Após a peça, foi executada a cançoneta O funileiro, por José Foresti.

3ª parte: Uma festa na roça: Canto chorado, cançoneta, por Célia R. Braga. Fogo de paia, cançoneta, por Vera Puschman. Chão parado, cançoneta, por Lígia R. de Paiva. Recitativo caipira, por Durval Silva. Quadria encrencada, por Célia R. Braga e Nair

Ribeiro. O café, número final, executado por todas as crianças (*O MOMENTO*. Edição nº 13, p. 2. Varginha, 18 dez. 1921). O Colégio Evangélico Americano, para meninos e meninas, funcionava em regime de internato e externato em um edifício na Rua Wenceslau Braz. Em 1922, sua diretora era Miss Geneviève Marchant.

Em 1922, apresentou-se a companhia de revistas com o trio Os Lusos, que levou à cena O cartão do diabo, revista em dois atos. O trio era composto por Milton, Domingos Terras [sic] e pela atriz e cantora Balbina Milano, que representou o número de transformações e canto (*O MOMENTO*. Edição nº 19, p. 2. Varginha, 05 fev. 1922). A partir de 1924, Balbina Milano trabalhou pela Companhia Oscar Ribeiro em várias burletas de costumes encenadas nos palcos do Rio de Janeiro como o Teatro João Caetano e o Teatro Recreio. Nesse último, era considerada "um dos elementos prestigiosos de maior destaque da companhia desse teatro" (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 9.974, p. 8. Rio de Janeiro, 22 jul. 1927). Na peça Ben-Hur (1931), Milano trabalhou com o tenor Vicente Celestino.

Em abril de 1922, foi realizado o segundo espetáculo em benefício das obras da Santa Casa de Misericórdia, promovido pela professora Scintila Exel. O teatro foi cedido por José Navarra. Na festa beneficente foi representada uma comédia, encenados diálogos caipiras e declamadas poesias, pelas alunas do Colégio Evangélico Americano. D. Manica Ximenes de Souza abrilhantou o espetáculo com a execução de peças musicais. A festa proporcionou um lucro líquido de Rs 1:900$000 (um conto e novecentos mil-réis) à Santa Casa (*O MOMENTO*. Edição nº 29, p. 2. Varginha, 30 abr. 1922).

Em 1923, apresentaram-se Os Orestes, grupo de duetistas. Os Orestes fizeram mais de uma exibição. O Dr. Rossi deleitou a plateia com os segredos da alta magia e Mme. La Duquesa, a célebre cantora sem rival, completou o encanto e o sucesso do espetáculo (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 7, p. 5. Varginha, 09 dez. 1923).

Em 1924, os bailes "no Íris Cinema estiveram bastante animados, sendo que nesta casa de diversões os festejos e danças foram realçados pela popular e correta banda musical do maestro Marciliano Braga" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 20,p. 2. Varginha, 09 mar. 1924). No mesmo ano, apresentou-se em audição o "apreciadíssimo Lauffeur, o músico vagabundo [...] exímio executor dos mais esquisitos e difíceis instrumentos, desde o pau de vassoura, duro e temido, até o violino choroso e apaixonado. Como nota final, na plateia, um baile *chic* e estonteante" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 18, p. 2. Varginha, 24 fev. 1924).

12.2.2.1 Companhia Negra de Teatro de Revistas (1926-1927): De Chocolat e Grande Otelo

Entre o final de 1926 e o início de 1927, apresentou-se na cidade a Companhia Negra de Teatro de Revistas, fundada e dirigida por De Chocolat e Jaime Silva. De Chocolat era o nome artístico do baiano João Cândido Ferreira (1887-1956). Jaime Silva era branco e cenógrafo português. De Chocolat foi produtor, autor teatral, ator, compositor, músico e bailarino. A Companhia Negra de Revistas, inspirada na *Revue Nègre*, de Paris, sucesso com Josephine Baker, foi a primeira do País formada por atores e atrizes pretos e mulatos. Os espetáculos de grandiosas montagens, assim como o nome da Companhia, faziam referência à cor da pele dos artistas: Café torrado, Tudo preto, Carvão nacional e Preto e branco. A Companhia fez enorme sucesso nos Teatro Rialto e República, no Rio de Janeiro, segundo o *Correio da Manhã* (15 ago. 1926), um "ultra formidável sucesso". Os cenários pintados da Revista Tudo Preto, eram de Jaime Silva. Dentre as artistas da Companhia podemos citar Rosa Negra (atriz e cantora, também chamada de *Black Rose*), Florence Mills, Jandira Aimoré, Dalva

Espíndola, Dejanira Flora, Déo Costa, Miss Mons, Soledade Moreira e os senhores De Chocolat, Guilherme Flores, Belisário Viana, Vicente Fróes, Waldemar Palmieri e Domingos de Souza. A Companhia chegou a contar com a participação de trinta *black-girls*. Além desse numeroso elenco, em Tudo Preto ainda trabalhavam as crianças Alfredo, Roberto e Marta Martins (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 9642, p. 7. Rio de Janeiro, 29 jun. 1926; *JORNAL DO BRASIL*. Edição nº 53, p. 14. Rio de Janeiro, 03 mar. 1927. *JORNAL DO COMMERCIO*. Edição nº 180, p. 5. Rio de Janeiro, primeiro jul. 1926; ibidem, ed. nº 189, p. 6. Rio de Janeiro, 10 jul. 1926; ibidem, ed. nº 207, p. 5. Rio de Janeiro, 28 jul. 1926).

Segundo o *Jornal do Brasil*, a Companhia Negra recebeu as melhores referências do público e da imprensa em várias cidades mineiras, inclusive em Varginha. Provavelmente, o espetáculo ou um dos espetáculos apresentados em Varginha foi "Café torrado, revista de grande montagem que constituiu um dos maiores sucessos da mesma [Companhia] durante sua excursão pelos estados [de Minas e de São Paulo]" onde realizou "magnífica e triunfal *tournée*" (*JORNAL DO BRASIL*. Edição nº 53, p. 14. Rio de Janeiro, 03 mar. 1927).

Fazia parte dessa histórica Companhia o menino Sebastião Bernardes de Souza Prata, que viria a ser conhecido como Grande Otelo (1915-1993), que, em pouco tempo, devido ao seu grande talento, se tornou a atração da trupe. A passagem de Grande Otelo por Varginha é registrada por Sérgio Cabral no livro Grande Otelo: uma biografia (CABRAL, 2007, p. 37).

Apesar de, desde o início, não faltarem elogios na imprensa da época, a Companhia Negra de Revistas foi alvo do racismo, do preconceito, da ironia e do deboche. A nota elogiosa do *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro, 29 jul. 1926, p. 7): "Ao que nos informam, a novel "troupe" fará uma ótima apresentação ao nosso público, por isso que, além do mérito próprio, é magnificamente representada, luxuosamente

OTHELLO

O furor da Companhia Negra de Revistas, no Republica.

Para Todos [maganize]. Ed. 431, p. 22. Rio de Janeiro, 19 mar. 1927

vestida e encenada, e a sua ação decorrerá dentro de deslumbrantes cenários de Jaime Silva" é contrabalançada pelo racismo expresso em outra nota publicada na Revista *Careta*: "O "negrismo" é a grande moda do momento [...] nós, que cá temos De Chocolat e a sua tribo, não devemos ter inveja de Paris nem de Londres... Negros por negros, nós cá também os temos – e dos melhores..." (*CARETA*. Edição nº 964, p. 23. Rio de Janeiro, 11 dez. 1926). A sociedade brasileira dos anos 1920 estabeleceu uma relação dúbia e contraditória com a Companhia Negra de Teatro de Revistas: aplauso e deboche, admiração e desprezo, reconhecimento e preconceito, por conseguinte, ela teve uma curta existência entre a criação, o apogeu e a decadência (1926-1927), mas marcou a história do teatro nacional e do teatro em Varginha ao apresentar-se na cidade, no antigo Teatro Municipal. Foi o último grande espetáculo antes que ele cerrasse definitivamente suas portas.

Somente na década de 1940, o negro retoma seu lugar como um dos protagonistas do teatro brasileiro, por meio da fundação do Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, por Abdias Nascimento (1914-2011) e sua mulher Maria Nascimento. A companhia esteve em atividade entre 1944 e 1961.

12.2.3 Filmes

Em maio de 1915, o Cinema Íris era anunciado no jornal *O Momento*: "Continua sempre em foco essa luxuosa casa de diversão, primando por exibir os melhores e mais sensacionais *films* cinematográficos do mundo" (*O MOMENTO*. Edição nº 5, p. 3. Varginha, 30 maio 1915). Nesse mês, o Íris anunciava o magnífico filme A última dança, da conceituada e conhecida Fábrica Pasquali. Tratava-se de "um drama emocionante, que merece ser por todos admirado, quer pela sua originalidade, quer pelo desempenho de seus personagens" (*O MOMENTO*. Edição nº 4, p. 3. Varginha, 23 maio 1915).

Panfleto do Cine Íris
10 maio 1925

Em algumas situações sociais, especialmente as de calamidade pública, ao assistir teatro e cinema, o varginhense revelava sua preocupação social. Em 11 de julho de 1915, a renda da série de filmes exibidos no Íris Cinema foi destinada às vítimas da seca no Ceará (*O MOMENTO*. Edição nº 11, p. 3. Varginha, 11 jul. 1915). O drama dos cearenses assolados por essa seca histórica deu origem ao romance O quinze, de Rachel de Queiroz.

Em 1917, o Íris Cinema era considerado a melhor casa do gênero no Sul de Minas, não somente pela excelente comodidade que oferecia o prédio em que funcionava, mas também pelo esforço que seu proprietário empregava de exibir apenas filmes de verdadeira concepção artística, embora caros e de difícil aquisição (*O MOMENTO*. Edição nº 110, p. 3. Varginha, 10 jun. 1917).

Desde o início da história do cinema, a população varginhense prestigiava os filmes nacionais. Em 1917, os leitores enviaram cartas à redação do jornal *O Momento* em que solicitavam que os proprietários dos cinemas exibissem o filme Lucíola, baseado na obra de José Alencar, que tanto sucesso fizera no Rio de Janeiro e em São Paulo. Um mês depois, a solicitação do público foi atendida e o filme foi exibido no cinema do Teatro Municipal. Após a exibição, uma crítica publicada pela imprensa revela o preconceito da época, na cidade, contra o erotismo e a nudez: "Lucíola, exibida a [sic] poucos dias, é uma fita bem feita e bem trabalhada. É pena que, em alguns quadros, ela se nos afigure de uma nudez escandalosa e atentatória...". Para contrapor, o Cinema Brasil prometia "para a próxima semana *films* de ordem religiosa" (*O MOMENTO*. Edição nº 86, p. 3. Varginha, 07 jan. 1917; ibidem, ed. nº 91, p. 3. Varginha, 04 fev. 1917; ibidem, ed. 100, nº p. 3. Varginha, primeiro abr. 1917). Lucíola é um filme mudo brasileiro, de 1916, produzido pela Leal-Film, dirigido por Franco Magliani e estrelado por Aurora Fúlgida (nome artístico da atriz romena Aurelia Cocaneanu), com os atores Franco Magliani, Ortolando Garcia, Edmundo Maia e Leonardo Laponte (CINEMATECA BRASILEIRA, 2021).

Em 14 de outubro de 1926, a empresa cinematográfica proprietária do Cine Íris publicou o anúncio com a programação dos filmes da semana, entre quinta-feira e sábado. Após o final da programação, consta o seguinte e esclarecedor Note Bem: "N. B. – As Sessões do Cinema são independentes do Theatro" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 173, p. 3. Varginha, 14 out. 1926). Nada como o esclarecimento da empresa cinematográfica da própria época, para afastar as dúvidas em definitivo! A nota publicada mostra que os varginhenses que viveram durante aqueles anos, também confundiam as programações do cinema e do teatro.

Em 15 de março de 1927, meses antes da inauguração do Teatro Capitólio, o Cineteatro Íris ainda funcionava com sua programação normal. Um impresso convidava a população para a estreia do "portentoso filme O príncipe e a escrava, o maior acontecimento cinematográfico de todos os tempos" com duas sessões: a primeira, às 18h30min. e a segunda, às 20h30min., com "bilhetes à venda na bilheteria do teatro" (IMPRESSO, 15 mar. 1927).

12.2.4 Eventos políticos, cívicos e sociais

Além dos espetáculos e dos filmes apresentados, o Teatro Municipal era, ocasionalmente, utilizado para a realização de eventos políticos e sociais.

Entre 31 de agosto de 1912 e 05 de janeiro de 1913 e entre 30 de abril de 1913 e 02 de fevereiro de 1914 foram realizadas, no Teatro Municipal, 27 sessões da Câmara Municipal (SALES, 2019, p. 58).

Em 12 de abril de 1914, foi realizada a sessão especial da Câmara Municipal com a solenidade da inauguração da luz elétrica em Varginha, com a presença dos políticos mineiros Wenceslau Braz, vice-presidente do Brasil e Delfim Moreira, que em setembro desse ano seria eleito presidente (atual cargo de governador) de Minas

Gerais. A sessão foi presidida pelo capitão Antônio Rebello da Cunha, vice-presidente da Câmara, secretariado por Evaristo Gomes de Paiva Júnior, secretário da Câmara. O vice-presidente da Câmara declarou que, a partir daquela data, a Câmara Municipal, "em homenagem aos Ex^{mos} Snr^{s} Drs Wenceslau Braz Pereira Gomes e Delfim Moreira da Costa Ribeiro, resolveu a dar o nome de Dr Wenceslau Braz à Rua de São Pedro e de Dr Delfim Moreira à Rua Municipal". "Em seguida, declarou mais o Exmo Snr Cap^{m} Vice-Presidente que ia-se proceder à inauguração da luz elétrica. Tomou a presidência o Exmo Snr Dr Wenceslau Braz Pereira Gomes e o Exmo Snr Dr Delfim Moreira da Costa Ribeiro apertando o botão elétrico, fez-se a luz" (LIVRO DE ACTAS E. PAIVA [DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1910 A 1915, fls. 73v^{o} e 74f.).

Em 15 de novembro de 1915, ao meio-dia, em um evento cívico realizado na cidade em comemoração à data da Proclamação da República, reuniram-se no Teatro Municipal "gentis e graciosas senhoritas", que representaram os 21 estados da União, crianças das escolas públicas dirigidas pelas educadoras D. Emília Eugênia Ferreira, D. Amélia Braga da Costa e Silva, D. Alcina Ferreira, Mlle. Randolfina Paiva, Mlle. Alice Macedo e Mlle. Olga Alvarenga, essa última, irmã da etnomusicóloga varginhense Oneyda Alvarenga, e a corporação musical União Varginhense. Em seguida, o público saiu do teatro em cortejo pelas ruas da cidade até a residência de Antônio Pinto de Oliveira, juiz de direito, para receber das mãos dele a bandeira nacional (*O MOMENTO*. Edição n° 30, p. 1. Varginha, 21 nov. 1915).

Em março de 1916, foi realizada uma "imponente *soirée* dançante no Teatro Municipal oferecida por nossa sociedade aos valentes *players* de Alfenas, a que concorreu seleta e animadora assistência" (*O MOMENTO*. Edição n° 4, p. 1-2. Varginha, 02 abr. 1916). O baile foi uma homenagem da sociedade varginhense aos jogadores do time América Futebol Clube, de Alfenas, que esteve em Varginha para um jogo de futebol com o time do Varginha *Sport Club*. O time de Alfenas venceu o de Varginha por 1 x 0.

Em 04 de junho de 1916, a colônia italiana da cidade promoveu uma "festa patriótica comemorativa do aniversário da entrada da Itália na Guerra". Após eloquentes discursos de alguns imigrantes italianos, houve dança figurada de crianças vestidas a Luiz XV. Tomaram parte no minuete Aída, Maria e Clotilde Foresti, Renato Sérgio, Carmelita e Orlando Fenoci, Aída Natali e Adélia Perrupato (*O MOMENTO*. Edição nº 58, p. 2. Varginha, 11 jun. 1916).

Em agosto de 1916, foi realizada a conferência O espírita moderno, pelo diretor do Centro Espírita do Rio de Janeiro, cujo nome não foi citado na nota publicada pela imprensa (*O MOMENTO*. Edição nº 69, p. 3. Varginha, 27 ago. 1916).

Em agosto de 1916, aconteceu a "segunda reunião do povo desta terra para a fundação definitiva da Linha de Tiro Varginhense". No dia 27, foi realizada a Instalação da Linha de Tiro, com a presença do prefeito Afonso de Oliveira Castro e do tenente Isaltino de Pinho, militar do Exército Brasileiro (*O MOMENTO*. Edição nº 70, p. 2. Varginha, 03 set. 1916; ibidem, ed. nº 71, p. 2. Varginha, 10 set. 1916).

Em 11 de dezembro de 1921, foi realizada uma reunião da diretoria do Clube Varginhense sobre o funcionamento dessa sociedade recreativa, "cujo prédio estará concluído até o fim do mês" (*O MOMENTO*. Edição nº 12, p. 2. Varginha, 11 dez. 1921).

Em 1922, foi realizada uma reunião dos sócios do Tiro de Guerra 255 já alistados, para organizarem a diretoria da instituição (*O MOMENTO*. Edição nº 17, p. 2. Varginha, 22 jan. 1922).

Nas eleições presidenciais de 1922, o Theatro Municipal foi um dos edifícios da cidade utilizados como local de votação da Segunda Seção Eleitoral do Distrito da Cidade (*O MOMENTO*. Edição nº 22, p. 3. Varginha, 26 fev. 1922).

Por vezes, as apresentações artísticas no Teatro Municipal eram perturbadas por manifestações políticas exacerbadas, quando alguém da plateia jogava objetos no palco ou nos artistas. Foi o que aconteceu, em março de 1922, durante a execução de

uma peça musical ao piano por Manica Ximenes Souza, pianista do cinema. O incidente motivou a publicação de uma Declaração de Júlio Alves Teixeira, em que ele reconheceu os ânimos exaltados pela paixão política e afirmou que não teve a intenção de ofender, nem física nem moralmente, "a distinta pianista do Cinema" (*O MOMENTO*. Edição nº 24, p. 3. Varginha, 19 mar. 1922). Júlio Alves Teixeira tinha sido vereador especial do distrito da cidade de Varginha, eleito para o triênio 1919-1921 (SALES, 2021, p. 117). Em 20 de setembro de 1922, foi realizada "a festa comemorativa da gloriosa data da unificação da Itália". Um dos eventos, a conferência oficial, foi realizada no Teatro Municipal, com todos os assentos ocupados. A conferência foi iniciada com a corporação musical Santa Cruz, que executou os hinos do Brasil e da Itália. Em seguida, os discursos oficiais (*O MOMENTO*. Edição nº 42, p. 2. Varginha, 21 set. 1922).

13 GRUPOS DE TEATRO AMADOR: GRUPO DRAMÁTICO RECREIO FAMILIAR VARGINHENSE (1893-1915) E GRUPO DRAMÁTICO IDEAL VARGINHENSE (1916)

Segundo o *Almanak Sul-Mineiro* (1884), peças de teatro eram encenadas no teatro da Casa de Instrução desde 1884, no entanto, na documentação pesquisada, as informações sobre esse fato são mais abundantes a partir de 1893.

Em abril de 1893, o texto "Pelo Teatro", publicado na *Gazeta da Varginha*, considerava o ofício do teatro uma "escola de educação", pois, desde os tempos antigos a arte cênica exerce influência sobre os costumes, condena o que é torpe e vil, e faz sobressair o que é nobre e belo. A arte cênica pode, ainda, desenvolver no espectador o gosto pelos estudos literários, dessa forma, constitui "uma das aspirações do espírito do povo, que quer progredir". O teatro é uma instituição que se adapta a todas as classes sociais. As peças encenadas podem ser de sátira política e de crítica aos costumes e

aos textos literários. O texto cita, ainda, os dramaturgos clássicos Sófocles, Ésquilo, Shakespeare, Molière e Racine (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 15, p. 1. Varginha, 23 abr. 1893). Sob essa ótica, o teatro era compreendido como uma atividade pedagógica moralizadora.

Entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, em sua maioria, os grupos varginhenses de teatro amador eram autodidatas e os atores desempenhavam várias funções: de diretores, cenógrafos, figurinistas, escritores de peças e tradutores de poesias. Apesar do amadorismo, os grupos revelavam ousadia e nas montagens de suas peças, não se deixavam intimidar por textos longos, com muitos personagens e por falas difíceis de serem interpretadas como, por exemplo, na montagem de O filho do montanhês, em 1897. As peças montadas eram, em sua maioria, comédias de autoria de dramaturgos locais, brasileiros, franceses, espanhóis e portugueses do teatro popular. O aprendizado se dava por meio de ensaio e erro, na vibração de suores, calafrios, lágrimas e risos no palco, em interação direta com a plateia. A plateia percebia os erros de interpretação e as limitações técnicas do grupo, mas, ainda assim, comparecia aos espetáculos.

Na época das encenações na Casa da Instrução, o público levava suas próprias cadeiras, pois as daquele estabelecimento de ensino não eram suficientes para acomodar tantas pessoas. Desse modo, os varginhenses colaboraram para incentivar o aprimoramento dos atores e possibilitaram que a sua presença constituísse o estímulo para a continuidade dos espetáculos, em conformidade com a antiga máxima *the show must go on*, cuja origem remonta ao século XIX e aos espetáculos circenses. A imprensa local colaborava, publicando notas de divulgação dos espetáculos e críticas às encenações e à representação dos atores. Enfim, esse tipo de vivência que envolvia artistas, público e imprensa, em seu conjunto, é a própria expressão da essência de fazer teatro.

13.1 Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense (1893-1915)

No final do século XIX e no início do XX, os grupos de teatro amador de Varginha eram denominados Grupos Dramáticos. No senso comum, drama é uma situação ou estado que comove por constituir uma experiência emocional penosa e desgastante, o que poderia, a princípio, dar a entender que esses grupos encenassem somente dramas e tragédias. No teatro, no entanto, drama se refere à atividade geral de representar, o que constitui uma arte.

O que significa a palavra 'dramático' utilizada na caracterização do Grupo? Na Poética de Aristóteles, a palavra drama está associada à ação, à representação teatral. Na Grécia Antiga, o drama surge da articulação da literatura com o teatro. Assim, o drama é o texto escrito para teatro, para ser encenado. Desse modo, nessa acepção (não cabe aqui estudar as variações de significados ao longo do tempo), drama pode ser texto de comédia ou de tragédia. Parece que foi esse significado que o Grupo Dramático Varginhense desejou imprimir na sua denominação, uma vez que seus atores encenavam comédias e dramas (tramas com desfechos infelizes) e outros gêneros de textos, além de se interessar pelos estudos literários.

Os grupos dramáticos varginhenses encenavam, portanto, uma ampla variedade de peças: comédias, dramas religiosos, cívicos, morais e psicológicos, operetas, burletas, cançonetas, diálogos, monólogos e declamação de poemas e de textos musicada ou não. Dois grupos foram citados nos jornais locais *Gazeta da Varginha* e *O Momento*: o Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense (1893-1915) e o Grupo Dramático Ideal Varginhense (1916).

A ideia da criação de um grupo de teatro amador, em Varginha, o primeiro de que se tem notícia, passou a ser divulgada pela imprensa local em 03 de dezembro de 1893. A nota histórica merece transcrição de inteiro teor:

> GRUPO DRAMÁTICO VARGINHENSE. Tantas vezes temos visto naufragar a ideia da organização de um grupo dramático nesta cidade, que, ao chegar ao nosso conhecimento que sectários de tão plausível ideia iam se congregar para sua realização, não demos o menor crédito. / Entretanto, parece-nos que, desta vez, a ideia cuja realização apenas depende de uma pequenina dose de boa vontade, vai ser posta em prática, uma vez que o grupo está definitivamente constituído, e eleito o seu diretório composto dos cidadãos seguintes: Presidente – cap. Pedro Braga. Tesoureiro – Américo Vieira. Secretário – Cruz Freitas. / Foi escolhido para primeira representação o magnífico drama "REVOLUÇÃO MINEIRA". Aplaudindo a ideia, fazemos votos para que não fique somente em projeto" (*GAZETA DA VARGINHA*. Grupo Dramático Varginhense. Edição nº 44, p. 2. Varginha, 03 dez. 1893).

O conteúdo do drama Revolução Mineira não foi revelado pelos jornais. Em Minas Gerais, o fato histórico marcante desse período é o Movimento Separatista Sul-Mineiro de 1892, ocorrido na cidade de Campanha, cujo objetivo era a separação do Sul de Minas para constituir um novo estado, o Minas do Sul (SALES, 2018).

O capitão Pedro Braga, conhecido como Pepedro, foi presidente e agente executivo do Conselho Distrital (1893-1894), durante o período da organização político-administrativa estadual por distritos, era proprietário da Farmácia Braga, localizada nas imediações da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, e um dos proprietários do jornal *Gazeta da Varginha.* Anos depois, o jornalista Jorge Silveira, que trabalhara com ele na farmácia e como aprendiz na tipografia, o descreveria: "Amante do Teatro, arranjava sempre um grupo de amadores. A arte o fascinava. Levava à cena comédias e burletas. Tinha um trabalhão dos diabos. Cenógrafo, ele próprio compunha o cenário [...] Músico, organizava serenatas". Segundo Silveira, Pedro Braga passou a residir em

Varginha, em 1884. Fundou, com outros, o Partido Beneficente Popular, iluminou a cidade com luz de querosene e lampião belga, concorreu para a fundação da Santa Casa, montou o primeiro cinema de Varginha – o Cinema Brasil, teve um parque de diversões e era tipógrafo (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 388. Varginha, 15 nov. 1928).

O Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense, citado nos jornais locais do período entre 1893 e 1915, como Grupo Dramático, Grupo Dramático Varginhense, Recreio Varginhense ou GDRFV, era um grupo de teatro amador formado por membros da classe média urbana e católica, profissionais liberais com graduação superior, interessados e estudiosos da literatura, artes e teatro.

Tratava-se de um grupo bem organizado, que prestava publicamente contas de suas despesas. Em abril de 1895, o grupo citou despesas de instalação, de empréstimos e de aquisição de uma coleção de textos de comédia para teatro, materiais e equipamentos para o palco e para os artistas. Foram realizados pagamentos da mão de obra de mestre carapina, pintor, costureiras, ajudantes de serviços gerais e banda de música. Os pagamentos também incluíam as despesas da iluminação dos ensaios (inclusive um lampião), tintas, peças de vestuário e tecidos. O responsável pela prestação de contas foi o capitão Pedro da Rocha Braga (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 15, p. 3. Varginha, 21 abr. 1895). Portanto, conforme se constata, o grupo amador era uma companhia de teatro organizada nos mesmos moldes das companhias de fora, que, ocasionalmente, apresentavam-se na cidade. Vários cidadãos auxiliaram o grupo dramático com empréstimos: José T. Oliveira Santos, Pedro Braga, capitão Urbano Nogueira, João de Souza, Francisco Horácio, Francisco S. Fonseca, Dr. Paulino, capitão José Maximiniano, Prisciliano da Fonseca, Justo Bonifácio, Major João Batista, Teodoro A. Arantes, Joaquim Cândido Sandy, Francisco Paula Ferreira, tenente-coronel Tomás Silva, José Antônio e Djalma Indiano.

No período em estudo, o grupo, muito profícuo, apresentou dezenas de espetáculos,

inicialmente, na Casa da Instrução e, após 1904, no palco do antigo Teatro Municipal.

Entre 1893 e 1916, as apresentações locais de teatro amador eram variadas e contavam com o entusiasmado incentivo do público e da imprensa. Até 1900, a cidade não possuía um teatro, assim, os espetáculos eram apresentados na Casa da Instrução, na Rua da Paz, depois, passaram a ser apresentados no Theatro Municipal (Cinema Íris) e no Cinema Brasil.

Grupos de teatro amador de municípios vizinhos se apresentavam na cidade. Em junho de 1893, um grupo de amadores rio-verdenses, ou seja, de Três Corações do Rio Verde, encenaram duas vezes o drama moralizador Luxo e vaidade na "nossa modesta casa de teatro, que estava esquecida de há muito tempo [...] Os espectadores souberam corresponder à fiel interpretação dada [...] com calorosos e merecidos aplausos. Foi um verdadeiro sucesso!" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 22, p. 1. Varginha, 18 jun. 1893). A peça Luxo e vaidade (1860), comédia em cinco atos, é de autoria de Joaquim Manoel de Macedo (1820-1882). As falas das personagens evidenciam a moralidade do época: "A verdadeira educação de uma moça é aquela que, antes de tudo, deve torná-la uma boa mãe de família". A mensagem moral é clara: as vítimas do luxo e da vaidade não têm direito à compaixão dos homens, são entes imorais que pervertem a sociedade com o seu mau exemplo (MACEDO, 1860/1979).

Esse tipo de "drama moralizador", geralmente, possuía sua trama construída a partir dos eixos estruturais: pecado / transgressão, culpa, castigo e redenção ou ruína. Tem-se aqui, portanto, uma visão educacional moralista que, na prática, revelava a influência dos dogmas da Igreja católica e do moralismo judaico-cristão.

Em março de 1895, a *Gazeta da Varginha* publicou extensa nota sobre o Grupo Dramático Recreio Varginhense. Devido à escassez de informações sobre os primórdios do desenvolvimento do teatro em Varginha, quase uma raridade, e à riqueza de detalhes da nota, consideramos relevante apresentar a transcrição de inteiro teor:

PARABÉNS. O apoio prestado pela população desta cidade ao grupo dramático, nos dias 24 e 25 do corrente mês [março de 1895], que, pela primeira vez exibiu-se, vem levantar a arte e animar o teatro n'esta cidade, onde a sua falta era muito sensível. / Com tão limitado programa, devido à falta de tempo e prática dos amadores, que compareceram para tomar parte nos espetáculos passados, assim mesmo, a população correu para apoiá-los, levando-lhes a sua aprovação à grandiosa ideia que tiveram de criar aquela escola dramática. / A concorrência foi enorme, voltando muitas pessoas por absoluta falta de lugar no recinto do teatro nos dois dias de espetáculos! / A ordem pública foi mantida devido à educação do povo Varginhense, que generoso como é, relevou as grandes faltas cometidas pelo grupo dramático, como prova de sua aprovação à ideia, e por conhecer que ali é uma escola onde os amadores preparam-se para o grande drama que tencionam levar a cena em fins de Abril do corrente ano. / Estando sujeitos à crítica pública, os moços que tomaram parte no primeiro espetáculo, ela tem sido feita com tanta delicadeza, própria dos Varginhenses, que esses mesmos moços mostram-se reconhecidos, procurando a correção apontada pelos entendidos e, animados, voltam à cena, hoje, convictos de que a crítica lhes foi útil e precisa. / Damos nossos parabéns, porque estamos vendo o grupo dramático crescendo, abraçado por todos os habitantes d'esta querida terra, que abandonando, esquecendo mesmo os mexericos, que mais são próprios das aldeias, compareceram certos de que entre seus conterrâneos não poderiam durar os ressentimentos dos últimos choques movidos unicamente pela calúnia que para aqui foi transportada. / Todos reconheceram o intuito do grupo dramático varginhense. / Nós estamos autorizados a dizer que os amadores procuram aprender a arte dramática em primeiro lugar, e em segundo, unir a família varginhense, desapiedadamente retalhada, como se

> fosse composta de mouros e cristãos. / Todos são varginhenses. / Parabéns (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 13, p. 1. Varginha, 31 de mar. 1895).

A nota transcrita acima revela que, desde o final do século XIX, a população de Varginha prestigiava o teatro, sentia a falta tanto de um edifício destinado exclusivamente à apresentação de espetáculos, quanto de companhias de teatro formada por atores, diretores e cenógrafos varginhenses. Assim, a população, de modo geral, incentivava a criação de grupos dramáticos locais e estimulava com sua presença e aplausos o ensino e a aprendizagem dos atores amadores.

Após a nota transcrita acima, a *Gazeta da Varginha* citou os espetáculos apresentados na cidade nos dias anteriores:

> **Recreio Dramático.** Pelo grupo de amadores d'esta cidade foram levados à cena nos dias 24 e 25 [de março de 1895], os seguintes atos: 1º - A poesia Filho exilado, [do português João Pereira da Costa Lima] recitada pelo inteligente moço Sr. Cruz Freitas, que recebeu gerais aplausos pela sua correção. 2º - Navio negreiro, recitada pelo inteligente amador Cordeiro dos Santos, que desempenhou-a com algum receio por ser a primeira vez que subia ao palco. Não foi mal. 3º - A cena cômica – Sacristão Cambraia, desempenhada pelo Sr. Oliveira Santos, e escrita por um dos amadores. Foi regularmente interpretada pelo amador, que a desempenhou a contento. 4º - A comédia – Manda quem pode, representada pelos amadores: Américo Oliveira, Cordeiro [dos Santos], Oliveira Santos, Olímpio Chagas e Djalma Indiano, foi apreciada apesar de algumas incorreções, cabendo ao Sr. Djalma as boas risadas que provocou o desempenho de seu difícil papel. [Ele] Foi a vida da comédia. Os demais amadores sofrivelmente desempenharam

> os papeis que lhe foram confiados. 5º - O trovador, [poesia] recitada pelo amador Evaristinho, foi perturbada pelo desempenho medroso que teve a mesma, devido a nenhuma prática do inteligente moço, que deixou perceber a alteração em que se achava, quando recitava. Julgamos que, de futuro, ele seja um dos amadores que venha fazer honra ao palco varginhense. 6º - A poesia A filha e o sábio, tradução do jovem Sr. Cruz Freitas, que teve como na primeira, feliz êxito e aplausos. Avante! Avante! O povo varginhense apoia as justas aspirações dessa plêiade de inteligentes moços (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 13, p. 1. Varginha, 31 de mar. 1895).

A comédia em um ato "Manda quem pode" foi encenada, em 1891, pelo Grêmio Dramático de Botafogo, do Rio de Janeiro.

Outras apresentações do Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense entre declamação de poemas, cançonetas, cenas cômicas e dramáticas: A doida de Albano (poesia recitada); A minha família (cançoneta); O solo inglês; Em calças pardas (cena cômica); A volta ao mundo em 80 dias; Ondina (poesia); Vítima da sorte (cena cômica); O jogador (cena dramática); Os dois surdos (cena cômica); A judia, espirituoso diálogo encenado por J. Francisco da Silva Júnior e Júlio Fonseca; Caridade e Justiça, poema de Guerra Junqueiro, recitado por J. Menezes; O fiel, poema recitado por Antônio Lúcio; O estudante alsaciano, de Acácio Antunes, recitado por Benedito Fonseca; A voz do sangue, drama (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 14, p. 2. Varginha, 07 abr. 1895; ibidem, ed. nº 15, p. 2. Varginha, 21 abr. 1895; *O MOMENTO*. Edição nº 22, p. 2. Varginha, 26 set. 1915; ibidem, ed. nº 27, p. 2. Varginha, 31 out. 1915).

A expressão "em calças pardas", título de uma cena cômica, significava estar metido em dificuldades, atrapalhadas, complicações.

Em abril de 1895, a *Gazeta da Varginha* publicou a seguinte nota sobre apresentações

teatrais na cidade com o título Recreio Varginhense: "Com a costumada concorrência, foram representadas no domingo atrasado [dia 14], pelo Grupo Dramático desta cidade as seguintes cenas e comédia, que constituiu o ensaio d'aquela noite: 1º - A Poesia – Ondina, recitada pelo Sr. Cruz Freitas. 2º - Vítima da sorte, cena cômica de Garrido, desempenhada pelo Sr. Oliveira Santos. 3º - O Jogador, importante cena dramática, desempenhada pelo amador Sr. Cruz Freitas, que nada deixou a desejar pela perfeição com que a executou, dando exuberantes provas de seu reconhecido talento, confirmado pelas salvas de palmas que recebeu naquela noite. 4º - Ressonar sem dormir, comédia em um ato desempenhada pelos Srs. Cordeiro, Oliveira, José Pereira e João Silva. [...] Hoje, o grupo dramático levará à cena as comédias Os dois surdos, Ressonar sem dormir e Os trinta botões, se chegar a tempo um adereço indispensável que espera para o seu desempenho" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 15. Varginha, 21 abr. 1895). Ressonar sem dormir é uma peça de autoria desconhecida, traduzida do espanhol por Luiz Ferreira de Castro Soromenho. Os trinta botões é uma comédia do dramaturgo português Eduardo Garrido (1842-1912).

Em 31 de março de 1895, o Grupo Dramático apresentou as comédias Sou seca na paçoca, especialmente escrita por um amador, Um penante em calças curtas e Sacristão Cambraia, além da cançoneta O trabalho. Os bilhetes para ingresso eram vendidos na Farmácia Braga (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 13, p. 1. Varginha, 31 de março de 1895). A apresentação de três comédias em um único espetáculo, mais uma cançoneta revela que, provavelmente, as peças possuíam textos curtos, talvez mais longos do que aqueles que, atualmente, denominamos esquetes.

O Grupo Dramático Varginhense produzia várias peças seguidas. Em abril de 1895, foram encenadas as comédias Ressonar sem dormir, em um ato, repetida a pedido do público, Os dois surdos, Os trinta botões, O solo inglês, executado pelo amador Djalma, que desempenhou-a com toda a correção. Nas semanas seguintes, o grupo dedicou-se aos ensaios da peça O quadro da Virgem, drama em único ato, em

que tomariam parte os antigos participantes do mesmo grupo (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 12. Varginha, 25 abr. 1895).

Em 15 de maio de 1897, o Grupo Dramático publicou nota ao público na *Gazeta da Varginha* para informar: "Não estando ainda concluído o cenário para o drama em 1 prólogo e 4 atos – O filho do montanhês – e faltando, ainda, alguns objetos que devem chegar do Rio, destinado ao mesmo drama, pedimos desculpa ao ilustrado público varginhense, por nos ser impossível realizar, hoje, o espetáculo. Oportunamente anunciaremos o espetáculo, não só pela imprensa como por programas especiais. Varginha, 15 de Maio de 1897. Pelo Grupo J. J. LEITE" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 2, p. 1. Varginha, 15 maio 1897).

Nos dias 15 e 16 de maio de 1897, o Grupo Dramático Varginhense, na ocasião dirigido por João J. Leite, apresentou a encenação da peça O filho do montanhês em duas noites de espetáculos nos dias 15 e 16 (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 17. Varginha, 05 maio 1897). O drama, dividido em um prólogo e quatro atos, tinha cenas comovedoras e algumas requeriam força. Entre os personagens o conde de Falerno (João J. Leite), Consuelo, a louca (D. Maria Leite), Victor, filho de Consuelo (João Custódio), um velho fidalgo (Francisco Máximo), um médico novo (Djalma), um cego (Américo de Oliveira) e a velha Margarida, interpretada pelo ator Francisco Borges da Costa. A "rapaziada conquistou mais um triunfo e, digamos, está quebrando a nossa habitual monotonia [...] No mais, bons cenários e um bom trabalho o pano da "boca" de cena, devido às provadas habilitações de A. de Souza Bentim e Melchiades de Oliveira" (*CORREIO DO POVO*. Edição nº 30, p. 3. Varginha, 20 jun. 1897). O cenário era de Antônio de Souza Betim, conhecido como S. Betim, fotógrafo, retratista e pintor residente em Varginha com atelier no Largo da Matriz.

Em junho de 1897, o Grupo Dramático apresentou o segundo espetáculo na cidade. Nota publicada na *Gazeta da Varginha* afirma: "Como esperávamos, os

distintos amadores saíram-se perfeitamente, principalmente os ilustres Srs. J. Leite, no papel de conde, Américo Oliveira, no de Francisco, o cego e a Exma Sra D. Maria Leite, que executou, na nossa humilde opinião, o mais difícil papel de todo o drama. A interpretação dada pelo amador Leite, no papel de cínico, não podia ser melhor, arrancando diversos aplausos, apesar de seu estado de saúde não permitir-lhe de todo melhor desenvolvimento. Parabéns aos ilustres membros do Corpo Cênico, e pedimos-lhes que repitam no próximo domingo" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 4, p. 1. Varginha, 10 jun. 1897).

No dia 13 de junho de 1897, o Grupo Dramático realizou a terceira encenação de "O filho do montanhês", o que mereceu extensa nota publicada no *Correio do Povo,* em que elogiava o grupo pela inteligência e invejável atividade em "uma bela noite de belíssima distração" (*CORREIO DO POVO*. Edição nº 30, p. 3. Varginha, 20 jun. 1897). O *Jornal do Brasil* considerava a peça um "drama de cenas difíceis e do mais difícil desempenho" (*JORNAL DO BRASIL*. Edição da tarde nº 213, p. 2. Rio de Janeiro, 01 ago. 1901).

Os jornais locais da hemeroteca da Fundação Cultural do Município não cobrem todo o período entre 1893 e 1927. Em julho de 1915, estreou no Teatro Municipal o Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense, sob a direção do ator Dias Santos, e colaboração do ensaiador Z. Dias Santos e de Joaquim de Oliveira Miranda (contrarregra), com apresentação do drama Honra e dever, peça em três atos. O grupo contava com dezenas de sócios coadjutores, que colaboravam financeiramente para a sua manutenção, dentre eles, os italianos Luiz Mazelli e os irmãos José e Francisco Navarra (*O MOMENTO*. Varginha, 11 jul. 1915).

Em agosto de 1915, o Recreio Familiar apresentou a peça Honra do médico ou segredo inviolável, drama em três atos, de autoria de Damasceno Vieira. Os atores eram amadores "inteligentes e laboriosos" (*O MOMENTO*. Edição nº 14, p. 2. Grupo

Dramático. Varginha, primeiro ago. 1915).

Apesar do amadorismo dos atores e dos técnicos do grupo responsáveis pela encenação, o Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense conseguia o aplauso do público e da imprensa. Para a plateia varginhense o amor à arte da representação, a possibilidade de sair de casa com a família para assistir um espetáculo ao vivo, feito por pessoas conhecidas e o desejo de incentivar os artistas locais, eram tão valiosos quanto uma representação feita por companhias de teatro profissionais, que vinham à cidade com frequência, procedentes de São Paulo, do Rio de Janeiro e de outros grandes centros urbanos do país. Naquela época e, atualmente, essa verdade persiste. Dessa forma, o jornal *O Momento*, publicou uma extensa crítica sobre a peça Honra do médico. Vale a pena a transcrição de inteiro teor, pois o texto nos mostra, com a linguagem da época, a percepção que os varginhenses possuíam da arte de representar, a importância que atribuíam a ela, e a crítica e incentivo aos autores e atores locais. Conforme se vê, os intelectuais da redação de *O Momento* percebiam que os atores necessitavam do aplauso do público para a sua prosperidade. Prosperidade entendida aqui não como ganho financeiro, mas como aprimoramento profissional no palco. A seguir, o texto:

> Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense. Felizmente, o nosso Grupo, sempre afeto ao entusiasmo e persistente dedicação de seus amadores, no conceito público vai adquirindo os aplausos de que carece, para a sua prosperidade, toda e qualquer associação desse gênero. / O seu segundo espetáculo, efetuado em o dia 5 do fluente [agosto de 1915], revelou, de um modo feliz, o acelerado progresso que o tem movido, quer na admirável cultura artística do corpo cênico, quer na distribuição de papéis e na escolha das peças que vem de exibir. / No "Honra de um Médico" ou "Segredo inviolável", drama levado à cena

quinta-feira passada, teve lugar a estreia dos seguintes amadores: Américo de Oliveira, no papel de Carlos de Aguiar; Jovino de Rezende, no papel de Lucas (criado do dr. Mário), José Francisco da Silva Júnior, no papel de dr. Mário de Castro; Benedito R. Fonseca, Francisco Miranda e Júlio Fonseca, respectivamente, nos papéis de Lemos (advogado), Souza (advogado) e Pedro (criado de Arnaldo). / É digno de nota e dos mais fervorosos emboras, a estreia brilhante de José Francisco da Silva Júnior, no papel de dr. Mário de Castro (o médico). Esse papel, sobre ser por demais extenso, exige, para o seu desempenho, muita perspicácia e muita argúcia a toda prova, atentos aos múltiplos lances dificílimos, que nele se observam. Sendo o papel principal, uma perturbação, uma dissonância na voz ou um defeito no gesto, faria derrubar a peça. O sr. Silva deu mostras de seu valor artístico, revelando ao palco decidida vocação. / Jovino de Rezende, no papel de Lucas, não deixou nada a desejar. Uma felicíssima presença de espírito pôs, de uma feita, toda a plateia nos trâmites do riso. Longe de perturbar-se, compenetrou-se do papel e viajou pela Europa inteira em menos de cinco minutos... / Estreou-se muito bem: muita naturalidade, muito espírito e rigorosa observância aos jogos de cena. / Os Srs. Benedito Fonseca, Francisco Miranda e Júlio Fonseca, saíram-se bem. / Terminou o espetáculo um ato de variedades, em que tomaram parte os srs. J. Menezes, Joaquim Miranda, Jerson Siqueira, J. Liberal e Francisco de Tal. / A Dias Santos e Alberto Moraes, diretor e presidente, e aos demais membros do Grupo, as felicitações sinceras d'*O Momento* (*O MOMENTO*. Edição nº 15, p. 3. Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense. Varginha, 08 ago. 1915).

Em 20 de setembro de 1915, o Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense homenageou os imigrantes italianos em Varginha na data da unificação italiana. Foi encenada uma comédia e, logo após, apresentado um ato com variedades: o diálogo A judia, a recitação da poesia Caridade e justiça, de Guerra Junqueiro e de outros poemas. O espetáculo foi encerrado com duas cançonetas. Posteriormente, o Grupo Dramático homenageou a República Portuguesa, apresentando a Estrada do Crime, drama em quatro atos e Na cidade, comédia do poeta mineiro Belmiro Braga (*O MOMENTO*. Edição nº 22, p. 2. Varginha, 26 set. 1915).

Em dezembro de 1915, foi encenado o drama Os filhos do canalha. "Terminou o espetáculo um bem elaborado ato de variedades, em que foi cantada pelo excelente ator Th. Peixoto a espirituosa cançoneta-reclame "Os Cigarros Fluminenses" (*O MOMENTO*. Edição nº 35, p. 4. Varginha, 25 dez. 1915). Reclame era sinônimo de propaganda, assim, a cançoneta-reclame era uma brincadeira feita pelo cantor com a letra da canção de propaganda dos Cigarros Fluminenses.

Em 15 de janeiro de 1916, a Companhia Dramática Avelina del Valle, auxiliada pelo grupo local Recreio Familiar, apresentou o espetáculo Varginha em flagrante, revista de costumes locais com os personagens: Varginha, representada pela atriz Alvarina Pereira; Bernardes, o matuto, por Alberto Moraes; o Cicerone ou cidadão de Varginha, por Antônio Luccio, e um turco mascate, por Chair Nogueira (*O MOMENTO*. Edição nº 39, p. 3. Varginha, 23 jan. 1916). Essa produção é significativa por revelar o desejo da Companhia em criar enredo e personagens com conteúdo local. Chair Nogueira era dentista com consultório na Rua de São Pedro (atua Wenceslau Braz).

Outras peças apresentadas pelo grupo: Os dois mineiros na corte, jocosa e engraçadíssima comédia (out. 1915), A louca dos Pirineus, drama da vida real em quatro atos, encenado no Cineteatro Íris (nov. 1915), Máscaras de bronze (1916) e A hora do suplício e Dr. Sacristão (1917).

A "Estrada do crime", drama em quatro atos, foi encenada no dia 05 de outubro de 1915, com desfecho magnífico no decorrer das cenas e sensacional no seu epílogo. Nesse drama, tomaram parte: T. Peixoto, no papel de Pedro Gueron; J. Menezes, no papel de Jacob Gaillet; Jovino Rezende, no de Durand (carcereiro); Antônio Lúcio, no de John Bluter; Benedito Fonseca, no de Alfredo (operário); Júlio Fonseca, no de Joubert (criado); Arthur Braga, no de Petit Jean; Avelina Del Vale, nos papeis de Carlota e de Rosa; Celestina Del Vale, no de Tia Marta. Os títulos dos atos foram: 1. O assassinato. 2. A fuga. 3. A visão. 4. Punição. A comédia Na cidade, hilariante e espirituosa opereta do poeta mineiro Belmiro Braga, contou com a participação dos atores: Alberto Moraes, no papel de Anacleto; Celestina Del Valle, no de Rufina (sua mulher); Senhorita Adélia Avelar, no de Carolina (sua filha); T. Peixoto, no de Anastácio; Avelina Del Vale no de Josefa. Os espetáculos foram encenados em homenagem à República Portuguesa (*O MOMENTO*. Edição nº 24, p. 1. Varginha, 10 out. 1924).

O Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense preocupava-se com outras questões além do teatro. Em 1915, realizou uma série de espetáculos em benefício do time de futebol Varginha *Sport Club* (*O MOMENTO*. Edição nº 33, p. 3. Varginha, 12 dez. 1915).

13.2 Grupo Dramático Ideal Varginhense (1916)

Em 1916, foi criado o Grupo Dramático Ideal Varginhense, de teatro amador. Na estreia, a encenação das peças O voluntário da honra, drama do escritor Santos Lima, "peça de valor, como bem poucas há, que apresenta quadros comoventes e de uma moral a toda prova" e Caipira Quincas, "comédia de espírito fino e penetrante". O elenco que participou das apresentações foi composto pelos atores: em O voluntário da honra: Américo de Oliveira (personagem João Praxedes); Srta. Isaura de Oliveira

(Joana, sua mulher); Luiz Teixeira (Antônio, seu filho, voluntário e estudante de direito); Benedito Fonseca (Francisco); José S. Fonseca (Silvério do Amaral) e Júlio Fonseca (Oficial de Justiça). Em o Caipira Quincas: Américo de Oliveira (Manoel Coelho); Srta. Isaura de Oliveira (Luiza, sua mulher); José S. Fonseca (Ernesto dos Santos); Luiz Teixeira (Quincas) e Antonieta de Oliveira (Maria, a criada) (*O MOMENTO.* Edição nº 44, p. 2. Varginha, 27 fev. 1916).

Em novembro de 1924, foi encenada a comédia dramática "Educação moderna", de Wenceslau Rosa, colaborador do *Arauto do Sul*, por ocasião das programadas festas de caridade em benefício do Hospital de Varginha, que, posteriormente, viria a ser o atual Hospital Regional do Sul de Minas. Segundo a nota publicada no referido jornal, a peça combatia os falsos princípios da educação ministrada aos indivíduos da sociedade contemporânea daquela época. O local da apresentação da peça não foi informado (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 09 nov. 1924).

Outra nota, na mesma página, anunciava a chegada da Companhia Carrara, "importante companhia dramática que, já por várias vezes, tem deleitado com o seu brilhantismo a culta plateia varginhense" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 09 nov. 1924). Além de informar o nome da Companhia e de dizer que ela esteve várias vezes, em Varginha, o jornal nada informou sobre os espetáculos apresentados. A Companhia Carrara era formada, dentre outros artistas, pelas atrizes Electra Carrara e Francisca Brazar. Dois meses antes de se apresentar em Varginha, a Companhia encenou no Coliseu Du'Du', do Rio de Janeiro, a opereta Rosas de Nossa Senhora, em dois atos, a burleta Cenas da Roça, em um ato, O infanticídio, comédia em um ato e Seu Eusébio, um grande ato de cabaré. É bastante provável que alguns desses espetáculos tenham sido os que foram encenados em Varginha. A atriz Electra Carrara, conhecida nos palcos brasileiros da década de 1920, era filha da atriz Maria Cristina. Ela estreara no início da década, no Rio de Janeiro, no Teatro Phenix, tendo atuado nos teatros

Centenário, Coliseu da Praça da Bandeira e Parisiense. Atuou pelas Companhias Lucília Peres e Garrido. No final da década, fez sucesso pela Companhia Jayme Costa com a peça O Professor Castidade. Trabalhou em burletas sertanejas, comédias e em papéis dramáticos como a Nichette, de A dama das Camélias, de Alexandre Dumas Filho (*JORNAL DO BRASIL.* Edição nº 219, p. 27. Rio de Janeiro, 11 set. 1924; ibidem, ed. nº 221, p. 31. Rio de Janeiro, 13 set. 1924. *CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 8.176, p. 10. Rio de Janeiro, 22 jul. 1921; ibidem, ed. nº 8.479, p. 4. Rio de Janeiro, 23 maio 1922. *JORNAL DO COMMERCIO*. Edição nº 165, p. 8. Rio de Janeiro, 12 jul. 1928. *JORNAL DO BRASIL*. Edição nº 196, p. 10. Rio de Janeiro, 17 jul. 1921; ibidem, ed. nº 191, p. 15. Rio de Janeiro, 09 ago. 1924).

Em outubro de 1926, estreou na cidade a Companhia de Comédias Alma de Andrade com a encenação da peça O Ministro do Supremo, sob a direção do ator Zapparolli (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 172, p. 4. Varginha, 10 out. 1926). A peça era uma comédia de teatro declamado de autoria de Armando Gonzaga. Meses antes, em julho, a peça fora encenada no Brás Politeama de São Paulo.

14 GRÊMIO VARGINHENSE (1905)

Segundo o *Correio do Sul*, jornal local, de 26 de novembro de 1905, nesse ano estava em atividade o Grêmio Varginhense, uma associação cultural da sociedade civil sem fins lucrativos, com sede na região central da cidade. As atividades realizadas por essa associação eram literárias, científicas e musicais e seus programas eram publicados nas páginas do jornal *Correio do Sul*, sob o título de *O Grêmio*, em colunas reservadas, todos os dias em que este circulava. O Grêmio tinha por sede um salão, onde as atividades artísticas eram realizadas. O endereço não foi informado pelo periódico.

Nessa data, eram membros da diretoria do Grêmio: Dr. José Frota (presidente); Dr. João Paiva (vice-presidente); José J. de Miranda (primeiro-secretário); João Miranda (segundo-secretário); Evaristo Soares (tesoureiro); José Couto (bibliotecário); Domingos Diniz (procurador) e padre José Maria Mendes e Dr. Assis Lima (oradores). O padre José Maria, poeta, era o vigário da Paróquia do Divino Espírito Santo. José Frota era médico formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo se mudado com a família, para Varginha, em 1895. O consultório foi instalado no Largo da Matriz.

Em 18 de novembro de 1905, foi realizado nos salões do Grêmio, um concerto organizado por D. Leonor Araújo e por Cita Rebelo, nomeadas pelo presidente Dr. José Frota. O programa executado, erudito e sofisticado, foi o seguinte:

A primeira parte consistiu na execução do Hino Nacional Brasileiro com piano tocado a quatro mãos e dois violinos. Participaram as senhoritas Astorlinda Macedo, Cita e Julieta Rebelo e o senhor Joaquim Garcia da Fonseca. Em seguida, Astorlinda Macedo executou a peça Não pensas em mim – *Chanson brésilienne*, de Stanislau Masulli, música original para mão esquerda. *Mon ame à Dieu, mon coeur à toi*, romanza com música de Antoine-Louis Clapisson, para canto e piano com as senhoritas Cocóta Ataíde e Cita Rebelo. *Méditation*, de Charles Gounod, para piano e dois violinos, com Cita Rebelo, Julieta Rebelo e Joaquim Garcia. *Il Trovatore* – Fantasia para violino e piano, de Jean-Baptiste Singelée, com Julieta e Cita Rebelo. No primeiro intervalo, o Dr. Assis Lima leu o belo conto Violino, de Coelho Neto.

Na segunda parte, foram executadas as peças: Carnaval de Veneza, Fantasia do compositor luso-brasileiro Arthur Napoleão (1843-1925), solo para piano, com Astorlinda Macedo. *Donna, vorrei morir*, de Francesco Paolo Tosti, para piano e canto, com Cocóta Ataíde e Cita Rebelo. *Sérénade d'autrefois*, de Guiseppe Silvestri, para piano e violino, com Julieta e Cita Rebelo. Serenata de Braga, para piano, violino e

canto, com Cocóta, Cita e Joaquim Garcia. *Il Pirata*, variações para violino e piano sobre um tema de Bellini, pelo maestro João da Mata, com Joaquim Garcia e Cita Rebelo. No segundo intervalo, o vigário José Maria Mendes fez uma palestra sobre a ciência, ocupando a palavra por meia hora. O título alternativo para a *Sérénade d'autrefois*, de Giuseppe Silvestri, é Serenata Medioevale. A maioria das músicas clássicas executadas é do período histórico do Romantismo; o estilo é o romântico. A romanza é um tipo de música que teve origem na Idade Média. A transcrição do programa executado no *Correio do Sul* contém vários erros nas grafias dos títulos das músicas e dos nomes dos compositores, e alguns títulos incompletos. A transcrição acima foi realizada com as devidas correções e complementações.

15 CINETEATRO POPULAR (1930)

As informações sobre a construção de um Cineteatro Popular em um Hotel Modelo em Varginha constam do *ARAUTO DO SUL* (edição nº 544, p. 6. Varginha, 18 maio 1930).

Em maio de 1930, Celestino Luiz Pires, "construtor e arquiteto muito conhecido em nosso meio", idealizou e desenhou o projeto de construção de um Cineteatro Popular, uma casa para cinema e drama (teatro). O cineteatro seria construído junto com um hotel modelo, tipo de obra aclamada no período, o que seria "um conjunto de grande efeito". Segundo o construtor, haveria vantagens de construção e utilização perfeitamente adaptáveis entre si. Construído juntos os dois estabelecimentos teriam a possibilidade de oferecer lucros maiores que se fossem feitos separadamente. Ele projetou um prédio de quatro pavimentos, sendo os dois primeiros inferiores ocupados pelo estabelecimento de diversões, e os dois superiores com acomodações para o hotel. As acomodações para o hotel ainda se distribuiriam pelos dois primeiros pavimentos, onde ficariam a sala de jantar e alguns quartos.

A construção seria feita em cimento armado, com fachada de estilo gracioso semelhante ao cubista, "que é a última palavra de que tem as linhas fundamentais, atenuadas em sua rigidez por singelos ornatos". A medida da fachada frontal era de 24,30 metros e profundidade total de 28,30 metros, ou seja, a área construída teria 687,69 m². O hotel teria sessenta quartos, com as disposições modernas, à época, para esse tipo de construção. A sala de espetáculos seria ampla, e o saguão e palco, confortáveis.

O custo total da obra foi orçado em Rs 600:000$000 (seiscentos contos de réis). O modo pensado para a obtenção dos recursos necessários para a construção foi a divisão em ações para cotização. O idealizador pretendia cobrar preços baixos para os ingressos no cinema e, com isso, "desenvolver muito o gosto pela arte da tela animada". Pensava-se que o Hotel Modelo poderia atrair considerável número de turistas para a cidade, "dando-lhe o aspecto interessante de uma estação de clima, que a tanto faz jus pela sua salubridade".

"Varginha, que se orgulha de possuir o moderno e elegante "Capitólio", terá ainda maiores motivos de orgulhar-se se a presentearem com o Cineteatro Popular e com o Hotel Modelo".

O programa de necessidade do Hotel Modelo comportava o Cineteatro Popular, ou seja, a construção seria a de um hotel que possuía um teatro em suas dependências.

O projeto da construção do Hotel Modelo com o Cineteatro Popular não prosperou, provavelmente por falta de financiamento, devido ao elevado custo da execução. O relator do artigo publicado no *Arauto do Sul* reconhecia que a situação econômica atravessada pelo Brasil, na época, era precária, o que dificultaria o levantamento dos recursos financeiros necessários para empreendimento de tal envergadura.

O valor total da construção do Hotel Modelo com o Cineteatro Popular foi orçado em Rs 600:000$000 (seiscentos contos de réis), ou seja, aproximadamente Rs 200:000$000 (duzentos contos de réis) mais caro que a construção do Theatro Capitólio.

Ao idealizar a fachada do Hotel Modelo no estilo cubista, o construtor pretendia marcar diferença com a do Theatro Capitólio, no estilo neoclássico e eclético. Assim, o edifício seria mais "moderno", mais arrojado e em sintonia com as necessidades de mudança e renovação que caracterizou esse período histórico. A influência do cubismo na arquitetura foi indireta, pois esse movimento artístico, surgido no início do século XX, teve início nas artes plásticas com Pablo Picasso e Georges Braque, expandindo-se, depois, para a literatura e a poesia. A cobrança de preços de ingresso mais baratos para a exibição cinematográfica pretendia atrair um público com menos recursos financeiros que o que frequentava o Capitólio, tido como teatro de elite, embora essa ideia não expressasse totalmente a verdade, uma vez que o Grupo Dramático Amor à Arte, formado por membros da Associação Operária de Varginha, apresentava espetáculos no Capitólio na mesma década.

Segundo o seu idealizador, o Hotel Modelo poderia atrair turistas a Varginha da mesma forma que as estâncias hidrominerais das cidades vizinhas de Cambuquira, Caxambu, Lambari e São Lourenço.

Parte II

Theatro Municipal Capitólio

Theatro Municipal Capitólio, década de 1920

THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO

1.1 A família Navarra

O Theatro Capitólio foi idealizado e construído pela família Navarra de imigrantes italianos, cujos membros se estabeleceram em Varginha, em 1905. A imigração italiana em massa para o Brasil teve início no fim do Império e foi incrementada após a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. Os imigrantes italianos começaram a chegar a Minas Gerais no fim do século XIX, o que levou o estado a estabelecer várias normas sobre a imigração nas leis promulgadas no período entre 1892 e 1897. O estado foi o primeiro da federação a ter um escritório na Europa para cuidar de assuntos relacionados à imigração (SALES, 2018, p. 27 e 31).

Em 1920, Varginha, possuía uma população de 22.457 habitantes, sendo 1.020 (4,5%) de estrangeiros, dos quais 806 eram italianos (428 homens, 378 mulheres). Os italianos representavam, portanto, 3,6% da população geral e 79% dos estrangeiros. A comparação com os dados dos três grupos seguintes com a maior quantidade de imigrantes basta para termos uma ideia da magnitude desse contingente: 119 portugueses, 45 turcos-asiáticos e 28 espanhóis (RECENSEAMENTO DE 1920, vol. 4, 1ª parte, p. 451 e 707; SALES, 2018, p. 54).

Nos Livros de Registros da Hospedaria de Imigrantes do estado de São Paulo, sob a guarda atual do Arquivo Público do Estado de São Paulo, os imigrantes com o patronímico Navarra, que chegaram ao Brasil, entre 1891 e 1957, eram de origem espanhola e italiana (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO).

Os irmãos Domenico (Domingos), Francesco (Francisco), Guiseppe (José), Nicolino e Vincenzo (Vicente) eram filhos de Francesco Navarra e Mariana Orrico. Em 1905, Domingos se estabeleceu em Varginha e os outros irmãos vieram em seguida, à

exceção de Vicente, que fixou residência em Guaratinguetá (SP). Antes de chegarem a Varginha, eles residiram em Resende, no estado do Rio de Janeiro.

Os irmãos Navarra eram naturais de Rivello, comuna da região da Basilicata, província de Potenza, no sul da Itália. Segundo o *Istituto Nazionale di Statistica*, na década de 1880, período em que os irmãos nasceram, Rivello era uma pequena vila com 4.938 habitantes, e sua população em decréscimo, em 2011, era de apenas 2.843 habitantes. Os irmãos nasceram no final do século XIX, na mesma década da emancipação político-administrativa de Varginha, ocorrida em 1882.

Domenico Navarra (02.01.1885-06.11.1963), conhecido com o nome aportuguesado de Domingos, imigrou para o Brasil em 1896, com apenas onze anos de idade. De seu passaporte constava a inscrição "in nome di Sua Maestá Umberto I". Em 1903, ele estava em Resende. Domenico adquiriu a nacionalidade brasileira, em 1938, e passou a ser eleitor. Casou-se com Branca Felícia Rosa (1899-1964), conhecida como Rosina Branca Navarra, argentina, natural de Buenos Aires, e tiveram os filhos Francisco, Marianina e Wilma. Faleceu, em 1963, aos 78 anos de idade, de neoplasma pulmonar. Ambos faleceram em sua residência na Rua Wenceslau Brás, nº 202, centro, sendo sepultados no Cemitério Municipal de Varginha (CERTIDÃO DE ÓBITO de Domingos Navarra; CERTIDÃO DE ÓBITO de Branca Felícia Rosa).

Francisco Navarra (1892?-18.02.1949) veio para o Brasil em 1904 e viveu em Resende (RJ) por cerca de um ano. Em 1905, aos quatorze anos de idade, mudou-se para Varginha, cidade onde viveu até o seu falecimento, em 1949, aos 57 anos. Entre 1905 e 1912, trabalhou na oficina de seu irmão José Navarra, na produção de caldeiras, gasômetros e objetos de funilaria. Naturalizou-se brasileiro em 1939 e, em 1947, recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Honorário Varginhense. Ele foi casado com Isolina Pellini de Cusatis, conhecida como Isolina Navarra (?-1983).

José Navarra (1888-?), o idealizador do Theatro Capitólio, era casado com

Linda Tolentino Navarra (1896-1962). Em 1918, demonstrava gostar das festividades públicas locais, uma vez que auxiliava na organização dos bailes de Carnaval, realizados no antigo Teatro Municipal (*O MOMENTO*, 03 fev. 1918, p. 2). O espírito empreendedor e visionário de José Navarra foi descrito até mesmo em artigos satíricos publicados no *Arauto do Sul* sobre a construção do novo teatro. No artigo "Desinterrompido...", afirma o articulista: "[...] não sei de outra pessoa que tivesse a coragem do Zé Navarra. Isto quer dizer que, se o Navarra não existisse, seria necessário inventá-lo" e, em outro trecho: "A verdade, porém, é que ninguém teria se sujeitado a dispor de duzentos pocotes para fazer um casarão de pândega se, em Varginha, não estivesse o Zé Navarra. Homem de muque [...] industrial e progressista, investiu-se de coragem [...] e firmou o pacto com a Câmara, para esbodegar o Theatro e levantar o Politeama. [...] Só mesmo um estrangeiro". O articulista se refere ao preço da venda do Teatro Municipal por duzentos contos de réis como "duzentos pocotes". Casa de pândega é uma casa de diversões, ou seja, o novo teatro (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 19, p. 1. Varginha, 02 mar. 1924).

Devido a problemas de saúde, em 1925, pouco antes do início da construção do Theatro Capitólio, José Navarra foi para a Europa em busca de tratamento. Estava também com problemas financeiros, sendo auxiliado pelos irmãos. Sete anos depois, a Empresa Navarra & Irmãos publicou a seguinte nota na imprensa:

> Ao público e aos nossos amigos: Desejamos que todo o público e os nossos amigos saibam que, em tempo procuramos amparar o snr. José Navarra, que se encontrava em dificuldades financeiras, doente e necessitando de um tratamento severo num ambiente mais favorável. Nesta situação, o mesmo snr. seguiu para a Europa em 1925, onde se encontrou sempre amparado por nós, recebendo fartos recursos

> enviados por intermédio de um amigo dedicado ali residente. / Em seu nome, fizemos construir o magnífico Theatro que todos conhecem, tendo pago as suas dívidas, em bancos, no comércio e a particulares; procuramos deixá-lo bem perante os seus e os nossos amigos desta cidade, atestando a segurança desta afirmativa os comprovantes que conservamos. / As dificuldades de solucionamento dos negócios feitos nesse período de ausência, esperamos resolvê-las e em breve melhor esclarecer a todos sobre as ocorrências e fatos passados nestes últimos dias, os quais ninguém ignora. / Preliminarmente, devemos dizer que o amparo prestado por nós, teve um único fito – o moral, e fomos movidos pelo sentimento fraternal de nome, sendo que esse nosso irmão nunca fora sócio e nem fez parte da firma comercial que mantemos, sendo que, até então, não mantínhamos quaisquer relações comerciais, existindo, tão somente, aquelas de simples cortesia e de sentimentos entre irmãos. / Os poucos bens que deixou sob a nossa administração e amparado por honrado procurador, seriam insuficientes para o pagamento de suas dívidas. / Varginha, 17 de Dezembro de 1932. / Navarra & Irmãos – Rua dos Comissários, 89 (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 118, p. 4. Varginha, 18 dez.1932).

Nicolino Navarra (1887-1957) imigrou da Itália em 1904 e, no ano seguinte, estabeleceu-se em Varginha. Ele trabalhava como caldeireiro e funileiro, e era solteiro. Em 1948, recebeu da Câmara Municipal o título de Cidadão Honorário Varginhense (VARTA, 1957). Dentre os irmãos, foi o único que não teve o nome aportuguesado. Nicolino é um prenome italiano que pode ser, também, uma variação ou diminutivo de Nicola ou Nicolau. A familiaridade fonética e de pronúncia com o idioma português tornou desnecessário o aportuguesamento. Nicolino Navarra faleceu em Varginha, sendo sepultado no Cemitério Municipal.

No início de 1912, Domingos, Francisco e Nicolino, levando em conta suas habilidades manuais, de gerenciamento e de produção, fundaram uma sociedade comercial e industrial para produzir e negociar produtos de caldeiraria, funilaria e similares. Em 02 de fevereiro de 1914, a firma foi constituída legalmente com o título de Navarra & Irmão. Em 1919, segundo Rubião (p. 130 e 138), a firma Navarra & Irmãos, era localizada na Rua dos Comissários, nº 7 (atual Rua Alves e Silva), telefone nº 26. A casa era especializada em artigos para encanamento de água e esgotos, tubos, conexões e chapas de ferro galvanizado, mas comercializava também ferragens para construções, azulejos e ladrilhos, artigos sanitários, aquecedores, banheiros, lavatórios, pias e latrinas, grande variedade de lustres, lampiões, arandelas para gás e luz elétrica, mobiliário para residências (camas de ferro, colchões e cadeiras austríacas), ferramentas para funileiros e carpinteiros e gasômetros para acetileno. A empresa se encarregava de realizar instalações completas de água, luz e esgotos em qualquer localidade, edifícios públicos e casas particulares e mantinha em seu estoque permanente canos de ferro, chumbo e borracha, vigas de ferro, folhas de zinco lisas e onduladas, chapas de ferro e cobre, parafusos, pregos, tintas, óleos, alvaiades, cimento, vidros para vidraça e outros.

Em 03 de janeiro de 1927, a firma obteve da Junta Comercial do Estado de Minas Gerais a sua Carta de Comerciante Matriculado, para o "comércio de ferragens em geral, em grosso e a varejo, oficina mecânica, automóveis e acessórios, empresa telefônica". Pouco tempo depois, a firma expandiu sua atuação criando filiais e depósitos nas cidades de São Paulo e Cruzeiro (SP), favorecida pela linha férrea que fazia a ligação entre a estação de Varginha e de várias cidades da região sul-mineira e as cidades de São Paulo.

Ao longo do tempo, a firma foi extinta e constituída com outras denominações, tendo alterado seu contrato social originário em 1938, 1939 e 1942. Em 1948, a Navarra

José Navarra

Domingos Navarra

Francisco Navarra

Nicolino Navarra

& Irmão não mais existia com essa denominação (VARTA, 1957).

Os irmãos Navarra construíram o prédio comercial, até hoje existente, na esquina da rua Deputado Domingos Ribeiro de Rezende com a Rua Alves e Silva, no centro da cidade, distante apenas um quarteirão da antiga Estação Ferroviária, o que facilitava o transporte dos produtos adquiridos em São Paulo para a loja. O estilo do prédio é o *art déco*. No alto da fachada, na platibanda, consta a inscrição feita em estuque "NAVARRA & IRMÃO. FUNDADA EM 1912". Esse prédio e o do antigo Bar e Sorveteria Colombo, conhecido como o Bar do Milem, na Avenida Rio Branco, são, atualmente, as duas construções da cidade mais características do *art déco*.

A família Navarra integrou-se rápida e organicamente à sociedade local. Os Navarra logo perceberam o gosto do varginhense pelo espetáculo em suas mais variadas formas de expressão: teatro, cinema, apresentações musicais, bandas de música, coros religiosos, circos, touradas, desfiles cívicos e patrióticos, Carnaval (Zé Pereira) e procissões da Semana Santa, fatos registrados e descritos em dezenas de notas e artigos com abundância de detalhes, pelos principais jornais locais do final do século XIX e início do XX, principalmente, a *Gazeta da Varginha* (1893-1897) e *O Momento* (1915-1917).

Por essa época, a cidade contava com o Teatro Municipal, localizado na Rua Direita quase na esquina com a Rua Wenceslau Braz. Nele funcionavam o Íris Cinema e, ao lado, o Íris Bar com uma fábrica de gelo. Esses estabelecimentos pertenciam à Empresa José Navarra (CAPRI, 1918, p. 12).

O Íris Cinema era considerado uma "luxuosa casa de diversão, primando por exibir os melhores e mais sensacionais *films* [sic] cinematográficos do mundo" (*O MOMENTO*, 30 maio 1915, p. 3). Com o passar do tempo, o Cineteatro Íris entrou em decadência devido ao constante uso e à ausência de manutenção, o que levou ao desgaste do prédio.

A família Navarra decidiu, então, construir um novo teatro com três pavimentos, mais amplo, arejado, com maior quantidade de assentos, palco italiano e instalações modernas e confortáveis. Por essas características, o novo prédio seria capaz de atender às aspirações do varginhense pelo lazer, cultura e artes e de proporcionar rendimentos à família construtora, que compensassem a vultuosa quantia, que seria gasta na construção do prédio. Na época, a principal distração pública ainda eram as festas religiosas da Igreja Católica, os circos, as touradas e espetáculos equestres, e as retretas no Jardim Público. A distração entre amigos e vizinhos ocorria por meio da realização dos saraus literários-musicais familiares.

Conforme vimos, o período entre 1892 e 1914, denominado *Belle Époque* varginhense (SALES, 2003), marcou a cidade com os grandes e espantosos avanços tecnológicos de então: o trem de ferro e a inauguração da luz elétrica nos espaços públicos, nas indústrias e nas residências particulares, e a criação da rede telefônica. Faltava algo equivalente nas artes: um teatro de que o varginhense pudesse se orgulhar. Foi essa aspiração popular que, intuitivamente, a família Navarra captou e transformou em realidade.

Os Navarra se aculturaram rapidamente aos costumes brasileiros e locais, e integrou-se plenamente à sociedade varginhense que, no final do século XIX e início do XX, acolhia calorosamente os imigrantes, não somente os italianos, mas de outras nacionalidades, principalmente portugueses, espanhóis e turcos-asiáticos (turcos, sírios e libaneses).

Quando do início da construção do novo teatro, o *Arauto do Sul* publicou o seguinte comentário sobre os irmãos Navarra: "Um bravo merecem os irmãos Navarra pela grandiosa obra de arte com que vão dotar a nossa cidade. Ela lhes tem sido mãe carinhosa, premiando com as prodigalidades da fortuna o seu trabalho inteligente e perseverante. Eles se mostram filhos amorosos e dedicados, contribuindo

cavalheirescamente para o seu aperfeiçoamento" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 118, p. 1. Varginha, 07 fev. 1926).

O *Arauto do Sul* afirmava que os Irmãos Navarra manifestavam interesse pelo progresso de Varginha e não pouparam energia nem capital monetário para construir um teatro para honrar o nome da cidade. O Sr. Francisco Navarra era sócio da firma construtora do teatro e proprietária do mesmo (*ARAUTO DO SUL*, 14 out. 1926).

Os jornais locais e nacionais da época publicaram várias notas sobre a construção do teatro e sua inauguração. Em 19 de agosto de 1926, o articulista João D'Acqui, do periódico *Arauto do Sul*, ressaltou na nota "Impressões. O novo teatro. Um gesto simpático" a importância do trabalho da família Navarra na construção do Theatro Capitólio:

E foi assim compreendendo, que o espírito yankee desses incansáveis propulsores do progresso de Varginha – os Irmãos Navarra – não medindo sacrifícios, dando de ombros às enormes dificuldades que em tais empreendimentos sempre surgem – tomaram a si a ousada iniciativa da construção de um monumental teatro que, para orgulho nosso não encontrará algum que lhe leve vantagens em luxo, conforto e segurança, em toda a vasta zona do Sul de Minas. / É impossível, na vertigem de umas simples notas de jornal, descrever a grandiosidade do projeto, já em meio da execução; mas, para que não julguem que pecamos pelo exagero, daremos os dados suficientes para justificarem a nossa admiração pela extraordinária capacidade produtiva dos Irmãos Navarra, admiração que mais se avoluma quando o sabemos presas de múltiplas preocupações reclamadas pelas incontáveis ramificações de suas energias, parecendo-nos mesmo, incrível, que lhe sobrem tempo, coragem e forças para empreendimentos de tamanho vulto. [...] O novo teatro, cuja construção está a cargo do conhecido construtor, Sr. Antônio M. Pires, além de uma ampla plateia, terá uma ordem de elegantes camarotes e outra, de frisas. / Obedecendo rigorosamente às regras de

higiene e proporcionando o conforto necessário, haverá acomodação para 1.300 cadeiras, não contando os 400 lugares que se encontrarão em uma galeria à parte. [...] O edifício do teatro, [...] estando a sua construção sob as vistas imediatas dos Irmãos Navarra, que não poupam esforços para dotar Varginha com um teatro à altura de seu desenvolvimento. / Aí está, em largos traços, essa obra gigantesca dos Irmãos Navarra, cujos nomes ficarão para sempre ligados ao dos grandes amigos do progresso deste abençoado torrão. / Dando provas do grande apreço em que tem este pedaço de sua segunda pátria, não trepidaram em despender, a mancheias, grande parcela de seus vultuosos haveres, assinalando com o majestoso edifício do moderno teatro, a passagem utilíssima e proveitosa de sua existência fecunda em benefícios à coletividade e fértil de melhoramentos à terra que os acolheu como filhos. / Filhos da Itália invicta – fonte exuberante e inesgotável dos encantos das Belas-Artes, - dela herdaram e sentem lhes correr nas veias, sempre impetuoso, esse sentimento sublime do Belo – ninguém, pois, melhor que eles poderia erigir um templo mais condigno para receber do povo culto desta terra [...]. / Vamos fechar estas rápidas <impressões> com uma nota profundamente simpática e de cunho muito significativo aos Irmãos Navarra, em homenagem ao povo de Varginha vão, num concurso que será previamente anunciado – confiar-lhe a escolha do nome com que será batizado o novo Teatro (ARAUTO DO SUL. [Nota de João D'Acqui]. Varginha, 19 ago. 1926).

No trecho final, percebe-se a admiração da imprensa local pela Itália e pela arte lá produzida, portanto, os italianos, inclusive, obviamente, os imigrantes residentes em Varginha seriam dotados de uma natural vocação para o sentimento artístico, para a estética e para o Belo, assim sendo, continua o texto "ninguém, pois, melhor que eles poderia erigir um templo mais condigno para receber do povo culto desta terra". Esse 'templo' é o 'templo das artes', o novo teatro em construção que dali em diante seria para sempre o orgulho dos varginhenses.

Theatro Capitólio. Rua Presidente Antônio Carlos, década de 1920

A família Navarra possui quatro mausoléus perpétuos no Cemitério Municipal, todos construídos com granito preto. Cada um dos irmãos e suas respectivas esposas, foi sepultado em um túmulo.

1.2 Localização e entorno

O Teatro Capitólio está localizado na Rua Presidente Antônio Carlos, nº 522, centro, em Varginha, Minas Gerais, antiga Rua Direita, centro vibrante do comércio da cidade no início do século XX, que, ainda hoje, permanece como um dos logradouros públicos mais importantes da região central, por onde, diariamente, circulam milhares de transeuntes e veículos automotores. O traçado das ruas da região central da cidade remonta às trilhas do final do século XVIII, tendo surgido de forma espontânea. Com isso, a rua é estreita, considerando-se as medidas de traçado urbano utilizadas na atualidade.

No início do século XX, as principais edificações públicas, de estabelecimentos comerciais e bancários, e de vivendas particulares da cidade, que se destacavam por sua volumetria, estilo e ricos detalhes de ornamentação arquitetônica eram: o edifício de sobrado do Fórum e da Cadeia, na Praça João Gonzaga; o prédio do Ginásio do Sagrado Coração de Jesus, dirigido pelos Irmãos Maristas; o Mercado Municipal; a sede do Tiro de Guerra 255, na Praça Rio Branco e a agência do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, no Largo da Igreja Matriz. Nas proximidades da Estação Ferroviária havia a agência do Banco do Brasil, a elegante construção da Casa Hard Rand & Comp. e o espaçoso sobrado do Grande Hotel Megda. Dentre as residências particulares, eram notadas o palacete do coronel Joaquim Pinto de Oliveira, na Avenida Rio Branco, o sobrado de Roque Rotundo, na Avenida Alves da Silva (atual Avenida Rio Branco), o sobrado do vereador Estelino Pereira, na Rua Delfim Moreira, cujo estilo apresentava

elementos do *art déco,* e a vivenda do tenente-coronel Humberto Conde, na Praça Rio Branco (RUBIÃO, 1919, p. 9, 16, 23, 42, 46, 51, 53; FONSECA; LIBERAL, 1920, p. 58, 101).

Na então Rua Direita, a poucos metros do Theatro Capitólio estava localizado o edifício sede da Vivaldi & C^{ia}., da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi, proprietária da usina de energia elétrica do município e o estabelecimento gráfico da Casa Liberal, de propriedade do jornalista João Liberal, redator de *O Momento*.

As residências particulares de destaque eram: o palacete do coronel Domingos Ribeiro de Rezende e a vivenda de D. Elvira Penha de Paiva, ambos assobradados; o sobrado de Joaquim Afonso Ferreira, Delegado de Polícia; as casas térreas do coronel Manoel Alves Teixeira e de Manoel de Souza Oliveira, e a vivenda do major Antônio de Souza Oliveira. A edificação mais imponente na Rua Direita era o palacete Vila D. Vica (RUBIÃO, 1919, p. 11, 20, 36). Fonseca & Liberal, no *Álbum de Varginha*, consideravam esse palacete "um dos mais ricos prédios da cidade" (FONSECA; LIBERAL, 1920, p. 42, p. 81). Na segunda metade do século XX, o palacete D. Vica foi a sede do Fórum de Varginha e, mais recentemente, da Biblioteca Pública Municipal.

No dia da inauguração, o jornal local *O Capitólio* publicou uma nota que faz referência à localização do teatro: "A Empresa do Capitólio projeta ainda demolir o Teatro velho e construir diversos melhoramentos como sejam: bar, restaurante, etc – aproveitando os terrenos que ficam ao lado do Capitólio, fazendo uma entrada elegante e ampla" (*O CAPITÓLIO*. Edição nº XLIII, página não numerada. Varginha, 12 out. 1927).

As escrituras públicas de compra e venda do Theatro Capitólio, de 1924, 1943, 1945 e 1983 contêm trechos que citam os nomes dos então proprietários dos lotes aos lados e aos fundos do teatro, bem como dos estabelecimentos empresariais e comerciais neles construídos (vide o capítulo Escrituras públicas de compra e venda do Theatro Capitólio).

No final do século XIX, o município teve um rápido crescimento populacional estimulado pela chegada dos imigrantes, principalmente dos italianos. Esse acréscimo acelerou o processo de expansão urbana, que levou ao adensamento da ocupação dos imóveis residenciais e comerciais da região central da cidade. O artigo "A falta de casas", de Álvares Rubião, revelava "a situação angustiosa dos habitantes desta cidade que, então, lutavam com a grande falta de casas" (*O MOMENTO*. Edição nº 6, p. 1. Varginha, 06 jun. 1915). Antigos edifícios públicos e vivendas particulares, alguns ainda do estilo colonial brasileiro, foram demolidos para dar lugar a construções mais modernas, sob a influência do estilo eclético e, logo em seguida, do Modernismo.

A partir da década de 1960, a expansão urbana de Varginha e a especulação imobiliária foram responsáveis pela demolição da maioria dos casarões e sobrados residenciais e comerciais da região central da cidade, construídos na segunda metade do século XIX e início do XX. Essa especulação se acentua progressivamente nas décadas seguintes. Em consequência, raras construções do final do século XIX e do início do XX sobreviveram até os dias atuais. Felizmente, o Theatro Municipal Capitólio é um deles e, apesar de algumas ampliações e intervenções de conservação realizadas ao longo de quase um século, mantém preservados a maioria dos seus elementos arquitetônicos, principalmente na fachada e na estrutura interna, conforme atestou Gianni Ratto, quando prestou consultoria para a reforma feita em 1985.

Atualmente, a ocupação da Rua Presidente Antônio Carlos é mista com prédios de apartamento residenciais e estabelecimentos comerciais, dentre os quais se encontram alguns com os maiores gabaritos de altura da cidade. Uma das sedes administrativas da Prefeitura Municipal está instalada na esquina dessa rua com a Rua São Paulo. A Companhia Energética de Minas Gerais – CEMIG mantém na rua uma agência de atendimento ao público. Essa moderna agência foi construída no mesmo local onde, na época da inauguração do Capitólio, estava instalada a sede da Casa Vivaldi & C^{ia},

Bar Capitólio, 1935

companhia local produtora e distribuidora de energia elétrica. Na década de 1960, o edifício era ocupado pela Rede Sul-Mineira de Eletricidade.

Os estabelecimentos comerciais são variados: posto de gasolina; uma loja de departamentos de eletrodomésticos de uma grande rede nacional (magazine); lojas de aparelhos de telefonia móvel (telefones celulares); lojas de tecidos, de roupas feitas para adultos e crianças, de artigos de cama, mesa e banho; lojas de presentes, bijuterias, cosméticos e artigos variados para decoração do lar; perfumarias; lavanderia; relojoarias e joalherias; bombonieres, lanchonetes, bares e restaurantes.

A documentação pesquisada, portanto, permite-nos concluir com segurança que no dia da inauguração do Teatro Capitólio o antigo Teatro Municipal ainda estava de pé e que o Theatro Capitólio foi construído ao lado do Cineteatro Íris.

Segundo a *Revista do Correio do Sul* (1956, p. 8), pelo menos até 1956, a Rua Presidente Antônio Carlos era a principal rua da cidade. Nesse logradouro estava concentrada grande parte dos estabelecimentos comerciais e de serviços mais relevantes da cidade.

1.2.1 Rua Capitólio. Bairro Capitólio. Bar Capitólio

Até meados de 1929, a atual Travessa Monsenhor Leônidas, que liga a Rua Presidente Antônio Carlos à Avenida Rio Branco, era uma rua sem nome. A Lei nº 647, de 18 de julho de 1929, que estabeleceu nomes para vários logradouros e autorizou a alteração de outros, determinou que a "Rua que partindo da Rua Direita, passa pela Casa Foresti e vai à Rua do Carmo" passasse a ser denominada "Rua Capitólio". A Rua Direita era a antiga denominação da Rua Presidente Antônio Carlos e a Rua do Carmo é a atual Rua Silva Bittencourt.

O Bar Capitólio foi citado pela primeira vez, na edição de 1930, do *Almanak*

Laemmert (p. 468). Sua localização era do outro lado da calçada, quase em frente ao teatro, no sentido Rua Presidente Antônio Carlos / linha férrea. O bar era de propriedade de Jacob Salles & Companhia.

Na década de 1940, um trecho da Rua Presidente Antônio Carlos "desde o edifício Luiz Teixeira até a Cia. Sul-Mineira [de Eletricidade]" era denominado pela população de Bairro Capitólio (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº Varginha, 21 ago. 1942). Na documentação pesquisada, não conseguimos identificar a localização do referido Edifício Luiz Teixeira nessa rua.

1.3 Planta, construtores e custos da obra

Vários documentos analisados para a realização desta pesquisa afirmam que a planta do Theatro Capitólio é atribuída ao engenheiro italiano Frizotti Agostini, geralmente citado nos jornais de Varginha e nos livros de atas da Câmara Municipal com o nome aportuguesado de Frizoti Agostinho. Até 1937, ele manteve escritório de engenharia e residia em Três Corações (*ALMANAK LAEMMERT*, 1937). Atribuir, nesse caso, é considerar alguém autor de algo, ou seja, não se tem certeza da autoria do fato ou da obra, no entanto, há indícios de provável autoria. A atribuição, portanto, é uma hipótese e, dessa forma, de modo algum, é um comprovante inquestionável de autoria.

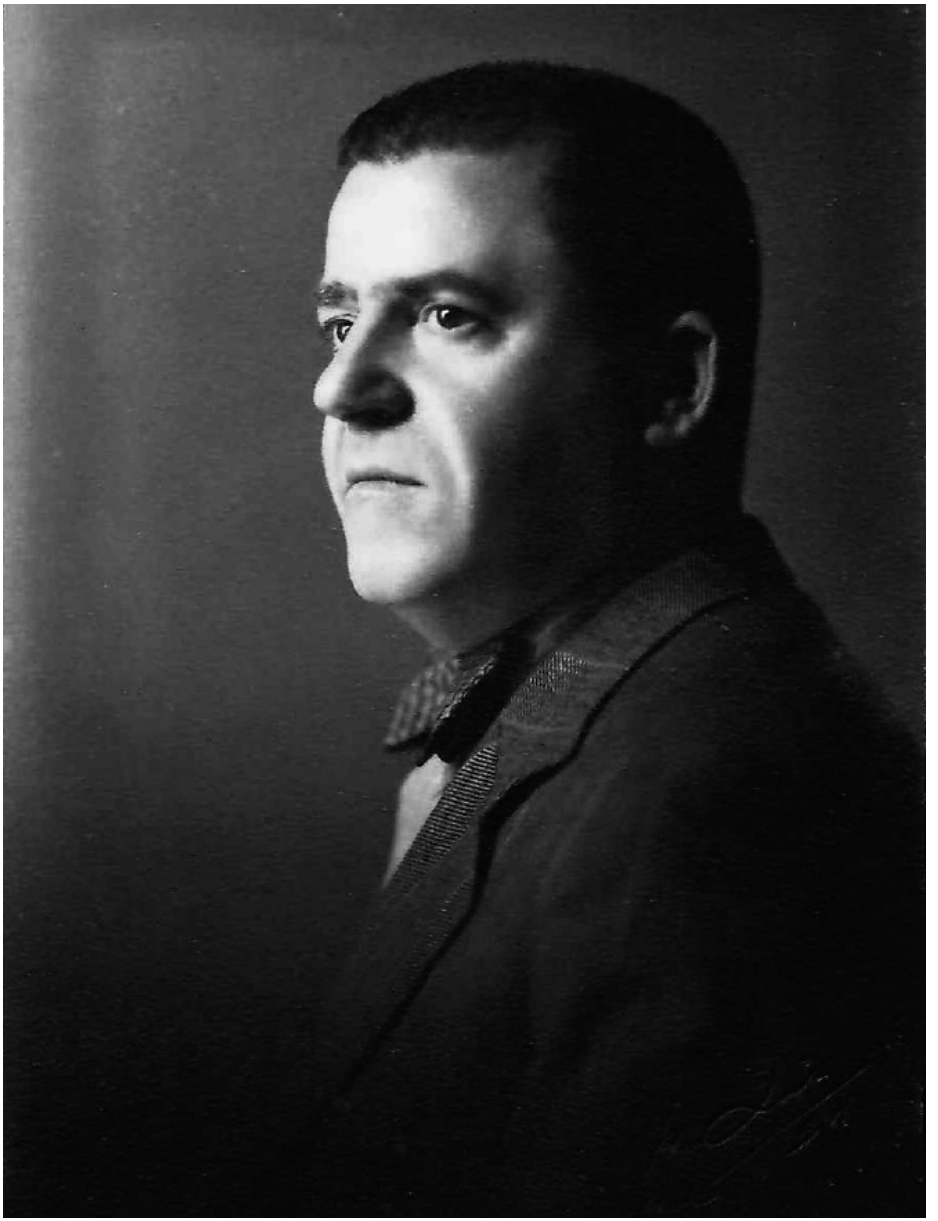
Em 1924, segundo o *Arauto do Sul* (ed. nº 16, p. 1, 10 fev. 1924), as negociações então efetivadas para a construção de uma nova casa de espetáculos foram precedidas pelo levantamento de uma planta não de um teatro, mas de um politeama, que o comprador obrigou-se a construir no local ocupado pelo Teatro Municipal, dentro do prazo de doze meses a contar da data em que fosse lavrada a respectiva escritura. A planta desse politeama, aí sim, de autoria comprovada do engenheiro Frizotti Agostini, foi analisada, aprovada pela Câmara e encaminhada para o arquivo da Secretaria

da Câmara Municipal. Um teatro em estilo italiano e um politeama são construções bastante diferentes, pois são feitas para receber tipos específicos de espetáculos. Por exemplo, em um politeama pode ser apresentado um número equestre com vários animais montados por seus cavaleiros a cavalgarem em cena. Ora, alguém poderia imaginar que o palco do Theatro Capitólio comporte esse tipo de espetáculo?

O conceituado *Almanak Laemmert* passou a citar em suas estatísticas a profissão de construtor a partir de 1921. Dessa primeira referência consta o nome de Antônio Manoel Pires, citado como Antônio Pires. As edições de 1922, 1924, 1925 e 1926 também o citam como construtor e/ou arquiteto (*ALMANAK LAEMMERT*, edições de 1921, 1922, 1924, 1925 e 1926).

Segundo o jornal *O Globo*, em agosto de 1927, "O edifício onde vai ser instalado o teatro Capitólio está sendo ultimado pelos Srs. João Celestino e Antônio [Manoel] Pires, os quais, de acordo com a orientação da firma Navarra & Irmão, não tem poupado energias para o melhor engrandecimento daquela construção" (*O GLOBO*. Edição Matutina. Geral, p. 06. Rio de Janeiro, 22 ago. 1927). Na verdade, o nome correto do construtor era Celestino Luiz Pires e não João Celestino, conforme citado no jornal. Conforme vimos, segundo o *Arauto do Sul*, a idealização e o projeto para a construção de Cineteatro Popular em Varginha, em 1930, era de autoria de Celestino Luiz Pires, "construtor e arquiteto muito conhecido em nosso meio". O Cineteatro não foi construído.

Celestino Luiz Pires (1890-1949) era natural de Riba de Âncora, freguesia do município de Caminha, em Portugal. Em 1943, sua carteira de registro profissional foi emitida pelo Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura, do qual obteve o título de habilitação de construtor e projetista licenciado pela repartição de Varginha. Ele também era formado em Direito. Segundo Celestino Luiz Pires, neto de Celestino e sobrinho-neto de Antônio, Antônio Manoel Pires e Celestino Luiz Pires eram irmãos



Construtor Celestino Luiz Pires

gêmeos. Na década de 1910, ainda adolescente, Celestino imigrou sozinho para o Brasil. Depois de alguns anos, trouxe o seu irmão, Antônio, com quem trabalhou. Celestino formou-se em arquitetura na Escola da Ilha do Fundão, no Rio de Janeiro e, posteriormente, mudou-se para Três Pontas, onde conheceu a futura esposa. Em seguida, mudou-se para Varginha, cidade onde residiu durante alguns anos, foi proprietário de algumas casas e de uma indústria de ladrilhos hidráulicos. Ele construiu várias obras em cidades da região sul-mineira, como Machado, Campo Belo e Campos Gerais. Anos depois, ele vendeu seus imóveis e a indústria de Varginha e mudou-se para Belo Horizonte, onde abriu uma construtora, tendo exercido a profissão até a sua morte. Os irmãos Antônio e Celestino morreram aos 59 anos, com a diferença de meses (PIRES, 2021).

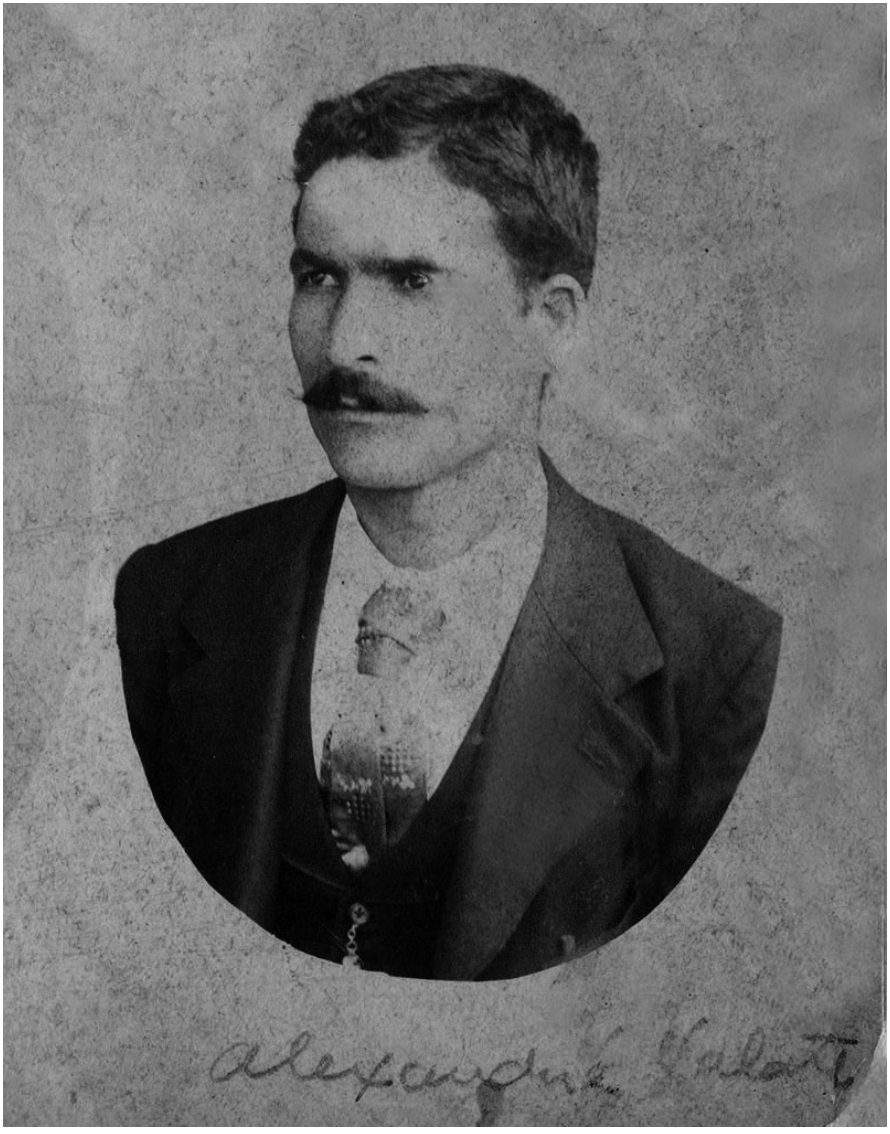
A imprensa local citava apenas o nome de Antônio Pires como o construtor do Capitólio: "O novo teatro, cuja construção está a cargo do conhecido construtor Sr. Antônio M. Pires" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 19 ago. 1926). O jornal *O Capitólio* cita: "CONTRATO. Foi firmado com o construtor Antônio Manoel Pires, em 04 de novembro de 1925, o contrato para a sua construção, sendo que este contrato sofreu modificações, elevando o seu custo a 184:000,000 [cento e oitenta e quatro mil contos de réis]" (*O CAPITÓLIO*. Edição LXIII, página não numerada. Varginha, 12 out. 1927). Nota do articulista João D'Acqui no Arauto do Sul afirma que a construção ficou a cargo do construtor Antônio M. Pires (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 19 ago. 1926).

No *Almanak Laemmert*, Celestino Luiz Pires é citado como construtor em Varginha somente a partir de 1930, ou seja, três anos após a inauguração do Capitólio. O nome dele figura como "Celestino Pires" nas edições de 1930 e 1931 e como "Celestino Luiz Pires" nas edições de 1935 e 1936 (Edição de 1930, vol. IV, p. 468. Edição de 1931, vol. IV, p. 473. Edição de 1935, Cidades do Estado de Minas Gerais, Varginha, p. 695. Edição de 1936, Estado de Minas Gerais, Varginha, p. 830).

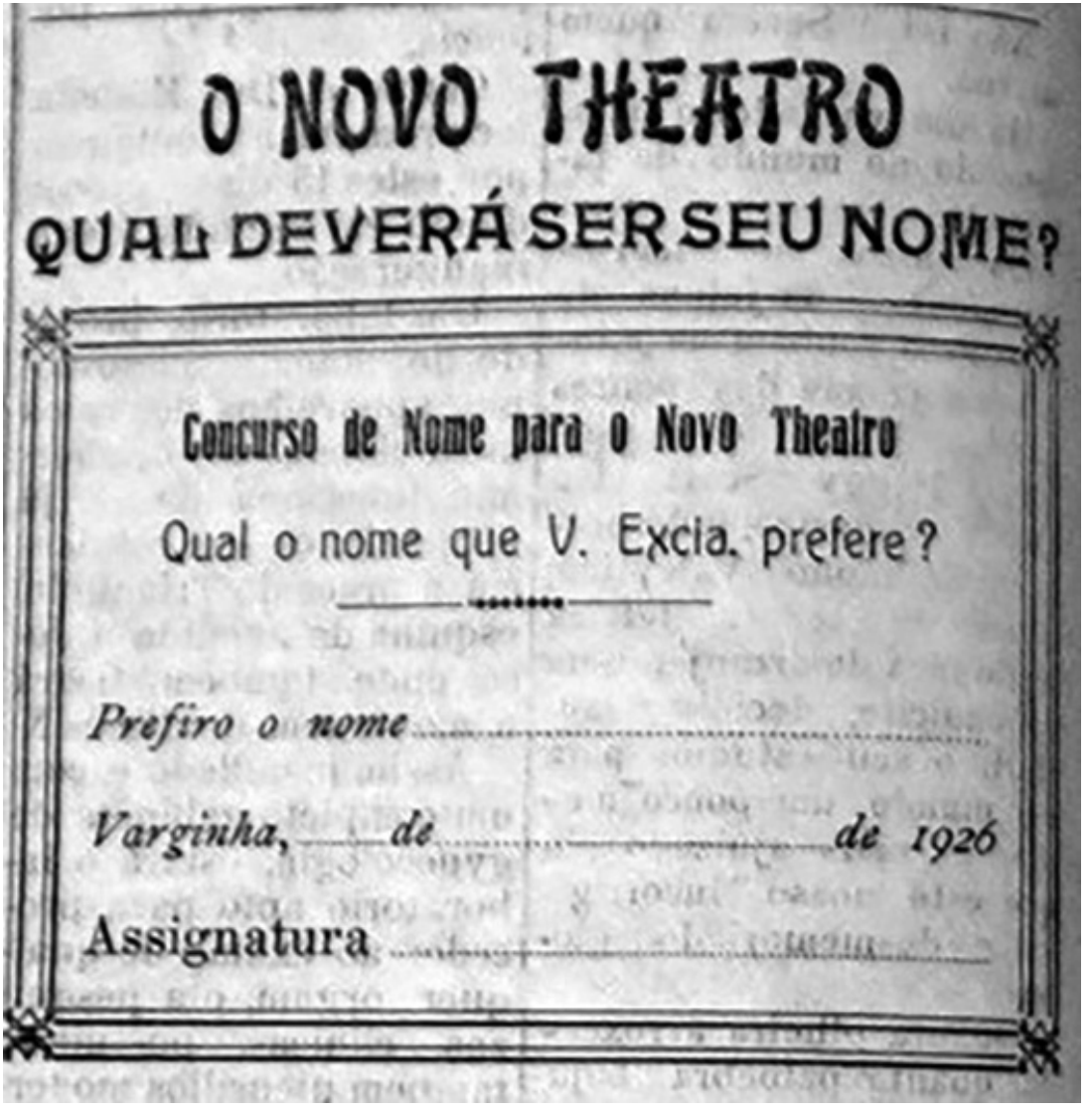
Segundo Celestino Luiz Pires [Neto], Celestino e Antônio Manoel Pires eram proprietários de uma empresa de construção civil em Varginha. O fato de Antônio Pires ter assinado o contrato com a Empresa Navarra indica que, provavelmente, era ele quem cuidava da parte gerencial da construtora (PIRES, 2021).

Sobre o trabalho de Alexandre Vallati, a *Gazeta da Varginha*, de 1895, publicou a seguinte nota: "Muito tem embelezado esta cidade as casas construídas pela companhia dos Srs. Alexandre Vallat & Augusto Cecchi. O trabalho desses artistas é a melhor recomendação para todo aquele que pretender edificar na cidade, não só pela rapidez da construção como pelo gosta da arquitetura" (*GAZETA DA VARGINHA*. Edição nº 27, p. 4. Varginha, 14 jul. 1895). O *Almanak Laemmert* cita Alexandre Vallati como arquiteto com residência em Elói Mendes (*ALMANAK LAEMMERT*, 1919, Estado de Minas Gerais. Municípios, p. 2894). A ornamentação dos detalhes arquitetônicos do Theatro Capitólio é atribuída a esse arquiteto.

O Teatro Capitólio custou à Empresa Navarra a vultosa quantia de Rs 403:000$000 (quatrocentos e três contos de réis), gastos com as seguintes aquisições e obras: Rs 82:000$000 (oitenta e dois contos de réis) pela compra do terreno; Rs 12:000$000 do terreno adquirido de outros e não à Câmara Municipal; Rs 184:000$000 (cento e oitenta e quatro contos de réis) pagos pelo contrato com o construtor Antônio Manoel Pires, Rs 32:000$000 (trinta e dois contos de réis) pela instalação da energia elétrica, Rs 30:000$000 (trinta contos de réis) com diversas decorações, Rs 36:000$000 (trinta e seis contos de réis) com o mobiliário, Rs 15:000$000 (quinze contos de réis) com a cabine cinematográfica e Rs 12:000$000 (doze contos de réis) com a montagem do palco (*O CAPITÓLIO*. Edição XLIII, página não numerada. Varginha, 12 out. 1927).



Alexandre Vallati, a quem se atribui a decoração
interna e externa do Theatro Capitólio



Cédulas de votação para a escolha popular do nome do teatro, 1926

1.4 A denominação Capitólio

Nas décadas de 1920 e 1930, a denominação Capitólio era utilizada para teatros no Brasil e em Portugal: Cine Theatro Capitólio, de Porto Alegre (RS), por coincidência inaugurado exatamente um ano após o de Varginha, em 12 de outubro de 1928 e Teatro Capitólio, de Petrópolis (RJ), que funcionou de 1918 até a década de 1970. O Teatro Capitólio de Cruzeiro (SP) foi construído por Domingos Navarra, em 1930, sendo adquirido pela prefeitura em 1977. A cidade do Rio de Janeiro tinha o Cinema Capitólio. A arquitetura desses teatros apresenta semelhanças na organização do espaço interno, na construção do palco, das frisas e da disposição dos assentos da plateia, bem como na utilização de elementos decorativos variados inspirados na arquitetura neoclássica. Em Portugal, o Cineteatro Capitólio – Teatro Raul Solnado (1931), em Lisboa, é uma obra modernista. Nos Estados Unidos, *The Capitol Theatre*, foi construído em 1920. Na França, o *Théâtre du Capitole,* de Toulouse, é um teatro de ópera, inaugurado em 1818.

Em 1926, um ano antes da inauguração do Theatro Capitólio, os Irmãos Navarra convidaram o *Arauto do Sul* a patrocinarem um concurso popular para a escolha do nome do teatro ainda em construção. O jornal aprovou a ideia e colaborou para a sua realização imprimindo cupons para serem preenchidos como cédulas de votação. Qualquer pessoa residente em Varginha poderia apresentar a sugestão do nome que melhor lhe parecesse. O concurso foi encerrado no dia 26 de setembro de 1926. O jornal considerou "extremamente simpática e muito significativa a ideia dos Irmãos Navarra [...] Estamos certos de que a população de Varginha, em peso, votará, correspondendo desta forma aos nobres intuitos dos Irmãos Navarra, que querem com isto, prestar-lhe mais uma homenagem" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 22 ago. 1926).

Ainda segundo o *Arauto do Sul*, em nota de 07 de outubro de 1926 (Dia da Cidade), os "incansáveis" Irmãos Navarra eram pessoas dotadas de "espírito altamente

progressista [...] [e] de requinte de nímia gentileza", por isso, "se lembraram de deixar a apuração dos votos a cargo de pessoas de máxima respeitabilidade". A população de Varginha, reconhecida, não iria negar seus "aplausos àqueles que como os Irmãos Navarra, não perdem oportunidade de demonstrar entranhado amor à terra que adotaram como sua" (*ARAUTO DO SUL*. Varginha, 07 out. 1926).

Em 10 de outubro de 1926, uma nota publicada no *Arauto do Sul*, anunciava: "Conforme já fora por nós noticiado, realiza-se, hoje, às 2 horas da tarde, num dos salões do *Club* de Varginha, a apuração dos nomes dentre os quais sairá um com que será batizado o novo Teatro. / Para a comissão apuradora foram convidados representantes dos poderes locais: médicos, farmacêuticos, comerciantes e imprensa. / Os Srs. Navarra & Irmãos mais uma vez pedem, por nosso intermédio, o comparecimento de todos os membros da Comissão, à hora e lugar acima designados, franqueando o salão, gentilmente cedido, a todos que quiserem assistir à apuração. / À noite, no Íris Cinema, será anunciado o nome vitorioso do Concurso (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 172, p. 4. Varginha, 10 out. 1926).

Nesse dia, compareceram no Salão do Clube de Varginha o coronel Leopoldo de Melo Pádua, capitão Pedro de Alcântara da Rocha Braga, farmacêutico Álvaro de Paula Costa, Dr. Joaquim Afonso Ferreira, Dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia, Dr. José Roussoulières, Carlos Silva, Roque Rotundo, João Alves de Miranda e Arthur Braga. Por aclamação, a presidência foi assumida pelo coronel Leopoldo de Melo Pádua, Diretor do *Arauto do Sul*, que tomara sob o seu patrocínio a referida causa. Ele convidou Arthur Braga para secretário e redator da ata de registro do evento da apuração do Concurso Popular, para a escolha do nome do Teatro, que estava em construção pela Empresa Navarra (vide a transcrição inteiro teor da ata no item Artigos do jornal *Arauto do Sul* sobre o novo teatro, de 19 de agosto a 14 de outubro de 1926, no final deste livro).

Segundo o *Arauto do Sul* (ed. nº 172, p. 4. Varginha, 10 out. 1926), a cerimônia

pública de anúncio da escolha do nome do novo teatro, foi realizada Em 10 de outubro de 1926, à noite, no Teatro Municipal com o apoio desse periódico.

O Concurso Público para a escolha do nome do Teatro obteve 201 votos. Os votantes sugeriram 45 nomes, a maioria com votação inexpressiva. O nome mais votado e escolhido foi Capitólio com 118 (59%) votos. Os outros mais votados foram Pedro II, com 13 (6,5%) votos, Glória: 9 (4,5%), Íris: 8 (3,9%) e Guarani: 8 (3,9%).

Outros nomes votados pela população e entre parênteses a quantidade de votos obtida: Trianon (3), Odeon (3), Carlos Gomes (3) e Central (2). Os demais nomes receberam somente um voto cada: América, Anseática, Antártica, Bataclan, Brasil, Caruso, Cassino, Cassino Antártica, Chic, Cineteatro Rialto, Clicocq, Coliseu Antártica, Espéria, Dr. Mello Vianna, Flor da Noite, Fox, Fulgor, Futurista, Imperial, Império, Londres, Marinetti, Maximé, Mineiro, Monte Carlo, Municipal, Nacional, Polo Norte, Rio Branco, Rio de Janeiro, Royal, São Carlos, São Pedro e Varginhense. Por engano, o redator repete Trianon, nome que obteve três votos (*ARAUTO DO SUL.* Edição nº 173. Varginha, 14 out. 1926).

A escolha do nome do teatro pelo povo um ano antes da inauguração tinha, pelo menos, dois propósitos claros: possibilitar que as pessoas criassem um vínculo de pertencimento com o teatro e permitir a moldagem antecipada do nome em estuque na parte mais alta da fachada.

O varginhense demonstrou ter participado dessa escolha com grande responsabilidade e consciência. Prova disso é que a palavra, o nome mais votado, têm significados referentes à cultura grega e, portanto, a um dos conjuntos de valores, tradições e crenças fundadores da cultura ocidental. Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001, p. 612), a forma histórica da palavra Capitólio remonta ao século XV: *capitollyo*. Além do significado mitológico da palavra na cultura greco-romana, que abordamos na Introdução, Capitólio significa, por extensão, uma

edificação majestosa, geralmente sede administrativa ou política de uma aglomeração urbana ou qualquer prédio imponente. No sentido figurado, Capitólio significa glória, triunfo. Mais do que a consciência histórica de uma escolha, o varginhense daquela época foi além: intuiu a glória futura desse Teatro como um triunfo da civilização.

1.5 Da idealização de um politeama ao Theatro Capitólio (1921-1927)

Segundo o jornal *O Capitólio* (Varginha 12 out. 1927): "[...] José Navarra foi quem primeiro ventilou a ideia da construção do novo Teatro, e, não podendo executá-la por retirar-se para [a] Europa devido enfermar-se, deu essa incumbência aos seus irmãos, que a levaram à frente, certos de que realizariam um grande objetivo".

Em 28 de março de 1921, José Navarra, empresário do Teatro Municipal onde funcionava o Cinema Íris, enviou ofício à Câmara Municipal com a seguinte avaliação das condições do teatro: "O estado atual do teatro não é bom pelos defeitos de construção e do uso prolongado sem reformas precisas. Esta casa não tem feitio moderno, sem acústica, de caixa de proporções reduzidas, que impossibilita o trabalho de uma companhia regular e com muitos outros defeitos bem conhecidos" (OFÍCIO DE JOSÉ NAVARRA PARA A CÂMARA MUNICIPAL. Varginha, 21 mar. 1921). Por "reformas precisas" ele quis dizer reformas necessárias. A expressão "caixa de proporções reduzidas" se refere ao espaço interno do teatro, considerado de pequeno pelo redator. "Trabalho de uma companhia regular" quer dizer apresentação de uma companhia de teatro com seus atores, cantores, dançarinos e músicos.

No mesmo ofício, José Navarra afirma que Varginha recebia afluência de população e possuía um movimento intelectual e comercial, que resultava no seu verificado progresso. A população ressentia-se de não contar com um ponto de encontro para reuniões diárias, para descanso e divertimento de seus trabalhadores e

de inúmeros forasteiros, que procuravam por teatros, clubes, cinemas e outras formas de diversões.

Tendo em vista essa avaliação, ele propôs "construir uma casa moderna de proporções mais amplas que a atual, para diversões, dando estilo moderno, com plateia, frisas, camarotes e galerias etc., sistema politeama, onde possa trabalhar companhias de cavalinhos, touradas, teatro, cinema etc e que ainda seja um salão decente para reuniões e festas populares, despendendo até a quantia de 60:000$000 [sessenta contos de réis], mais ou menos, por conta e propriedade da Câmara".

Em 16 de novembro de 1921, a Comissão de Obras Públicas da Cidade apresentou à Câmara Municipal um parecer sobre o requerimento de José Navarra, pedindo concessão para construir uma casa moderna para diversões. A construção aproveitaria o edifício do Theatro Municipal, localizado na Rua Presidente Antônio Carlos, centro. O requerente pleiteava garantias de juros de 10% e amortização nunca inferior a 5%, pelo prazo de vinte anos. O Parecer fez algumas ressalvas em relação aos privilégios econômicos solicitados, considerados excessivos, por isso, recomendava que a solicitação feita não fosse aprovada. A Câmara aprovou o parecer, com isso, a solicitação de José Navarra foi indeferida (LIVRO DE ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL 1920-1923, ata de 16 nov. 1921).

Durante o ano de 1922, não houve discussões sobre a venda do Teatro Municipal na Câmara Municipal.

Em 15 de janeiro de 1923, José Navarra apresentou à Câmara Municipal outro requerimento em que propunha à municipalidade a compra do Teatro Municipal pela quantia de Rs 18:000$000 (dezoito contos de réis), para construir no local um politeama, para 1.500 pessoas, com todas as exigências modernas, além de ceder à Câmara o direito de ocupá-lo, gratuitamente, para festejos ou outros eventos, quando requisitado. Novamente, atendendo à norma protocolar, a Câmara enviou

o requerimento para análise da Comissão de Obras Públicas (LIVRO DE ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL 1920-1923, ata de 15 jan. 1923).

O conceito de politeama surgiu na Europa, no século XIX. A etimologia da palavra é grega: *poli* (muito), mais o radical *théama,atos* (o que se contempla; espetáculo), ou seja, casa de diversões que apresenta espetáculos de gêneros variados (DICIONÁRIO HOUAISS, 2001, p. 2253). A arquitetura do teatro lírico é em forma de ferradura, e os espetáculos nele apresentados são eruditos. Em contraposição, a arquitetura de um politeama é simples, despojada, desprovida de ornamentos e sua proposta era ser um espaço para a apresentação de atividades diversificadas para atender às várias classes sociais: cantos e danças populares, espetáculos circenses e de ilusionistas, operetas etc. No início do século XX, as principais cidades brasileiras contavam com politeamas, sendo um dos mais conhecidos o Teatro Politeama do Brás, em São Paulo.

Em 16 de janeiro de 1923, a Comissão de Obras Públicas apresentou seu parecer sobre a pretensão de José Navarra de adquirir o Teatro Municipal. A Comissão se manifestou favorável à venda, não pela quantia ofertada pelo proponente de Rs 18:000$000 (dezoito contos de réis), mas, por Rs 25:000$000 (vinte e cinco contos de réis), somente o prédio e com o respectivo terreno, com a exclusão de todo o mobiliário. Além disso, a venda seria efetivada por hasta pública, conforme preceituava a lei da organização municipal. O arrematante seria obrigado a construir no local do antigo teatro um "Politeama" com capacidade para abrigar entre 1.500 e 2.000 espectadores. A construção deveria ser concluída no prazo de um ano, a contar da data em que fosse lavrado o contrato, caso contrário, o contratante estaria obrigado ao pagamento de uma multa no valor de Rs 2:000$000 (dois contos de réis), por mês que excedesse o prazo estipulado, salvo motivo de força maior comprovado, a juízo da Câmara. A planta e demais detalhes da construção deveriam ser aprovados pela Câmara, antes de lavrado o contrato. O prédio que fosse construído deveria ter o valor mínimo de

Rs 80:000$000 (oitenta contos de réis). Além disso, seriam exigidos dois fiadores idôneos e a Câmara reservaria para si o direito de requisitar o prédio do teatro todas as vezes que julgasse necessário. O parecer da Comissão de Obras Públicas foi aprovado por unanimidade e, em seguida, enviado à Comissão de Legislação de Justiça, para formulação do projeto de lei que autorizaria o Presidente a cumprir o que foi aprovado no parecer (LIVRO DE ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL 1920-1923, ata de 16 jan. 1923).

Enquanto a proposta de José Navarra ainda era assunto de discussão na Câmara Municipal, foi promulgada a lei nº 486, de 20 de maio de 1923, que autorizava o presidente da Câmara Municipal a pôr em hasta pública o aluguel do Teatro Municipal. Pouco meses depois, no entanto, a lei nº 493, de 20 de setembro de 1923, revogou a lei nº 486 e autorizou a venda do prédio e do terreno do Teatro Municipal, estabelecendo as seguintes condições: preço de venda de Rs 20:000$000 (vinte contos de réis), impedimento do arrematante de fazer transferência do terreno e do prédio que fosse construído a terceiros, sem prévio consentimento da Câmara e utilização exclusiva do terreno e do prédio para casa de diversão (LEI Nº 493, 20 set. 1923).

Um edital da Câmara Municipal, datado de 22 de novembro de 1923, declarou aberta a hasta pública para a arrematação do prédio e do terreno do Teatro Municipal. A colocação em hasta pública estava em conformidade com a lei nº 493, de 20 de setembro de 1923 e com as alíneas *b* e *c*, da lei nº 478, de 24 de maio de 1923. O lance mínimo para a arrematação era de Rs 20:000$000 (vinte contos de réis). As propostas assinadas e com firma reconhecida, deveriam ser apresentadas em envelopes lacrados, selados, sem rasuras e emendas. Do envelope deveria constar o nome do proponente e o objeto da proposta. Os envelopes seriam abertos no dia 13 de dezembro, ao meio-dia, na Secretaria da Câmara Municipal, na presença de todos os interessados. As propostas deveriam conter, obrigatoriamente: 1) o preço total da oferta em algarismos e por extenso, 2) o endereço residencial do proponente, 3) a declaração de submissão

às alíneas *b* e *c* da lei nº 478, de 24 de maio de 1923, que obrigavam o arrematante a construir um "Politeama", com a capacidade de 1.500 a 2.000 espectadores e a ceder o prédio, sem ônus algum, para diversão pública, quando a Câmara o requisitasse e 5) o estabelecimento dos prazos de início e de conclusão da obra. A Câmara reservou-se o direito de escolher, dentre as propostas, a que lhe parecesse mais vantajosa ou de rejeitar todas. O edital foi afixado na porta do Fórum e publicado pela imprensa (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº ?, p. 3. Varginha, 1923).

Em 10 de fevereiro de 1924, o *Arauto do Sul* anunciava na primeira página a venda do Teatro Municipal ao Sr. José Navarra, em virtude da Lei Municipal nº 511, de 22 de janeiro de 1924. Oito dias depois, em 30 de janeiro, o prefeito José Augusto de Paiva assinou a escritura de venda do teatro ao Sr. José Navarra, único concorrente à hasta pública que precedeu esse contrato. A escritura foi lavrada pelo tabelião Antônio Vilela Nunes. A Câmara Municipal, ao elaborar o texto da referida lei, cuidou da clareza das cláusulas contratuais, para resguardar os interesses municipais e os do povo de Varginha, bem como para tentar evitar interpretações textuais distorcidas das partes envolvidas, o que poderia levar a indesejadas disputas judiciais. As negociações então efetivadas foram precedidas pelo levantamento de uma planta do novo teatro – o politeama, que o comprador obrigou-se a construir no local ocupado pelo Teatro Municipal, dentro do prazo de doze meses a contar da data em que fosse lavrada a respectiva escritura. A planta foi analisada e aprovada pela Câmara. Essa planta, de autoria do engenheiro Frizotti Agostini, foi arquivada na Secretaria da Câmara Municipal (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 16, p. 1. Varginha, 10 fev. 1924), mas, atualmente, não foi encontrada nos arquivos públicos do município.

A correspondência de 16 de outubro de 1927, da Empresa do Teatro Capitólio endereçada à Câmara Municipal cita a localização do novo teatro: "edifício situado, nesta cidade, à Rua Direita, junto do antigo Teatro "ÍRIS" (Correspondência

datilografada. Varginha, 16 out. 1927), ou seja, segundo esse documento, o Teatro Capitólio foi construído ao lado do antigo Teatro Municipal, que não foi demolido e continuou a funcionar durante algum tempo como cinema, mesmo após a inauguração do Capitólio. A palavra 'junto' significa disposto de modo contíguo, ao lado, perto.

No entanto, a escritura de transmissão de propriedade de 30 de janeiro de 1924, entre a Câmara Municipal (vendedora) e José Navarra (comprador), afirma que "foi dito que sendo a Câmara Municipal senhora e possuidora a justo título, sem ônus algum, do prédio e respectivo terreno, medindo a área 634 m², sitos à Rua Direita, esquina da Rua Wenceslau Braz, nesta cidade, sendo o prédio adaptado para Teatro Municipal, construído pela mesma Câmara, no terreno que comprou à Fábrica da Igreja Matriz desta mesma cidade". Segundo essa escritura, o Theatro Capitólio foi construído no terreno onde se localizava o antigo Teatro Municipal.

O politeama com três andares e capacidade para comportar 1.700 pessoas, seria luxuoso e confortável, com diversas frisas, camarotes e gerais. O palco enorme teria capacidade de receber qualquer tipo de companhia de espetáculos. Haveria também um terraço e salões cobertos para os fumantes. A planta seria amoldada à instalação de um picadeiro. As medidas do edifício seriam: 21m e 20 cm de frente por 35 metros de fundo, com área de 770 m² e cubatura total de 13.860 metros. Estava prevista o assentamento de treze amplas portas, sendo três de entrada e dez de saída. Em cada um dos três pavimentos deveriam ser feitas instalações sanitárias com paredes revestidas de mosaicos, sendo uma para homens e outra, com *toilette*, para senhoras. A construção seria mista com tijolo e cimento armado. As obras foram orçadas em Rs 200:000$000 (duzentos contos de réis). A Câmara exigiu dois fiadores idôneos como abonadores (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 16, p. 1. Varginha, 10 fev. 1924).

O contrato evidencia a preocupação da Câmara Municipal com a qualidade e a solidez do prédio que viria a ser o futuro Theatro Capitólio, com as condições sanitárias

e de higiene, com o arejamento e iluminação e com a segurança do público.

A leitura desses trechos da ata revela a ideia da criação de uma casa para diversões na cidade com capacidade para receber quase duas mil pessoas. Tendo em vista a população geral do município, na época, tratava-se de uma construção de grande porte.

Anexo ao Teatro estava prevista a construção de um barracão provisório, destinado ao funcionamento do cinema durante a construção do Politeama (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 16, p. 1. Varginha, 10 fev. 1924).

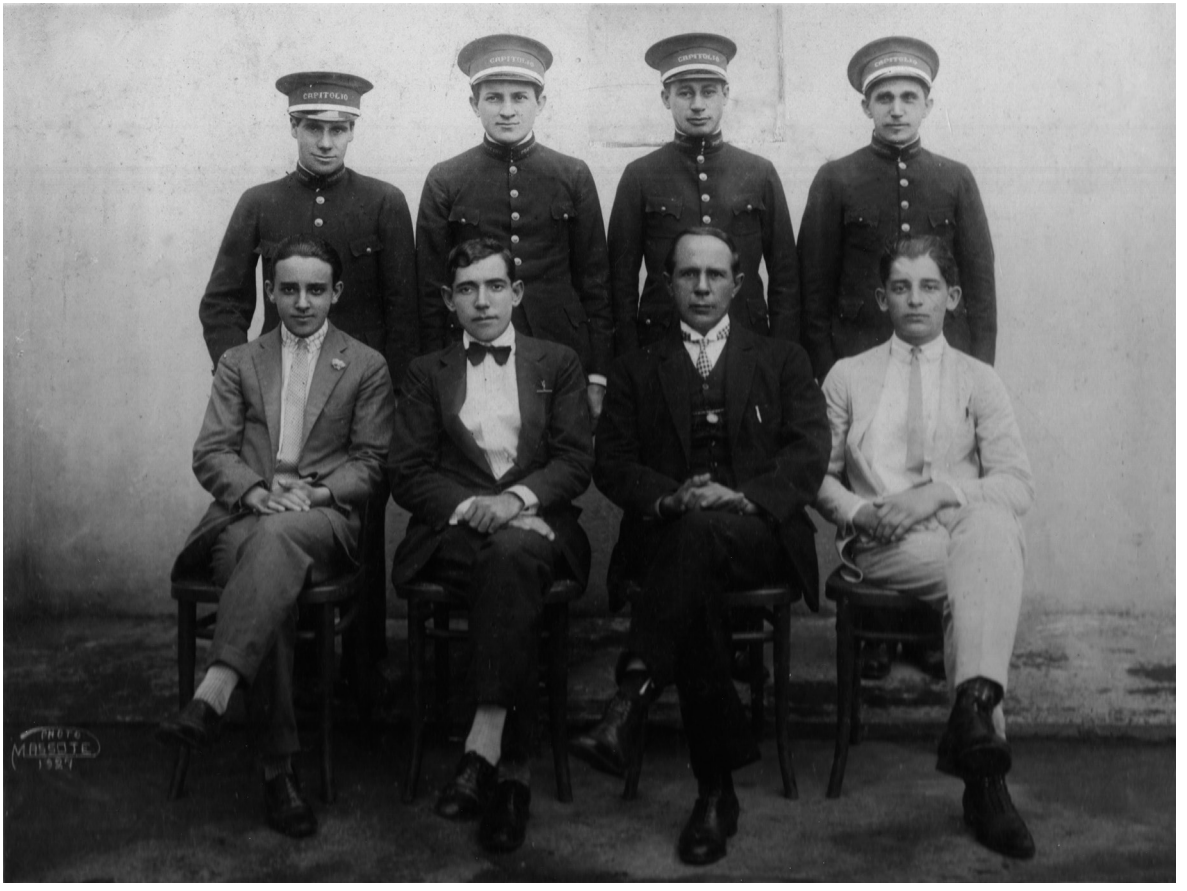
O *Arauto do Sul* teceu, ainda, as seguintes considerações sobre a construção do novo teatro: "Varginha, ao lado de outros importantíssimos melhoramentos, que vai recebendo dos poderes públicos municipais, será, em breve, dotada de um edifício de estética atraente, luxuoso e confortável, digno da sua cultura e do seu progresso. [...] Todos os centros bafejados pela civilização procuram, esforçadamente, ter o seu Teatro à altura dos seus créditos artísticos e da sua importância nos domínios intelectuais. Diante de tais considerações é forçoso convir que a Câmara Municipal realizou um ótimo negócio, levando-se em conta, tão-somente, as cláusulas garantidoras e vantajosas que integram juridicamente o contrato transmissório" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 16, p. 1. Varginha, 10 fev. 1924).

Em 02 de março de 1924, o *Arauto do Sul* publicou um artigo satírico sem assinatura, com o título Desinterrompido... No artigo, o autor utiliza termos que nos dão uma ideia de como a população, que acompanhava atentamente as negociações entre a Câmara Municipal e a Empresa Navarra, percebia o desenrolar das tramitações burocráticas que envolviam a venda do antigo Teatro Municipal e a construção do novo teatro: "a formidável encrenca do Teatro Municipal". O negócio foi "laborioso, foi lento, foi moroso, foi o diabo que o carregue, mas foi desinterrompido". Assim, considera o articulista: "Até que enfim, Varginha espera contar com o colosso, com o

monumental Politeama" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 19, p. 1. Varginha, 02 mar. 1924).

Em 16 de maio de 1925, José Navarra enviou ofício à Câmara Municipal em que relata estar acometido por grave moléstia pessoal e, em razão disso, solicitava a rescisão do contrato de 30 de janeiro de 1924, pelo qual se comprometera a construir um novo teatro, em forma de Politeama. Ele reconhecia que a Câmara poderia encontrar maior valor pela venda do atual prédio e de seu terreno que a importância constante do contrato citado acima, por isso, concordava pagar, pelo tempo decorrido de 30 de janeiro de 1924 até maio de 1925, os juros de 10% sobre Rs 30:000$000 (trinta contos de réis). José Navarra alegava que, tendo sido pago por meio do mesmo contrato Rs 20:000$000 (vinte contos de réis), considerava que seria justo que se lhe abonassem os juros recíprocos sobre a quantia dada na mesma data, até a liquidação deste ajuste e que lhe fosse restituído o saldo da quantia de vinte contos de réis, decorrente do ajuste de juros. Ele concordava, ainda, em pagar os alugueis do contrato anterior, de Rs 200$000 (duzentos mil-réis) mensais contados durante o tempo do atual contrato, que ora se pedia a rescisão, pois estava ocupando o Teatro Municipal. O requerente ainda solicitou que a Câmara lhe concedesse o prazo de um ano para a restituição do teatro, período durante o qual se comprometia a pagar o aluguel do antigo contrato no valor de Rs 200$000 (duzentos mil-réis) mensais, durante essa nova concessão pedida. Ele solicitava a nova concessão devido à existência de diversos contratos de fornecimentos de fitas cinematográficas, cujos atos não podiam ser rescindidos sem graves prejuízos financeiros para a sua empresa (OFÍCIO manuscrito de José Navarra para a Câmara Municipal. Varginha, 16 maio 1925. Vide transcrição de inteiro teor em Anexos).

Conforme se constata da leitura de documentos e de artigos publicados no *Arauto do Sul*, até maio de 1925, ainda havia citações à construção de um politeama em Varginha. Em novembro do mesmo ano, as referências passaram a ser a de um teatro:



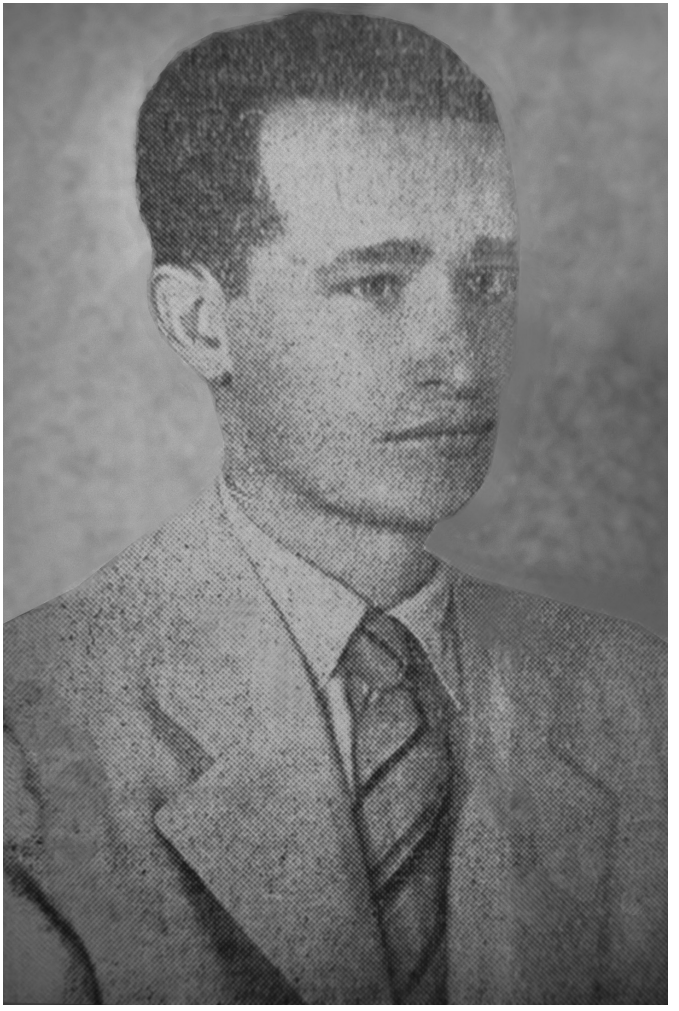
Primeiros funcionários do Cine Theatro Capitólio, 1927
Sentados: Elias Esteves Alves – operador de projetor, Nícola Napoli – gerente, Joaquim Barra – supervisor e Salvino Cougo – auxiliar
Em pé: Domingos, Vicente Leite, homem não identificado e
Afonso Rossignoli: arrumadores e bandeirinhas

em 16 de novembro, as obras do Teatro Capitólio estavam no início com previsão de entrega em oito meses, ou seja, em julho de 1926. A Navarra & Irmãos solicitou, novamente, à Câmara Municipal isenção de impostos municipais e a não criação de novos tributos. "Como reciprocidade de favores, o proprietário fará construir um Camarote mais amplo que os comuns, destinado à Câmara Municipal, dando [a ele] uma feição distinta e, ainda, assegurará o direito dessa Câmara de utilizar do teatro para festejos nacionais e para recepções do interesse do Município" (OFÍCIO da Navarra & Irmãos para a Câmara Municipal. Varginha, 16 nov. 1925. Grifo nosso).

Em 07 de fevereiro de 1926, ao constatar o início das obras do novo teatro, o *Arauto do Sul* afirmava: "A obra está iniciada e prossegue com a atividade, fazendo surgir do solo, em blocos de granito, alvenaria e cimento armado, a carcaça do novo edifício, que há de ostentar para a geração futura uma fachada imponente" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 118, p. 1. Varginha, 07 fev. 1926).

Em 25 de outubro de 1926, a Navarra & Irmãos, proprietários da Empresa Teatro Capitólio, solicitou à Câmara Municipal que lhe concedesse os favores da isenção de impostos municipais, por um período não inferior a dez anos, a contar da data da inauguração oficial do teatro e a concessão de três penas d'água, gratuitamente, pelo mesmo prazo. A Câmara deliberou por conceder a isenção por cinco anos e solicitou à empresa que um camarote fosse reservado para a Câmara (OFÍCIO da Navarra & Irmãos para a Câmara Municipal. Varginha, 25 out. 1926).

Em 17 de janeiro de 1927, a Empresa Navarra solicitou da Câmara Municipal a isenção de impostos e do pagamento da taxa d'água, entre outros favores. A princípio, a Câmara indeferiu a solicitação, "visto ter de consultar primeiramente ao Governo do Estado, em virtude de ser proibida qualquer concessão dessa natureza, por cláusula do contrato de empréstimo com o Estado" (LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL, 1923-1928, fl. 134f). Dias depois, a Câmara resolveu enviar um ofício



Francelino Bonnet, gerente dos cinemas Capitólio e Rex, 1945-1946

ao Secretário de Estado do Interior em que comunicava: "Os Snrs Navarra e Irmãos, industriais e negociantes estabelecidos nesta cidade, acabam de construir um prédio para cinema e teatro, prédio esse espaçoso e de uma arquitetura majestosa, em o qual despenderam não pequena soma, solicitam desta municipalidade isenção de impostos de indústria e profissão pelo espaço de cinco anos, para a exploração do mesmo. / A Câmara acha justa a pretensão d'aqueles senhores, porém, não pode deferi-la, em virtude do contrato de empréstimo, sem prévia aquiescência do Governo, o que agora solicito. [...]" (CÂMARA MUNICIPAL. OFÍCIO nº 35. Varginha, 26 jan. 1927).

Conforme se percebe, a ideia inicial de José Navarra era a de adquirir o prédio do antigo Teatro Municipal, demoli-lo e, no mesmo lote, construir um politeama com capacidade inclusive para receber espetáculos de touradas. A partir do segundo semestre de 1925, essa ideia foi abandonada.

1.6 Gerentes (1927-1946)

O gerente da Empresa Cinematográfica Íris Cinema era Nicola Napoli que, após a inauguração do Theatro Capitólio, foi o seu primeiro gerente. Em 1924, o gerente do Íris Cinema era Rafael Filardi (PROPAGANDA. Íris Cinema. Varginha, 10 maio 1924). O Íris Cinema e, posteriormente, o Teatro Capitólio, anunciavam a exibição dos "melhores filmes europeus e americanos". O número do telefone, 7, do Íris Cinema, passou a ser o do Teatro Capitólio (IMPRESSOS. Envelopes de correspondência da Empresa Cinematográfica Íris Cinema e do Theatro Capitólio).

Em 1945 e 1946, o gerente dos cinemas Capitólio e Rex era Francelino Bonnet, da Empresa Cinematográfica Prince de Souza (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1998, p. 3. Varginha, 25 nov. 1945; ibidem, ed. nº 2116, p. 1. Varginha, 24 abr. 1946).

2 ESTILO DA ARQUITETURA

A arquitetura representa não somente a criação do homem para satisfazer suas necessidades individuais ou coletivas. É, também, a expressão da cultura de um povo, de sua época e civilização. As construções arquitetônicas revelam a visão de mundo de uma sociedade, seus desejos, temores, aspirações e concepções estéticas, políticas e religiosas. Por isso, a arquitetura é um tipo de arte relacional que modifica e compõe o ambiente e o meio geográfico, uma arte em contínua interação com o ser humano. A identidade única da criação arquitetônica é o resultado da cultura de um povo e do período histórico em que foi produzida.

O arquiteto alemão Mies van der Rohe (1886-1969), em artigo publicado, em Berlim, na Revista de vanguarda G (1923), escreveu em um aforismo: "A arquitetura é a vontade de uma época traduzida em espaço" ou, em outra tradução, "A arquitetura é a vontade da época que se agarra ao espaço". No original, em alemão: *Baukunst ist raumgefaßter Zeitwille*.

O Theatro Capitólio é um desses exemplos. Foi construído nos anos finais da Primeira República, período das oligarquias políticas brasileiras. Em Varginha, esse momento, poucos anos antes do *crack* da bolsa de Nova York (1929), foi marcado por uma euforia desenvolvimentista cujo lastro encontrava forte apoio na realidade: os melhoramentos na urbanização da cidade, na construção da rede de esgotos e da água potável, a criação do Jardim Municipal, a introdução do automóvel, a criação da Rede Telefônica Varginhense (1913) e a inauguração da usina de energia elétrica e da luz elétrica (1914). Além disso, houve influência cultural dos novos costumes trazidos pelos imigrantes, sobretudo, os italianos, dentre os quais estavam os idealizadores e construtores do teatro. A agropecuária e as pequenas indústrias do município, aliadas à grande produção, comercialização e exportação do café para a Europa, atividade

retomada com vigor após o fim da I Guerra Mundial, forneceram as condições econômicas necessárias para o financiamento de obras e construções públicas e particulares de maior envergadura. Faltava na cidade uma casa de espetáculos à altura. Era o momento de sonhar alto. Os Irmãos Navarra, apesar de estrangeiros, tiveram a sensibilidade e a intuição de perceberem a aspiração dos varginhenses.

A planta inicial do Theatro Capitólio era de Frizzoti Agostini. A decoração da fachada e do interior é atribuída ao arquiteto Alexandre Valatti, imigrante italiano radicado no município.

A primeira descrição do teatro consta da edição especial do jornal local *O Capitólio* do dia da inauguração.

"Lotação. Amplo e vasto com luxuosa sala de espera, quartos de *toilettes* [banheiros] para senhoras e cavalheiros e diversas dependências outras, comporta o Theatro Capitólio cerca de 1.800 pessoas, sendo 1.000 em camarotes, frisas e plateia, e 800 nas galerias. / Está dividido o Theatro em uma série de camarotes, uma de frisa, outra de plateia, com o total de 500 poltronas, estilo moderno, fabricadas especialmente para esse fim no Paraná. / O Palco é amplo, bem proporcionado, dando acesso a grandes companhias e, segundo opinião dos entendidos, possui acústica invejável. / É essa a lotação do Theatro Capitólio, podendo, no entanto, comportar, quando o exigir, cerca de 2.000 espectadores. [parte danificada do jornal] os do Theatro Capitólio foram adquiridos no Rio, dos melhores cenógrafos e para montá-los veio especialmente de S. Paulo um técnico do Theatro Santa Helena" (*O CAPITÓLIO*. Edição nº LXIII. Varginha, 12 out. 1927).

A seguir, apresentamos uma descrição sintética do estilo arquitetônico.

O edifício, implantado junto ao alinhamento da calçada, tendo como divisas os lotes vizinhos, possui uma volumetria sólida, compacta e pesada. A implantação e a volumetria robusta despertam no observador a sensação de estabilidade e segurança,

mas, não de rigidez, pois os vários elementos decorativos, tanto da fachada quanto da parte interna, utilizam uma combinação harmônica de linhas retas e curvas, o que suaviza o conjunto clássico, imponente e elegante. O teatro foi erguido para celebrar a perenidade da arte como expressão máxima do espírito humano em todos os tempos. Na época de sua finalização, o Capitólio era um dos edifícios com o maior gabarito de altura da cidade – doze metros, assim, ele se impunha e continua a se impor, vibrante, no centro nevrálgico da cidade, como uma estrutura que não pode ser ignorada. Suas características arquitetônicas rememoram um passado grandioso da humanidade, que atravessou os séculos e permanece conosco como memória viva indestrutível em sua excelência. A fachada foi construída com delicadeza e requinte de detalhes, o que pode ser percebido tanto na alvenaria quanto no portão de ferro forjado de duas folhas, que dá acesso ao *foyer*. Com isso, o Capitólio, desde o dia de sua inauguração até o presente pode ser considerado a obra arquitetônica mais requintada e imponente da cidade, a qual os varginhenses de todas as gerações admiram, reconhecem seu valor histórico, cultural, social, afetivo, imagético e simbólico e, portanto, desejam que seja preservada como precioso legado para a geração atual e para as futuras gerações.

A fachada majestosa e imponente, o interior requintado e elegante do Theatro Capitólio, quando comparados com os edifícios públicos e com as vivendas particulares construídos na cidade entre o final do século XIX e o início do XX, revelam um momento histórico único na vida do município.

O Teatro Capitólio possui quatro pavimentos: subsolo, pavimento térreo, pavimento intermediário e pavimento superior, conforme especificado a seguir.

1 O subsolo, no fundo do lote, possui quatro camarins e dois banheiros. Tem-se acesso a ele por meio de duas escadas, situadas uma à direita, outra à esquerda, no fundo do palco. A localização aos fundos e no subsolo, facilita o deslocamento do artista dos camarins para o palco e vice-versa, e preserva a sua intimidade, mantendo-o distante

do assédio do público nos momentos em que, tomado pela emoção de estar no palco, necessita concentrar-se, retocar a maquilagem e trocar de vestuário.

2 O pavimento térreo possui um *foyer*, um saguão de espera, frisas, palco e plateia com cadeiras fixas. O *foyer* é um salão, nos teatros, onde os espectadores aguardam o início da apresentação, conversam ou descansam nos intervalos. O *foyer* do Teatro Capitólio não constava da planta original. Ele foi construído na reforma de 1946, para melhor aproveitamento da lateral direita do prédio. Seu formato é retangular. Nele está a bilheteria.

O saguão com pé-direito duplo tem duas escadas elípticas com corrimãos de alvenaria sustentados por balaústres em massa industrializada. As escadas constituem o elemento de imponência da entrada e dão acesso ao pavimento intermediário. Dois degraus separam o *foyer* do saguão, sendo esse último o mais elevado. Nas frisas, as cadeiras são móveis.

Pelo menos até 1936, conforme se constata por fotografias publicadas na Revista Vida Escolar [1937?] do Ginásio Municipal Sagrado Coração de Jesus, pinturas parietais com motivos fitomórficos estilizados decoravam os guarda-corpos de alvenaria das frisas e dos camarotes. As paredes internas receberam pintura mural e os pilares eram decorados com pintura marmorizada. Sem dúvida, esse tipo de pintura contribuía para tornar a ambientação interna mais sofisticada e suntuosa, e provocava no espectador um impacto visual muito diferente do atual.

Após a reforma de 1983-1985, o proscênio foi prolongado para ocultar o fosso que acomodava os músicos da orquestra na época da exibição de filmes mudos. Antes dessa reforma, o fosso era oculto do público por uma cortina instalada atrás de um gradeado de ferro, que impedia o acesso dos espectadores e evitava acidentes. Até o início da década de 1980, no palco, no centro na boca de cena, havia um alçapão que permitia a comunicação com um recinto que ficava por baixo e dava acesso aos

Foyer do Theatro Capitólio, 1984

camarins. A área total do palco (área cênica mais proscênio) possui 111,65 m². O pé-direito da área cênica é de 7,50 metros. A distância do proscênio da linha mais próxima à plateia ao início da boca de cena é de 3,55 metros.

3 O pavimento intermediário possui camarotes com cadeiras móveis, um banheiro masculino e um banheiro feminino. Uma escada dá acesso ao *hall* de comunicação do pavimento superior.

4 O pavimento superior possui uma galeria com cadeiras móveis, copa, cozinha, sala da diretoria, cabine de controle de iluminação e do som, e um *hall* de comunicação entre a galeria, os demais cômodos desse pavimento e a escada que dá acesso ao pavimento intermediário.

No período entre 1943 e 1945, quando a Empresa Nogueira era a proprietária e administradora do teatro, a capacidade total era de 936 cadeiras, sendo 430 cadeiras na plateia, 300 nas galerias, 120 nas frisas e 86 nos balcões (camarotes) (*O SUL-MINEIRO ILUSTRADO*).

O piso do *foyer* e do saguão térreos, e dos banheiros do pavimento intermediário são de ladrilho hidráulico artístico com desenhos geométricos no tamanho 20 x 20 cm com espessura de 2 cm. Os desenhos dos ladrilhos hidráulicos obedecem a sete padrões: padrão octógono, padrão corrente, padrão marquesa, tabeira padrão corrente, tabeira padrão quadriculado, tabeira padrão geométrico e tabeira padrão floral.

Os pisos das galerias, dos camarotes e das frisas é de taco de madeira ou de tábua corrida de 10 cm.

Os guarda-corpos, grades e outros adornos são de ferro forjado construídos no estilo *art nouveau*, embora menos elaborados.

O Theatro Capitólio foi construído em estilo eclético, caracterizado por uma mistura de estilos arquitetônicos do passado, para a criação de uma nova linguagem arquitetônica. Esse estilo representa o período de transição da arquitetura, que passou

Colação de grau dos alunos Maristas, 1936

Fosso do teatro com ladrilhos hidráulicos assentados
em paginação tabuleiro, 1984

Balcão, frisas e camarotes, 1984

a predominar no período entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

A técnica utilizada na construção foi a do cimento armado e tijolos. Os estilos neoclássico e *art nouveau* são os predominantes. É na fachada que os elementos arquitetônicos desses estilos combinados são mais perceptíveis. As colunas, cimalha, platibanda, embasamento e molduras são do estilo neoclássico. As grades, portão, parapeito, guarda-corpos, janelas, todos em ferro forjado, são do *art nouveau.*

As plantas baixas do Teatro Capitólio foram feitas pela arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere, em 1999, sendo o conjunto composto por cinco pranchas: Prancha 1/5: camarins, Prancha 2/5: térreo, Prancha 3/5: pavimento intermediário (camarotes), Prancha 4/5: galeria, e Prancha 5/5: fachada (PRANCHAS DO TEATRO CAPITÓLIO, out. 1999).

Da Prancha 2/5 – térreo, constam as seguintes medidas de áreas: térreo (cadeiras): 660,56 m² e camarins: 111,78 m². Pavimento intermediário (camarotes): 236,34 m². Pavimento superior (galeria): 242,41 m². O terreno possui 831,00 m² e a área total construída é de 1.251,09 m².

Algumas formas estruturais, como a escada que dá acesso ao segundo pavimento, são sinuosas, bem como o seu corrimão de alvenaria, sustentado por balaústres. Na fachada e no espaço interno, a utilização adequada da linha curva cria movimento e impede a monotonia do espaço planejado. A linha curva cria uma estética que impressiona de modo agradável o observador e usada com parcimônia evitou o rebuscamento excessivo, frívolo, que provoca cansaço visual.

A planta de forma retangular pode revelar a influência do nascente Modernismo, caracterizado pela funcionalidade e racionalização dos espaços, mas também a necessidade percebida pelo projetista de ocupar o espaço com o maior aproveitamento possível da área útil.

A construção é de alvenaria de tijolo maciço com estrutura autoportante, ou seja, com capacidade de suportar a si mesma independente de estruturas auxiliares de apoio. As paredes são revestidas de massa frisada. A cimalha em massa arremata e emoldura as janelas; a ornamentação é adequada à função a qual o edifício se destina: um espaço das artes.

A volumetria e a fachada compõem um conjunto estruturalmente equilibrado, e o tipo de combinação de elementos arquitetônicos utilizado no ecletismo definido e escolhido pelo projetista, ressalta a sua habilidade de combinar com harmonia os elementos do neoclássico e do *art nouveau*.

A cobertura original do teatro era feita em quatro águas, com complexa estrutura de madeira revestida por telhas francesas de barro. A cobertura atual é feita em duas águas, com estrutura metálica e revestimento por telhas metálicas com tratamento termoacústico (telhas tipo sanduíche, compostas por duas telhas de aço e material isolante de poliuretano e poliestireno expansivo – isopor). O telhado cobre um vão de 23 metros. Uma platibanda esconde o telhado, coroando a parte externa do prédio, visível da rua, com ornamentos em estuque. O embasamento, primeiro elemento da fachada e do piso, confere ao edifício um aspecto de sóbria solidez.

A cornija – moldura que remata o entablamento das colunas e protege as paredes das águas pluviais, é clássica, sendo caracterizada pelo uso de diferentes ornatos, molduras retas e curvas, com arremate do edifício no alto da fachada. Abaixo da cornija mais elevada, na parte central da fachada, dentro de uma moldura de alvenaria, consta a inscrição: THEATRO – CAPITÓLIO feita em massa.

A fachada é do estilo neoclássico, que encontra no pórtico o eixo de sua simetria. O tipo de pórtico da entrada para o saguão e, portanto, para a entrada do teatro, é uma característica marcante do neoclássico com quatro colunas que avançam e apoiam o ressalto da parte superior, terminando em arco abatido.

Todas as janelas da fachada, basculantes ou com abertura de duas folhas, são de ferro forjado. As janelas laterais inferiores, duas de cada lado do pórtico, são ladeadas por colunas e encimadas por arcos plenos. Esses elementos formam um conjunto emoldurado por dois florões ou medalhões decorativos.

Os dois florões ocupam parte da metade inferior da fachada, um no lado direito, outro no esquerdo das duas portas de entrada e acima das janelas de arco pleno. Os florões apresentam como motivo central uma lira, mas são ligeiramente diferentes em sua composição. A lira é um instrumento de cordas em forma de U, tendo sido amplamente utilizado em pinturas e esculturas da antiguidade clássica greco-romana, e se tornou, assim, um dos símbolos do teatro junto com as máscaras. No Theatro Capitólio, o florão esquerdo tem o centro ocupado por uma lira estilizada na posição vertical, circundada por dois ramos de folhas, um de cada lado. No florão direito, o centro é ocupado por uma lira estilizada inclinada à esquerda, apoiada em duas cornetas em formato de chifres e em um ramo com folhas. As cornetas lembram a cornucópia, que, na Grécia Antiga era um dos atributos da deusa Fortuna e da Abundância. Sobre a lira, na posição vertical, pende um laçarote com duas longas fitas arrematadas em nós. O laçarote divide o florão em duas metades assimétricas, devido à diferença dos motivos trabalhados de um lado e do outro. As molduras dos florões são idênticas, com motivos fitomórficos estilizados.

O pórtico de entrada é encimado por um conjunto de três janelas em arco pleno, e ladeado, simetricamente, à esquerda e à direita, em cada lado, por duas janelas de viga reta de tendência clássica.

O terceiro plano da fachada é composto por janelas de verga reta, ladeadas por colunas apoiadas por ombreiras. Nelas, a verga reta cria outro tipo de movimento em contraste, ao romper com a linha curva superior das janelas implantadas nas laterais do pórtico e acima dele. Isoladamente, o desenho das janelas compõe um conjunto

Florão direito da fachada externa

harmonioso e assimétrico. A combinação das linhas reta e curva no desenho das janelas, sendo sete com curvas e quatro com retas em formato retangular, cria os contrapontos do equilíbrio por assimetria.

As caneluras das colunas arrematadas em capitéis dóricos são interrompidas na proximidade do plinto (base quadrangular das colunas), aproximadamente a 1/3 da altura.

Por fim, a arquitetura do Theatro Capitólio é um reflexo das aspirações da população varginhense que, desde a fundação da cidade, no final do século XVIII, geração após geração, sempre foi capaz de transformar o ufanismo em uma virtude construtora de realidades. Logo após a inauguração, as propagandas do período anunciavam o Capitólio como "O cinema da elite, da elegância e da moda". O acentuado aumento populacional da cidade e a grande expansão urbana, principalmente na região central da cidade, fatos notáveis durante todo o século XX, tiveram como consequência a demolição das antigas construções públicas e vivendas particulares do final século XIX e do início do XX. Na Rua Presidente Antônio Carlos, onde o Theatro Capitólio está localizado, somente ele e o Palacete Vila D. Vica permanecem como a memória edificada desse período. Desse modo, além de tudo, o Capitólio representa para o varginhense, no mundo de relações fluidas, passageiras, descartáveis, a solidez, a permanência e a segurança de um mundo antigo que não ruiu e mantém preservados os valores afetivos, culturais e estéticos de uma época que sempre será grandiosa e pode ser experimentada a cada vez que o teatro abre suas portas ao público para recebê-lo com um novo espetáculo. Em suma, em quase um século de existência, que será comemorado em breve, ainda nesta década, o Capitólio é um símbolo máximo da resistência e da grandiosidade de um povo que soube lutar para construí-lo e para mantê-lo de pé e, assim, preservar sua riqueza inestimável de significados e de sentidos para as gerações vindouras.

Rua Presidente Antônio Carlos, década de 1930

2.1 Breve consideração sociológica do estilo da arquitetura

Alguns pesquisadores quiseram perceber na pesada volumetria do Theatro Capitólio e em seu estilo majestoso e imponente a manifestação clara e objetiva do poder da "aristocracia cafeeira" ou do "baronato do café" locais, como se fosse uma espécie de determinismo econômico cujos tentáculos se estenderiam à arquitetura da arte na cidade.

Ainda que outros fatores causais não devam ser ignorados, esse tipo de relação de causa e efeito pode ser percebido nos casos de algumas vivendas particulares da época na cidade: por exemplo, o imponente palacete assobradado na Avenida Rio Branco, do coronel Joaquim Pinto de Oliveira, onde ele residia com a família. Fazendeiro, ele era proprietário da próspera Fazenda da Boa Vista. Essa situação pontual, no entanto, não deve ser generalizada nem estendida para a compreensão de todas as construções de grande porte feitas na cidade no mesmo período.

Em relação ao Theatro Capitólio tal hipótese nos parece equivocada. Constitui uma evidência histórica que Varginha, desde o final do século XIX até o presente, tem na atividade da produção e comercialização do café um dos principais motores de sua economia. Esse fato era ainda mais marcante no período em que o Capitólio foi construído e inaugurado.

Que relação, no entanto, podemos estabelecer entre a economia do município e a construção do Capitólio? É imprescindível nos atermos aos fatos. A pesquisa realizada para elaboração deste livro mostra que a demanda para a construção de um teatro na cidade está fartamente documentada a partir de 1884. Essa demanda partiu de setores da incipiente classe média urbana, católica, de maioria, mas não exclusivamente branca, com boa formação educacional, constituída por artistas profissionais e amadores do teatro e da música, jornalistas, professores, escritores, estudantes,

amantes da literatura, profissionais liberais, pequenos empresários, comerciantes, donas de casa etc.

Curiosamente, coube a uma família de imigrantes italianos radicada na cidade, a família Navarra, formada pelos irmãos Domingos, Francisco, José e Nicolino captar, intuitivamente, o anseio artístico e cultural da população que tão bem os havia acolhido. Esses irmãos eram empresários e comerciantes de sucesso. Foi deles que partiu a ideia da construção de um novo teatro, luxuoso, mais amplo, confortável e seguro, condizente com o acelerado desenvolvimento econômico, urbano, educacional e cultural que a cidade atravessava.

Relacionar a construção do Theatro Capitólio somente às condições econômicas de Varginha, à época, é deixar escapar aquilo que pode ser o mais essencial. Segundo o antropólogo Lévi-Strauss, os fenômenos sociais como as crenças, artes, costumes e conhecimentos de um povo, são produtos de motivos inconscientes não totalmente compreendidos pelas explicações ou justificativas racionais dadas por quem as pratica. Os fenômenos culturais possuem uma natureza inconsciente semelhante à da linguagem, assim, sempre há algum elemento que escapa da compreensão.

Em suma, o Theatro Capitólio foi construído por empresários da cidade, imigrantes italianos, que, intuitivamente captaram o antigo e legítimo anseio do povo por um teatro que pudesse ser o espelho da grandiosidade da cidade nas artes e no qual o varginhense pudesse ver a sua alma a cada novo espetáculo encenado no espaço encantado do seu palco. O desejo de inovação, a capacidade de sonhar, o espírito empreendedor tanto dos empresários quanto da população, permitiram que a ideia de construir um novo teatro saísse da fantasia para a realidade.

2.2 *Foyer* Aurélia Rubião

Em 05 de maio de 1994, após alguns reparos, o foyer do Theatro Capitólio foi reinaugurado com a denominação Foyer Aurélia Rubião, em homenagem a essa artista. A solenidade da reinauguração foi transmitida, ao vivo, pela Rádio Educativa Melodia, da Fundação Cultural (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 6682. Varginha, 05 maio 1994).

Aurélia Rubião foi uma pintora de arte figurativa de estilo naturalista clássico. Nasceu em Varginha, em 02 de maio de 1901, filha de Luiz José Álvares Rubião e Amélia Augusta de Vasconcelos, e faleceu em São Paulo, capital, em 04 de outubro de 1987. Seu corpo foi sepultado no cemitério municipal de Varginha.

Ela era prima de Murilo Rubião, conviveu com Mário de Andrade, foi amiga da poetisa Henriqueta Lisboa e teve participação ativa nos movimentos artísticos de Belo Horizonte no período entre 1930 e 1940. Foi professora do Colégio dos Santos Anjos e, no ano da inauguração do Teatro Capitólio, mudou-se para São Paulo. Em 1951, ela participou da I Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo, conhecida como 1ª Bienal Internacional de São Paulo. A obra inscrita foi o "Retrato de Maria Olímpia Rubião (óleo sobre tela; 55 x 46, 1949). Aurélia reconhecia a importância de uma matriz nacional das artes na figura de Aleijadinho o precursor da arte brasileira, genuína e autêntica.

As temáticas prediletas de Aurélia Rubião eram as naturezas-mortas com flores, frutas e objetos da cozinha, além de retratos e gênero histórico-religioso. A arte da pintora é muito pessoal, inspirada em motivos líricos, folclóricos, populares, mítico-religiosos, do interior doméstico e contemporâneos (retratos).

A técnica mais utilizada era a pintura a óleo sobre tela, mas ela pintou, também, aguadas (aquarelas e guaches), fez desenhos a lápis e produziu ilustrações em cadernos

Aurélia Rubião, 1940

Florão esquerdo da fachada externa.

didáticos que utilizava em suas aulas como professora de pintura.

Em 12 de abril de 1994, a Lei Municipal nº 2451 assinada pelo prefeito Aloysio Ribeiro de Almeida, deu a denominação "Foyer Aurélia Rubião" a esse espaço nobre do Teatro Capitólio numa justa homenagem à artista plástica varginhense de renome nacional.

O leitor interessado na vida da artista pode consultar a biografia "Aurélia Rubião: vida e arte" (SALES, 2011).

O *foyer* do Capitólio é mais que um simples local onde os espectadores aguardam o início do espetáculo, embora possua também essa finalidade; ele é a mais importante e requisitada sala pública de exposição de obras de arte em Varginha.

3 A INAUGURAÇÃO E AS REINAUGURAÇÕES

3.1 Expectativas

As semanas que antecederam a inauguração do Theatro Capitólio foram de grande expectativa dos varginhenses, conforme artigos publicados nos jornais locais da época: "grande ansiedade e expectativa popular, em se tratando de um acontecimento de tão grande monta" (*O CAPITÓLIO*. Edição nº XXXI, p. 1. Varginha, 07 ago. 1927).

Em agosto de 1927, vários hotéis de Varginha faziam reservas com dois meses de antecedência para os hóspedes. Alfaiates e modistas tiveram seus ateliês lotados por homens e mulheres em demanda de ternos e vestidos.

Segundo *O Capitólio* (07 ago. 1927): "Sabemos que de fora virão muitas famílias assistir à inauguração do novo Teatro, estando já tomados vários cômodos em diversos hotéis desta cidade para essa ocasião. / Diversas casas particulares também

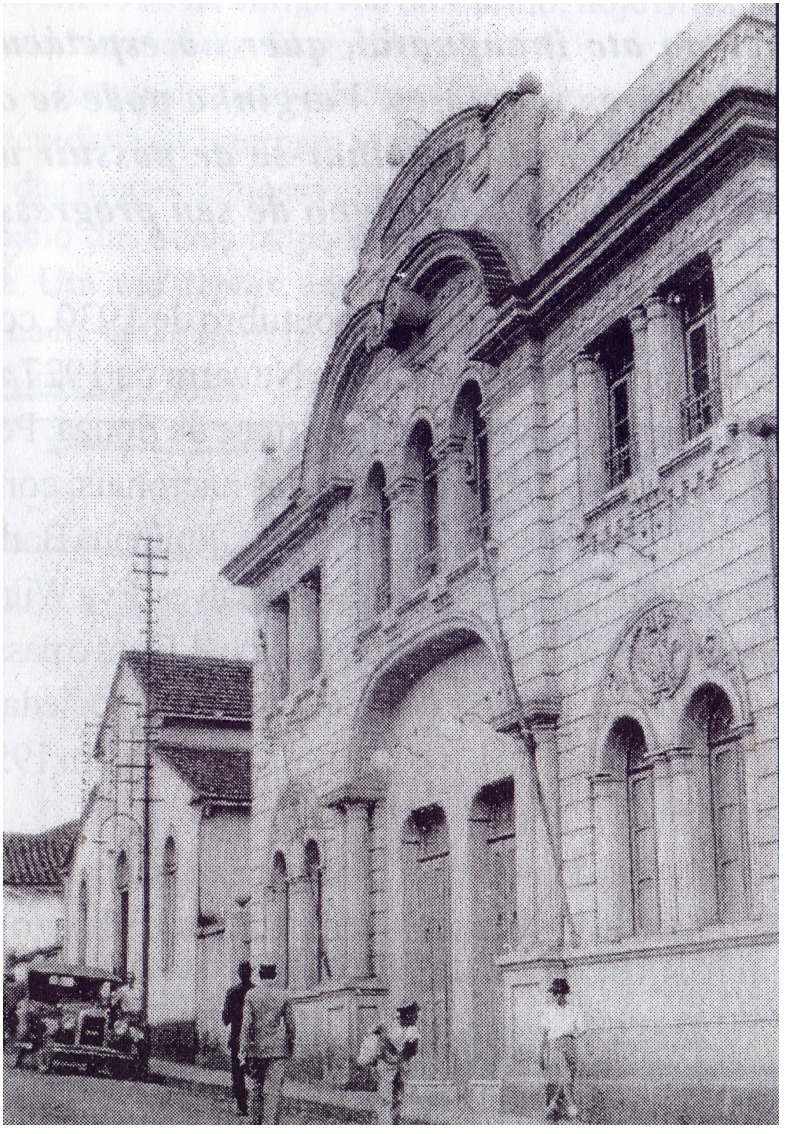
esperam pessoas amigas, de fora, que virão para esse fim. / Diversos *ateliers* de costura já estão cheios de serviços encomendados d'aqui e de fora. Nota-se neles, na verdade, desusado movimento, o que faz prever uma *soirée chic*, por ocasião da inauguração do Theatro Capitólio. / A orquestra sob a regência do aplaudido Maestro Ricciotti está em contínuos ensaios, sendo que, nessa noite, nos apresentará um programa encantador. Vários trechos de ópera – à frente o Guarani e o nosso Hino Nacional serão executados pela excelente orquestra. / Durante os festejos, tocará do lado de fora do Theatro Capitólio uma excelente banda de música. / Será deslumbrante a iluminação externa do teatro e parte da [falta parte da folha do jornal] se acha o teatro".

A mesma edição do referido jornal (07 ago. 1927) ainda afirma que o novo teatro a ser inaugurado é "Fruto de insano trabalho, sorvedouro de centenas de contos [de réis], ergue-se, majestoso, imponente, em pleno coração da cidade – essa obra portentosa, que, dentro de poucos dias encherá de justificável orgulho o povo de Varginha, tão cioso do desenvolvimento de sua terra".

Para a cerimônia de inauguração foram convidados os presidentes das Câmaras Municipais das cidades vizinhas e da região: Alfenas, Boa Esperança, Campanha, Elói Mendes, Lavras, Machado, Paraguaçu, São Gonçalo do Sapucaí, Três Corações e Três Pontas.

3.2 A inauguração (1927)

Nas primeiras décadas do século XX, a inauguração das grandes obras em Varginha era planejada para coincidir com uma data de importância histórica e cívica nacional. Em 1918, a inauguração do Cemitério Municipal estava prevista para o dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República. No entanto, a interdição do cemitério paroquial para sepultamentos, em abril daquele ano, e o grande número de mortos pela



Década de 1920

gripe espanhola, obrigaram as autoridades a antecipar a inauguração para o dia 08.

Em relação à inauguração do Theatro Capitólio a data foi adiada. A data inicial prevista pela família Navarra era 07 de setembro, para coincidir com o dia da Independência do Brasil, conforme noticiou o jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, por meio de seu enviado especial à cidade: "Instalar-se-á, no próximo mês de setembro, por ocasião da data da Independência do Brasil, nesta cidade, o teatro Capitólio, de que é proprietário os Srs. Navarra & Irmãos" (*O GLOBO*. Edição Matutina. Geral, p. 06. Rio de Janeiro, 22 ago. 1927). As obras finais de acabamento do edifício, no entanto, não ficaram prontas a tempo. Com isso, a inauguração foi transferida para 12 de outubro, dessa vez, para coincidir com o dia do descobrimento da América. Os organizadores do evento poderiam ter escolhido o dia 07 de outubro, dia do aniversário de emancipação político-administrativa do município, mas a opção foi por um fato histórico de relevância mundial.

A sessão solene oficial de inauguração foi presidida pelo deputado Domingos Ribeiro de Rezende (1877-1943), que teve ao seu lado os paraninfos D. Ambrosina de Figueiredo, conhecida como Zinoca, e o Dr. Antônio Pinto de Oliveira, juiz da comarca. Além dessas pessoas, tomaram assento no palco os representantes de vários municípios e autoridades locais, assim como os diretores de o *Arauto do Sul* e de *O Capitólio*, jornais da cidade, esse último de propriedade da Empresa Navarra, construtora do teatro. O *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, enviou a Varginha, para realizar a cobertura do evento, um dos seus mais expressivos colaboradores, convidado a tomar parte na mesa: Manoel Bica de Almeida (1888-1966), funcionário do Ministério da Justiça e ocupante de relevantes cargos na burocracia do governo federal. Ele foi redator forense do referido periódico, no qual trabalhou durante 35 anos, dando cobertura, principalmente, a assuntos relativos ao Supremo Tribunal Federal.

O teatro estava lotado por pessoas da elite social. As pessoas que não conseguiram

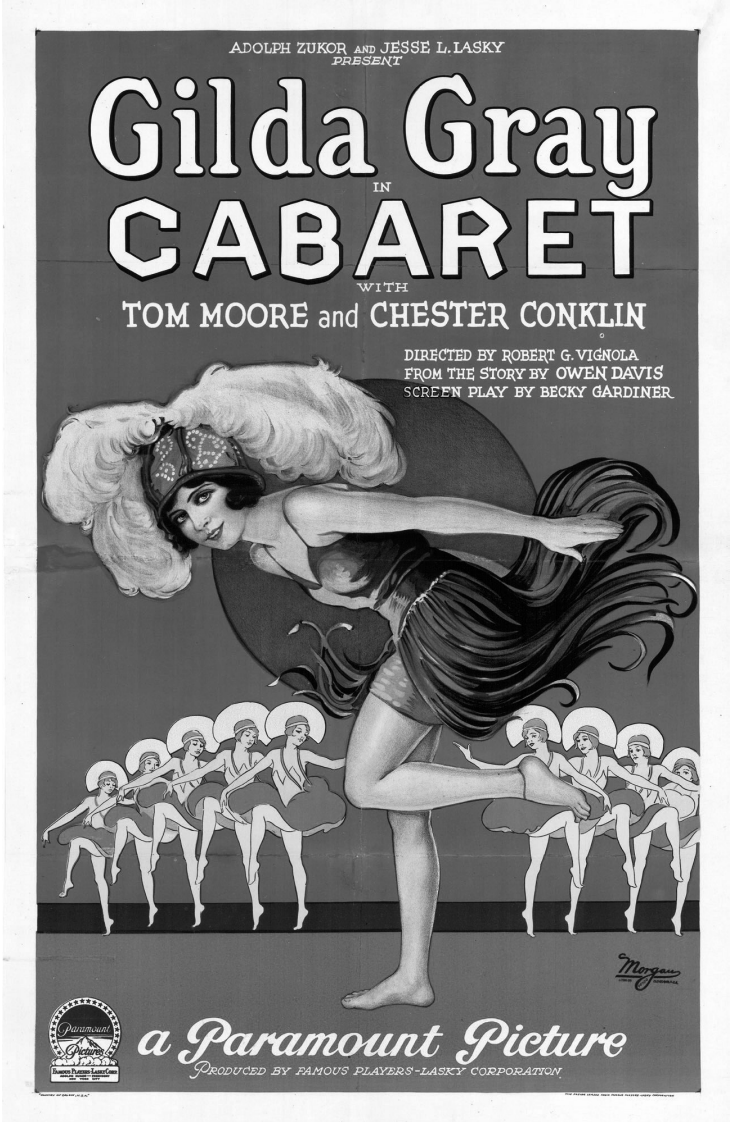
entrar, permaneceram aglomeradas na calçada e na rua, em frente ao edifício. O orador oficial foi o Dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia, advogado e promotor de justiça da comarca.

Após o agradecimento dos irmãos Navarra, fizeram uso da palavra Nunes Bittencourt, poeta e redator do jornal *O Capitólio* e Bica de Almeida.

À noite, houve o espetáculo artístico de inauguração, esgotando-se completamente a lotação com uma assistência numerosa e seleta, notadamente de cidades vizinhas. Foi exibido o filme O Cabaré (1927), da Paramount Pictures, produzido pela Players-Lasky Corporation, dirigido por Robert G. Vignola, estrelado por Gilda Gray, Tom Moore e Chester Conklin. Trata-se, ainda, de cinema mudo. O final da década de 1920 marca o fim de um ciclo no cinema: o encerramento da produção do cinema mudo e o início da produção sonorizada sincronizada com as imagens.

O espetáculo foi finalizado com a apresentação do Trio Esperança Diez, companhia consagrada nos palcos do Rio de Janeiro e de São Paulo. Esse trio, segundo o *Correio da Manhã* (RJ), "tem fama universal; é uma pequena companhia montada com o luxo das grandes companhias" (*CORREIO DA MANHÃ.* Edição nº 10.131, p. 8. Rio de Janeiro, 21 jan. 1928). A companhia era conhecida e aplaudida nos melhores teatros europeus e americanos. "Para que o público avalie o que seja esse trio, basta dizer-se que rivaliza em faustosa fantasia lírica e coreográfica com a célebre companhia Velasco". O repertório era composto por bailados, canções, tangos, duetos e seleções de óperas e operetas. Tratava-se de um trio magistral, que obteve o 1º prêmio num grande concurso de artistas realizado em Havana (*O PAÍS*. Edição nº 15791, p. 7. Rio de Janeiro, 14 jan. 1928; ibidem, ed. nº 15798, p. 7. Rio de Janeiro, 21 jan. 1928). Em 1925, o mesmo trio apresentou um espetáculo na estreia do palco do Cine Capitólio, no Rio de Janeiro (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 9307, p. 7. Rio de Janeiro, 02 jun. 1925).

Depois do encerramento do espetáculo artístico, a comemoração se estendeu



Cartaz do primeiro filme exibido no teatro. Cabaret, 1927

NO PALCO

Continuação do exito alcançado pelo apreciado e finissimo

TRIO ESPERANZA DIEZ

1. — Marcha pela orchestra — 2. Grande selecção da opereta viennense

SONHO DE VALSA

(a Duo del flautin - b) Canção da violinista - c) Valsa divina d) Venha cá menina adorada.

3. — Dança - Maxixe bahiano — 4 Canção dramatica - Esta é minha obra — 5. Canção e dança - O Fado Portuguez.

Preço de entrada, 4$000 ——— **Preço de entrada, 4$000**

Divulgação – Trio Esperança Diez, 1927

para outros locais da cidade com danças no Clube de Varginha, que se prolongaram até a madrugada.

O jornal *O Capitólio*, de propriedade da Empresa Navarra, a empresa construtora do teatro, em sua edição nº XLIII, de 12 de outubro de 1927, dia da inauguração, apresenta o seguinte relato que transcrevemos devido a sua relevância histórica e documental. Segundo o articulista: "É, pois, com justa homenagem aos Irmãos Navarra, que damos hoje esse número especial do "O CAPITÓLIO", no qual relembramos todos os fatos que se relacionam com essa obra monumental". Vamos a eles na narração com a voz e a emoção insubstituíveis da época e do dia inaugural, fatos que marcaram a cidade para sempre:

THEATRO CAPITÓLIO
A sua Solene Inauguração

Dá-se hoje, entre festas e solenidades que serão inesquecíveis, a inauguração do Theatro "CAPITÓLIO".

Esse acontecimento registra na história de Varginha um marco novo do seu progresso, um surto incontido de desenvolvimento, cuja ação benéfica se estenderá pelos tempos afora, como um padrão da nossa grandeza e da pujança das nossas grandes organizações.

Suntuoso, a dominar como águia o centro de nossa urbs, aí está o Theatro CAPITÓLIO, altaneiro, como a falar a todos do esforço tenaz e da cooperação dos seus proprietários, os Irmãos Navarra, cujo espírito progressista tem dado a Varginha inúmeros melhoramentos. [...]

O Theatro CAPITÓLIO é como que uma demonstração positiva de quanto vale a força de vontade aliada a um ideal elevado, cuja diretriz marcha de acordo com o pensamento humano.

Progredir é lei natural, quase uma segunda natureza que exige e seu impulso ascensional, a força que move e realiza as grandes ideias.

Progredir é viver!

Pois é por efeito dessa lei maravilhosa do progresso que hoje constatamos a inauguração do Theatro CAPITÓLIO, fruto desse esforço de gigantes, que são os Irmãos Navarra, cuja ânsia de progresso estua, a invadir os mais íntimos recessos do pensamento humano, d'onde a primeira ideia se desgarra, para a materialização de um ideal qualquer.

E aí está esse ideal gigante, materializado, sólido, transformado pelo trabalho e pela vontade em um monumento de arte, em um templo de convívio social, onde ecoarão sempre as palmas de gratidão do povo.

Hoje se alteia, majestoso, imponente, como a desafiar o espaço, parecendo querer subir mais, o Theatro CAPITÓLIO – cuja conclusão representa por si só um surto de progresso, a realização de uma velha aspiração dos progressistas Irmãos Navarra e do povo de Varginha, sempre amigo do seu progresso.

O CAPITÓLIO é, para os que vem acompanhando o nosso desenvolvimento, um marco do nosso progresso. Nele se acham redivivas as primeiras passadas que sulcaram as sendas do nosso progresso, numa evolução constante, dia a dia aumentada, crescendo como que arrasada por um tufão, na vertiginosa carreira que origina os grandes empreendimentos.

É, pois, com justa homenagem aos Irmãos Navarra, que damos hoje esse número especial do "O CAPITÓLIO", no qual relembramos todos os fatos que se relacionam com essa obra monumental, cuja inauguração hoje se dá pomposamente. [...]

Sintetizamos nesta homenagem toda a nossa sincera admiração, por esse grande empreendimento, pois obra de tal relevância social representa sempre um passo a mais nas conquistas dos campos vastíssimos das relações que coexistem entre os povos, como símbolo de adaptação das necessidades coletivas.

Fica, com a sinceridade da nossa oferta, a nossa homenagem aos Irmãos Navarra, e, com ela, o nosso entusiasmo espontâneo, baluartado em a nossa amizade, que hoje se abre numa ânsia de expansões incontidas, para homenagear, no momento preciso, uns dos maiores

propulsores da indústria e do progresso varginhense: os Irmãos Navarra.

À Empresa Navarra, portanto, a nossa homenagem, a admiração do "O Capitólio", que vem acompanhando, dia a dia, a sua trajetória ascensional, o seu progresso e, assim, bastante da grandeza e do desenvolvimento de Varginha, sobre cujo solo hoje se alteia, majestoso, o Theatro CAPITÓLIO, o mais luxuoso, vasto e imponente do Sul de Minas, Minas que se revê espelhada no progresso de suas cidades, onde grande soma de energias contribui eficazmente, com o trabalho aturado e o labor constante, para a grandeza de todo o Estado e até mesmo do Brasil.

[Fim da transcrição da folha 1. A folha apresenta uma fotografia da fachada do Teatro Capitólio]

Os Paraninfos do THEATRO CAPITÓLIO

Dentre os homenageados de hoje, não podíamos deixar de destacar os vultos insignes da Exma. Snra. D. Zinoca de Figueiredo e do Exmo. Snr. Dr. [Antônio] Pinto de Oliveira, Juiz de Direito.

Escolhendo-os para paraninfos do Theatro Capitólio, não podia a Empresa Navarra fazer mais feliz escolha: Quis assim a empresa homenagear, na pessoa ilustre de D. Zinoca de Figueiredo, a mulher varginhense, toda doçura e virtudes, e na personalidade do Exmo. Snr. Dr. Pinto de Oliveira, íntegro Juiz de Direito e executor da Justiça, o povo varginhense, progressista e amigo das nobres conquistas.

Sobre a individualidade dos homenageados, pouco devemos dizer, porquanto Varginha toda os conhece e admira de há anos, como protótipos que são do nosso povo, encarnando com justo orgulho as qualidades de povo progressista que somos.

Ao homenageá-los, consignamos também a nossa admiração pela mulher varginhense, representada na figura cativante de D. Zinoca Figueiredo, e o povo pelo

executor da nossa justiça, o Exmo. Snr. Dr. Pinto de Oliveira.

[....]

A ESTREIA. Para a estreia do Theatro Capitólio foi contratado o Trio Esperança Diez e que é o mais luxuoso da América.

O Trio Esperança Diez dará espetáculos puramente artísticos, em meio de um verdadeiro desfile de riqueza, de bom gosto e da graça.

[Fim da transcrição de página não numerada. A página reproduz uma fotografia de Antônio Pinto de Oliveira e de Zinoca Figueiredo. Transcrição parcial. Foram transcritas somente as notas referentes ao Teatro Capitólio]

O "Livro de Atas das Sessões da Câmara Municipal da cidade de Varginha de 15 de março de 1923 a...[22 de agosto de 1928" não faz referências à inauguração do teatro. Em outubro, mês da inauguração, nenhuma ata foi registrada.

3.2.1 O Theatro Capitólio na imprensa nacional (1927)

Entre 22 de agosto e 20 de outubro de 1927, os jornais cariocas *O Globo* e *Correio da Manhã*, publicaram notas sobre a inauguração do Theatro Capitólio. A seguir, a transcrição dessas notas em ordem cronológica.

VARGINHA PROGRIDE
NOVO MELHORAMENTO A SER INAUGURADO

VARGINHA (Minas), 19 (Especial para o GLOBO) – Instalar-se-á, no próximo mês de setembro, por ocasião da data da Independência do Brasil, nesta cidade, o teatro Capitólio,

de que é proprietário os Srs. Navarra & Irmãos. O edifício onde vai ser instalado o teatro Capitólio está sendo ultimado pelos Srs. João Celestino e Antônio Pires, os quais, de acordo com a orientação da firma Navarra & Irmãos, não tem poupado energias para o melhor engrandecimento daquela construção.

A cerimônia da inauguração será presidida pelo Dr. Antônio Pinto de Oliveira, juiz de direito nesta cidade, havendo, por essa ocasião, benção do edifício e o discurso oficial alusivo ao ato pelo Dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia. À noite, haverá um espetáculo de gala durante o qual será exibido um film luxuoso e a representação de uma peça teatral, por uma companhia contratada nessa capital.

Para essa solenidade já estão sendo expedidos convites especiais aos presidentes das Câmaras Municipais de várias cidades do sul do Estado, representantes da imprensa dessa capital e desta cidade.

Fonte*: O GLOBO*. Edição Matutina. Geral, p. 06. Varginha progride. Novo melhoramento a ser inaugurado. Rio de Janeiro, 22 ago. 1927.

Em 27 de setembro de 1927, o *Correio da Manhã* anunciava:

VAI SER INAUGURADO EM VARGINHA O THEATRO CAPITÓLIO

A cidade de Varginha, uma das mais progressistas do sul de Minas, vai ter um grande melhoramento, entre os muitos com que já conta.

A empresa cinematográfica "Íris Cinema", da adiantada cidade, teve a gentileza de enviar-nos um convite para a inauguração do teatro Capitólio, com grande capacidade e construído segundo as exigências das modernas casas de espetáculos.

A direção, aproveitando a data da descoberta da América, marcou o dia 12 do próximo mês de outubro para a cerimônia da inauguração.

Podemos declarar que o teatro Capitólio, situado no coração da cidade, é um belo edifício em cimento armado, com todos os requisitos inerentes ao fim [a] que se destina.

Fonte: *CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 10.031, p. 8. Rio de Janeiro, 27 set. 1927.

Em 09 de outubro de 1927, o *Correio da Manhã* anunciou a inauguração do Theatro Capitólio para os próximos dias. A nota é acompanhada de uma fotografia da fachada:

TEATROS DO INTERIOR
O Capitólio, em Varginha

A cidade de Varginha, no sul de Minas, uma das mais progressistas daquela zona, vai ter o seu teatro e magnífico.

Chama-se Capitólio a esplêndida casa de espetáculos, com capacidade para 1.500 pessoas, recentemente construído naquela cidade, e que será administrado pela firma Navarra & Irmãos.

A inauguração, que será solene, está marcada para o próximo dia 12 de outubro.

Às 2 horas da tarde, depois de solene benção que será ministrada pelo vigário da cidade, presentes os paraninfos convidados, dr. Antônio Pinto de Oliveira, juiz de direito, e exmª d. Zinoca Figueiredo, as autoridades locais, será aberta a sessão, sob a presidência do deputado Domingos Ribeiro de Rezende, ladeado pelas autoridades dos municípios vizinhos, especialmente convidados para a cerimônia.

O orador oficial será o dr. Walfrido Libório [sic] [Silvino] dos Mares Guia, espírito brilhante.

Após a cerimônia, o teatro será franqueado ao público até as 6 horas da tarde.

À noite, exibir-se-á um magnífico film, finalizando com o Trio Esperança Diez, especialmente contratado.

Fonte: *CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 10.042, p. 14. Rio de Janeiro, 09 out. 1927

UM NOVO TEATRO EM MINAS

Na cidade de Varginha, no sul de Minas, deve inaugurar-se a 12 deste mês uma nova casa de diversões.

Trata-se do Theatro Capitólio, magnífico edifício de cimento armado e com as condições exigidas de conforto. A uma companhia de variedades, que já trabalhou com sucesso, nesta capital, caberá estrear o palco do novo teatro, que será um dos bons do Brasil. O Capitólio mineiro comporta uma grande lotação de espectadores, tendo ampla plateia, frisas e camarotes. Como é natural, quando faltarem ali companhias, a bela casa de diversões funcionará como cinema para o que tem já contrato com os melhores fornecedores de films.

Fonte: *O GLOBO*. Edição Matutina. Geral, p. 5. Um novo teatro em Minas. Rio de Janeiro, 10 out. 1927.

UM NOVO TEATRO, EM MINAS

Na linda cidade mineira de Varginha, vai ser inaugurada, amanhã, uma das melhores casas de diversões do Estado. Trata-se do Theatro Capitólio, da Empresa Navarra, o qual será estreado por uma "troupe" de variedades. É um edifício moderno, de cimento armado, com acomodações amplas e apurado gosto artístico.

O Theatro Capitólio poderia, sem desdouro, estar em qualquer das melhores capitais

do Brasil, e a empresa que o construiu e vai explorar, promete mantê-lo em alto grau de apuro e gosto. Varginha está, pois, de parabéns, por isso que poderá, dentro do Capitólio, ter a impressão de estar no Rio ou em São Paulo.

Fonte: *O GLOBO*. Edição Matutina. Geral, p. 5. Um novo teatro, em Minas. Rio de Janeiro, 11 out. 1927.

O *Correio da Manhã*, um dos principais jornais do Rio de Janeiro, Capital, publicou notas sobre o Theatro Capitólio antes e no dia da inauguração. Para acompanhar a cerimônia de inauguração, o jornal enviou a Varginha Bica de Almeida, companheiro de redação do *Correio da Manhã*, funcionário do Ministério da Justiça e redator forense do referido periódico.

Em 20 de outubro de 1927, o Correio da Manhã publicou outra nota:

A INAUGURAÇÃO DO THEATRO CAPITÓLIO EM VARGINHA

A Empresa Navarra & Irmãos, de Varginha, no sul de Minas, inauguraram [sic] no dia 12 de outubro, naquela bela e progressiva cidade mineira, o teatro de sua propriedade "O Capitólio", um dos melhores do Estado, pelo seu luxo e amplidão, magnificamente decorado, com acomodações para mais de mil espectadores.

A sessão solene de inauguração foi presidida pelo deputado Domingos Ribeiro de Rezende, que teve ao seu lado os paraninfos d. Zinoca de Figueiredo e dr. Pinto de Oliveira, juiz da comarca. Além dessas pessoas, tomaram assento no palco os representantes de vários municípios e autoridades locais, assim como os diretores do "Arauto do Sul" e "O Capitólio", jornais varginenses [sic]. O nosso companheiro Bica de Almeida, que se achava presente, foi convidado a tomar parte na mesa.

O teatro estava repleto da elite social. Orando oficialmente o dr. Walfrido, que proferiu brilhante oração de comemoração, também, ao dia da Descoberta da América. A sua oração foi a demonstração cabal da cultura e talento que o caracterizam como um dos espíritos mais esclarecidos de Minas. Entoou um hino à data e ao progresso da cidade, assim como a um dos seus maiores propugnadores, o deputado Domingos de Rezende, chefe político local.

Os irmãos Navarra agradeceram, tendo, em seguida, feito uso da palavra o poeta e redator d' "O Capitólio" Nunes Bittencourt e Bica de Almeida.

À noite, houve o espetáculo de inauguração, esgotando-se completamente a lotação com uma assistência numerosa e seleta, notadamente de cidades vizinhas. Foi exibido o film "O Cabaré", terminando o espetáculo com o Trio Esperança Diez.

Depois do espetáculo, houve danças no club de Varginha, prolongando-se até a madrugada.

Fonte: *CORREIO DA MANHÃ*, Rio de Janeiro, 20 out. 1927, p. 8.

Nota: os jornais *O Globo* e o *Correio da Manhã* se referem aos Irmãos Navarro e Empresa Navarro. Nas transcrições acima, adotamos a forma correta: Irmãos Navarra e Empresa Navarra.

O *Almanak Laemmert* cita o Theatro Capitólio pela primeira vez na edição de 1935, embora como cinema: "CINEMA: Capitólio, da Empresa José Navarra" (*ALMANAK LAEMMERT*, edição nº 91, 1935, Cidades do Estado de Minas Gerais, p. 694).

Gianni Ratto (1916-2005), diretor e cenógrafo em visita técnica
ao teatro, durante reforma do teatro de 1984

3.3 A reinauguração de 1985

Em 26 de outubro de 1985, sábado, após as reformas e restaurações realizadas com a consultoria de Gianni Ratto, o Capitólio foi reinaugurado com a apresentação da Orquestra de Câmara do Conservatório Carlos Gomes, de Campinas (SP). Constaram do programa música barroca, inclusive dos estilos alemão e tardio, música clássica contemporânea e romântica, destacando-se as peças Andante Festivo, de Jean Sibelius; Sinfonia em Sol Maior, de Tomaso Albinoni; Concerto Grosso em Ré Menor para violinos, cello e orquestra de cordas, de Antônio Vivaldi; Concerto em Dó Maior para cravos e orquestra, de Johann Sebastian Bach; Sinfonietta para orquestra de cordas, de Harald Genzmer; e Addio, de Carlos Gomes. As peças Quem sabe?! e Conselhos, são de Carlos Gomes com letras de Francisco Leite de Bittencourt Sampaio, sendo essa última cantada pela soprano Maria de Lourdes Martins. A regência foi de José Eduardo Gramani (1944-1998), violinista, rabequista, compositor e pesquisador musical brasileiro.

Paulo Chaves Ribeiro, médico e memorialista, fez um discurso sobre o histórico do teatro e sua importância para Varginha.

No discurso da reinauguração, o prefeito Dilzon Luiz de Melo afirmou: "A aquisição, a reforma, a restauração e a reinauguração deste teatro, são um marco da minha administração do qual me orgulho" (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1748, p. 1. Varginha, 29 out. 1985).

No dia seguinte, a Orquestra de Câmara do Conservatório Carlos Gomes voltou a se apresentar para o grande público. A programação da reinauguração foi encerrada com um recital de Antônio Bezzan, mestre do piano erudito, conhecido internacionalmente por suas interpretações de peças de Liszt, Rachmaninoff, Debussy e Chopin (*CORREIO DO SUL*. Varginha, 28 out. 1985).

3.4 A reinauguração de 2011

Em depoimento escrito ao *Blog do Madeira*, na manhã do dia da reinauguração do Capitólio, em 13 de maio de 2011, Eduardo Ottoni afirmou: "Sinto-me partícipe desse momento importante para a história e cultura da nossa cidade [a reinauguração do Capitólio, em 13 de maio de 2011]. Por quê? Porque com a minha decisão, como Prefeito desta cidade, em 1981, instado por José Fernando Prince (sócio majoritário da empresa proprietária do Theatro e, então, meu Chefe de Gabinete), aluguei para a Prefeitura aquele prédio, evitando que ele fosse vendido para um grande supermercado que iria se instalar na cidade. A Prefeitura não dispunha de recurso suficiente para a sua aquisição, sua compra. Então, com a assessoria jurídica do saudoso Dr. Naylor [Salles] Gontijo, aluguei o imóvel – CINETHEATRO CAPITÓLIO. Fizemos um contrato de locação muito bem "amarrado", com prazo que ia além do meu mandato de Prefeito e com cláusula de preferência para a compra pelo Município. Em seguida, para administrá-lo, criei, através de Lei Municipal, a FUNDAÇÃO CULTURAL. Na administração seguinte à minha [a de Dilzon Luiz de Melo], já com recursos públicos expressivos advindos da boa receita do município resultante de impostos gerados pelas empresas aqui instaladas, a Prefeitura fez a compra do prédio. Aí está um pouco da história – como e porque o THEATRO CAPITÓLIO foi preservado. [...] Levanto daqui um brinde aos meus companheiros de então, aqui mencionados e tanto outros que comigo ajudaram a construir um pouco a história desta querida Varginha, em especial a preservação desse espaço que diz tanto à nossa cultura" (EDUARDO BENEDITO OTTONI. Depoimento ao *Blog do Madeira*. Comentários. Varginha, 13 maio 2011).

Na reinauguração de 13 de maio de 2011, os operários que executaram as obras da reforma foram convidados e assistiram à cerimônia. Houve discursos das autoridades e apresentação de um curto filme sobre a reforma e o teatro.

Nesse dia, foi realizada a primeira apresentação artística após a reabertura ao público com o Concerto Quinteto de Cordas Solistas de Paulínia (SP): Pablo de Léon e Adrian Petrutiu (violino), Horácio Schaefer (viola), Renato Bandel (viola) e Roberto Ring (violoncelo). O programa executado foi: J. S. Bach: Variações Goldberg, BWV 1087; W. A. Mozart: Quarteto em si bemol maior, K 458 (A Caça), *Allegro Vivace Assai*; A. Dvorák: Quarteto para cordas nº 12 em fá maior, Op. 96 (Quarteto Americano), *Allegro ma non tropo*; J. Brahms: Quinteto para cordas nº 1 em fá maior, Op. 88, *Allegro non tropo, ma con brio; grave ed appassionato; alegro energico.* A entrada foi realizada por meio de convite feito pela Fundação Cultural.

No dia seguinte, apresentou-se a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto – OSRP, fundada em 1922, uma das mais importantes do País, sob a regência do maestro-titular Cláudio Cruz. Foram executados quatorze clássicos de músicas imortalizadas no cinema. A entrada foi trocada por um quilo de alimento não perecível, posteriormente distribuído em programas de assistência social da Prefeitura.

No dia da reinauguração, no Foyer Aurélia Rubião foi aberta ao público a Exposição de Fotografias "O que não se percebe: um novo olhar sobre o Theatro Capitólio", de Anita Regina Di Marco e Vanessa Caldeira Teixeira Reis.

Nos dias 21 e 22, foi encenada a primeira peça teatral após a reinauguração, a comédia Escola de Mulheres, uma adaptação do *L'École des Femmes*, de Molière, com tradução de Millôr Fernandes e direção de Roberto Lage, protagonizada por Oscar Magrini.

4 ESCRITURAS PÚBLICAS DE COMPRA E VENDA DO THEATRO CAPITÓLIO (1924, 1943, 1945 E 1983)

No momento em que iniciamos a pesquisa sobre a história do Theatro Capitólio para escrever este livro, somente uma escritura de compra e venda era de conhecimento público: a de 29 de agosto de 1983, quando a Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda. vendeu o imóvel para o município de Varginha. Uma cópia reprográfica dessa escritura faz parte do Dossiê de Tombamento do Theatro Municipal Capitólio, elaborado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha da Fundação Cultural do Município (2000).

Localizamos mais três escrituras anteriores:

1) Escritura Pública, de 30 de janeiro de 1924, entre a Câmara Municipal de Varginha (vendedora) e José Navarra (comprador), registrada em 16 de fevereiro de 1925, no Livro 3-D, fl. 102, sob o nº 3.113, do Cartório do Registro de Imóveis da Comarca de Varginha. A escritura foi lavrada pelo Tabelião Antônio Vilela Nunes.

2) Carta de 12 de abril de 1943, entre José Navarra e sua esposa Linda Tolentino Navarra (vendedores) e Antônio Ribeiro Nogueira (comprador), registrada no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha, Livro 3-M, fl. 140, sob o nº 5.542. A Carta foi lavrada pelo Escrivão Ney Alvarenga.

3) Escritura pública de compra e venda com garantia hipotecária, de 14 de julho de 1945, entre Antônio Ribeiro Nogueira (vendedor) e Inocêncio Prince de Souza (comprador), do Cartório do 1º Ofício de Notas de Varginha – Cartório Braga, Livro 86, fls. 12-19.

A escritura que apresenta a descrição mais completa do prédio do Teatro Capitólio com seus móveis e equipamentos é a de 1945.

A área total do terreno do Teatro Capitólio foi registrada nas escrituras de 1924, 1943, 1945 e 1983 da seguinte forma:

ÁREA TOTAL DO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO NAS ESCRITURAS DE 1924, 1943, 1945 E 1983

ANOS	ÁREA EM M²
1924	634
1943, 1945 e 1983	915

Fonte: escrituras públicas de compra e venda do Theatro Municipal Capitólio, de 1924, 1943, 1945 e 1983.

Conforme se constata, pelos dados do Quadro acima, a partir de 1924 foram incorporados mais 281 m² à área total do Teatro Capitólio. Convém lembrar que, em 30 de janeiro de 1924, data da escritura de compra e venda, as obras da construção do Capitólio ainda não haviam sido iniciadas. Dos documentos pesquisados, a primeira referência ao início da construção consta de o *Arauto do Sul*, edição nº 118 (p. 1), de 07 de fevereiro de 1926.

No período de um século, entre 1924 e 2022, o imóvel onde se localiza o Teatro Capitólio pertenceu, inicialmente, à Câmara Municipal. Posteriormente, foi adquirido por três proprietários particulares: José Navarra (1924-1943), Antônio Ribeiro Nogueira (1943-1945) e Inocêncio Prince de Souza (Empresa Cinematográfica Prince de Souza) (1945-1983). A partir de 1983, o imóvel passa a pertencer ao município. Antes de 1900, o terreno pertencia à Fábrica da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, que o vendeu à Câmara Municipal.

Na época, a aquisição do Theatro Capitólio pelo município foi nota de primeira página nos principais jornais da cidade. Na *Tribuna Varginhense*: "Teatro Capitólio já é do município. / Na tarde de quinta-feira última, no Cartório do 1º Ofício, do Fórum local, foi assinada a escritura de compra e venda entre a Empresa Cinematográfica

Prince de Souza e a Prefeitura Municipal. / O ato, que foi realizado sem qualquer solenidade, a não ser a jurídica, dá a posse efetiva do prédio ao município, cumpridas as cláusulas constantes do documento (prazo de pagamento, retirada da aparelhagem e uso do escritório). / O varginhense vê concretizar sua antiga aspiração: um Teatro Municipal e, o saudosista, a preservação de um dos mais históricos prédios da cidade" (*TRIBUNA VARGINHENSE.* Edição nº 1559, p. 1. Varginha, 31 ago. 1983).

A seguir, apresentamos a transcrição dos principais dados das referidas escrituras. A escritura mais antiga localizada, a de 1924, foi transcrita com inteiro teor. A escritura de 1943 não foi localizada. Localizamos somente seu registro no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca.

4.1 Escritura de transmissão de propriedade de 30 de janeiro de 1924. Transcrição de inteiro teor

LIVRO Nº 48, FLS. 57vº A 61f. CARTÓRIO DE NOTAS DO 1º OFÍCIO – CARTÓRIO BRAGA

Escritura de transmissão de propriedade que fazem como transmitente a Câmara Municipal de Varginha por seu Presidente e como adquirente José Navarra, na forma abaixo. Saibam todos quantos esse público instrumento de escritura de transmissão de propriedade virem que aos trinta (30) dias do mês de Janeiro do ano do Nascimento Nosso Senhor Jesus Cristo, de mil novecentos e vinte quatro (1924), nesta cidade e comarca da Varginha, Estado de Minas Gerais, em casa da residência de Roque Rotundo, onde, eu Tabelião adiante nomeado fui vindo por distribuição e chamado assim feitos, aí compareceram partes entre si justas e contratadas a saber: como outorgante transmitente a Câmara Municipal desta cidade, representada neste ato por

seu Presidente Major José Augusto de Paiva e como outorgado adquirente José Navarra; todos domiciliados nesta cidade, reconhecidos de mim, Tabelião, pelos próprios de que trato e dou fé e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas também minhas conhecidas perante as quais pelo Major José Augusto de Paiva, Presidente da Câmara Municipal, ex-vi das leis nºs 493 e 511, de 20 de Setembro de 1923 e 22 de Janeiro de 1924, e resolução nº 1, de 28 de janeiro de 1924, foi dito que sendo a Câmara Municipal senhora e possuidora a justo título, sem ônus algum, do prédio e respectivo terreno, medindo a área 634 m², sitos à Rua Direita, esquina da Rua Wenceslau Braz, nesta cidade, sendo o prédio adaptado para Teatro Municipal, construído pela mesma Câmara, no terreno que comprou à Fábrica da Igreja Matriz desta mesma cidade; confrontando de um lado e ao fundo com os terrenos do adquirente, de outro lado e pela frente com as ruas Drª Wenceslau Braz e Direita, contratou vender e de fato por bem desta escritura e na forma legal, vende o referido com o respectivo terreno e benfeitorias existentes, sem reserva alguma, ao adquirente José Navarra pelo preço e quantia certa [e] ajustada de vinte contos de réis (20:000$000), que neste ato, ele, Presidente, recebeu do adquirente em moeda corrente do País, do que lhe dá plena e geral quitação, ficando, porém, o adquirente, em absoluto, obrigado a cumprir e respeitar as cláusulas seguintes: Primeira = O adquirente fica obrigado a construir no local do prédio acima descrito um politeama com capacidade para 1500 a 2000 espectadores. Segunda = A Câmara Municipal ficará com o direito de requisitar o prédio, sem ônus algum, para solenidades ou diversões públicas quantas vezes quiser, não excedendo de doze (12) dias ao ano; fazendo essas requisições fora das horas regulamentares do cinema, não interrompendo qualquer diversão que, tendo início nesta ocasião, se prolongue por mais tempo, podendo excepcionalmente requerer; nestas horas e nestes casos, a Câmara indenizará o adquirente as despesas forçadas do dia, sem extraordinários. Terceira = Só depois de construído totalmente o novo prédio

é que o adquirente poderá fazer alienação desta propriedade, e só poderá à pessoa reconhecidamente idônea, a juízo da Câmara Municipal, exigindo do novo proprietário acertar as mesmas condições pelas quais ora se obriga, dando ciência da alienação à Câmara Municipal. Quarta = Não poderá ser utilizado o referido terreno e prédio a construir para outro fim a não ser para casa de diversão. Quinta = Destinar um camarote exclusivamente à Câmara Municipal em lugar conveniente escolhido pelo Presidente da Câmara Municipal. Este camarote deverá ser destacado dos demais pelas suas maiores dimensões, comportando todos os membros da Câmara, tendo em lugar bem visível o letreiro "Câmara Municipal" e um ou dois ventiladores elétricos, só podendo ser ocupado pelos membros da Câmara Municipal ou por pessoas por estes convidadas, pagando, porém, suas entradas. Sexta = A construção deverá obedecer no porte e no conjunto às boas regras de higiene, observando-se em tudo as disposições dos estatutos da Câmara Municipal. Sétima = A construção obedecerá as disposições e as medidas constantes da planta cuja cópia deverá ficar arquivada na Secretaria da Câmara, sendo observada com rigor no conjunto e em todos os detalhes. As bases dos muros perimetrais serão em alvenaria de pedra construídas com cal e areia a um por três e as larguras não poderão ser menores de um oitavo da altura total do edifício. O prédio será construído com paredes de tijolos, assentados com cal e areia a um por três e colunas internas de cimento armado com trilhos duplos ou vergalhões de ferro de uma polegada e meia, e tirantes que das colunas vão às paredes laterais, como está demonstrado no projeto. Os assoalhos da sala de espera, dos gabinetes sanitários e do camarim onde ficará situado o aparelho cinematográfico serão todos confeccionados com ladrilhos de superfície lisa e não em relevo. O assoalho da plateia, sendo removível, conforme o projeto, deverá ser construído de modo que, uma vez armado e no lugar, não apresente solução de continuidade apreciável e o adquirente se compromete a retocá-lo sempre que as tábuas se empenarem, tornando o seu plano desigual com

saliências e depressões, com frestas ou aberturas em virtude do retraimento das tábuas. As paredes dos gabinetes sanitários deverão ser revestidas de mosaico até a altura de um metro e meio e os vasos sanitários deverão ser dos melhores existentes e com perfeito funcionamento. Os forros da plateia e da sala de espera serão de estuque, podendo ser de tábuas estreitas todos demais. As escadas não poderão ter seus degraus com elevação superior a dezoito centímetros e largura mínima de trinta centímetros. O telhado obedecerá o projeto sendo construído com madeira de lei de 14 por 20 centímetros, no mínimo, de espessura. Além dos ventiladores que constam da planta, serão necessários ventiladores elétricos, cujo número será determinado depois de ultimada a construção, de acordo com o Presidente da Câmara. A iluminação será na periferia do teatro, sendo bastante ampla e abundante. Oitava = A Câmara Municipal, representada pelo seu Presidente, terá a faculdade de fiscalizar a obra, intervindo sempre que, a seu juízo, achar lacunas ou faltas, que estejam em desacordo com o projeto ou que não ofereçam a necessária solidez, obrigando-se o adquirente a modificar, de acordo com as boas regras de construção e de higiene. Nona = Esta construção será ultimada dentro do prazo de 12 meses, a contar da data em que for lavrada a escritura do prédio; no caso contrário, pagará o adquirente dois contos de réis de multa por mês, pelo tempo que exceder do prazo estipulado, salvo motivo de força maior comprovado, a juízo da Câmara. O prazo de 12 meses poderá ser prorrogado por mais seis meses, se antes de terminado o primeiro prazo o adquirente alegar razões cuja procedência ficará a juízo da Câmara. Décima = A Câmara Municipal só permitirá o funcionamento da Casa de diversões depois de haver o seu Presidente, a requerimento do adquirente, nomeado uma comissão composta de três membros para proceder a vistoria. Uma vez terminada completamente a obra, as chaves serão entregues ao Presidente da Câmara, que mandará proceder a respectiva inspeção e, de acordo com o parecer da Comissão, o Presidente permitirá o funcionamento da Casa,

dando por terminadas as obrigações do presente contrato na parte referente à construção. Décima primeira = Exigir as assinaturas de dois fiadores idôneos, obrigando-se estes por qualquer ato do adquirente que implique o não cumprimento de qualquer cláusula do contrato. Décima segunda = Qualquer dúvida que se suscitar a respeito do cumprimento de qualquer cláusula do presente contrato será resolvida pelo juízo arbitral nos termos das leis em vigor, o que se observará também com relação à indenização a que der causa qualquer das partes contratantes por inobservância das cláusulas a que estão sujeitos. E, nessas condições transfere, ele, outorgante, em nome da Câmara Municipal, o domínio direto, ação e posse que tinha a Câmara sobre o dito prédio, terreno e benfeitorias, à pessoa do adquirente, havendo-o por empossado de tudo, desde já, não só por bem desta, mas pela cláusula constituti, obrigando-se a fazer esta transmissão boa, firme e valorosa a todo o tempo e a defender o adquirente, quando preciso for, respondendo pela evicção. E logo, em ato seguido, na presença das mesmas testemunhas, pelo adquirente me foi dito que acata a presente escritura nos termos em que está concebida e lavrada por seus efeitos legais, oferecendo como seus fiadores os cidadãos Roque Rotundo e sua mulher D. Maria Conde Rotundo e José Fenoci e D. Orminda Fenoci, que presentes se acham e esta firmam por estarem de inteiro acordo. Independente de imposto por se tratar de transações da Câmara Municipal e para utilidade pública. Depois de escrita esta, eu, Tabelião, a li, perante as partes que reciprocamente outorgaram-me e abaixo assinam as testemunhas presenciais Luiz Perrupato e Emílio Rezende Filho. Eu, Antônio Vilela Nunes, Tabelião, a escrevi, li e assino.

(aa) Antônio Vilela Nunes
José Augusto de Paiva
José Navarra
Roque Rotundo

Maria Conde Rotundo
José Fenoci
Orminda Fenocci
Luiz Perrupato
Emílio Rezende Filho

Notas:

1 O embasamento legal da negociação entre a Câmara Municipal e o adquirente José Navarra era o artigo 47, do Capítulo IV – Da Fazenda Municipal, da Lei Mineira nº 2, de 14 de setembro de 1891, que contém a organização municipal: "Art. 47. São próprios municipais os bens imóveis incorporados no patrimônio da câmara", ou seja, os imóveis da Câmara Municipal eram propriedades do município de Varginha. Devido a esse dispositivo, José Augusto de Paiva, assinou a escritura como representante da outorgante transmitente, a Câmara Municipal.

2 No trecho, "José Augusto de Paiva, presidente da Câmara Municipal de Varginha, "ex-vi das leis nºs 493 e 511, de 20 de Setembro de 1923 e 22 de Janeiro de 1924, e resolução nº 1, de 28 de janeiro de 1924": "ex-vi" é um termo jurídico que significa por efeito de, por força de, por determinação de, por via de.

3 Rua Direita: atual Rua Presidente Antônio Carlos.

4 No trecho, "o prédio adaptado para Teatro Municipal, construído pela mesma Câmara, no terreno que comprou à Fábrica da Igreja Matriz desta mesma cidade" tem-se uma prova irrefutável que o prédio do antigo Teatro Municipal pertencia à Câmara Municipal (e, por consequência, ao município) e foi por ela construído. Fábrica da Igreja Matriz: a questão da propriedade dos terrenos da área central de Varginha é complexa. Foge ao escopo deste livro a detalhada e necessária explanação sobre o assunto. O leitor interessado pode consultar o livro Varginha (MG) na República

Oligárquica: atas da Câmara Municipal 1920-1923 (SALES, 2022), capítulo Varginha no período 1920-1923, item 3.2 Câmara Municipal x Fábrica Geral dos Patrimônios da Diocese da Campanha: a questão da propriedade das terras da região central da cidade de Varginha (1922).

5 No trecho, "colunas internas de cimento armado com trilhos duplos ou vergalhões de ferro de uma polegada e meia", trilhos (ou estribos) duplos são as ferragens internas das colunas.

6 No trecho, "Os assoalhos da sala de espera, dos gabinetes sanitários e do camarim onde ficará situado o aparelho cinematográfico serão todos confeccionados com ladrilhos de superfície lisa e não em relevo", gabinetes sanitários são os banheiros e o "camarim onde ficará situado o aparelho cinematográfico" é a sala de projeção do pavimento superior. Piso de ladrilhos, ou seja, piso de ladrilhos hidráulicos de superfície lisa e com desenhos artísticos de motivos variados.

7 A testemunha Luiz Perrupato era alfaiate, procedente de São Paulo, tendo passado a residir em Varginha no segundo semestre de 1915. Em outubro desse ano, a alfaiataria era localizada na Avenida Rio Branco, nº 14 (*ALMANAK LAEMMERT*. Edição de 1935. Cidades do Estado de Minas Gerais. Varginha, p. 694; *O MOMENTO*. Edição nº 24, p. 3. Varginha, 10 out. 1915). A família de Emílio de Rezende Filho era proprietária de uma fábrica de beneficiar café e de uma usina de açúcar em Varginha.

8 Nota-se na escritura a preocupação da Câmara Municipal com a estética e com as condições de segurança, arejamento e de higiene da construção a ser feita.

4.1.1 Escritura pública de compra e venda, de 30 de janeiro de 1924. Registro no Cartório de Registro de Imóveis

A escritura pública de compra e venda do Teatro Municipal, de 1924, de inteiro

teor, foi transcrita acima. Os dados apresentados a seguir constam do registro dessa escritura no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha:

IMÓVEL: prédio adaptado para Teatro Municipal, situado nesta cidade, construído pela Câmara Municipal de Varginha (vendedora) e benfeitorias existentes, com o respectivo terreno medindo a área de 634,00 m², confrontando de um lado e ao fundo com os terrenos do comprador José Navarra, domiciliado em Varginha, que adquiriu o imóvel pelo preço de Rs 20:000$000 (vinte contos de réis).

Dados cadastrais: Escritura Pública de 30 de janeiro de 1924, lavrada pelo Tabelião Antônio Vilela Nunes, registrada no Livro 3-D, fl. 102, sob o nº 3.113, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha. O registro do imóvel foi realizado no dia 16 de fevereiro de 1925. Averbação: alienou.

A cópia desse registro foi fornecida pelo Cartório de Registro de Imóveis por solicitação do pesquisador, em 06 de outubro de 2021 (Arquivo particular do autor).

4.2 Escritura pública de compra e venda, de 12 de abril de 1943

A escritura pública de compra e venda do Teatro Municipal, de 1943, não foi localizada. Os dados apresentados a seguir constam do registro dessa escritura no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha:

IMÓVEL: um prédio onde funciona o Teatro Capitólio e seu terreno medindo 915 m², confrontando de um lado com a Cia. Sul-Mineira de Eletricidade, de outro com terreno arrematado pela S. A. Fábrica Santa Heloísa, e pelos fundos com Francisco Navarra, tendo frente para a Rua Presidente Antônio Carlos, onde está localizado o imóvel e, bem assim, um conjunto cinematográfico, móveis, utensílios e mais pertences do referido cinema. O comprador foi Antônio Ribeiro Nogueira que adquiriu o imóvel de José Navarra e sua esposa Linda Toletino Navarra, domiciliados em Cambuquira,

Minas Gerais, pelo valor Cr$ 280.000,00 (duzentos e oitenta mil cruzeiros).

Dados cadastrais: Carta (escritura pública) de 12 de abril de 1943, lavrada pelo Escrivão Ney Alvarenga, registrada no Livro 3-M, fl. 140, sob o nº 5.542, do Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha. Averbação: hipotecado.

4.3 Escritura pública de compra e venda com garantia hipotecária, de 14 de julho de 1945

Cartório do 1º Ofício de Notas de Varginha – Cartório Braga
Livro 86, fls. 12-19

Em 14 de julho de 1945 foi lavrada a escritura de compra e venda do Theatro Capitólio, com garantia hipotecária, entre Antônio Ribeiro Nogueira, como vendedor e Inocêncio Prince de Souza, como comprador. Os proprietários eram Antônio Ribeiro Nogueira e sua esposa Cornélia Pereira Nogueira, brasileiros e domiciliados em Varginha. O comprador, Inocêncio Prince de Souza, comerciante, era casado com Geralda Gomes Prince, brasileiros, domiciliados em Ibatuba, atual município de Soledade de Minas. A escritura foi lavrada no Cartório de Notas, situado no Fórum de Varginha.

A escritura cita as medidas e as divisas e confrontações do terreno ocupado pelo teatro: "um prédio onde funciona o Theatro Capitólio, e seu respectivo terreno, medindo este novecentos e quinze metros quadrados, situados nesta cidade, na Rua Pte Antônio Carlos, confrontando, de um lado, com a Cia. Sul Mineira de Eletricidade, de outro, com a Sociedade Anônima Fábrica Santa Heloísa, e dos fundos, com Daniel Joven Xavier de Rezende, Francisco Navarra e sucessores de Roque Rotundo".

A descrição do prédio é a seguinte: "prédio construído de pedras, tijolos, cal,

areia e cimento, coberto de telhas francesas, envidraçado, piso de ladrilhos, com instalações de luz e sanitárias", havido "por arrematação em hasta pública, conforme inscrição no Livro 3M, fl. 140, nº 5.542, do Registro de Imóveis desta Cidade".

O valor da venda foi de Cr$ 300.000,000 (trezentos mil cruzeiros), pagos em nove prestações anuais de Cr$ 27.728,00 (vinte e sete mil, setecentos e vinte oito cruzeiros). O vencimento da primeira prestação foi em 25 de março de 1946 e, a da última, em 25 de março de 1954. Foram pagas mais 28 prestações mensais de Cr$ 5.250,00 (cinco mil, duzentos e cinquenta cruzeiros). A primeira prestação com vencimento em 30 de março de 1947, e a última, em 30 de junho de 1949. O valor das prestações especificadas acima incluía os juros de 8% anuais, até o final do pagamento.

A escritura cita com detalhes os aparelhos, mobiliários e utensílios do Theatro Capitólio, segundo o local onde estavam instalados ou acomodados: cabine, geral, camarotes, porão, escritório e palco. Eram eles:

Na cabine: dois projetores "Simplex"; dois movietones com partes sonoras completas; dois vitafones completos; três quadros de resistências e quadros de distribuição de luz; três alto-falantes; uma eletrola grande; setenta discos; doze carretéis para seiscentos metros; uma enroladeira e uma mesa de mármore; uma caixa de ferro de depósito de filmes; uma caixa de depósito de discos; uma mesa com prateleira; dois armários de depósito de material; quatro cadeiras e um espelho.

Na geral: 45 cadeiras soltas e um banco comprido.

Nos camarotes: 127 poltronas soltas de madeira; 38 poltronas de madeira pregadas nos cantos. Na sala de espera: duas passadeiras de juta com os metais respectivos; quatro capachos; uma mesa de ferro redonda; seis quadros e seus cavaletes; duas escarradeiras de pé esmaltadas; dois espelhos na parede; duas urnas; oito cortinas de veludo; treze poltronas ligadas; um quadro com porta de vidro para reclame; 430 poltronas parafusadas ligadas; um quadro com porta de vidro para reclame; um piano

alemão *Schiedmayer*; uma banqueta de piano; 26 cadeiras de palhinha Thonet; 113 cadeiras de madeira nas frisas; 48 cadeiras de madeira ligadas nos cantos das frisas; um relógio de parede.

No porão: duas chaves grandes para parafusos; cinco tabuletas de ferro pequenas; duas tabuletas de ferro grandes; nove tabuletas compridas de madeira [e pano?]; um carrinho de madeira; duas latas de transportes de filmes; cortinas para todas as janelas; um armário grande; um motor e dínamo elétrico em conjunto; uma prateleira grande; uma mesa tosca de reclame; uma mesa pequena.

No escritório: duas mesas; um armário grande; uma prateleira; duas escadas, uma com onze e outra, com seis degraus.

No palco: uma tela de boca, uma cortina e quatro excitadores novos.

Todos os aparelhos, mobiliários e utensílios, acima descritos, foram avaliados em Cr$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil cruzeiros).

Constam da escritura as assinaturas de: Agenor Agnaldo Braga (1º Tabelião do Cartório), Antônio Ribeiro Nogueira, Cornélia Pereira Nogueira, Inocêncio Prince de Souza, Geralda Gomes Prince e as testemunhas Sinésio Paiva Silva e José Ezequiel Nogueira.

4.3.1 Escritura pública de compra e venda, de 14 de julho de 1945. Registro no Cartório de Registro de Imóveis

As informações apresentadas a seguir em seu inteiro teor constam do registro dessa escritura no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha:

Ney Alvarenga. Oficial do Registro de Imóveis deste Termo de Varginha, Estado de Minas Gerais, na forma da lei etc.

Certifico que a fls. 19 do livro n. 3-O foi registrada, hoje, sob n. 6801, a aquisição do imóvel: "Um prédio onde funciona o Theatro Capitólio, e seu terreno medindo 915 m2s [sic], situados nesta cidade, à Rua Presidente Antônio Carlos, confrontando de um lado com a Cia. Sul-Mineira de Eletricidade, de outro com a S. A. Fábrica Santa Heloísa e fundos com Daniel Joven Xavier Resende, Francisco Navarra e Sucessores de Roque Rotundo, que houveram por arrematação em hasta pública. A aquisição foi feita por INOCÊNCIO PRINCE DE SOUZA, comerciante, residente em Ibatuba, de Antônio Ribeiro Nogueira e sua mulher D. Cornélia Pereira Nogueira, residentes nesta cidade, por título de compra e venda e escritura pública de 14 de julho de 1945, lavrada nas notas do tabelião Agenor Aguinaldo [sic] Braga, de Varginha, pelo preço de trezentos mil cruzeiros (Cr$ 300,000,00) [sic] com pacto adjeto de hipoteca.

Anterior: L3M, fls. 140, n. 5542.

O referido é verdade-dou fé.

Varginha, 28 de agosto de 1945

(a) Ney Alvarenga

Notas:

1 Antônio Ribeiro Nogueira foi o proprietário que menos tempo ficou em posse do imóvel: entre 12 de abril de 1943 e 14 de julho de 1945. São desconhecidos os motivos que o levaram a desfazer-se da propriedade apenas 27 meses após tê-la adquirido.

2 Projetor Simplex: o projetor Simplex para cinema foi desenvolvido nos Estados Unidos, em 1908, sendo introduzido nas salas de cinema entre 1909 e 1910, com sucesso imediato, devido à sua praticidade. Durante o período do cinema mudo, suas características técnicas foram constantemente aprimoradas. O Simplex era capaz de projetar o filme a longa distância e com excelente nitidez. Isso era possível devido à sua fonte de luz de projeção, formada por dois eletrodos de carvão, que geravam alta potência luminosa.

3 Movietone: método de gravação de sons para filmes que garante a sincronização entre som e imagem. O jornal *Arauto do Sul* (1930) cita o aparelho pela grafia aportuguesada: movitônio.
4 Vitafone: método de som em disco; projetor de filmes equipado com um toca-discos. Da mesma forma que no movietone, era necessário haver a perfeita sincronia entre imagem e som. Nos sistemas anteriores, o projetor e o toca-discos eram completamente separados.
5 Urnas: urnas de madeira em que o porteiro do teatro depositava os bilhetes ou ingressos comprados pelo público e entregues a ele, para ter sua entrada permitida no cineteatro.
6 Quadro com porta de vidro para reclames: quadro em que eram afixados reclames, ou seja, impressos com propagandas ou divulgação de conteúdos variados de informação.
7 Escarradeira: recipiente em que se escarra ou cospe; cuspideira. Geralmente, com formato redondo, a escarradeira era posta no chão, encostada a uma parede, para evitar tropeções. Consideradas mais elegantes, as escarradeiras de porcelana eram pintadas predominantemente com motivos da flora e fauna. As duas escarradeiras do Capitólio ficavam nos camarotes, tinham pés e eram feitas de metal esmaltado, o que garantia maior durabilidade em local onde havia risco de tropeções devido à grande circulação e pessoas.
8 Excitadores: quatro excitadores novos. Do original consta: quatro excitadoras novas.
9 Cadeiras Thonet: as cadeiras vergadas no estilo Thonet são móveis de um modelo hoje considerado clássico da decoração. Criada pelo marceneiro alemão-austríaco Michael Thonet, sua produção somente foi possível por meio do domínio técnico do processo industrial do uso do vapor para curvar a madeira. O modelo original da cadeira Thonet nº 14 (Konsumstuhl Nr. 14), de 1859, possui um desenho leve, delicado, sofisticado e elegante, com assento de palha de cana ou de palmeira trançada. Se as

cadeiras Thonet do Capitólio tivessem sobrevivido, atualmente seriam peças para exposição no Museu Municipal ou em uma sala de memórias do próprio teatro. Sua presença entre o mobiliário da primeira fase do Capitólio revela o cuidado com as que as peças de utilidade e decorativas do edifício foram escolhidas, pois, embora produto da indústria moveleira de massa, eram artigos de qualidade superior.

11 No início da década de 1940, a Empresa Nogueira, além de administrar o Cineteatro Capitólio, construiu o Cine Rex, na Avenida Rio Branco. A Empresa Nogueira conseguiu realizar uma administração de prestígio e era admirada pelo público e pelos jornalistas, conquistando, logo de início, a simpatia popular. Esse fato se deveu a dois motivos principais: a escolha de bom gosto dos filmes a serem exibidos nas programações semanais e o esforço em tornar o Capitólio acessível às classes economicamente menos favorecidas. Para isso, eram organizadas sessões especiais, em determinados dias da semana, com a cobrança de uma módica tabela de preços para a bilheteria (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1121, p. 4. Varginha, 24 mar. 1940).

12 Em 28 de março de 1943, o *Arauto do Sul* publicou a seguinte nota sobre a aquisição do Theatro Capitólio por Antônio Ribeiro Nogueira: "A Empresa Nogueira acaba de adquirir o cine teatro Capitólio, que explorou até agora por arrendamento. / O Sr. Antônio Ribeiro Nogueira, o empresário que soube identificar-se com os serviços teatrais e vem proporcionando ao público varginhense belas noites de diversão no palco e na tela, agora, por mais fortes motivos, se esforçará por apresentar sempre os melhores trabalhos, captando, cada vez mais crescentes, as simpatias do público (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1297, p. 4. Varginha, 28 mar. 1943).

4.4 Escritura pública de compra e venda, de 29 de agosto de 1984

Em 1977 e 1978, a Empresa Cinematográfica Prince de Souza era proprietária dos três cinemas de Varginha, referidos pela empresa como casa de diversões: Capitólio, Rex e Rio Branco. A sede era no prédio do Capitólio, na Rua Presidente Antônio Carlos, nº 522, centro (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 3.089. 3º Caderno, p. 6. Varginha, 24 dez. 1977; ibidem, ed. nº 3.225, p. 11. Varginha, 23 dez. 1978).

Durante a administração do prefeito Eduardo Benedito Ottoni (1977-1982), o Teatro Capitólio foi alugado pela Prefeitura, uma vez que havia o risco de o edifício ser vendido para uma grande rede nacional de supermercados, que pretendia instalar-se em Varginha. Na época, José Fernando Prince, sócio majoritário entre os proprietários, procurou o prefeito para comunicar-lhe que estava sendo pressionado pelos sócios, para vender o Capitólio para o supermercado. A Prefeitura não possuía recursos suficientes para a aquisição do edifício. A decisão foi a de alugá-lo, por meio de um contrato com a duração de dois anos, a fim de possibilitar que, durante a gestão do próximo prefeito, a Prefeitura conseguisse reunir fundos suficientes para realizar a aquisição. O contrato de aluguel impediu a venda do teatro. A Prefeitura também decidiu criar a Fundação Cultural do Município para administrar o teatro. Nos primeiros tempos de sua criação, a sede da Fundação Cultural funcionava nas dependências do próprio teatro. Posteriormente, o prefeito Dilzon Luiz de Melo assumiu a Prefeitura e, dois anos depois, fez caixa e conseguiu adquirir o Theatro Capitólio para o município (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Eduardo Benedito Ottoni extraído do programa Temporalidades produzido pela TV Princesa, emissora de canal aberto da Fundação Cultural do Município de Varginha, 2016).

Em 29 de agosto de 1983 foi lavrada a escritura pública de compra e venda do Theatro Capitólio, entre a Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda., como

outorgante vendedora, e o município de Varginha, como outorgado comprador na condição de entidade de direito público interno do estado de Minas Gerais, representado, no ato, por seu prefeito municipal Dilzon Luiz de Melo. A escritura foi lavrada foi registrada no Cartório do 1º Ofício de Notas de Varginha – Cartório Braga, no Livro 169B, fls. 154-.

As características do edifício, descritas na escritura, são: "construção muito antiga, porém sólida, de alvenaria de pedra e tijolos, assentados com massa de cal, areia e cimento, com área construída com cerca de oitocentos e dez metros quadrados (810,00 m^2), apropriado para cinema e teatro, denominado antigamente "TEATRO CAPITÓLIO", e, atualmente, "CINE-TEATRO CAPITÓLIO", dotado de cabine de projeção, geral, camarotes, plateia, palco, sala de espera, corredor lateral, cadeiras, poltronas, cortinas, instalações e pertences; dois cômodos no porão; um pequeno prédio nos fundos, destinado a escritório, com dois cômodos e uma instalação sanitária, e bem assim, do terreno em que se acham edificados, com a área total de novecentos e quinze metros quadrados (915,00 m^2)".

A escritura cita as divisas e confrontações do lote ocupado pelo teatro: "à direita, com propriedade que foi da Cia. Sul Mineira de Eletricidade, hoje de Central Elétrica de Minas Gerais S.A. (CEMIG), à esquerda, com propriedade que foi da Sociedade Anônima Fábrica Santa Heloísa, hoje de Imobiliária Santa Heloísa Ltda., e nos fundos com propriedades que foram de Daniel Jovem Xavier de Rezende, Francisco Navarra e sucessores de Roque Rotundo, hoje de Isolina Pellini de Cusatis".

Esses bens pertenceram a Antônio Ribeiro de Nogueira, que os vendeu a Inocêncio Prince de Souza, e que, em 28 de agosto de 1945, foram incorporados ao capital da outorgante vendedora por escritura pública de alteração de contrato social para aumento de capital e admissão de novos sócios, e de incorporação de bens imóveis e móveis à sociedade, consoante transcrições nos livros do Registro Geral de Imóveis da

Comarca (Livro 3-M e Livro 3-O, em 28 de agosto de 1945; Livro 3-R, em 20 de março de 1954).

O preço da venda foi de R$ 60.000.000,00 (sessenta milhões de cruzeiros). O pagamento foi realizado da seguinte forma: R$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros) à vista, no ato da assinatura da escritura, por meio de um cheque contra o Banco Brasileiro de Descontos – BRADESCO; no dia primeiro de setembro de 1983, R$ 40.000.000,00 (quarenta milhões de cruzeiros) em quatro prestações sucessivas de R$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros), cada uma, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1983, e de janeiro de 1984 e, finalmente, R$ 5.000.000,00 (cinco milhões de cruzeiros).

Foram excluídos da venda os seguintes bens móveis: máquinas projetoras, retificadores de alta voltagem, conjunto sonoro, equipamentos cinematográficos, uma tela em cinemascope, um piano alemão da marca *Schiedmayer* e outros não especificados na escritura (Escritura pública de compra e venda entre a Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda., como vendedora, e o município de Varginha, como comprador. Varginha, 29 ago. 1983).

A escritura foi registrada no Registro de Imóveis da Comarca de Varginha, Livro nº 2 – Registro Geral, matrícula nº 12.128, no dia 05 de outubro de 1983. O registro anterior consta do Livro 3-A, fls. 145, sob nº 12.820 (REGISTRO DE IMÓVEIS – COMARCA DE VARGINHA. Livro nº 2 – Registro Geral).

Constam da escritura as assinaturas de: Lauro Antônio Moura de Souza (1º Tabelião Substituto), p.p. José Fernando Prince, Joaquim Peloso, José Pedro Ribeiro, Angelo Prince de Souza, Aristides Prince de Souza, p.p. Aristides Prince de Souza, Maria de Lourdes Ribeiro Reis e Dilzon Luiz de Melo, e as testemunhas Jucenira Moreno Ottoni e Maria Aparecida Caldonazzo de Almeida.

5 LEGISLAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DE TEATROS (1919) E INGRESSO DO PÚBLICO MENOR DE IDADE (1928)

Este capítulo apresenta as regras para a construção de teatros estabelecidas no Código de Posturas de 1919 e as normas estabelecidas no Edital de Regulamentação da Execução do Código de Menores sobre o acesso de menores de idade às casas de diversões (teatros e bares públicos e noturnos), de Varginha, de 1928.

O Código Civil de 1916 (Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916), estabeleceu no art. 5º do Capítulo I – Das pessoas naturais, que os menores de dezesseis anos eram "absolutamente incapazes de exercer pessoalmente os atos da vida civil" e no art. 6º, que "Os maiores de 16 e os menores de 21 anos" eram incapazes relativamente a certos atos ou à maneira de os exercer. Esse texto do diploma legal estava em vigor à época da abertura do Theatro Capitólio ao público. O Código Civil de 1916 foi revogado somente em 2002, com a entrada em vigor do Código Civil de 2002 (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002), quando a minoridade legal passou a ser de dezoito anos.

5.1 A construção de teatros no Código de Posturas de 1919

A Lei nº 357, de 19 de setembro de 1918 (Código de Posturas da Câmara Municipal da Cidade de Varginha), estabeleceu um item sobre as disposições legais para as construções de teatros e de salas de reuniões públicas na cidade. As normas constam do artigo nº 342, com sete incisos, do Capítulo XXVII – Das licenças para as edificações e reconstruções. A seguir, apresentamos a transcrição:

DOS TEATROS E SALAS DE REUNIÕES PÚBLICAS

Art. 342 – Todos os edifícios destinados a teatros ou salas de diversões públicas, adotarão os melhoramentos modernos que a higiene, a segurança e a estética exigem, satisfarão às condições seguintes:

1) A armação do telhado e o vigamento do soalho serão apropriados ao fim que se destinarem tais edifícios.

2) É expressamente proibido empregar vigas ou colunas de madeiras para sustentar as ordens de camarotes.

3) As portas externas abrirão para fora ou serão giratórias, de modo a permitirem pronta e fácil saída para o público.

4) As sacadas, retas ou quadradas em ângulos retos, com patamares longos, e os corredores, não terão menos de dois metros de largura.

5) O espaço, para cada pessoa, não será inferior a noventa centímetros quadrados: e onde as pessoas conservarem-se de pé, a superfície será, no mínimo, de sessenta centímetros quadrados por pessoa.

6) Serão munidos de aparelhos de ventilação, calculando-se para cada espectador, quarenta metros cúbicos de ar renovado por hora.

7) Os teatros, sempre que for possível, serão construídos isoladamente, sem contato com outros prédios e os respectivos projetos só serão aceitos, sendo firmados por engenheiros ou arquitetos diplomados ou construtores de notória competência.

5.2 Edital de Regulamentação da Execução do Código de Menores (1928)

Em 1928, foi baixado em provimento, um Edital do Juiz de Direito de Menores da Comarca de Varginha, José Benício de Paiva, para regular a execução do Código de

Menores, com a regulamentação do trabalho de menores de idade e de seu acesso às casas de diversões, bares públicos e noturnos. O texto integral do Edital foi publicado pelo *Arauto do Sul* (edição nº 369, p. 1. Varginha, 06 set. 1928), do qual apresentamos uma síntese.

Em relação às casas de diversões, passou a ser proibido, em qualquer circunstância, o ingresso de menores de cinco anos de idade. O ingresso de maiores de cinco e menores de quatorze anos, também foi proibido, mesmo quando acompanhados de pai, mãe, tutor ou pessoa responsável, exceto: 1) nas matinês infantis, em que fossem exibidas películas instrutivas e recreativas, anunciadas como tais, podendo a elas comparecer os menores de quatorze anos desacompanhados, 2) e nas *soirées* que terminassem no máximo às vinte horas, exigindo-se, nessa última hipótese, que os menores estivessem acompanhados de responsáveis e que o respectivo programa tivesse sido anunciado como próprio para menores.

Em relação ao conteúdo exibido, foram proibidas as apresentações para menores de dezoito anos de todas as fitas que fizessem temer influência prejudicial sobre o desenvolvimento moral, intelectual e físico, e pudessem excitar perigosamente a fantasia, despertar instintos maus ou doentios e corromper o adolescente pela força de suas sugestões. O trabalho de menores de idade foi proibido dentro das casas de diversões como porteiros, cortineiros, indicadores de lugares e vendedores de bombons e de outras mercadorias etc.

As empresas – o Theatro Capitólio, óbvia e principalmente, passaram a ser obrigadas a afixar cartazes às portas, em caracteres bem visíveis, com os seguintes dizeres sobre a natureza dos espetáculos: matinês infantis; *soirées* próprias para menores de 14 anos; proibido aos menores de 14 anos; próprias para menores de 18 anos.

A regulamentação dos espetáculos possuía um texto preconceituoso e genérico: "excitar perigosamente a fantasia, despertar instintos maus ou doentios e corromper

pela força de suas sugestões". Somente as crianças e adolescentes têm fantasias? O que é uma fantasia perigosamente excitada? Que tipo de excitação poderia haver (agressiva, sexual ou ambas)? Qual era o conceito de instinto para o legislador? Uma vez que os instintos existem como dispositivos biológicos indispensáveis à sobrevivência dos animais, inclusive dos seres humanos, o que seria um instinto mau ou doentio? O que é corromper? Que tipo de sugestão contida em uma imagem ou na fala de um filme poderia "corromper"? Como vemos, dessa forma, na prática, bastava que determinada autoridade policial ou jurídica considerasse impróprio para menores o conteúdo de um filme, para proibir-lhes o ingresso ao cineteatro. As normas baixadas obedeciam mais aos preconceitos do Juiz de Direito de Menores, à moralidade judaico-cristã e aos ditos "bons costumes" da sociedade da época, que a uma legítima preocupação de caráter educativo ou pedagógico.

O edital publicado era uma decisão judicial, que deveria ser cumprida. As infrações às regras poderiam sujeitar os estabelecimentos a multas.

A aplicação do Código de Menores teve um impacto imediato na renda do Capitólio, que passou a ter dificuldade para arcar com as grandes despesas de pessoal e de aluguel de filmes. No mês seguinte à sua publicação, a Empresa Navarra, proprietária e administradora do teatro, cogitou reduzir o número de suas sessões, que deixariam de ser diárias (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 377. Varginha, 04 out. 1928).

A situação parecia ser insustentável, pois prejudicava parte do público que tinha proibido seu acesso ao entretenimento e os proprietários do teatro, que viam sua renda diminuída. Assim, sete meses depois, no início de 1929, a Empresa Navarra, proprietária do Theatro Capitólio, por meio de ofício assinado por Francisco Navarra, requereu ao Juiz de Direito da Comarca, medidas atinentes à presença de menores de quatorze anos de idade nas "*soirées* cinematográficas" (sessões noturnas de cinema), após as vinte horas. A empresa resolveu solicitar o parecer do juiz depois de um alerta do delegado regional

de polícia sobre a presença de menores de quatorze anos no cinema, após esse horário. Com isso, a empresa adotou a medida de iniciar os filmes mais cedo: em vez das 19:30, conforme era costumeiramente feito, desde os tempos do Cinema Íris, passou a exibi-los às dezenove horas. A medida, no entanto, não teve efeito, pois os filmes levavam mais de uma hora para serem exibidos, assim, o final de exibição se dava após as vinte horas, quando os menores ainda se encontravam no recinto. Além disso, a modificação do início da exibição para as dezenove horas "encontrou protestos por parte dos pequenos espectadores, empregados nas fábricas ou casas comerciais, cujo expediente termina, por lei municipal, às 19 horas, e dest'arte, o seu movimento apenas beneficiará os menores abastados e os estudantes" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 433. Varginha, 21 abr. 1929).

O *Arauto do Sul* informou o resultado do parecer do Juiz de Direito: "No dia 18 do corrente mês [abril de 1929], a EMPRESA NAVARRA foi notificada pelo digno Dr. Delegado de Polícia Regional, que o Exmo. Snr. Dr. Juiz de Direito havia revogado a portaria de 3 de Setembro p.p. [próximo passado] e, portanto, permitido a permanência dos menores de 14 anos nas sessões a eles destinadas, além das 20 horas. / Está, pois, de parabéns a nossa querida petizada / 19-4-929" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 433. Varginha, 21 abr. 1929).

6 A PASSAGEM DO TEMPO: USO E INTERVENÇÕES

No soneto Ozymandias, nome helenizado do faraó Ramsés II, o poeta Shelley descreve uma estátua em ruínas do faraó. A mensagem do poeta: nada resiste à passagem do tempo, mas a arte tem o poder de preservar o passado. Diante do tempo, poderosos se desesperam e destroços colossais evidenciam a decadência, pois são vazios e sem limite, no entanto, nas coisas inertes estão estampadas paixões que ainda sobrevivem.

Os imóveis sofrem alterações com o passar dos anos e com o uso continuado. Os

principais fatores de danos são a umidade, as condições climáticas como a ocorrência de chuvas, que pode levar a infiltrações, a ação de roedores, de insetos como cupins, que se alimentam de madeira e de materiais compostos por celulose, os micro-organismos como fungos, que causam mofo, a poluição do ar, o trânsito contínuo de veículos automotores, especialmente, os mais pesados, que provocam trepidações no solo, capazes de abalar as estruturas da edificação.

Além das manutenções periódicas realizadas no Theatro Capitólio durante a sucessão dos anos, desde a sua inauguração até o presente, ainda foram realizadas intervenções de maior porte na estrutura e nos materiais de acabamento. Essas intervenções foram de dois tipos: reformas e restaurações. Permanecem originais a fachada, a estrutura interna e a maior parte dos ladrilhos hidráulicos artísticos.

6.1 Reforma de 1930

Três anos após a inauguração foi realizada a primeira reforma no teatro: a construção de nova e ampla cabine para o adequado acondicionamento da nova aparelhagem de exibição de películas cinematográficas da RCA Photophone com dois projetores e um alto-falante. Essa reforma ocorreu devido à transição do filme mudo para o sonoro sincronizado com as imagens. A nova aparelhagem necessitava de uma cabine de projeção mais ampla e confortável (*O SUL-MINEIRO*. Ano I. Edição nº 1, p. 4. Varginha, 07 set. 1930).

6.2 Reforma de 1946

Em 1946, dezenove anos após a inauguração, o Capitólio era considerado um "casaréu velho e fora de moda", o que levou à decisão de realizar reparos de

manutenção e de reformá-lo. Na planta original, a entrada lateral direita era um corredor, que, assim como o portão principal na testada do lote, permitia o acesso ao saguão do teatro. Esse corredor foi fechado e sobre ele construído um telhado para a criação de um *hall*. Segundo *O Sul-Mineiro*: "A entrada lateral será, também, radicalmente transformada e, onde, hoje, é apenas um corredor, dentre em breve será um elegante *hall* para exibição de programas". A reforma 1946 instalou poltronas estofadas e realizou modificações nas frisas e nos camarotes (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 2131. Varginha, 14 maio 1946). O hall construído em 1946 foi o *foyer* do teatro.

6.3 Reforma da década de 1950

Na década de 1950, sobre as reformas e o funcionamento do Theatro Capitólio, o jornal *Correio do Sul* (edição nº 623, p. 1. Varginha, 11 out. 1951) publicou: "Hoje, 24 anos após a sua inauguração, continua o Teatro Capitólio mantendo a sua liderança entre as casas deste gênero em todo o Sul de Minas. / Vários melhoramentos e reformas foram executadas, tendentes a conservá-lo de acordo com as exigências da atualidade, mas, funcionando sempre sem a menor interrupção. [...] Prince de Souza já entregou para estudos, um plano de remodelação a ser breve executado e que, realizado, dará maior conforto aos "habitues" do majestoso Cineteatro. /Aristides Prince de Souza aguarda apenas a palavra do engenheiro Braz Paione e, sem medir esforços, realizará a remodelação em mira".

6.4 Reforma do período 1983-1985

O Theatro Capitólio passou por obras de reforma e de restauração. Em 1984, após iniciativa da Prefeitura Municipal, que entrou em contato com o Ministério da

Educação e Cultura – MEC, para solicitar recursos para o reforma do teatro, o cineasta Carlos José Fontes Diegues (Cacá Diegues), que então ocupava o cargo de titular da Secretaria de Assuntos Culturais do Ministério da Educação e Cultura – MEC, colocou o diretor teatral, cenógrafo, iluminador, figurinista e escritor italiano Gianni Ratto (1916-2005) à disposição da Fundação Cultural de Varginha, para coordenar e supervisionar o projeto de restauração e, posteriormente, se encarregar da liberação dos recursos necessários para realizar as obras de restauração do teatro (DOSSIÊ THEATRO CAPITÓLIO, CODEPAC. Parecer para o tombamento do Theatro Capitólio). Ratto foi um dos diretores italianos contratados pelo Teatro Brasileiro de Comédia – TBC, um dos incentivadores da arte teatral no Brasil, tendo realizado relevantes trabalhos como, por exemplo, dirigir Cacilda Becker em Isso devia ser proibido (1967). Em suma, as intervenções realizadas no Theatro Capitólio, na década de 1980, foram dirigidas por um competente conhecedor da arte e da cena teatral brasileira.

Ratto foi enviado a Varginha pelo Instituto Nacional de Artes Cênicas – INACEN. Ele veio acompanhado por sua esposa, a professora Isabel Ratto, então diretora do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Segundo a *Tribuna Varginhense*, Ratto "encantou-se com a beleza original do teatro e aprovou o plano de reformas e restauração" (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1658, p. 5. Varginha, 02 fev. 1985).

A *Tribuna Varginhense* considerou que "A vinda de Gianni, em Varginha, é de grande importância para o Theatro Capitólio, pois veio para assessorar, orientar as obras de restauração e reformas, bem como para especificar o material a ser usado" (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Varginha, 26 jan. 1985).

Em entrevista concedida ao programa Van Noite Show, da Rádio Vanguarda FM, Ratto teceu as seguintes considerações sobre a reforma e a restauração:

> *São dois aspectos. A reforma, o que parece o mais importante, porque o teatro tem que ser reformado para funcionar – e a restauração, que tem um aspecto, a meu ver, relativo, porque, do Teatro original sobraram a fachada e, internamente, a estrutura que é, realmente, muito bonita. Mas, a parte decorativa, em si, a meu ver, não é tão interessante e, inclusive, está praticamente desaparecida. Então, o que vale é manter a estrutura e isto é restauração, é uma renovação, porque o Teatro vai ter condições de funcionar, dentro da nossa realidade histórica de 1985, e que não pode ser aquela de 1930 ou 1920, quando o Teatro foi feito. Portanto, ele vai ter uma série de benfeitorias, de melhoramentos do ponto de vista técnico, como aproveitamentos acústicos, de iluminação, de um palco bem recuperado, camarins, serviços de teatro, sala de exposições e outros. Vai ser não somente um teatro, mas um centro cultural, centro do qual há a possibilidade de desenvolver, desde o teatro para crianças – o que é importantíssimo – até exposições, cursos e várias atividades (TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1658, p. 5. Varginha, 02 fev. 1985).*

Durante a mesma entrevista, ao ser perguntado sobre o saudosismo do varginhense, que gostaria de uma restauração integral, para transformar o Teatro em um museu e não em um teatro dinâmico, o ex-vice-diretor técnico do Teatro alla Scala de Milão respondeu:

> *O teatro do saudosismo, de Procópio [Ferreira], de Bibi [Ferreira] – que é minha amiga – de Alda Garrido ou de Jaime Costa, é o teatro do grande ator. O ator gênio, que destrói tudo o mais à sua volta. É o teatro desses grandes talentos, aquele da década de 30 ou 40, que não precisa de muita direção. Agora, o teatro de hoje, a dramaturgia de hoje, são diferentes. Isto faz com que os teatros também mudem. No caso do Teatro Capitólio,*

> *ele é um teatro tradicional. Mas, a dramaturgia que será desenvolvida nele, após a reforma, também é outra. Por isto, concluo como correto o plano de trabalho para sua reforma e restauração atividades (TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1658, p. 5. Varginha, 02 fev. 1985).*

Segundo Cincoetti (2021), engenheiro civil responsável pela coordenação da reforma:

> *Durante os anos iniciais da administração do Prefeito Dilzon Melo (1983-1988), foi solicitado o apoio da Associação Varginhense de Engenheiros e Arquitetos – AVEA e orientação técnica para elaboração de um projeto de reforma e restauração do Cineteatro Capitólio. Após uma reunião com os associados foram indicados os engenheiros civis Luiz Carlos Braga e Mário Marcos Caponi Cincoetti; o engenheiro-eletricista Walllace Magno Etrusco e a arquiteta Teresa Guida Massa. A reforma durou cerca de um ano. O engenheiro Luiz Carlos Braga foi o responsável pela estrutura da obra, tendo, com isto, feito o cálculo estrutural do prédio, que sofreu algumas alterações e modificações. O engenheiro Mário Cincoetti foi o responsável pela execução e acompanhamento da obra e o engenheiro Wallace Etrusco, pela instalação elétrica e iluminação do teatro, que teve que ser substituída, uma vez que a fiação antiga, revestida com tecido, material inflamável, oferecia maior risco de incêndio. A arquiteta Teresa Massa coordenou as intervenções na arquitetura e na decoração do teatro, tendo o cuidado de preservar as características originais, estudadas por meio de levantamentos e análises das fotografias da época. Todas as frisas em madeira foram substituídas por lajes pré-moldadas, sendo, porém, mantidas com o mesmo aspecto e dimensões originais. As poltronas foram assentadas em novo arranjo com mais espaço entre as fileiras, com o propósito de aumentar*

o conforto para o público. O fosso da orquestra foi coberto com um palco removível, o que aumentou a área de palco, para atender a apresentação de ballet e de musicais, pois o antigo palco, de menor dimensão, não possibilitava a realização desse tipo de espetáculo, caso o elenco fosse mais numeroso. O forro de estuque, bastante danificado, foi substituído por gesso. Os camarins e sanitários foram reformados e ampliados. Foi criada uma cabine para som e iluminação para o palco e todo o teatro. Havia a história da existência de um enorme lustre de cristal no centro do teatro, porém, na realidade foi constatado que isso não seria possível, pois o teatro funcionava principalmente como cinema, portanto, a existência de um grande lustre criaria um obstáculo para a projeção cinematográfica. No contrato de compra e venda, de 1983, havia uma cláusula que proibia o teatro de funcionar como cinema. Assim, a comissão de reforma, em concordância com o Prefeito Dilzon Melo, optou por instalar um lustre de grande proporção no centro do Teatro. O lustre foi projetado pela arquiteta Teresa Massa, sendo construído pela empresa Europa Lustres Indústria e Comércio Ltda., situada em São Paulo. Na ocasião, foram adquiridas as tulipas de iluminação em cristal, que ornam as paredes das frisas, bem como os lustres de ornamentação das demais áreas internas do teatro. Ressalta-se que durante todo o período da reforma e restauração foi tomado o cuidado para a não descaracterização da originalidade do antigo cineteatro, porém, buscando atender às normas de segurança ao público que a legislação em vigor exige.

Foram construídos quatro camarins e dois banheiros no subsolo do palco, duas salas com divisórias de madeira na galeria (para funcionamento do escritório e da administração) e uma entrada coberta na lateral esquerda. A escada externa e o banheiro foram retirados. Outros serviços executados foram substituições e reparos

na cobertura e nas esquadrias de madeiras de portais e de janelas, troca da instalação da fiação e da rede elétrica, pintura de conservação do prédio, envernizamento das cadeiras, e raspagem e polimento dos azulejos e dos pisos de ladrilhos hidráulicos. O lustre central da plateia foi remontado e os lustres menores, substituídos. Foram instaladas novas cortinas de veludo vermelho (*VARGINHA* – Órgão Oficial do Município. Edição nº 728, p. 07. Varginha, 12 maio 2011).

6.5 Reforma do período 2004-2011

Durante sete anos, no período entre 08 de fevereiro de 2004 e 12 de maio de 2011, o Capitólio teve suas portas fechadas, pois o edifício necessitava passar por uma série de reparos do telhado ao piso, nas janelas, nas redes elétrica e hidráulica, na pintura, nas cadeiras da plateia e no palco, para que pudesse receber com segurança e conforto o público.

Segundo a Fundação Cultural do Município e notas publicadas na *Tribuna Varginhense* com informações fornecidas pela Prefeitura de Varginha, as intervenções realizadas no Theatro Capitólio no período entre 2004 e 2011, foram as seguintes (*VARGINHA* – Órgão Oficial do Município, ed. 728, p. 7. Varginha, 12 maio 2011; *TRIBUNA VARGINHENSE*, ed. 3, p. 6. Varginha, 15 maio 2011):

Ano de 2004: Surgimento de trincas e desprendimento de partes do forro de gesso que havia sido instalado na reforma realizada entre 1983 e 1985. Devido a questões de segurança púbica, o teatro foi interditado. O forro de gesso foi substituído. A antiga estrutura de madeira, que não tinha sido totalmente substituída na reforma anterior, estava infestada por cupins. Consultorias, vistorias e laudos realizados condenaram a condição dessa estrutura, o que obrigou a troca total do madeiramento por uma estrutura metálica com cobertura de telhas termoacústicas.

Anos de 2005-2006: Após a tomada da decisão de substituir o telhado, outros procedimentos legais se fizeram necessários: o Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural – CODEPAC foi comunicado do fato, para que se pudesse abrir nova consulta para realizar as intervenções citadas, bem como dar andamento aos trâmites legais para a publicação dos editais das licitações, que envolveriam a contração do projeto de estrutura do telhado, da montagem da estrutura no local e do assentamento da cobertura com as telhas termoacústicas.

Ano de 2007: O projeto geral da reforma foi encaminhado ao Fundo Estadual de Cultura – FEC, instituição responsável pelo repasse de R$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais) e da Prefeitura, que liberaria R$ 91.000,00 (noventa e um mil reais). Esse montante garantiu a conclusão da primeira etapa da obra: a construção da cinta de amarração de concreto armado, a substituição do antigo madeiramento do telhado por uma estrutura metálica e a cobertura por telhas metálicas com tratamento termoacústico. O custo total da obra foi estimado em R$ 241.000,00 (duzentos e quarenta e um mil reais) com prazo de 120 dias para a conclusão.

Ano de 2008: Nova vistoria realizada constatou a existência de infiltrações de água pluvial, desgaste de calhas condutoras d'água e avarias nas instalações elétrica e hidráulica. Em julho, o trânsito de veículos automotores foi interrompido entre as seis e as nove horas, entre a Avenida São José e a Rua Deputado Ribeiro de Rezende, para a retirada da madeira velha do antigo telhado. Foi construído um novo telhado com estrutura metálica. O trâmite burocrático demorado atrasou o andamento da obra e contribuiu para a piora do desgaste dos materiais. A obra pôde ser concluída somente em maio de 2009. Essa reforma foi uma das mais necessárias realizadas até hoje no prédio pois, caso a estrutura de madeira do telhado entrasse em colapso e ocorresse o seu desabamento total, os danos na edificação seriam enormes. Além disso, o alto custo financeiro para a recuperação poderia criar obstáculos difíceis de serem superados no

Reforma do Theatro Capitólio, 2008

curto prazo que a exigência de execução da obra requereria.

Ano de 2009: O Ministério do Turismo aprovou a liberação da quantia de R$ 600.000,00 (seiscentos mil reais), sendo R$ 536.250,00 (quinhentos e trinta e seis mil, duzentos e cinquenta reais) de repasse federal e Rs 63.750,00 (sessenta e três mil, setecentos e cinquenta reais) do município, o que permitiu dar continuidade às obras.

Ano de 2010: Após as licitações de praxe, foram abertas três concorrências: para a cenotecnia (equipamento de palco), construção civil e para a aquisição de poltronas. O investimento final ultrapassou o montante de R$ 1.000.000,00 (um milhão de reais). A obra teve início em junho. Vários reparos foram feitos para a modernização do teatro: novas instalações elétricas compatíveis com as modernas tecnologias cênicas, de iluminação, de som e de conforto termoacústico. Na primeira etapa foi realizada a parte de construção civil (instalações hidráulicas, elétricas e todo o trabalho de pedreiros). Foi substituído o piso de madeira do último pavimento, onde ficavam as salas da administração do teatro. O piso de madeira recebeu sinteco (verniz transparente composto por formol e ureia) e os ladrilhos hidráulicos, resina. As janelas de madeira foram recuperadas por menores aprendizes do Propac – Programa de Profissionalização Adolescente Consciente, que trabalhavam na oficina de marcenaria do Programa. Em seguida, foi instalado o equipamento de cenotecnia, o que possibilita ao teatro atender aos mais variados tipos de apresentações profissionais. Foram instalados equipamentos de iluminação (canhões de luz e refletores, controlados por computador), cenografia, sistema elétrico de cortina, ciclorama (fundo com oito metros de largura por seis metros de altura), rotunda (suavizador dos canhões de luz) e urdimentos (maquinário que sustenta as varas de iluminação e efeitos). O controle é feito por meio de mesas automatizadas. Foram instalados 427 m^2 de forro com chapas de gesso acartonado (formadas por gesso e papel tipo *kraft*, para garantir uma acústica perfeita) e substituídas todas

as vestimentas do teatro, inclusive com a instalação de uma cortina motorizada na boca de cena. Na plateia, foram instaladas 287 poltronas estofadas, com assento retrátil, obedecendo às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT de ergonomia, resistência de impacto e absorção sonora. Os banheiros e a entrada foram adaptados para obedecer à legislação que exige a facilidade de acesso às pessoas com necessidades especiais. As rampas de acesso foram construídas em pontos estratégicos do teatro. O lustre central feito de metal e de centenas de gotas de cristal, adquirido em 1984, foi limpo. Nota no artigo "Piano de meia cauda volta para o Theatro Capitólio", da Fundação Cultural do Município, publicada, em 2011, no sítio da internet Varginha Online afirma: "o lustre quase centenário [...] foi recuperado depois de quase três meses de trabalho". Ora, essa afirmativa não é verdadeira: o imenso lustre central sobre a plateia não é o lustre original da inauguração do teatro, em 1927. Na reforma de 2011, ele foi limpo. O teatro tem capacidade para 637 pessoas sentadas. As leis e normas de acessibilidade e segurança exigidas pelas autoridades competentes também foram atendidas. A limpeza e pintura geral interna e externa do edifício completaram as obras. O teatro estava pronto, novamente, para ser aberto ao público, o que ocorreu em 13 de maio de 2011.

Segundo a arquiteta Anita Regina Di Marco, na intervenção de 2008-2011 as obras realizadas no Theatro Capitólio foram de recuperação e modernização tecnológica: "Manutenções periódicas são fundamentais para qualquer edifício, sobretudo os históricos, para garantir um bom estado de conservação. A administração iniciada no ano 2000 incluiu o Teatro Capitólio em seu plano anual de manutenção e, em 2004, pediu sua interdição por dois motivos: trincas e partes soltas do forro de gesso instalado na reforma dos anos 1980, que colocavam em risco os usuários, e a ameaça à integridade física do próprio teatro, já que o madeiramento do telhado estava tomado por cupins. Após inúmeros laudos e vistorias, a estrutura do telhado

foi condenada. A decisão foi substituir a original por nova estrutura de madeira, mas as novas peças não mais alcançavam a dimensão necessária. A opção pensada foi estrutura metálica. O engenheiro, José Carlos Nepomuceno, responsável pelo projeto acústico da Sala São Paulo de Concertos, foi consultado sobre possíveis interferências na qualidade acústica do teatro e referendou a opção por estrutura metálica e telhas termoacústicas. Respeitados os trâmites burocráticos, legais e de busca de recursos, as obras tiveram início em 2007, com a construção de uma cinta de amarração de concreto, até então inexistente, para suportar a nova estrutura. Problemas outros como infiltrações e desgaste de calhas, instalações elétricas e hidráulicas, além de demandas burocráticas também foram resolvidos até maio de 2009. Finalmente, um repasse de verbas federais permitiu concretizar a modernização tecnológica da sala, visando dar mais conforto e segurança a todos. Em 2010, iniciou-se a instalação dos novos equipamentos cenotécnicos, de luz e som, poltronas estofadas, cortina motorizada e adequação final às normas de acessibilidade e segurança. Após essa intervenção que juntou teoria e prática, reflexão e humildade, o *Theatro Capitólio* foi reinaugurado e devolvido à cidade, em maio de 2011. A exposição fotográfica '*O que não se percebe: um novo olhar sobre o Teatro Capitólio'*, surgida a partir dessa intervenção, reinaugurou o foyer Aurélia Rubião (Depoimento de Anita Di Marco, arquiteta com especialização em Preservação de Bens Arquitetônicos pelo ICCROM (Roma) a José Roberto Sales. Varginha, nov. 2021).

Ano de 2012: a Prefeitura foi informada de ocorrência de umidade no prédio do teatro.

Ano de 2013: em 30 de janeiro uma forte chuva causou prejuízos na cidade, em prédios públicos municipais, inclusive no teatro. Com isso, o forro de gesso caiu em algumas partes e continuava a ceder. No dia seguinte, o Corpo de Bombeiros realizou uma vistoria no local e interditou o prédio.

Reforma dos camarins.
Outubro de 2016.

6.6 Pequenas intervenções do período 2016-2019

Ano de 2016: o teatro esteve fechado alguns meses para reformas dos camarins e dos banheiros, tendo sido reaberto em setembro.

Ano de 2019: nesse ano foram realizados investimentos na qualidade do som durante os espetáculos. Foram adquiridos um microfone bastão *Shure* para vocal sem fio, uma mesa de som Yamaha de 16 canais, uma caixa de som JBL ativa de 1.000 watts, um multicabo de 28 vias balanceado de 60 metros e três novos pedestais para microfones modelo girafa RMV.

6.7 Reforma de 2021

Passados mais oito anos, o teatro necessitava de novos reparos. Foram realizadas a recuperação de alvenarias e revestimentos de pisos e paredes; a substituição de revestimentos cerâmicos de 15 x 15 cm; recomposição do reboco deteriorado na parte inferior dos lavabos dos camarins e assentamento de filetes retificados com pedra São Tomé; assentamento de rodapés de madeira com 7 cm de altura, no camarote e no segundo pavimento. Em relação aos pisos de madeira de ipê extra no tamanho 7 x 21 cm foram substituídos somente os que não puderam ser recuperados. No terceiro pavimento, pisos de madeira com largura de 15 cm e espessura de 2 cm foram utilizados para substituir as peças danificadas sem condições de recuperação. Após o assentamento, os pisos foram polidos e receberam aplicação de resina do tipo sinteco.

As poltronas da plateia foram retiradas, higienizadas e reassentadas, para a recuperação do piso. Os pisos de ladrilho hidráulico possuem oito tipos de desenhos artísticos. Eles foram limpos por meio de processo mecânico e químico. Os produtos químicos utilizados não continham em seus compostos elementos que pudessem

danificar a estrutura e a coloração dos ladrilhos. Os ladrilhos danificados foram substituídos por outros com características equivalentes de tamanho, espessura e coloração. Os desenhos originais desses ladrilhos foram reproduzidos em novas peças para substituição, feitas na Fábrica Arte em Ladrilhos, de Muriaé, Minas Gerais, fundada em 1920, especializada na produção desse tipo de revestimento artístico. Portas e janelas foram recuperadas e realizada a readequação das instalações elétricas.

O sistema de escoamento de água pluvial foi recuperado. Foram adquiridos novos móveis para o saguão, camarins e cabine de controle de iluminação e sonorização. Todo o prédio foi pintado novamente, por fora e por dentro.

6.8 A segurança da edificação: Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (2020)

Em 15 de setembro de 2020, o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais emitiu o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros – AVCB. Nessa data, o Corpo de Bombeiros atestou que o Theatro Capitólio, local com 1.455 m² de área construída, adotou as medidas de segurança estabelecidas na legislação estadual de Segurança Contra Incêndio e Pânico. Nos 95 anos de história do teatro, foi a primeira vez que o prédio recebeu esse tipo de certificação.

O texto da certificação é curto: "O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais certifica que a edificação, ou área de risco, abaixo descrita, possui as medidas de segurança previstas na legislação estadual de Segurança Contra Incêndio e Pânico vigente, considerando as informações no respectivo Processo de Segurança Contra Incêndio e Pânico (PSCIP)".

Dados técnicos: AVCB (Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros) nº 20200230851. O encerramento do prazo de validade ocorrerá no dia 15 de setembro de 2023. A proprietária e responsável pelo uso é a Prefeitura Municipal de Varginha.

As melhorias realizadas no teatro que permitiram a aprovação pelo Auto de Vistoria foram: instalação de corrimãos nas escadas e fitas antiderrapantes nos degraus, luminárias e sinalização de emergência, fita emborrachada nas vigas e manutenção do alarme de incêndio.

De acordo com a Lei Estadual nº 14.130/2001 e o Decreto Estadual nº 46.595/2014, toda edificação destinada ao uso coletivo deve ser regularizada junto ao Corpo de Bombeiros. O objetivo é proteger a população de incidentes que possam colocar a vida em risco. A avaliação do risco leva em conta a área, a ocupação e o tipo de atividade desenvolvido no imóvel.

7 TOMBAMENTO

Em novembro de 1980, a Câmara Municipal estudou pela primeira vez a possibilidade do tombamento do prédio do Theatro Capitólio, quando este ainda pertencia à Empresa Cinematográfica Prince de Souza. O objetivo era a preservação das tradições de Varginha, uma vez que os vereadores consideraram que o edifício do teatro era o mais antigo da cidade. Na ocasião, o requerimento ficou de ser enviado oficialmente ao prefeito, para que ele pudesse estudar a viabilidade da aquisição do prédio pelo município, "devendo ser restaurado sem ferir suas linhas arquitetônicas, preservando, assim, um dos maiores patrimônios históricos, artísticos e culturais de Varginha" (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Varginha, 19 nov. 1980).

Em 07 de abril de 1998, o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC, recomendou à Prefeitura o tombamento do edifício do Teatro Capitólio.

O "Parecer para o tombamento do Theatro Capitólio" afirmava que, em agosto de 1983, a população da cidade foi surpreendida pela notícia de que um grande grupo

econômico nacional pretendia adquirir o edifício do Cine Theatro Capitólio para instalar no local um grande supermercado. Na época, o imóvel estava desativado há cerca de dez anos, o que acarretou desgaste em sua estrutura e instalações. Caso fosse vendido pelos proprietários particulares, o edifício corria o risco de ter a sua finalidade original totalmente desvirtuada. No início da legislatura de 1984, o então Prefeito Dilzon Luiz de Melo encaminhou à Câmara Municipal um projeto de lei em que solicitava a abertura de um crédito especial para que a Prefeitura pudesse adquirir o imóvel. O prefeito enfatizou que o local era "a área central da cidade onde despontaram outrora como pontos marcados e referências inolvidáveis, o Bar Capitólio e o Theatro Capitólio – o cenário que testemunhou o alvorecer do processo de desenvolvimento social, econômico, cultural e político de Varginha, sendo, portanto, de vital importância preservá-lo para a memória da cidade e para a revitalização das atividades culturais e artísticas do município".

Após a aprovação do crédito especial pela Câmara, a Prefeitura adquiriu o teatro. Ainda segundo o Parecer para o tombamento, pelo fato de o imóvel ter sido comprado pelo poder público e imediatamente incorporado ao patrimônio municipal, destinado ao fim específico para o qual fora construído, "não houve, na época, a preocupação de tombá-lo, até porque [...] as questões ligadas à preservação patrimonial ainda não estavam inseridas no contexto das prioridades das políticas públicas culturais dos governos municipais e da sociedade civil local. Sob esta ótica, a aquisição do Theatro Capitólio foi uma medida de louvável pioneirismo".

O Parecer do tombamento é finalizado com as seguintes considerações: "O tombamento que foi recentemente efetuado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, supre a necessidade imperiosa e inadiável de reafirmar e ratificar o Theatro Capitólio como patrimônio histórico e cultural de Varginha, evitando que venha no futuro, sofrer qualquer ameaça de descaracterização

arquitetônica e desvio de sua nobre finalidade" (CODEPAC. Parecer para o tombamento do Theatro Capitólio).

A Prefeitura de Varginha acatou o parecer técnico do CODEPAC e, em primeiro de março de 2000, homologou o tombamento por meio do Decreto Municipal nº 2432/2000, considerando as condições históricas e culturais da edificação, e que a preservação histórica é questão indissolúvel da existência do homem. O referido decreto determinou, ainda, que o CODEPAC comunicasse o tombamento do imóvel ao proprietário (mesmo que fosse ele ente público) e a isenção do pagamento do Imposto Predial e Territorial Urbano, enquanto o seu proprietário zelasse pela conservação do imóvel.

O edifício do Theatro Capitólio, tombado pelo patrimônio histórico, é a principal construção da cidade na área cultural.

8 THEATRO CAPITÓLIO EM CENA: OS ESPETÁCULOS

Este capítulo apresenta o Theatro Capitólio em cena com a citação em ordem cronológica de alguns espetáculos das companhias internacionais de música e dança, das companhias e artistas nacionais e das companhias e artistas varginhenses. Em alguns casos não foi possível identificar se o artista pertencia a grupos locais ou nacionais. Quando isso aconteceu, optamos por incluí-lo na categoria de companhias e artistas nacionais. Evidentemente, não citamos os milhares de títulos dos filmes exibidos na época em que o teatro funcionava mais como um cineteatro, exceto nos casos de interesse especificados no texto.

É impossível a apresentação completa da listagem dos espetáculos levados ao palco nos 95 anos, entre 1927 e 2022. Infelizmente, muitos dados sobre as apresentações se perderam ao longo do tempo pelos mais variados motivos, inclusive

pela falta ou pelo extravio dos registros. Consideramos, no entanto, que a amostragem apresentada a seguir é suficiente para que o leitor forme uma ideia do esplendor do Capitólio como palco. O esplendor de qualquer teatro é o espetáculo, o que pressupõe artistas, plateia e uma logística operacional.

A história do Theatro Capitólio não é linear, nem feita somente de glórias. Houve momentos de abandono e de palco e plateia vazios. A utilização do teatro como cinema era uma estratégia para obter renda suficiente para os proprietários, que assim, poderiam obter seu lucro pessoal, pagar os salários dos funcionários, sustentar o custo da cara manutenção do edifício, do mobiliário e dos equipamentos e, dessa forma, possibilitar que o teatro pudesse, de vez em quando, apresentar espetáculos teatrais, de música e de dança.

Nas décadas de 1920 e 1930, alguns camarotes eram reservados para as famílias da elite local. No final da década de 1930, a depender do tipo de espetáculo ou de cerimônia realizado, os camarotes e frisas poderiam ser reservados para algumas famílias, colégios e escolas. Nessas ocasiões, era criada uma comissão que se encarregava da distribuição dos lugares como ocorreu, por exemplo, em 1938, durante uma sessão cívica de inauguração do retrato do presidente Getúlio Vargas.

Na década de 1940, o Capitólio era utilizado, principalmente, como cinema e, junto com o Cine Rex, localizado na Avenida Rio Branco, eram os dois cinemas da cidade. O *Arauto do Sul* anunciava a programação semanal de ambos, com os filmes a serem exibidos de domingo a sábado. Às quintas-feiras, sábados e domingos as sessões eram realizadas em *matinées* (sessões das tardes) e em *soirées* (sessões das noites). Eram exibidos filmes da Paramount Pictures, Warner Bros., Metro-Goldwyn-Mayer e Nova Universal (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1177. Varginha, 20 abr. 1941). Nos *halls* desses cinemas eram vendidas balas e guloseimas. Uma das empresas fornecedoras era a fábrica de balas de leite Tupan, de Varginha. As balas eram vendidas em saquinhos

(*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1192. Varginha, 03 ago. 1941).

Entre 1927 e 1945, a mulher varginhense estava ausente do mercado de trabalho, exceto nas funções de professora, secretária ou enfermeira. Em caso de falecimento do marido, seu nome raramente era citado na imprensa ou escrito nos envelopes e convites da correspondência pessoal, a referência era sempre o nome do marido morto: viúva fulano de tal. Nesse contexto social, que o pós-guerra de 1945 viria rapidamente alterar, a prática de alguma atividade artística representava uma forma de libertação: a mulher poderia estar no palco para mostrar os dotes artísticos desenvolvidos na família ou em aulas de música nas escolas e com professores particulares. A participação feminina em peças de teatro era aceita em peças religiosas, com conteúdo moral e educativo ou que respeitassem os ditos bons costumes na linguagem, no enredo e no vestuário. Assim, no período citado, temos as senhoras varginhenses envolvidas com a organização de festivais beneficentes de artes no Capitólio: D. Manica Ximenes de Souza (1933), Palmira Fiúza, Apolônia Ferreira e Dinorah Brandão (1943), dentre outras. A renda obtida com esses festivais era destinada aos pobres da cidade, à assistência social ou às obras da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Os espetáculos artísticos beneficentes eram uma tradição feminina da classe média varginhense e aconteciam desde o período do antigo Teatro Municipal (1901-1927). A Empresa Navarra, a Empresa Nogueira e, posteriormente, a Empresa Cinematográfica Prince de Souza, cada uma em sua época, cediam, gratuitamente, o uso do edifício para a realização dos festivais beneficentes.

Em 1946, artigo publicado no jornal *O Sul-Mineiro* revela a ausência de espetáculos teatrais na cidade: "A gente que vive no interior recebe sempre com festa uma Companhia de Teatro, que venha quebrar a monotonia da vida que se leva. Em nosso meio é tão difícil que tal aconteça... Não sabemos se há falta de companhias ou se as plateias não correspondem" (*O SUL-MINEIRO*. Varginha, 11 abr. 1946).

Entre o final da década de 1950 e 1970, o Capitólio entrou em um período de decadência, tendo funcionado principalmente como cinema. O jornal *Correio do Sul* da década de 1970, cita a casa como Cine Capitólio (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 3288, p. 2. Varginha, 31 maio 1979). Nesse período, as grandes produções cinematográficas de Hollywood do tipo *blockbuster* eram exibidas em *avant-première* no Cine Rio Branco, cinema de luxo frequentado pela classe média e elite local, com ingressos mais caros. O Cine Rex, era um cinema intermediário, localizado também na Avenida Rio Branco, com instalações confortáveis, mas sem luxo, e exibia, em geral, filmes bem produzidos, embora sem o mesmo apelo comercial. O Cine Capitólio exibia filmes B comerciais, produzidos com baixo orçamento e estrelado por atores pouco conhecidos ou decadentes. Esse tipo de exibição era destinado ao entretenimento das classes menos abastadas como o operariado das indústrias e oficinas locais, trabalhadores domésticos e do comércio, e servidores públicos menos qualificados. Dentre os três cinemas da cidade, o ingresso de preço mais baixo era o do Capitólio, sendo que o preço das galerias do pavimento superior era ainda mais acessível, motivo que levou a população a batizar o local, pejorativamente, como "galinheiro". Assim, a expressão "ele / ela estava no galinheiro do Capitólio" passou a ser utilizada pela população para fazer piadas e brincadeiras. Nessa época, o Capitólio era um edifício mal cuidado, mal conservado, sujo, com pintura desgastada e, frequentemente, infestado por pulgas. Ainda assim, recebeu a cantora Carmem Silva, conhecida como Pérola Negra, laureada com os troféus Roquette Pinto e Chico Viola, para uma apresentação musical que lotou o teatro, tendo sido muito ovacionada.

Segundo Beltrão, ex-diretor do Teatro, a decadência do Capitólio no período citado acima se deveu, principalmente, à inauguração do Cine Rio Branco. Até então, o Capitólio era o ponto de encontro das classes formadoras de opinião. Nos estabelecimentos comerciais em frente ao teatro era discutido o destino da cidade.

Em 1956, o Cine Rio Branco abriu as portas ao público utilizando o que havia de mais moderno em equipamentos para salas de projeção. "A qualidade do novo cinema, levou os frequentadores do Capitólio para o Rio Branco, entrando o teatro em franca decadência. Tomado pelo abandono, pelo mofo e cupins, o Capitólio fecha suas portas em 1982". Beltrão ainda identifica dois outros fatores que contribuíram para que o Capitólio perdesse o seu charme: a televisão e falta de formação educacional. "A cultura de massificação contribuiu para a falta de público. Além disso, as escolas não estão incentivando as artes cênicas" (BELTRÃO, 1999), assim, existe uma dificuldade de formação de novo público para o teatro.

Nas vezes em que o Theatro Capitólio era interditado ou fechado por qualquer motivo, as companhias de teatro continuaram a vir a Varginha, para se apresentarem no Teatro Mestrinho, do Colégio Marista. O teatro, localizado na Praça Champagnat, nº 68, foi inaugurado em 1938, possui 350 cadeiras e amplo palco.

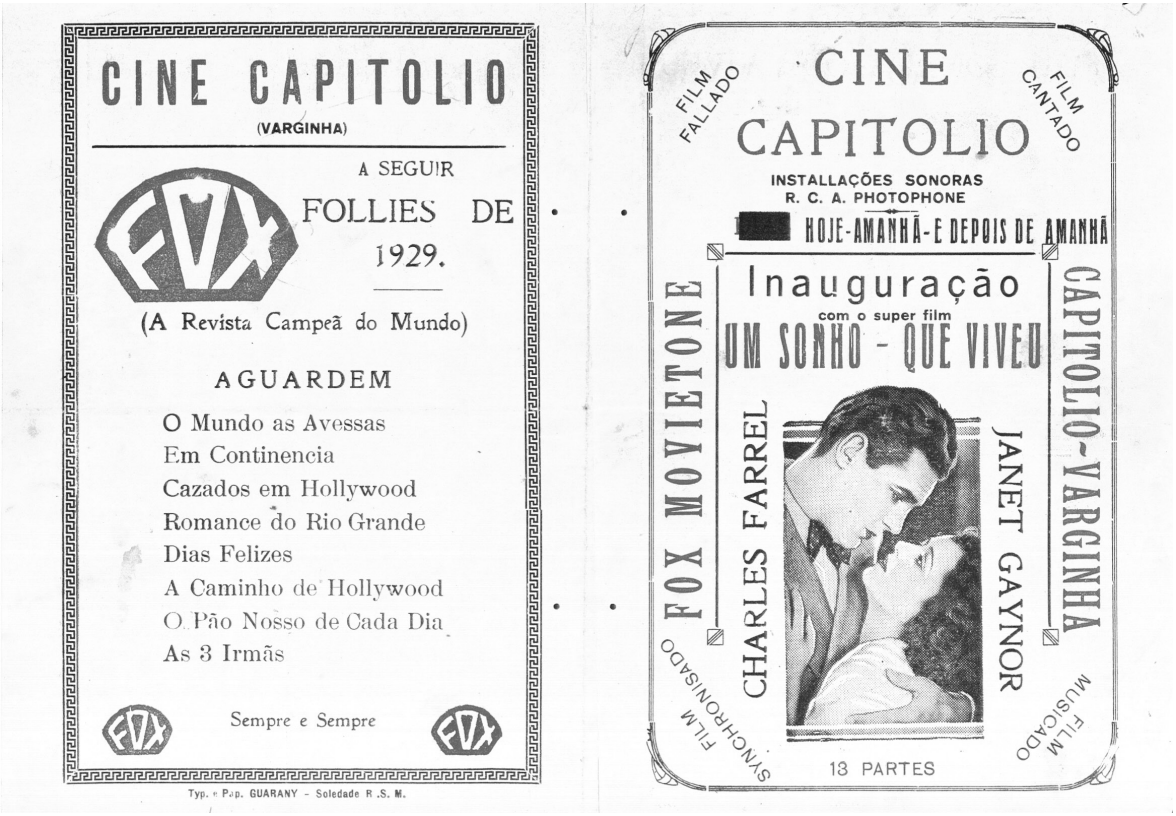
O Capitólio esteve desativado nos seguintes períodos: 1983-1985, 08/02/2004-12/05/2011 (Livro de Eventos de Palco do Theatro Capitólio) e de 20 de março de 2020 ao primeiro semestre de 2022. A inativação em todos os períodos se deveu às condições precárias do prédio, ocasionadas pelo uso, desgaste pela passagem do tempo e falta de manutenção, exceto a do período 2020-2022, que se deveu à ocorrência da pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave SARS-CoV-2 Covid-19, iniciada no Brasil em março de 2020.

Em 1993, foi idealizado o projeto da utilização do Theatro Capitólio como sala de projeção cinematográfica, projeto que seria realizado em parceria entre a Fundação Cultural do Município e a Fundação de Ensino e Pesquisa do Sul de Minas – Fepesmig. Assim, por meio do projeto "A escola vai ao cinema" o Capitólio passaria a ser um Cine Clube. Seriam realizadas sessões diárias entre as 18h e 19h30min. com ingressos a preços populares e exibição de filmes culturais e didáticos para a capacitação de

professores (*GAZETA DE VARGINHA*. Edição nº 5392. Varginha, 26 maio 1999). No entanto, a grandiosidade do Capitólio em sua arquitetura e tradição artística quase centenária, pediam mais. Embora o teatro possa ser utilizado, ocasionalmente, para a exibição de filmes, ele é o espaço edificado mais privilegiado de Varginha para a encenação do espetáculo ao vivo. Teatro ao vivo com a presença do público: essa é a essência do teatro. A força da tradição parece ter se imposto e o projeto não prosperou.

Os mais consagrados atores nacionais de televisão, cinema, teatro e circo, incluindo os da Era do Rádio, da Rede Globo de Televisão e da extinta TV Tupi Canal 4, de São Paulo, se apresentaram no palco do Theatro Capitólio: Abelardo Pinto (palhaço Piolin), Alda Garrido, Alfredo Viviani, Annamaria Dias, Ana Rosa, Ary Toledo, Carlos Zara, Chico Anysio, Cleide Yacones, Cristina Prochaska, David Cardoso, David Pinheiro, Dedé Santana, Dercy Gonçalves, Eduardo Martini, Eliezer Motta, Elizabeth Savalla, Elizângela, Eva Wilma, Flávio Galvão, Francisco Cuoco, Geórgia Gomide, Gorete Milagres, Guilhermina Guinle, Iara Jamra, Ingrid Guimarães, João Rios, John Herbert, Jorge Dória, Júlio Rocha, Luís Salém, Lyzon Gaster, Marco Ricca, Margarida Sper, Maria Zilda Bethlem, Marquise Branca (Albertina Brasileiro), Mauro Mendonça, Mayara Magri, Moacir Franco, Nair Ferreira, Nelson Freitas, Nelson Xavier, Octávio Mendes, Olindo Dias, Oscar Magrini, Patrícia França, Paulo César Grande, Pedro Bismark (Ademilson Pedro da Cruz), Petrônio Gontijo (ator varginhense), Procópio Ferreira, Raul Gazolla, Regiane Alves, Rildo Gonçalves, Roberto Pirilo, Rogério Cardoso, Rosa Maria Murtinho, Rosi Campos, Selma Egrei, Taumaturgo Ferreira, Vera Holtz, Via Negromonte, Vitor Branco, Walderez de Barros, Wanda Kosmo, dentre outros.

Os atores Gianni Ratto e Francisco Cuoco estiveram no Capitólio; o primeiro, para prestar consultoria sobre a reforma do edifício (1985) e, o segundo, para ministrar uma Oficina de Teatro (2000).



Panfleto de inauguração do cinema falado no Theatro Capitólio, 1929

Dentre os cantores brasileiros de renome, apresentaram-se: Adriana Calcanhoto, Almir Sater, Ana Carolina, Angela Maria, Agnaldo Timóteo, Antônio Borba (varginhense), Baden Powell, Belchior, Beto Guedes, Carmem Silva, De Fernandes, Diogo Nogueira, Edson Cordeiro, Emilinha Borba, Erasmo Carlos, Flávio Venturini, Guilherme Arantes, João Bosco, Joanna, Jorge Fernandes, Juca Chaves, Lobão (João Luiz Woerdenbag Filho), Lô Borges, Mart'nália, Moraes Moreira, Odete Guedes, Oswaldo Montenegro, Paulinho Pedra Azul, Renato Teixeira, Rogério Flausino, Sá, Rodrix e Guarabyra, Saulo Laranjeira, Taiguara, Thaís D'Aita, Tinoco, Zeca Baleiro e Zélia Duncan.

Grandes pianistas brasileiros de renome internacional deram recitais ou se apresentaram com cameratas ou orquestras nacionais ou internacionais no Capitólio. Citamos: Antônio Bezzan (1985), Arnaldo Marchesotti (1954), Artur Moreira Lima (1988), Christian Budu (2016), Eudóxia de Barros (1995), Max Barros (2001) e Nelson Freire (1957?, 1995 e 2000). Em 1932, Oneyda Alvarenga, etnomusicóloga e pianista varginhense, aluna de piano de Mário de Andrade, apresentou-se em acompanhamento ao cantor Jorge Fernandes.

Nelson Freire (1944-2021), um dos mais talentosos pianistas do planeta, considerado um dos maiores da segunda metade do século XX, foi grande intérprete das obras de Beethoven, Chopin e Schumann. É o único pianista brasileiro cujo nome consta da coletânea *Great Pianists of the 20th Century* (Grandes Pianistas do Século XX) (Philips Records, 1999) e tocou como solista nas principais orquestras do mundo, dentre elas a Filarmônica de Berlim e a *London Symphony Orchestra*. O palco do Theatro Capitólio teve o privilégio de tê-lo em dois recitais em 1995 e 2000, além do solo juvenil de 1957?.

No período das grandes Companhias de Teatro nacionais que, em Varginha, compreende os anos entre 1927 e 1954, dentre outras, apresentaram-se no Capitólio: Trio Esperanza Diez (1927); Grêmio Teatral Eloiense (1934); Companhia de Teatro Carlos Roma (1934); Troupe Arruda-Zapparolli-Carrara (1934); Organização Teatral

Margarida Sper (1937); Companhia Alda Garrido (1938); Companhia João Rios de Comédia e Variedades (1939, 1942); Companhia Lyzon-Gaster de Sainetes e Revistas (1939, 1942); Companhia de Comédia Iglézias (1941); Companhia Miramar de Teatro ou Companhia Teatral Miramar (1942, 1946), Companhia de Comédias e Atos Variados Marquise Branca (1942), Pavilhão-Teatro Tina Gonçalves (1942), Circo Nova York (1943), Companhia Nair Ferreira de Comédias e Revistas (1943) e Companhia de Teatro Procópio Ferreira (1952, 1954). Algumas dessas companhias excursionavam apresentando seus espetáculos por todo o Brasil, inclusive nos territórios e, também, ao exterior.

8.1 A transição do filme mudo para o filme sonoro em Varginha (1930)

Desde a inauguração, em 1927, o Theatro Capitólio foi utilizado, durante décadas, como cineteatro. Entre as décadas de 1960 e 1970, o teatro funcionou, principalmente, como cinema. Entre 1927 e 1930, eram exibidos filmes mudos. O filme mudo não possui a trilha sonora de acompanhamento que corresponde de modo sincronizado às imagens exibidas. Para compensar a ausência de som, os atores atuavam dando maior ênfase às expressões corporais e faciais, para que a plateia pudesse compreender o conteúdo da representação. As primeiras tentativas de sonorização de filmes foram feitas em 1889, por Thomas Edison. Na década de 1920, tecnologias variadas foram criadas para sonorizar os filmes e sincronizar as imagens com os sons: *Photokinema* (1921), *Phonofilm* (1923), *Vitaphone* (1926), *Fox Movietone* (1927) e *RCA Photophone* (1928). No final dessa década, ocorreu a transição entre o cinema mudo e o cinema sonoro moderno, sendo que esse último passou a predominar a partir de 1929.

Em 1929, uma propaganda local anunciava: "Cine Capitólio. A seguir, Fox *Follies* de 1929. A Revista campeã do mundo. AGUARDEM. O mundo às avessas. Em continência.

Casados em Hollywood. Romance do Rio Grande. Dias felizes. A caminho de Hollywood. O pão nosso de cada dia. As 3 irmãs. Fox. Sempre e sempre. Fox". Era a propaganda da exibição do filme em preto e branco, e colorido, do musical americano Fox Movietone Follies of 1929, também conhecido como The William Fox Movietone Follies of 1929 (FILM REVIEWS, 1929).

Varginha não demorou a acompanhar a grande novidade tecnológica da época: a Empresa Navarra, proprietária do Theatro Capitólio, importou dos Estados Unidos, o aparelho da *RCA Photophone*, o sistema mais avançado até então. O primeiro "super filme" sonoro, exibido no dia 21 de setembro de 1930, foi "O sonho que viveu" (título original: *Sunnyside Up.* Tradução literal: Lado ensolarado, 1929), com Charles Farrel como Jack Cromwell e Janet Gaynor como Molly Carr, com direção de David Butler, distribuído pela *Fox Film Corporation*. Trata-se de uma comédia romântica musical de longa metragem para os padrões da época: 122 minutos, preto e branco. Farrel e Gaynor era uma dupla de atores famosos por sua atuação em filmes mudos. A propaganda varginhense da exibição do filme ressaltava várias vezes a sonorização sincronizada: "Filme falado. Filme cantado. Filme musicado. Filme sincronizado". A grande importância dada à inauguração do cinema sonoro em Varginha foi atestada com a presença de Sebastião Sampaio, cônsul brasileiro em Nova York (1926-1934), que fez um discurso antes da exibição (o *Arauto do Sul* não citou o nome dele, que consta de uma nota publicada em *O Sul-Mineiro*).

Em 1930, um cartaz anunciava a exibição de Dias felizes (*Happy days*, 1929), uma "maravilhosa película cantada, musicada e sincronizada, com letreiros em português". Esse romance musical era estrelado por Charles Farrel e Janet Gaynor, "luzidios astros da Fox". O horário da exibição era às 19h30min. Os ingressos custavam Rs 3$000 (três mil-réis) a cadeira, os assinantes pagavam Rs 1$500 (um mil e quinhentos réis) e a geral e as cadeiras na geral, para senhoras, custavam Rs 1$000 (um mil-réis).

A seguir, apresentamos, em ordem cronológica, a transcrição de seis artigos publicados no *Arauto do Sul* e no *O Sul-Mineiro* sobre o cinema sonoro, entre 17 de julho e 09 de outubro de 1930.

CINEMA FALADO

Temos, hoje, uma boa nova a dar aos nossos leitores.

A firma Navarra & Irmãos, credora já da estima dos varginhenses pelo muito que tem feito em prol do progresso desta cidade, vai, talvez dentro de poucos dias, instalar no Cineteatro Capitólio um ótimo aparelho para films sonoros.

Teremos, assim, oportunidade de ver e ouvir, todas as noites, as melhores produções das fábricas cinematográficas. O citado aparelho, que é da reputada marca RCA [Photophone], igual ao instalado no mais luxuoso cinema de São Paulo, o "Rosário", já está encomendado há muitos dias, nos Estados Unidos e, provavelmente, já se encontre no bojo de algum transatlântico, a caminho de Santos.

Obrigados como estamos a assistir somente films silenciosos, não podemos assistir boas produções, pois as fábricas americanas e alemãs, depois do advento dos aparelhos para films sonoros, não produzem mais films pelo antigo sistema, e a empresa local, como todas as que não possuem os modernos aparelhos, têm que recorrer ao velho stock de fitas que, mesmo boas, estão longe de agradar plenamente aos seus "fans", muitos dos quais já tiveram o prazer de ver e ouvir os seus artistas prediletos.

À Empresa Navarra endereçamos os nossos parabéns pela ótima iniciativa que tomou, proporcionando a esta cidade o ensejo de ser a primeira do sul de Minas a possuir um cinema falado.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 561, p. 4. Varginha, 17 jul. 1930.

No artigo "Um empreendimento de vulto"*O Sul-Mineiro* ressalta a primazia de Varginha no Sul de Minas na instalação do cinema sonoro e que tal novidade maravilhosa era ainda caríssima:

UM EMPREENDIMENTO DE VULTO

Varginha, de fato, caminha a passos rápidos para a vanguarda dos principais centros mineiros.

Cidade populosa, intensamente comercial, bem instruída e de aspecto elegante e atraente, primam, os seus habitantes, pelo gosto aos grandes empreendimentos, tentando sempre, num esforço patriótico e nobre, fazê-la, de fato, a altaneira Princesa do Sul.

Assim é que, ainda agora, - e é com o maior prazer que registamos [sic], - mais uma importante iniciativa está sendo levada a termo entre nós: - cinema falado.

Constituindo o cinema falado, como julgam os técnicos no assunto, uma novidade maravilhosa, caríssima ainda, só mesmo o arrojo dos srs. Navarra & Irmãos, aos quais Varginha já muito deve, poderia oferecê-la tal realização, e mais ainda, o orgulho da primazia no sul de Minas.

E assim é que, já na varanda do Theatro Capitólio, se vê uma infinidade de caixões enormes, contendo quase todo o custoso material, vindo diretamente dos Estados Unidos.

Adquiriram, os Irmãos Navarra, o que há de melhor no gênero, como bem prova a marca dos aparelhos que é da "RCA Photophone", munidos de dois projetores e de um alto-falante. O processo é duplo: Movietone e Vitaphone, o que quer dizer: para films sonoros e falados, mudos e musicados a discos, ou ambos conjugados.

De acordo com a grandeza da montagem, os srs. Navarra & Irmãos não pouparam trabalho: construíram nova e ampla cabine, onde já estão instalados uma infinidade de fios, tubos condutores, chaves etc., constituindo aos olhos leigos um emaranhado estonteante,

e estão colocando, também, na sala de espera, um alto-falante, da mesma marca RCA Photophone, para funcionar antes das sessões ou durante os seus intervalos.

Calcula-se que a montagem completa custará à Empresa Navarra mais de 120:000$000 [cento e vinte contos de réis].

Conforme nos informou o sr. Francisco Navarra, chefe da importante firma proprietária do Theatro Capitólio, a inauguração, provavelmente, se dará até o dia 20 do corrente [setembro de 1930], dependendo apenas da chegada do restante da aparelhagem que, no entanto, já foi despachada de Santos, a 22 de Agosto p.p.

Adiantou-nos mais o sr. Francisco Navarra que o primeiro film a ser exibido – falado, sincronizado e cantado - , já está contratado e se intitula: - "UM SONHO QUE VIVEU" -, da Fox Movietone, de enredo atraentíssimo, com 13 partes, interpretado pelos conhecidos astros Janet Gaynor e Charles Farrel.

A inauguração do cinema falado em Varginha, iniciar-se-á com o discurso em português proferido pelo nosso Cônsul Geral em New York, dr. Sebastião Sampaio, entregando ao Brasil o primeiro film falado, discurso esse que constitui uma brilhante peça literária.

Podemos também afirmar que Varginha é a primeira cidade sul-mineira que faz tão completa aquisição, sendo verdade que já alguns aparelhos existem nesta zona, porém não com o processo duplo.

Fonte: *O SUL-MINEIRO*. Ano I. Edição nº 1, p. 4. Varginha, 07 set. 1930.

A direção do jornal *O Sul-Mineiro* foi convidada para a exibição experimental do primeiro filme sonorizado exibido em Varginha e relatou suas impressões no artigo "Theatro Capitólio. Cinema falado":

THEATRO CAPITÓLIO. CINEMA FALADO

Convidados pela Empresa Navarra, tivemos ocasião de assistir, no dia 19 do corrente [setembro de 1930], a experiência dos aparelhos sonoros da Fox Movietone (cine falado, cantado e sincronizado), causando-nos magnífica impressão a prova referida, pois a montagem dos aparelhos, custosos e excelentes, nada deixa a desejar.

Segundo está anunciado, devem ser inaugurados hoje os referidos aparelhos. A Em presa, a fim de dar oportunidade a todos de assistirem o film anunciado – "Um sonho que viveu" – dará duas sessões.

Terça e segunda feiras serão exibidos o mesmo film acima aludido com outros de reconhecido mérito.

Na próxima semana daremos detalhada notícia da inauguração.

Fonte: *O SUL-MINEIRO*. Edição nº 3. Varginha, 21 set. 1930.

A INAUGURAÇÃO DO CINEMA FALADO

Como havíamos noticiado, inaugurou-se, domingo passado [21 de setembro de 1930], no Theatro Capitólio, o Cinema falado.

Iniciou a sessão um eloquente e patriótico discurso pronunciado pelo nosso cônsul em Nova York, apresentando à plateia brasileira a nova e maravilhosa invenção.

O film exibido, - "Um sonho que viveu" -, sincronizado, musicado e cantado, impressionou, sobremodo, não só pelas suas músicas e cantos, como também pelo seu enredo fino e singelo.

A sincronização é perfeitíssima, não discrepando nos mais imperceptíveis movimentos e produzindo uma ilusão quase perfeita.

Panfleto de inauguração do cinema falado no Theatro Capitólio, 1929

Entretanto, só agora compreendemos porque os diretores americanos têm feito tanta exigência quanto à voz, chegando mesmo a trocarem verdadeiros astros por um calouro obscuro que possua sons vocais nítidos, suaves, sonoros. No film inaugural, "Um sonhos que viveu", tivemos a oportunidade de observar isto. Naturalmente, que a bela Janet Gaynor possui boa voz, porém, embora assim seja, quem a ouve na tela não o diz.

Apesar disso, a vitória do cinema falado não pode ser desmerecida, uma vez que é uma invenção nova, e que forçosamente terá que se aperfeiçoar muito.

A assistência no Capitólio, naquele dia, foi formidável, notando-se a presença de grande número de forasteiros. Segunda e terça feiras, foi exibido o mesmo film, sempre com boa assistência.

Pelo sucesso alcançado e pelo valor da grande e útil novidade introduzida em Varginha, "O Sul-Mineiro" se congratula com o povo, e apresenta aos srs. Navarra & Irmãos as suas felicitações.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 4. A inauguração do cinema falado. Varginha, 28 set. 1930.

O *Arauto do Sul* também apresentou um relato dos eventos do dia da primeira exibição de um filme sonoro na cidade, em 21 de setembro de 1930, domingo. Empolgado com a grande novidade tecnológica, o relator equipara as cenas faladas do cinema com as cenas do teatro ao vivo:

O CINEMA SONORO

Como estava anunciado, inaugurou-se domingo [21 de setembro de 1930], o cinema sonoro, começando a sessão pelo discurso pronunciado pelo cônsul brasileiro em Nova York [Sebastião Sampaio], um discurso belíssimo, que bem reflete o entusiasmo daquele compatriota, ante a grandiosa invenção que revolucionou a arte da cena muda.

Apesar do alto preço estabelecido para os ingressos, que nas sessões de segunda e terça-feira baixou ao normal, o vasto Teatro se encheu, vendo-se numerosos forasteiros, que vinham apreciar o admirável invento.

Na verdade, a sincronização do movimento com os sons, do modo por que o faz o Movitônio da Fox, é impressionante e produzirá uma ilusão perfeita, quando se conseguir a reprodução mais natural dos sons, os quais se ressentem de um timbre exagerado, baixando a voz humana uma oitava ou mais; a voz da mulher fica parecendo de homem e a deste se torna gravíssima. Quanto à clareza e nitidez dos sons, nada há a desejar.

Interessante é que o fenômeno do abaixamento só se dá com a voz humana. No caminhar incessante da ciência, podemos, contudo, esperar para breve a remoção desse defeito e, talvez, já a tenha havido em filmes mais recentes.

No seu discurso, disse o cônsul que o movitônio vem contribuir grandemente para a completa extinção do analfabetismo. Por certo que sim, porque só para poder compreender o cinema já é o indivíduo obrigado a saber ler. Há, porém, mais uma vantagem: a de reeducar o público, que, habituando-se à cena muda, não era impedido de palestrar durante as exibições, o que não se dá no cinema sonoro em que as conversações impedem a audição. Por isso mesmo, presta-se maior atenção e os enredos empolgam mais, ferindo com mais vigor a sensibilidade do auditório, elevando-lhe o entusiasmo e provocando o desejo de bater palmas nos lances emotivos das representações. É, afinal, em quase toda sua significação, a cena do teatro.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 581, p. 6. Varginha, 25 set. 1930.

Por último, transcrevemos um artigo de o *Arauto do Sul*, que faz considerações sobre o comportamento do público no Cineteatro Capitólio durante a exibição de filmes sonoros. O relator afirma que o cinema sonoro é uma invenção civilizadora, o

que exige que o público se comporte de modo educado durante as exibições.

AINDA O CINEMA SONORO

Ao noticiarmos a inauguração do Cinema sonoro no "Capitólio", dissemos que essa invenção é civilizadora e, de fato, o é, pois que exige atenção e silêncio. Enquanto a cena muda deixava a atenção à conta de cada um, que podia comentar, rir ou chorar à vontade, sem incomodar aos vizinhos, a cena sonora, sincronizada, exige o silêncio, para que uns não incomodem os outros, que querem ouvir a conversação para compreender os enredos e ouvir a música para se deleitarem nas delícias que proporciona, por ser muitas vezes apropriada ao enredo e sempre muito bem feita.

Não há, portanto, como justificar as conversações cerradas que temos ouvido nas últimas noites de espetáculo, principalmente quando passava a Empresa "Casados em Hollywood", uma película superior, com música própria e que só quem ouviu com atenção pode avaliar.

Dizemos "só quem ouviu com atenção", porque muita gente destreinada lá esteve, que lá foi apenas para "apreciar a reunião na obscuridade", despreocupada com as belezas da representação e de suas músicas.

Pois não é correto. O cinema sonoro exige que os seus frequentadores se portem como gente que saiba cumprir os mandamentos do bom-tom, para não incomodar os outros. Naturalmente, repariam esses conversadores se alguém ao seu lado estivesse falando em voz alta ou baixa e os impedindo de escutar a música, nos lances mais solenes da ópera.

Vimos em uma poltrona, na noite de domingo, um assistente [espectador] que a todo momento se voltava para o lado donde partiam certos rumores de conversação, que durou todo o tempo do espetáculo.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº ?, p. 3, com continuação na p. 6. Varginha, 09 out. 1930.

Notas:

1 Casados em Hollywood: título original *Married in Hollywood*, da Fox, com direção de Marcel Silver, música de Oscar Straus, estrelado por J. Harold Murray e Norma Terris. No cartaz de anúncio, em evidência a revolução tecnológica da época: "All talking. Singing. Dancing. Movietone". A produção é de 1929, ano de estreia nos Estados Unidos. Trama: o príncipe Nicolai, herdeiro de um trono dos Bálcãs, se apaixona por uma vocalista americana que está em turnê com uma companhia de opereta na Europa. Ele revela sua intenção de renunciar à sua herança e se casar com ela.

2 "um assistente que a todo momento se voltava para o lado": assistente = espectador.

Em 1940, a *Western Eletric Company of Brazil* anunciava nos jornais do Rio de Janeiro "tudo para som e projeção" equipamentos cinematográficos completos com "tudo para som e projeção". Os projetores eram do tipo Simplex com lanternas com lâmpadas de arco voltaico de carvão da marca *Peerless*, transversores Hertner, carvões Columbia e peças legítimas. A matriz tinha sede no Rio de Janeiro (*DIÁRIO DA NOITE*. Edição nº 3.920, p. 7. Rio de Janeiro, 05 abr. 1940).

Em 1946, a Empresa Cinematográfica Prince de Souza trocou o antigo projetor por uma "aparelhagem moderníssima, de fabricação americana. Trata-se de u'a montagem Western, o que de melhor existe na matéria" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 2131. Varginha, 14 maio 1946).

Orquestra doTheatro Capitólio, 1927

8.1.1 A orquestra do Theatro Capitólio. Piano. Músicos.

O Theatro Capitólio tinha uma orquestra. Em 30 de junho de 1939, ela era composta pelos músicos: Arnaldo Amarante, maestro do Capitólio (piano), Pedro Chagas Dias (contrabaixo), José Fonseca (flauta) e Carlos Zink (violinista) (FOTOGRAFIA. Acervo Fundação Cultural do Município de Varginha). Em novembro de 1927, o maestro era Ricciotti Volpe (1876-1941), natural de Comune di Buccino, pequena vila na região da Campania, província de Salerno, Itália e falecido em Lavras (MG).

Os instrumentos musicais eram de propriedade dos músicos, exceto o primeiro piano, que, desde a inauguração era um bem móvel incorporado ao patrimônio do teatro.

O primeiro piano instalado no Capitólio e que foi utilizado desde o dia da inauguração do teatro, em 12 de outubro de 1927, era um modelo de armário da manufatura alemã Shiedmayer & Soehne Sttugart., fundada em 1809. O piano com as dimensões de 142 cm de altura, 163 cm de comprimento e 68 cm de largura máxima, possui três pedais e 88 teclas, sendo 52 brancas e 36 pretas. A caixa é de madeira de lei em tom ligeiramente avermelhado com finíssimo polimento envernizado. A parte da frente possui detalhes de entalhamento com motivos fitomórficos estilizados e, o centro, um entalhe de um cesto com flores. Na parte interna superior, oculta pela tampa móvel de madeira, encontra-se afixada uma faixa de bronze com a inscrição SCHIEDMAYER & SOEHNE STUTTTGART. em letras maiúsculas e, a parte interna da tampa, que cobre o teclado, a inscrição Schiedmayer & Soehne pintada em letras douradas em formato manuscrito com tombamento à direita. O estado de conservação é ótimo, tanto do engradamento quanto do teclado. Esse piano permaneceu no teatro do dia 12 de outubro de 1927 até 29 de agosto de 1983.

Piano de armário do Theatro Capitólio (1927–1983), da fábrica alemã Shiedmayer & Soehne. Acervo da família Prince de Souza. Foto: J.R. Sales, 2021.

Em 29 de agosto de 1983, quando a Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda. vendeu o prédio do Cineteatro Capitólio para o município de Varginha, o piano, patrimônio histórico do teatro, passou a pertencer, por comum acordo entre os sócios, à família Prince de Souza, na época, a maior cotista da referida empresa. A partir dessa data, o piano foi removido do teatro e instalado na residência particular de Geralda Gomes Prince (1917-1998), viúva de Inocêncio Prince de Souza. Em 1998, devido ao falecimento de Geralda Prince, o piano foi havido por herança a seu filho único, José Fernando Prince (1938-2014). Em 2014, com o falecimento desse último, o piano passou a pertencer à família de José Fernando Prince, sob a guarda atual de seu filho, Fernando Sérgio Prince, que o abriga em sua residência particular, localizada na Rua Eutêmio Tavares, nº 246, no bairro da Vila Pinto II (PRINCE, 2021).

Em 13 de novembro de 2019, a Prefeitura Municipal adquiriu para o Capitólio um piano de cauda acústico da marca Essenfelder, pelo valor de R$ 13.000,00 (treze mil reais). O piano foi incorporado ao patrimônio no dia 02 de dezembro desse ano. O número do bem e da chapa é 7298.

O piano possui três pedais e 88 teclas com mecanismo *Luo Speed*. O peso bruto é de 410 quilos. As dimensões são 120 cm de altura, 150 cm de comprimento e 153 cm de largura. A estrutura é formada por cinco colunas de madeira maciça. As cordas Röslau, feltros, embuchamentos e abafadores são de fabricação alemã. A tábua harmônica é feita de spruce maciço de 8mm (o *norway spruce* ou abeto é uma árvore conífera comum na Europa, utilizada na fabricação de alguns instrumentos musicais, principalmente a espécie *Picea abies*). A tampa do teclado utiliza o sistema de fechamento suave (*softclose*). O acabamento é feito em alto brilho. A banqueta possui altura regulável.

No decorrer das décadas, dentre as peças musicais mais executadas estão o Intermezzo da Cavalleria Rusticana, ópera de Pietro Mascagni e, entre as nacionais, o Hino Nacional e a abertura da ópera O Guarani, de Carlos Gomes, composições que agradaram ao público de várias gerações e classes sociais.

Aymond (Norberto Américo Aymonino (1902-?), artista transformista argentino.

8.2 Companhias e artistas internacionais de música, canto e dança

As apresentações das companhias e artistas internacionais de música e dança no Theatro Capitólio estão registradas em escassas fontes documentais desde a década de 1930.

Em 1934, estreou Aymond, o artista argentino travesti, "possuidor do dom de ser mulher [...] Uma advertência ao belo sexo". Nota no *Arauto do Sul*, convidava para o espetáculo: "Aymond, o grande intérprete da arte de ser mulher, é no seu gênero o único. [...] A emoção do espectador é nova. E quem não gostaria de sentir alguma coisa fora de todos os estados psicológicos já conhecidos?" Outros comentários: "extraordinária aventura do homem-fronteira", "Nunca se explorou um escândalo assim, com tanta inteligência" e "Aymond é uma grande vitória da realidade sobre todos os esforços da imaginação humana" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 847, p. 2. Varginha, 09 dez. 1934).

As apresentações de Aymond eram elogiadas imitações de atrizes de fama, da época, como Jeanette MacDonald, Raquel Meller, La Argentina, Conchita Piquer e Mercedes Simone, com *toilettes* deslumbrantes, confeccionadas em Paris. Seu dote mais extraordinário, no entanto, era a voz de soprano, "um verdadeiro assombro", o que a imprensa chamava de "garganta de ouro" e "o homem da garganta maravilhosa". As imitações feitas pelo artista eram completas, ou seja, da figura, gesto, *toilettes* e voz (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 11.916, p. 10. Rio de Janeiro, 05 out. 1933; ibidem, ed. nº 11.921, p. 9. Rio de Janeiro, 11 out. 1933). Aymond foi contratado pela Empresa do Theatro Capitólio. Era considerado um artista privilegiado, único em seu gênero, pois conseguia cantar como tenor, barítono, soprano e contralto (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 215, p. 2. Varginha, 09 dez. 1934).

Aymond era a personagem e o nome artístico de Norberto Américo Aymonino

(1902-?), que se apresentou nos palcos brasileiros entre 1920 e 1955. As notas do *Arauto do Sul* revelam que, no início do século XX, não havia preconceito do público varginhense em relação aos espetáculos de artistas transformistas, ou seja, de homens que se vestiam como mulheres, como bem demonstra, também, a aceitação de Os Freires, casal em que o marido se travestia, sucesso de 1915, no antigo Teatro Municipal de Varginha. O comentário "E quem não gostaria de sentir alguma coisa fora de todos os estados psicológicos já conhecidos?" é significativo ao mostrar que o redator propunha uma abertura do sujeito/espectador para novas experiências artísticas, fora dos padrões tradicionais. Apesar da qualidade artística das representações, contudo, os anúncios publicados pela imprensa costumavam apresentar esse tipo de profissional como fenômeno exótico, incomum, humorístico, extravagante ou mesmo bizarro, como bem demonstra o uso da palavra 'escândalo' na nota publicada no *Arauto do Sul*.

Em 1946, de regresso a Varginha, apresentou-se em récitas o cantor Gino Caballero, "conhecido e apreciado *virtuose* do Canto [...] figura de realce nos meios radiofônicos do país onde se destaca como aplaudido intérprete de melodias internacionais. Em Varginha, Gino pretende demorar-se cerca de um mês, descansando de brilhante "tournée" que acaba de realizar pela América Latina, com êxito invulgar, principalmente em La Paz e Cochabamba, cidades bolivianas de onde acaba de regressar e onde as suas exibições assinalaram-se por brilhante sucesso" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 2257. Varginha, 16 out. 1946).

Em 1953, apresentou-se o cantor mexicano Alberto Lezama, que estava em turnê por Minas Gerais. Na ocasião, ele foi acompanhado ao piano pelo maestro Fernandez (*CORREIO DO SUL.* Edição nº 755. Varginha, 22 jan. 1953). No ano anterior, ele havia se apresentado na Boate Perroquet, no Rio de Janeiro, anunciado como "grande tenor mexicano".

Em 1959, foi apresentado o Grande Concerto de Música Clássica, espetáculo

do Conjunto Humorístico Os internacionais com elenco formado por artistas de vários países europeus. Tratou-se de um espetáculo variado com números artísticos, variedades, surpresas e brindes. O Irmão Osmundo Ribeiro, então reitor do Colégio Marista de Varginha executou uma música de sua autoria. O Café Bom e o macarrão Cristal foram as empresas patrocinadoras desse evento (*A VERDADE*. Edição nº 3, p. 2. Varginha, 15 fev. 1959). O Irmão Osmundo Ribeiro (nome civil Wagner de Melo Ribeiro) foi Irmão Marista, reitor do Colégio Coração de Jesus de Varginha (Colégio Marista) na década de 1950; músico, compositor, mestre do corpo orfeônico, poeta e professor. Ele era membro da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências, tendo ocupado a cadeira 9. O escudo da Academia, refinado desenho artístico, e o lema *Urbem Incendam* (1960) são de sua autoria (SALES, 2020, p. 141).

Em 27 de julho de 1961, o *Michigan Choral*, dos Estados Unidos, apresentou-se no Capitólio a convite do Lions Clube de Varginha, sob os auspícios da Prefeitura Municipal. Na ocasião, o corpo orfeônico foi regido por mister Lester Mac Coy [sic]. "Foi um acontecimento cultural inédito para o nosso povo, em que atuaram festejados elementos intelectuais de nossa terra como, por exemplo, o Dr. José Daphnis Mil-Homens Costa, que saudou em inglês o afamado corpo orfeônico e o Dr. José Marcos de Oliveira Rezende que, também, no mesmo idioma, conduziu todo o programa a contento do laureado grupo de vocalistas. O Dr. Mil-Homens homenageou-os em nome do Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos. No interregno da exibição do Coral Michigan, o Sr. João Rainato Filho, presidente do Lions Clube de Varginha, ofereceu ao regente do Corpo Orfeônico, Mister Lester Mac Coy [sic] e sua Exma. Esposa um cartão de prata e uma *corbeille* de flores. Em retribuição, o maestro brindou o presidente do Lions Clube local com um disco de gravações do repertório do "Michigan Choral". O prof. Adilson Siqueira Alvim foi mais um excelente intérprete que saudou em inglês os distintos visitantes e traduziu para o público os agradecimentos do corpo orfeônico"

(*A VERDADE*. Edição nº 58, p. 6. Varginha, 15 ago. 1961). O nome do coral americano, ainda em atividade, é *The Michigan Chorale*, na ocasião, sob a regência de Lester McCoy (1906-1969), maestro da *University Music Society*, em Ann Arbor, cidade do estado de Michigan. Ele era casado com Bernice McCoy. O coral realizava frequentes apresentações nos Estados Unidos e em vários países da Europa. José Daphnis e José Marcos eram médicos em Varginha.

Em novembro de 1992, apresentou-se o grupo russo Gipsy Melodies, de dança folclórica cigana.

Em novembro de 1997, foi realizado o Recital Internacional Comemorativo dos 70 anos da inauguração do teatro, um duo de violino e piano com Utae Nakagawa, professora de violino e viola, membro da Tonkünstlerverband alemã, que estreou no Carnegie Hall, de Nova York e Maria Celina Paiva Szrvinsk, pianista e professora da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1998, apresentaram-se: 1) Companhia Nacional de Ballet Folclórico da Eslováquia com o espetáculo Do baú de belezas da Eslováquia. No elenco, 45 integrantes, entre músicos e bailarinos. 2) Companhia de Dança e Música Donbass, da Ucrânia, um dos grupos de dança folclórica mais conceituados no mundo. O Donbass tem um corpo com 22 bailarinos, que, por meio de coreografias e canções folclóricas, contam, de forma estilizada, a história do povo da Ucrânia. Na orquestra, foram usados violinos, acordeon, trombone e trompete. Chamaram a atenção a variedade, a emoção e o ritmo das músicas. O espetáculo contou com artistas com alto nível de desempenho técnico e esmerado figurino. O teatro estava lotado e o grupo foi bastante aplaudido. Na noite da apresentação, trabalhos artesanais ucranianos estiveram expostos no Foyer Aurélia Rubião onde puderam ser adquiridos pelos interessados. 3) Companhia Nacional de Música e Ballet Folclórico da Bielorrússia pela Companhia de Danças da Bielorrússia com elenco composto de quarenta artistas.

Em 1999, apresentou-se a Orquestra de Câmara de Stuttgart, Alemanha, a mais antiga orquestra de câmara profissional do mundo, uma referência para outras orquestras do gênero.

Em 1999 e 2000, La Chanson Française, com Michel Burkard (canto) e Maria Claire Heinz (piano e acordeon), da França.

No ano 2000, apresentaram-se: 1) Companhia de Danças da Bielorrússia, com músicas e danças do folclore russo e eslavo, e vasto repertório. O figurino de trajes típicos era colorido, rico e variado. Foram tocados o acordeon e o tsimbal, instrumento com 78 cordas. O corpo da Companhia contava com bailarinos e músicos. O artesanato típico do país foi exposto no Foyer Aurélia Rubião onde pôde ser adquirido pelos interessados. 2) Trio Guarneri de Praga, do Programa Concertos Internacionais, com os instrumentistas Ivan Klansky (piano), Cenek Pavlik (violino) e Marek Jerie (violoncelo). Fundado em 1986, o Guarneri é um dos pianos-trios mais respeitados no mundo da música clássica. O conjunto adotou o nome de uma família de célebres fabricantes de instrumentos de cordas. 3) Trio Aedon, da Itália, pelo Programa Concertos Internacionais, com Stefano Marzi (clarineta), Stefano Bartolucci (piano) e Gabriele Zoffoli (violoncelo), cujo repertório usual é composto por peças de grandes clássicos da música e de grandes filmes italianos. Bartolucci, da Orchestra Raffaello, incluiu em seu currículo sua apresentação em Varginha: "Teatro Municipale di Varginia" [sic]. 4) Meninos Cantores de Saint Florian, da Áustria, formado em 1.071, seguindo a tradição austríaca de formação de corais nos colégios religiosos. O grupo é conhecido por seu elevado padrão vocal.

Em 2001, apresentaram-se: 1) Orquestra Filarmônica Jovem Baden-Württemberg, da Alemanha, com produção de Celina Szrvinsk, com público de 896 espectadores. 2) Dança espanhola, pelo Projeto Concertos Internacionais, com Carmen Del Rio (dançarina) e o cubano Andrés Roig (piano). 3) Trio de Cordas

Cia. Nacional de Ballet Folclórico da Eslováquia, 15 de out. 1998

O Projeto Concertos Internacionais.
Orquesta de Câmara de Stuttgart, Alemanha, 25 jun. 1999

Companhia de Danças Folclóricas da Bielorússia, 18 maio 2000

Ensemble Capriccio, de Mineapólis, Minnesota, Estados Unidos, no Projeto Concertos Internacionais. Além de Varginha, o grupo apresentou-se em São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No programa, obras de Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e Amaral Vieira. "Tanto nos Estados Unidos como no Brasil, o grupo toca com o pianista brasileiro Max Barros, com quem gravou um CD" (*O ESTADO DE S. PAULO*. Caderno 2, p. 56. São Paulo, 11 ago. 2001). 4) Concerto de Gala Duo Violencelo e Piano, com Eva Freitag (violoncelo) e Naila Alvarenga, da Alemanha. 5) Orquestra de Câmara Gli Archi Di Firenzi, da Itália, pelo Projeto Concertos Internacionais.

Em 2002, apresentaram-se: 1) Trio Schumann, da Alemanha, pelo Projeto Concertos Internacionais, com Michael Unde (piano), Sanja Mitrovic (violoncelo) e Sergey Kravchenko (violino). 2) Quarteto Gideon Klein e André Ehrlich (clarineta), da Alemanha. O nome do quarteto é uma homenagem ao pianista tcheco Gideon Klein (1919-1945), que faleceu em circunstâncias pouco conhecidas no campo de concentração de Fürstengrube, na Alemanha. 3) Quartetto de Cordas David, com Mauro Loguercio (violino), Gabriele Baffero (violino), Antonio Leofredi (viola) e Marco Decimo (violoncelo), da Itália.

Em 2003, Sexteto de Cordas Virtuosos de Praga, da República Tcheca, fundado em 1976.

8.3 Companhias e artistas nacionais

Desde a inauguração, milhares de eventos artísticos foram realizados no teatro Capitólio entre encenações teatrais, apresentações musicais e de danças, e exibição de filmes. É impossível a elaboração de uma listagem completa de todos os eventos realizados, pois muitas apresentações não foram registradas na época de sua ocorrência e, ainda assim, a grande quantidade de eventos registrados inviabilizaria

uma listagem mais abrangente do que a aqui apresentada, porque ocuparia a maior parte das páginas deste livro. A lista das apresentações com as fichas técnicas seria apropriada para a composição de um Catálogo.

As primeiras apresentações no Theatro Capitólio foram realizadas em 12 de outubro de 1927, dia da inauguração: o filme mudo Cabaret (1927), da Paramount Pictures, estrelado por Gilda Gray, Tom Moore e Chester Conklin, acompanhado pela Orquestra do Capitólio. Em seguida, apresentou-se o Trio Esperança Diez.

Em 25 de novembro de 1927, mês seguinte à inauguração, por ocasião do Festival Ricciotti Volpe, o jornal *Arauto do Sul* criticou duramente a técnica de iluminação utilizada nos espetáculos apresentados no Capitólio, especialmente na encenação realizada pelo Trio Esperança Diez, no espetáculo inaugural:

> *Por falarmos em arte no teatro, permita-se-nos uma observação. De certo tempo, a esta parte notamos a "moda" de escurecer a plateia e o palco durante as representações, deixando iluminada apenas a parte deste dentro da qual se move o artista. / Que se escureça a plateia está bem, isso reforça naturalmente a luz do palco e faz ressaltar mais a figura dos atores. Iluminar, porém, só o local onde estes se movem, dá a ideia de que está-se "espiando" o espetáculo por um buraco de fechadura; destrói a melhor das perspectivas corta a "moldura" e mutila o "fundo" do quadro representado pelo âmbito cênico. Por isso, os atores nos aparecem como figuras despolidas enquanto que, se se conserva o palco iluminado, reforçando-se essa iluminação com as projeções da lanterna cinematográfica, as figuras aparecerão brilhantes, esmaltadas até, causando à plateia profunda impressão do belo. / É possível que sejam desprezados os conceitos que deixamos acima, porque a "moda" o exija, por mais arbitrária e absurda que ela seja, e nós não estranharemos se tal se der, mesmo porque, nos*

Theatro Capitólio, década de 1930

> *espetáculos do Trio Esperança Diez, que inaugurou o "Capitólio", eles o foram e ainda mais: uma péssima distribuição de luz deformava o rosto dos artistas, pondo-lhes sombras que deviam ser evitadas, não, certamente, por culpa da Empresa Navarra, pois o palco de seu teatro tem tudo disposto para a iluminação perfeita, mas, por determinação do diretor do trio, porque "é da moda", embora com sacrifício das regras consagradas" (ARAUTO DO SUL. Edição nº 288. Varginha, 24 nov. 1927).*

Em 1932, apresentou-se em recital o jovem cantor Jorge Fernandes com carreira artística reconhecida nacionalmente. Segundo o *Arauto do Sul*, que dedicou a ele toda a primeira página da edição nº 700, Suplemento, do dia 15 de fevereiro de 1932, Fernandes possuía "carta de engenheiro arquiteto" e "prodigiosas cordas vocais com que a natureza o dotou", para cantar a música popular brasileira do seu repertório. Ele gravou discos com as gravadoras Odeon, Columbia e Parlophon. O *Arauto do Sul* afirma que a pianista varginhense Oneyda Alvarenga, então jovem estudante de piano em São Paulo, "acompanhará as canções que Jorge Fernandes cantar" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 700, Suplemento, p. 1. Varginha, 15 fev. 1932).

Do programa de Jorge Fernandes, dividido em duas partes, constou as seguintes canções: Primeira Parte: Pierrot, de Joubert de Carvalho e Paschoal Carlos Magno; Felicidade, de J. Aymberê (José Aimberê de Almeida) e João Jório; Maruska, de Dino Rulli e Décio Abramo; Morena cor de canela, de Ary Kerner (adaptação); Canções modernas, de Hekel Tavares e Luiz Peixoto: a) Saudade, b) No nosso tempo de colégio, de Hekel Tavares e Luiz Peixoto; Caboclo bom, de Hekel Tavares e Raul Pederneiras. Segunda Parte: Foi tudo um sonho, de Sivan Castelo Neto; Na minha casa, de Henrique Vogeler e Luiz Peixoto; Eterna canção, de Antônio Rodrigues Viana e Júlio Dantas; Taboada, de Joubert de Carvalho e Adelmar Tavares; Cenas infantis, de Hekel Tavares:

a) O sorteado, b) Canção da Bandeira. Azulão, de Hekel Tavares e Luiz Peixoto (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 700, Suplemento, p. 1. Varginha, 15 fev. 1932).

Ainda em 1932, apresentaram-se em um mesmo espetáculo os artistas J. M. Cruz, que executou ao violão o repertório do célebre Canhoto e, por isso, tomou a alcunha de Segundo Canhoto, e Antenor de Oliveira (Carioca), que tocou flautim, soprado pelo nariz. Dentre as peças executadas por Cruz, ressaltou-se "Uma procissão na roça", notável por sua onomatopeia. Carioca executou solos de flautim pelo nariz, coisa que nunca havia sido vista em Varginha (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 704, p. 6. Varginha, 13 mar. 1932).

Em 1933, ocorreu a apresentação do Duo Regional Barreto Júnior e Lenita Lopes. Segundo *O Sul-Mineiro (V*arginha, 17 set. 1933), Barreto Júnior era um folclorista, imitador perfeito do caipira nortista, considerado um dos mais brilhantes no seu gênero. Filho do norte ele conhecia a fundo as tradições de sua terra, "emprestando às anedotas que conta, os seus talentos artísticos, verdadeiramente admiráveis [...] e encarna com perfeição o caboclo de sua terra". Lenita Lopes é a coadjuvante, "figurinha querida das nossas melhores plateias".

Em 1934, apresentaram-se: 1) em janeiro, o Grupo Dramático de Elói Mendes (ou Grêmio Teatral Eloiense) com atores amadores, com a peça Bombonzinho (1931), de Viriato Corrêa (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 799, p. 2. Varginha, 07 jan. 1934). Após a apresentação, o *Arauto do Sul* publicou o seguinte comentário crítico sobre a encenação de peças no Capitólio e sobre as atividades artísticas em Varginha: "Hoje, quando o cinema preocupa a toda gente, quer pela [baixa] frequência dos espetáculos, quer pela perfeição com que se representa, pensar em espetáculos de amadores é quase uma tolice, por impraticável. Haja vista a nossa cidade, onde o amadorismo cifra-se, quando muito, em umas ligeiras canções, em uns elétricos recitativos e rápidos bailados, na maior parte por crianças. [...] Levar, porém, à cena um drama, uma comédia, uma

revista [...], uma cousa qualquer por gente grande, chega às raias do impossível. E isto dá-se numa cidade que se inculca de adiantada; que tem ruas asfaltadas, jardins primorosos, teatro *chic* (o mais *chic* da zona), mas que cultura artística....é melhor não falar" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 800, p. 6. Varginha, 14 jan. 1934).

Em fevereiro de 1934, apresentou-se a Companhia Carlos Roma, que conquistou "aplausos da assistência, o conhecido conjunto de espetáculos modernos dirigido pelo querido artista brasileiro, Carlos Roma" com um finíssimo repertório de comédias. Faziam parte do homogêneo elenco: a graciosa Rosa Morena, estrela do conjunto, Gastão Júnior, Maria de Alencar, Ivone Reis, Carlos Roma e Jair Mendonça (galã cômico). Os espetáculos apresentados foram a comédia "Inimigo de mulheres" e números de variedades (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 178, p. ?. Varginha, 18 fev. 1934). As encenações eram realizadas após as sessões de cinema (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 508 [sic], p. 6.Varginha, 18 fev. 1934). Em 1931, Carlos Roma trabalhou como coreógrafo na Companhia Mosaicos, de De Chocolat, na revista Bibelots, enecenada no Teatro Rialto do Rio de Janeiro (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 11.355, p. 14. Rio de Janeiro, 19 dez. 1931).

Em maio de 1934, o Grêmio Teatral Eloiense regressou ao Capitólio com a peça "O Interventor" (1931), comédia em três atos, de Paulo Magalhães. (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 817, p. 4 Varginha, 13 maio 1934). "O sucesso alcançado foi o mais franco e brilhante e chegou a entusiasmar a todos que assistiram a peça. A assistência não foi grande, porém, não inferior a que tem aparecido, aqui, as melhores companhias teatrais no seu primeiro espetáculo. Pudessem, os rapazes de o "Grêmio Eloiense" reprisar o "O Interventor" no dia seguinte, o Theatro Capitólio seria pequeno para comportar a assistência varginhense. No elenco, Cassínio Ximenes encarnou a parte essencialmente cômica da fina comédia e a encarnou com maestria, provocando constante hilariedade e gostosas gargalhadas. Também as duas outras distintas senhorinhas – Leonelina

Braga e Anita Ferreira, representaram os seus papéis com naturalidade e segurança. O fino mobiliário foi cedido pela Mobiliária A Confiança, de Jayme Stoliar & Luiz (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 188, p. 7. Varginha, 20 maio 1934). 2) a violonista Letícia G. Figueiredo com o Recital de Canto a Violão. "Foi uma revelação, um encantamento de sonoridade e técnica, que raramente se consegue ouvir e ver no interior, tão pobre da arte perfeita. / A Senhora Letícia foi apresentada ao público pelo Dr. José de Rezende Pinto, que leu um belo discurso, terminado o qual a insigne artista iniciou o recital, que foi ouvido debaixo do mais rigoroso silêncio, só despertado pelas palmas que soavam frenéticas e vibrantes após cada execução" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 803, p. 4. Varginha, 04 fev. 1934). 3) apresentação da Troupe Arruda-Zapparolli-Carrrara, que se encontrava em turnê pelo estado de Minas. No elenco, Sebastião Arruda, "espírito fino, senhor do dom natural da graça e incontestavelmente o rei dos caipiras no Brasil, o mais empolgante ator cômico da atualidade, que tem sido aplaudido e admirado pelas mais cultas plateias do país. Arruda é o centro da troupe [...] Luiz Carrara, profissional de estirpe, criado no palco e para o palco. Filho de Arthur Carrara, de saudosa memória, Luiz Carrara herdou de seu progenitor todas as qualidades que fizeram a sua fama. Em 1921, há quase treze anos, Luiz Carrara esteve nesta cidade com uma companhia das mais bem organizadas daqueles tempos, havendo levado à cena uma revista da cidade, a qual pelo cuidado da encenação e da representação deu oito casas à cunha, verdadeiro *record* para uma peça no interior. [...] As outras figuras são Aldo Zapparolli, Fúlvio Marby, Alma de Andrade e Myrtha Marby". O grupo apresentou a peça "A mulher ciumenta", comédia relâmpago de A. Lindo, e "O nosso Jeca", uma *revuette* do mesmo autor, em um ato e dez quadros, com brilhante desempenho de todos os atores. Foi também encenada a revista "Risos e flores", com um ato e dez quadros. Zapparolli imitava um italiano que ainda estava aprendendo a falar corretamente o português. Alma de Andrade desempenhou os papéis centrais e cantou fados. Fúlvio

Marby e a esposa Myrtha executaram experiências telepáticas. Carrara apresentou números de declamação (*ARAUTO DO Sul.* Edição nº 818, p. 6. Varginha, 20 maio 1934; ibidem, ed. nº 819, p. 3. Varginha, 27 maio 1934). Em 1921, Luiz Carrara havia apresentado um teatro de revista no antigo Teatro Municipal de Varginha. O jornal *O Sul-Mineiro* também publicou reportagem sobre a apresentação da Companhia em Varginha. Segundo o periódico, "Poucas companhias teatrais têm conseguido em Varginha o sucesso que vêm alcançando a troupe chefiada pelos três conhecidíssimos nomes do Teatro Brasileiro: Sebastião Arruda, Zapparoli e Luiz Carrara. Sebastião Arruda encarna, admiravelmente, o nosso jeca. Ao contrário do que acontece com os "imitadores" comuns, Arruda não exagera o caipira, não o torna grosseiramente ridículo. Para fazer a plateia rir, ele não se transforma em palhaço, apenas "vive" um autêntico jeca. Zapparoli é um cômico de estirpe e "travestisado" ou não, quando quer, provoca hilaridade. [...] Alma de Andrade ainda é aquela artista de expressão que Varginha aplaudiu há anos. O seu trabalho é interessante e a sua graça no palco, conquista com facilidade as simpatias da plateia" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 189, p. 1. Varginha, 27 maio 1934). Amácio Mazzaropi (1912-1981), ator, humorista, cantor e cineasta brasileiro que interpretava em seus filmes o jeca brasileiro, reconheceu a influência de Sebastião Arruda em seu trabalho: "Comecei a trabalhar cedo, fazendo papel de caipira, que estava na moda. Genésio Arruda e seu irmão, Sebastião Arruda, estavam no auge e eu procurei fazer o mesmo, principalmente imitando o Sebastião" (<museumazzaropi.org.br>).

Em 1935, foi realizado o Concerto de Violão, com o maestro e violonista cego Antônio Carvalho de Oliveira. No concerto, o violonista estreou um violão novo, feito por encomenda dele a uma das melhores fábricas nacionais de violão. Segundo o *Arauto do Sul*, "Ouvi-lo será, portanto, gozar grandes delícias proporcionadas pelas lindas e difíceis peças do programa e pela agradabilíssima sonoridade do instrumento,

Alda Garrido, década de 1930

o inspirador dos enamorados" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 888, p. 8. Varginha, 22 set. 1935).

Em 26 de outubro de 1937, a Organização Teatral Margarida Sper, representada por Nelson de Oliveira Sper, enviou ofício ao prefeito Jacy de Figueiredo em que comunicava o início de sua temporada teatral em Varginha, nessa data. A Companhia Margarida Sper apresentava "espetáculos puramente familiares": comédias, dramas, peças regionais e variedades. Em 1933, encenou muitas vezes a peça O dote, de Artur Azevedo, no Rio de Janeiro. O elenco era formado por vinte artistas, todos brasileiros, ligados diretamente à Casa dos Artistas, do Rio de Janeiro. A Companhia era autorizada em funcionar em excursão pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT e considerava que seus espetáculos possuíam a significação educacional do bom teatro na sua feição artística. Segundo o referido ofício, "A Companhia Margarida Sper funcionará no Cineteatro Capitólio, da Empresa Navarra & Cia" (OFÍCIO DA ORGANIZAÇÃO TEATRAL MARGARIDA SPER. Varginha, 26 out. 1937; *CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 11.844, p. 14. Rio de Janeiro, 13 jul. 1933). O texto do ofício contém trechos com redação um tanto confusa. Por exemplo, na expressão "A Companhia Margarida Sper funcionará no Cineteatro Capitólio..." o verbo funcionar foi utilizado como sinônimo de apresentar, ou seja, "a Companhia se apresentará no teatro", pois ela não se estabeleceu em Varginha, apenas apresentou seus espetáculos em uma temporada na cidade.

Em 02 de novembro de 1938, o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, registrou a partida de Alda Garrido para Varginha: "A Companhia Alda Garrido embarcou, ontem, para Varginha, onde iniciará uma excursão pelo sul de Minas". A consagrada atriz Alda Garrido (1896-1970), foi um dos grandes nomes do teatro de revista no País, tendo trabalhado na Companhia Nacional de Revistas, do Teatro Recreio. Ela estreou no Theatro Capitólio no dia 06 de novembro. O *Diário de Notícias* (ed. nº 3915, Primeira

Lyzon Gaster, atriz, 1939

Seção, p. 2, 05 nov. 1938), do Rio de Janeiro, publicou a nota: "Estreará, amanhã, no Teatro Capitólio dessa cidade, a companhia de revistas e operetas Alda Garrido". Após a estreia, o mesmo periódico registrou: "A Companhia Alda Garrido, no Theatro Capitólio desta cidade, tem recebido calorosos aplausos da plateia local" (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. Edição nº 3922, Primeira Seção, p. 2. Rio de Janeiro, 13 nov. 1938). Um grupo de admiradores varginhenses do trabalho da atriz mandou confeccionar uma placa de metal em sua homenagem. A placa, afixada na parede interna no salão de entrada, traz os seguintes dizeres: "HOMENAGEM prestada por um grupo de admiradores à grande artista brasileira ALDA GARRIDO no seu festival artístico nesta cidade em 8 de novembro de 1938".

Em setembro de 1939, as notícias assustadoras da recém-iniciada II Guerra Mundial ocupavam as páginas dos jornais de Varginha: tropas nazistas continuavam esmagando lentamente a Polônia e Hitler "furioso e decepcionado com essa lentidão, ordenou [...] a execução da guerra total, isto é, da guerra destruidora sem respeito aos códigos internacionais, sem sentimentos". Em consequência, no Brasil, o cenário social e econômico para o futuro próximo se apresentava desolador. O público necessitava dos artistas para que pudesse aliviar suas tensões. Foi nesse angustiante contexto psicológico que chegou a Varginha, para um concerto, a consagrada pianista e cantora Aurélia R. Vergara, diplomada pela Universidade de Música do Rio de Janeiro. O maestro Arnaldo Amarante, da Orquestra do Theatro Capitólio, acompanhou-a ao piano nas duas partes de canto. O extenso, variado e sofisticado programa executado, dividido em três partes, foi o seguinte: Primeira Parte: Canto: Estrelita, de Manuel Maria Ponce; Bacio vivo, de Angelo Bettinelli; Los Gavilanes, de Jacinto Guerrero; Quem sabe, de Carlos Gomes. Segunda Parte: Piano: Suite Española, op. 47, de Isaac Albeniz. Prelude, de Rachmaninoff. Dança ritual do fogo, de Manuel de Falla. Grande Fantasia Triunfal sobre o Hino Nacional Brasileiro, de Louis Moreau Gottschalk. Terceira Parte:

Canto: De Giacomo Puccini: La Bohème (Musetta's Waltz), La Bohème (Aria Si mi chiamano Mimi) e Tosca (Aria Vissi d'arte) e, de Guiseppe Verdi, Caro Nome, da ópera Rigoletto (*O SUL-MINEIRO.* Edição nº 560, p. 2. Varginha, 17 set. 1939).

Ainda em 1939, apresentaram-se: 1) a Companhia João Rios de comédias e variedades. "Esse apreciado conjunto de artistas de teatro, conhecido e aplaudido em quase todas as cidades do Brasil, já esteve em Varginha onde obteve êxito esplêndido e onde deixou saudades e um ambiente de grata simpatia. / João Rios, o ator-empresário, é uma figura moça e insinuante, um artista de valor e um cavalheiro perfeito. / Por onde quer que passe João Rios conquista, pela sua arte e pelo seu temperamento jovial, numerosos admiradores. / Quando esteve em Varginha, há um ano, a Cia. João Rios era boa. Hoje, é ótima, pois o seu elenco acha-se melhorado, reforçado". No elenco, os atores Vanina Vitor, Irene Faria, Eliza Faria, Itamar de Souza, Rubens Moreira, Antônio Spina, Souza Leite, Sidéria Faria etc. A peça de estreia foi "E o amor é assim", em três atos de uma comédia que se mistura com o drama. Vanina Vitor encarnou uma Tia Cruz rabugenta, enquanto Irena Faria fez a ingênua Pituca com naturalidade e arte. Antônio Spina e Souza Leite, representaram, respectivamente, Izidoro e Baltazar. João Rios é o galã da peça. No ato variado reapareceu o personagem Abdula com anedotas impagáveis (*O SUL-MINEIRO.* Edição nº 560. Varginha, 17 set. 1939; ibidem, ed. nº 561. Varginha, 21 set. 1939). 2) Companhia Lyzon Gaster de sainetes e revistas, para espetáculos em alguns dias em Varginha. O sainete é uma pequena peça alegre do teatro espanhol, de que participam dois ou três personagens. Gaster, casada com o ator Alfredo Viviani, era uma atriz, cantora e dançarina espanhola. Desde o início da década de 1930, a Companhia se apresentava em todo o Brasil, sendo um "conjunto teatral conhecidíssimo [...] e que, em Varginha, onde já esteve há uns três anos, desfruta de enormes simpatias. [...]. Alfredo Viviani, que dirige o conjunto magnífico, é um ator completo, um cômico de raras qualidades, e, fora, do palco, um

gentleman. Lyzon Gaster, criatura simples e encantadora, é a alma do conjunto. A sua atuação no palco é vivaz, movimentada, grácil. Agrada sem esforço, naturalmente. A peça de estreia "Felicidade é quase nada", uma chistosa comédia sobre um tema social, foi um sucesso [...] O mesmo aconteceu com "Frou-Frou do Wunder Bar" e com "Dom Pasquale Vermiceli". Outra peça encenada foi "Filhos", em três atos. Dentre os números apresentados personagens como o português e o caipira, cantos de valsas e de tangos argentinos, dança de tango com os bailarinos Pablo e Rosita. Outros artistas do elenco: Dalva Costa, Mery Williams, Wanda Duarte, Lídia Devianis, Domingos Terras, Renato Machado e Renato Marques. A Companhia contava com uma orquestra dirigida por Carlos Ostronoff, "pianista formidável para o qual o teclado não tem segredos". Lyson Gaster se apresentou em espetáculos às noites e em matinês (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 570, p. 2. Varginha, 22 out. 1939). A Companhia era conhecida e se apresentava nos teatros do Rio de Janeiro e em várias cidades do interior do Brasil entre o final de 1928 e 1950, período em que foi citada dezenas de vezes no *Correio da Manhã*. Em 1950, esse periódico se referiu à Lyson Gaster como Companhia de Revistas de Bolso.

Em 1941, apresentou-se a Companhia de Comédias Iglézias, do ator, escritor e dramaturgo Luiz Iglézias, "uma das melhores do gênero que têm excursionado pelo interior do país", com a peça "O carneiro do batalhão", da qual foi autor e produtor. A Companhia dispunha "de um elenco seleto de grandes recursos dramáticos, que se acha integrado por verdadeiros artistas" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 706, p. 1. Varginha, 14 fev. 1941). O artista foi casado com a atriz Eva Todor, que atuou em "O carneiro do batalhão", em 1942. Não sabemos se ela esteve em Varginha com essa peça, pois os jornais locais pesquisados não citam o nome dela.

Durante a II Guerra Mundial, no início de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão. A situação econômica e social de

Varginha se encontrava bastante instável devido aos desdobramentos da guerra. Nos dias 18 e 19 de agosto, submarinos alemães torpedearam cinco navios brasileiros: Arara, Araraquara, Aníbal Benévolo, Baependi e Itagira, o que provocou a morte de 652 pessoas. Após a agressão, o Brasil declarou guerra contra a Alemanha e a Itália. Em Varginha, a reação da opinião pública e da imprensa foi imediata, considerando os meios de comunicação da época. Em 21 de agosto, o jornal *O Sul-Mineiro* publicou como manchete: "Centenas de cadáveres de brasileiros estão dando às praias nas costas baianas! Os corpos de mulheres, crianças, soldados, marinheiros e civis, vítimas da sanha dos nazistas, têm sido recolhidos e sepultados, aumentando, à medida que se multiplica o seu número, o ódio do brasileiro pelos bandidos nazifascistas e por todos os seus miseráveis partidários e simpatizantes!" Em 19 de agosto, foi realizado na cidade um grande comício antitotalitário com a presença de mais de cinco mil pessoas. A Empresa Nogueira, então proprietária do Cineteatro Capitólio e do Cine Rex, cancelou as sessões cinematográficas. Na passeata, "Acabava de cruzar a rua Santa Cruz, descendo a rua Antônio Carlos, em direção ao Bairro Capitólio, uma outra multidão vibrante de entusiasmo, trazendo à frente "Hitler enforcado", um boneco à nazista que, de quando em quando, erguia mão direita fazendo a ridícula saudação. Lia-se a legenda: "O teu dia chegará...". Mais atrás, de espaço a espaço, empunhadas pelos jovens varginhenses, viam-se as seguintes caricaturas, magistralmente confeccionadas: Mussolini amarrado num poste e o aviso: "está amarrado, não é por mal, é só para não correr". As manifestações aconteceram nas principais ruas do centro da cidade, na sede da Prefeitura, sede da Associação Beneficente Operária de Varginha, Praça D. Pedro II, Praça do Triângulo e em frente ao edifício Luiz Teixeira na Rua Presidente Antônio Carlos (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1052, p. 1. Varginha, 21 ago. 1942). Mesmo assim, conforme mostramos a seguir, durante o ano de 1942, além das muitas exibições cinematográficas, foram realizados vários espetáculos no Capitólio.

Em 1942, apresentaram-se: 1) Companhia Teatral Miramar em uma temporada (*O SUL-MINEIRO.* Edição nº 894. Varginha, 06 mar. 1942). 2) Companhia Lyson Gaster em uma série de cinco espetáculos. A Companhia estreou com a peça "Pássaro Cego, o Cortiço do Cicilo", em dois atos, que fez "sucesso invulgar" na apresentação em São Paulo. Foi apresentado o show-revista intitulado "Assim é outra coisa" em doze quadros. Apresentaram-se Carlos Ostronoff, pianista e A. Matos, o cantor sentimento. No elenco: Antônio Spnia, Dalva Costa, Téo Gomes, Sílvio Rocha, Mery Williams, Luíza Gonçalves, Rosita de Lima, Pablo Scoane e outros (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 911. Varginha, 26 mar. 1942). 3) Companhia de Comédias e Atos Variados Marquise Branca, que se encontrava em turnê pelo Sul de Minas, "trazendo um elenco de primeira e um repertório magnífico, não só pela sua variedade como pelo número de peças que se compõe". A Companhia realizou três apresentações no Capitólio (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 942, p. 3. Varginha, 06 maio 1942). Marquise Branca, nome artístico de Albertina Brasileiro, foi atriz e vedete. Sua Companhia realizou turnês com espetáculos em países da América Latina. 4) Pavilhão-Teatro Tina Gonçalves, que estava em excursão pelo Sul de Minas. No elenco numeroso e composto exclusivamente de artistas de teatro, João Marques era um dos principais atores. O repertório era extenso e variado com peças escolhidas "com um profundo senso artístico e moral, razão porque tem sido o referido conjunto teatral apreciadíssimo, merecendo mesmo a acolhida carinhosa das autoridades dos municípios que têm visitado" (*O SUL-MINEIRO*. Varginha, 06 jun. 1942). 5) a cantora Odete Guedes acompanhada por De Fernandes. A aplaudida cantora era "elemento de invulgar prestígio no seio das rodas de destaque do "broadcasting" nacional, sambista realmente incomparável, não só pela sua voz agradável e cativante, como pela interpretação que sabe dar à música mais popular do Brasil – o samba, que consagrou Carmem Miranda na América do Norte". Ela se apresentava em festivais promovidos em várias radioemissoras e nos cassinos

do Rio de Janeiro, São Paulo e Poços de Caldas. "De Fernandes, também sobejamente conhecido como intérprete da música brasileira, à qual sabe dar o seu cunho de sentimentalismo próprio do temperamento tropical" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 988, p 1. Varginha, 30 jun. 1942). 6) A Companhia João Rios em temporada com peças modernas. Uma das peças apresentadas foi "Pertinho do céu". No elenco, além de João Rios, Carlos Hoilliot, Marieta Fild, Darcy de Souza e Áurea Velez. "No conjunto, a Cia. agrada, prende, encanta e faz a plateia vibrar num ambiente empolgante" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1015. Varginha, 23 jul. 1942). 7) um concerto da cantora Thaís D'Aita, artista gaúcha elogiada pela imprensa estrangeira como *El Pueblo*, do Uruguai e *La Prensa*, da Argentina. No Brasil, ela dava prosseguimento "à série triunfal de concertos culturais que vem fazendo por todo o país, com honrosas credenciais do Ministério da Educação". No repertório, canções dos mais notáveis compositores internacionais. O programa executado no Capitólio não foi divulgado pela imprensa, mas D'Aita costumava cantar canções de Stefano Donaudy, Franz Schubert, Frédéric Chopin, Camille Saint-Saëns e Gabriele Sibella, e dos compositores gaúchos Luiz Cosme, Araújo Viana e Assuero Galitano. Ela ofereceu parte da renda do seu espetáculo para a realização de melhorias no campo de aviação de Varginha (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1092, p. 2. Varginha, 31 out. 1942).

Em 1943, artistas do Circo Nova York apresentaram "dois brilhantes espetáculos em que alguns dos melhores artistas do seu elenco se exibiram para arrancar aplausos do auditório". Destacaram-se Pelado, centro do grupo, artista de grande merecimento, quer pela sua capacidade teatral, quer pela soma de trabalho que executa. [...] É um artista prodígio no sério, no jocoso-sério e no cômico". Outros destaques foram a menina Dina Aldabó e um menino de três anos, que contracenava com Pelado (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1328, p. 3. Varginha, 18 jul. 1943). A direção do circo era de Augusto Filho. Foram realizados espetáculos em sessenta noites consecutivas. Dentre

as peças encenadas, a imprensa ressaltou os números do teatro de variedades e a peça "O segredo da confissão", humaníssimo drama interpretado pela dupla Pelado e Fidélis, considerados os reis do riso, mas que na interpretação de dois padres católicos conseguiu arrancar lágrimas da plateia. O espetáculo de variedades foi magnífico e "alcançou novo e ruidoso sucesso". O Capitólio teve a lotação esgotada (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1301, p. 3. Varginha, 17 jul. 1943).

Ainda em 1943, houve a apresentação da Companhia Nair Ferreira de Comédias e Revistas, dirigida pelo ator Olindo Dias, que estava "em turnê pelo interior com um elenco notável de vinte artistas de primeira grandeza, figurando em destaque os Aymorés e suas "girls". A peça de estreia, "E o amor venceu", de Paulo Magalhães, e a revista em doze quadros, "A prisioneira de Hong-Kong", constituíram um espetáculo de rara beleza e que encantou a seleta plateia" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1317, p. 3. Varginha, 06 ago. 1943). A Associação das Damas da Caridade da Sociedade de São Vicente de Paulo promoveu o Festival de Arte. No palco, um grupo de meninas e senhoritas apresentaram um grande ato de variedades com bailados, canções, sambas, esquetes e, nos intervalos, números interessantes de surpresas. O senhor Flodoaldo Rodrigues, presidente da Associação Beneficente Operária de Varginha, ofereceu os préstimos da Associação na divulgação do evento e na distribuição de ingressos entre os seus membros, e emprestou os cenários para a representação. Esses cenários pertenciam ao grêmio de amadores da Associação Operária e, na ocasião, eram da Sociedade Recreativa Democrática, recentemente fundada em Varginha. Os ingressos para o Festival foram vendidos a Cr$ 3,00 (três cruzeiros) para o público em geral e a Cr$ 2,00 (dois cruzeiros) para os estudantes. A nota no jornal finaliza: "os pobres envergonhados das Damas Vicentinas, nos seus humildes tugúrios, abençoarão os auxílios a mais que receberão com a renda líquida do Festival beneficente" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1. Varginha, 11 set. 1943). O Festival foi organizado pelas senhoras

Palmira Fiúza, Apolônia Ferreira e Dinorah Brandão. Nos números executados, apresentaram-se as "graciosas senhoritas": Alina, Terezinha, Oneida, Aidyl, Léa, Edméia Rosa, Inês, Antonieta, Denuza, Lenisse, Raquel e as irmãs Afra, Alixa, Leurisse e Ilma. Nos intervalos, Ismênia Azevedo, "a nossa muito querida e admirável "voz morena", com Dayse Braga, apresentaram números encantadores. O Compadre Salomão apresentou números cômicos. José Maria, jovem tenor varginhense, cantou em homenagem às autoridades. Números de magia e ilusionismo foram executados pelo Zezé da B-2. A Orquestra de Carlos Zink foi "chefiada" por dona Dinorah Brandão. Borges, o homem do barulho ritmado, alegrou o ambiente com a sua bateria. "Um espetáculo genuinamente varginhense! Uma noite maravilhosa para os cinco sentidos!" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1357, p. 3. Varginha, 22 set. 1943). O *Arauto do Sul* (ed. nº 1346, p. 3. Varginha, 19 set. 1943) publicou uma breve nota sobre o Festival.

Em 1945, apresentou-se a "conhecida e aplaudida" dupla de artistas Gino Caballero e Rondinelli, "ambos conhecidos em todo o país pela sua admirável atuação nos meios artísticos e teatrais". Caballero era cantor de canções, tangos e músicas argentinas e mexicanas, considerado unanimemente pela imprensa um cantor de elite, um dos nossos mais completos cantores, aplaudido por todas as plateias. Segundo o *Correio da Manhã*, ele era "elemento de destaque do nosso broadcasting" (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 17.658, p. 11. Rio de Janeiro, 07 out. 1950). Rondinelli era um "inimitável líder dos programas de piadas, anedotas e paródias das Rádios Tupi e Difusora de São Paulo". Eles apresentaram um programa variado e ameno para o público varginhense (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1898. Varginha, 26 jul. 1945; ibidem, ed. nº 1901, Varginha, 29 jul. 1945; ibidem, ed. nº 1902, p. 3. Varginha, 31 jul. 1945).

Em 1946, após longo período sem encenação de peças, apresentou-se a Companhia Miramar de Teatro. Houve, no entanto, grande decepção do público em relação ao espetáculo. Segundo o jornal *O Sul-Mineiro*, a companhia era formada por um

elenco fraquíssimo, faltava "a seus intérpretes espontaneidade e trato com a ribalta" e, além disso, foram cobrados preços exorbitantes pelos ingressos. A finalidade do grupo parecia ser "não fazer teatro" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 1348, p. 1. Varginha, 11 abr. 1946).

Em 1950, apresentou-se a cantora Emilinha Borba (1923-2005), cantora de sambas, marchinhas de carnaval, choros e boleros com álbuns gravados pelas grandes gravadoras Columbia, Odeon, Continental, RCA Victor, dentre outras. Na década de 1940, ela era a maior estrela da Rádio Nacional e a Rainha do Rádio, assim, seu espetáculo em Varginha foi um dos grandes acontecimentos culturais locais da época.

Em outubro de 1952, o ator Procópio Ferreira apresentou-se no Capitólio em dois espetáculos. Nota publicada no *Correio do Sul* dizia: "Na sua triunfal excursão pelo interior de Minas, quis o notável artista patrício distinguir Varginha com a apresentação da sua companhia teatral [...] Procópio Ferreira, ídolo do público carioca e paulista, dispensa qualquer apresentação, pois cremos não haver um só brasileiro que não o conheça, quer pela ventura de já o ter aplaudido no palco, quer através da crítica teatral, da imprensa, que, sem restrição e muito merecidamente, já o colocou no apogeu da glória, na culminância a que pode aspirar um artista. / Assim, não percamos a oportunidade de aplaudi-lo, demonstrando-lhe toda a nossa simpatia e apreço, pois isto, além de um dever que se cumpre com prazer, terá a significação de reconhecimento pela visita que nos faz um dos maiores artistas brasileiros da atualidade, que ele o é, indiscutivelmente" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 724, p. 1. Varginha, 05 out. 1952).

João Álvaro de Jesus Quental Ferreira (1898-1979), conhecido como Procópio Ferreira, é um dos grandes nomes do teatro brasileiro. Ele foi ator, diretor de teatro e dramaturgo. A Companhia Procópio Ferreira, dirigida por ele, esteve em atividade no período entre 1924 e 1979. Por tudo que Procópio Ferreira significa para a arte

Da esq. p/ direita: ex-prefeito José Braga Jordão, a cantora Emilinha Borba, Silas Sampaio, Ezequiel Labre Júnior, Benedito Salvino, Evaldo, João Batista e Moacyr Martins. Dedicatória: "Para meu grande colega Jordão, uma recordação sincera da Emilinha Borba. 31.3.1950".

de representar no País, a apresentação de sua Companhia no Theatro Capitólio de Varginha é um fato da história do teatro no Brasil.

Em 1953, foi encenada a peça "Toma, que o filho é teu", com a Companhia João Rios (Companhia de Comédias) do ator de mesmo nome. "Com uma casa superlotada, a Cia. João Rios fez a sua estreia na 3ª. feira, agradando plenamente a distinta plateia, que não regatou os seus aplausos, traduzidos em frenéticas palmas ao fim de cada ato. [...] Tanto na comédia como no ato variado, os artistas se mostraram dignos do renome que a Cia. João Rios desfruta em todo o Sul de Minas e confirmaram plenamente as palavras constantes do seu reclame: "Cia. João Rios, a maior e melhor que percorre o interior do Brasil". / Todos os artistas mereceram os aplausos recebidos e, sem diminuir o valor dos demais, citaremos a sogra da comédia, Malagueta, e a cantora chilena, que agradaram em cheio pela naturalidade com que desempenharam os seus papeis" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 796. Varginha, 18 jun. 1953). É curioso que João Rios tenha escolhido essa peça para apresentação em Varginha, pois, em 1953, o sucesso da Companhia nos teatros do Rio de Janeiro foi a comédia "O homem dos requerimentos", com texto do ator. A tradicional Companhia Teatral João Rios estava em atividade desde a década de 1930. No início da década, o ator atuava em burletas no Rio de Janeiro, integrava o conjunto regional brasileiro Jararaca (Calazans) / Ratinho (Rangel), cantando músicas populares e fez sucesso com o espetáculo Caipiradas. Ele atuou em O dote, de Arthur Azevedo, pela Companhia Margarida Sper (*CORREIO DA MANHÃ*. Edições variadas, 1930-1933. Rio de Janeiro).

Em fevereiro de 1954, a Companhia de Teatro Procópio Ferreira regressa a Varginha com a peça "Essa mulher é minha", comédia em três atos, de Raimundo Magalhães Júnior (1907-1981), autor de comédias de costumes que fizeram muito sucesso entre as décadas de 1930 e 1950. Foram quatro encenações. O personagem interpretado por Procópio Ferreira era João Gangorra. A peça estreou, em 1950, no

Procópio Ferreira, 1932.
Foto: Arquivo Nacional

Teatro Serrador, no Rio de Janeiro onde foi encenada mais de duzentas vezes na temporada 1950-1951.

A peça Essa mulher é minha é ambientada em uma cidade do interior brasileiro em que duas solteironas reclamam do padre por não ter conseguido hospedar o bispo em sua residência. Segundo o padre, o motivo foi que o irmão mais novo delas tinha uma amante. Ele traça um plano conciliador, para evitar as represálias familiares. Assim, João Gangorra, gerente de seu açougue, deverá se casar com a amante, para facilitar os encontros tidos como ilícitos, o que acontece, mas, por um golpe do destino, o casal se apaixona, o que frustra a intenção pretendida.

Os jornais pesquisados não revelaram os nomes dos demais atores do elenco. No Rio de Janeiro, além de Procópio Ferreira, o elenco era formado por Ada Camargo, Wanda Pinheiro, Aquilino Barreiros, Hamilta Rodrigues e Carlos Couto (substituído por Rubem Gill nas últimas apresentações). A atriz Hamilta Rodrigues foi esposa de Procópio Ferreira.

A vinda da Companhia a Varginha foi noticiada com antecedência e grande expectativa pelo *Correio do Sul*:

"Procópio Ferreira em Varginha. Procópio Ferreira dará, nesta cidade, no Teatro Capitólio uma série de 4 espetáculos. / A sua estreia está marcada para o dia 16 deste mês [fevereiro de 1954], terça-feira, com a peça de grande cartaz **Essa mulher é minha**. / Julgamos ocioso e desnecessário encarecer o valor de Procópio Ferreira, o famoso comediante que nos visitará em breve, pois Varginha o conhece bem e já o aplaudiu nos palcos do Rio e S. Paulo e também através da crítica da imprensa, que o considera uma figura exponencial do teatro nacional. / E tão conhecido e apreciado é Procópio Ferreira, que os seus espetáculos nos palcos dos grandes centros se assinalam por ininterruptas enchentes e aclamações ao seu nome e ao seu trabalho. / Procópio Ferreira é um artista consagrado e como tal Varginha saberá recebê-lo condignamente, proporcionando

enchentes consecutivas nos seus 4 únicos espetáculos e aplaudindo-o à altura do seu grande e merecido mérito. / Esta expectativa otimista já se vem confirmando pela grande procura de ingressos, sendo digna de menção a reserva de ingressos já solicitada por numerosas pessoas de cidades vizinhas, ávidas de conhecer ou de rever o grande artista que é Procópio Ferreira" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 863. Varginha, 11 fev. 1954).

Três dias depois, a edição seguinte de o *Correio do Sul* trouxe outra nota: "Procópio Ferreira em Varginha. Continua despertando o mais vivo interesse a próxima temporada teatral da Cia. Procópio Ferreira, cuja estreia está marcada para depois d'amanhã, terça-feira, no Teatro Capitólio. / Realmente, há motivos plenamente justificativo [sic] [justificados] desse movimento de ansiedade e simpatia em tornos [sic] de Procópio Ferreira e sua grande companhia, pois raras são as cidades do interior que conseguem o privilégio [de] apreciar e aplaudir o grande e famoso comediante, o ídolo das plateias cultas das capitais do Brasil. / Estamos certos de que Varginha saberá recepcionar Procópio Ferreira e sua grande companhia, condignamente, levando-lhes os seus aplausos calorosos como homenagem de admiração ao artista que tão alto tem elevado o renome do teatro nacional e esta nossa expectativa se baseia na enorme procura de ingressos para os 4 únicos espetáculos desta temporada. / Aproveitando o ensejo desta notícia, é justo que felicitemos o Sr. Aristides Prince, proprietário do Teatro Capitólio, por esta feliz iniciativa, que é uma ótima contribuição para o desenvolvimento artístico e cultural de Varginha" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 864. Varginha, 14 fev. 1954).

Curiosamente, o *Correio do Sul* não publicou notas sobre a apreciação do espetáculo pelo público. Essas notas foram dadas pelos jornais *Correio da Manhã* e *Diário Carioca*, ambos do Rio de Janeiro, por meio de correspondentes em Varginha:

"PROCÓPIO EM VARGINHA. Varginha, Minas, 27 (Do correspondente) – De

passagem por esta cidade, exibiu-se no Teatro Capitólio a Companhia Teatral de Procópio Ferreira. Foram quatro os espetáculos. Os artistas foram calorosamente aplaudidos, especialmente o diretor da companhia" (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 18.692, 1º Caderno, p. 11. Rio de Janeiro, 04 mar. 1954). E, no *Diário Carioca*: "Varginha (do correspondente) – De passagem por esta cidade, exibiu-se no Teatro Capitólio a Companhia Procópio Ferreira. Foram quatro espetáculos apenas, mas todos de alta representação, tendo os seus artistas sido calorosamente aplaudidos" (*DIÁRIO CARIOCA*. Edição nº 7.870, p. 6. Rio de Janeiro, 04 mar. 1954).

Ainda em 1954, apresentou-se em concerto o pianista Arnaldo Marchesotti: "A plateia varginhense teve, mais uma vez, a grande satisfação de assistir o concerto de piano levado à cena pelo consagrado pianista brasileiro Arnaldo Marchesotti. Foi uma noite de gala para Varginha, na qual o rei do teclado marcou, mais uma vez, o seu valor artístico na execução de várias músicas do seu vasto repertório" (*DIÁRIO CARIOCA*. Edição nº 7.870, p. 6. Rio de Janeiro, 04 mar. 1954). Arnaldo Marchesotti (1916-1979) era natural de Como, Itália. Ficou cego aos dois anos de idade, como sequela da gripe espanhola. Ainda criança, seus pais decidiram imigrar para o Brasil devido ao regime ditatorial instalado por Mussolini. Estudou piano no Conservatório Mineiro de Música. Foi o primeiro pianista cego a diplomar-se no Brasil. Aos treze anos de idade, tocou na Rádio Educadora do Brasil, no Rio de Janeiro e em vários teatros brasileiros, sendo apresentado como um virtuose (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 10.837, p. 9. Rio de Janeiro, 24 abr. 1930; MARCHESOTTI, 2012). Em 1954, o *Diário Carioca* se referia à Varginha como a Princesa da Mantiqueira.

Em 1956, apresentou-se Angela Maria (1929-2018), cantora, compositora e atriz, uma das cantoras da era de ouro da Rádio Nacional. Conhecida pelo apelido de Sapoti, dado a ela por Getúlio Vargas, foi eleita Rainha do Rádio em 1954. Elis Regina e os grandes críticos da música nacional e internacional consideravam Angela Maria

como a maior voz do Brasil. Em 1956, ela lançou o álbum "Angela Maria Apresenta", pela Gravadora Copacabana. É provável que a cantora tenha cantado algumas músicas desse álbum no Capitólio.

Em 1957, apresentou-se o Grêmio Teatral Montanhez, com o palhaço Piolin na encenação da peça Becos da cidade, acompanhado de um grupo de artistas amadores. A renda do espetáculo foi destinada ao Natal das meninas do Instituto José Rezende Pinto, antigo orfanato (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1219, p. 1. Varginha, 07 out. 1957). Entre 1926 e 1960, Piolin (Abelardo Pinto, 1897-1973) encenava farsas e comédias de picadeiro. Os modernistas da Semana de Arte de 1922 viram nele a expressão de uma autêntica brasilidade. Em 1926, Mário de Andrade, sob o pseudônimo de Pau d'Alho, elogiou o poder criador do palhaço no texto "Teatro-Circo do Brasil ao Far-West – Piolin", publicado no periódico modernista "Terra roxa... e outras terras" (edição nº 3, p. 2). Piolin foi mundialmente reconhecido e um expressivo representante da dramaturgia circense. No cinema, trabalhou com Anselmo Duarte, Tônia Carrero e Ziembinsk no filme Tico-Tico no fubá (1952), da Vera Cruz. Quando se apresentou em Varginha, Piolin estava no final de sua carreira.

Em [196-? e 197-?], apresentou-se o cantor Sílvio Brito, de Três Pontas, com o conjunto Os Apaches.

Em 1965, em noite de gala, foi encenada a peça "Os inimigos não mandam flores", de Pedro Bloch, com Wanda Kosmo e Rildo Gonçalves. Na época, Wanda Kosmo era considerada "famosa atriz das telenovelas", tendo trabalhado em "Se o mar contasse" e "Gutierritos, o drama dos humildes", da TV Tupi Canal 4 e esteve na cidade "numa nímia gentileza a Varginha". O espetáculo teve o patrocínio exclusivo de A Doméstica (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.912, p. 1. Varginha, 22 ago. 1965). Wanda Kosmo (1930-2007), natural de Santa Rita do Sapucaí (MG), foi escritora, atriz e diretora de televisão e de cinema. Em 1963, ela recebeu o Troféu Roquette Pinto como

melhor produtora teatral.

Em 1983, nos dias 29 e 30 de julho, às 21:00h, foi encenada a peça Agnes de Deus, de John Pielmeier, traduzida por Walderez de Barros e Jorge Takla. No elenco, Cleyde Yaconis (madre superiora), Walderez de Barros (Marta, a psicóloga) e Selma Egrei, a consagrada atriz dos filmes de Walter Hugo Khouri, como Agnes. "O espetáculo, marcado pela presença dessas três grandes atrizes da cena brasileira, encerra, aqui, em Varginha, a sua temporada de grande sucesso. / A expectativa em torno de tal acontecimento é de que um grande público irá comparecer a esse ato cultural e artístico". O preço do ingresso foi de Cr$ 1.500,00 e Cr$ 1.000,00, para estudantes (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1549. Varginha, 27 jul. 1983; ibidem, ed. nº 1550, Varginha, 30 jul. 1983). Destacaram-se o cenário, os figurinos de Atílio Baschera, a direção e a performance técnica e profissional das atrizes brasileiras.

Em 1985, apresentou-se a Orquestra de Câmara do Conservatório Musical Carlos Gomes, de Campinas (SP), numa promoção da Fundação Cultural do Município de Varginha. O programa executado, dividido em duas partes, foi o seguinte: Parte I. Sibelius: Andante Festivo. Tomaso Albinoni: Sinfonia em Sol Maior. Allegro. Adágio. Allegro. Antônio Vivaldi: Concerto Grosso em Ré Menor para dois violinos, cello e orquestra de cordas: Allegro. Adágio. Allegro. Largo. Allegro. Os solistas foram André Sanches Nunes, Nicholas Dittrich Viggiano (violino) e Lara Ziggiatti Monteiro (cello). Carlos Gomes: Addio. Quem sabe? Conselhos, com a soprano Maria de Lourdes R. Martins. Parte II. Johann Sebastian Bach: Concerto em Dó Maior para três cravos e orquestra, com os solistas Clara Satoko Doho, Lara Ziggiatti Monteiro e Marco Tadeu Holler. Harald Genzmer: Sinfonieta. Moderato. Allegro Molto. Largo. Vivace. Regência de José Eduardo Gramani. Os participantes da Orquestra de Câmara foram: 1º violinos: Antônio Carlos Gomes. André Sanchez Nunes. Alexandre César H. Chagas. Dorothea Wrany. Daniel Adolfo Liepin. Eicke Bucholtz. 2º violinos: Dani Tsui. Evandro Ziggiatti

Monteiro. Eduardo Porfírio Gomes. Marcos Arancibia. Nichola Dittrich Viggiano. Otaviano Stedile. Violas: Aivars Kagis. Marcos Tadeu Holler. Maria de Lourdes R. Martins. Regina Albanez. Cellos: Lars Lünd. Lara Ziggiatti Monteiro. Marta de Mello Gomide. Márcia Maldonado. Cravo: Clara Satoko Doho. Baixo: Rogério Botter Maio (PROGRAMA DA ORQUESTRA DE CÂMARA DO CONSERVATÓRIO MUSICAL CARLOS GOMES. 26 out. 1985).

Em 1986, apresentaram-se: 1) os atores Eva Wilma e Carlos Zara, com a peça Quando o coração floresce, com texto de Alexei Arbuzov, traduzido por Maria Murray e direção de Paulo Autran, grande ator e diretor de teatro brasileiro. Ambos eram renomados atores de teatro, cinema e televisão. Além de ter sido encenada nos melhores teatros do Rio de Janeiro e de São Paulo, a peça percorreu todo o Brasil. 2) Dercy Gonçalves, atriz, comediante e cantora com o espetáculo Dercy 78, em comemoração aos 78 anos de idade da atriz, com a participação de Luiz Carlos Braga. A atriz contou a sua história de vida em quadros, história que se confunde com a do teatro brasileiro. 3) Orquestra Sinfônica de São João del-Rei (Sociedade de Concertos Sinfônicos de São João del-Rei) com seu canto coral, que, na ocasião, completava 56 anos de sua fundação. O espetáculo contou com 84 músicos na orquestra e 35 cantores no coral (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1779, p. 1. Varginha, 25 jan. 1986).

Em 1987, apresentaram-se: 1) "A noite dos miados" com elenco de artistas transformistas: Geórgia Bengston, Carlos Maia, Ciro Santos, Andrea Gasparelli e Norika Hainer. O espetáculo era um misto de teatro de revista com comédia satírica e mordaz. 2) espetáculo com o humorista Sérgio Rabello, "pai do novo humor brasileiro, oriundo da escola paulista que abriu uma brecha no tradicional panorama teatral carioca" (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1988, p. 1. Varginha, 03 abr. 1987; ibidem, ed. de 19 ago. 1987). O evento teatral desse ano foi a encenação da peça Direita, Volver! Comédia, de 1985, do dramaturgo Lauro César Muniz com direção de Emilio Di

Biase e os atores Mauro Mendonça e Rosa Maria Murtinho. Em entrevista ao programa Persona em foco da TV Cultura (2015), Lauro César Muniz disse: "Eu gosto muito dessa peça. Essa peça ficou um ano em cartaz no Teatro Paiol [de Curitiba]. Falava sobre uma realidade absolutamente atual, o que deixava o público perplexo: como é que é isso? Estão dando nomes aos bois, agora? Estão falando claramente sobre a política brasileira? A peça era sobre aquele momento [político] mesmo. É uma peça onde não tive muito cuidado com sutilezas, porque [na época] a gente vivia fazendo sutilezas, falando por entrelinhas, por causa da censura. Mas, ali, no Direita, volver! Eu falei com todas as letras. Mostrava o torturador [...] se encontrando com a vítima e sendo, depois, torturado por ela e pela personagem da Cleyde [Yaconis]. Era, realmente um momento importante. Enfim, Direita, volver! Era uma retomada de liberdade, voltávamos a ter um esboço de liberdade no país e isso nos deixava respirando mais". Na entrevista, o dramaturgo se refere à censura imposta pela Ditadura Militar no período entre 1964 e 1985. A encenação dessa peça no Theatro Capitólio foi realizada nos primeiros anos após a redemocratização do país. Nesse ano, estava prevista a encenação da comédia A dona do bordel, com Vic Militello, atriz que ficou conhecida por sua atuação na novela Estúpido Cupido e outras novelas e minisséries da Rede Globo de Televisão. A apresentação foi cancelada.

Em 1988, apresentaram-se: 1) o renomado maestro e pianista Artur Moreira Lima, no Recital Chopin. O pianista, laureado internacionalmente e grande intérprete de compositores românticos como Chopin e Liszt, e da música popular brasileira, veio a Varginha numa produção conjunta da Sociedade Educacional Cultural e Artística de Varginha – SECAV e da Escola de Música Lorenzo Fernândez, sendo o recital realizado em comemoração aos vinte anos da fundação dessa escola. 2) Trio Brasileiro (SP), com Gilberto Tinetti (piano), Erich Lehninger (violino) e Watson Clis (violoncelo). 3) Recital a Quatro Mãos com os pianistas Flávio Augusto e Paulo de Tarso. 4) Recital de

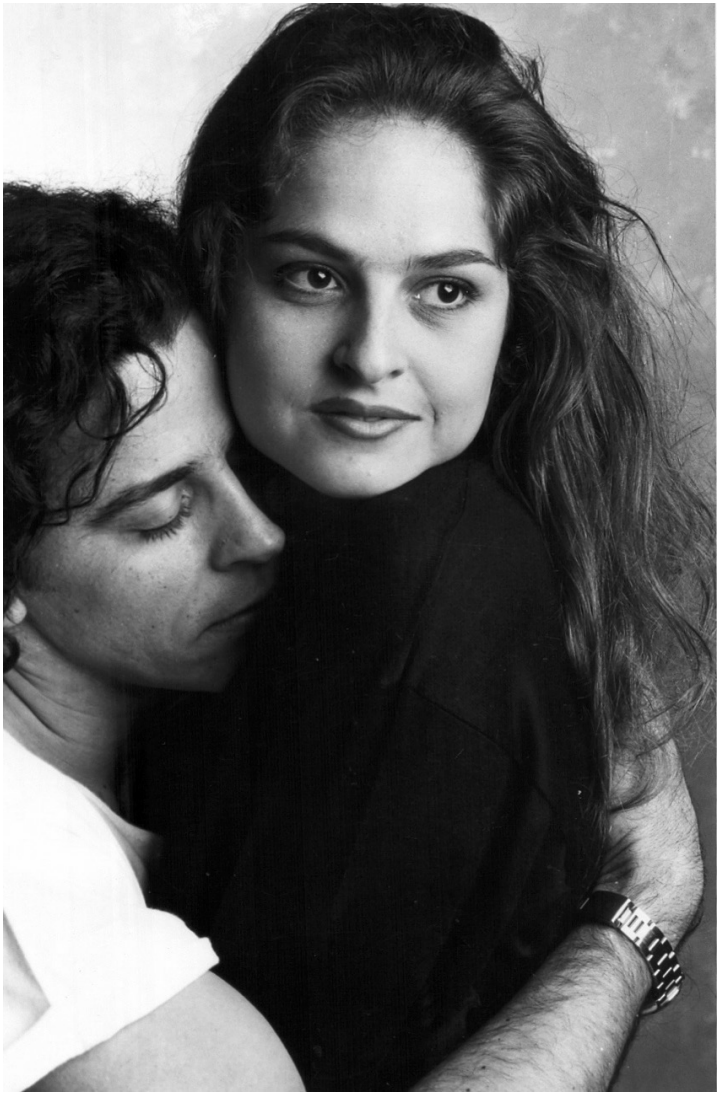
Jorge Dória, na peça A presidenta, 1989

piano com os alunos da Escola de Música Lorenzo Fernândez, premiados no Concurso Nacional de Piano Edino Krieger, em Brusque, Santa Catarina.

Em dezembro de 1989, apresentaram-se: 1) a peça A presidenta, de Bricaire e Lasaygues, com direção de José Renato, e Jorge Dória como protagonista. A peça havia estreado no ano anterior, no Teatro Vannucci, no Rio de Janeiro. 2) a peça A rainha do lar, protagonizada por Elizângela, atriz, cantora, produtora e apresentadora conhecida por atuar em dezenas de telenovelas da Rede Globo de Televisão. 3) espetáculo com música peruana e latino-americana com o Grupo Folclórico, Banda e Coral Aurélio, com Elvira Gomes, pianista acompanhadora.

Ainda na década de 1980, a Academia de Dança Marlene Paiva (local) participou do I Festival de Dança de Varginha – Fest-Dança. Marlene Rodrigues Paiva, diretora da escola, era a coordenadora geral desse evento promovido pela Fundação Cultural do Município com o apoio do jornal *Correio do Sul*. De São Paulo, participaram os seguintes grupos: Ballet Metropolitano de São Paulo, sob a direção de Luisela de Maria, Grupo de Dança Ismael Guiser, com números clássicos e contemporâneos, sob a direção de Ismael Guiser e Yoko Okada, e Grupo Uirapuru, do Ballet Ilara Lopes, sob a direção de Ilara Lopes, com o espetáculo *El amor brujo*, com 27 bailarinos, músicas de Pugni (Grand Pas de Quatre) e Manuel de Falla (*El amor brujo*). De Belo Horizonte, participou o grupo Compasso Cia. De Dança com direção geral de Maria Vitória Alvim e Lúcia Vieira, direção artística de Eusébio Lobo e músicas de Debussy, Bach, Villa-Lobos e Egberto Gismonti. O Festival foi encerrado com a apresentação do grupo Marchina's Brasil Tap Dance com treze bailarinos no espetáculo *All That Jazz*, sob a direção geral de Marchina (*CORREIO DO SUL*. s.d. no exemplar pesquisado).

Em 1991, apresentaram-se: 1) espetáculo de humor com Chico Anysio (1931-2012), um dos mais importantes humoristas do teatro e da televisão brasileira do século XX, contratado durante décadas pela Rede Globo de Televisão. 2) Encontro de



Taumaturgo Ferreira e Drica Morais na peça Dores de Amores, 1991

O ator Rogério Cardoso (1937–2003) na peça Enfim, só... No final da encenação, ele comemorou no palco do Capitólio a centésima encenação, 1993

Maria Zilda Bethleim e David Pinheiro na peça Segundas intenções, 1995

Danças Amadoras. 3) Recital de piano com Flávio Augusto. 4) peça Dores de Amores, com texto de Léo Lama e direção de Roberto Lage, estrelada por Taumaturgo Ferreira e Drika Moraes.

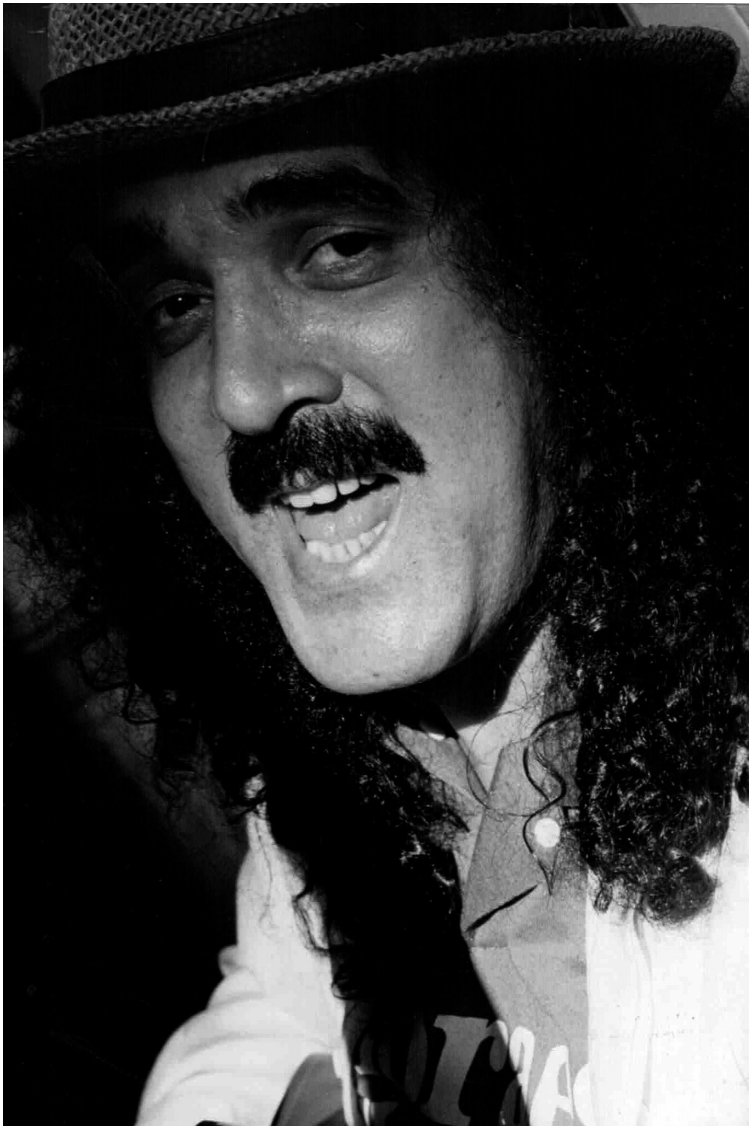
Em 1993, sem dúvida, o grande espetáculo realizado no Theatro Capitólio foi a ópera Madame Butterfly, de Giácomo Puccini (vide verbete Hercílio Batista Pinto, para descrição detalhada). Outros espetáculos realizados nesse ano: 1) Quem tem medo de Itália Fausta? De Miguel Magno e Ricardo de Almeida, com Maurício Canguçu Pereira e Ílvio Amaral, comédia de costumes, com o vaudeville, o melodrama e o teatro de revista. 2) Duas apresentações do Espetáculo Enfim, só..., uma mescla de musicais, casos e piadas, com Rogério Cardoso, que comemorou no palco, em Varginha, a centésima apresentação. 3) peça dramática Dois perdidos numa noite suja, de Plínio Marcos, com Marco Ricca e o ator varginhense Petrônio Gontijo, sob a direção de Emílio Di Biasi. 4) comédia Caiu um homem em minha cama, com David Cardoso e Raymundo de Souza. 5) cantor Paulinho Pedra Azul com o espetáculo Magia e Voz. 6) peça infantil O pica-pau peralta, com Milton Merluzi e Eli Branco, com um a companhia de teatro de São Paulo. 7) comediante Juca Chaves com o espetáculo Vergonha. 8) Espetáculo Contradança, com o cantor Belchior, com músicas do disco de mesmo nome lançado em 1991. A lotação do teatro foi de 854 espectadores. 9) Baden Powell em Concerto, com Baden Powell. 10) peça Nove e meia semanas de amor, com Paolla Bettega e Vitor Branco. 11) Orquestra de Violões do Conservatório Estadual de Pouso Alegre. 12) Conjunto de Flauta Transversal de Pouso Alegre. 13) Recital de Piano e Canto com o barítono Francisco Campos Neto.

Em 1994, foram realizadas as apresentações: 1) Orquestra de Metais do Conservatório Estadual de Música, pelo Projeto Quintas Artísticas, em comemoração da denominação e inauguração do Foyer Aurélia Rubião. Estavam presentes os prefeitos do 37º Encontro de Prefeitos das Cidades-Polos de Minas Gerais. 2) Ballet Folclórico

Brasileiro do Grupo Batista de Belo Horizonte. 3) Recital Coral Lírico de Minas Gerais, da Fundação Clóvis Salgado, sob a regência do maestro Mário Miranda Pontes. Em janeiro de 2019, esse coral recebeu o título de Patrimônio Histórico e Cultural do Estado. 4) *La Traviata*, ópera de Guiseppe Verdi, com o tenor Francisco Campos Neto acompanhado pela solista Maria Tereza Gonzaga e elenco do Teatro de Ópera do Rio de Janeiro. 5) espetáculo A voz e o talento de Taiguara, com o cantor Taiguara. 6) pelo Projeto Quintas Artísticas os espetáculos: Dança Subway, com o Grupo de Dança Fruto da Terra, de Três Corações; Noite do Chorinho com o Grupo de Solistas de Eneias Nascimento, de Lambari; Duos de Piano e Violoncelo, com Marco Antônio Alcântara Domingues, Alexandre Diel e Milene Alivert, de São Paulo. 7) peça infantil O gato de botas, com o grupo de teatro Sia Santa, de Campinas. 8) peças infantis O cachorrinho sem dono e Hello Boy, com a Cia. Teatral TEXC, de Araraquara (SP). 9) espetáculo Trem de doido, com o humorista Pedro Bismarck. 10) espetáculo Baihuno, com o cantor Belchior, com músicas do álbum do mesmo nome, lançado em 1993. 11) espetáculo com o cantor Flávio Venturini, cantor, compositor e pianista, revelado pelo Movimento Clube da Esquina. 12) espetáculo "Muito romântico" e "O que der na cabeça", com o cantor Oswaldo Montenegro. 13) espetáculo Danças folclóricas do Brasil, com o Grupo Folclórico Batista, de Belo Horizonte. 14) comédia O analista de Bagé: a terapia do riso, com Cláudio Cunha e Melissa Mell. 15) comédia Confissões de adolescente, de Maria Mariana, com Ingrid Guimarães e Ana Kutner. 16) espetáculo Concerto desconcertante, com o humorista Sérgio Rabelo, do Rio de Janeiro. 17) espetáculo Dercy 87, com a atriz, cantora e comediante Dercy Gonçalves, em comemoração aos 87 anos de vida da artista. 18) entre 24 e 28 de outubro foi realizada a Semana do Violão com vários espetáculos: Recital de violão clássico com Vital Amorim, de Curitiba (PR); Noite do chorinho, como Grupo de Solistas de Eneias Nascimento, de Lambari; Recital de violão e alaúde, com Nicolas de Souza Barros, do Rio de Janeiro; Quarteto de Cordas da

Universidade Federal de Minas Gerais, com Kristoff Silva e outros, de Belo Horizonte; Recital de violão clássico, com Vital Amorim, de Curitiba (PR). 19) Orquestra Sul de Minas com espetáculo em homenagem a Renato Fioravanti. 20) Orquestra de Metais com o espetáculo Anos Dourados.

Em 1995, foram apresentados: 1) a comédia Segundas intenções, com Maria Zilda Bethlem e David Pinheiro, com texto de Barry Creyton e direção de José Renato. 2) a peça Causos e Canções: o pedido, com Nelson Xavier e Via Negromonte. 3) o lançamento do Projeto Cinema Itinerante do Banco Nacional, cujo objetivo era divulgar a arte cinematográfica brasileira. Foram exibidos os filmes O menino maluquinho, o filme, de Ziraldo e Sábado, filme de 1995, escrito e dirigido por Ugo Giorgetti, estrelado por Maria Padilha, Giulia Gam e Jô Soares. A renda da sessão noturna foi destinada à Fundação Varginhense de Assistência aos Excepcionais – FUVAE (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 7063. Varginha, 17 nov. 1995). 4) Recital de Gala de Canto Lírico e Piano com o barítono Francisco Campos Neto e a pianista Maria Tereza Gonzaga. Campos Neto obteve o primeiro lugar nos testes para atuar na ópera Evita, no papel de Perón, quando concorreu com dois mil candidatos de quase toda a América Latina (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 7090. Varginha, 28 dez. 1995). 5) Espetáculo Quarenta, de músicas com Paulinho Pedra Azul e lançamento do *Compact Disc* (Velas/Clave de Lua) e autógrafos. 6) Espetáculo musical Entre amigos, com Renato Teixeira. 7) Nelson Freire, pianista de Boa Esperança de renome internacional, no Concerto de Gala com Nelson Freire. Eudóxia de Barros executou Malagueña da Suíte Espanhola, Beethoven e Chopin, além dos compositores brasileiros Camargo Guarnieri, Osvaldo Lacerda e Ernesto Nazareth (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 7036. Varginha, 04 out. 1995). 8) espetáculo com Flávio Venturini. No repertório, música popular brasileira e rock. 9) peça infantil O rei leão e o pato presidente, com a Troupe Teatral Paulistana, de São Paulo. 10) espetáculo Trem de doido, com o humorista Pedro Bismarck. 11) espetáculo Lobão...O



Moraes Moreira. Show O Brasil Tem Concerto, 1996

outro lado, com o cantor, músico e compositor Lobão (João Luiz Woerdenbag Filho). 11) espetáculo infantil O mágico trapalhão e Em busca do riso, com Alberto Gaus, de São Paulo. 12) peça infantil Emília, a boneca sapeca, com o Grupo Menos-Pausa Cultural, do Rio de Janeiro. 13) A história da Caixa – Teatro de Marionetes, da Caixa Econômica Federal, de Juiz de Fora. 14) 19º Festival da Canção Cristã, da Pastoral da Comunicação, evento interestadual, realizado com público de 2.400 espectadores. 15) peça infantil Pinóquio e o sonho de ser menino, com o Grupo Gang da Cidade, do Rio de Janeiro. 15) espetáculo Entre Amigos, com o cantor Renato Teixeira. 16) Sala de visitas, espetáculo de filosofia espírita, com o Grupo Teatral Art-Vida, de Juiz de Fora. 17) peças infantis Cinderela e Era uma vez Bela Adormecida, com o Grupo Gang da Cidade, do Rio de Janeiro. 18) O santo milagroso, peça de Lauro César Muniz, com o Grupo de Teatro de Cambuí. 19) Encontro Nacional de Dança, que teve como propósito promover a integração entre as cidades por meio da música e da dança como forma de confraternização. O Encontro contou com a participação dos seguintes grupos: de Varginha: Ballet Marlene Rodrigues Paiva (Varginha), Estúdio Corpo de Dança e Grupo *Street Boys*; Grupo Independente Alex Cia. De Danças, de Uberlândia; Grupo de Dança Fruto da Terra, de Três Corações; Jazz Dance Grupo de Danças, de Belo Horizonte; Academia Hoxy, de Contagem; Escola Júnior Companhia de Danças, de Contagem; Jazz e Companhia, de Juiz de Fora; e Corpus Academia, de São João da Boa Vista (SP) (*CORREIO DO SUL.* Edição nº 7042. Varginha, 12 out. 1995).

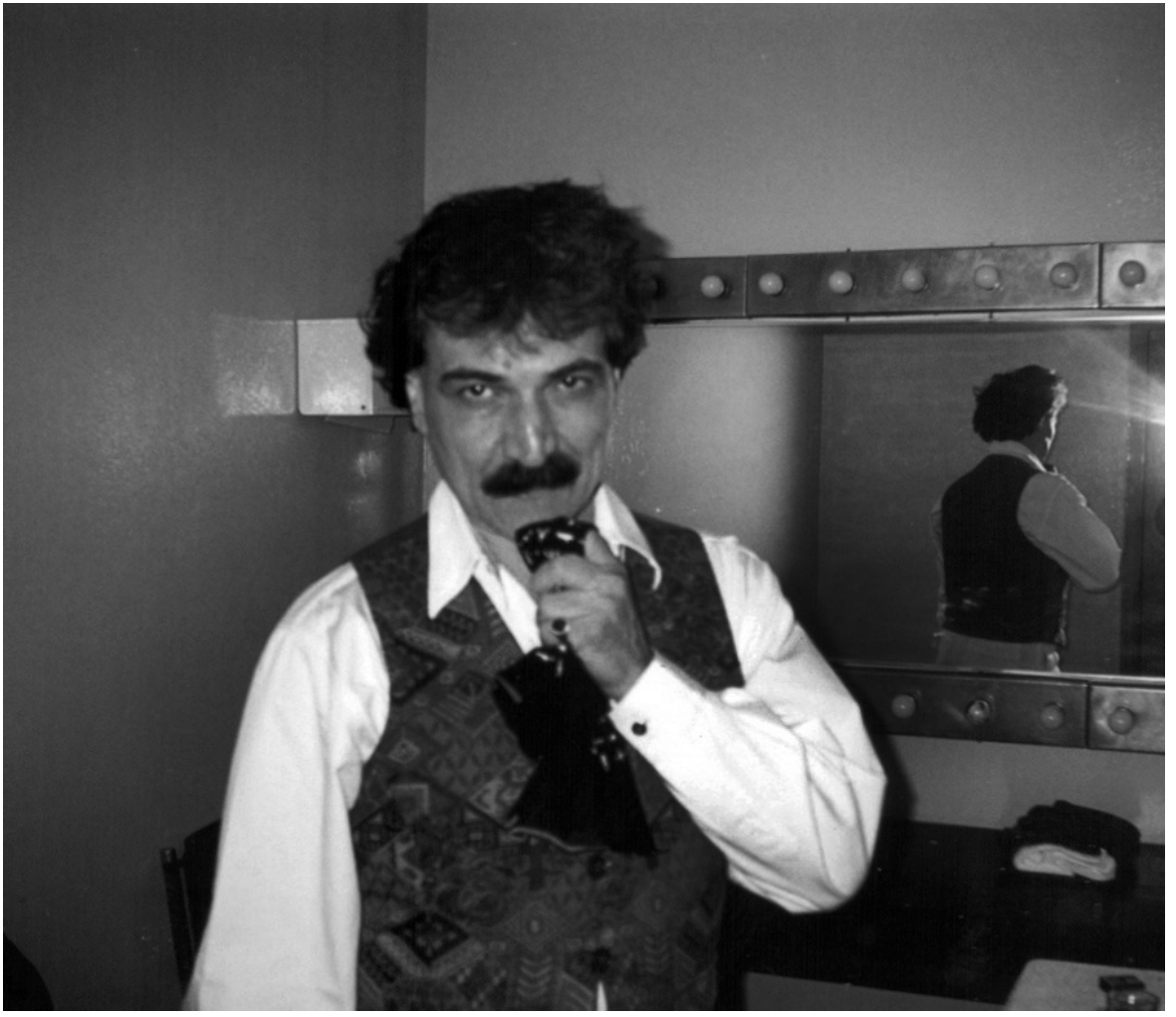
Em 1996, apresentaram-se: 1) Coral da Escola Federal de Engenharia de Itajubá, com um espetáculo em homenagem aos sessenta anos da fundação da Rádio Nacional. Do repertório constaram músicas que marcaram os tempos áureos da Rádio Nacional com sucessos como Lata d'água, de Candeias Jota Jr., e marchinhas de Carnaval (*CORREIO DO SUL*. Caderno Locais. Varginha, 23, 23 e 24 jun. 1996). 2) Laços eternos, baseado no livro espírita de mesmo nome, de Zíbia M. Gaspareto, com texto adaptado

por Annamaria Dias e os atores Maria Clara Fernandes, Paulo Wolf e Fernanda Guerra. 3) O espetáculo Mais...Batista, com o ator e comediante Eliezer Motta, conhecido dos humorísticos da Rede Globo de Televisão em que contracena com Jô Soares, em vários quadros como o sacristão Batista e o homossexual Norma Suely em O Capitão Gay. 4) Trair e coçar, é só começar, comédia do ator Marcos Caruso, estrelada em Varginha com Iara Jamra, Annamaria Dias e Roberto Pirillo, sucesso de centenas de apresentações por todo o Brasil. 5) peça infantil O coelho engenheiro, da Companhia de Teatro Sia Santa, de Campina (SP), produção musical para crianças entre quatro e dez anos de idade. Texto de Jurandyr Pereira, com adaptação e direção de Crispim Júnior. 6) Moraes Moreira, cantor e compositor, com o espetáculo O Brasil tem conserto, com músicas do álbum de *compact disc* de mesmo nome lançado em 1994. 7) As grandes óperas – Árias, com Patrízia Morandini, soprano mineira radicada na Itália. Recital lírico em comemoração aos 69 anos da inauguração do Capitólio, com o barítono Francisco Campos Neto, professor de canto e arte lírica no Departamento de Música da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, e a pianista varginhense Elvira Gomes de Carvalho Pinto. 8) comediante Ary Toledo com o espetáculo Ary Toledo em Prosa e Verso. 9) Para não dizer que não falei das flores, espetáculo com o Grupo Teatral Attos Teatral, de Belo Horizonte. 10) peça infantil Branca de Neve e os Sete Anões, com o Grupo Teatral Tem Que Dar Certo, do Rio de Janeiro. 11) peça infantil A pequena sereia, com o Grupo Teatral d'Artes, do Rio de Janeiro. 12) Um espírito baixou em mim, comédia com Vitor Branco, Carlos Denoni, Simone Fortelli, Shane Morgan e Walter Carvalho, de São Paulo. 12) comédia Eu te amo mensalmente, com Cláudio Cunha e Melissa Mell, de São Paulo. 13) espetáculo Vergonha 2, com o comediante Juca Chaves. 14) peça infantil As aventuras de um rei leão, Cia. Teatral Rick e Kelly, de Jundiaí.

Em 1997, apresentaram-se: 1) peças infantis Os três porquinhos, O patinho feio

e A dama e o vagabundo, com a Cia. Teatral Rick e Kelly, de Jundiaí. 2) peça infantil A vaquinha Lelé com o Grupo Ponto de Partida, de Barbacena. 3) Os ciganos, com o Grupo Ponto de Partida, de Barbacena. 4) Concerto de Inverno Glória de Antonio Vivaldi, com a professora Norma Lúcia de Matos e alunos, de Lavras. 5) espetáculo João Bosco Especial, com o cantor e compositor João Bosco. 6) Concerto Instrumental de Música Popular Brasileira, com o Quinteto Os Cinco, de São Paulo. 7) espetáculo Zé Geraldo Acústico (José Geraldo Juste) com as músicas do cantor e compositor: Reciclagem, A poeira, o canto e você, Cidadão, e Senhorita, dentre outras.

Em 1998, foram encenadas as peças: 1) Violetas na janela, com conteúdo espírita baseado no livro de mesmo nome que teria sido escrito pelo espírito Patrícia e psicografado por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho. No elenco, Ana Rosa, Guilherme Correa, Arietha Correa e outros. A adaptação do texto para teatro é de Ana Rosa e a direção, dela com o ator Guilherme Correa. A peça ficou mais de vinte anos em cartaz. 2) As sereias da zona sul, com Rosi Campos e Cláudia Borioni, com direção de Miguel Falabella. O texto, de Miguel Falabella e Vicente Pereira, faz uma reflexão bem humorada sobre as várias fases da vida de duas mulheres. 3) De artista e louco, todo mundo tem um pouco, estrelado por Geórgia Gomide, com texto de Ronaldo Ciambroni e direção de Sandro Chain. 4) Bananas de Pijamas, peça infantil com a Cia. Black e Red, de São Paulo. O destaque para a apresentação musical ficou com a Orquestra de Câmara da Universidade Estadual Paulista – Unesp, criada em 1990. O repertório da Orquestra incluiu obras clássicas de câmara, desde o Barroco até o Século XX, e compositores brasileiros. 5) A bonequinha preta, de Alaíde Lisboa de Oliveira, pela Cia. Sonho e Drama, de Belo Horizonte, numa promoção da Fundação Cultural do Município de Varginha e da Fundação do Ensino e Pesquisa do Sul de Minas – FEPESMIG. 6) peças infantis O casamento da baratinha e Chapeuzinho Vermelho, com o Grupo Rick e Kelly, de São Paulo. 7) O Grupo Pinta e Borda, de Belo Horizonte, apresentou as peças

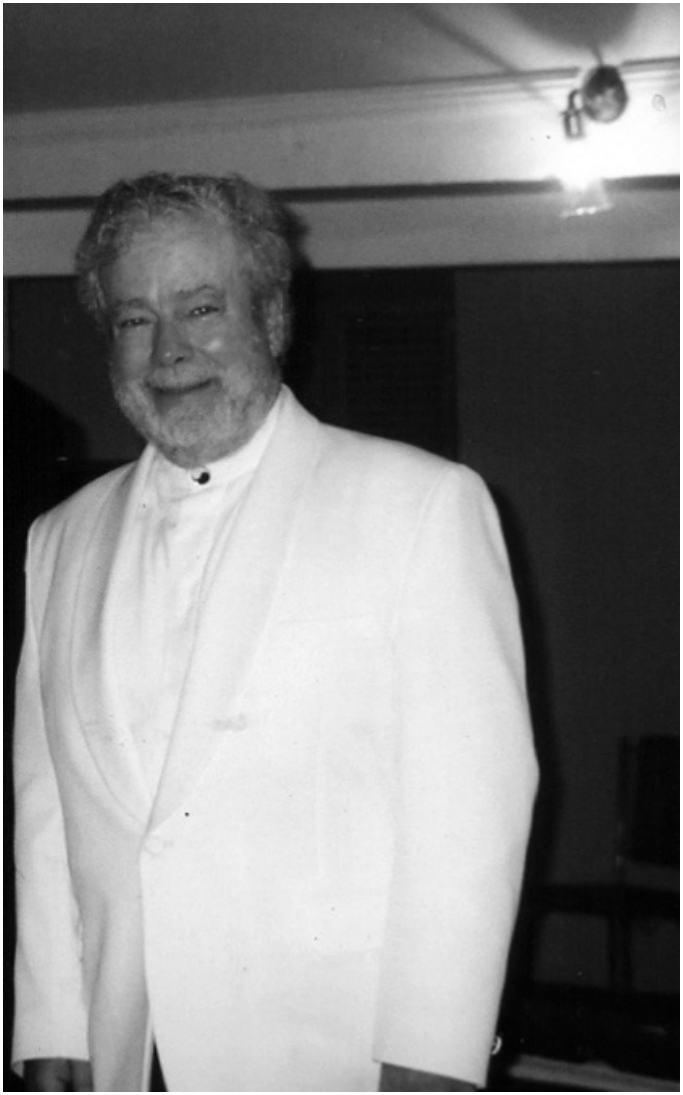


Belchior, show Vício Elegante, 1999

Memórias póstumas de Brás Cubas e peça infantil Os três porquinhos. 8) Na música, apresentaram-se Oswaldo Montenegro e Marcus Mirra com o espetáculo Léa e Bia.

Em 1999, foram apresentados: 1) espetáculo Vício elegante, com o cantor Belchior (Antônio Carlos Belchior). Vício elegante foi o último álbum de estúdio produzido pelo compositor (Paraíso/GPA Music – CD, 1996). 2) mímico Alberto Gaus, com os espetáculos O mágico trapalhão, Em busca do riso e Istrick e Nick, em que o ator faz mímica, pantomima e mágica. 3) a comediante Gorete Milagres com o espetáculo Ô, Coitado! Com a personagem Filomena, inspirado em um quadro de programa de humor protagonizado pela atriz no Sistema Brasileiro de Televisão – SBT. 4) peça O Zebuzeiro, com o Grupo Teatral de Cambuí. 5) Concerto de Gala de Piano, pelo Projeto Quintas Artísticas, com Naila Alvarenga, de Belo Horizonte. 6) Aristogatas: o musical, com a Cia. Aristogatas, do Rio de Janeiro. 7) Antologia poética: espetáculo teatral, com a Companhia Nós Mesmos, de Belo Horizonte. 8) espetáculo teatral infantil Chapeuzinho Vermelho e Confissões descaradas, com a Companhia Pinta e Borda, de Belo Horizonte.

No ano 2000, apresentaram-se: 1) Concerto de piano com Nelson Freire que, na ocasião, veio acompanhado por Pepita Rodrigues, atriz e amiga. Por iniciativa do pianista, a renda do espetáculo foi destinada à Santa Casa de Boa Esperança, sua terra natal. 2) Cia. Seráquê? Companhia mineira de dança, formada por artistas negros, com Quilombos urbano, um espetáculo que mescla a arte da dança com a música e com audiovisuais. 3) Espetáculo Travessia, pelo mineiro Grupo Ponto de Partida em encenação com elementos musicais e teatrais. O repertório é composto por canções consagradas da música popular brasileira dos compositores Chico Buarque, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Gonzaguinha, e também do clássico Villa-Lobos. 4) Grupo Giramundo de Teatro de Bonecos, com o Circo Teatro Maravilha, espetáculo criado nos anos 1980, como meio de sobrevivência para os jovens marionetistas do



Pianista Nelson Freire, Concerto de Gala, 2000

Giramundo. 5) Cia. Burlantins, com a opereta O homem que sabia Português, com música e libreto de Tim Rescala e direção de Chico Pelúcio. A peça conta a história de um dedicado e tímido professor de Português, por meio de música lírica e popular e da interpretação teatral. 6) E a vida continua..., peça de teatro baseada em um texto que teria sido psicografado por Chico Xavier, com adaptação de Cyrano Rosalém, direção de Renato Pietro, estrelado por Cristina Prochaska e Renato Pietro. 7) Orquestra Sinfônica de São Paulo, sob a direção do maestro Nazari Campos. 8) Espetáculo Meu filme, do álbum de mesmo nome, com o cantor e compositor Lô Borges, com a participação especial de Beto Lopes e Wilson Lopes. 9) Espetáculo de humor Você pensa que é bonito ser feio? Com o ator, humorista e apresentador Batoré (Ivanildo Gomes Nogueira). 10) Concerto de violão com Gilvan de Oliveira. 11) comediante Chico Anysio, com o espetáculo O fofo voltou, com texto de sua autoria, que estreou em Nova York e percorreu as principais capitais brasileiras. 12) espetáculo Dias de Paz, com o cantor e compositor Beto Guedes. 13) espetáculo de Música Popular Brasileira Linda Juventude, com o cantor Flávio Venturini. No repertório, uma homenagem à geração de ouro da música mineira com as canções Cais, Manoel, o audaz, Amor de índio, paisagem da janela, Nascente, Espanhola e Todo o azul do mar. 14) comédia musical infantil A bela Rapunzel, com a Companhia Snargel, do Rio de Janeiro. Texto e direção de Hélcio Gurgel. 15) Orquestra Sinfônica de São Paulo, gravação particular, com dez pessoas na plateia. 16) peça infantil A bela e a fera, com a Companhia Paulista Roma Produções, de Piracicaba. 17) espetáculos Seleção Brasileira de Poesias, pelo Projeto Literatura em Cena, e A mãe e a filha da mãe, comédia, com o Grupo Nós Mesmos, de Belo Horizonte. 17) Travessia, espetáculo com mistura de elementos teatrais e musicais, do Grupo Ponto de Partida, de Barbacena. O tema é a história de trabalho, luta e festas do povo brasileiro. 18) I Encontro Mineiro de Estudantes de Piano. Concerto de abertura com o pianista João Paulo Pereira. Na ocasião, apresentaram-se Marcelo

Grupo Ponto de Partida, Travessia, 2000

Parizzi, Isabelle Alves e João Gabriel Fonseca. 19) Recital de Piano com Paulo Gori, São Paulo. 20) Concerto de piano com Celina Szrvinsk e Eldah Drumond, de Varginha e Belo Horizonte. 21) Espetáculo "Público", do álbum de mesmo nome, da cantora Adriana Calcanhoto. O álbum foi lançado nesse ano e recebeu o Disco de Platina. Na plateia, 771 espectadores. 22) espetáculo com o cantor, compositor e instrumentista Almir Sater e Banda com Jackson Martins. 23) Show Acústico 20 Anos – Joanna, com a cantora Joanna – Performance Record. 24) espetáculo Chuva de risos com o mímico Alberto Gaus, de São Paulo. 25) Concerto de Gala com o pianista Luiz Gustavo Carvalho. 26) peça espírita Laços eternos, de Zíbia Milani Gasparetto com um grupo teatral de São Paulo. 27) peça O picadeiro da história, com a Cia. Preto no Branco, em uma promoção da cooperativa médica Unimed, do Rio de Janeiro. A peça, dividida em três partes – Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República, conta a história dos 500 anos do Brasil por meio das aventuras de três palhaços: Cuscuz, Mariola e Puxa-Puxa. O evento foi realizado em comemoração ao Dia da Criança. 28) peça Um pirata legal II, com Otávio Carvalho e a Cia. D'Gaspar, de Belo Horizonte. 29) Espetáculo Gospel com a Banda Katsbarnea, da Fundação Renascer, de São Paulo. 30) comédia "É", de Millor Fernandes, com Elizabeth Savalla, Élcio Romar e Stela Rabello. 31) comédia romântica A história de todos nós, com Oscar Magrini, Mara Carvalho, Maurício Agrella, Sérgio Mioni, Sônia Lima, Kátia Sassem, Janser Barreto e Camilo Átilla. Com a concepção e direção de Matilde Mastrangi, o texto faz uma reflexão sobre o universo feminino em que a mulher tem que tomar decisões sobre o casamento e a profissão.32) Brevidade, espetáculo de dança com o grupo Meia Ponta Cia. de Dança, de Belo Horizonte. A coreografia foi de Dudude Hermann e a música de Cláudia Cimbleris. A temática explora a vida das pessoas nos grandes centros urbanos. 33) espetáculo musical com o grupo Roupa Nova no Tour 2000 Acústico. 34) Espetáculo musical com o grupo 14 Bis. 35) Recital de violão com Fernando Lima, de São Paulo. 36) a cantora Zélia Duncan,

com o Show Acústico Zélia Duncan, com 900 espectadores. 37) Landau Acústico pelo Projeto Quintas Artísticas com Flávio Roberto no espetáculo Chegue perto de mim. 38) espetáculo Arca de Noé com a Companhia de Teatro Sia Santa de Campinas, em comemoração aos 25 anos de carreira do grupo. Seis atores interpretaram vinte personagens diferentes na representação, no canto, na dança e na manipulação de bonecos.

Em 2001, apresentaram-se: 1) comédia Salém da imaginação, com Luís Salém e atores da Rede Globo de Televisão, com texto de Antônio Bivar, direção de Stela Miranda e música de Rita Lee. No telão, projeção de imagens com os atores Miguel Falabella, Luiz Fernando Guimarães e Betty Lago. A produção foi realizada pela Cia Banco de Peças, do Rio de Janeiro (*ESTADO DE MINAS.* Caderno Cultura, p. 2. Belo Horizonte, 21 jul. 2001). 2) peça espírita O cândido Chico Xavier, com direção de Ana Rosa. 3) espetáculo Líricas de Música Popular Brasileira com o cantor Zeca Baleiro. 4) peça infantil Maria Minhoca, com a Cia. Luzes da Ribalta, de Caxambu. 5) Projeto A escola vai ao teatro: A bruxa Onilda visita Varginha, da Editora Scipione, de Belo Horizonte.6) Contação de história: contos teatralizados, com o Grupo Teatral UNI-RIO, do Rio de Janeiro. 7) Concerto de Piano com André Torres, do Rio de Janeiro, pelo Projeto Quintas Artísticas. 8) espetáculo de Música Popular Brasileira Ana Rita Joana Iracema e Carolina, de Ana Carolina. 9) Entre uma balada e um *blue*, espetáculo de Música Popular Brasileira com o cantor Oswaldo Montenegro. 10) espetáculo Herança de Música Popular Brasileira, com Gê Lara e Lemão, de Divinópolis. 11) peça Os meninos da Rua Paulo, da Village Empreendimentos Artísticos e Culturais, do Rio de Janeiro. 12) Alice no País das Maravilhas, com grupo teatral do Rio de Janeiro. 13) peça espírita Nosso Lar com a Cia Alma Dell'Art, de Belo Horizonte. 14) peça infantil Cocoricó em a Borboleta Tatá, com o grupo Art-Promo Espetáculos, de Valinhos (SP). 15) espetáculo Guilherme Arantes Acústico, de Música Popular Brasileira. 16) Projeto

Musicalização Infantil, com Dércio Marques, de Uberaba. 17) *Jazz in Concert* com Paula Moura e Leia Maria, do Rio de Janeiro. 18) peça infantil A bela e a fera, com a Cia. Rick e Kelly, de São Paulo. 19) peça Memórias Póstumas de Brás Cubas com Rodrigo Leste e Grupo Nós Mesmos, de Belo Horizonte. 20) Poemas musicados com Ana Cristina, pela Maxitel Projeto ArtEducAção, de Belo Horizonte. 21) Recital de Cordas com o Quarteto Mineiro de Cordas, na 1ª Semana Artística do Conservatório Estadual de Música, Belo Horizonte. 22) Recital de violão com Cristina Tourinho, de Salvador (BA). 23) Ópera Viva Recital dos Jovens Cantores da Universidade Livre de Música, São Paulo.

Em 2002, apresentaram-se: 1) espetáculo de Música Popular Brasileira com o cantor Renato Teixeira. 2) espetáculo Dê-se ao luxo com o contratenor brasileiro Edson Cordeiro e Banda. Dê-se ao luxo é o título de um *Compact Disc* do cantor. 3) peça espírita Lembranças de outras vidas com Marília Danny e outros, grupo teatral do Rio de Janeiro, com direção de Renato Prieto. 4) Ceguinho chutando o balde, com o humorista Geraldo Magela, de Belo Horizonte. 5) peça infantil A boneca gente Sítio do Pica-Pau Amarelo, com a Cia. Teatral Rick e Kelly, de Jundiaí. 6) II Encontro Mineiro de Estudantes de Piano – Recital de Abertura, com pianistas das Escolas de Música da Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade de São Paulo. 7) Recital de Câmara com Betina Stegmann (violino), Marcelo Jaffé ((violino), Robert Suetholz (violoncelo), Éser Menezes (oboé) e Flávio Augusto, de São Paulo. 8) comédia Uma empregada quase perfeita, de Ronaldo Ciambroni, com Carlos Denoni (Salvador), Rosana Moreira (Pamela) e Hilton Have (travesti), de São Paulo. 9) peça Uma pedra no caminho, com Rodrigo Leste e Grupo Nós Mesmos, de Belo Horizonte. 10) comédia 0900 Disquei e me estrepei, com Vitor Branco (ator e diretor), Marcus Ferraz, Vanessa Romanini e outros. 11) peça Namoro ou amizade com Patrick de Oliveira e Milena Paula, Rio de Janeiro. 12) 1º Festival Sul-Mineiro de Dança com a realização da Cia. de Dança *Street Boys*, de Varginha. 13) Orquestra de Câmara do Serviço Social da Indústria – SESI

Minas, de Belo Horizonte. 14) espetáculo Ouro de Minas, de Música Popular Brasileira, com o grupo Roupa Nova, Rio de Janeiro. 15) Sevé, da Zero Cia. de Bonecos, de Belo Horizonte. O espetáculo é inspirado no livro de Haroldo Bruno O misterioso rapto da flor-do-sereno. 16) O gato malhado e a andorinha Sinhá, do Grupo Ponto de Partida, de Barbacena. 17) A volta ao mundo em 80 dias, da Cia. Catibrum de Teatro de Bonecos, de Belo Horizonte. 18) Recital de Piano com Luiz Gustavo Carvalho, de Belo Horizonte. 19) peça espírita O cândido Chico Xavier, com direção de Ana Rosa, da Cia. do Caminho, Rio de Janeiro. 20) peça Socorro! Mamãe foi embora, de Benedito Ruy Barbosa, com John Herbert, Guilhermina Guinle, Marilene Barbosa e outros. 21) espetáculo musical Eternamente Elis Tunai Acústico, com o cantor e compositor mineiro Tunai. 22) Experimento I de Expressão Corporal, com Lu e Margô, pelo Circuito Telemig Celular de Cultura. 23) peça infantil As férias de Pedrinho e peça Do boi-bumbá ao forró universitário, com a Cia. Teatral Rick e Kelly, de Jundiaí. 24) Orquestra de Violeiros de Mauá (SP). 25) comédia Filó: Vida de empregada, com Gorete Milagres e Wilson de Santos, com a personagem Filomena, quadro humorístico de um programa do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, de São Paulo. 26) espetáculo Autorretrato, de Música Popular Brasileira, com o cantor Belchior. 27) peça infantil O pássaro do limo verde, com um grupo de teatro do Rio de Janeiro. 28) espetáculo de Música Popular Brasileira com Vander Lee, de Belo Horizonte, numa promoção da Telemig Celular. 29) peça Terceiras intenções, adaptação do original de Claude Magnier feita por Juca de Oliveira, com direção de Bibi Ferreira. No elenco, os atores Taumaturgo Ferreira, Patrícia França e Paulo César Grande. 30) Orquestra Ebenézer da Igreja Presbiteriana Ebenézer de São Paulo. 31) peça infantil A cigarra, as formigas e os cinco esses, da Petrônio Rosa Produções, do Rio de Janeiro. 31) espetáculo Tô Zerado, de Música Popular Brasileira, com Zé Geraldo, de São Paulo.

Em 2003, apresentaram-se: 1) espetáculo musical *Is there anybody out there?*,

com a banda UMMAGUMMA *The Brazilian Pink Floyd*, de Três Pontas, cover de Pink Floyd. O título do espetáculo é o de uma canção do álbum duplo *The Wall*, de Pink Floyd, lançado em 1979. 2) peça espírita Divaldo simplesmente Franco: o semeador de estrelas, com a Cia. Renato Prieto, do Rio de Janeiro. 3) A megera domada, adaptação do original de William Shakespeare, de Júlio Mackenzie, com os atores André de Proença, Selma Melo e outros, de Belo Horizonte. 4) peça O micofone, com direção de Marcelo Saback e os atores Raul Gazolla e Nelson Freitas. Teatro do gênero besteirol com piadas, "causos" engraçados e paródias musicais. 5) peça infantil Tesouro dos índios, com a Cia. Atlanta, de Campinas. 6) peça infantil O chapeuzinho vermelho, com a Cia. Teatral Rick e Kelly, de Jundiaí. 7) Dança Especial Mano a Mano e Convidados, com o Grupo de Dança Mano a Mano, de Pouso Alegre. 8) o comediante Ary Toledo com o espetáculo Fábrica de Risos. 9) espetáculo Cirandas, Folias e Cantigas do Povo Brasileiro com o cantor Renato Teixeira. 10) comédia O analista machão de Bagé, com os atores Cláudio Cunha e Thaís Lima. 11) peça infantil O aprendiz de feiticeiro – o musical Harry Potter, da Jotaelle Produções Artísticas, do Rio de Janeiro. 12) espetáculo Nós, lá em casa, com Sá, Rodrix & Guarabyra. 12) espetáculo Ouro de Minas com a banda Roupa Nova de Música Popular Brasileira. 13) peça infantil Cinderela, da Roma Produções Artísticas, de Piracicaba (SP). 14) peça O noviço, com o Grupo de Teatro Cleyde Yaconis, de Ipatinga. 15) espetáculo Uma viola na estrada, com Tarcísio da Viola, de Cambuquira. 16) peça infantil Chapeuzinho Vermelho, lá vem o Lobo Mau, com a Troupe Teatral Paulista (SP). 17) Café com Jazz, da Viajar Turismo, de Três Pontas. 18) peça infantil Pluft, o fantasminha, com Braz Chediak, de Três Corações. 19) *Greese*, o musical, da *Brazilian Spotlights* Produções, de São Paulo. 20) comediante Pedro Bismarck com o personagem Nerso da Capitinga, um caipira mineiro, no espetáculo Neversário do Nerso. 20) peça Juntando os cacos com Jorge Dória, com os atores Jorge Dória, Fábio Mássimo e Isabelle Montana, do Rio de Janeiro. 21) espetáculo musical

Paisagem cantada: canções inspiradas na obra de João Guimarães Rosa, com o Grupo Nhambuzim, de São Paulo.

Em 2004, apresentaram-se: 1) Marcos Violeiro e Adalberto, dupla sertaneja de cantores e compositores no Programa Recordando Meu Sertão, com a participação das duplas João Carlos e Maurício, de Poços de Caldas, Tião Toninho e Amarildo, de Campos Gerais, e Diogo e Danilo, de Varginha. O evento foi transmitido pela Rádio Melodia de Varginha (DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA). 2) espetáculo musical As mulheres de Chico Buarque, com Anna Toledo, Rita Maria, Valeska Lopes e, ao piano, Ceres Miranda, do Grupo Núcleo Palavras, de São Paulo. Nesse ano foram apresentados os dois últimos espetáculos antes de o Theatro Capitólio ficar fechado por sete anos: 3) À palo seco, do cantor Belchior e o de Gilvan de Oliveira, no dia 04 de fevereiro.

Em 13 e 14 de maio de 2011, após mais de sete anos (incluindo os anos de inatividade do teatro e, depois, o período de reformas), a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto realizou um concerto para comemorar a reinauguração do Capitólio com entrada franca. O programa executado foi O Guarani e Fosca, ambos de Carlos Gomes, aberturas das óperas; O barbeiro de Sevilha, de Rossini, abertura da ópera; Sinfonia nº 3, em mi bemol maior, dita "Renanna" op. 97, de Schumann. O público de convidados era composto por artistas, trabalhadores da obra, políticos e empresários. Outras apresentações musicais: 1) Orquestra Jazz Sinfônica de São João da Boa Vista (SP), composta por 68 músicos. A execução musical foi variada, da música clássica, às músicas de filmes e do *rock and roll.* 2) Orquestra Jovem Contagem, fundada em 1997. A orquestra integra um projeto social que oferece acesso à arte, cultura e educação a jovens em situação de vulnerabilidade social. O evento, com entrada franca, foi organizado pelo Conselho Municipal de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente – Condedica. A orquestra já realizou concertos no Brasil e no exterior. 3) a Banda

Mantiqueira, uma das mais importantes bandas instrumentais do cenário musical brasileiro. O espetáculo teve cerca de noventa minutos de duração. Foram executadas músicas dos três *Compact Discs* da banda: Aldeia, Bixiga e Terra Amantiquira. 4) Saulo Laranjeira, cantor e ator mineiro, e Saldanha Rolim, músico cearense, na Turnê 2011. No repertório, músicas de Geraldo Vandré e Luiz Gonzaga (Gonzagão). 5) Recital de piano Bruno Cruz interpreta Chopin. Dentre outras peças desse mestre da música universal, o pianista executou o estudo Opus 10 nº 03 (*Tristesse*), a *Fantasie Impromptu* e a *Polonaise* Opus 53 nº 06. 6) Recital de piano com André Torres, com músicas de Franz Liszt, dentre as quais a Sonata em Si Menor. 7) Viola de Todos os Cantos, com música caipira raiz e música regional. 8) espetáculo de música sertaneja com o cantor Tinoco, um dos maiores cantores sertanejos do Brasil, da dupla Tonico (João Salvador Perez, 1917-1994) e Tinoco (José Perez, 1920-2012). Tinoco cantou os clássicos sucessos Tristeza do Jeca, Chico Mineiro, Beijinho doce, Luar do sertão, Chalana e o Menino da porteira. Aos 91 anos de idade, Tinoco realizou no Theatro Capitólio uma das suas últimas apresentações, em quase setenta anos de carreira. Ele faleceu no ano seguinte. Quanto a peças de teatro, foram apresentadas: 1) o monólogo cômico Pressão Alta – crônica de um ator, com o ator Raul Gazolla e direção de Duda Ribeiro, um texto bem-humorado sobre o estresse da vida contemporânea, com texto do ator em parceria com o roteirista Saulo Aride. 2) a comédia Pretas por Ter, da Cia. Baiana de Risos, que trabalha a conscientização do preconceito por meio do humor. 3) As pontes de Madison, com Flávio Galvão e Mayara Magri, baseada no romance de mesmo nome de Robert James Waller (1992). No cinema, foi estrelado por Clint Eastwood e Meryl Streep (1995). O roteiro foi traduzido e adaptado por Alexandre Tenório com direção de Regina Galdino. Antes de chegar a Varginha, a encenação tinha sido vista por mais de 80.000 espectadores. 4) Os campeões, peça com texto e direção de Francis Mayer inspirada na obra "As meninas", de Lygia Fagundes Telles, com Júlio Oliveira,

Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, 2012

Maurício Silveira e Eduardo Coutinho. 5) peça infantil O sítio do Pica-Pau Amarelo, com o Grupo Sonho & Fantasia, de São Paulo. O texto é de Joel Mullin, baseado nos livros Pica-Pau Amarelo e Museu da Emília, de Monteiro Lobato. No elenco, Regiane Alves (Dona Benta), Cristina Machado (Tia Nastácia), Lívia Stacciarini (Emília), Victor Vasques (Pedrinho), Tércio Gennari (Visconde de Sabugosa) e Waleska Nicolau (Cuca). 6) Comédia O prazer é meu, com o Grupo de Teatro 14 Bis, com texto de Luciano Plez e direção de Lauro Baldini. 7) peça infantil Os três porquinhos e o lobo fanfarrão, com adaptação e direção de Milton Merlucci, de São Paulo. 8) O analista de Bagé, *stand-up comedy* com Claúdio Cunha.

Em 2011, foram realizadas 119 apresentações com público estimado de 36.123 espectadores.

Em 2012, apresentaram-se: 1) Orquestra Filarmônica de Minas Gerais em um concerto com 85 músicos. Uma das músicas executadas foi o choro Tico-Tico no fubá, de Zequinha de Abreu, imortalizada na voz de Carmem Miranda, em que a orquestra pôde demonstrar seu virtuosismo. 2) Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto em seu regresso a Varginha na comemoração de um ano da reinauguração do Capitólio, sob a regência do maestro-assistente Reginaldo Nascimento. O programa executado incluiu: J. S. Bach: ária da Suíte III BWV 1068; W. A. Mozart: As bodas de Fígaro. Abertura; F. Mendelssohn: As grutas de Fingal. Abertura Op. 26; L. Beethoven: Sinfonia nº 6 em Fá Maior, Op. 68, também chamada de Sinfonia Pastoral (1808). 1. *Allegro ma non troppo* (em forma de sonata). Despertar de sentimentos alegres diante da chegada ao campo. 2. *Andante molto mosso*. Cena à beira de um regato. 3. *Allegro*. Dança campestre. 4. *Allegro.* A tempestade. 5. *Allegretto.* Hino de ação de graça dos pastores, após a tempestade. 3) Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro. No repertório, foram executadas peças da música clássica e da Música Popular Brasileira e Americana. Na ocasião, a banda era composta por 98 músicos, dois maestros e

Recital de piano de flauta com Elvira Gomes e Alexandre Braga. Esq: pianista Francis Vilela

um coro de vinte vozes, de homens e mulheres, entre oficiais regentes, suboficiais sargentos fuzileiros navais, formados na Escola de Música do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, do Corpo de Fuzileiros Navais. Os músicos serviam na Companhia de Bandas do Batalhão Naval, localizado na histórica Fortaleza de São José das Ilhas das Cobras, no interior da Baía de Guanabara, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. A apresentação em Varginha foi considerada memorável. 4) Banda Sinfônica de Tocos do Moji (Banda Lira Tocosmojiense) (MG). 5) 2º Circuito Syngeta de Viola Instrumental com "causos" e música de viola, com apresentações do violeiro Levi Ramiro e Zeca Collares. 6) espetáculo de Paulinho Pedra Azul com participação de Marcelo Jiran no teclado e piano. Na retrospectiva de sua carreira, foram cantados os sucessos Ave cantadeira, Nascente, Coração de strass e Jardim da Fantasia, mais conhecida como Bem-Te-Vi. 7) espetáculo do cantor, compositor e guitarrista Wilson Sideral. 8) Festival Viola de Todos os Cantos, considerado o maior encontro da música regional do Brasil. Duas músicas representaram Varginha no Festival: Recanto de Goiás, de Zé Monteiro e Alcino Porto, com letra de Alvarino Grande, e Serenidade, de Fernando Eugênio do Prado. Um telão de televisão foi instalado do lado de fora do teatro, para as que as pessoas que não puderam adquirir ingresso assistissem ao espetáculo. 9) Piano Ópera Rock, a Ópera Maluca, em três atos, com João e Evandro Bart, Alexandre Dinis e Edgar Silveira. Foram tocadas músicas de Led Zeppelin, Pink Floyd, Beatles, Queen e Elvis Presley. 10) Concerto com a Orquestra de Câmara Opus, de Belo Horizonte, com repertório de música orquestral, erudita e popular: Villa-Lobos, Camargo Guarnieri, Luiz Gonzaga, Tom Jobim, dentre outros grandes compositores. Regência do maestro Leonardo Cunha. Foram executadas as peças Sinfonia nº 25 (1º movimento) e o Concerto nº 4 em Ré M para violino e orquestra (W. A. Mozart); Vozes da Primavera (J. Strauss); Indiana Jones Theme (John Williams); Eleanor Rigby (The Beatles) e De Gonzaga a Sivuca (dos compositores brasileiros

O cavaleiro da triste figura. Companhia Catibrum Teatro de Bonecos, 2014

Luiz Gonzaga e Sivuca). 11) encenação do monólogo O navio negreiro, poema clássico de Castro Alves, declamado e interpretado pelo ator Benedito Irivaldo de Souza, o Vado. Desde 1971, essa peça teve milhares de apresentações, o que, em 2012, valeu ao ator o reconhecimento do *Guinness World Records* com o certificado de carreira mais longa como produtor teatral pela mesma produção, ao completar quarenta anos de encenações. 12) Peça infantil O Pica-Pau peralta, da Troupe Teatral Paulistana, para a faixa etária de dois a dez anos. O tema é a defesa do meio ambiente. O enredo conta a história de um lenhador que seguiu a profissão de seu bisavô, derruba as árvores e não tem a preocupação de replantá-las. O pica-pau tenta evitar a ação destruidora. O texto é de Pasqual Lourenço e Pedro Tudech. No elenco, Patrícia Paiva como Pica-Pau e Tércio Gennari como lenhador, com a participação especial do Palhaço Bacalhau. Peça infantil Os smurfs, do mesmo grupo. 13) peças infantis Palhaças de Salto em Café Simpatia e Maria de Uma Rima Só, com Herica Veryano e Zé Navarro, do grupo teatral Coletivo Joaquina, de Curitiba. Os textos são de criação coletiva, com direção de Herica Veryano. 14) comédia ligeira Herdeiros. A peça conta a vida de quatro jovens, após o desaparecimento da mãe. No elenco, Guilherme Leicam, Eliseu Carvalho, Keff Oliveira e Maurício Silveira, atores da TV Globo, com texto e direção de Francis Mayer. 15) o comediante mineiro Pedro Bismark (Ademilson Pedro da Cruz), com o espetáculo Bobeira pega, com a direção de Lúcia Martins, supervisão de Geraldo Magela Lauro, figurinos de Lúcia Sobreira e trilha sonora de Daniel Iasbeck. O comediante representou o personagem Nerso da Capitinga, típico caipira mineiro, consagrado na Escolinha do Professor Raimundo, programa humorístico semanal da Rede Globo de Televisão, estrelado por Chico Anysio. O espetáculo ainda teve histórias, piadas e "causos". 16) Turnê Música no Teatro com Wilson Sideral. 17) peças infantis O casamento de Dona Baratinha e A galinha pintadinha e sua turma curva, com Márcio Menta, do Rio de Janeiro. 18) espetáculo Villa-Lobos do Brasil,

Diogo Nogueira, Na Rota da Boa Música, 2017

com a Cia. Teatral Voz da Terra, de São Thomé das Letras.

Em 2013, apresentaram-se: 1) Orquestra Sinfônica de Poços de Caldas com o Concerto de Gala em um dos eventos de comemoração dos 131 anos de emancipação político-administrativa de Varginha. O concerto, com oitenta músicos, foi iniciado às 11h. A fila para a entrada dobrava o quarteirão do teatro. O repertório variado incluiu uma ária da ópera Carmem, de Georges Bizet; músicas do cinema mundial; sucessos de Wilson Simonal como Meu limão, meu limoeiro e País tropical; Sabiá, de Tom Jobim, com o arranjo original do compositor; um duo de sanfonas com a música De volta pro aconchego, de Dominguinhos; e músicas de Carlos Gardel e Astor Piazzolla. Segundo o maestro Agenor Ribeiro Neto, em entrevista concedida à TV Princesa: "Em uma manhã de domingo, onze horas da manhã, uma casa lotada para ouvir música instrumental e música cantada selecionada! Isso é muito raro! Varginha respira e transpira cultura!" (TV PRINCESA). 2) Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto com o Concerto de Gala de Natal. Foram interpretadas peças clássicas de Beethoven e Tchaikovsky, e dos brasileiros Tom Jobim, Vinícius de Morais e Zequinha de Abreu, além do tradicional cancioneiro natalino. A entrada nos dois concertos foi franca. 3) Banda cover Beatles 4Ever. Fundada em 1976, a banda já realizou mais de seis mil apresentações. O espetáculo musical contou, por meio da música, a trajetória do conjunto britânico Os Beatles. 4) espetáculo Minotauro com Grupo Teatral Virundangas – Grupo de Investigação Cênica. O grupo, formado por artistas egressos da Universidade Federal de Ouro Preto, tem como proposta a investigação cênico-musical de obras literárias e dramatúrgicas e o desenvolvimento de projetos em arte e educação. 5) comédia Adultério e outras pequenas traições, com a Cia da Farsa, de Belo Horizonte. Foram encenadas seis histórias picantes e bem-humoradas com a temática de amor, sexo e traição. Texto e direção de Sérgio Abritta. No elenco, os atores Alex Zanonn, Alexandre Toledo, Jacqueline Calazans, Marcus Labatti, Pedro Vieira e Sidneia Simões, que se

Atriz Nany People, 2017

revezam em vários papéis. 6) Maktub Festival Noite Arábika com números de danças árabes clássica e moderna, folclore libanês moderno e flamenco árabe.

Em 2014, foram apresentados: 1) Concerto com a Orquestra de Câmara Opus, com repertório de música orquestral e erudita. A orquestra era composta por quinze músicos de instrumentos de corda e sopro. O público que não conseguiu ingresso, pôde assistir ao espetáculo por meio de um painel de *led* instalado pela Prefeitura, na calçada, próximo ao teatro. 2) Camerata Jovem Beethoven de São José do Rio Preto (SP), formada por jovens músicos com idades entre 12 e 24 anos, com um repertório de peças clássicas de J. S. Bach: Concerto de Brandemburgo n. 3 (versão para quarteto de cordas); G. F. Haendel: Concerto Grosso op 6 n.1; e J. Haydin.: Sinfonia n. 1 e Benedetto Marcello – *Introduzione*, *Aria* e *Presto*. A regência ficou a cargo do maestro Reginaldo Nascimento. O concerto foi encerrado com música caipira viola raiz. A entrada foi franca. 3) Espetáculo Ciganos, do Grupo Ponto de Partida, de Barbacena, com o apoio do Ministério da Cultura. Apresentação com texto e músicas. O texto poético é uma adaptação da obra do escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), que conta a história de um menino e de uma cidade do interior, transformados pela chegada de um grupo de ciganos. Do repertório musical constaram o Concerto de Aranjuez, com Pablo Bertola ao violão, músicas da cultura cigana romani, espanhola e russa, e músicas de serestas das décadas de 1930 e 1940. 4) Companhia Catibrum Teatro de Bonecos, um dos mais respeitados grupos de Teatro de Animação do Brasil, com o espetáculo "O cavaleiro da triste figura", com adaptação e direção de Lelo Silva, confecção de títeres da própria Companhia e o elenco com Amaury Borges, Patrícia Lanari, Tim Santos, Daniela Perucci, Lelo Silva e Leandro Marra. A Companhia foi fundada em 1991 com o propósito de pesquisar as manifestações da cultura popular brasileira e apresentá-las por meio de um espetáculo de bonecos. O cavaleiro da triste figura é uma adaptação do livro Dom Quixote de La Mancha, obra clássica da literatura

Opus Rock In Concert, 2017

do escritor espanhol Miguel de Cervantes. Na encenação, o grupo usa as técnicas de manipulação transversa, luva e sombra. O despojamento dos cenários permite que o espectador mergulhe em sua imaginação. 5) peça infantil Meu malvado favorito, com texto adaptado do filme de mesmo nome. 6) peça infantil O retorno da Peppa Pig com os três porquinhos da Cia. Teatral Rick Kelly, de São Paulo. 7) Grupo Marionetes do Guarujá em comemoração à semana da criança. 8) *Stand-Up* Universitário, com Rogério Morgado, com a direção do comediante Danilo Gentili. Os temas das tiradas cômicas são os assuntos do cotidiano e relacionamentos interpessoais.

Em 2015, apresentaram-se: 1) a atriz Vera Holtz e a escritora Marina Colassanti. A atriz fez a leitura de textos da escritora. A produção foi realizada por meio do Projeto Tim Grandes Escritores, da operadora de telefonia TIM. O espetáculo teve quase três horas de duração. 2) o ator Júlio Rocha, com a peça Tudo por ela, comédia sobre o lado mais sensível do homem quando está apaixonado, com texto, canto e dança. Segundo o ator, em entrevista à EPTV (<globoplay.globo.com> 17 jan. 2015,) a apresentação em Varginha foi uma das primeiras realizadas no Brasil. 3) o ator e comediante Octávio Mendes com espetáculo Irmã Selma e seu terço insano. Em cena, os personagens criados pelo ator, dentre outros o ex-gay, uma apresentadora de TV sensacionalista e Irmã Selma uma irmã com humor ácido. 4) a dupla de palhaços Patati Patatá com o espetáculo A vida é bela. 5) o comediante Pedro Bismarck com o espetáculo Nerso em 3D, em que recontou suas piadas em mais de trinta anos de carreira, além de outras, novas. Ele interpretou também a personagem Marieta, que só apresenta em palcos de teatro. 6) Festival Nacional de Teatro – 12ª edição, com competição entre os grupos, mostra infantil e oficinas culturais. Apresentaram-se grupos de Varginha, Pouso Alegre, Santa Rita do Sapucaí, Congonhas, Limeira e São Paulo. Dentre os destaques: o Grupo de Teatro Experimental, de Pouso Alegre, com a releitura da peça Perdoa-me por me traíres, de Nelson Rodrigues, e a Companhia Sapucaí Eventos Criativos com Hair – O Musical. Entrada franca.

Because, o espetáculo, 2018

Em 2016, apresentaram-se: 1) João Bosco, cantor e compositor, pelo Projeto Na Rota da Boa Música, com o espetáculo "40 anos depois" em que interpretou grandes sucessos de carreira e hoje considerados clássicos da música popular brasileira: O bêbado e a equilibrista imortalizado na voz de Elis Regina, Papel Machê e De frente para o crime, dentre outros. 2) a comédia Até que o casamento nos separe, com Eduardo Martini, ator e bailarino (Otávio) e Viviane Araújo (Maria Eduarda). O texto e a direção são de Eduardo Martini, ator formado pelo Actor's Studio de Nova York. 3) Concerto de Música Instrumental Erudita com o pianista Christian Budu e o trio de cordas Pablo de León (violino), Horácio Schaefer (viola) e Roberto Ring (violoncelo). Foram executadas peças do compositor alemão romântico Johannes Brahms (TV PRINCESA). 4) Projeto Acústico dos Integrantes da *Noturnal Band* e Shaman, banda de metal progressivo e metal alternativo, com Mike Orlando (guitarrista). 5) Espetáculo Moacyr Franco – 80 anos de vida, o ator, compositor e cantor apresentou-se com músicas e números de humor. O sucesso Eu nunca mais vou te esquecer foi uma das músicas cantadas. 6) Dedé Santana e Felipe Cunha na comédia A última vida de um gato, com direção do premiado diretor Vitor Garcia Peralta. 7) espetáculo Perdendo amigos, com o comediante Maurício Meirelles, que une humor e internet: o *facebullying* e o *web-bullying.* 8) Companhia El Abrazo Tango, pela primeira vez no Sul de Minas com o espetáculo Tango, Nuestro Baile, dividido em três atos: o baile, o show e o contemporâneo. A Companhia é dirigida pelo bailarino argentino Navir Salas. O espetáculo apresentado contou com a participação de oito bailarinos, uma cantora e teve a coreografia assinada por Débora Ambrosano. 9) O Grande Show das Ilusões, espetáculo de ilusionismo com os mágicos Klauss e Henry Vargas, artistas internacionalmente reconhecidos, com números variados. 10) Comédia romântica teatral Quase cinquenta tons de cinza, com Vitor Branco, Wanderley Grillo e Bruna Andrade, um espetáculo de Vitor Branco, que também foi o responsável pela direção.

Erasmo Carlos, Na Rota da Boa Música, 2019

11) comediante Felipe Neto com o espetáculo Minha vida não faz sentido, em que conta histórias de modo irreverente e em linguagem clara. O público-alvo é o adolescente. 12) comediante Eros Prado com o espetáculo Rir é o melhor remédio.

Em 2017, apresentaram-se: 1) o músico e compositor Renato Teixeira, por meio do Projeto Na Rota da Boa Música, acompanhado por Chico Teixeira (violão), Antônio Márcio (bateria), Márcio Werneck (flauta), Márcio Luiz Gonçalves (contrabaixo) e Natan Marques (guitarra). O cantor interpretou os grandes sucessos de sua carreira como Romaria, um clássico da música popular brasileira. 2) *Opus Rock in Concert* – Clássicos do rock sob a regência do maestro Leonardo Cunha. No repertório, clássicos do rock nacional e internacional: ACDC, Beatles, Deep Purple, Eagles, Elvis Presley, Queen, Led Zeppelin, The Doors, Van Halen, Scorpions, Legião Urbana, Paralamas do Sucesso e Raul Seixas. A Opus tem a proposta de popularizar a música orquestral e erudita e aproximar a música popular do arranjo clássico. A entrada foi franca. 3) *Bee Gees Alive* com o espetáculo *Legends Never Die. How deep is your love*, um dos maiores sucessos da banda, foi uma das músicas executadas. Nesse ano, a banda percorreu o Brasil e as Américas com esse espetáculo. 4) Diogo Nogueira, cantor, compositor e instrumentista, pelo Projeto Na Rota da Boa Música, com o espetáculo Alma Brasileira, em que interpretou grandes compositores da música popular brasileira como Gonzaguinha, Tim Maia, Djavan e Cazuza. O projeto foi realizado por meio da Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais. 5) Banda de Música da Escola de Sargento das Armas de Três Corações e alunos do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha. 6) espetáculo *Rebirth of Shadows Tour*, com Edu Falaschi, cantor, compositor e multi-instrumentista, em sua primeira turnê solo de músicas no estilo metal melódico. O artista foi acompanhado por Aquiles Priester (bateria), Fábio Laguna (teclado), Roberto Barros (guitarrista), Diogo Mafra e Raphael Dafras. 7) Recital de Violão Rafael Ávila pelo Projeto Música Varginha 2017. 8) Grupo

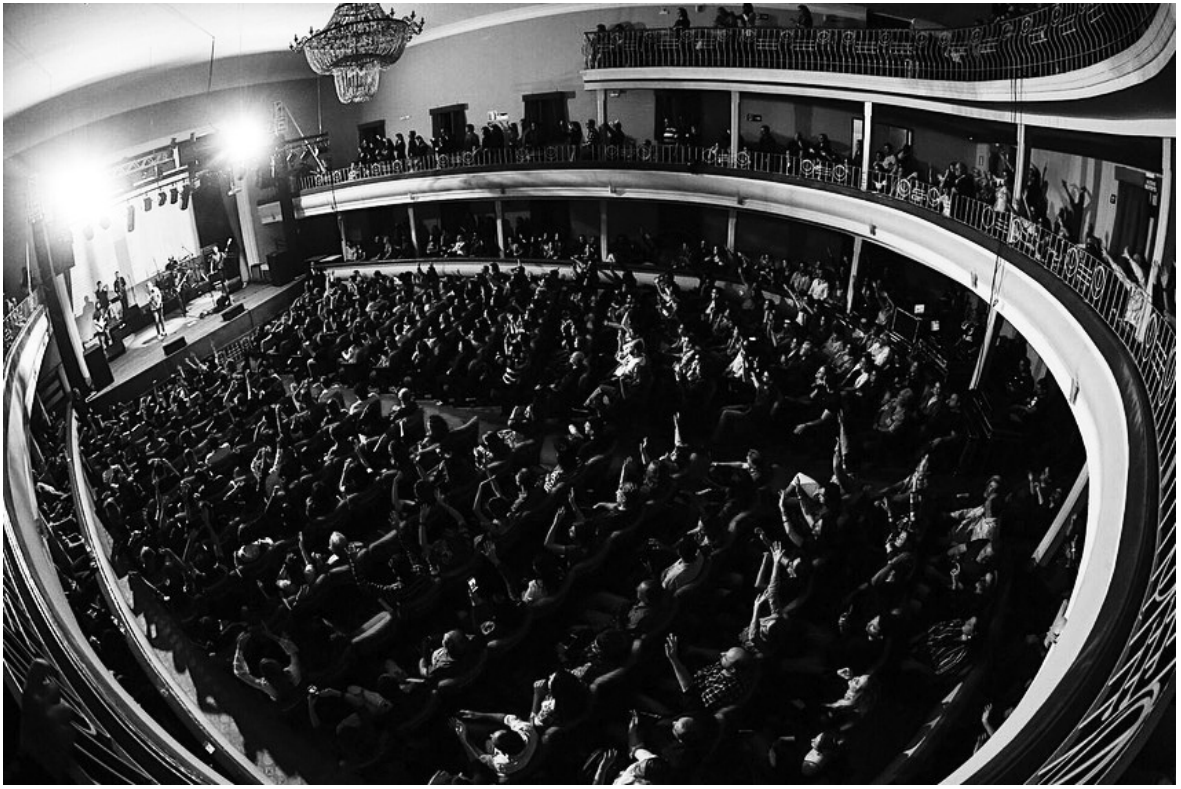
Espetáculo "De coisas que aprendi com Elis", 2019

Galpão com o espetáculo "De tempo somos – um sarau do Grupo Galpão", com direção de Lydia Del Picchia e Simone Ordones, em comemoração aos 35 anos de fundação do grupo. Criado em 1982, o grupo tem sua origem ligada à tradição do teatro popular e de rua. O espetáculo do Projeto SESI no Palco reuniu textos sobre a passagem do tempo e o processo de criação artística, além de 25 canções do repertório musical do grupo – de montagens antigas até trabalhos mais recentes, inclusive músicas inéditas de *workshops* internos. 9) comédia Manda quem pode, obedece quem é marido, com texto de Paulo Moraes e direção de Ricardo Batista. No elenco, Paulo Moraes e Bianca Tocafundo. 10) a peça A menina que entra em livros, com O Trem – Companhia de Teatro, texto de Lívia Gaudêncio e direção de Juliano Barone. 11) comédia Até que a sogra nos separe, com texto de Anderson Oliveira e direção de Diney Vieira. No elenco: Josh Oliveira, Cauan Miller, Camila Camanzi e Pedro Vieira. 12) comédia Antes só do que mal acompanhado, do grupo Comédia ao Cubo, com humor sem palavrão nem baixaria, conforme anunciado no cartaz de apresentação da peça. No elenco, Mariane Moraes e Shane Morgan (ator e diretor internacionalmente desconhecido, segundo o próprio). 13) *Stand-Up Comedy*, com o comediante Léo Lins, no espetáculo solo *Bullying* Arte, com "senso de humor negro e distorcido", nenhuma discrição em relação aos temas abordados e piadas pesadas. 14) a peça infantil Cinderela, com a Cia CarArteiro de Teatro, do Rio de Janeiro com adaptação, produção e direção de Márcio Menta e trilha sonora de Diego Barreto.

Em 2018, apresentaram-se: 1) Concerto de Música de Câmara do Quarteto de Cordas Guignard (dois violinos, uma viola e um violoncelo), formado por músicos integrantes da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. Em entrevista à TV Princesa, Rodrigo Bustamante (violino) falou sobre o quarteto de cordas: "A formação de um quarteto de cordas é muito especial por várias razões. A primeira é que é uma formação muito completa e autossuficiente, são quatro vozes que vão do grave ao agudo.

Minas Dance Festival, 2018

Isso permite muita diversidade sonora e riqueza de composição. Todos os grandes compositores escreveram para literatura de quarteto de cordas". No repertório, músicas de câmara de Erwin Schulhoff (início do século XX), Bedrich Smetana (período romântico, precursor da música nacionalista) e Ludwig van Beethoven (transição entre o Classicismo e o Romantismo). A entrada foi franca, sendo requisitado que os espectadores levassem produtos de higiene pessoal para serem doados a entidades filantrópicas do município para distribuição para a população carente. 2) Recital de Piano a Quatro Mãos, com Francis Vilela e Hélcio Baroni, ex-alunos do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga, de Varginha. Os pianistas executaram peças de Camille Saint-Saëns (Carnaval dos Animais), Maurice Ravel (Mamãe Ganso) e Robert Schumann (Cenas do Oriente). 3) Agnado Timóteo comemorando 81 anos de idade e 52 de carreira, com o espetáculo "Obrigado, Cauby", uma reunião de sucessos de Agnaldo e de Cauby Peixoto. Timóteo, no início de sua carreira, ficou conhecido como o "Cauby Mineiro", por cantar as músicas do seu ídolo. 4) Espetáculo "De coisas que aprendi com Elis", com a cantora Isabela Morais explorando o repertório de Elis Regina (1945-1982), uma das maiores cantoras da música popular brasileira. A cantora foi acompanhada por Bruno Vieira (bateria), Clayton Prósperi (piano), Dedê Bonitto (baixo) e Ismael Tiso (guitarrista). O cenário, criado por Cezar Renzi, foi inspirado no álbum "Elis, essa mulher". O projeto "De coisas que aprendi com Elis" nasceu em Varginha, em uma apresentação que marcava o aniversário de Isabela Morais, no Jardim Elétrico. 5) Espetáculo "Gonzaguinha eterno aprendiz eterno", que conta a história desse cantor e compositor brasileiro, por meio de uma mescla de teatro com música. São quatorze músicas entrelaçadas com o texto. Participação de Paulo Francisco Tiso (Tutuca) (cantor), Rogério Silvestre (ator) e Omar Fontes (tecladista). 6) espetáculo Baile do Chico, em que a banda Nu'zs presta homenagem autoral ao cantor, compositor e escritor Chico Buarque de Holanda. O espetáculo



Flausino e Sideral tocam Cazuza, 2019

mescla música sintética com orgânica, a tradição e a contemporaneidade. A banda é formada pelo compositor e instrumentista Max Silva e por Marcê Porena, artista com experiência na música e no teatro brasileiros. 7) Brasil & España Instrumental, espetáculo internacional de dança flamenca, com produção artística de Carmen Del Rio e os músicos convidados André Prodóssimo (contrabaixo), Gustavo Rosa (percussão) e Luiz Brochetto (flauta), e o David Tavares, violonista, com composições autorais. Os números de dança ficaram com a bailarina Carmen Del Rio. 8) espetáculo de dança Oriental Dance, no 4º Encontro Sul-Mineiro de Danças Orientais. 9) Minas Dance Festival – 9ª Edição, mostra de dança competitiva com academias de dança de várias cidades do Sul de Minas, com dezenas de coreografias em variados estilos. do 10) Meu coração quer cantar, comédia musical jovem, com texto e direção de Francis Mayer, pelo Projeto Amor e Música, com Guilherme Leicam. 11) Comédia A sogra, com texto e interpretação de João Sabará (sogra) e as atrizes Glória Diniz (nora) e Dirce Elaine (macumbeira). 12) Comédia A morte é uma piada 2, com Renato Pietro (protagonista do filme espírita O nosso lar), Rogério Farias e Victor Meirelles. 13) Peça espírita O livro dos espíritos: a saga de Kardec, com texto de Cyrano Rosalém, inspirado na vida de Alan Kardec. 14) Cinema nacional: a inédita Mostra Off Cine contou com a exibição de quatorze títulos de filmes nacionais entre curtas, médias e longas-metragens. A exibição foi gratuita, aberta ao público. 15) Cantata de Natal Nossa Luz com o Coral da Igreja Presbiteriana do Brasil, com mais de cinquenta vozes. Participação da 2ª Igreja Presbiteriana de Varginha, da 1ª e da 2ª Igreja Presbiteriana de Lavras e da Oficina de Música Gammon de Lavras.

Em 2019, apresentaram-se: 1) os irmãos Wilson Sideral e Rogério Flausino, esse último, da banda de pop rock Jota Quest, com o espetáculo Flausino e Sideral cantam Cazuza, pelo Projeto Na Rota da Boa Música. O repertório incluiu músicas de todas as fases da carreira de Cazuza: Exagerado, Mais uma dose, Bete Balanço, Todo amor

que houver nesta vida, dentre outras. 2) Banda de Rock 14 Bis, com o espetáculo 14 Bis Acústico, por meio do Projeto Na Rota da Boa Música. A banda foi criada, em Belo Horizonte, em 1979. A banda é formada por Cláudio Venturini (guitarra e voz), Sérgio Magrão (baixo e voz), Vermelho (teclados e voz) e Hely Rodrigues (bateria) e recebeu neste show, mais três integrantes: Cezar de Mercês (vocal, violão e gaita – Grupo O Terço), Celso Nascimento (percussão) e Christiano Caldas (teclados). 3) Erasmo Carlos, o "Tremendão", companheiro do cantor Roberto Carlos, com o espetáculo Amor é isso..., pelo Projeto Na Rota da Boa Música. O cantor é um dos membros do movimento musical conhecido como Iê iê iê, denominação do *rock and roll* brasileiro da década de 1960. 4) a cantora Mart'nália com o espetáculo Mart'nália canta Vinicius de Moraes, pelo Projeto na Rota da Boa Música. No repertório, clássicos do samba, canções como A tonga da mironga do kabuletê, Tarde em Itapoã, Eu sei que vou te amar, Insensatez, Soneto do Corifeu, dentre outras. 5) Ary Toledo, humorista versátil que também é cantor, músico, compositor, teatrólogo e dublador. O nome do espetáculo *Stand-Up* 5.4, é uma referência aos 54 anos de carreira do artista. No espetáculo, piadas de temas variados e músicas cômicas. O papagaio boca-suja é um personagem frequente em suas piadas. 6) Minas Dance Festival – 10ª edição com 31 companhias de dança de Barbacena, Boa Esperança, Campanha, Paraguaçu, Pouso Alegre, Três Pontas, São Lourenço e Varginha. Foram apresentadas 76 coreografias em vários estilos. 7) espetáculo de rock em homenagem à banda Queen no Tributo ao Queen com Orquestra (*Queen Experience In Concert*), em números que aliam o rock com a música erudita. 8) ABBA Experience In Concert em um espetáculo que conta a história musical da banda ABBA, grupo sueco de música pop formado em 1972. A produção reuniu mais de trinta artistas, orquestra e balé com figurinos, coreografia, cenários e iluminação de última geração. 9) comediante Matheus Ceará, humorista da televisão, com o espetáculo Papai é uma piada, com histórias e piadas de família,

paródias e imitações. 10) comediante André Massa com o espetáculo Comediologia, com casos e acasos do cotidiano, interações com a plateia, imitações de artistas da televisão e de cantores, um humor no gênero *stand-up comedy*.

8.4 Companhias e artistas varginhenses

Em 25 de novembro de 1927, mês seguinte à sua inauguração, o Capitólio abriu suas portas e cortinas para receber em seu palco os grupos locais de artistas amadores e profissionais. Nesse dia, foi realizado o Grande Festival Artístico, organizado pelo maestro Ricciotti Volpe, em benefício da orquestra do teatro a qual estava sob sua regência. O Festival foi uma "nota chic no mundanismo varginhense" em que estava prevista uma apresentação de Lindas Variedades com Rosina [Gioconda] Serruoti [Fenoci], Leonor e Iracema Foresti, Altemira Désio, Maria Cagnoni e outras, além de Heitor Foresti, com sua bela voz de tenor. O maestro organizador do Festival era aclamado por ter proporcionado "tantas emoções musicais à plateia" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 287. Varginha, 20 nov. 1927). Conforme se percebe, os italianos foram os idealizadores e construtores do Theatro Capitólio e, eles e seus descendentes, também foram os primeiros a subir ao palco em apresentações artísticas locais.

No final de 1927, eram anunciados espetáculos de gala com programa variado, que incluía exibição de filmes como, por exemplo, Doce Amargura (*Exit Smiling*, 1926), comédia e romance, produção da Metro Goldwin Mayer, dirigido por Sam Taylor e estrelado por Jack Pickford. Durante a exibição desse filme mudo, a Orquestra do Capitólio executou as peças Tosca: Fantasia (Puccini), Carmem (Bizet), La Traviata (Verdi) e Cavalleria Rusticana (Mascagni). Após o filme, foi apresentado um número de variedades com "as senhoritas da nossa elite": Altemira Désio, Rosina Serruoti, Eleonora [sic] e Iracema Foresti, Clélia Miranda, Lilita Sales e Oneyda Alvarenga. Os

números foram dirigidos e acompanhados pela pianista Ilca Braga e pela Orquestra do Capitólio (*ARAUTO DO SUL*, edições de dezembro de 1927).

Em 1928, foi realizado um Festival Artístico organizado por D. Manica Ximenes com o concurso da senhorinha Nélida Désio. A renda foi destinada às obras da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. "Já bem conhecidas do público varginhense são as organizadoras do festival, que em vários outros de que têm sido promotoras ou auxiliares se têm desempenhado com galhardia, atraindo ao elegante Capitólio grande turba de espectadores, apreciadores da arte dramática". Após a realização do Festival, as organizadoras publicaram o balancete na imprensa e agradeceram "às moças e meninas que figuraram no palco, à empresa que, gratuitamente, cedeu o teatro, à orquestra, à Companhia Sul-Mineira de Eletricidade, aos empregados do teatro, aos habitantes desta cidade [...] e aos moços da caravana acadêmica". O Festival arrecadou Rs 2:063$000 (dois contos e sessenta e três mil-réis), que, descontadas as despesas de Rs 260$000 (duzentos e sessenta mil-réis) de imposto de Estado, impressão de programas etc., teve um saldo de Rs 1:803$000 (um conto, oitocentos e três mil-réis), entregues ao coronel Targino Nogueira, tesoureiro das obras, para ser depositado em banco local (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 354, p. 4. Varginha, 15 jul. 1928; ibidem, ed. nº 359, p. 3. Varginha, 02 ago. 1928).

Em dezembro de 1929 foi realizado "um belíssimo festival de arte no teatro Capitólio, promovido por um grupo de senhoras e senhoritas desta sociedade, e em benefício do Dispensário Infantil Dr. Fernandes Figueira. Nessa *soirée*, de pura arte, tomaram parte as mais graciosas senhoritas da melhor sociedade varginense [sic], deliciando a enorme assistência que acorreu àquela filantrópica iniciativa, com os lavores de sua aprimorada e fina cultura artística. O programa, caprichosamente organizado, agradou em cheio à seleta e culta plateia varginense [sic] que enchia literalmente aquela bela casa de espetáculos, notando-se nos camarotes, frisas e

demais dependências a fina flor da elite de Varginha" (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 10.727, p. 3. Rio de Janeiro, 17 dez. 1929).

Em 1932, a senhorinha Adib de Oliveira Carvalho, pianista varginhense e aluna do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, considerada uma virtuose do "majestoso instrumento de sua predileção", deu um concerto de piano em que executou o seguinte programa: Cavalleria Rusticana, de Pietro Mascagni: Introdução, Cena 1ª, Duo e Refrain de Lola, Intermezzo; Valsa nº 11, de Chopin; Marche à la turque (Ruínas de Atenas), de Beethoven; Neuer Frühling (New Spring), opus 44, de Gustav Lange; Ballade, opus 19, de Ignace Xavier Joseph Leybach; Improviso opus 27, nº 2, de Alberto Nepomuceno; e Sinfonia do Guarani, de Carlos Gomes. Na ocasião, o jornal *Arauto do Sul* publicou o seguinte comentário: "O público varginhense, já um tanto exigente em matéria de arte, o que demonstra a sua cultura, não há de, estamos certo, deixar de levar à jovem artista conterrânea a sua assistência e os seus aplausos, especialmente se prestar atenção ao programa distribuído, de que nos foi dado um exemplar e que aqui reproduzimos, antegozando as delícias de sua audição" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 740, p. 4. Varginha, 20 nov. 1932).

Em 1933, foi realizado o Grande Festival Artístico com a finalidade "nobre e caritativa" de "amparar algumas dezenas de rapazes que se dedicaram à vida sacerdotal cujo prosseguimento nos seus estudos" dependia, no momento, do amparo que lhes fosse dado, uma vez que o Seminário de Campanha, que oferecia ensino gratuito, lutava com grandes dificuldades financeiras. Os números do programa artístico foram os seguintes: 1) conferência literária "Lendas e mitos da história do Brasil", com Nicolau Navarro, professor do Ginásio São João e da Escola Normal de Campanha, 2) representação da comédia "A sorte grande", em dois atos com vinte ginasianos campanhenses no elenco, 3) número de variedades executado por pessoas da elite de Campanha, com a participação das senhoritas varginhenses Iracema Foresti, Jane

Theatro Municipal Capitólio, 1938

Nogueira, Lilita Salles e Ruth Carvalho, conhecidas e aplaudidas figuras da sociedade local, que foram dirigidas pela professora D. Manica Ximenes de Souza, pianista do antigo Teatro Municipal, 4) números musicais executados pela Orquestra Maestro Pompeu, de Campanha (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 792, p. 3. Varginha, 19 nov. 1933).

Ainda em 1933, como sempre acontecia todos os anos, foi realizada a festa de encerramento de ano do Ginásio Municipal (Colégio Marista) e entrega dos diplomas à turma de bacharéis em ciências e letras. "As cerimônias realizaram-se no palco do teatro, findas as quais seguiu-se a parte recreativa, muitíssimo apreciada". Do programa artístico, "executado a capricho", constou os seguintes números: apresentação da Orquestra Elite; encenação da farsa Advogado em apuros; marcha infantil Os soldadinhos, executada por um grupo de alunos; encenação do drama Ricardo de Norfolk, em três atos; declamação do monólogo O livro, pelo aluno Carlos Campos; Foxtrotmania, pelo aluno José Luiz Figueiredo; declamação da poesia O inglês e o gaúcho, pelo aluno Geraldo Junqueira; encenação da opereta Manequinho no colégio, pela *Schola Cantorum*; encenação, pelos alunos, da curta comédia Aniversário da noiva. A festa foi encerrada com a execução do Hino Nacional pela Orquestra Elite (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 794, p. 4. Varginha, 03 dez. 1933).

Em 1934, apresentou-se em um concerto de violão, o violonista cego Antônio Oliveira, residente em Varginha (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 802, p. 3. Varginha, 28 jan. 1934).

Em 1937, madame Kitty, quiromante e astróloga, iniciou o seu jejum de dezoito dias, fechada dentro de uma caixa de vidro que ficou exposta ao público dia e noite, guardada por agentes da autoridade. A cabine envidraçada foi colocada na varanda do Teatro Capitólio (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 999, p. 6. Varginha, 14 nov. 1937; *O SUL-MINEIRO*. Edição nº 368, p. 4. Varginha, 07 nov. 1937).

Entre 15 e 18 de dezembro de 1938, foi realizada uma semana de encenações de

Theatro Municipal Capitólio, 1952

peças teatrais. No dia 15, estreou a Troupe Célia Braga, com o drama Mulher e honra. No dia seguinte, Milagres de Santa Terezinha, peça religiosa. No dia 17, deveria ter sido levada a comédia crítica, Sou deputado, com o protagonista a cargo do ator Basílio Braga, mas a peça não foi encenada (o jornal em que foi publicada a nota não esclarece o motivo do cancelamento). Para o dia 18, estava programada a peça Mamã postiça. Todos os espetáculos tiveram também um ato de variedades (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1056, p. 6. Varginha, 18 dez. 1938).

Em 1939, apresentou-se em concerto Mrs. Agnes, do Colégio Americano, "cantora de escol, voz muito dúctil e de timbre agradabilíssimo, dando grande expressão às frases musicais" (*ARAUTO DO SUL*, 1939).

Em 1946, foi apresentado o espetáculo cômico "Caravana Radiofônica, chefiada pelo famoso humorista patrício Professor Bacurau e integrada por uma das mais simpáticas e renomadas figuras do nosso "broadcasting" a locutora Iêda Reis e por Vidreiras, exímio imitador de instrumentos, o homem que sozinho vale por uma orquestra. Possuidores de um cartaz que lhes tem assegurado calorosos aplausos das mais cultas plateias e credenciados por uma série de intermináveis sucessos, esses conhecidos artistas darão, hoje, no Capitólio, um espetáculo que, pelo fato de ser único, merece o comparecimento de quantos desejam e precisam de alguns momentos de bom humor" (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 2226, p. 1. Varginha, 07 set. 1946). A expressão "possuidores de um cartaz" significava ter fama, ser admirado, fazer sucesso. Até a década de 1970, essa expressão com esses sentidos, ainda era utilizada em Varginha.

Em [195-?], nas manhãs de domingo, a Rádio Clube de Varginha apresentou algumas sessões do programa infantil de auditório Petizada Alegre em que as crianças cantavam músicas da cultura popular brasileira. O programa foi extinto no início da década de 1960.

Em 1953, foi realizado grandioso espetáculo coreográfico de grande beleza, graça

e elegância sob a orientação do presidente do Varginha Tênis Clube, em benefício da Praça de Esportes Minas Gerais. Houve apresentação de desfile das jovens mulheres varginhenses e de números musicais no acordeon (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 18.562, p. 6. Rio de Janeiro, 17 set. 1953).

Em 1956, foi realizada uma sessão artística com as alunas do Colégio dos Santos Anjos de Varginha, do Instituto de Campanha e do Orfanato Dr. José de Rezende Pinto em comemoração ao Dia Jubilar pelo Jubileu de Prata da vinda das Irmãs de São Vicente para Varginha (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.112, p. 1 e 4. Varginha, 02 set. 1956).

Em 1959, apresentou-se Antônio Borba, cantor varginhense, "inolvidável cantor das multidões paulistas [...] que orgulha a nossa Princesa do Sul, como seu filho nato que é. [...] cuja voz "sui generis" lhe premiou com um longo contrato na Record de São Paulo. [...] Exibiu-se no Cine Teatro Capitólio com extraordinário sucesso"(*A VERDADE.* Edição nº 22, p. 4. Varginha, 30 nov. 1959). Borba iniciou sua carreira artística na Rádio Clube de Varginha, na década de 1950. Na época, ele era um cantor de músicas românticas. Foi *crooner* da Orquestra de Simonetti e também de Sílvio Mazzuca (<museudatv.com.br/biografia/antonio-borba/>). A Orquestra de Simonetti era regida pelo maestro, pianista e compositor italiano Enrico Simonetti. Dentre outras peças, ele compôs músicas para os filmes da Vera Cruz como, por exemplo, o clássico Floradas na serra (1954).

Em 1982, em um dos eventos comemorativos ao centenário de emancipação político-administrativa do município 1882-1982, foi encenada a peça O diário de Anne Frank, pela Comunidade do Espírito Santo, e segunda eliminatória do Festival dos Festivais. Outro espetáculo foi a apresentação de jazz (*O GLOBO*. Edição Matutina, p. 35. Rio de Janeiro, 28 out. 1982).

Durante as décadas de 1980 e 1990, a Fundação Cultural do Município promoveu o Festival Municipal de Teatro, inicialmente, com grupos de teatro amadores de

Varginha e, posteriormente, de Varginha e da região. O objetivo era incentivar a criação e o aprimoramento dos grupos teatrais. As peças eram encenadas no Teatro Capitólio com espetáculos abertos ao público. Entre 1986 e 1998, foram realizadas onze edições do Festival. O 2º Festival, realizado entre 31 de julho e 16 de agosto de 1987, foi um dos mais marcantes, devido à intensa movimentação dos grupos teatrais, à qualidade do texto de algumas peças e ao maciço comparecimento do público. Os grupos teatrais locais e as peças apresentadas foram as seguintes: Esperando Godot, de Samuel Beckett, e Primavera Mortal, de José Roberto Sales, ambas com o Grupo Contracena; Auto da Compadecida, de Ariano Suassuna, com o Grupo Hoje 2 Olhos; O pesadelo, com o Grupo Encenação; Balada para um louco, com o Grupo Terra Branca; Projeto Absurdo, com o Grupo Maranatha de Art'Global; Tá faltando homem, com o Grupo Doce Ilusão; Você não precisa disso, com o Grupo Sol Nascente; Já não se fazem doutores como antigamente, com o Grupo SS; De quem é a culpa, afinal?, com o Grupo Sagitarius. As encenações de Esperando Godot, Auto da Compadecida e Primavera Mortal, devido ao desempenho dos atores, cenários, figurinos, iluminação e direção, nada ficaram a dever às apresentações profissionais.

Em 1983, foi realizado o VIII Festival da Canção Cristã de Varginha numa promoção da Comunidade de Emaús local com premiações para as músicas classificadas entre o 1º e o 5º lugares, respectivamente, com 20, 17, 13, 10 e 7 mil cruzeiros. As inscrições foram feitas na Livraria Nossa Senhora de Fátima, na Avenida Branco, nº 61, centro. Foram pré-selecionadas trinta músicas de compositores de cidades da região, Poços de Caldas, de Juiz de Fora e Sorocaba (SP) (*TRIBUNA VARGINHENSE.* Edição nº 1517. Varginha, 06 abr. 1983; ibidem, ed. nº 1530. Varginha, 21 maio 1983).

Em 1986, foi realizada outra edição do mesmo Festival.

Em 1987, foi apresentado o espetáculo musical Ivonil do Carmo e a Arte Varginhense com canções de Milton Nascimento, Elis Regina e João Bosco, além do

Theatro Municipal Capitólio, 1994

seu repertório autoral. Participaram a cantora Miriam Miranda, Samir Jorge Cury e o percussionista Sol, e o grupo de dança Corpo e Dança (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Varginha, 24 fev. 1987).

Em 1991, o Grupo Novela das Sete apresentou a peça Juventude dos Anos 90, uma adaptação do texto Irene, do dramaturgo ucraniano-brasileiro Pedro Bloch. A peça foi encenada no encerramento do IV Festival de Teatro Amador de Varginha.

Em 1993, foram apresentados: 1) espetáculo Trem Mineiro de Música Popular Brasileira com João Eugênio do Prado Neto e artistas amadores varginhenses. A lotação do teatro para a apresentação foi de 600 pessoas. 2) 17º Festival da Canção Cristã, promovido pela Pastoral da Comunicação, realizado entre 10 e 12 junho, com público de 2400 pessoas. 3) O sítio do pica-pau amarelo e o Capinha Vermelha, da Escola Batista de 1º e 2º graus. 4) peças infantis A sopa de raios de lua e Miriá – A Fada Madrinha, Grupo Teatral do Centro de Ensino Tecnológico e de Ciências – CETEM. 5) Recital solo da pianista Carla Reis, interpretação. 6) IV Festival de Teatro Amador de Varginha, realizado entre os dias 08 e 26 de setembro, com os seguintes espetáculos e grupos: A bruxinha que era boa, do Grupo In(ter)ação; Uma hora em uma noite sombria, do Grupo Primícias; A Incelença, do Grupo da Comunidade Santana; Feliz Aniversário, do Grupo Teatral Cetem; Tem Puxeta na Ispiroqueta, do Grupo de Teatro Facetas e Caretas; Fascínio, do Grupo Arte em Cena; A princesa e o mendigo, do Grupo Renascer; De ilusões a uma única realidade, do Grupo Visões Anônimas; A Poena, do Grupo Shallon; Dona Baratinha, do Grupo Teatral Batista; Projeto Absurdo, do Grupo Maranatha de Art'Global; Céus...abriram as portas do inferno, do Grupo Encapetação; Pafunça, do Grupo Arco-Íris; Vida e morte de Journs, do Grupo Águia Azul; Espelho, do Grupo Jouc. O público total do Festival foi de 11.200 espectadores, incluindo o evento de encerramento, o que não deixa dúvidas quanto ao interesse do varginhense pelo teatro.

Em 1994, pelo Projeto Quintas Artísticas os espetáculos: 1) Música Popular

Brasileira, com Marco Aurélio & Cia. 2) 4º Aniversário Projeto Viola no Bar, uma promoção conjunta da Fundação Cultural do Município e da Secretaria Municipal de Turismo. 3) pelo Projeto Quintas Artísticas Recital de Piano, Violão e Saxofone do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga e Recital de Piano e Flauta com Alexandre Braga e Wilke Lahmann. 4) peça Morte e vida severina, de João Cabral de Melo Neto, com o Grupo Batista de Varginha. 5) espetáculo O show precisa continuar, de danças clássicas e modernas com o Grupo Como Somos, Miguel A. Trezza. Nesse ano, foi realizado o VII Festival de Teatro Amador de Varginha com a participação dos seguintes grupos: O jogo dos opostos, com o Grupo Encapetação. O fantasma das artes, com o Grupo Juventude, Força e Fé. Amor de louco nunca é pouco, com o Grupo Nada Consta. A poção maravilhosa, com o Grupo Pequenos Artistas. Segredo de família, com o Grupo Águia Azul. Tião das Selvas, com o Grupo Força Jovem. Zartan, o Rei das Selvas, com o Grupo Teatral Cetem. A solução para a sua vida, com o Grupo Primícias. O vampiro do século XX, com o Grupo Teatral DECÊ. O livro dos segredos, com o Grupo Teatral Magia. Pedro Malazartes, com o Grupo Fazendo Arte. A bruxinha que era boa, com o Grupo Teatral Life. Tudo azul no hemisfério sul, com o Grupo Maranatha de Art'Global. Aprendiz de cupido, com o Grupo JABC.

Em 1995, foram realizados: 1) V Encontro Nacional de Dança Amadora de Varginha. 2) II Festival de Música Inglesa, do Colégio Objetivo. Nesse ano, foi realizado o VIII Festival de Teatro Amador de Varginha com os seguintes grupos: Romão e Julinha, com o Grupo Tetral AEXAS ARTES; Pluft, o fantasminha, com o Grupo Teatral DECÊ; Deus com muita raiva, com o Grupo Maranatha de Art'Global (1); A busca, com o Grupo Teatral Magia; O Caso Andrew-Filadélfia, com o Grupo Teatral J.A.B.C; Eterno aprendiz, com o Grupo Teatral MEF; O grande conflito, com o Grupo Teatral Primícias; Homens de Papel, com o Grupo Maranatha de Art'Global (2); Uma tal Maria, com o Grupo Teatral Life; O caldeirão das bruxas, com o Grupo Teatral Cetem.

Em 1996, foi realizado o XI Festival de Teatro Amador de Varginha com os seguintes grupos: Desejo de reinar, com o Grupo Teatral Primícias; A bruxinha que era boa, com o Grupo de Teatro Arte da Vida; A lâmpada, com o Grupo Nada Consta; Os muros de Berlim, com o Grupo Teatral IDE; A incrível viagem, com o Grupo Teatral Segundo Tempo; O Bem-Amado, com o Grupo Compania de Patifaria; Essa mulher é minha, com o Grupo Maranatha de Art'Global; Pluft, o fantasminha, com o Grupo de Teatro MEF; Um dia o barraco cai, com o Grupo Juventude, Força e Fé; Zibibelubebá-Queroquerá, com o Grupo Caradepalco; Gordas situações, com o Grupo Teatral Experimental.

Em 1997, apresentaram-se: 1) IV Festival da Música Inglesa, do Colégio Objetivo. 2) peça infantil Pituchinha, com o Grupo de Teatro Cetem. Nesse ano, foi realizado o X Festival de Teatro Amador de Varginha com os grupos: O rapto das cebolinhas, com o Grupo Café com Teatro; A poção maravilhosa, com o Grupo Teatral Escolar; O Santo Inquérito, de Dias Gomes, com o Grupo Teatral Em Cena; A menina e o vento, com o Grupo Teatral Arte da Vida; A terra dos meninos pelados, com o Grupo Teatral Segundo Tempo; O califa da Rua do Sabão, com o Grupo Teatral Vento Coração Adentro; O dia em que raptaram Papai Noel, com o Grupo Teatral Cetem; Perdoa-me por me traíres, com o Grupo CTC – Companhia de Teatro Caruso; Zoró e o caso da pérola, com o Grupo Maranatha de Art'Global; Máscaras, com o Grupo Teatro Kintart.

Em novembro de 1998, foram apresentados: 1) XXII Festival da Canção Cristã de Varginha, pela Pastoral da Comunicação. 2) V Festival de Música Inglesa do Colégio Integrado Objetivo. 3) Planeta dos Espantalhos, com a Cia. de Teatro Sagitarius, em três sessões, pelo Projeto Quintas Artísticas. 4) I Festival de Música Brasileira do Centro Tecnológico de Ensino e Ciências – Cetem. Nesse ano, foi realizada o XI Festival de Teatro Amador de Varginha. Os seguintes grupos apresentaram os espetáculos: Memórias de uma década, com o Grupo Teatral Sesi – Serviço Social da Indústria, de Varginha, que

Espetáculo "A bruxinha que era boa", 1998

mostrava a geração dos anos 1970; O aniversário da princesa Aurora, com o Grupo Maranatha de Art'Global; A herança, com o Grupo Amigos do Coração; O reinado de Deus, com o Grupo Ide; Tribobó City, com o Grupo Teatral Cetem; Underground, com o Grupo Experimental Sala de Teatro; Pinóquio, com o Grupo Kintart; Dona Baratinha, com o Grupo Teatral Batista; A verdadeira história da Cinderela, com o Grupo Segundo Tempo. Nesse Festival, foram apresentados grupos de outras cidades: de Poços de Caldas: A família Adams, com o Grupo Trancos e Barrancos e A venda do Zevaristo, com o Grupo Benigno Gaiga. Universos, com o Grupo Tempero Mineiro, de Guaxupé. Valsa nº 6, com o Grupo CTC – Companhia de Teatro Caruso, de Cambuí. *Shaw Dow* Ladrão da alegria, com o Grupo de Teatro JOCUM, de Belo Horizonte.

Em 1999, apresentaram-se: 1) no *Foyer*, saxofone de Ricardo Wagner Albinati Silva, professor de música do Conservatório Maestro Marciliano Braga, de Varginha, na Retrospectiva 1999 do 1º Salão Aurélia Rubião. 2) Orquestra Experimental e Coral Viva Voz do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga, de Varginha, no Concerto de Natal e formatura dos alunos do Conservatório. Os ensaios foram realizados no Capitólio nos cinco dias anteriores. 3) peça infantil Juju a gambá que ficou cheirosa, encenada pelo Grupo Teatral CETEM – Centro Tecnológico de Ensino e Ciências, pelo Projeto "A escola vai ao teatro", da Fundação Cultural do Município. 4) espetáculo de dança do ventre da Academia Corpus de Varginha no encerramento do 12º Festival de Teatro Amador de Varginha. 5) Recital de Piano pelo Projeto Quintas Artísticas, com o pianista Miguel Rosselini. 6) Música, com o Quinteto Sociedade Harmônica. 7) 23º Festival da Canção Cristã de Varginha, da Pastoral da Comunicação de Varginha com a participação de 3.110 espectadores. 8) pelo Projeto Concertos 99: Recital de Gala com Paulo Porto Alegre e Rogério Wolp. Minasax Quarteto de Saxofones e Percussão, do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga. 9) Uni-Duni-Tê, pelo Projeto Quintas Artísticas, com o Grupo Sala

de Teatro. 10) Projeto A escola vai ao teatro com alunos da Fundação Varginhense de Assistência aos Excepcionais – FUVAE. 11) entre 06 e 09 de setembro foi realizado o 6º Festival Cultural Estudantil de Varginha com espetáculos de teatro, dança e música. 12) espetáculo de dança com a Academia Bobeou, Dançou. 13) espetáculo Dançando em dobro, com o Grupo de dança de rua *Street Boys* e convidados. 14) Auto de Natal, com alunos do Centro de Estudos Tecnológicos de Ensino e Ciências. 14) XII Festival de Teatro Amador de Varginha com os seguintes grupos: Brasil, minha terra, com o Grupo Sala de Teatro; Vida de artista, com o Grupo Kintart; A bruxinha que era boa, com o Grupo As Bruxildas; Por uma vida menos ordinária, com o Grupo Katmandu; Você, eu, nada, com a Alicerce Cia. de Teatro; Fernando por Pessoas, com o Grupo Oficina de Teatro Fepesmig; Não pare na pista, com Grupo Força Livre; Irmã, com o Grupo Maranatha de Art'Global. 15) XXIII Festival da Canção Cristã, promovido pela Pastoral da Comunicação da Paróquia do Divino Espírito Santo com o apoio da Prefeitura Municipal de Varginha por meio da Fundação Cultural do Município. O festival reuniu artistas de todo o país. A Rádio Melodia FM 102,3 Mhz, emissora administrada pela Fundação Cultural, transmitiu o evento.

No ano 2000 foram apresentados: 1) 1º Festival de Dança de Rua de Varginha – 500 anos, promovido pela Fundação Cultural do Município. 2) 1º Canta Varginha – Festival Estudantil de Música numa promoção da Rádio Transamérica, Fundação Cultural do Município e Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC. 3) Dança de rua, pelo Projeto Quintas Artísticas, com o Grupo *The Vision Dance*. 4) Música Popular Brasileira – espetáculo musical, com Michel Pedro Filho e amigos. 5) VII Festival da Música Inglesa, com alunos do Colégio Objetivo. 6) Curto-Circuito, com o Grupo Sagitarius. 7) espetáculo com Música Popular Brasileira, com Cacá Negretti. 8) espetáculo Dança Comigo, da Academia Bobeou, Dançou. 9) I Festival de Música Gospel de Varginha e Região. 10) Festival de Dança do Colégio Objetivo. 11) Integração 2000 Dança de rua

com o grupo *Street Boys*. 13) peça infantil João e a Bruxa com o Grupo Maranatha de Art'Global. 14) Recital de piano com Carla Reis.

Em 2001, apresentaram-se: 1) Dança de rua pelo Projeto Quintas Artísticas com a Cia. de Dança de Rua *Street Boys*. 2) VIII Festival de Música Inglesa do Colégio Objetivo. 3) Espetáculo musical com Gallo e convidados com o percussionista Carlos Alberto da Silva (Gallo). 4) A música está com as crianças, da Escola Adventista de Varginha. 5) espetáculo Raízes, com a Família Reboliço, Grupo de Pagode Família Reboliço. 6) Dança nas Escolas com alunos do Colégio Catanduvas e as escolas municipais Dr. Jacy de Figueiredo (CAIC I) e Professora Helena Reis (CAIC II). 7) Banda *Shadows Times* pelo Projeto Quintas Artísticas. 8) espetáculo de música com Raimundo Andrade e Banda Nó na Madeira. 9) Coral Professora Hyrma Paiva da Igreja Presbiteriana de Varginha. 10) 1º Dance Minas Mostra de Dança Regional com o Grupo de Dança *The Vision Dance*. 11) peça O rei da vela, com o grupo UNIARTE Espetáculos Teatrais.

Em 2002, apresentaram-se: 1) espetáculo de dança Evolução, a arte de dançar, pelo Projeto Quintas Artísticas, com o grupo *The Vision Dance* e convidados. 2) 3º espetáculo de Dança, da Academia Bobeou, Dançou, pelo Projeto Quintas Artísticas. 3) 3º espetáculo de dança com alunos do Colégio Catanduvas. 4) Capoeira: espetáculo de batismo e troca de cordas, com o Grupo de Capoeira Raiz Mineira. 5) espetáculo Nada faltará e lançamento do *Compact Disc* de mesmo nome do Quarteto Ômega. 6) espetáculo e lançamento de *Compact Disc* da Banda *Twice*. 7) II Festival de Dança Estudantil de Varginha do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS, com 1.800 espectadores nos dias 23 e 24 de setembro. 8) Musical Ópera Maluca com João Bart (piano) e Pablo Caldonazzo (flauta). 9) espetáculo Conversa de botequim, pelo Projeto Quintas Artísticas, com o Grupo de Responsa (Gallo). 10) Festival de Música FG Canta Vida Viva, da Escola Técnica de Formação Gerencial – ETFG. 11) 2º Festival de Dança de Rua do Sul de Minas com a Cia. de Dança *Street Boys*. 12) espetáculo de canto e dança com alunos do Colégio Catanduvas.

Em 2003, apresentaram-se: 1) espetáculo musical Lembranças com a dupla Rony e Rudson. 2) Programa Recordando o meu sertão com a dupla João Carlos e Maurício, de Varginha e Poços de Caldas, com transmissão da Rádio Melodia FM de Varginha. 3) 3ª Semana Presencial do Projeto Veredas, entre 20 e 24 de janeiro, com a exibição de vários filmes brasileiros e estrangeiros, seguidos de debates. O evento foi promovido pelo Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS. 4) espetáculo de dança "Lutar sempre, perder, às vezes, desistir jamais..." com o grupo *The Vision Dance* e Convidados. 5) 26º Festival da Canção Cristã de Varginha, do Grupo Sintonia, da Paróquia do Divino Espírito Santo. 6) Espetáculo de Dança com alunos da Escola Municipal Antônio de Pádua Amâncio. 7) 1º EART'S – Festival Estadual de Teatro de Varginha com Russilvânia Gallo e o Grupo Maranatha de Art'Global. 8) 1ª Mostra de Dança Festival Entre Escolas com alunos das escolas municipais, Colégio Batista e Colégio dos Santos Anjos. 9) 1º Dance Férias Festival, com o grupo *The Vision Dance*. 10) 1º Festival Art & Dança Academia, com o grupo Art & Dança Academia. 11) Seletiva de grupos de dança para participação na abertura da 25ª Feira da Paz de Varginha, promovida pelo Departamento Municipal de Cultura e pela Fundação Cultural do Município. 12) 2º Festival de Música Inglesa e Brasileira, do Colégio Logos. 13) espetáculo de Dança em Cena, com Márcia Costa. 14) Recital Musical Comentado com os músicos Eldah Drummond, Alexandre Braga, Igor Reyner, Hélcio Baroni e Marcus Vinicius Diniz. Comentários de André Torres, do Rio de Janeiro. 15) lançamento do *Compact Disc* Temporal com a Banda Rappa do Tacho, pelo Projeto Quintas Artísticas. 16) Dança Caixa de Pandora, com o Grupo Dança Cena Viva. 17) Dança O caso das pedras preciosas, com Lidiane Pontes, do Colégio Catanduvas. 18) Dançar é não ter vergonha de parecer ridículo, da Cia. de Dança *Street Boys* e Convidados. 19) Grande Encontro de Dança de Varginha e Região. 20) peça Na terra dos papudos, Semana da Consciência Negra. 20) 2ª Mostra de Dança Entre Escolas com escolas municipais, Colégio Batista

e Colégio dos Santos Anjos. 21) apresentação musical das crianças do Projeto PETI, do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil.

Em 2004, o Theatro Capitólio esteve com suas portas abertas somente até o dia 07 de fevereiro, quando foi realizado o último espetáculo antes do fechamento que durou até 2011: Música Raiz Brasileira, do Projeto Recordando o meu Sertão, com a participação de violeiros de Varginha e da região, transmitido pela Rádio Melodia, com a presença de 1.380 espectadores.

Em 2011, apresentaram-se: 1) 31ª edição do Festival da Canção Cristã de Varginha. 2) Uma noite na ópera, com a soprano Fernanda Ohara e Fábio Costa ao piano. 3) o músico varginhense Cacá Negretti com vocal e violão, com espetáculo autoral de músicas de vários estilos: rock progressivo, pop rock, blues, samba e baião, em que foi acompanhado por Gugu (contrabaixo), Betão (guitarrista da Musical Laser), Delfino (baterista), Claudião (percussão) e Milange (percussão e vocal). 4) Respeitável público, espetáculo inspirado em números circenses como malabarismo, acrobacia, capoeira, palhaçadas e balé. No palco, os alunos das escolas públicas do município, assistidos pelo Programa TimArtEducação da operadora de telefonia TIM, em parceria com a Prefeitura de Varginha por meio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC. Nesse ano, o programa completou dez anos de atividades em Varginha. Durante o ano, os alunos participam de oficinas de violão, teatro, capoeira, dança de rua, balé, arte digital, artes plásticas e circo.

Em 2012, apresentaram-se: 1) grupo de chorinho Canarinho Teimoso, formado por professores do Conservatório Estadual de Música de Varginha – CEMVA, apresentou clássicos do choro, gênero musical popular e instrumental brasileiro. O nome do grupo foi inspirado na música Canarinho Teimoso de Altamiro Carrilho (1924-2012), compositor e flautista brasileiro. 2) Cantata de Natal com alunos do Colégio Catanduvas. 3) Mostra de Dança Entre Escolas.

Grêmio de Teatro Amador Amor à Arte, 1938.
Sentado, ao centro, Flodoaldo Rodrigues (1907-1992), jornalista, ator, diretor de teatro, escritor e líder operário.

Em 2013, apresentaram-se: 1) peça musical Os saltimbancos, pelo 24º Batalhão de Polícia Militar de Minas Gerais, apresentada pelos jovens do Projeto Semeando o futuro, em comemoração ao mês da criança. 2) Companhia Trukiss, com o espetáculo infantil Portal Mágico, evento da 4ª edição do Projeto Contação de Histórias, para as escolas municipais de Varginha.

Em 2014, apresentaram-se: 1) Festival de Poesia Falada com autores e intérpretes de Varginha e do Brasil. 2) Teatro de Luz: O Natal da Dona Baratinha, promovido pela CEMIG – Centrais Elétricas de Minas Gerais em parceria com o Projeto de Leitura Adriana Galo conta histórias. Participação de Adriana Galo, Ysis Belato e Yzadora Belato. Entrada franca. 3) espetáculo com a banda Plágio de *Hard Rock* com apresentação de covers do *rock n'roll* nacional e internacional: Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Raimundos, Queen, Bon Jovi, Beatles e Scorpions. A banda é formada por Gustavo (baixo), Milena Castro (vocal), PC (bateria), Felipe (guitarra base) e Bruno (guitarra solo). 4) espetáculo Resgatando Raízes, com Rafael Braga. As imagens foram para a gravação de um CD. 5) Espetáculo Barroco das Minas, apresentado pelo Grupo Teatrix na programação do VI Festival de Arte e Cultura do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – Unidade de Varginha, em que o escultor Aleijadinho foi o artista homenageado.

Em 2015, na apresentação da I Feira Literária de Varginha – FLIV, a peça infantil Planeta dos espantalhos, com a Cia. Sagitarius de Teatro.

Em 2016, 1) pelo Projeto Mostra Interplanetária de Teatro, foi encenada a peça A serpente, de Nelson Rodrigues, com artistas locais sob a direção da atriz varginhense Mariana Azze. Para crianças, no período da tarde, a peça João e Maria, da consagrada obra de Maria Clara Machado. A proposta do projeto é a democratização do acesso às atividades culturais. A entrada nos dois espetáculos foi franca. 2) Apresentação do comediante de televisão Gustavo Mendes com o espetáculo Um show com tudo dentro,

Grêmio Teatral Varginhense, 1952

em que ele fez piadas com as situações do cotidiano e apresentou performances musicais hilariantes.

Em 2017, apresentaram-se: 1) concertos pelo Projeto Música Varginha, no período entre maio e dezembro, no último domingo de cada mês, às 10:00 horas. A estreia ocorreu com o Duo Vera Cruz, de Belo Horizonte, com Matheus Ribeiro (piano) e André Siqueira (flauta). Na execução das peças, uma mescla entre o erudito e o popular nas composições e arranjos. Esse projeto, com outro formato, levou apresentações musicais ao Theatro Capitólio nos anos de 2011 e 2012.

Em 2018, apresentaram-se: 1) Uma janela no tempo: monólogo de Oneyda Alvarenga, de José Roberto Sales, com texto reduzido, na abertura da IV Feira Literária de Varginha, realizada entre 24 e 26 de outubro. A protagonista foi a atriz varginhense Giovanna Serra Bibiano, aluna do Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET Unidade Varginha. 2) Peça infantil Auto de Natal: o boi e o burro no caminho de Belém, de Maria Clara Machado, realização do Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente – CDCA.

A seguir, apresentamos as companhias locais de música, canto, dança e teatro mais expressivas na história da arte de Varginha, que fizeram suas apresentações no Theatro Capitólio.

8.4.1 Teatro

Os grupos de teatro de Varginha, desde a década de 1930 até o presente, são caracterizados, em sua maioria, pela curta duração, entre um e quatro anos. São os seguintes alguns dos grupos locais de teatro que se apresentaram no Theatro Capitólio:

8.4.1.1 Grêmio de Teatro Amador Amor à Arte (1937)

Em 1937, encontrava-se em atividade o grupo de teatro amador Grêmio Amor à Arte, inicialmente vinculado à Associação Operária de Varginha. A sede estava localizada na Rua Coronel João Urbano, esquina com a Rua Domingos de Rezende, nas proximidades da Estação Ferroviária, centro. Na época, os membros pretendiam alugar um salão que pudesse servir, simultaneamente, de sede e de local de apresentação dos espetáculos, embora o grupo também se apresentasse no Theatro Capitólio como, por exemplo, com a peça Milagres de Santo Antônio. O Grêmio viajava para as cidades vizinhas, para apresentar seus espetáculos, dentre elas, Elói Mendes. Eram membros do Grêmio: Flodoaldo Rodrigues, Sebastião Pinto, José Carlos, Benedito Silva, Pedro Martins Rangel, Edmundo Barra, Manoel José Salgado, Alcides Tomás, Edith Carlos Pereira, Nair Carlos Pereira, Sílvia Leal, Maria Aparecida Silva e Maria Isabel Caldonazzo, essa última, conhecida como pequena Isabelinha, a sapateadora (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1022, p. 3. Varginha, 24 abr. 1938). Flodoaldo Rodrigues (1907-1992), tio-avô materno do autor deste livro, era o diretor-ensaiador do Grêmio Amor à Arte. Ele foi ator, jornalista, escritor, poeta e membro do diretório do partido político Movimento Democrático Brasileiro na década de 1970. Em 1980, foi indicado para membro efetivo da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências. A indicação coincidiu com o início de um período de inatividade da Academia e ele faleceu antes de tomar posse.

Em 1937, o Grêmio Amor à Arte, apresentou a peça Milagres de Santo Antônio, um drama sacro-histórico e fantástico com três atos e cinco quadros, e, conforme anunciado no jornal "uma das mais belas reminiscências do teatro antigo". A encenação seria acompanhada por "lindos números de música de Duilio Dante Maselli e Romualdo Oliveira, e pela orquestra do maestro [Arnaldo] Amarante. O maestro

Amarante era compositor, autor de Marta, "bela composição [...] que em breve será exposta à venda nesta cidade, pois já está sendo impressa". O espetáculo foi realizado após a exibição cinematográfica daquele dia (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 999, p. 6. Varginha, 14 nov. 1937; *O SUL-MINEIRO*. Edição nº 368, p. 4. Varginha, 07 nov. 1937). Na época, existiam algumas peças com o título Milagres de Santo Antônio de autoria variada, inclusive comédias. Não foi possível identificar qual texto foi utilizado nessa encenação.

8.4.1.2 Grêmio Teatral Varginhense (1951-1952)

No início da década de 1950, um grupo de teatro amador formado por pessoas da classe média, se destacava na cidade: o Grêmio Teatral Varginhense. Eram membros: Arline Barros, Edelma Moraes, Edna Moraes, Ênio Moraes, Horácio Moraes, José Batista Pinto, José Braga Jordão, Maria A. B. Pinto, Mariangela Calil Antunes Conde, Mauro José Teixeira, Paulo Ramos, Paulo Vasconcelos, Raquel Venga e Santinha Salles Gontijo (avó do ator Petrônio Gontijo).

Nesse período, o Grêmio Teatral Varginhense realizou algumas encenações, dentre elas O feitiço (1951) e As mãos de Eurídice (s.d.), peça monólogo de Pedro Bloch, cuja quinta exibição na cidade foi realizada em homenagem à classe médica varginhense. Segundo o cartaz de anúncio: "Na ribalta do Capitólio, a originalíssima peça de Pedro Bloch, em dois atos, intitulada As mãos de Eurídice, interpretada por um só personagem. As mãos de Eurídice é uma história dramática e empolgante, em que, um homem sozinho, com seu desespero, desenvolve um tremendo esforço artístico". O cartaz não cita o ano da encenação nem o nome do ator protagonista. A seguir, foi apresentado um ato variado com o quadro musical literário denominado Inspiração (CARTAZ DE PROPAGANDA. Grêmio Estudantil Varginhense. As mãos de Eurídice. s/d).

Em 1952, foi a vez da comédia Chuvas de verão, em três atos, peça de Luiz Iglésias, com José Braga Jordão (Januário, velho de 60 anos), Edelma Morais (Felicidade, esposa de Januário), Maria A. B. Pinto (Esperança, mãe de Maria Clara), Raquel Venga (Maria Clara, menina do século XX), Mauro José Teixeira (Pepe, noivo de Maria Clara), Ênio Moraes (Dr. Alfredo, marido de Esperança) e José O. Moraes (Benedito, o mordomo). Os contrarregras eram Batista Pinto e Paulo Vasconcelos, ponto com Geralda Salles Gontijo e Mauro José Teixeira como ensaiador. A direção-geral ficou a cargo de Horácio Morais e Paulo Ramos. O mobiliário e objetos de decoração de interiores foram gentilmente cedidos pelas firmas A. Vidal de Carvalho e Luiz Gabínio de Carvalho. O preço do ingresso, vendido na bilheteria, era de Cr$ 10,00 (dez cruzeiros). Uma das apresentações foi realizada no Grande Festival Artístico em benefício das obras da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Um grande ato variado, denominado Magia Colorida, foi oferecido como complemento artístico do Festival, com a participação do maestro Cecílio Guilherme Fernandez e seu conjunto de ritmos (CARTAZ DE PROPAGANDA. Grêmio Estudantil Varginhense. Chuvas de verão. s/d).

8.4.1.3 Companhia Yvonjanpen (1954)

Em 1954, a Companhia Yvonjanpen, formada Yvone Guedes, Jeane Canale e Inah Bueno de Abreu, apresentaram em *avant-première*, a revista Fantasia Teatral *Tourbillon* de Kabuki, sua primeira interpretação no gênero. Constituiu o programa de números de bailados, cantos, drama, parada de elegância e diversas atrações, notadamente Uma noite em Taiti e Belezas emolduradas, ambas com ótima encenação e interpretação. A Companhia Yvonjanpen foi criada com o objetivo de desenvolver o nível cultural e artístico da cidade. A renda da bilheteria era destinada a amparar instituições religiosas e de caridade. A direção musical foi de Maria da Penha Carneiro

Costa e, a artística, de Jeane Canale com a colaboração de Yvone Guedes e Inah Bueno de Abreu, com numeroso elenco. Segundo o *Correio do Sul*, as senhoras dessa Companhia não eram varginhenses natas, mas souberam fazer de Varginha sua terra pelo coração. Madame Canale tinha pendor para a arte teatral e, principalmente, para a dança clássica, sendo artista conhecida e admirada nos palcos da Europa e dos Estados Unidos. Maria da Penha Carneiro Costa, pianista, compositora e maestrina, foi escolhida pelo professor, acordeonista e compositor Mário Mascarenhas (1929-1992) para dirigir a Academia Sul-Mineira de Acordeon que, na época, contava com mais setenta alunos matriculados. Grandes cantores e compositores brasileiros aprenderam a tocar acordeon com ele. A renda do espetáculo foi destinada às Damas Vicentinas e à Organização das Voluntárias (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 897. Varginha, 13 jun. 1954; *DIÁRIO CARIOCA*. Edição nº 7981, p. 9. Rio de Janeiro, 14 jul. 1954). Na década de 1950, o acordeon era um instrumento musical muito popular.

8.4.1.4 Grupo Teatral Ginásio Catanduvas (1962)

Em 1962, estava em atividade o Grupo Teatral Ginásio Catanduvas, com elenco formado por atores amadores, alunos desse tradicional e conceituado estabelecimento de ensino de Varginha. Nesse ano, o grupo encenou no Capitólio duas peças.

A primeira peça encenada, "Gilberto, o moço pobre", "agradou ao público que lotou literalmente as dependências do Capitólio". A segunda peça, levada ao palco em dezembro, "A felicidade perdida", em três atos, é de autoria de Odilon Novais. "Com esse drama que é sentimental e humano, o elenco do Ginásio Catanduvas faz sua segunda apresentação nm curto espaço de tempo. [...] A Felicidade perdida mostrará ao público varginhense a maturidade do Teatro em nosso meio, revelando verdadeiros artistas da arte cênica, que poderão desempenhar papéis de grande responsabilidade

num futuro bem próximo, em nosso meio artístico ou fora daqui" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.660, p. 1. Varginha, 29 nov. 1962).

8.4.1.5 Grupo Teatrão (1970)

Em 1970, foi criado o Grupo Teatrão de teatro amador com o patrocínio do Centro Educacional Catanduvas e chancela da Associação Médica de Varginha. O grupo era formado por atores amadores e músicos de Varginha e contava com a participação eventual de músicos de outras localidades.

Em outubro de 1970, foi apresentado o espetáculo de teatro e música "Teatrão com Sol de Primavera" composto por duas peças teatrais: "Os inimigos não mandam flores", de Pedro Bloch, e "O pedido de casamento", comédia de ato único, de Anton Tchekhov (1888-1889), além de "um excelente e sui-generis show musical, a cargo de diversos músicos de nossa cidade", tais como Weber Machado, violonista do Restaurante "Gamby"; Sílvio Brito, do conjunto musical "Os Apaches"; Michel-Pierre, compositor e violonista varginhense; Oglimar; "Praia"; Lucídio; José Marcos e outros. Jean-Pierre, compositor e violonista paulista, participou da apresentação.

Em "Os inimigos não mandam flores", estiveram em cena Márcia Bíscaro e Célio Segundo Salles, e em "O pedido de casamento" Stéfanie, Marcos Filgueira e Célio Segundo Salles. Os ingressos foram vendidos na Associação Médica de Varginha e no Colégio Catanduvas (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 2.379, p. 6. Varginha, 18 out. 1970).

8.4.1.6 Grupo Médico de Teatro Amador (1980-1983)

No período entre 1980 e 1983, esteve em atividade o Grupo Médico de Teatro Amador de Varginha, formado principalmente por médicos e por suas esposas. Os

médicos exerciam suas funções em consultórios particulares e no serviço público em Varginha. Na escolha das peças, o grupo optou por clássicos do teatro infantojuvenil brasileiro de autoria da consagrada escritora e dramaturga mineira Maria Clara Machado (1921-2001).

Em 1980, encenação da peça Pluft, o fantasminha (1955). Foram realizadas duas apresentações com entrada franca: no dia 11, às 15:00h e no dia 12, às 10:00h. O espetáculo, promovido pela Associação Médica de Varginha em colaboração com a Empresa Cinematográfica Prince de Souza, teve o patrocínio da Prefeitura Municipal, sendo realizado em virtude da comemoração do Dia da Criança (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Varginha, 07 out. 1980; ibidem, Varginha, 11 out. 1980).

Em 1983, A menina e o vento (1963), nos dias 28, 29 e 30 de outubro, às 17:00h. Personagens e atores: O Vento: Luiz Fernando Vasconcelos. Maria, a menina: Itamara Nilo Bizzotto. Pedro, o menino: Cláudio Agápio de Aquino. As tias: Adelaide: Beatriz Palhano de Jesus Vasconcelos; Adalgisa: Teresa Guida Massa, e Aurélia: Aleta Miriam Di Pietro. A avó: Helena Scherer Giordano. Repórter: Olívio Antônio Massa. Comissário: Eduardo Bizzotto. Os policiais: Pacífico: Rodrigo Fiúza Costa; Crispim: Agamenon Martins Borges. Mãe: Osméria Mota Zanatelli. A equipe técnica era constituída por: Jair Tavares Zanatelli, Alaor Tavares, Roberto Constâncio, Geraldo César Teixeira Junqueira, Jander Lebre de Almeida e Roberto Figueiredo de Souza. Cenografia: Teresa Guida Massa, Itamara Nilo Bizzotto e Jair Tavares Zanatelli. Figurinos: Aleta Miriam Di Pietro e Regina Maria Viana de Aquino. Iluminação: Iracema Rezende de Oliveira e Roberval Ferreira dos Santos. Maquilagem: Noêmia Alvarenga Gontijo e Marco Antônio Maselli. Sonoplastia: Jair Tavares Zanatelli e Geraldo Sérgio Pressato. Divulgação: Rosângela Antunes Conde. Direção geral: João Alexandre Giordano (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Varginha, 29 out. 1983).

O grupo encenou também O rapto das cebolinhas (1954).

8.4.1.7 Grupo Quarta Parede (1989-1992)

Quarta parede é uma convenção teatral e não uma cenografia: ela é a parede imaginária ao longo da linha do proscênio ou boca de cena que separa os atores no palco do público na plateia. Isso significa que os atores devem atuar como se fossem invisíveis para a plateia e o público assiste à encenação como se a plateia não fosse percebida pelos atores. Em um ambiente interno, três paredes da sala estão montadas no palco: a do fundo e as laterais, é o chamado *box set.* A parede não montada, é a imaginária.

O Grupo Quarta Parede, dirigido pelo ator e diretor de teatro Márcio Edis Teixeira, foi criado em 1989 e esteve em atividade até 1992, quando foi dissolvido. Participavam desse grupo os atores Cláudio Henrique Martins e Rossana Ippolito. O Quarta Parede procurou ter uma concepção autoral de projeto estético e ideológico na criação de uma linguagem que pudesse constituir sua identidade teatral, demonstrada nas montagens cênicas. O grupo realizava leitura de peças de teatro com os atores e com pessoas interessadas em teatro.

Em 1990, o Quarta Parede participou do III Festival de Teatro Amador de Varginha com a peça Se chovesse vocês estragavam todos, de Clóvis Levi e Tânia Pacheco com os atores Cláudio Henrique Martins e Rossana Ippolito, que contracenavam entre si e com três bonecos em tamanho natural. Em 1991, participou do IV Festival, com a peça Oração aos mortos, uma adaptação do texto original *Oración*, do dramaturgo espanhol Fernando Arrabal, com direção de Márcio Edis Teixeira. No elenco, Cláudio Henrique Martins, Rossana Ippolito, Sônia Terra, cantora de ópera e Kennedy Basílio, ator e bailarino varginhense. O cenário era composto por um caixão de defunto, velas acesas e uma trama de tecido sobre a cortina vermelha lembrando o gradeado de uma masmorra ou uma teia de aranha. A personagem de Sônia Terra usava um vestido

Cláudio Henrique Martins e Rossana Ippolito na peça Oração aos mortos, 1991

de noiva. Essa peça foi uma criação cênica coletiva inspirada no teatro do absurdo (IPPOLITO, 2021; MARTINS, 2021).

8.4.1.8 Grupo Teatral Segundo Tempo (1993-1997)

O Grupo Teatral Segundo Tempo, em atividade no período entre 1993 e 1997, era formado por alunos da Escola Municipal Dr. Jacy de Figueiredo e dirigido pela atriz Rossana Ippolito. A criação desse grupo atendeu ao interesse demonstrado pelos alunos em apresentar sua arte e talentos para além dos muros da escola. O grupo participou do VI Festival de Teatro Amador de Varginha, em 1993, com a peça Dona Baratinha, do IX Festival, de 1996, com a peça A incrível viagem e, por último, do X Festival, de 1997, com a peça A terra dos meninos pelados, de Graciliano Ramos (IPPOLITO, 2021).

8.4.1.9 Alicerce Cia. de Teatro (1999-)

A Alicerce Cia. de Teatro foi fundada em 1999, pelo ator varginhense Anderson Soares e Aryanne Ribeiro.

O monólogo Eu, você, nada drama de Anderson Soares com direção de Aryanne Ribeiro (2001-2010) e Rossana Ippolito (2017), estreou no 12º Festival de Teatro de Varginha e, posteriormente, foi encenado em Belo Horizonte, Alfenas, Conselheiro Lafaiete, Contagem e Pouso Alegre.

Em 2006, a Companhia encenou a peça infantil A fada e o corcunda, com texto e música, sob a direção de Aryanne Ribeiro. No elenco, Anderson Soares, autor do texto e Cássia Freire.

Em 2013, a Alicerce encenou o drama Eu, você e nada, com a direção de Rossana Ippolito. No mesmo ano, Máscaras (1920), poema lírico e romântico, de Menotti

Del Picchia, escrito na forma de peça de teatro, com direção de Anderson Soares. No elenco: Adenixson Rodrigues (Arlequim), Erick Alcântara Fotunato (Pierrot) e Danile Silva Alfredo (Colombina) nos papéis desses personagens da Commedia dell'Arte.

8.4.1.10 Grupo de Teatro Pan-go-de-lê (2003-2014)

O Grupo de Teatro Pan-go-de-lê era formado pelos alunos do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha, sob a direção da atriz e diretora de teatro Rossana Ippolito. O grupo produziu e apresentou peças de teatro em várias salas da cidade, no Conservatório de Música, na Prefeitura Municipal e em algumas empresas. Os textos adaptados permitiriam a participação de grande número de atores com encenações de produção coletiva. No Theatro Capitólio foram apresentadas as seguintes peças:

Em 2003, Flicts encontra o menino maluquinho, com a direção de Maria Inês Barros e execução de Rossana Ippolito. No elenco, Bruno Pontes, Islaine Garcia, Luiz Carlos Costa Sarto (Dudu), Marcus Vinícius Amâncio, Graziela Teodoro Machado, Vanderlei Silva Júnior, Rachel Saldanha Mitidieri, Nágila Analy Freitas Reis, Luiz Otávio Ferreira, Layon André Reis da Silva, Rodrigo Bella Dona, Raphael Bíscaro, Juliet Gonçalves, Gilsinei Oliveira e Ricelli Piva.

Em 2012, Vestido de Noiva, com texto adaptado da peça de Nelson Rodrigues, sob a direção de Rossana Ippolito. No elenco, Yasmim, Daniela Silva Alfredo, Charles Batista, Pablo Rosa, Juninho Camargo, Rodolpho Lincoln, Rafaela Almeida, Paulo Yam, Brunna Agnelo, Giovana Abreu, Amanda Barros, Tonn Fonseca, Laryssa Bittencourt, Filipe Chaves Bissoni, Marina Siqueira, Cindy Costa, Adriana Paulini, Thaís Gazzola, Eduardo Eugênio, Daniele Frogeri, Guilliano de Freitas, Marina Carvalho, Aline Mol, Erik de Alcântara Fontoura, Rafaela Carvalho, Angélica Fontoura, Angélica Vër Meyer

e Bruno G. Finoti.

Em 2014, O Bem-Amado, com texto adaptado da peça de Dias Gomes, sob a direção de Rossana Ippolito. No elenco, Débora Rosa, Bárbara Maia, Giovana Abreu, Rebeca Zambotti, Gabriela Ponce, Luana Oliveira, Thaís Gazzola, Amanda Barros, Eveline Aparecida Marcelino, Brenda Almeida, Paloma Alves, Luma Ciacci, Luís Mol, Higor, Weverson Claro, Welerson Claro, Igor Becati, Gustavo Torres, Edson Lima, Guilliano de Freitas, Jordany, Rodolpho Lincoln, Aline Mol, Rafael Souza, Nina Milani e Camila Mendes.

8.4.1.11 Além do Capitólio: outros grupos de teatro

Além dos grupos de teatro citados acima, que se apresentaram no Theatro Capitólio, Varginha teve outros dos quais não localizamos registros de apresentações nesse teatro. Dentre eles, citamos o Grêmio Teatral Montanhês, fundado em 1956, "por um grupo de rapazes, tendo a frente Samuel Pinho, Watson Venga e Décio Souza Machado". A primeira apresentação do grupo ao público foi realizada em Elói Mendes com a peça "Becos da cidade", de Abelardo Pinto, o palhaço Piolin, "sendo bem recebidos e muito aplaudidos os intérpretes da referida peça". Segundo o *Correio do Sul*, o grupo logrou absoluto êxito na primeira encenação (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.121, p. 3. Varginha, 04 out. 1956). O grupo também se apresentou em Carmo da Cachoeira, ocasião em que recebeu "os calorosos aplausos do grande público presente ao espetáculo" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.134, p. 3. Varginha, 18 nov. 1956).

8.4.2 Música (grupos e escolas), banda, dança, ópera e grupos mistos de teatro e dança

8.4.2.1 Quinteto Varginhense (1939)

Em 1939, os músicos da Orquestra do Theatro Capitólio criaram o Quinteto Varginhense, formado por Arnaldo Amarante (maestro), Carlos Zink (violinista), Domingos Minitti, José Fonseca (flauta) e Pedro Chagas Dias (contrabaixo).

O quinteto realizou seu primeiro concerto no dia 20 de julho, tendo executado o seguinte programa: Parte 1: Gioachino Rossini: Semíramis – Grande *Ouverture*. Pietro Mascagni: Cavalleria Rusticana – *Intermezzo*. Francesco Paolo Frontini: *Danza Spagnola* – Bolero. Franz von Suppé: *Poète et Paysan – Ouverture*. Parte 2: Ernest Urbach: Signaux de Suppé – Fantasie. J. Santos: Charrita [sic] [chamarrita?] – Valsa Mexicana. Fermo Dante Marchetti: *Petit Trianon – Gavotte*. Antônio Carlos Gomes: Guarani – Sinfonia. O convite e o programa publicados no *Arauto do Sul* terminam com uma exortação que bem mostra o gosto do varginhense pelas artes: "Prestigiemos as artes o mais que pudermos" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1085, p. 1. Varginha, 16 jul. 1939). As peças executadas são do Romantismo e da corrente musical realista. Fermo Dante Marchetti compôs a música da canção Fascinação.

No início da década de 1940, eram realizadas audições de piano coordenadas pelo professor Arnaldo Amarante.

8.4.2.2 Orfeão Santa Cecília (1956)

Em 1956, foi apresentado o Grande Festival Vocal, "com um belíssimo e bem organizado programa" a cargo do Orfeão Santa Cecília, de Varginha, composto por

Recital de Canto Lírico. Roberval de Castro (tenor), Elvira Gomes (pianista) Eduardo Meireles (tenor), Fernanda O'Hara (soprano) e Sônia Terra (soprano), 2000

"senhoritas e jovens da nossa sociedade". O programa constou de duas partes: uma de cantos religiosos e outra, de cantos populares a várias vozes. Os comentários foram feitos por Ivone Guedes Leite, que, em 1954, era integrante da Companhia Yvonjanpen, grupo artístico local (vide verbete).

O festival foi organizado com o propósito de arrecadar fundos para a compra de um novo órgão para a Igreja Matriz do Divino Espírito Santo. Segundo o *Correio do Sul*, o certame artístico despertou grande entusiasmo e vivo interesse com grande procura de ingressos, que foram vendidos na Casa Paroquial, Sacristia e Casa Santo Antônio (*CORREIO DO SUL.* Edição nº 1.126, p. 1. Varginha, 21 out. 1956).

8.4.2.3 Escola de Música Lorenzo Fernândez de Varginha (1968-)

A denominação da Escola de Música Lorenzo Fernândez costuma causar alguns equívocos quanto à correta grafia do patronímico: seria Fernandez, Fernández ou Fernandes? O pianista Flávio Augusto esclarece essa questão de modo definitivo. Segundo ele, "há alguns anos, resolvi colocar no programa de uma apresentação que fiz aqui, no Rio de Janeiro, o nome do compositor excluindo o acento circunflexo; porém, no final da apresentação, levei um grande 'puxão de orelhas' da filha dele que estava na plateia. Ela me disse que o pai fazia questão absoluta do acento, pois isso diferenciava o seu 'ramo familiar', a sua descendência. Segundo ela, os 'Fernândez' são de regiões distintas dos 'Fernandez', dos 'Fernández' e dos 'Fernandes' (Correspondência eletrônica de Flávio Augusto para José Roberto Sales. Rio de Janeiro, 07 nov. 2021).

A Academia de Música Lorenzo Fernândez de Varginha, foi fundada em 1968, pela educadora, pedagoga e pianista varginhense Adrienne Diniz Vallim (1933-2012). O nome da escola é uma homenagem a Oscar Lorenzo Fernândez (1897-1948), compositor brasileiro da fase nacionalista, autor de uma obra relativamente pequena

marcada pelo rigor formal. É de sua autoria a aclamada peça Trio Brasileiro (1924), para piano, violino e violoncelo. É importante não confundir o nome desse compositor com o de Cecílio Guilherme Fernandez, músico, maestro e compositor, que residiu em Varginha, na década de 1960, sendo um dos acadêmicos fundadores da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências. Entre 1968 e meados da década de 1990, a Academia de Música Lorenzo Fernândez de Varginha era uma sucursal da academia de mesmo nome, do Rio de Janeiro. A partir desse período, passou a denominar-se Escola de Música.

A Escola de Música Lorenzo Fernândez realizou as seguintes apresentações no Theatro Capitólio: Recital de Piano do Pianista Antônio Bezzan (SP) (1985). Audição de Piano de alunos das professoras Dalva Resende e Elvira Gomes (1987). Recital de Piano dos alunos da Professora Marisa Lacorte (SP) com alunos premiados (1987). Trio Brasileiro (SP): Gilberto Tinetti (piano), Erich Lehninger (violino) e Watson Clis (violoncelo) (1988). Recital à Quatro Mãos com os pianistas Flávio Augusto e Paulo de Tarso (1988). Recital Chopin com o pianista Arthur Moreira Lima, realizado em Comemoração dos vinte anos de fundação da Escola de Música Lorenzo Fernândez (1988). Recital de Piano com alunos da Escola de Música Lorenzo Fernândez premiados no Concurso Nacional de Piano Edino Krieger, em Brusque (SC) (1988). Recital com o pianista Flávio Augusto (1988). Recital com a pianista Elvira Gomes (1989). Audição de Piano da Escola de Música Lorenzo Fernândez com a professora Elvira Gomes (1989). Música Peruana a Latino Americana – Grupo Folclórico, Banda e Coral Aurélio com Elvira Gomes, pianista acompanhadora (1989). Audição de Piano de alunas da Professora Elvira Gomes da Escola de Música Lorenzo Fernândez (1991). Recital com o pianista Flávio Augusto (1991). Música para Varginha em Comemoração aos 110 anos da emancipação político-administrativa da Cidade (1992). Recital de Piano com alunos das Professoras Elvira Gomes e Eldah Drummond (1992). Audição de

Piano da Escola de Música Lorenzo Fernândez com a professora Elvira Gomes (1992). Recital da pianista Carla Reis em comemoração aos 25 anos da fundação da Academia de Música Lorenzo Fernândez (1993). Recital de piano a quatro mãos e solos das pianistas Eldah Drummond e Elvira Gomes (1993). Recital do pianista Luís Gustavo (1995). Recital de Flauta e Piano com Alexandre Braga (flauta) e Elvira Gomes (piano) (1997). Concerto "As Grandes Óperas-Árias" com o barítono Francisco Campos (SP) e a soprano Patrícia Morandini (brasileira radicada na Itália), com acompanhamento de Elvira Gomes ao piano (1996). Recital Lírico pelo Projeto Quintas Artísticas com a soprano Fernanda Ohara, o tenor Roberval de Castro e Elvira Gomes ao piano (1998). Recital de Canto Lírico com o barítono Francisco Campos e a pianista Elvira Gomes, evento realizado em benefício da Associação do Voluntariado de Varginha Vida Viva de assistência a pacientes oncológicos de Varginha e região em tratamento no Hospital Bom Pastor de Varginha e da Fundação Varginhense de Assistência aos Excepcionais – FUVAE (1998). Concerto Comemorativo aos 72 anos do Theatro Capitólio em Recital Lírico com a soprano Fernanda Ohara, o tenor Roberval Castro e a pianista Elvira Gomes (1999). Recital de piano com Luis Gustavo (2000). Recital Lírico com o tenor Eduardo Meireles, as sopranos Fernanda Ohara e Sônia Terra, e a pianista Elvira Gomes (2000). Audição de piano da professora Elvira Gomes (2001). Audição da Escola de Música Lorenzo Fernândez com alunos de piano e violão (2002). Audição de piano dos alunos da professora Elvira Gomes da Escola de Música Lorenzo Fernândez (2003). Recital de Flauta e Piano com Alexandre Braga (flauta), Elvira Gomes (piano), Wilson Silva (bateria) e Lúcio Gomes (contrabaixo) (2010). Recital de piano e flauta com os varginhenses Elvira Gomes(piano) e Alexandre Braga (flauta, da Orquestra Filarmônica de Minas Gerais). O recital contou com a participação da violinista Martha Pacífico. Foram executadas peças de Christoph Willibald Gluck, Gabriel Fauré, Sergei Rachmaninoff, Claude Bolling e alguns compositores brasileiros de chorinhos (2011).

Lançamento do Álbum (CD) Recital Alexandre Braga (flauta), Elvira Gomes (piano) e Martha Pacífico (violino) (2017). Recital Duo Flauta e Piano com Alexandre Braga (flauta) e Elvira Gomes (piano) (2018). Lançamento do Álbum (CD) Sarau Duo de Flauta e Piano: Alexandre Braga (flauta) e Elvira Gomes (piano) (2019).

Entre 1987 e 1993, a Escola de Música Lorenzo Fernândez de Varginha, realizou quatro concursos de piano: I Concurso Estímulo de Piano Lorenzo Fernândez (1987) e II, III e IV Concurso Nacional de Piano Lorenzo Fernândez (1989, 1991 e 1993). As provas, abertas ao público, eram realizadas no Theatro Capitólio, nos períodos da manhã, tarde e noite. No último dia, era realizado um Recital com os vencedores do concurso.

O I Concurso de Estímulo ao piano (1987) foi realizado com o apoio da Prefeitura Municipal e da Fundação Cultural do Município. Participaram 26 estudantes de piano dos estados de Minas Gerais e de São Paulo. Faziam parte do corpo de jurados Adrienne Diniz Vallim, pianista e educadora varginhense, formada em Piano pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil (RJ), Arlette Thedin Costa, pianista e professora do Rio de Janeiro, uma das fundadoras da Academia de Música Lorenzo Fernândez do Rio de Janeiro, Flávio Augusto, pianista e professor, e Paulo de Tarso Celano da Silva, pianista do Rio de Janeiro. Na noite da abertura, foi realizado um Festival de Gala com os pianistas Flávio Augusto e Vera Pompílio com peças de Chopin. O recital foi encerrado com a "Rhapsody in blue", de Gershwin, executada a quatro mãos.

8.4.2.4 Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha – CEMVA (1985-)

O Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha – CEMVA foi criado pelo Decreto Estadual nº 24.331, de 22 de março de 1985, tendo

funcionado, inicialmente, no Colégio Marista, na Praça Champagnat, nº 68, centro. A denominação Maestro Marciliano Braga é posterior à publicação do referido decreto. Atualmente, o prédio está localizado na Praça João Pessoa, nº 137, centro. O horário de funcionamento é de segundas as sextas-feiras, em três turnos, das 7h às 22h30min. São aproximadamente quarenta salas de aula para Escola de Educação Musical do primeiro ao nono anos e Curso Técnico em Instrumento e Canto com a duração de três anos. O corpo de servidores é composto por, aproximadamente, cem pessoas, e o discente, por 2.500 alunos. O órgão responsável é a Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais.

São ministradas aulas dos seguintes instrumentos musicais: acordeon, bateria, cavaquinho, clarineta, contrabaixo acústico, contrabaixo elétrico, flauta doce, flauta transversal, guitarra, órgão eletrônico, percussão, piano, saxofone, teclado, trombone, trompete, viola caipira, viola de dez cordas, viola de orquestra, violão, violino e violoncelo. O Conservatório também ministra aulas de canto individual, artes plásticas e artes cênicas.

Dentre as apresentações realizadas pelo Conservatório no Theatro Capitólio, a instituição elencou as seguintes:

Em 1987, o Conservatório realizou uma apresentação musical em comemoração ao centenário de nascimento do compositor, maestro, violoncelista, violonista e pianista brasileiro Heitor Villa-Lobos (1887-1959).

Em 1988, participou do I Festinverno, realizado do mês de julho.

Em 1990, o Conservatório realizou o I Concurso-Estímulo Municipal de Piano, nos dias 29 e 30 de junho.

Em 1991, realização do Recital Uma Noite com Mozart com a professora Elvira Gomes e alunas de piano (1991).

Em 1999, foram realizadas as seguintes apresentações: 1) Orquestra e do Coral

Cantus Coral Cênico do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga
Varginha, 2013

Viva Voz. 2) Orquestra Experimental do Conservatório. 3) Coral Infantil Viva Voz. 4) Banda de Concerto com repertório variado das marchinhas populares à música erudita. 5) Concerto de Cordas do Eliseu.

No ano 2000, Audição A Música está com as Crianças.

Em 2002, apresentação dos alunos do Projeto Integrarte da Escola Estadual Coronel Gabriel Penha de Paiva.

Em 2003, abertura oficial do II Encontro de Corais, pelo Projeto Integrarte Encanta Varginha. Na segunda noite desse Encontro, houve a apresentação da Orquestra Experimental do Conservatório formada por professores, alunos e amigos da música, sob a regência da professora Daniele Abreu com o seguinte repertório: Berimbau, de Vinícius de Moraes e Baden Powell; Lua, Lua, de Caetano Veloso; Encontro e Despedidas, de Milton Nascimento e Fernando Brandt, com arranjo de Daniele Abreu.

Em 2008, apresentação do Coral Infantojuvenil Viva Voz, do Conservatório. No repertório, Termo de Flores, de Amauri Vieira e Bota o navio no mar, música e canto folclóricos.

8.4.2.4.1 Cantus Coral Cênico (2008-)

O Cantus Coral Cênico foi criado em 2008, pelo maestro Alessandro Wagner Dias, formado por alunos do Curso Técnico de Canto do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha. No repertório, ritmos brasileiros variados.

Em 2013, o Coral apresentou o espetáculo Brasil em Cantus, com coreografia de Maria Inês Barros e texto de Tatiana Baroni.

Em 2014, foram apresentados os espetáculos: 1) Cantus Medievais, com canções

e danças medievais de diversas origens: Espanha, Inglaterra, França, Portugal, Itália e Alemanha. O cenário foi projetado pela arquiteta Ramsine Kézia. O vestuário era composto por peças com figurino de época, com cores variadas. A direção-geral dos espetáculos foi de Alessandro Dias. O Coral apresentou-se em várias cidades brasileiras. 2) Recital do Cantus Coral Cênico com músicas tocadas pela Camerata do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga, de Varginha, sob a regência da maestrina Daniele de Abreu. No repertório, músicas dos períodos Barroco, Renascentista, Clássica Romântica e Moderna, de compositores brasileiros e internacionais.

8.4.2.5 Clube da Cultura (2011-2017) / Música Varginha (2017-)

O Clube da Cultura / Música Varginha é grupo de estudos musicais criado pelo maestro Cassiano Maçaneiro, para realizar apresentações de música erudita. O Clube esteve em atividade entre 2011 e 2017, tendo alterado sua denominação, em 2017, para Música Varginha, em atividade até o presente. Por meio do Clube, músicos dos grandes centros culturais como Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro vieram a Varginha apresentar-se em formações de música solo a pequenos grupos de câmara. Nas edições de 2011 e 2012, o Projeto aconteceu no Theatro Capitólio com o nome de Clube da Cultura, e regressou, em 2017, com a denominação "Música Varginha".

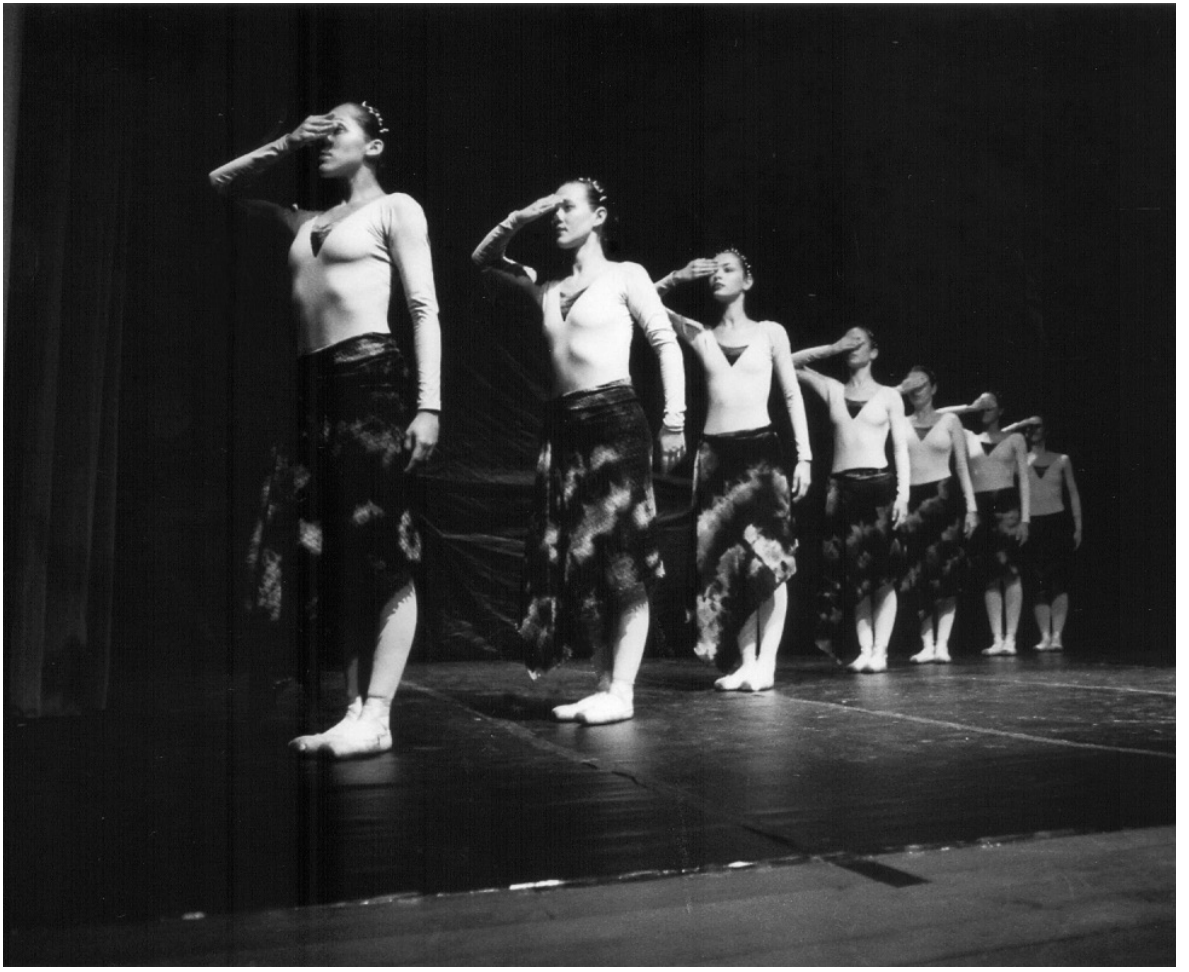
Em 2011, foi realizada uma série de concertos no Capitólio em que se apresentaram: 1) pianista André Torres. 2) pianista Semíramis Rima. 3) Concerto de piano com João Antônio Parizoto Filho, com peças da música erudita e popular, brasileira e internacional: Heitor Villa-Lobos, Schumann, Liszt e, de Alexandre Levy, o Tango Brasileiro. 4) Duo Veredas com Murilo Alves (violoncelo) e Ayran Nicodemo (violino) com peças de Reinhold Glière e Serguei Prokofiev, dentre outras. 5) Trio

Gemini, no encerramento do ano, com João Antônio Parizoto Filho (piano), Alex Santos (violoncelo) e Daiane Maçaneiro (violino). 6) Concerto do violonista Ricardo Marçal. 7) Concerto de Alexandre Braga (flauta), Moisés Pena (oboé) e Celso Faria (violão). As apresentações foram prestigiadas pelo público.

Em 2012, o C3 programou a seguinte série de concertos: março: Ricardo Marçal (violão). Abril: Alexandre Braga (flauta) com a participação de Moisés Pena (oboé) e Celso Faria (violão). Maio: Duo Omnia Brasil com os músicos cariocas Antônio Augusto (trompa) e Thadeu Almeida (piano). Junho: James Strauss (flauta) com a participação de Danieli Longo Benedetti (piano) e Daiana Mazza (violino). Julho: João Antônio Parizoto (piano). Agosto: Alexandre Braga (flauta) com a participação de Martha Maria Braga (violino) e Elvira Gomes (piano). Setembro: Valmyr de Oliveira (violão) com bandolim e percussão por músicos acompanhantes. Outubro: Quinteto de Sopros C3 Cultura. Novembro: Tiago Carneiro (trompa) e Daiana Mazza (violino).

Em 2015, apresentação da Camerata do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha, sob a regência de Cassiano Maçaneiro, durante a 1ª Feira Literária de Varginha – FLIV.

Em 2017, em maio, Duo Vera Cruz com André Siqueira (flautas) e Matheus Ribeiro (piano e acordeon). Em junho, Rafael Ávila, violonista. Em julho, Francis Vilela (piano) e Rafael Ribeiro (flauta). Em agosto, espetáculo de música e dança com Ayran Nicodemo (violino) e Laura de Castro (bailarina). Em outubro, Duo Paisagem Sonora, com os multi-instrumentistas Nathan Viana e Leonardo Chalana, em um concerto em que cada um revezou vários instrumentos.



Academia de Dança Marlene Paiva, 2012

8.4.2.6 Academia de Dança Marlene Paiva (1966-)

Dentre as escolas de dança de Varginha, a mais antiga e tradicional é a da Academia de Dança Marlene Paiva, fundada em 1966, por Marlene Rodrigues Paiva (1935-2014), localizada na Rua Dona Cota, nº 40, bairro da Vila Pinto. O grupo de dança dessa escola foi criado em 1980.

A Academia oferece aulas de clássico no estilo da *Royal Academy of Dance* – RAD (Londres), jazz sapateado infantil, juvenil e adulto, e ginástica para adultos.

Em 1985, a escola apresentou o programa *Las Sylphides* (As Sílfides), montado por Luisella de Maria, diretora do Ballet Metropolitano de São Paulo, uma composição do puro Bailado Romântico com uma série de quatro variações e um *pas de deux*, emoldurada por dois conjuntos: um bailado que inicia e outro que conclui a obra (*TRIBUNA DE VARGINHA*. Edição nº 1752, p. 2. Varginha, 16 nov. 1985).

Em 1986, foi apresentado o espetáculo Gisele e outros números, com o Grupo Uirapuru, de São Paulo, em uma promoção conjunta da escola e da Fundação Cultural do Município.

Em 1993, foram apresentados os espetáculos Cenas de Luz, Ballet Contemporâneo e Jazz; Só Jazz; Ballet da Cidade de Santos (SP); Ballet Filhas da Noite; Coreografias infantis. Em 1998, a escola apresentou o espetáculo Primavera do sofrer (*TRIBUNA VARGINHENSE*. Edição nº 1777, p. 4. Varginha, 21 jan. 1986; ibidem, ed. nº 1803. Varginha, 05 abr. 1986).

Em 1994, foi apresentado o Espetáculo de Gala, musical coreografado pelas professoras Cíntia Batista Cláudia e Marlene Paiva. Do programa executado, constaram os números Caixa de Tintas, musical que mostrava o simbolismo da paz e do bem por meio das cores, e Cenas de Luz, que representava o nascimento de Cristo. Foram apresentadas outras coreografias com os temas Momentos, Tango e Charmosa. No

Estúdio Corpo e Dança. Coreografia Folhas de Outono, 1987

elenco, vinte bailarinas da escola (*GAZETA DE VARGINHA*. Edição nº 4253. Varginha, 31 mar. 1994).

Em 1995, os espetáculos apresentados foram 100 anos de cinema e A Bela e a Fera.

Em 1997, Aladim e a lâmpada maravilhosa. Em 1998, Ballet Carmem, de Bizet, Dança do Ventre, Primavera do sofrer, Hércules. Em 2001, os espetáculos de danças Festa de aniversário e Somos estrelas.

Em 2003, espetáculos de dança Internet; Nos tempos da brilhantina; Quebra-Nozes e História da Dança. Nesse ano, a escola ainda apresentou os espetáculos Cora, do coreógrafo Rui Moreira e Santuário, da diretora Cláudia Paiva.

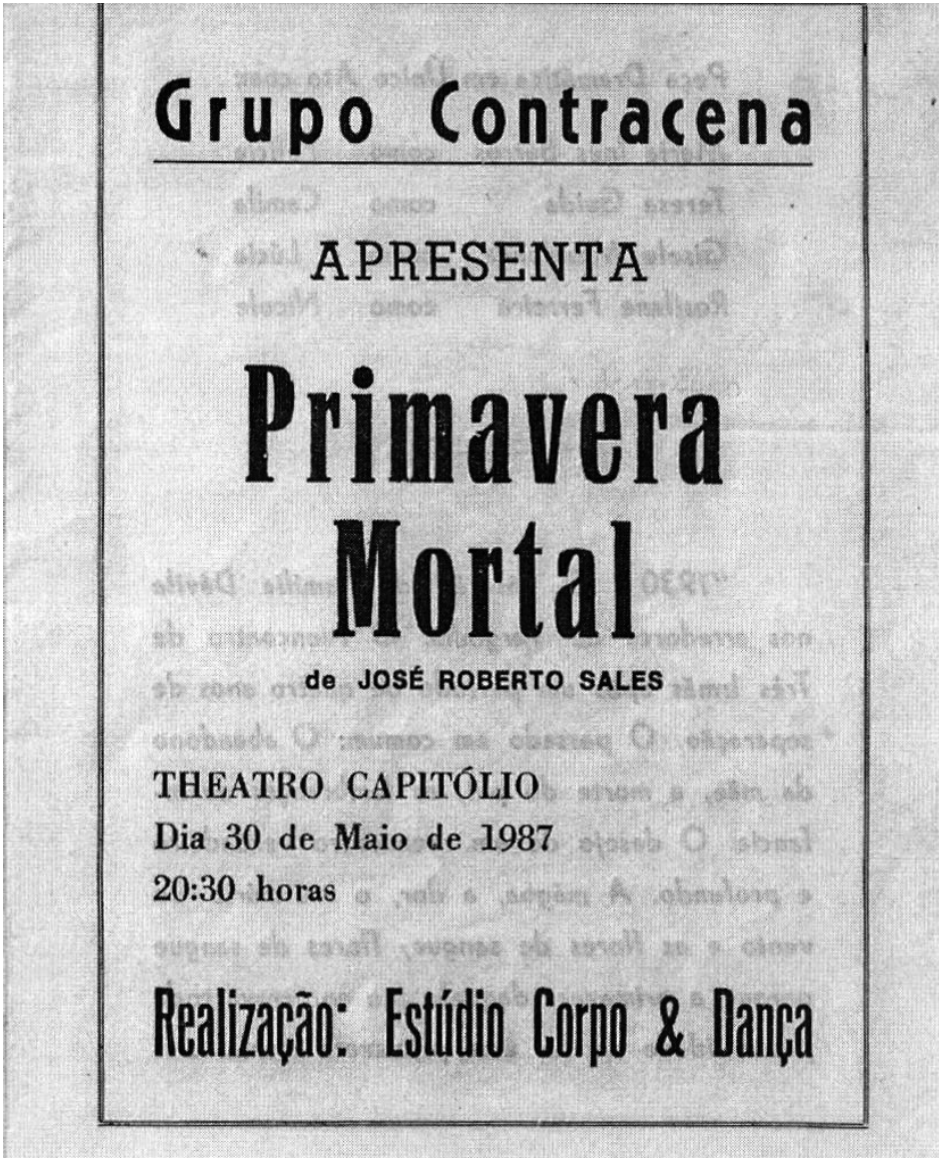
Segundo Lídia Paiva e Cláudia Paiva, atuais coordenadoras do Grupo de Dança Ballet Marlene Paiva, as apresentações que marcaram época na Escola foram as seguintes: Trem bão (1980), Filhas de noite (1992), Cenas de luz (1993), Carmem de todos os tempos (2002) e Cora (2004).

8.4.2.7 Estúdio Corpo e Dança (1985-2006)

O Estúdio Corpo e Dança foi fundado por Maria Inês Amarante Bastos Barros, em 1985 e encerrou suas atividades em 2006. Entre 1985 e 1991, funcionava na Rua Wenceslau Brás, nº 628, centro e, entre 1991 e 2006, na Rua Dr. José Marcos, nº 452, no bairro do Bom Pastor.

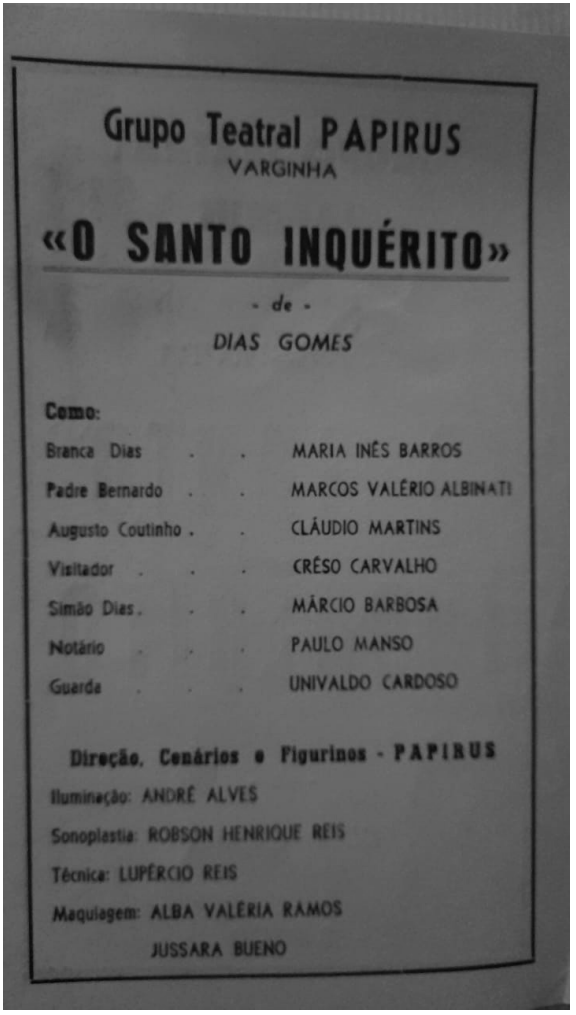
Faziam parte do Estúdio os grupos Contrapasso, de dança, e Contracena, de teatro, sendo que os dois grupos apresentaram, em épocas distintas, trabalhos no Theatro Capitólio. Os espetáculos mais marcantes de cada grupo foram:

Grupo Contrapasso: 1) Cheiro de Mato, dança contemporânea e ballet clássico (1988). 2) Gaiola de Máscaras (Nu Medo), dança contemporânea (1990). 3) Andanças



Capa do folder Primavera Mortal. 30 maio 1987

Marcos Valério Albinati Silva e Maria Inês Barros. Grupo Teatral Papirus.
Espetáculo O Santo Inquérito, 1987



Folder do espetáculo O Santo Inquérito, 1987

– Ballet clássico, jazz e sapateado contemporâneos. 4) Água (2004), musical, dança contemporânea e ballet clássico com texto de Maria Inês Barros. 5) Brasil em Cantus (2012), com a direção de Alessandro Wagner Dias.

Grupo Contracena:

1) O Santo Inquérito, de Dias Gomes, estreou em 1983, com a direção de Cláudio Henrique Martins, ainda com a denominação de Grupo Teatral Papirus. No elenco: Maria Inês Barros (Branca Dias), Marcos Valério Albinati Silva (Padre Bernardo), Cláudio Henrique Martins (Augusto Coutinho), Créso Carvalho (Visitador), Márcio Barbosa (Simão Dias), Paulo Manso (Notário) e Univaldo Cardoso (Guarda). A direção, cenários e figurinos ficou a cargo do Grupo Papirus. Iluminação de André Alves, sonoplastia de Robson Henrique Reis, técnica de Lupércio Reis e maquiagem de Alba Valéria Ramos e Jussara Bueno.

2) Esperando Godot, de Samuel Becket, estreou em 1987, com direção do Grupo Contracena. No elenco: Univaldo Cardoso (Estragon), Sinésio Alves Silva (Vladimir), Maria Inês Barros (Lucky), Rosilene Ferreira (garoto) e Rodrigo Ferreira (Pozzo).

3) Primavera Mortal, de José Roberto Sales, estreou em 30 de maio de 1987, em *avant-première*, com direção de Maria Inês Barros. A peça é um drama psicológico em único ato, ambientado em Varginha, nos anos 1930. O enredo aborda o tema do luto, do abandono, da solidão e da separação ao contar a história da família Dávila com três irmãs e uma criada no limiar entre a realidade, a fantasia e loucura. No elenco, Maria Inês Barros (Felícia), Teresa Guida (Camila), Gisele Mendonça (Lúcia) e Rosilane Ferreira (Nicole, a criada). O ingresso foi vendido na bilheteria a Cz$ 80,00 (oitenta cruzados). A peça foi encenada novamente no dia 14 de agosto, no 2º Festival Municipal de Teatro, com entrada franca. Na reapresentação, a personagem Camila foi interpretada por Maria de Fátima Dib.

4) Peça infantil João e Maria, em 1993 e 1994.

Ópera Madame Butterfly com o tenor varginhense Hercilio Pinto, 1993

8.4.2.8 Banda Tuatha de Danann (1994–)

Um dos destaques da música em Varginha é a original banda Tuatha de Danann, formada por músicos varginhenses. Criada em 1994 com a denominação *Dark Subconscious*, adotou o nome atual em 1996. A escolha do nome foi inspirada na cultura e mitologia irlandesas: Tuatha Dé Dannan eram os povos da deusa Danu, um dos grupos de habitantes da Irlanda.

Os instrumentos musicais utilizados são: bateria, contrabaixo, teclado, guitarra, flautas irlandesas, bandolim, banjo, gaita de foles e bouzouki, um instrumento de cordas da família do alaúde, muito utilizado na música tradicional grega. O estilo de música da banda é o *folk metal*, com um repertório autoral.

Os músicos integrantes são: Bruno Leite Russi Maia, fundador e líder do grupo, vocal, guitarra, flauta e banjo; Edgard Brito, teclado; Giovani Gomes, contrabaixo; Nathan Viana, violino; Rafael Delfino, bateria e Raphael Wagner, guitarra.

Em sua carreira, a banda produziu o DVD *Acoustic Live* (2009) e sete álbuns, quase todos lançados também na Europa e na Rússia: Tuatha de Danann (1999), Tingaralatingadun (2001), *The delirium has just begun* (2002), *Trova Di Danú* (2004), *Dawn of a new sun* (2015), *The tribes of witching souls* (2019) e *In nomine Éireann* (2020).

Tuatha de Danann apresentou-se em várias cidades brasileiras e, no exterior, na França e na Alemanha. Em 2005, os membros da banda participaram do Programa do Jô, de entrevistas do ator, comediante e entrevistador Jô Soares, na Rede Globo de Televisão. No Theatro Capitólio a banda estrelou em várias ocasiões: em 1999, 2000, 2001 (com o espetáculo Singamform) e, em 2003, com o espetáculo Celtia, com números de música, dança e teatro (MAIA, 2021).

8.4.2.9 Ópera: tenor Hercílio Batista Pinto (1927-2007)

O tenor e escritor Hercílio Batista Pinto (1927-2007), natural de Varginha, iniciou na cidade o seu aprendizado musical como aluno do maestro Cecílio Guilherme Fernandez, na Escola de Música Santa Cecília. Foi membro do Teatro Experimental de Ópera do Rio de Janeiro, participou do programa Jovens Recitalistas Brasileiros, da Rádio Ministério da Educação e Cultura. Em 1958, ele cantou na ópera Boheme, de Puccini, pelo Novo Teatro Brasileiro de Ópera, no Rio de Janeiro. Desde 1961, era integrante do corpo estável do Teatro de Ópera da Guanabara, no Rio de Janeiro. Obras publicadas por Hercílio Pinto: Sol sobre as montanhas. 1º volume: Os mistérios de São Thomé [das Letras] (Rio de Janeiro : Taba Cultural, 2003).

Na década de 1950, Hercílio Pinto realizou quatro apresentações no Theatro Capitólio, com os seguintes espetáculos:

Em 1953? 1954?, Grande Concerto anunciado em cartaz: "Pela primeira vez em VARGINHA um espetáculo lírico. Acompanhamentos a cargo do maestro compositor AFONSO VIZEU NETO, formado em conservatórios da França e Itália, na apresentação do tenor lírico Hercílio Batista Pinto, integrante do Teatro Experimental de Ópera do Rio de Janeiro e que, pela primeira vez, apresentando-se fora da Capital da República, presta uma homenagem à sua terra e a seu povo, interpretando músicas de [Guiseppe] Verdi, [Claude] Debussy, [Francesco Paolo] Tosti, [Georges] Bizet, Carlos Gomes e outros" (CARTAZ de anúncio Grande Concerto. Sem data. Acervo Fundação Cultural).

Em 1956, Concerto do tenor Hercílio Batista Pinto com as peças Pietá Signore, de Alessandro Stradella, *Nuit d'etoiles*, de Claude Debussy, Canto da saudade, de Alberto Costa, Romance de Nadir (Os pescadores de pérolas), de Bizet, Quando nascesti tu, da ópera O escravo, de Carlos Gomes e *Vesti la Giubba*, de Os palhaços, de Ruggero Leoncavallo. Na ocasião, ele foi acompanhado ao piano pelo maestro Afonso Vizeu Neto.

Em 1957, Concerto Lírico do Tenor Hercílio Batista Pinto e da Soprano Esther Melli. Hercílio interpretou as peças *Ombra mai fu* (Xerxes), de Georg Friedrich Händel, *Tristesse Eternele*, de Frédéric Chopin, Aboio, de Ernani Braga, *Canción* Hindu (Sadkó), de Rimsky-Korsakov, *Che gélida manina* (Boheme), de Giacomo Puccini, *Porquoi me reveiller* (Werther), de Jules Massenet e *Romanza di Fabiani* (Maria Tudor), de Carlos Gomes. A soprano Esther Melli interpretou *O Del mio amato ben*, de Stefano Donaudy, Cantar, de Fernando Obradors, Ah! Qui Brûla D'Amour, de Tchaikovsky, *Stornellatrice*, de Ottorino Respighi, *O mio bambino caro* (Gianni Schicchi), de Giacomo Puccini, *Si mi chiamano Mimi* (Boheme), de G. Puccini e *Voi lo sapete o mamma* (Cavaleria Rusticana), de Pietro Marcagni. Por último, foi executado o quarto ato da ópera Otelo, de Verdi, com acompanhamento de orquestra regida pelo maestro Afonso Vizeu Neto.

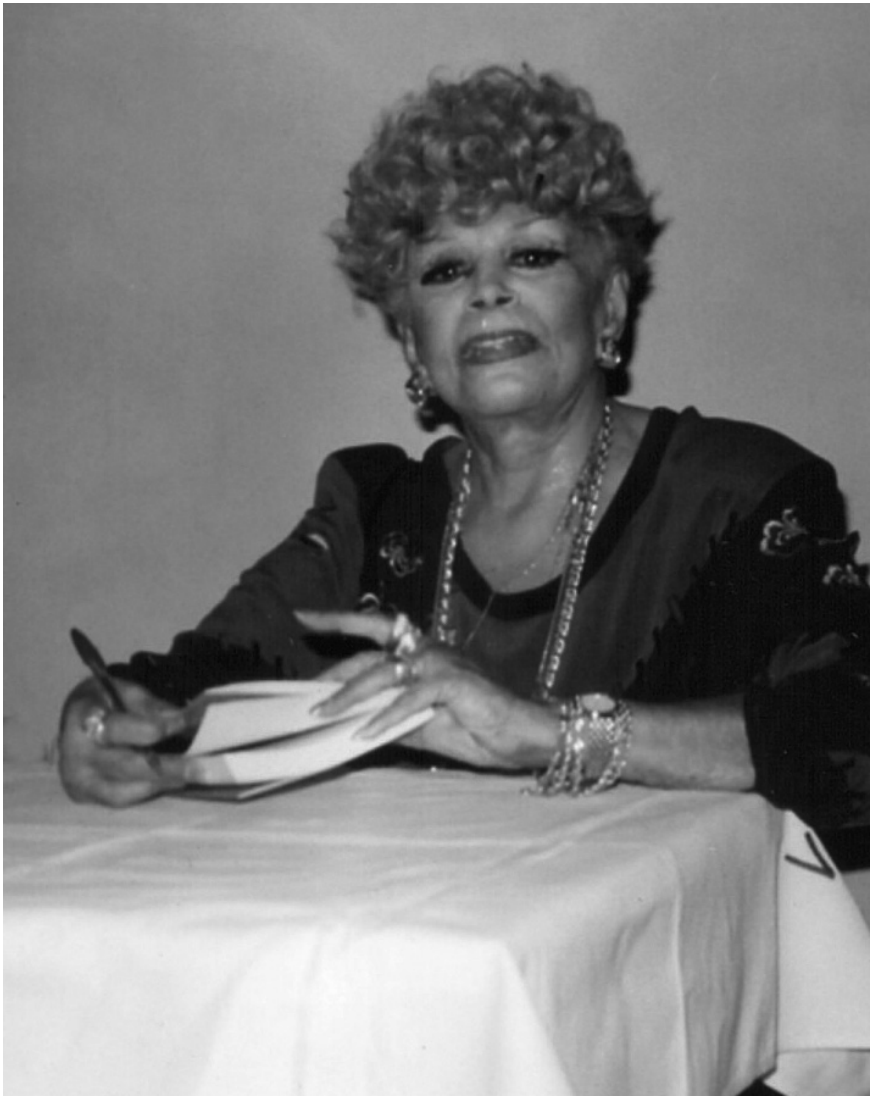
Em 1958, Recital do Tenor Hercílio Batista Pinto, com as peças Serenata, de Franz Schubert, *Occhi di fata*, de Luigi Denza, *Musica Proibita*, de Stanislao Gastaldon, *O sole mio*, de Eduardo Di Capua, *Il Lamento di Federico* (L'Arlesiana), de Francesco Cilea, O Paradiso (L'Africana), de Giacomo Meyerbeer, *E lucevan le stelle* (Tosca), de Giacomo Puccini, Celeste Aída, da ópera Aída, de Giuseppe Verdi, Lundu da Marquesa de Santos, de Heitor Villa-Lobos, Evocação, Tuas mãos e Alma adorada, de Francisco Mignone. O acompanhamento ao piano foi realizado pelo maestro Cecílio Guilherme Fernandez.

Em 1983, foi realizado o Concerto Lírico Musical do Teatro Lírico Mário de Bruno, com o patrocínio do Ministério da Educação e Cultura, do Instituto Nacional de Artes Cênicas – Inacen, Serviço Brasileiro de Ópera, Prefeitura Municipal de Varginha e Fundação Cultural do Município. Participaram os cantores líricos: Hercílio Batista Pinto (tenor), Belkiss Campos (soprano ligeiro), Ilda Lauria (mezzo-soprano) e José Roque (barítono). Os músicos participantes foram Diogo Leite (violão), Mauro Carvalho (flauta) e Elvira Gomes(piano). Na primeira parte, foram executadas as peças: Canário, de Gaspar Santos; Allemande, de J. S. Bach; Baquianinha, de Paulinho

Exposição de Bonecos do Grupo Teatral Giramundo, de Belo Horizonte – MG, 2000

Nogueira; Romance Opus 94 nº 1, de R. Schumann; *Annye's Son* e *La Basque*, de James Galway, e Polca, de Patápio Silva. Ilda Lauria cantou *Seguedille*, da ópera Carmem, de G. Bizet, e *Mon coeur s'ouvre à toi voix*, da ópera *Samson et Dalila*, de Camille Saint-Säens. José Roque, a Canção do Toureador, da ópera Carmem, de Bizet. Belkiss Campos, a Ária da Loucura, da ópera Lúcia de Lammermoor, de Gaetano Donizetti. Hercílio Pinto, Quando nascisti tu, da ópera *Lo Schiavo*, de Carlos Gomes. Na segunda parte, foram cantadas músicas selecionadas dos três atos da ópera Rigoletto, de Giuseppe Verdi.

Em 1993, sem dúvida, o grande espetáculo do ano realizado no Theatro Capitólio foi a ópera Madame Butterfly, de Giácomo Puccini, em três atos, com artistas do Teatro de Ópera do Rio de Janeiro. Foram duas representações, uma no dia 09 de outubro, às 20:00 horas e, outra, no dia 10 de outubro, às 16h, numa realização da Prefeitura Municipal de Varginha e da Fundação Cultural do Município. A ópera, estreada no Teatro La Scalla, de Milão, em 17 de fevereiro de 1904, tem libreto de Luigi Illica e Guiseppe Giacosa. Personagens e intérpretes: Madame Butterfly (Mara Ricci, soprano); Pinkerton (Hercílio Batista Pinto, tenor); Suzuki (Angela Barros, mezzo-soprano); Sharpless (Manoel Paiva, barítono); Goro (Aureo Colpas, tenor); Zio Bonzo (Pedro Olivero, baixo); Príncipe Yamadori (Ildebrando Moura, tenor); Comissário Imperial (Manoel Augusto); Kate Pinkerton (Julieta Maluf, mezzo-soprano) e Dolore (Fernanda Alves). A encenação contou com a participação do coro do Teatro de Ópera do Rio de Janeiro com a direção musical e regência de Aurélio Melleh, pianista. A direção cênica e os cenários foram de Hercílio Pinto. O guarda-roupa utilizado foi o do Teatro de Ópera do Rio de Janeiro e da Sociedade dos Artistas Líricos Brasileiros do Rio de Janeiro. Em Varginha, a coordenação ficou a cargo de Rafael Barros Filho. O maquinário e a iluminação foram controlados por Márcio Tana Braga. Tomé foi o contrarregra e diretor de palco.



A atriz Dercy Gonçalves (1907–2008), no lançamento de sua biografia "Dercy de cabo a rabo". *Foyer* do Theatro Capitólio, 1994

8.5 Exposições e lançamentos de livros no Foyer Aurélia Rubião

Entre 08 de fevereiro de 2004 e 12 de maio de 2011 o Capitólio esteve fechado. Ao longo do tempo, o *Foyer* Aurélia Rubião, tem sido utilizado, principalmente, para a exposição de artesanato das mais variadas associações de artesãos locais e da região. Artistas plásticos das mais variadas escolas de pintura realizaram suas exposições individuais ou coletivas nesse espaço. Os artistas mineiros são de procedências variadas: Varginha, Belo Horizonte, Betim, Boa Esperança, Cambuquira, Campanha, Carmo da Cachoeira, Carmo do Rio Claro, Caxambu, Conceição do Mato Dentro, Elói Mendes, Itajubá, Itatiaiuçu, Janaúba, Lambari, Lavras, Machado, Monsenhor Paulo, Montes Claros, Nepomuceno, Ouro Preto, Paraguaçu, Passa Tempo, Poços de Caldas, Pouso Alegre, São João del Rei, São Lourenço, São Thomé das Letras, Três Corações e Três Pontas. Os artistas de outros estados eram de Belém do Pará (PA), Cachoeiro do Itapemirim (ES), Caruaru (PE), Cruzeiro e São Paulo (SP), Mucuri, Nova Viçosa e Porto Seguro (BA) e Rio de Janeiro (RJ). Artistas de outros países como Haiti e Israel também expuseram seus trabalhos.

Dentre as exposições mais relevantes realizadas, ressaltamos:

Exposição de desenhos de José Bento Reis com dez quadros com o tema Varginha Antiga (*TRIBUNA VARGINHENSE.* Edição nº 1962. Varginha, 21 fev. 1987). O trabalho do artista é uma reprodução a bico de pena com caneta esferográfica preta de antigas fotografias da cidade.

Em 05 de maio de 1994, exposição de pinturas a óleo sobre tela de Aurélia Rubião, com quadros cedidos por vários colecionadores particulares da cidade. A exposição ocorreu no dia na cerimônia oficial da inauguração do *Foyer* com a denominação "Aurélia Rubião".

De 22 a 26 de maio de 1995, A arte indígena do Amazonas, com artesanato dos índios Ianomami com a presença do Cacique Ivan.

De 31 de julho a 05 de agosto de 1995, Exposição de Cerâmica Marajoara, de Belém do Pará.

De 13 a 18 de agosto de 1995, Mostra 100 Anos de Cinema, de fotografias, patrocinada pelo Banco Nacional, agência de Belo Horizonte. O Banco Nacional era um banco mineiro que esteve em atividade no período entre 1944 e 1995.

Em 1995, a Exposição "São Thomé das Letras e seus mistérios", de fotografias em preto e branco do fotógrafo André François, publicadas em livro pela Editora Olvebra (1992) e a Exposição Comemorativa dos 113 anos da emancipação político-administrativa de Varginha.

Em 1996, foram realizadas as exposições de Arte do Caruaru (PE), cerâmica Marajoara, de Belém do Pará, e do desenhista de Varginha José Bento Reis, de desenhos a lápis de cor, crayon e caneta esferográfica. O desenhista tem por temática os retratos e paisagens urbanas de Varginha.

Entre 23 e 28 de julho de 2001, 1ª Semana Bahia: Arte e Cultura Baiana, com artesanatos do Espaço do Artesão de Mucuri, Arte Nova de Nova Viçosa e índios Pataxós, de Porto Seguro.

Entre 06 e 10 de fevereiro de 2012, Exposição Rondon: a construção do Brasil e a causa indígena, pelo Projeto Memória Rondon, do Banco do Brasil.

Em 2015, alunos das 5ªs séries do ensino fundamental das escolas da rede pública municipal participaram da Exposição do 1º Concurso de Maquetes da Casa da Cultura, realizada no Foyer Aurélia Rubião do Capitólio. Os alunos reproduziram em maquetes vários imóveis tombados e de valor histórico e arquitetônico para o município, utilizando materiais recicláveis. A maquete do Theatro Capitólio foi construída pelos alunos da Escola Municipal Professora Helena Reis – CAIC II turma 52, do Parque das

Acácias (*VARGINHA* – Órgão Oficial do Município. Edição nº 976, p. 15. Varginha, 21 maio 2015).

Entre 11 e 16 de dezembro de 2017, a sétima montagem da Exposição "Oneyda Alvarenga & Eu: seu tempo, sua busca, sua obra", com a curadoria de Anita Regina Di Marco e Vanessa Caldeira Teixeira Reis, pesquisa de José Roberto Sales e chancela da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências. O tema da exposição é vida e a obra da varginhense Oneyda Alvarenga (1911-1984), pianista, etnomusicóloga, primeira diretora da Discoteca Municipal de São Paulo, autora do livro clássico Música Popular Brasileira (1947) e amiga de Mário de Andrade. Antes de chegar ao Capitólio, a exposição foi realizada em Varginha nos *campi* da Unifal – Universidade Federal de Alfenas (11 a 23 de agosto de 2015) e da Unifenas – Universidade José do Rosário Vellano (24 de agosto a 05 de setembro de 2015), em Alfenas, na Unifenas (novembro de 2015), em Poços de Caldas, no Museu Histórico e Geográfico (24 de maio a 29 de junho de 2017) e em Campanha, na Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG Unidade Acadêmica de Campanha (21 a 26 de agosto de 2017). Posteriormente, a exposição voltaria a Varginha no Centro Federal de Educação Tecnológica – Cefet, entre 27 de agosto e primeiro de setembro de 2018 e no Museu Municipal de Varginha, de fevereiro a março de 2020, tendo sido encerrada devido ao início da pandemia de Covid-19.

Em 2018, Exposição de Fotografias "Beberei todo seu pranto", com fotografias coloridas de paisagens e flores da Serra da Mantiqueira, com evidências de degradação ambiental, da fotógrafa Vanessa Caldeira Teixeira Reis. Foram expostas dez fotografias no tamanho 40 x 30 cm.

Em 2019, Exposição de Fotografias Varginha 137 anos, em comemoração à emancipação político-administrativa do município.

Em 2020, foi realizada a Exposição de Bonecos do Grupo Teatral Giramundo,

de Belo Horizonte, numa promoção do Circuito Telemig Celular de Cultura.

Em relação a lançamentos de livros: em 1994, o livro Dercy de cabo a rabo (Editora Globo, 1994), escrito pela consagrada roteirista de televisão Maria Adelaide Amaral sobre a vida da atriz, cantora e comediante Dercy Gonçalves (1907-2008). A atriz realizou uma noite de autógrafos. Em 17 de dezembro de 1994, lançamento do livro Calendário de Sonetos 1 a 4, e em 21 de novembro de 1996, lançamento do livro Agenda de sonetos, ambos de Cícero Acaiaba.

As associações, escolas, grupos e instituições expositores foram:

Varginha:

ABRAÇO – Associação Brasileira Comunitária para Prevenção do Abuso de Drogas.
A Igreja dos Santos dos Últimos Dias.
AMAR – Associação dos Aposentados e Pensionistas.
AME – Aliança Municipal Espírita.
Artesãos da Feira Permanente de Artes.
ASSOART – Associação dos Artesãos e Artistas Populares de Varginha.
Associação Beneficente Levanta-te e Anda.
Associação dos Filatélicos / Numismatas de Varginha.
Associação Mineira de Artesanato Rural.
Associação das Filhas de São Vicente.
Atelier Alba Cocconi Ribeiro.
AVA – Associação Varginhense de Artesãos.
Banco do Brasil.
Cadeia Pública de Varginha (artesanato de aprisionados).

Caixa Beneficente Dr. João de Freitas.

Caixa Beneficente Valentim F. Couto – Projeto Bem-te-vi.

CEAI – Centro de Atendimento Interescolar.

CCBB – Centro Cultural Banco do Brasil.

CDCA – Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente / Programa Profissionalizante Adolescente Consciente.

Centro de Oncologia – Voluntárias.

CTA – Centro Técnico de Artes Isa Bíscaro.

Colégio dos Santos Anjos.

ECOIE – Instituições e Empresas Comprometidas com o Meio Ambiente.

Escola Batista (alunos do magistério).

CODEPAC – Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural.

Conservatório Estadual de Música de Varginha Maestro Marciliano Braga.

Escola da Comunidade Catanduvas.

Escola Municipal Dr. Jacy de Figueiredo – CAIC I.

Escola Pio XII – Rede Pitágoras.

Escola de Artes Plásticas Santa Terezinha.

Escola Infantil Arco-Íris.

Escola Técnica Minas Gerais.

ETFG – Escola Técnica de Formação Gerencial.

Fundação Banco do Brasil e Organização Odebrecht.

FUVAE – Fundação Varginhense de Assistência aos Excepcionais.

Grupo Maior Idade Viver e Conviver.

Grupo Terceira Idade.

Grupo Viva Vida do Centro de Oncologia do Hospital Bom Pastor.

IDEPA – Instituto de Desenvolvimento de Potenciais Artísticos.

Instituto Nova Acrópole.
41ª Superintendência Regional de Ensino de Varginha.
Secretaria Municipal de Saúde.
SEDUC – Secretaria de Educação.
Serviço Social da Indústria – SESI.
Sociedade Ornitológica Varginhense.

Belém do Pará:

Cerâmica Marajoara.

Belo Horizonte:

Grupo Teatral Giramundo (bonecos de teatro).
SIAPEMG – Sindicato dos Artistas Plásticos de Minas Gerais

Carmo do Rio Claro:

Grupo de Artesões de Carmo do Rio Claro.

Montes Claros:

Instituto Laborearte.

São Paulo:

Associação Beneficente de Desenvolvimento Sociocultural Kirsten Hellov.
Associação Brasileira Sok Gakkai Internacional.

Brasil:

Petrobras.

Os objetos expostos pelas associações e instituições citadas acima foram: arranjos florais e natalinos (presépios, anjos). Arte indígena do Amazonas. Artesanato infantil e material didático. Bichos de pelúcia e de lã. Bijuterias. Bolsas de couro. Bonecos e fantoches. Bordados (principalmente ponto de cruz). Brinquedos de madeira. Caixas de madeira. Calçados. Canários de cor e pássaros de porte. Cerâmica Marajoara (Belém do Pará). Cestos e objetos feitos de jornal. Colchas. Corte e costura. Crochê. Decoração em geral. Decupagem. Embalagens para presentes. Enxovais. Esculturas em gesso, madeira e raízes. Desenhos a bico de pena, cartuns, crayon, giz, grafite, nanquim, pastel, lápis de cor e caneta esferográfica. Fantasias e adornos carnavalescos. Fotografias. Flores desidratadas. Gravuras e xilogravuras. Linho e renda Renascença. Macramê. Maquetes. Marcenaria. Miniaturas. Móveis tubulares. Móveis de cana-da-índia. Objetos de decoração folheados a ouro. Objetos exotéricos e místicos. Ovos de Páscoa. Panos de prato. Pátina em madeira. Pedras preciosas e semipreciosas (incrustação). Pinturas: óleo sobre tela, acrílico sobre tela, aquarela e spray. Pintura em tecidos, inclusive lona, seda e veludo. Pintura em porcelana, vidro e fibras naturais (folha de bananeira). Plantas ornamentais. Rendas, inclusive Renascença. Quadros com textura em massa. Roupas de cama, mesa e banho, para bebês e bonecas; peças íntimas femininas. Selos (Correios). Serigrafias do pintor, gravador, desenhista e ilustrador Carybé (1911-1997). Sucata (artesanato de; inclui palha de café). Tapeçaria variada com barbante. Tapetes arraiolo, persa, esmirna, kilim e outros. Toalhas de mesa. Toalhas e tapetes de tear manual. Tricô. Vasos de cerâmica. Velas decorativas. Vitrais.

Theatro Capitolio Segundo Concurso de Robustez infantil.
Entre as presenças no palco, Aurélia Rubião, 1928

8.6 Oficinas de teatro

Uma oficina de teatro é um processo artístico-pedagógico desenvolvido por meio de um curso rápido com duração de poucas horas, com o objetivo de capacitar o aprendiz em determinado aspecto da arte teatral: criação de uma peça de teatro, exercícios de interpretação, de improvisação de cenas, de dicção, marcação de cenas, aprimoramento da expressão cênica não verbal, construção de personagens, interação com outros atores em cena etc.

Além de ser o palco de espetáculos de música, dança e canto, o Theatro Capitólio foi utilizado como local para o ensino da dramaturgia. A documentação pesquisada para a realização desta pesquisa, embora bastante extensa, contém raros dados sobre a realização de oficinas de teatro no Capitólio.

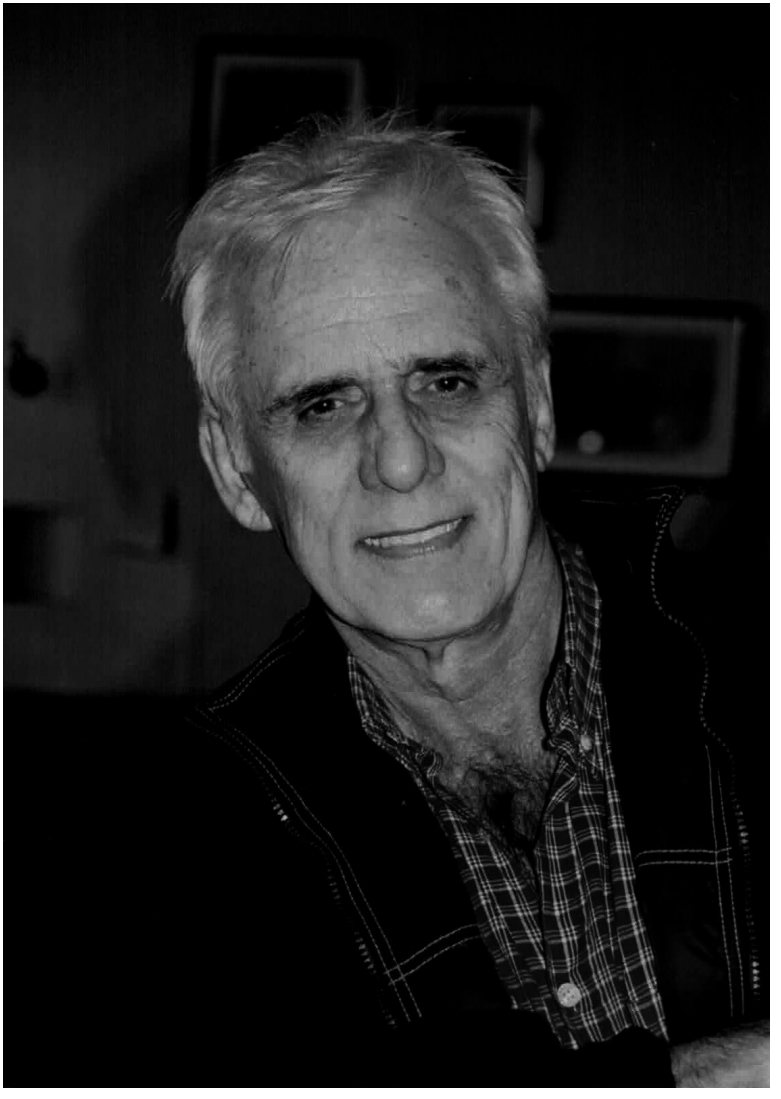
Entre 22 de abril e 09 de maio de 1992, foi realizada a Oficina de Teatro do Ator Doado com ensaios no palco do teatro.

Entre 25 e 27 de julho de 1995, foi realizada a Oficina de Teatro com os seguintes temas: A importância da produção teatral, maquilagem e adereço teatrais, figurino e cenário, com os professores Jorge Janguaíba Soares Nery (Jaguar), Ronaldo Silva e Paulo César Barbosa, do Rio de Janeiro.

Em 18 e 19 de julho de 2000, Francisco Cuoco, consagrado ator de dezenas de telenovelas da Rede Globo de Televisão, dentre elas Pecado capital (1975) e O astro (1977), com texto de Janete Clair, com imenso sucesso de público, ministrou o 1º Curso de Teatro, para interessados. O curso, aberto aos interessados em teatro, teve a participação de 230 alunos.

Em 2001, foi realizada a Oficina de Teatro com o ator Otávio Carvalho e Dulce Gaspar, da D'Gaspar Produções, de Belo Horizonte.

Em 2016, durante dois dias do mês de maio, o grupo varginhense Alicerce Cia.



Ator Francisco Cuoco. 1º Curso de Teatro. Theatro Capitólio, 2000

de Teatro promoveu o *Workshop* de Iniciação Teatral, para interessados em atuar no teatro. A idade mínima exigida para a participação foi de doze anos. O *workshop* contou com o apoio da Prefeitura de Varginha e da Casa da Cultura.

8.7 O uso do Theatro Capitólio para atividades não artísticas

8.7.1 Gerais

As atividades gerais não artísticas realizadas no Theatro Capitólio desde a sua inauguração são de civismo, literatura, palestras, saúde, carnaval, formaturas, luta de box, políticas, religiosas, comerciais, concursos de beleza e desfiles de moda.

Ao longo do tempo, o palco, a plateia e o *Foyer* Aurélia Rubião do Theatro Capitólio têm sido usados para a realização de atividades não artísticas, ou seja, para atividades não condizentes com o fim para o qual foi construído.

Em 23 de junho de 1930, foi realizada uma sessão cívico-literária em homenagem à memória do magistrado Antônio Pinto de Oliveira, pela passagem do segundo aniversário de seu falecimento (*CORREIO DA MANHÃ.* Edição nº 10.889, p. 3. Rio de Janeiro, 22 jun. 1930). Ele foi paraninfo do Teatro Capitólio no dia da inauguração. A sessão no Capitólio ocorreu à noite do dia da inauguração de uma estátua em sua memória na Avenida Rio Branco.

Em 1931, foi realizado o Grande Festival em benefício do 4º Concurso de Robustez Infantil, promovido pelo Dr. Donato Valle. O Festival foi organizado por D. Manica Ximenes, pianista (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 690, p. 6. Varginha, 06 dez. 1931).

Em novembro de 1932, a Empresa Navarra & Irmãos cedeu, por um dia, as dependências do Capitólio para o Ginásio Municipal, para a realização do Festival

Colação de grau dos alunos do ano de 1936 do Colégio Coração de Jesus administrado pelos irmãos Maristas.

Escolar. Nesse dia, coube à diretoria do Colégio dispor a seu critério dos lugares da plateia, frisas e camarotes (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 740, p. 4. Varginha, 20 nov. 1932).

Em 1933, segundo o *Arauto do Sul*, foram realizados quatro "formidalógicos bailes" de Carnaval. O sucesso era garantido e "só não acredita quem nunca assistiu um baile no Capitólio". O redator criou o neologismo 'formidalógico' para se referir a eles. A palavra é formada pela aglutinação aleatória de 'formidável' (-vel) + 'lógico'. Formidável é o que ultrapassa as dimensões usuais; que suscita admiração; extremamente belo ou bom; magnífico; colossal; gigantesco. O adjetivo oferece uma ideia da grandiosidade e pompa desses bailes patrocinados pela elite local. Os bailes foram filmados em preto e branco em película sonorizada, grande novidade tecnológica da época e um acontecimento marcante para uma pequena cidade do interior. As filmagens foram feitas pelo Studio Foto-Film Schibbas, de São Paulo, dirigido por Lucas Scarpinelli. O baile filmado numa noite foi exibido na tela no dia seguinte, e, depois, nos demais cinemas do sul de Minas. O Carnaval de 1933 foi realizado na última semana de fevereiro, no entanto, ainda em janeiro, ele esteve em Varginha, para dar uma palestra e estudar a melhor "focalização de luzes" para a produção da película (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 749, p. 5. Varginha, 22 jan. 1933). Essa filmagem sonorizada foi uma das primeiras – senão a primeira, realizada em Varginha. Na época, o *foyer* ainda não havia sido construído, assim, os bailes eram realizados no palco.

Em 1934, os bailes de Carnaval de Varginha foram realizados no Theatro Capitólio, Sociedade Beneficente Italiana, Clube de Varginha e Associação Beneficente Operária de Varginha (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 128, p. 3. Varginha, 05 mar. 1933).

Em 15 de novembro de 1934, o Rotary Clube de Varginha realizou uma sessão cívica solene em comemoração ao aniversário da Proclamação da República (*DIÁRIO*

Colação de grau dos alunos do ano de 1936 do Colégio Coração de Jesus administrado pelos irmãos Maristas.

DE NOTÍCIAS. Edição nº 2431, Segunda Seção, p. 13. Varginha. Rio de Janeiro, 18 nov. 1934).

Em 03 de fevereiro de 1935, foi feita uma palestra com o tema O problema dos sexos, com entrada franca exclusiva para homens (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 854, p. 2. Varginha, 27 jan. 1935).

Em 1936, ocorreu uma sessão cívica do Dia da Pátria e a cerimônia de formatura de alunos do Colégio Marista (*CORREIO DA MANHÃ*. Edição nº 12.532, p. 12. Rio de Janeiro, 26 set. 1935; FOTOGRAFIA. Varginha, 1936. Acervo da Fundação Cultural). Segundo a Revista Vida Escolar [1937?], do Ginásio Municipal Sagrado Coração de Jesus, "Este ano [1936] as festas do encerramento do ano letivo revestiram-se de um brilho excepcional. [...] De noite, no theatro Capitólio, realizou-se a sessão solene da colação de grau. Essa casa de diversões ficou literalmente repleta pelas Exmas. Famílias que muito se interessam pela instrução e pelas festas escolares". O paraninfo dos bacharelandos de 1936 foi Carlos Luz, na época, deputado federal.

Em dezembro de 1938, o palco do Capitólio foi transformado em ringue de luta de box, "*sport* que tem arrebatado as multidões". Lutaram Joel Budú (72 quilos), campeão mineiro que disputou o título em 1937 e Alceu Diniz (75 quilos), um dos mais conhecidos lutadores de Belo Horizonte. A luta foi realizada após a sessão de *matinée* (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1057, p. 6. Varginha, 25 dez. 1938).

Em 1939, foi realizada uma sessão solene em homenagem a Carlos Silva, farmacêutico, jornalista, pintor, professor e fundador dos jornais varginhenses *O Capitólio, Binóculo* e *Sanitarista* e, posteriormente, em 1945, do *Correio do Sul*. Apesar de trazer uma extensa reportagem sobre o assunto, o periódico não informou o motivo da homenagem (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1085, p. 1. Varginha, 16 jul. 1939).

Em 1942, a Empresa Nogueira, na época, a proprietária do Theatro Capitólio, com Nicola e auxiliares, prepararam "quatro formidáveis bailes carnavalescos [...]

Dispondo de numerosos camarotes e frisas e um recinto amplo, está o Teatro Capitólio em condições excelentes para abrigar todos os que quiserem passar alegremente os folguedos carnavalescos. / O Nicola já está recebendo pedidos para camarotes e frisas, devendo as mesmas serem encomendadas com a necessária antecedência, a fim de que possam os auxiliares da Empresa Nogueira ultimar os preparativos para os quatro grandes bailes do carnaval" (*O SUL-MINEIRO*. Varginha, 11 fev. 1942).

Ainda em 1942, houve a realização de uma sessão cívica em comemoração do Dia do Reservista (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*. Edição nº 6185. Primeira Seção, p. 5. Rio de Janeiro, 22 dez. 1942).

Em 1950, foi realizada uma solenidade religiosa em sessão magna em virtude da comemoração do centenário da Paróquia do Divino Espírito Santo e, logo em seguida, uma *marche aux flambleaux* pelas ruas da cidade (*A NOITE*. Edição nº 13.500, p. 7. Rio de Janeiro, 31 maio 1950). A *marche aux flambleaux* é uma marcha à luz das tochas, uma procissão.

Em 1956, foi realizada uma grande reunião de cafeicultores a qual compareceram fazendeiros de todos os municípios circunvizinhos. O objetivo da reunião foi o conhecimento das modernas técnicas da plantação de café visando o aprimoramento dos tipos e orientação aos fazendeiros sobre todas as fases do cultivo até a exportação do produto (*A NOITE*. Edição nº 15.503, p. 10. Rio de Janeiro, 26 dez. 1956). Ainda em 1956, foi realizado o espetáculo "Noite de encantamento" em benefício da Caixa Escolar do Grupo Escolar Domingos Ribeiro de Rezende (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.125. Varginha, 18 out. 1956).

Em 1957, foi realizado o Concurso Miss Sul de Minas, cuja renda foi destinada à manutenção do Educandário Olegário Maciel, instituição que cuidava de hansenianos na cidade, na época, denominados leprosos. Na seleção, foram escolhidas as misses representantes das seguintes cidades: Alfenas, Boa Esperança, Cambuquira, Campo

Belo, Caxambu, Coqueiral, Elói Mendes, Lavras, Nepomuceno, Paraguaçu, Poços de Caldas, Santa Rita do Sapucaí, Três Corações e Três Pontas. Irene Peloso foi a concorrente de Varginha. Vera Moretti, representante de Poços de Caldas, sagrou-se a vencedora. Em segundo e terceiro lugares, respectivamente, ficaram as misses Boa Esperança e Lavras, eleitas Princesas. Estiveram presentes no evento a varginhense Anelise Kjaer, descendente de dinamarqueses e Miss Varginha e Miss Minas Gerais 1956 da etapa Miss Brasil / Miss Universo, Miss Espírito Santo (convidada especial), a presidente da Federação das Sociedades de Assistência aos Lázaros e Assistência contra a Lepra e Pimenta da Veiga, Chefe de Gabinete do Governador Bias Fortes. As misses visitaram o Educandário Olegário Maciel. "O entusiasmo despertado foi de tal ordem que, na noite de gala, no Teatro Capitólio, as candidatas tiveram que desfilar em duas sessões diferentes, pois na primeira vez o teatro só coubera a metade das pessoas que haviam comprado ingresso..." (*O CRUZEIRO*. Edição nº 24. Rio de Janeiro, 30 mar. 1957). A realização do evento rendeu mais de Cr$ 650.000,00 (seiscentos e cinquenta mil cruzeiros) (*DIÁRIO CARIOCA*. Edição nº 8.770, p. 11. Rio de Janeiro, 14 fev. 1957).

Em 07 de outubro de 1957, dia do 75º aniversário da emancipação político-administrativa do município de Varginha, foi realizada uma sessão cívico-artística em comemoração à data, durante a qual falaram vários oradores (*A NOITE*. Edição nº 15.743, p. 7. Rio de Janeiro, 11 out. 1957).

Em 1959, foi realizado um desfile de modas em benefício da Casa da Criança Dr. Arnaldo Barbosa. O *show* e o desfile de modas contaram com a participação de senhoritas e crianças da sociedade varginhense (*DIÁRIO CARIOCA*. Edição nº 9.646, p. 7. Rio de Janeiro, 20 dez. 1959).

No decorrer das décadas, outras atividades foram realizadas: cerimônias de formaturas de alunos de escolas públicas e particulares do ensino fundamental, médio

e superior (anos variados); II Encontro Regional sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, promovido pela Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social (1983); desfile de moda masculina e feminina adulta, utilizando, para isso, o corredor central de acesso ao palco (1989); encontro de professores e alunos de atividades físicas e desportivas (1989); Conferências Municipais de Saúde; cerimônia de lançamento do Curso Cultural de Minas Gerais (1993); encontro de partidos políticos com participação do MDB – Movimento Democrático Brasileiro (1993); encontros para a discussão sobre a cafeicultura e política de Minas Gerais; apresentação de espetáculos com crianças das creches municipais (1994); Conferência do Dia Mundial de Combate a AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (1994); II Seminário de Segurança Pública, promovido pela Secretaria de Estado de Segurança Pública de Minas Gerais (1995); Seminário da Assembleia Legislativa de Minas Gerais e do Tribunal de Justiça de Belo Horizonte (1995); Seminário Internacional do Café – Inter *Coffee* 96 (1996); debate ao vivo dos candidatos à eleição de 1996, prefeitura de Pouso Alegre e EPTV Sul de Minas; Festival Junino das Escolas Municipais (1998); Prêmio Furnas de Combate ao Desperdício de Energia Elétrica – De Olho no Futuro, para estudantes da cidade, com o objetivo de incentivar a economia de energia elétrica e de outros recursos naturais; Convenção Distrital do Lions Clube Princesa do Sul (2001); Caravana Cultural Castro Alves do Rio Grande do Sul, recebida pela Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências (2002); palestra com a escritora mineira Adélia Prado (2003); palestras sobre temas da psicanálise com o Laço Analítico Escola de Psicanálise, que tem uma de suas sedes em Varginha (2012); sorteio do endereço de 162 casas do conjunto habitacional Novo Tempo, promovido pela Prefeitura Municipal de Varginha e pela Caixa Econômica Federal (2017); apresentação dos alunos da Fundação Varginhense de Assistências aos Excepcionais – FUVAE no Projeto Quintas Artísticas; Semana Literária Estudantil; IV Feira Literária de Varginha (2018); II Simpósio Municipal de Saúde Mental (2018).

Em 28 de junho de 1994, com a decretação do Plano Real da reforma econômica e a troca da moeda, promovida pelo governo do Presidente Itamar Franco, a palestra "O Real – Conjuntura Econômica", da economista Lilian Witte Fibe, na época, comentarista de política econômica da Rede Globo de Televisão, reuniu 800 pessoas no teatro. A palestra foi promovida pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, Associação Comercial de Varginha – ACIV e Sindicato Intermunicipal das Indústrias da Construção Civil da Região dos Lagos Sul-Mineiros – SINDUSCON.

Em 28 de agosto de 1998, o psicanalista francês Alain Didier-Weill (1939-2018), da primeira geração dos psicanalistas lacanianos formados e analisados por Jacques Lacan, foi trazido a Varginha por Luciano da Fonseca Elia, psicanalista carioca e cidadão honorário varginhense, que trabalha na cidade desde 1994. Nesse dia, no Theatro Capitólio lotado, Didier-Weill, proferiu a conferência "A direção ética da experiência psicanalítica", na abertura da I Jornada do Laço Psicanalítico/Escola de Psicanálise, única instituição de formação de psicanalistas de Varginha (ELIA, 2022).

Políticos de expressão estadual e nacional estiveram no Capitólio como membros de comitivas eleitorais ou convidados de estabelecimentos escolares para realizar palestras:

Em 1936, Carlos Coimbra da Luz, na época, deputado federal, discursou como paraninfo da turma de bacharelandos do Ginásio Municipal Sagrado Coração de Jesus (Colégio Marista) (REVISTA VIDA ESCOLAR, 1936). Na Quarta República (República Populista), Carlos Luz, sul-mineiro, natural de Três Corações, foi o 19º presidente do Brasil, durante três dias, entre 8 e 11 de novembro de 1955.

Em 1945, foi realizado "às 22 horas, [...] o grande banquete que as classes sociais, comerciais, industriais, agrícolas, profissionais e trabalhistas, juntamente com a municipalidade, oferecem ao Exmo. Sr. Dr. Benedito Valadares, Governador

do Estado, no ensejo de sua visita oficial a Varginha" (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 2. Varginha, 06 ago. 1945).

Em 1989, Ulysses Guimarães (1916-1992) esteve no Capitólio durante a campanha presidencial daquele ano.

Em 1994, o então senador e ex-ministro da Economia, Fernando Henrique Cardoso, ministrou uma palestra sobre a importância do Plano Real, em um encontro com políticos, autoridades, empresários e cafeicultores. Na ocasião, ele estava acompanhado por Eduardo Brandão de Azeredo, candidato a governador do estado de Minas Gerais. Cardoso foi presidente da República no período 1995-2003. Azeredo foi eleito e governou o estado entre 01/01/1995 e 01/01/1999 (*FOLHA DE VARGINHA*. Edição nº 548. Varginha, 02 jul. 1994).

Por ocasião das festas de Natal, em 1999 e em vários anos seguintes, a fachada do teatro foi decorada com motivos natalinos. Em algumas vezes, o interior também é decorado. Os motivos da decoração são Papai Noel, renas, bolas, ramos de azevinho e laçarotes. As cores utilizadas são as tradicionais do Natal: branco, dourado, vermelho e verde.

8.7.2 O ovo da serpente: Theatro Capitólio, Fascismo e Estado Novo (1937-1938)

No decorrer de sua história, muitas vezes o Theatro Capitólio tem sido utilizado para atender a finalidades alheias às que foi construído como, por exemplo, para a realização de atividades sociais, educacionais, políticas, comerciais ou de entretenimento. Nessas situações, o uso, dependendo do ponto de vista de cada um, pode ser considerado inadequado, mas, jamais nocivo ou antiético, pois as atividades realizadas atendem a propósitos legítimos. Dessa forma, as atividades não artísticas – do mesmo modo que, obviamente, as artísticas, abrigadas nas dependências

do Capitólio, contribuem para o estímulo do sentimento de pertencimento e de identificação de determinadas classes sociais da população varginhense com o teatro.

O mesmo não se aplica à defesa da ideologia do fascismo e do Estado Novo, o que ocorreu em palestras e atividades cívicas realizadas no Capitólio, no período final do entre guerras (1919-1939), quando o mundo assistiu a ascensão do fascismo e do nazismo. O fascismo é uma ideologia política ultranacionalista e autoritária, caracterizada pelo poder ditatorial e pela repressão da oposição por meios violentos, com controle da atividade econômica e forte adesão da sociedade. No texto L'Ur-Fascismo Umberto Eco (1997) cita algumas características desse Movimento, dentre as quais ressaltamos: culto à tradição, recusa do modernismo, recusa da crítica e da diversidade (o desacordo é considerado traição), obsessão pela narrativa de uma conspiração ou complô possivelmente internacional, apelo à classe média política ou economicamente frustrada, elitismo popular em que os membros do partido único são os melhores cidadãos, o indivíduo isolado não tem direitos, mas, somente o povo como entidade monolítica que exprime a "vontade comum", e o uso de uma "novilíngua" com léxico pobre e sintaxe elementar com o propósito de limitar o raciocínio complexo e a crítica. Segundo nosso entendimento, acrescentaríamos, ainda, o culto à personalidade do líder e a responsabilização de terceiros pelos erros ou fracassos das políticas públicas de Estado, algo que poderíamos denominar "projeção do erro".

Nas décadas de 1920 e 1930, no Brasil e na Europa, havia a crença de que um governo totalitário possibilitaria a criação de uma sociedade homogênea e unificada, que deveria ser controlada por um líder com poderes decisórios ilimitados. Foi nesse contexto social que surgiu o Integralismo brasileiro.

As palestras no Capitólio foram realizadas pelos mais expressivos ideólogos da Ação Integralista Brasileira – AIB, com a participação de membros de todas as

camadas sociais de Varginha, de operários a políticos, de profissionais liberais a donas de casa. A Ação Integralista Brasileira foi um movimento político de inspiração fascista, ultranacionalista, tradicionalista católico e de extrema-direita.

Em 1937, esteve em Varginha Gustavo Barroso (1888-1959), um dos ideólogos mais influentes do Integralismo. Advogado, professor, escritor com extensa obra publicada, museólogo e diretor do Museu Histórico Nacional, ele era arianista e antissemita e – para usar um termo contemporâneo, homofóbico, pois, além de condenar a orientação sexual homoafetiva, ainda a relacionava à subversão política. Segundo nota publicada no jornal local *Correio do Povo*, aguardava por ele, no Cineteatro Capitólio, grande multidão, "composta dos melhores elementos da nossa sociedade [...]: médicos, advogados, políticos, professores, banqueiros, comerciantes, fazendeiros, operários, funcionários públicos e muitas senhoras e senhoritas com calorosa salva de palmas" (*CORREIO DO POVO*. Varginha, 22 jan. 1937). As teses desse ideólogo fascista foram defendidas no livro "Judaísmo, maçonaria e comunismo", publicado em 1937.

Os integralistas eram contrários ao comunismo e ao liberalismo, percebidos como produtos de influência estrangeira e defendiam o autoritarismo, pois viam nele a condição para a independência política e cultural brasileira.

Em 1938, foi promovida pela Associação Beneficente Operária de Varginha – A.B.O.V. uma sessão cívica solene em comemoração ao primeiro aniversário do Estado Novo. Em ofício enviado ao presidente da Associação Comercial de Varginha, os diretores da A.B.O.V. afirmam: "Como é de vosso conhecimento, a Associação Beneficente Operária de Varginha, tomou a si o encargo de promover excepcionais solenidades em comemoração do primeiro aniversário da implantação do Estado Novo. [...] Dando-vos conhecimento desse fato, esperamos que V. Excia. não negará vosso valioso apoio a esta grandiosa e justa homenagem que o operariado de Varginha

prestará ao Exmo. Sr. Presidente Getúlio Vargas". O ofício tem as assinaturas de Carlos Silva, presidente da Comissão Organizadora, Leocrácio Silva, primeiro-secretário e Pedro Júlio, presidente da Associação Operária.

Na ocasião, no Teatro Capitólio, foi inaugurado o retrato do presidente Getúlio Vargas, feito e oferecido pelo pintor Carlos Silva e desvendado pelo prefeito Manoel Rodrigues de Souza no teatro lotado e sob "delirantes palmas ao som do Hino Nacional". Essa sessão cívica foi considerada "a mais concorrida até hoje realizada em nosso Teatro!". Em nome da classe operária varginhense falou o Sr. Flodoaldo Rodrigues. "Apesar de ter uma lotação para 2.000 pessoas, o Teatro Capitólio era pequeno para conter o povo. Foi por isso colocado um alto-falante", para que as pessoas que não puderam entrar ouvissem os discursos das autoridades e de membros da Associação Operária. Quando a sessão cívica terminou, o retrato foi levado para a sede da Associação Operária com acompanhamento das bandas de música e dos operários (*ARAUTO DO SUL.* Edição nº 1050, p. 3. Varginha, 06 nov. 1938; ibidem, ed. nº 1051. Varginha, 13 nov. 1938).

Após a colocação do retrato do presidente Getúlio Vargas na sede da Associação Operária, foi oferecido um lanche às autoridades locais: prefeito municipal, Juiz de Direito, Juiz Municipal, Promotor de Justiça, Consultor Jurídico da Associação, representantes da imprensa e membros da delegação operária (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1051. Varginha, 13 nov. 1938).

A Comissão Organizadora ofereceu aos operários dois mil retratos do Presidente Getúlio Vargas e dois mil impressos com o retrato dele, tendo de um lado e de outro os hinos Nacional e do Trabalho (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1051. Varginha, 13 nov. 1938).

Dentre os eventos mais notáveis programados para a comemoração do aniversário do Estado Novo, estavam os espetáculos de gala da Companhia Alda Garrido, que "teve a nímia gentileza de dedicar um grandioso espetáculo de gala, na

noite de 10 de novembro, aos Srs. Presidente Getúlio Vargas e Benedito Valadares. Para isso, a grande artista escolheu uma das melhores peças de seu vasto repertório e fará ornamentar o Teatro Capitólio, especialmente os camarotes destinados às autoridades e representantes das Classes Operárias" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1050, p. 3. Varginha, 06 nov. 1938). E, após as apresentações: "com enorme concorrência realizaram-se os espetáculos de gala anunciados pela Cia. Alda Garrido [...] em homenagem aos Srs. Presidente Getúlio Vargas e Governador Valadares"(*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1051. Varginha, 13 nov. 1938).

As festividades, estendidas pela semana, levaram a população às ruas, promovendo aglomerações nos principais logradouros públicos, no Teatro Capitólio e na sede da Associação Operária. O fotógrafo Antônio Massote Filho produziu um álbum com vinte fotografias em preto e branco e o ofertou à Associação Operária com a seguinte dedicatória: "À Associação Beneficente Operária de Varginha, Lembrança da festividade de 10 de novembro de 1938 – Aniversário do Estado Novo e Grande Parada Trabalhista. Oferece o amigo e admirador Antônio Massote Filho" (MASSOTE FILHO, 1938).

O Estado Novo foi o regime político instaurado pelo presidente Getúlio Vargas por meio de um golpe de Estado, em 10 de novembro de 1937. Esse regime de exceção, conhecido como Era Vargas, esteve em vigor até 31 de janeiro de 1946. A Era Vargas foi caracterizada pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e autoritarismo. Durante esse período, a Ação Integralista Brasileira popularizou as ideias autoritárias e, com isso, favoreceu a adesão de parcela significativa do povo ao novo regime político.

A maciça participação popular, da classe operária local, do pintor e jornalista Carlos Silva, de juristas e políticos de expressão, a presença de Alda Garrido, renomada atriz nacional, e a cessão do Theatro Capitólio para a realização da cerimônia em

homenagem ao presidente do regime ditatorial, revelam a adesão ideológica de parte significativa do proletariado, da classe artística, dos magistrados e dirigentes políticos locais a esse tipo de regime. A procissão triunfal pelas ruas da cidade com o retrato do presidente da República carregado como os santos nos andores das procissões da Igreja Católica, numa espécie de arrebatamento político-religioso, revela outra característica dos regimes ditatoriais: o personalismo e o culto à personalidade. A expressão "delirantes palmas" utilizada pelo relator do *Arauto do Sul* não deixa dúvidas do arrebatamento quase místico que tomou conta dos participantes nas atividades coletivas do Estado Novo. Esse arrebatamento era reforçado pela massa identificada por um líder poderoso que a comandava: Getúlio Vargas.

O leitor interessado em informações detalhadas sobre o Movimento Integralista em Varginha pode consultar o texto "Ação Integralista em Varginha (MG): arquivos da Polícia Política (1935-1938)" do livro eletrônico "Ação Integralista Brasileira em Minas Gerais: estudos e historiografia", de Pimenta; Gonçalves (organizadores) (SALES, 2021, Cap. 17, p. 246-255), publicado pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora.

8.7.3 Plínio Salgado: o *führer* de opereta

Plínio Salgado (1895-1975), escritor, jornalista e político conservador brasileiro, fundou, em 1932, a Sociedade de Estudos Políticos – SEP, que reunia os principais intelectuais brasileiros simpáticos ao fascismo. Em outubro do mesmo ano, ele lançou o Manifesto de Outubro, com as diretrizes para a fundação da Ação Integralista Brasileira, da qual foi o principal mentor intelectual e formador de opinião. O Partido de Representação Popular, em atividade no período entre 1945 e 1965, conhecido como Partido Populista, foi fundado por Plínio Salgado na condição de ex-líder integralista.

Era um partido político de extrema-direita, que tinha por ideologia o Integralismo, o anticomunismo e nacionalismo. Da mesma forma que a Ação Integralista Brasileira, o PRP visava à doutrinação ideológica das massas por meio da educação escolar. O jornal *Correio do Povo* (SC) noticiou: "Segundo comunicação epistolar recebida pelo Diretório Estadual, por parte do Diretório Municipal de Varginha, acaba de ser fundada, naquela culta e próspera cidade sulina, por iniciativa do P. R. P. uma escola de alfabetização, que recebeu a sugestiva denominação de "Escola Princesa Isabel", em merecida homenagem à Redentora. A Escola já conta com uma frequência de 32 alunos e funciona na sede do P. R. P. local" (*CORREIO DO POVO*. Edição nº 1.389, p. 4. Jaraguá do Sul (SC), 20 out. 1946).

Em 1950, Plínio Salgado falou em uma sessão em homenagem a Tiradentes, pela Convenção Regional da Zona Sul Mineira do Partido de Representação Popular – PRP (*A NOITE*. Edição nº 13.469, p. 5. Rio de Janeiro, 24 abr. 1950).

Segundo Jorge Amado no livro "O cavaleiro da esperança" (2011), Plínio Salgado era um *füher* de opereta, um messias de teatro barato possuído pelo micróbio da má literatura.

A Câmara Municipal de Varginha denominou Plínio Salgado uma avenida na cidade, em homenagem a esse líder de inspiração fascista. A avenida percorre os bairros do Bom Pastor, Vila Pinto e Vila Murad.

8.8 A frente do Theatro Capitólio: manifestações artísticas e políticas

Em 1953, protestos de estudantes foram realizados em frente ao Capitólio. Segundo o jornal *A Noite*: "A cidade esteve agitada durante três dias, por motivo de elevação do preço do ingresso do cinema Capitólio para cinco cruzeiros para aquela classe. Os estudantes, em número de quinhentos, postaram-se diante do

estabelecimento, obrigando o delegado regional a requisitar uma força policial do Batalhão de Lavras, para evitar a infiltração de elementos subversivos no movimento" (*A NOITE*. Edição nº 14.391, p. 2. Rio de Janeiro, 04 maio 1953).

Em dezembro de 1994, a fachada do teatro foi utilizada como pano de fundo para duas apresentações de rua, na calçada em frente ao prédio:

1) Coral Orfeão Bernardino Sena de Lima, sob a regência do seu fundador, o maestro e pianista varginhense Joanny Henrique de Morais (1933-2011). O coral esteve em atividades em Varginha durante cerca de quinze anos. Bernardino Sena de Lima (18--?-1927) era maestro em Varginha, tendo falecido dois meses antes da inauguração do Theatro Capitólio.

2) Projeto Cultural Seresta na Praça, do Grupo de Serestas Primo Trombini, criado em Varginha nos anos 1950.

9 CINETHEATRO CAPITÓLIO: CRÍTICAS AO COMPORTAMENTO DOS ESPECTADORES (1932/1946)

Nas décadas de 1930 e 1940, alguns frequentadores do Cinetheatro Capitólio escreviam aos jornais cartas, notas, artigos e crônicas, para reclamarem do comportamento dos espectadores durante a exibição dos filmes.

Sobre esse assunto, o jornal *O Sul-Mineiro* publicou um artigo cujo título é bastante revelador: "O Capitólio é um patrimônio da cidade e o respeito às suas instalações significa respeito ao que é nosso também". O jornal critica o comportamento dos adolescentes do sexo masculino, "mocinhos que apenas estão se empenando e cuja educação deixa muito a desejar". Segundo o jornal, os adolescentes destruíam as poltronas do teatro com giletes e canivetes (*O SUL-MINEIRO*. Edição nº 2136, p. 1. Varginha, 18 maio 1946).

A seguir, transcrevemos três desses textos como exemplos, pois revelam os costumes da época. O primeiro é de autoria da redação de o *Arauto do Sul* (1934).

Os dois últimos foram assinados com pseudônimos, provavelmente por seus autores serem pessoas muito conhecidas do meio social: 1) No primeiro tempo: crônica assinada por D. Fradique. O texto parece ter sido escrito por um intelectual varginhense. O cronista possuía arguto e fino senso de observação, bom humor e capacidade de análise psicológica. A crônica foi publicada no *Arauto do Sul*, de 21 de janeiro de 1940. 2) Lugares reservados: artigo assinado por Anmuso. Trata-se de um texto de reclamação tão bem escrito, que pode ser considerado uma crônica. Publicado no *Arauto do Sul*, 25 de março de 1943.

A ALGAZARRA NO CINEMA

[Anônimo. Da redação do Arauto do Sul]

O apagar das luzes é um fato que ocasiona nervosismo em quem "não tomou chá em pequeno". Vemos, frequentemente, como procede a molecagem nas ruas, quando há interrupção na luz elétrica. Faz uma gritaria de ensurdecer, calando-se como por encanto, logo que a luz se restabelece. Parece um caso psicológico.

Pois, assim como na rua e no teatro, o "Capitólio", o único que possui a cidade, e por sinal, novo, denotando elevado grau de civilização nos seus frequentadores, que têm restrita obrigação de se portar de modo decente, para não quebrar a sua harmonia com as linhas elegantes da bela sala de espetáculos.

Isso, porém, não acontece, porque há uma parte da assistência que parece desconhecer as mais comezinhas regras do Bom-Tom, entregando-se a algazarras e a manifestações grotescas a cada lance impressionante dos dramas ou a cada interrupção da luz.

Diversas pessoas têm vindo à nossa redação reclamar contra tal incivilidade, pedindo nossa mediação ante a empresa para que faça cessar esse inconveniente, que tanto incomoda as pessoas idosas, que são, apesar de sua fraca acuidade, muito sensíveis aos ruídos desordenados. Elas têm toda a razão, que tal procedimento só se justifica nos lugares mais frequentados por gente baixa e não nos salões onde se reúnem as elites.

Aí fica a reclamação, para que a empresa faça policiar melhor as torrinhas, certa de que, não o fazendo, expõe-se mesmo a ver diminuída a frequência e a ser censurada pelos forasteiros, em detrimento do bom nome de Varginha.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 809, p. 3. Varginha, 18 mar. 1934.

Notas:

1 Título: A algazarra no cinema. Do original consta: argazarra. Trata-se de um erro tipográfico, uma vez que no corpo do texto o relator repete a palavra, porém escrita da forma correta.

2 "Não tomou chá em pequeno": pessoa que não recebeu educação familiar apropriada; que não sabe se comportar em público; que desconhece a etiqueta do convívio social ou mesmo que, na infância, não recebeu castigos físicos dos pais ou responsáveis, conforme era comum na educação da época.

3 Regras do bom-tom: regras da boa educação.

4 O artigo revela que as interrupções da energia elétrica eram uma ocorrência frequente durante as exibições das películas cinematográficas.

5 Percebe-se que a plateia se manifestava ruidosamente e vibrava de acordo com as emoções das cenas dos filmes.

6 "tal procedimento só se justifica nos lugares mais frequentados por gente baixa e não nos salões onde se reúnem as elites": essa afirmativa revela um preconceito de

classe social, segundo o qual somente as pessoas com baixa renda e sem educação escolar seriam capazes de algazarra em público.

7 Torrinhas: as partes mais altas do interior do teatro. Trata-se de provável referência aos camarotes.

NO PRIMEIRO TEMPO

D. Fradique

Quem compra um ingresso no Capitólio ou no Rex adquire, geralmente, o direito de assistir a um espetáculo. Mas, às vezes, assiste a mais de um. É o caso de quando certos espectadores dão-se ao prazer de representar também... na sombra.

Chegava um pouco atrasado aquele dia, pois, como sempre sucede, foi-me muito penosa a passagem pela "terra de ninguém" – não se pode denominar de outro modo a bilheteria do Capitólio. Ali não prevalecem direitos, nem mesmo dos que se acham em ordem, na fila. É comum, depois de ter conseguido o seu cartão, ficar a gente com a passagem barrada pelos braços dos transgressores, que se colocam do lado de fora da grade. A travessia normal é ato de heroísmo, não há dúvida. Ao entrar, pois, os suplementos já haviam sido exibidos e a sala acabava de escurecer novamente para o início do film principal. Casa repleta, foi com dificuldade que consegui um lugarzinho lá mais para a retaguarda, lado esquerdo. Um jovem par, bem à minha frente, palestrava em tom evidentemente animado. Não me foi difícil perceber, pouco a pouco, que se tratava de um conhecimento que apenas se travava. Trocavam-se as primeiras mentirazinhas... Ele era de fora; ela não. Tudo indicava que o flirt começara no footing, momentos antes. E já conversavam sem embaraço.

Dois artistas, provavelmente. Prosa vai, prosa vem e ele agarrou-lhe a mãozinha trigueira. Não houve resistência muito forte, aparentemente, mas, ela, entre o embaraço e a curiosidade, pediu-lhe que a deixasse. Alguma insistência mais, um "deixe, por favor", e

o pedido foi satisfeito.

- Um a zero! Exclamou ela, com ares de triunfo. Houve, parece, certa surpresa da parte dele, mas a calma predominou e um sorriso indefinível concluiu o lance. Pouco depois a palestra retomou o tom animado de antes.

Passando por ali o baleiro, o rapaz muniu-se de um pacotinho "Tupan", que gentilmente ofereceu à moça. Porém, ao tomar a bala, a mãozinha viu-se novamente presa. Novo e mais visível embaraço da parte dela que, desta vez, fez sérios esforços para libertar-se:

- Deixa-me! Disse, aflita, duas, três, e mais vezes seguidas. No entanto, ele, de cabeça erguida, a olhar fixamente para a tela, fingia o maior desinteresse pela situação.

- Por favor, deixa-me! Suplicava a moça. Mas era em vão. O mais que se dignou fazer foi voltar-se para ela e sorrir, ironicamente.

- Larga, o intervalo não tarda! Pediu, ainda uma vez.

Ao fim de muita relutância, ele resolveu falar:

- Deixo a sua mãozinha, mas se a menina disser "por favor, querido".

- Isso nunca! Que atrevimento?!...

- Então, sairemos de mãos dadas, pois, a não ser assim, ainda que o cinema venha abaixo, eu não a deixarei.

A decisão era inabalável, mas ela não capitulou. Volveu com altivez o olhar para a tela, disposta a esperar, na certeza de vencer, ainda. Nisso a projeção começou a vacilar, anunciando o intervalo e ela, voltando-se, apressada, disse nervosamente "por favor, querido".

Dando liberdade à mãozinha trigueira, o rapaz exclamou por sua vez:

- Um a um!...

As luzes se acenderam e, pouco depois, apagaram-se novamente.

Começava o segundo tempo...

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1112, p. 1. Varginha, 21 jan. 1940.

Nota:

"Passando por ali o baleiro, o rapaz muniu-se de um pacotinho "Tupan", que gentilmente ofereceu à moça": pacote de balas de leite, da fábrica Tupan, de Varginha. Os pacotinhos com essas balas eram vendidos no Theatro Capitólio e no Cine Rex, em balcões no *hall* de entrada e, depois, oferecidos por baleiros que percorriam os corredores dentro dessas casas antes do início do espetáculo.

LUGARES RESERVADOS

ANMUSO

Existe uma ordem policial que proíbe às senhoras e senhorinhas o uso de chapéus nos teatros e cinemas, bem como aos cavalheiros a marcação de lugares nos salões cinematográficos. O primeiro caso não nos interessa, porque, felizmente, o uso de chapéus pelo belo sexo continua circunscrito às capitais e grandes centros.

Mas, aqui em Varginha, algumas pessoas adotam um sistema interessante: entram no cine Capitólio bem cedo, debruçam cadeiras de frisas e camarotes, e saem de novo para fazerem o "footing" tranquilamente, porque assim têm assegurados bons lugares.

Entretanto, inúmeros frequentadores do Capitólio, que costumam chegar alguns minutos antes do início da sessão, encontram dificuldades em arranjar uma boa localização.

E, por quê? Porque certos cavalheiros ou senhorinhas reservam com muita antecedência as melhores posições para assistirem ao filme no momento em que bem

entenderem. Os outros que se arranjem!

Tenho notado, também, que alguns "meninotes" que gostam de bancar camarotes, quando se cansam da projeção ou querem mudar de posição, debruçam-se à vontade na balaustrada, tirando a visão do mais próximo sem nenhuma consideração. E, quantas vezes temos de nos levantar para "implorar" ao jovenzinho que nos conceda uma linha direta para a tela?

São assuntos que devem ser resolvidos da melhor maneira possível pela Empresa Nogueira, em colaboração com as distintas autoridades locais, para benefício dos "habitués" da principal sala de diversões de Varginha.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 1.296, p. 1. Variedades. Lugares reservados. Varginha, 25 mar. 1943.

O Theatro Capitólio também era utilizado como motivo de piadas conforme a transcrita abaixo:

DIÁLOGO ENTRE QUERAS, À PORTA DO TEATRO CAPITÓLIO, NA QUINTA-FEIRA ÚLTIMA

- Foi assistir o "film"?

- Fui, mas não assisti.

- Já o havia assistido antes?

- Não.

- E por que deixou de assisti-lo até o fim?

- Porque ouvi dizer que era fita repetida...

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 732, p. 4. Varginha, 25 set. 1932.

10 PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE O THEATRO CAPITÓLIO

Este capítulo apresenta algumas produções de conhecimento oriundas de várias fontes e que têm como tema a história do Theatro Municipal Capitólio ou parte dela. Os suportes dessas produções são o papel e audiovisuais (filmes).

Ao longo de sua história, algumas publicações impressas, audiovisuais e exposições de fotografias foram realizadas sobre o Theatro Capitólio.

A primeira delas deu-se no dia da inauguração do teatro: a publicação no jornal *O Capitólio*, Ano I, edição nº LXIII, de 12 de outubro de 1927, de extensa reportagem sobre a construção do teatro: idealização, construção, custos específicos segundo cada tipo de obra executada, custo total da obra, descrição da solenidade da inauguração, os paraninfos do teatro e a escolha no nome Capitólio. A edição apresenta fotografias da fachada do teatro, dos irmãos Navarra, dos paraninfos do teatro (Antônio Pinto de Oliveira e Ambrosina de Figueiredo, conhecida como D. Zinoca) e dos funcionários e profissionais Nicola Napoli (gerente do Capitólio e do Cinema Íris, o antigo Theatro Municipal), Pernambuco Chaves (gerente da Empresa Telefônica Varginhense, eletricista) e Elias Esteves (gerente das oficinas gráficas do jornal *O Capitólio*).

Em setembro de 1998, a Fundação Cultural do Município de Varginha lançou uma campanha para a recuperação da memória fotográfica e documental do Capitólio. O objetivo principal era conseguir, por meio de doações da população de Varginha e da região, material fotográfico e documentos sobre o teatro (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 6530. Varginha, 18 set. 1998).

No ano 2000, a Fundação Cultural do Município, por meio do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, elaborou o Dossiê de Tombamento do Theatro Municipal Capitólio.

Em 2011, o *Varginha – Órgão Oficial do Município*, nas edições nº 728, de 12 maio e nº 729, de 19 de maio, trouxe as seguintes reportagens sobre o teatro: 1) Theatro Municipal Capitólio: Título: histórico espaço cultural reabre suas portas. Subtítulos: Um pouco de história. O primeiro show. Cinema mudo. 2) Título: Memória cultural. Subtítulo: Theatro Municipal Capitólio [descrição da arquitetura] (edição nº 728, Seção Cultura, p. 6, 7 e 22). 3) Título: Theatro Municipal Capitólio é reinaugurado em noite de gala. Subtítulo: Homenagem especial. 4) Título: Público assiste concerto da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto. 5) Título: O que não se percebe: um novo olhar sobre o Theatro Capitólio [Exposição de Fotografias]. 6) Título: Escola de Mulheres será primeira peça após reabertura do Capitólio. Subtítulos: Ingressos já estão à venda. Programação. Escola de Mulheres (edição nº 729, Seção Cultura, p. 8-13). As reportagens são ilustradas com fotografias da fachada e do interior do Theatro Capitólio, das obras da reforma interna, do lustre central, do palco, do público assistindo aos espetáculos, de um trio de cordas e de uma orquestra em apresentação no palco, do Foyer Aurélia Rubião e dos protagonistas da peça Escola de Mulheres.

Entre 13 de maio e 19 de junho de 2011, foi realizada a exposição de fotografias "O que não se percebe: um novo olhar sobre o Teatro Capitólio", no Foyer Aurélia Rubião, de segundas às sextas-feiras, das 08:00 às 18:00 horas. Foram expostas 148 fotografias em preto e branco, nos tamanhos 20 x 30 cm e 20 x 15 cm, e um painel no tamanho 150 x 50 cm. A autoria das fotografias é de Anita Regina Di Marco (arquiteta) e Vanessa Caldeira Teixeira Reis – Vanessa CTReis (artista plástica), que também se responsabilizaram pela curadoria. Em outubro de 2013, uma versão reduzida com 72 fotografias esteve em exposição no *hall* de entrada da Superintendência Regional de Saúde de Varginha (Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais), na Av. Manoel Diniz, nº 145, bairro Industrial JK.

Em 2018, o livro "Imigração italiana em Varginha (MG) 1887-1927" tratou da

história do Theatro Capitólio no item 3.6 A família Navarra e o Theatro Capitólio, 1927, do capítulo 3 Imigração italiana em Varginha (p. 111-121) (SALES, 2018).

O Theatro Capitólio é citado no livro "Teatros: uma memória do espaço cênico no Brasil", de J. C. Serroni (São Paulo : Editora Senac, 2019). Os dados citados são os seguintes: Teatro Municipal Capitólio. Ano da inauguração: 1927. Tipologia: italiana. Capacidade: 850 lugares. Endereço: Rua Presidente Antônio Carlos, 522. CEP: 37002-000. E-mail: fcmv@varginha.br. Telefone: (35) 3222-2861. Proprietário: Fundação Cultural do Município de Varginha. O livro está disponível para consultas no endereço: <books.google.com>.

Em 2021, a Fundação Cultural do Município de Varginha produziu o Documentário Theatro Municipal Capitólio, audiovisual com 26'48" de duração, com apresentação e narração de Fábio Tardelli e roteiro, direção e edição de Cláudio Henrique Martins. O documentário é dividido em cinco partes: 1º ato: Abrem-se as cortinas. 2º ato: Projeção da arte. 3º ato: Dramas e comédias. 4º ato: Consertos e concertos. 5º ato: Revitalizar: insuflar nova vida ou novo vigor. A abertura e finalização de edição são de André Luiz Martins e Caetano com imagens de José Roberto Calado e Rafael Alírio de Toledo. O audiovisual apresenta vários depoimentos, dentre os quais o de Eduardo Benedito Ottoni, prefeito municipal de Varginha na Administração 1977-1982, o de Christiane Navarra Frogeri Pimenta, descendente da família Navarra, construtora do teatro, os de membros de companhias locais de dança e de teatro, e os de fundadores de companhias de teatro relevantes de Minas Gerais e do Brasil (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, jul. 2021). O documentário está disponível no YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos, com o título Documentário Theatro Municipal Capitólio.

Ainda em 2021, Anita Regina Di Marco e Vanessa Caldeira Teixeira Reis publicaram o livro "Saber ver: Teatro Capitólio, patrimônio cultural". A edição

bilingue português / inglês, publicada pela Editora Rio Books, do Rio de Janeiro, foi realizada com exemplares em primoroso acabamento em capa dura, nas dimensões 23 x 23 cm. A impressão foi feita em papel couchê fosco de 150 gramas e composta com as famílias tipográficas Calibri. O livro, de 152 páginas, contém 94 fotografias em preto e branco dos mais variados detalhes arquitetônicos do edifício e das obras da reforma do período 2007-2011, inclusive de trabalhadores da construção civil responsáveis pela execução. As fotografias apresentadas fizeram parte da exposição "O que não se percebe: um novo olhar sobre o Teatro Capitólio", realizada no Foyer Aurélia Rubião, entre 13 de maio e 19 de junho de 2011, com a curadoria das autoras. A obra é dividida nos seguintes capítulos: (Prefácio p. 7), Apresentação Fragmentos de um olhar amoroso (p. 8-9), Inspirações (p. 10-11), Encontros (p. 12-15), Histórias (p. 16-18), Apreciações (p. 19-22), Olhares (23-27), Detalhes (fotografias do teatro, p. 28-123), Remates (p. 124-125), Leituras (Referências Bibliográficas, p. 126), Autoras (p. 128-129) e Anexos (página 130 e seguintes; inclui o texto em inglês). Este livro é, com certeza, a mais relevante publicação sobre o Teatro Capitólio até o momento com foco na documentação iconográfica (fotografia).

11 SOBRE O CAPITÓLIO: DEPOIMENTOS

Vários atores, músicos e cantores líricos sul-mineiros de expressão nacional iniciaram suas carreiras ou realizaram suas primeiras apresentações profissionais no Theatro Capitólio.

Este capítulo apresenta alguns depoimentos de artistas, escritores, arquitetos e políticos sobre o Theatro Capitólio com foco na importância e na beleza desse patrimônio artístico e cultural de Varginha, bem como na emoção de se apresentar em seu palco.

O Theatro Capitólio, desde a sua fundação, em 1927, consolidou-se como referência histórica, artística e cultural do nosso município. Não tenho dúvidas de que é um dos principais cartões postais da nossa cidade, pela sua beleza, pela sua imponência e, sobretudo, pela sua estrutura arquitetônica. Por isso, com certeza, atrai olhares de gente de todo o mundo. Agora, com essa revitalização [de 2021], vamos reabrir suas portas para receber público de todos os cantos desse país, para que possamos, ali, proporcionar conforto, segurança e comodidade para a nossa população. Certamente, continuaremos cuidando com carinho do nosso patrimônio histórico de todas as gerações (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Verdi Lúcio Melo, prefeito municipal de Varginha).

Coragem e determinação. Pilares importantes para se começar uma história de sacrifícios e virtudes, lutas e conquistas. E assim se formou o legado de um jovem imigrante, vindo de Portugal, como tantos outros, no início do século XX, rumo a futuro incerto e muitas vezes perigoso, mas exaustivamente sonhado. Uma vida melhor! Nosso avô, Celestino Luiz Pires, ultrapassou limites impostos pelo oceano, pelo desconhecido de uma nova terra e veio aqui fazer seu destino. Com dedicação ele se tornou um cidadão brasileiro, arquiteto de profissão, contribuindo com o desenvolvimento da Nação. Acontecimentos que achávamos esquecidos, são resgatados em oportunidades como esta – a da escrita de um livro que conta a história de um teatro que ele construiu, parte da história da vida Cultural da pujante Varginha. Nós. Seus descendentes, não tivemos o privilégio de conviver com ele, visto que nos deixou ainda muito precocemente. Mas somos a prova viva de sua perseverança e de fé na construção de seus sonhos juvenis! Hoje eles vivem em nós e nós os transmitimos a nossos filhos e netos. Ressaltamos aqui a história de seus descendentes diretos, seus

filhos, entre eles nosso pai, espelho real de seus valores e princípios (Depoimento coletivo de Celestino Luiz Pires e família a José Roberto Sales. Belo Horizonte, 03 dez. 2021. Nota: o depoente é neto de Celestino Luiz Pires e sobrinho-neto de Antônio Manoel Pires, os construtores do Theatro Capitólio).

Eu represento a terceira geração da família Navarra, aqui, no Brasil. Meu avô, Domingos Navarra, seus irmãos José Navarra, Francisco Navarra e Nicolino Navarra foram imigrantes italianos que chegaram ao Brasil e, então, criaram essa história de empreendedorismo e de envolvimento com a arte e com a cultura, que foi a proposta deles, quando idealizaram o Theatro Capitólio. Tio José Navarra foi o grande idealizador do Theatro Capitólio e não podendo estar aqui para concluir essa sua vontade, os irmãos Domingos, Nicolino e Francisco Navarra tocaram essa obra, em dois anos, para chegar onde eles tanto gostariam (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Christiane Navarra Frogeri Pimenta, neta de Domingos Navarra e sobrinha-neta de José, Francisco e Nicolino Navarra).

No começo da década de 1980, médicos da Associação Médica resolveram montar um grupo de teatro amador do qual eu fazia parte. Decidimos apresentar três peças de Maria Clara Machado no Teatro Capitólio, mesmo ele estando desativado: Pluft, o fantasminha, A menina e o vento, e O rapto das cebolinhas. A sala lotava! Na última apresentação fomos surpreendidos com um curto-circuito na parte elétrica comprometida e o teatro foi novamente fechado. A cidade passou a cobrar da prefeitura a recuperação do prédio. E assim, no ano de 1983, o prefeito Dilzon Melo, encarregou os projetos e a direção da obra a mim – Teresa Guida Massa, Mário Cincoetti e Wallace Etrusco. Nosso objetivo não era somente restaurar, mas também fazer uma reforma para que o teatro pudesse atender a várias atividades culturais. Dentro do orçamento

estipulado, estruturamos todo seu espaço, que apresentava risco de desabamento, cuidamos da acústica, da iluminação, criamos banheiros, camarins, sala de exposição, de projeção, diretoria e outros. Durante a reforma, atendendo solicitação do prefeito e da Fundação Cultural, recebemos a visita do renomado cenógrafo, autor, ator, diretor e recuperador de teatros Gianni Ratto. Foi extremamente tranquilizador e gratificante a aprovação, os elogios e o reconhecimento de nosso trabalho por uma pessoa tão capacitada e especialista no assunto! Foi imensa a alegria em ver devolvido à cidade o seu belo teatro, por tudo que ele sempre representou! Posteriormente, em 1987, pude experimentar a alegria de subir em seu palco como atriz na apresentação da peça Primavera Mortal de autoria do escritor e historiador José Roberto Sales. Senti que o formato do teatro e o palco se estendendo sobre a plateia proporcionavam ao ator uma intimidade com o público como se compartilhassem a respiração. Atuando, tudo em nós passa a ser a expressão de um novo ser que surge. Surpreendemos com nós mesmos! Tudo se torna mágico, intenso, verdadeiro e surpreendente! Como disse Fernando Pessoa, "a arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta" (Depoimento de Teresa de Fátima Guida Massa, arquiteta, a José Roberto Sales. Varginha, 09 dez. 2021).

O Theatro Capitólio de Varginha é um patrimônio, não somente da cidade, como do estado, do país e do mundo. É um teatro da maior importância, que tem uma beleza arquitetônica incrível. O Galpão já fez importantíssimas temporadas no Theatro Capitólio, com os espetáculos Arlequim, seguidor de tantos amores, e De olhos fechados. O Capitólio é um teatro que está no nosso coração. É um patrimônio importantíssimo a ser preservado, é um legado da cidade de Varginha para o mundo. Nosso apoio à preservação do Theatro Capitólio (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Eduardo Moreira). Eduardo Moreira é

um dos fundadores do Grupo Galpão, de Belo Horizonte, fundado em 1982. O Galpão é uma das companhias mais importantes do cenário teatral brasileiro, cuja origem está ligada à tradição do teatro popular e de rua.

Nesses quarenta anos de itinerância do Ponto de Partida, nós aportamos, inúmeras vezes, na cidade de Varginha, levando os nossos espetáculos ao palco do Theatro Capitólio. Essa casa que eu considero da maior importância, não somente para o Sul das Minas Gerais, como para todo o Brasil. E, dentre as muitas lembranças que eu tenho, uma me traz muita emoção: foi quando nós apresentamos o espetáculo A vaquinha Lelé, um musical infantil, que conta a história de uma vaquinha que queria voar. Ao término do espetáculo [...] nós percebemos que as crianças não queriam ir embora para casa. Então, nós, personagens e crianças, saímos em um cortejo pelas ruas da cidade, tentando prolongar um pouquinho mais esse momento de magia, que só a arte e o teatro podem ofertar (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Fátima Jorge). O Grupo Ponto de Partida, de Barbacena, iniciado em 1980, é uma das principais companhias brasileiras de teatro, sendo internacionalmente reconhecido.

Foram experiências incríveis as vezes que eu pude me apresentar junto com a Orquestra Opus dentro do teatro, um espaço belíssimo. Nós tivemos a grata satisfação de estar com a casa cheia todas as vezes que nós tivemos essa oportunidade [...] É um espaço maravilhoso, além de belíssimo, é aconchegante, um espaço que para a cidade significa muito, tem muitas cidades, maiores que Varginha, que poderiam ter um espaço daquele e não tem essa oportunidade, então, eu acho que a cidade está de parabéns por ter um espaço igual aquele. Eu me sinto honrado por ter subido naquele palco e podido fazer tantas pessoas felizes, naquele momento em que a gente troca

essa energia. Foi sempre muito prazeroso (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Leonardo Cunha, maestro da Orquestra Opus, reconhecida internacionalmente).

[Em um dos camarins do Theatro Capitólio] Eu entrei, aqui, no Theatro Capitólio, em 1983, e, para mim, já foi, no primeiro dia, um encantamento. É um templo! Não é somente pelo patrimônio, que é fantástico, um patrimônio histórico, mas, é porque ele tem toda a emoção e a essência da arte do teatro. Eu me sentia privilegiada, e vim, primeiro, através do teatro. Nossa primeira peça foi O Santo Inquérito [de Dias Gomes] e, depois disso, continuei nas artes cênicas. No ano seguinte, nós já começamos a vir aqui com os nossos trabalhos de dança, do Estúdio Corpo & Dança. Para mim, a cada momento que nós pisávamos aqui, era com reverência, porque é um teatro fantástico, com acústica perfeita, e que recebe... O palco é como que acolhe os bailarinos, os atores. Eu só tenho emoção quando piso neste teatro (DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO, 2021. Depoimento de Maria Inês Amarante Barros, bailarina, coreógrafa, atriz e diretora de teatro e de dança).

O Theatro Capitólio é um ícone no interior do estado e estamos otimistas e ansiosos [com a nossa apresentação em Varginha] (Entrevista de Navir Salas, bailarino argentino e diretor da Companhia El Abrazo Tango. Portal da Globo G.1. 16 maio 2016).

O teatro é lindo, lindo, deslumbrante! Tem uma acústica maravilhosa (Depoimento do violoncelista Roberto Ring. TV Princesa. Jornal Cidade, 29 set. 2016).

Não é toda cidade que tem um teatro tão bom quanto esse, o Capitólio (Entrevista de Rodrigo Bustamante, violinista do Quarteto de Cordas Guinard e músico da Orquestra

Filarmônica de Minas Gerais. TV Princesa. Jornal Cidade, 23 maio 2018).

Para contar o fato a seguir, passa-me pela cabeça o texto do início do Modernismo Brasileiro: "O curupira e o Carão", obra de Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e Plínio Salgado. Quando apresentamos a peça O Santo Inquérito, de Dias Gomes, logo após a estreia, que, felizmente, alcançou êxito, um padre da maior paróquia da cidade, chamou-me à sacristia. Ele era novo, tinha nome de um dos santos mais populares nas festas juninas, mas era como o Carão: "Com mais de 400 anos, cinzento, encorujado... Carrança e misoneísta, miolo mole e intransigente". Queria passar-me um pito na frente dos outros, visto que eu havia participado do elenco da peça comentada pela sociedade: "Muito me admira! Você, católico, ex-seminarista, agente de pastoral representar uma peça dessas, de um autor comunista, que é contra a religião... Ponha a mão na consciência! Você está incentivando os anticlericalistas da cidade...". Bem antes disso, porém, eu havia comentado sobre a peça com um padre amigo, professor de Filosofia da Universidade do Sul de Minas. Era idoso, experiente, homem de fé, culto, de visão ampliada pela sabedoria. Parecia o Curupira: "ágil, matinal, irônico, onímodo". Ele, para variar, conhecia o texto. Admirava o autor. Aliás, amava o teatro e estimulava esse gosto nos alunos, pois também já havia subido ao palco várias vezes na adolescência, quando seminarista. "O tema é oportuno demais", disse. Era um dos seus prediletos no campo da História. Na vasta biblioteca, possuía inúmeros livros sérios referentes ao assunto. E continuou, mais ou menos assim: "É preciso iluminar o espírito crítico do povo, combater o autoritarismo, abrir os olhos para os problemas. O fio condutor da peça não tem só o foco religioso, mas, sobretudo, o político, o social, o educacional..." Foi até além do comentário: emprestou-nos seus paramentos e alfaias, para que as cenas fossem mais verossímeis. Educador de verdade, aquele Padre: Monsenhor Domingos Prado Fonseca! (Depoimento de Marcos Valério Albinati Silva

a José Roberto Sales. Albinati é professor de Língua Portuguesa e de suas Literaturas e foi ator da peça O Santo Inquérito, em que interpretou o personagem padre Bernardo. É irmão do ator José Walter Albinati e do músico Ricardo Wagner. Varginha, 30 de outubro de 2021).

O Teatro Capitólio fez parte de meus dias, minhas noites, minha agenda, meus risos e meus medos. Quando foi restaurado, trazendo-nos de volta todo seu esplendor, sua acústica, sua estrutura para grandes apresentações, motivou-me a iniciar uma programação cultural longeva e memorável. Em seu palco, pude direcionar desde meus iniciantes alunos de piano até meus virtuoses aprendizes, em nossas audições anuais. E, como professora, me alegrava vê-los preparando-se para mostrar-nos seu aprendizado e nosso trabalho. Em sua ribalta, estiveram presentes grandes expoentes da música clássica. E como cidadã varginhense e amante da cultura, pude proporcionar aos meus conterrâneos o deleite de escutarem música de qualidade em nossa própria terra, em nosso maravilhoso teatro! Como ouvinte me deliciei em nosso maravilhoso teatro, mas como produtora de eventos, organizadora de concursos e recitais, planejei-me, busquei impensáveis patrocínios, roguei necessária divulgação e, com sucesso, mirei as cadeiras repletas, ouvidos atentos e coração pleno de arte! Em seu tablado de madeira, pisei, como também meus colegas, minhas filhas, meus alunos, meus amigos. Naquele piano de cauda, foram tocadas horas de música divina, sentimentos maravilhosos e memórias transcendentes. Sob aquele deslumbrante lustre, fui a menina que descobriu o piano como sua vida. Fui a professora que cativou centenas para apreciar a bela música, fui espectadora ansiosa, fui produtora. Fui feliz! (Depoimento de Elvira Gomes de Carvalho Pinto, pianista varginhense, a José Roberto Sales. Varginha, 27 set. 2021).

Emoção, condição indispensável para se fazer arte. Público, o motivo para o artista

levar sua arte. Teatro, a sublimação do fazer arte; local onde a emoção mútua, artista e plateia, acontece. Como músico, me sinto envolvido em um clima absolutamente emotivo quando me apresento no querido Capitólio. Esse Teatro acompanha minha trajetória artística desde os tempos de aluno do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha, até hoje, como músico profissional. Emocionei-me em várias facetas nesse palco: desde membro de um conjunto de flauta-doce, passando pelo Festival da Canção Cristã, por memoráveis recitais com piano até um concerto com a orquestra a qual pertenço, a Filarmônica de Minas Gerais. Lembro-me que, nesse concerto da Orquestra, alguns músicos fotografavam o nosso lindo Teatro e se encantavam com sua beleza. O Capitólio tem um significado tão forte que, quando me apresento em outros Teatros com a mesma característica arquitetônica que ele, procuro semelhanças com nosso querido Teatro e, independente do lugar em que esteja, me "sinto em casa". Isso aconteceu, recentemente, em um recital com a professora Elvira Gomes no Teatro Independência, de Mendoza, na Argentina. A cada vez que me apresento no Capitólio, concentrar-me no seu camarim, subir lentamente as escadas, passar pelas cortinas vermelhas e adentrar ao palco é como se fosse uma oração que realizo. E, no palco, durante as palmas, procurar por rostos conhecidos...é magia altamente emotiva que qualquer músico Varginhense que sobe ali deve sentir... (Depoimento de Alexandre Braga Rezende, flautista varginhense, a José Roberto Sales. Belo Horizonte, 06 nov. 2021).

Nasci em Poços de Caldas e iniciei meus estudos de piano em Guaxupé (antes mesmo de completar os meus quatro anos de idade), mas foi em Varginha – no final dos anos 1970 – que estabeleci com a Música e com o Piano uma relação mais profissional. Ingressei na Academia de Música Lorenzo Fernândez onde estudei sob a orientação da querida e saudosa professora Dalva Resende. Sem dúvida, um dos períodos mais ricos

e importantes de minha formação. Apresentações musicais eruditas aconteciam nos palcos do Colégio dos Santos Anjos, do Colégio Marista (Teatro Mestrinho e Capela) e, também, com menor frequência, no salão nobre do Clube de Varginha. Durante minha adolescência, cheguei a frequentar diversas vezes o Theatro Capitólio que, naquela época, funcionava como 'cinema'. Minha maior satisfação era mesmo poder admirar a beleza daquela construção. No início dos anos 1980, o Theatro foi fechado para uma grande reforma. Logo após a sua reinauguração, fui convidado para me apresentar em um recital de piano solo. Confesso, foi um dos momentos mais impactantes de minha vida profissional. Não posso dizer que também não tenha sido emocionante me apresentar nas mais importantes salas de concerto do mundo; porém, o Theatro Capitólio foi, na verdade, "o meu primeiro grande teatro". Emoção similar, certamente, não senti em qualquer outro lugar do planeta. Portanto, minha gratidão eterna ao deslumbrante Theatro Capitólio e a todos os varginhenses tão queridos que cruzaram o meu caminho (Depoimento de Flávio Augusto, pianista, professor e músico da Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, a José Roberto Sales. Rio de Janeiro, 06 nov. 2021).

Nasci em 1947, na cidade de Varginha, a "Princesa do Sul". Uma Princesa que é bela e repleta de qualidades e atributos: belos jardins, vias bem tratadas e, entre outros, uma casa para receber artistas, bem no Centro, de ar imponente e grandioso, o orgulho da Princesa! A Música é para mim, uma dádiva de Deus, e agradeço sempre ter tido o privilégio de manter um relacionamento forte, contínuo e envolvente com ela ao longo da minha vida. Compartilhá-la com o público varginhense no palco do requintado espaço da Rua Presidente Antônio Carlos, o THEATRO CAPITÓLIO, em inúmeras oportunidades exerceu em mim um sentimento de pertencimento ao lugar de minhas origens. Em recitais solo ou em duo com minha amiga pianista Elvira Gomes, Mozart,

Beethoven, Chopin, Schubert, Villa-Lobos e outros se fizeram presentes, honrando o belíssimo espaço que lhes fora concedido. Como se fosse um grande abraço envolvendo públicos queridos, naquele magnífico templo, sons construídos pelos grandes mestres ecoaram no espaço muitas vezes, deixando meu coração repleto de júbilo e minha alma plena de felicidade! Momentos inesquecíveis! (Depoimento de Eldah Regina Ramos Drummond, professora de piano e pianista, a José Roberto Sales. Lavras, 02 nov. 2021).

A casa do artista é o palco. E meu primeiro palco foi o do Theatro Capitólio. Sou varginhense, pianista e professora na Universidade Federal de São João del-Rei, Minas Gerais. Iniciei minha formação musical na saudosa Academia de Música Lorenzo Fernândez, depois prossegui com professores particulares até ingressar no curso de graduação em Música da UFMG. A decisão por me profissionalizar se deu ao piano do Theatro Capitólio, em uma das muitas vezes em que tive a alegria de estar no palco desse patrimônio cultural da cidade de Varginha. Na década de 1980, a compra do piano de cauda pela Fundação Cultural desvelou aos músicos e aos moradores da cidade um mundo novo de experiências musicais. Para mim, além da oportunidade de assistir a concertos de grandes nomes da música, a chegada do instrumento significou a materialização de uma realidade que existia, até aquele momento, somente nos filmes e nos livros. Se fecho os olhos, ainda posso sentir a emoção de aguardar, atrás das grossas cortinas de veludo vermelho, a minha vez de entrar no palco e, então, me sentir, pela primeira vez, uma artista de verdade. Desde então, a música – minha companheira exigente – tem me levado mundo afora para ouvir, aprender e fazer Arte. Mas, como nos disse o poeta gaúcho Mário Quintana, "quem disse que eu me mudei? [...] A gente continua morando na velha casa em que nasceu." Um salve aos 95 anos do Theatro Capitólio, a nossa casa da Arte! (Depoimento de Carla Reis, pianista,

educadora musical com Doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade do Porto – Portugal, a José Roberto Sales. São João del-Rei, 13 dez. 2021).
O Theatro Capitólio faz parte da minha vida desde menino. Quando ele funcionava como cinema, ia às *matinées*, nas tardes de domingo. Passava a semana inteira pensando no filme que assistiria no domingo. Cantei pela primeira vez no Theatro Capitólio, aos nove anos de idade, em um Dia das Mães. Fazia parte do coro do colégio Marista, e o Irmão Odorico me colocou para cantar, sozinho, uma canção em homenagem às mães. Fiquei muito emocionado, senti medo, prazer, uma mistura de emoções. Para mim, tão jovem e pequeno, o teatro parecia enorme, muito maior do que era na verdade! No início me assustou, mas logo depois comecei a adorar estar ali. Futuramente, voltei, depois de ter desenvolvido minha carreira, se não me engano, em 1993, para fazer o meu primeiro recital em Varginha. Dediquei aquela noite a duas grandes personalidades da minha vida: D. Carmem Meneses, que me iniciou nas letras e D. Adrienne Diniz Vallim, que me iniciou na música. Como dizia o grande poeta grego, Konstantinos Kavafis: "Ontem passeando pelas mesmas ruas, pelas mesmas casas, mesmos muros da cidade em que vivi, vi que nada de mal ali deixei" e, completando, só me fez bem. Depois, ainda voltei mais duas vezes em recitais. Em um deles, trouxe uma amiga querida e grande soprano ítalo-brasileira: Patrizia Monrandini. Na ocasião, contamos com a participação da grande pianista varginhense Elvira Gomes. Posteriormente, trouxe meus alunos, o grupo "Os Jovens Cantores da Universidade Livre de Música de São Paulo", para um recital em prol da Associação do Voluntariado de Varginha Vida Viva, uma casa de apoio ao paciente com câncer. A minha relação com o Theatro Capitólio sempre foi magnífica. O Theatro é uma joia de Varginha, possui uma acústica maravilhosa e uma bela arquitetura do início do século XX. No Theatro Capitólio assisti a uma apresentação de Nelson Freire, ainda de "calças-curtas". Ele devia ter uns treze anos, eu, dez. Ao assistir pela primeira vez, um recital de piano, fiquei fascinado. O

Theatro Capitólio é um lugar que faz parte da minha história e marcou momentos incríveis na minha vida. Tenho por ele muito carinho e somente boas lembranças! Vida longa ao Capitólio!!! (Depoimento de Francisco Campos Neto, barítono, professor de Canto e Arte Lírica do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo – ECA/USP, a José Roberto Sales. São Paulo, 14 dez. 2021).

O ano, 1989. Tinha acabado de me formar em Artes Cênicas. Aquele lustre, os camarotes, as frisas, as cortinas vermelhas e o palco. Ah, o palco! Aquele lugar era como um sonho que se tornava realidade para mim. Theatro Municipal Capitólio! Como pode existir um lugar com tanta energia boa, com tanta magia?! Ao entrar naquele "templo sagrado" foi como se minha profissão começasse ali. Naquele momento, reafirmei a minha escolha profissional, certa de ser uma atriz, de fazer parte do mundo da Arte, de aprender e de ensinar as pessoas a seguirem esse caminho. De lá para cá, 32 anos se passaram e, durante esse tempo, o Theatro Capitólio vem sendo a minha inspiração, a minha saudade, a minha memória. Sua fachada externa com sua arquitetura eclética me remetem a sonhos inimagináveis, e seu interior me faz sentir que, realmente, vale a pena provocar a catarse na plateia, para possibilitar que ela supere seus medos e opressões. A minha catarse final, a purificação da minha alma se deu quando, em 2011, fui convidada a dirigir o teatro e pude nele viver intensamente minhas emoções, me tornando a primeira mulher, até o momento, a dirigi-lo, a ocupar como gestora a cadeira vermelha do último andar (Depoimento de Rossana Ippolito, atriz e diretora de teatro, a José Roberto Sales. Varginha, 13 nov. 2011).

É difícil para qualquer músico esquecer a experiência de apresentar-se no Theatro Capitólio de Varginha. Mantenho nítida a memória da atmosfera mágica produzida por sua bela arquitetura em arco e seus charmosos camarotes, da acústica prodigiosa,

que permite o prazer de tocar e de ouvir sem esforço, e de ser transportada no tempo. O Theatro Capitólio é um templo mineiro da música, um ambiente inspirador para artistas e público! Nesse espaço referencial da cultura, pude não só apresentar-me mais de uma vez, como também ouvir a apresentação do magistral Trio Guarneri de Praga, uma feliz coincidência que reuniu uma das minhas passagens por Varginha com a presença dos músicos na cidade. Um concerto inesquecível! (Depoimento de Celina Szrvinsk, pianista e Doutora em Piano/Música de Câmara pela *Staatliche Hochschule Für Musik* – Karlsruhe – Alemanha, a José Roberto Sales. Belo Horizonte, 12 nov. 2021).

A minha relação com o teatro vem de muito tempo. Desde criança ficava curioso com aquele edifício no meio da Presidente Antônio Carlos. Tinha um aspecto diferente, cheio de contornos e janelas que se destacavam dos demais, ali na avenida. Até que, quando adolescente, consegui entrar. Paguei um bilhete de cinema só para conhecer o local. Nem me lembro que filme era. Mas, não esqueço meu espanto quando percebi e senti que ainda faria algo alí. Só muito depois, já adulto, montei um grupo de teatro e lá ensaiamos a peça "O Santo Inquérito", de Dias Gomes. A apresentação foi emocionante e com a casa cheia de espectadores. Nessa época, início da década de 1980, o teatro ainda não havia sido restaurado. O fosso da orquestra ainda estava lá e aquele "ar" da antiguidade, também. Depois dessa peça, participei de outras apresentações de teatro e festivais de música. E minha vida profissional com a arte ficou ligada ao lugar definitivamente (Depoimento de Cláudio Henrique Martins, produtor executivo da Fundação do Município de Varginha, a José Roberto Sales. Varginha, 04 nov. 2021).

Confesso que não consigo distinguir qual a melhor sensação, se da plateia, do palco ou dos bastidores do Theatro Capitólio. Eu tive a sorte, a emoção e o orgulho de experimentar o palco e a acústica do Capitólio entre 1985 e 1986, quando ainda

morava no Rio de Janeiro e resolvemos realizar um espetáculo da banda Maria Fumaça, formada por oito instrumentistas, e depois ao reger a Banda Marista, também do Rio, com oitenta jovens músicos num concerto em homenagem ao aniversário de Varginha. Na década de 1990, já morando em Varginha novamente, participei como produtor de diversas ações e não perdia um espetáculo. Em 1998, fui convidado para coordenar as atividades do Capitólio, onde fiquei como diretor de eventos artísticos até 2004. Ali, tive a honra de produzir espetáculos de importantes artistas, como os saudosos Paulo Moura, Chico Anysio e Nelson Freire, além de dezenas de orquestras e grupos internacionais como as companhias de balé folclórico da Eslováquia, da Ucrânia e da Bielorrússia, a Orquestra de Câmara de Stuttgart (Alemanha), o Trio Guarneri de Praga (República Checa), o quarteto de Cordas "Il Virtuosi" do Teatro Scalla de Milão (Itália) e o Trio Capriccio de Minnesota (EUA), dentre outros. Na verdade, a minha maior emoção sempre foi registrar a satisfação e os elogios, por meio dos depoimentos de diversos artistas e grupos sobre a acústica do Capitólio. Segundo Pierre André Kranz, diretor musical e produtor suíço que acompanhou a maioria destes grupos na cidade, o Theatro Capitólio apresenta uma das melhores acústicas do interior do país, comparável a das grandes salas da Europa. Isto é de uma riqueza imensurável (Depoimento de Rosildo Beltrão, produtor cultural, a José Roberto Sales. Varginha, 05 nov. 2021).

Aos 29 anos de idade, vivi, no palco do Theatro Capitólio, uma das mais intensas emoções da minha vida. Foi na noite do dia 30 de maio de 1987, na *avant-première* de Primavera Mortal, drama de minha autoria, encenado pelo Grupo Contracena, com as atrizes Maria Inês Barros, Teresa Guida Massa, Rosilane Ferreira e Gisele Mendonça. Fazia muito frio e as atrizes tiveram que mudar seu guarda-roupa, na última hora, para acrescentar pesados casacos de inverno. Ar gelado, teatro lotado, com quase

todas as cadeiras ocupadas. Ao final da apresentação, Maria Inês Barros, a diretora da peça, me convidou para subir ao palco. Quando subi, as luzes de todos os refletores estavam acesas, inclusive as do chão do proscênio. O público se levantou para aplaudir de pé as atrizes que, minutos antes, haviam brilhado com suas emoções para dar vida ao texto. Devido à minha terrível fotofobia, lembro-me que olhei para frente e não enxergava nada. A luz feria meus olhos. Fixei, então, o olhar no lustre central e senti a intensa vibração do calor humano vindo da plateia, o pulsar dos corações. Ao chegar a casa de meus pais, onde residia na época, tranquei-me em meu quarto. Durante 24 horas, não consegui ver nem conversar com ninguém. Sentia-me grato por existir, mas, naquele momento, precisava recolher-me em solidão (Depoimento de José Roberto Sales, 2021).

12 ALÉM DOS EDIFÍCIOS DOS TEATROS: OUTROS ESPAÇOS CULTURAIS

Este livro trata, especificamente, da história do Theatro Municipal Capitólio de Varginha. Na Parte I, apresentamos uma breve história do antigo Teatro Municipal (Cineteatro Íris). É importante ressaltar que a vida cultural de Varginha, desde 1901 até o presente, nunca se limitou, exclusivamente, aos espetáculos apresentados dentro de seus teatros municipais.

No início do século XX, exposições de pintura e de desenhos eram realizadas nas vitrines de lojas comerciais como a Casa Robert e no Bar Ponto Chic, localizado quase em frente ao Theatro Capitólio.

Em 1905, com o Teatro Municipal em funcionamento, algumas apresentações músicais-literárias e palestras eram realizadas no Grêmio Varginhense, dirigido pelo médico José Frota. Apresentações teatrais, de canto, música e dança, e exposições de pinturas e de fotografias aconteciam no Clube Recreativo, no Rio Verde Clube, na

Sociedade Italiana, na Associação Operária Varginhense e no escritório da *Gazeta da Varginha*.

No final da década de 1950, cantavam nas Rádios ZYB-2 e ZYV-56 "além da colaboração de valores locais, Emilinha [Borba], Angela Maria, Ari Barroso, Marlene, Xerém e Bentinho, Eliana, Jorge Goulart, Linda Batista, Nora Ney, Olivinha de Carvalho e muitos outros" (*RADIOLÂNDIA*, Revista. Edição nº 58, p. 55. Rio de Janeiro, 1957). Ainda nessa década, pequenas orquestras, conjuntos, bandas e cantores se apresentavam na Boate Corujinha, localizada na Rua Presidente Antônio Carlos, nas imediações de uma das atuais sedes administrativas da Prefeitura Municipal. O prédio da boate foi demolido e, no local construído um edifício de apartamentos.

Com o desenvolvimento da cidade, escolas foram construídas e as duas particulares mais antigas e tradicionais, o Colégio Marista e o Colégio dos Santos Anjos, desde o início do século XX, possuem seus teatros amplos, seguros, confortáveis e com grande capacidade de acomodação do público. Exposições de artes plásticas são realizadas em vários salões na cidade, sendo o do Clube de Varginha um dos mais antigos e tradicionais.

Durante os períodos em que o Theatro Capitólio esteve fechado para reformas ou funcionava principalmente como cinema, os artistas, bandas e companhias de teatro se apresentavam no Teatro Mestrinho do Colégio Marista, no Ginásio do Varginha Tênis Clube (Minhocão), no Clube de Varginha, no Clube Campestre e no Bar Capitólio.

Um exemplo basta para mostrar a relevância dos espaços citados acima, para a área da cultura: em 23 de setembro de 1962, apresentou-se no salão do Clube de Varginha, o grupo de Teatro de Arena (1953-1972), de São Paulo, com grande repercussão na cidade. A peça encenada foi "Eles não usam *black-tie*", de Gianfrancesco Guarnieri (1934-2006), que havia estreado no Teatro de Arena em 1958. O grupo e a peça são marcos na história do teatro brasileiro. As mesas foram vendidas com o

apoio das senhoras do Rotary Clube de Varginha. Dez por cento da renda bruta do espetáculo foram destinados ao fundo de assistência da Casa da Amizade, instituição de voluntários da sociedade civil de auxílio aos pobres da cidade. (*CORREIO DO SUL*. Edição nº 1.634, p. 1. Varginha, 19 ago. 1962; ibidem, ed. de 20 set. 1962, p. 1; *O ESTADO DE S. PAULO*. Edição nº 26.789, p. 10. São Paulo, 23 ago. 1962).

Ao ar livre, espetáculos foram realizados na Concha Acústica da Praça José de Rezende Paiva, centro, conhecida como Praça da Bandeira ou Praça da Fonte e na Praça D. Pedro II, conhecida como Jardim do Sapo onde, no início do século XX, eram realizadas retretas com bandas de música locais aos domingos, dias santos e feriados nacionais.

13 THEATRO CAPITÓLIO: OBJETO E SÍMBOLO

A Constituição de 1988 estabeleceu no inciso IV, do artigo 216, que o patrimônio cultural brasileiro é constituído por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade, nos quais se incluem, dentre outros, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas e culturais. A Carta Magna expandiu o conceito de patrimônio cultural brasileiro ao valorizar as formas de expressão e os modos de criar, fazer e viver, considerando-as parte do patrimônio cultural imaterial: são os saberes e ofícios, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais e lúdicas, bem como os lugares que abrigam práticas culturais coletivas como mercados, feiras e santuários.

Além disso, podemos considerar como patrimônio cultural imaterial os bens simbólicos referentes à história de uma determinada comunidade, uma vez que portam referências à identidade e à memória coletiva.

O patrimônio material é um objeto, coisa material, aquilo que se oferece com características físicas, fixas e permanentes e que pode ser reconhecido pela universalidade dos sujeitos independentemente dos seus desejos e opiniões. Para a filosofia, objeto é qualquer realidade investigada em um ato cognitivo, apreendida pela percepção e/ou pelo pensamento, que está situada em uma dimensão exterior à subjetividade cognoscente.

A linguagem é o elo simbólico entre o homem e as coisas. Segundo Lacan, os três registros estruturais do campo da psicanálise são o simbólico, o imaginário e o real. Para um objeto se constituir como símbolo (algo para além da coisa), há um processo que passa, primeiro, pelo imaginário, ou seja, pela imagem. O imaginário antecede o simbólico. Antes de ter-se constituído em um elemento simbólico, o Capitólio habitava o imaginário do varginhense como estética (do grego *aisthésis*, percepção, sensação, sensibilidade). Na história da filosofia, a estética possui vários significados. No hegelismo, a estética é o estudo da beleza artística apresentada em imagens ou em representações sensíveis, a verdade do espírito, do princípio divino, ou da ideia. Constatamos que os elementos imaginários constituíram uma matriz para a posterior construção do Theatro Capitólio como um símbolo. Essa matriz já se fazia presente no dia mesmo da inauguração. Segundo o jornal *O Capitólio* (1927), o teatro domina o centro da cidade como uma águia, é imponente, majestoso e desafia o espaço "parecendo querer subir mais", ele é um "símbolo de adaptação das necessidades coletivas". Nesse dia da inauguração, o Capitólio já aparece como metáfora: uma águia desafiadora que voa cada vez mais alto. Daí para a construção do Capitólio como símbolo foi outro percurso.

O símbolo é aquilo que, por um princípio de analogia formal ou de outra natureza, substitui ou sugere algo. O termo tem vários significados distintos. Nos sentidos que importam aqui, símbolo é aquilo que, num contexto cultural, possui

valor evocativo, mágico ou místico e, também, elemento descritivo ou narrativo ao qual se pode atribuir mais de um significado, do qual se pode fazer mais de uma leitura ou interpretação. O nível simbólico opera por meio de símbolos. O sentido simbólico se une com a realidade uma vez que a simbolização aproxima objetos e ideias por meio da representação.

Após ter sido idealizado pelos seus construtores, o Theatro Capitólio nasceu primeiro como objeto: pedra, tijolo, cimento, areia e cal, "gigante materializado, sólido", como consta do jornal *O Capitólio* do dia inauguração. O Capitólio é símbolo individual na medida em que ele se constitui dessa forma, primeiro, para cada sujeito, e símbolo coletivo, quando um extenso grupo de sujeitos pertencentes a uma comunidade o reconhecem como tal. Como símbolo para o sujeito, ele se forma a partir da representação do objeto, essencialmente visual. Do objeto ao símbolo o percurso da representação envolve ideais, desejo, sonho e afeto.

O Theatro Capitólio era – e continua a ser a principal referência simbólica da Rua Presidente Antônio Carlos. No período entre 1920 e 1940, essa relevância levou às denominações de rua, bairro e bar com o nome Capitólio. A denominação da rua foi estabelecida pelo poder público municipal, a do bairro, atribuída de modo espontâneo pela população, sendo utilizada pela imprensa, a do bar, uma escolha do proprietário particular. Essas três formas de escolha, cada uma oriunda de um nível diferente do espectro social, revelam a força do significado do nome, um significado construído em pouco tempo por variados estratos sociais. É admirável que esse complexo processo simbólico tenha sido estabelecido poucos anos após a inauguração.

Cassirer (1994) nos apresenta os conceitos do homem *rationale* e do homem *symbolicum*. Segundo o filósofo, o homem não é um animal *rationale*, pois a racionalidade é uma faceta humana que não está presente em toda ação. No entanto, toda relação do homem com o mundo é mediada por um sistema de signos. Esses signos não são

somente linguísticos, mas míticos, artísticos, matemáticos etc. Assim, o homem não vive somente em um mundo físico de objetos e de fatos concretos. Ele é um animal *symbolicum*, imerso na cultura e, portanto, em um mundo simbólico, plenamente vinculado à função do signo. Todo o processo da cultura humana está baseado no pensamento e no comportamento simbólicos. A linguagem, o mundo mítico-religioso e a arte são formas simbólicas particulares e fazem parte da estrutura fundamental das atividades humanas. Ao criar símbolos, o homem constrói a realidade por meio da interpretação. Essas construções são ordenadoras do mundo.

Para um transeunte forasteiro que passe em frente ao Theatro Capitólio, o volume edificado que lhe surge à vista pode ser somente um objeto concreto, algo que pode lhe parecer belo, mas sem vínculo com sua história pessoal. Para o varginhense, o Capitólio é esse mesmo objeto, que transcendido em sua materialidade, lapidado no imaginário e no simbólico, possui um valor evocativo relacionado à história de cada sujeito, das famílias e das gerações de uma comunidade.

Caso o artista plástico búlgaro Christo Javacheff (1935-2020), conhecido por suas intervenções nos espaços de grandes centros urbanos como Nova York, Berlim e Paris, por "embrulhar" construções e monumentos históricos em tecido ou lona, tivesse vindo a Varginha e conversado com os varginhenses, certamente, dentre os edifícios e monumentos da cidade, teria escolhido "embrulhar" a fachada do Theatro Capitólio.

Na concepção do artista, "embrulhar" é uma intervenção realizada para "esconder" aquilo que é tão fundamental para nossas existências que, no dia a dia, nem percebemos que existe. "Embrulhar" é, portanto, chamar a atenção para a relevância daquilo que nos é mais caro, e que, comumente, nos passa despercebido. Embrulha-se para poder desembrulhar, pois o "desembrulhar" reinstaura a sensação de um encantamento original perdido. Não é possível vivermos todos os dias a surpresa da

descoberta dos objetos cotidianos que tanto conhecemos. Caso contrário, não faríamos mais nada na vida a não ser nos surpreendemos a cada instante com tudo o que se nos apresenta ao nosso campo visual. Seríamos como um bebê a descobrir o mundo e a nos encantarmos contínua e ininterruptamente com suas formas, cores, movimentos e sons. De modo análogo, a proposta deste livro é "desembrulhar" a história do Theatro Capitólio, para tentar, com isso, reinstalar a surpresa da (re)descoberta de um objeto que pode ter se tornado invisível para muitos.

Não somente os artistas, filósofos, antropólogos e linguistas são capazes de perceber a dimensão do simbólico no cotidiano, pois ela permeia a realidade bruta do mundo físico. Clarice Lispector (2018, p. 277-278), na crônica Carta atrasada, diz: "Uma casa não é construída apenas com pedras, cimento etc. O modo de olhar de um homem também a constrói. O modo de olhar dá aspecto à realidade. [...] Tradição, passado de cultura – que é isso senão um modo de ver que se transmite até nós? [...] Uma das mais intensas aspirações do espírito é a de dominar pelo espírito a realidade exterior".

Assim, de modo clariceano ou lispectoriano, posso tentar imitar a essência da estrutura do seu discurso incomparável e dizer: Clarice não conheceu o Theatro Capitólio, mas escreveu as palavras acima para falar dele.

Theatro Capitólio. Um teatro referência luminosa, em cujo palco já pisaram Procópio Ferreira, Chico Anysio, Eva Wilma e Cleide Yacones é um teatro (prédio) que conta um pouco da história do teatro (arte de representar) no Brasil. Um teatro em cujo palco já cantaram os mais expressivos cantores da música lírica e da música popular brasileira, em que tocou piano Nelson Freire e se apresentaram algumas das melhores companhias internacionais de música e dança, é um teatro que conta um pouco da história do canto, da música e da dança no Brasil e no mundo. Foi dessa forma que o objeto Theatro Capitólio se transformou, orgânica e gradativamente, em um palco

iluminado, parte fundamental da história das artes em Varginha, em Minas Gerais e no Brasil, do qual se tornou um símbolo. Um teatro que brilhará para sempre, mesmo quando suas luzes estiverem apagadas, pois ele é iluminado por sua própria história.

14 TERCEIRO ATO

O palco de um teatro é um local de celebração da vida, sempre. Ainda que ali se encene Medeia, Fedra, Antígona, e Édipo Rei, cujos desfechos culminam, inevitavelmente, na morte, ainda que ali uma orquestra toque a *Pavane pour une infante défunte*, de Maurice Ravel. No palco de um teatro a tragédia humana não é o ato real, pois o real é aquilo que é impossível de se dizer, aquilo que escapou do simbólico.

No filme *All this, and heaven too* (Tudo isso e o céu também; 1940), o duque de Praslin, após regressar do teatro onde assistiu Fedra, diz para a governanta: "Prefiro a comédia. Já existe tragédia suficiente no mundo. Eu não acho que temos que comprar nossas lágrimas". O amargurado personagem do duque confunde o sentimento despertado pela encenação com os sentimentos e emoções da vida real, caso o fato encenado tivesse realmente acontecido no momento em que o assistia. Dessa forma, o personagem equipara lágrimas de sofrimento com lágrimas de redenção. No palco, a tragédia humana adquire a beleza suprema da sublimação e da catarse. A arte trágica não é o trágico (real), assim, podemos nos deleitar com ela.

A ampla base documental pesquisada nos permite afirmar com segurança que, pelo menos desde o final do século XIX, o varginhense demonstrava seu amor às artes em suas mais variadas manifestações. Da mesma forma que o público lotava o teatro para assistir e aplaudir a tradicional companhia de teatro de revista de Alda Garrido (1938), comparecia em peso e aplaudia os artistas transformistas Os Freires (1915), o travesti Aymond (1934) e a Companhia Negra de Teatro de Revistas (1927), a

primeira do País formada exclusivamente por atores e atrizes mulatos e pretos. Além disso, em sua longa história de quase um século, o Theatro Capitólio nunca foi um espaço utilizado somente pela elite local. Em 1938, foi encenada a peça Os milagres de Santo Antônio, do Grêmio Dramático Amor à Arte, oriundo da Associação Operária de Varginha. Alunos das escolas públicas municipais e estaduais sempre tiveram nesse teatro o espaço para suas apresentações de música, canto, dança, peças de teatro e para a realização de suas cerimônias de formatura. Nas décadas de 1980 e 1990, o Festival de Teatro Amador, promovido pela Fundação Cultural do Município, reuniu grupos de vários estratos sociais, inclusive dos bairros da periferia, predominantemente ocupados pela classe operária.

Muito já se escreveu sobre a pujança econômica de Varginha, desde o final do século XIX, movida pela produção e comercialização do café. Desde aquela época, Varginha era um centro regional de relevância, repartições públicas estaduais e federais foram instaladas na cidade. Escolas particulares e públicas com boa qualidade de ensino atraíam estudantes da região. Pacientes necessitados de cuidados médicos buscavam a assistência à saúde na cidade. O comércio prosperou. Os varginhenses contavam com uma adequada rede de prestação de serviços. O que a pesquisa para escrever este livro revela, agora, é que Varginha, pelo menos desde 1884, portanto, logo após a sua emancipação político-administrativa, era e continua a ser uma cidade fervilhante também no aspecto artístico e cultural.

Quando o Theatro Capitólio foi inaugurado, nenhuma outra construção da cidade conseguia rivalizar-se com ele em imponência, elegância, dimensões e riqueza de refinados detalhes arquitetônicos, tanto da fachada quanto do interior. A arquitetura contemporânea é minimalista e atenta, sobretudo, à funcionalidade, assim, os ornamentos foram praticamente banidos das construções. Esse é um dos motivos pelos quais a passagem do tempo faz com o estilo arquitetônico desse teatro

nos pareça cada vez mais suntuoso: ele traz a glória de um passado de sensibilidades para o presente do nosso olhar. Ele se materializa vivo, na nossa frente, quase de forma impositiva, embora acolhedora.

Pouco antes da inauguração, quando as pessoas passavam pela rua e puderam ver a fachada erguida, foram tomadas por um sentimento de orgulho. Em pouco tempo, o teatro caiu no agrado de todas as classes sociais. O varginhense passou a amá-lo e a considerá-lo um bem material inestimável, um espaço público de artes, parte de suas vidas, das vidas de suas famílias e de seus afetos. Nos campos da representação, do simbólico e do imaginário, o Theatro Capitólio é também um bem imaterial. Ele é parte integrante da carga de afetos do varginhense, dessa forma, como diria Clarice Lispector (2018), é "um pensamento profundo, profundo no sentido de não pensável e não dizível". Esse é um dos motivos porque este livro, embora oriundo de extensa e dedicada pesquisa, não contém toda a história nem diz tudo sobre esse Theatro. É impossível dizer tudo, é impossível ser tudo. O que dizemos e o que somos, acontecem dentro dos limites do que pode ser dito e do que pode ser. Da mesma forma que nas entrelinhas de um texto de teatro, as coisas não ditas também sustentam e conduzem a história majestosa desse ícone da cultura varginhense, uma história da glória edificada.

O Capitólio é, simultaneamente, ele próprio, arte e um *locus* privilegiado: o lugar onde a arte acontece e pode se irradiar viva, direta do palco para a vivência mais íntima e profunda de cada um. Desse modo, considerando-se os aspectos social, imagético, simbólico e afetivo, o Theatro Capitólio é inigualável: é a construção que melhor representa o gosto do varginhense pela cultura e pelas artes. É por isso que ele toca tão fundo e de maneira única e insuperável, o coração das pessoas como um espaço coletivo de encantamentos. Neste livro, a limitação daquilo que é dito não impede a compreensão da história contada: uma história encantada e em permanente

construção.

À exceção do palacete Vila D. Vica, todas as edificações do início do século XX, na Rua Presidente Antônio Carlos, a rua do teatro, não resistiram à expansão urbana: foram demolidas e, em seu lugar, construídas outras, sinal de novos processos de construção, de mudança de costumes e de hábitos, de incorporação de tecnologias, enfim, de nova época. O Theatro Capitólio atravessou décadas incólume em sua arquitetura e finalidade de uso: ele representa a estabilidade, a segurança afetiva em meio ao contínuo fazer e desfazer das coisas descartáveis de um mundo social regido pelo mercado de consumo. Desde a Grécia Antiga, a alma de um teatro é a energia circulante entre o palco e plateia: é no pulsar entre esses espaços que a magia acontece. Seu palco consagrado é um porto onde nossos sonhos e desejos podem se realizar em um compartilhamento coletivo e acolhedor. Artistas no palco e público na plateia: margens de um sonho que somente pode se realizar durante o vaivém da travessia. Ele nunca está em um ponto ou em outro, está entre ambos, ele está no acontecer, ele é a verdade absoluta do espírito, aquela inapreensível. Esse é um dos fatores que tornaram o Theatro Capitólio um teatro além de si mesmo: um ícone de reverência e de prestígio para o varginhense.

O Capitólio foi construído para abrigar o espetáculo. Suas paredes são eternas como as de todos os teatros, pois elas guardam as vibrações das músicas, das danças e das encenações como segredos que podem ser parcialmente desvendados das mais delicadas produções humanas nas artes. A plenitude permanecerá sempre como mistério insondável, pois o impossível, aquilo que escapa, é uma forma de arrebatamento. Naquilo que não se percebe, a emoção mais genuína: começa e reverbera por aí a tecitura do fazer teatral, uma entrelinha que primeiro capturou atores e diretor, e que, no palco, captura o espectador.

A apresentação de consagrados artistas nacionais e estrangeiros em espetáculos

de teatro, canto, dança e música aclamados pelo público e pela crítica especializada, tornaram o Capitólio uma casa de espetáculos relevante do circuito nacional de espetáculos, desde a sua inauguração: não somente uma casa de diversões como era chamado no início do século XX, mas um local onde o entretenimento está associado às expressões máximas da cultura popular e erudita.

Ao contarmos a história do Theatro Capitólio, revisitamos o passado de uma cidade. Um passado que não se alimenta somente de si mesmo, pois permanece vivo no presente e já alcançou o futuro que imaginamos. Revisitar o passado abre para nós a possibilidade de nos depararmos com os elementos simbólicos que formam a identidade cultural local e que reforçam nosso sentimento de pertencer a um grupo social. Por conseguinte, é uma forma gratificante, sensível e renovada de reafirmação da cidadania, da importância de estar no mundo. O encontro com o passado pode abrir, também, a perspectiva de encarar o futuro com um olhar solidário que compreende o processo histórico como fluxo de acontecimentos intergeracionais partilhados.

Na peça A tempestade (c. 1611), de Skakespeare, o personagem Próspero diz a Ferdinand: "Somos da mesma matéria da qual são feitos os sonhos e a nossa vida breve é cingida pelo sono". A uma pessoa que sonha não se deve pedir nada: que continue a sonhar! Enfim, quando o terceiro ato termina, tem início uma nova peça...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CIDADE DE YTU. Edição nº 1677, p. 2. Itu, 30 out. 1915.

ALMANAK LAEMMERT. Annuario commercial, industrial, agricola, profissional e administrativo da Capital Federal e dos Estados Unidos do Brasil. Edição para 1930. Vol. IV – Estados do Sul. Estado de Minas Gerais – Municípios, p. 468. Rio de Janeiro : Officinas Tipographicas do *Almanak Laemmert*, [s. d. 1930?].

ALMANAK SUL-MINEIRO PARA 1884. Veiga, Bernardo Saturnino da (organizador, redator e editor). Campanha : Tipografia do Monitor Sul-Mineiro, 1884. 682p.

ALL THIS, AND HEAVEN TOO (Tudo isso e o céu também). Filme norte-americano. Drama romântico. Roteiro: Casey Robinson. Atores: Charles Boyer, Bette Davis, Jeffrey Lynn e Barbara O'Neil. Preto e branco. 141 min. Warner Bros., 1940.

ALVARENGA, Oneyda. **Cateretês do sul de Minas Gerais**. São Paulo : Departamento de Cultura, 1937. 70p.

AMADO, Jorge. **O cavaleiro da esperança:** vida Luís Carlos Prestes. São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ANDRADE, Mário sob o pseudônimo de Pau d'Alho. *Teatro-Circo do Brasil ao Far-West – Piolin. In*: Revista Terra roxa... e outras terras. Edição nº 3, p. 2. São Paulo, 27 fev. 1926.

A NOITE. Edição nº 13.469, p. 5. Convenção do PRP – Partido da Representação Popular em Varginha. Rio de Janeiro, 24 abr. 1950.

A NOITE. Edição nº 13.500, p. 7. Varginha em festas. Rio de Janeiro, 31 maio 1950.

A NOITE. Edição nº 14.391, p. 2. Rio de Janeiro, 04 maio 1953.

A NOITE. Edição nº 15.503, p. 10. Grande reunião de cafeicultores. Rio de Janeiro, 26 dez. 1956.

A NOITE. Edição nº 15.743, p. 7. Varginha festejou a data de fundação. Rio de Janeiro, 11 out. 1957.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 7, p. 5. Varginha, 09 dez. 1923.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 8, p. 3. Varginha, 16 dez. 1923.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 16, p. 1. A venda do Teatro Municipal ao Sr. José Navarra. A sua próxima demolição e a construção de um confortável e luxuoso Politeama. Varginha, 10 fev. 1924.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 18, p. 2. Varginha, 14 fev. 1924.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 19, p. 1. Desinterrompido... Varginha, 02 mar. 1924.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 20, p. 2. Varginha, 09 mar. 1924.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 33, p. 3. Varginha, 15 jun. 1924.

ARAUTO DO SUL. A educação moderna. Festa do Rosário. Companhia Carrara. Varginha, 09 nov. 1924.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 118, p. 1. O Íris [Cinema]. Varginha, 07 fev. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 136, p. 2. Circo Bortoli. Varginha, 06 jun. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 145, p. 1. Exposição de pintura. Varginha 08 jul. 1926.

ARAUTO DO SUL. Impressões. O novo teatro. Um gesto simpático. Texto: João D'Acqui. Varginha, 19 ago. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 158. O novo teatro. Qual deverá ser seu nome? Varginha, 22 ago. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 167, p. 4. Circo Ventura. Varginha, 23 set. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 171. Concurso de nome para o novo Teatro. A apuração. Varginha, 07 out. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 172, p. 4. Comp. Alma de Andrade. Íris Cinema. O novo teatro. Varginha, 10 out. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 173. Concurso de nome para o novo teatro. A apuração dos votos. Íris Cinema – programas da semana. Varginha, 14 out. 1926.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 287. Festival Artístico. Varginha, 20 nov. 1927.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 292. Exposições de pintura. Varginha, 08 dez. 1927.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 354, p. 4. Varginha, 15 jul. 1928.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 359, p. 3. Varginha, 02 ago. 1928.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 369, p. 1. Varginha, 06 set. 1928.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 377. Varginha, 04 out. 1928.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 388. Capm. Pedro Braga II. Varginha, 15 nov. 1928.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 433. Os menores nos cinemas. Varginha, 21 abr. 1929.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 460, p. 5. Varginha, 25 jul. 1929.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 544, p. 6. Cineteatro Popular. Varginha, 18 maio 1930.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 561, p. 4. Cinema falado. Varginha, 17 jul. 1930.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 581, p. 6. O cinema sonoro. Varginha, 25 set. 1930.

ARAUTO DO SUL. Edição nº ?, p. 3, com continuação na p. 6. Ainda o cinema sonoro. Varginha, 09 out. 1930.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 690, p. 6. Varginha, 06 dez. 1931.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 693. Varginha, 21 dez. 1931.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 700, Suplemento, p. 1. Varginha, 15 fev. 1932.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 704, p. 6. Novidades musicais. Varginha, 13 mar. 1932.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 732, p. 4. Varginha, 25 set. 1932.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 740, p. 4. Concerto de piano / Teatro "Capitólio" Ginásio Muncipal. Varginha, 20 nov. 1932.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 749, p. 5. Teatro Capitólio. Varginha, 22 jan. 1933.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 792, p. 3. Varginha, 19 nov. 1933.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 794, p. 4. Varginha, 03 dez. 1933.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 799, p. 2. Varginha, 07 jan. 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 802, p. 3. Varginha, 28 jan. 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 803, p. 4. Varginha, 04 fev. 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 508 [sic], p. 6.Varginha, 18 fev. 1934. [O número da edição foi impresso errado].

ARAUTO DO SUL. Edição nº 809, p. 3. Varginha, 18 mar. 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 817, p. 4. Varginha, 13 maio 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 818, p. 6. Varginha, 20 maio 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 847, p. 2. Aymond [o artista travesti]. Varginha, 09 dez. 1934.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 854, p. 2. Palestra O problema dos sexos. Varginha, 27 jan. 1935.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 888, p. 8. Concerto de violão. Varginha, 22 set. 1935.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1022, p. 3. Grêmio Dramático Amor à Arte. Varginha, 24 abr. 1938.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 105, p. 3. O operariado varginhense marcará no dia 10 uma belíssima página de civismo! Varginha, 06 nov. 1938.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1056, p. 6. Troupe Célia Braga. Varginha, 18 dez. 1938.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1057, p. 6. Capitólio. Varginha, 25 dez. 1938.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1085, p. 1. Primeiro concerto do Quinteto Varginhense. Varginha, 16 jul. 1939.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1085, p. 1. Varginha ratificou a glória de Carlos Silva acorrendo em peso à grande manifestação de anteontem. Varginha, 16 jul. 1939.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1112, p. 1. No primeiro tempo [crônica de D. Fradique]. Varginha, 21 jan. 1940.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1121, p. 4. Palco e telas. Artigo assinado por Efe Erre. Varginha, 24 mar. 1940.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1177. Capitólio e Rex. Programação da Semana. Varginha, 20 abr. 1941.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1296, p. 6. Variedades. Lugares reservados. Varginha, 25 mar. 1943.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1297, p. 4. Teatro Capitólio. Varginha, 28 mar. 1943.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1328, p. 3. Circo Nova York. Varginha, 18 jul. 1943.

ARAUTO DO SUL. Edição nº 1346, p. 3. Festival de Caridade. Varginha, 19 set. 1943.

AUTO DE VISTORIA DO CORPO DE BOMBEIROS – AVCB. Nº 20200230851. Documento impresso com uma folha. Validade: 15 set. 2023. Varginha, 15 set. 2020.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Livros de Registros da Hospedaria de Imigrantes. Disponível em: <arquivoestado.sp.gov.br> Consulta em: 23 nov. 2021.

A VERDADE. Edição nº 3, p. 2. Noite de arte. Varginha, 15 fev. 1959.

A VERDADE. Edição nº 22, p. 4. Antônio Borba. Varginha, 30 nov. 1959.

A VERDADE. Edição nº 58, p. 6. Varginha, 15 ago. 1961.

BELTRÃO, Rosildo. Entrevista ao Jornal *Unimed News*. Theatro Capitólio: dos tempos áureos aos dias atuais. Varginha, mar., abr. 1999.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo : UNESP, 1992. LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. Capítulo não numerado, p. 133-161.

_____ **O que é história do conhecimento?** 1 ed. Tradução de Cláudia Freire. São Paulo : Editora UNESP, 2016.

CABRAL, Sérgio. **Grande Otelo**: uma biografia. São Paulo : Editora 34, 2007.

CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA. Ofício nº 35, para Francisco Luiz da Silva Campos, Secretário de Interior de Minas Gerais. Datilografado. 1 folha. Varginha, 26 jan. 1927.

CAMPOS NETO, Francisco José da Silva. Barítono. Depoimento a José Roberto Sales. São Paulo, 14 dez. 2021.

CAPRI, Roberto. Varginha [1917]. Edição Fac-Símile. São Paulo : Pocai & Cia, [1917? 1918?].

CARETA. Edição nº 964, p. 23. Rio de Janeiro, 11 dez. 1926.

CARGOE, Carol Davidson. **Como decifrar arquitetura:** um guia visual completo dos estilos. Traduação de Ricky Goodwin. Rio de Janeiro : Edições de Janeiro, 2014.

CASSIRER, Ernst. **Ensaio sobre o Homem:** introdução a uma filosofia da cultura humana. Trad. Tomas Rosa Bueno. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CARTA de Antônio Manoel Pires e José Garcia da Silva para o presidente da Câmara Municipal de Varginha. Relato da vistoria técnica realizada no Cineteatro Íris. Manuscrito, duas folhas. Varginha, 19 fev. 1925. Acervo da Fundação Cultural do Município de Varginha.

CARTAZ DE PROPAGANDA. Grêmio Teatral Varginhense. Grande Festival Artístico. Chuvas de verão. s/d [195-?]. Acervo da Fundação Cultural do Município de Varginha.

CARTAZ DE PROPAGANDA. Grêmio Teatral Varginhense. As mãos de Eurídice. s/d [195-?]. Acervo da Fundação Cultural do Município de Varginha.

CARTAZ DE ANÚNCIO. Grande Concerto de Hercílio Batista Pinto. Sem data. Acervo da Fundação Cultural do Município de Varginha. [1953? 1954?].

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE NOTAS "Cartório Braga". Livro 48, fls. 57vº a 61f. Escritura de transmissão de propriedade. Certidão de Inteiro Teor. Vendedora: Câmara Municipal de Varginha. Adquirente: José Navarra. Varginha, 30 jan. 1924.

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO DE NOTAS DE VARGINHA "Cartório Braga". Livro 86, fls. 12-19. Escritura de compra e venda com garantia hipotecária. Vendedores: Antônio Ribeiro Nogueira e sua esposa Cornélia Pereira Nogueira. Compradores: Inocêncio Prince de Souza e sua esposa Geralda Gomes Prince. Varginha, 14 jul. 1945.

CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE VARGINHA. Certidão de Inteiro Teor de 06 de outubro de 2021. Teatro Municipal. Vendedor: Câmara Municipal de Varginha. Comprador: José Navarra. Escritura Pública de 30 de janeiro de 1924, lavrada pelo Tabelião Antônio Vilela Nunes.

CARTÓRIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DA COMARCA DE VARGINHA. Certidão de Inteiro Teor de 06 de outubro de 2021. Teatro Municipal. Vendedor: José Navarra. Comprador: Antônio Ribeiro Nogueira. Carta de 12 de abril de 1943, lavrada pelo Escrivão Ney Alvarenga.

CINCOETTI, Mário Marcos Caponi. Engenheiro civil. Depoimento concedido a José Roberto Sales. Varginha, 13 dez. 2021.

CÓDIGO DE POSTURAS DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE VARGINHA. Estatuto Municipal. Lei Nº 357, de 19 de setembro de 1918. Varginha : [s. n.], 1919. 132p.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRAZIL, 25 de março de 1824. Coleção das Leis do Império do Brasil – 1824. Página 7, vol. I.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, 24 de fevereiro de 1891. Diário Oficial da União. Rio de Janeiro, 24 fev. 1891. Coleção de Leis do Brasil – 1891, p. 1, vol. 1.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 5161, p. 14. Rio de Janeiro, 18 mar. 1913.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 5619, p. 5. As Irmãs Vidigal. Rio de Janeiro, 14 jul. 1914.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 8.176, p. 10. Rio de Janeiro, 22 jul. 1921.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 8.479, p. 4. Rio de Janeiro, 23 maio 1922.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 9.307, p. 7. Rio de Janeiro, 02 jun. 1925.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 9.974, p. 8. Rio de Janeiro, 22 jul. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.031, p. 8. Rio de Janeiro, 27 set. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.042, p. 14. Teatros do interior. O Capitólio, em Varginha. Rio de Janeiro, 09 out. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº ?, p. 8. Rio de Janeiro, 20 out. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº ?, p. 8. Rio de Janeiro, 20 out. 1927.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.131, p. 8. Rio de Janeiro, 21 jan. 1928.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.727, p. 3. Rio de Janeiro, 17 dez. 1929.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.837, p. 9. Rio de Janeiro, 24 abr. 1930.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 10.889, p. 3. Rio de Janeiro, 22 jun. 1930.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 11.355, p. 14. Rio de Janeiro, 19 dez. 1931.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 11.844, p. 14. Propaganda da Companhia Margarida Sper. Rio de Janeiro, 13 jul. 1933.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 11.916, p. 10. Aymond. Rio de Janeiro, 05 out. 1933.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 11.921, p. 9. Aymond. Rio de Janeiro, 11 out. 1933.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 12.532, p. 12. Imponentes as festas cívicas com que Varginha festejou o "Dia da Pátria". Rio de Janeiro, 26 set. 1935.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 17.658, p. 11. Rio de Janeiro, 07 out. 1950.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 18.562, p. 6. Festival no Teatro Capitólio. Rio de Janeiro, 17 set. 1953.

CORREIO DA MANHÃ. Edição nº 18.692, 1º Caderno, p. 11. Procópio em Varginha. Rio de Janeiro, 04 mar. 1954.

CORREIO DO POVO. Edição nº 30, p. 3. Varginha, 20 jun. 1897.

CORREIO DO POVO. Varginha, 22 jan. 1937. Museu Histórico Nacional, p. 109.

CORREIO DO POVO. Edição nº 1.389, p. 4. Jaraguá do Sul (SC), 20 out. 1946.

CORREIO DO SUL. Varginha, 26 nov. 1905.

CORREIO DO SUL. Edição nº 2. Varginha, 06 ago. 1945.

CORREIO DO SUL. Edição nº 623, p. 1. O Teatro Capitólio. Varginha, 11 out. 1951.

CORREIO DO SUL. Edição nº 724, p. 1. Procópio Ferreira. Varginha, 05 out. 1952.

CORREIO DO SUL. Edição nº 755. Varginha, 22 jan. 1953.

CORREIO DO SUL. Edição nº 796. Cia. João Rios. Varginha, 18 jun. 1953.

CORREIO DO SUL. Edição nº 863. Varginha, 11 fev. 1954.

CORREIO DO SUL. Edição nº 864. Varginha, 14 fev. 1954.

CORREIO DO SUL, Revista. Edição Especial. 1945 – 11º aniversário – 1956. Varginha : Correio do Sul, 1956. 122p.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.112, p. 1 e 4. Varginha, 02 set. 1956.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.121, p. 3. Grêmio Teatral Montanhês. Varginha, 04 out. 1956.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.125. Varginha, 18 out. 1956.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.126, p. 1. Grande Festival Vocal. Varginha, 21 out. 1956.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.134, p. 3. Grêmio Teatral Montanhês. Varginha, 18 nov. 1956.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1219, p. 1. Varginha, 07 out. 1957.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.660, p. 1. Mais uma apresentação do teatro amador de Varginha. Varginha, 29 nov. 1962.

CORREIO DO SUL. Edição nº 1.912, p. 1. Noite de gala no Teatro Capitólio. Varginha, 22 ago. 1965.

CORREIO DO SUL. Edição nº 2.379, p. 6. Varginha, 18 out. 1970.

CORREIO DO SUL. Edição nº 3.089. 3º Caderno, p. 6. Varginha, 24 dez. 1977.

CORREIO DO SUL. Edição nº 3.225, p. 11. Varginha, 23 dez. 1978.

CORREIO DO SUL. Edição nº 3.288, p. 2. Varginha, 31 maio 1979.

CORREIO DO SUL. Reinauguração do Capitólio. Varginha, 16 out. 1985.

CORREIO DO SUL. Edição nº 7.036. Varginha, 04 out. 1995.

CORREIO DO SUL. Edição nº 7.042. Varginha, 12 out. 1995.

CORREIO DO SUL. Edição nº 7.063. Varginha, 17 nov. 1995.

CORREIO DO SUL. Edição nº 7.090. Varginha, 28 dez. 1995.

CORREIO DO SUL. Caderno Locais. Varginha, 23, 23 e 24 jun. 1996.

CORREIO DO SUL. Edição nº 7.808. Começa o Festival de Teatro Amador. Varginha, 13 nov. 1998.

CORRESPONDÊNCIA. Ofício datilografado de Navarra para o presidente da Câmara Municipal. 1 folha. Varginha, 27 out. 1927.

DIÁRIO CARIOCA. Edição nº 7.870, p. 6. Rio de Janeiro, 04 mar. 1954.

DIÁRIO CARIOCA. Edição nº 7981, p. 9. Rio de Janeiro, 14 jul. 1954.

DIÁRIO CARIOCA. Edição nº 8.770, p. 11. Rio de Janeiro, 14 fev. 1957.

DIÁRIO CARIOCA. Edição nº 9.646, p. 7. Rio de Janeiro, 20 dez. 1959.

DIÁRIO DA NOITE. Edição nº 3.920, p. 7. Rio de Janeiro, 05 abr. 1940.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição nº 2431, Segunda Seção, p. 13. Varginha. Rio de Janeiro, 18 nov. 1934.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição nº 3913, Segunda Seção, p. 8. Teatro. Rio de Janeiro, 02 nov. 1938.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição nº 3915, Primeira Seção, p. 2. Notícias de Varginha. Rio de Janeiro, 05 nov. 1938.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição nº 3922, Primeira Seção, p. 2. Minas Gerais. Notícias de Varginha. Rio de Janeiro, 13 nov. 1938.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Edição nº 6185. Primeira Seção, p. 5. Notícias de Varginha. Rio de Janeiro, 22 dez. 1942.

DIAS, Alessandro Wagner. Músico e professor de música do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 18 set. 2021.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.dicionariompb.com.br>

DICIONÁRIO DE MITOLOGIA GRECO-ROMANA. São Paulo : Abril Cultural, 1973.

DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 1ª edição. Rio de Janeiro : Objetiva, 2001. 2925p.

DI MARCO, Anita Regina; REIS, Vanessa Caldeira Teixeira. **Saber ver:** Teatro Capitólio: patrimônio cultural – fotografia autoral. Rio de Janeiro : Rio Books, 2021. 152p.

DOCUMENTÁRIO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO. Prefeitura Municipal de Varginha. Fundação Cultural do Município de Varginha. Audiovisual com 26'48" de duração. Apresentação e narração: Fábio Tardelli. Roteiro, direção e edição: Cláudio Henrique Martins. Abertura e finalização de edição: André Luiz Martins e Caetano. Imagens: José Roberto Calado e Rafael Alírio de Toledo. Equipe de produção: Danielle de Souza Guimarães, Rosildo Beltrão, Agnaldo Montesso, Rosana Rodrigues Ferreira, Alessandro de Carli, Vanius Paiva e Adriano Marques. Varginha, julho de 2021.

DOSSIÊ DE TOMBAMENTO DO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha. Fundação Cultural do Município de Varginha, 2000.

ECO, Umberto. *L'Ur-Fascismo (Il Fascismo Eterno)*. Tratto da cinque scritti morali. Milano : Bompiani Edizioni, 1997.

ESTADO DE MINAS. Caderno Cultura, p. 2. Varginha. Comédia com atores globais. Belo Horizonte, 21 jul. 2001.

FILM REVIEWS: Fox Movietone Follies (of 1929). Variety. May 29, 1929. Page 14. Retrieved February 21, 2021.

FOLHA DE VARGINHA. Edição nº 548. Varginha, 02 jul. 1994.

FON-FON. Edição nº 45, p. 53. Rio de Janeiro, 10 nov. 1917.

FONSECA, Sylvestre; LIBERAL, João. *Álbum de Varginha*. São Paulo : Pocai & C., 1920.

GAZETA DA TARDE. Edição nº 159, p. 1. Rio de Janeiro, 15 jul. 1887.

GAZETA DA VARGINHA. Edição ?, p. ? Instrução. Varginha, jan. 1893.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 22, p. 3. Varginha, 18 jun. 1893.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 31, p. 3. Varginha, 20 ago. 1893.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 44. Grupo Dramático Varginhense. Varginha, 03 dez. 1893.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 63, p. 2. Varginha, 29 mar. 1894.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 84, p. 4. Varginha, 08 jul. 1894.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 93, p. 3. Varginha, 16 set. 1894.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 2, p. 1. Espetáculo. Varginha, 13 jan. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 4, p. 4. Varginha, 27 jan. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 6, p. 6. Propaganda de Carnaval. Varginha, 10 fev. 1895

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 7, p. 2. Precioso conceito. Varginha, 17 fev. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 7, p. 6. Viva o Carnaval de 1895! Varginha, 17 fev. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 12. Espetáculos hoje e amanhã. O Grupo dos Amadores. Varginha, 24 mar. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 13, p. 1. Recreio Dramático. Varginha, 31 de março de 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 14, p. 2. Recreio Dramático. Varginha, 07 abr. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 15. Recreio varginhense, p. 2, 3 e 4. Varginha, 21 abr. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 16, p. 4. Anúncio do Grande Circo Franco-Brasileiro. Varginha, 28 abr. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 20, p. 2. Varginha, 26 maio 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 23, p. 3. Varginha, 16 jun. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 26, p. 2. Varginha, 07 jul. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 27, p. 4. Varginha, 14 jul. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 30, p. 4. Exposição. Varginha, 04 ago. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 34, p. 1. A imprensa neutra. Varginha, primeiro set. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 34, p. 3. Varginha, primeiro set. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 38, p. 1. Ao Governo. A casa da Instrução. Varginha, 04 nov. 1895.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 46, p. 2. Cateretê. Varginha, 14 jan. 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 7, p. 4. Varginha, 30 mar. 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 9, p. 3. Varginha, 19 abr. 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 14, p. 4. Varginha, 24 maio 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 22, p. 4. Circo Nacional. Varginha, 09 ago. 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 25, p. 4. Festa Luso-Brasileira. Varginha, 04 out. 1896.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 17. Teatros. Varginha, 05 maio 1897.

GAZETA DA VARGINHA. Companhia Equestre. Varginha, 09 maio 1897.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 2, p. 1. O Grupo Dramático. Ao Público. Varginha, 15 maio 1897.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 3, p. 2. Circo Nacional. Varginha, 23 maio 1897.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 4, p. 1. Grupo Dramático. Varginha, 10 jun. 1897.

GAZETA DA VARGINHA. Edição nº 7, p. 4. A Casa de Instrução. Varginha, 21 jul. 1897.

GAZETA DE VARGINHA. Edição nº 4253. Varginha, 31 mar. 1994.

GAZETA DE VARGINHA. Edição nº 5276. Show internacional. Música e dança da Ucrânia no Capitólio. Varginha, 20 nov. 1998.

GAZETA DE VARGINHA. Edição nº 5392. Capitólio pode se tornar sala de projeção. Varginha, 26 maio 1999.

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Patrimônio imaterial. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em: 23 out. 2021.

IPPOLITO, Rossana. Depoimento a José Roberto Sales. Varginha, 12 nov. 2021.

JORNAL DO BRASIL. Edição da tarde nº 213, p. 2. Rio de Janeiro, 01 ago. 1901.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 198, p. 11. Rio de Janeiro, 17 jul. 1914.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 210, p. 14. Rio de Janeiro, 29 jul. 1914.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 258, p. 10. Palcos e salões. Rio de Janeiro, 15 set. 1917.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 219, p. 27. Rio de Janeiro, 11 set. 1924.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 221, p. 31. Rio de Janeiro, 13 set. 1924.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 219, p. 27. Rio de Janeiro, 11 set. 1924.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 221, p. 31. Rio de Janeiro, 13 set. 1924.

JORNAL DO BRASIL. Edição nº 53, p. 14. Está no Rio a Companhia Negra de Revistas. Rio de Janeiro, 03 mar. 1927.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 258. Rio de Janeiro, 16 set. 1917.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 180, p. 5. Rio de Janeiro, primeiro jul. 1926.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 189, p. 6. Rio de Janeiro, 10 jul. 1926.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 207, p. 5. Rio de Janeiro, 28 jul. 1926.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 165, p. 8. Rio de Janeiro, 12 jul. 1928.

JORNAL DO COMMERCIO. Edição nº 200, p. 11. Cafezistas europeus. Rio de Janeiro, 25 maio 1934

KOCH, Wilfried. Dicionário dos estilos arquitetônicos. Tradução de Neide Luzia de Rezende. São Paulo : Editora WMF, 2014.

LEI MINEIRA Nº 2, de 14 de setembro de 1891. Contém a organização municipal. Collecção das leis confeccionada pelo Congresso em sua primeira reunião em 1891. Ouro Preto : Imprensa Official do Estado de Minas Gerais, 1895.

LEI MUNICIPAL Nº 458, de 25 setembro de 1922. Providencia sobre a proteção aos animais.

LEI MUNICIPAL Nº 647, de 18 de julho de 1929. Estabelece nomes para diversas ruas que ainda não os tinham, muda o nome de outras e autoriza o emplacamento de todas.

LEI MUNICIPAL Nº 493, de 20 de setembro de 1923. Revoga a Lei nº 486, de 20 de maio de 1923 e autoriza a venda do prédio e terreno do teatro municipal de Varginha. Assinada pelo prefeito José Augusto de Paiva.

LEI MUNICIPAL Nº 2451, de 12 de abril de 1994. Dá a denominação Foyer Aurélia Rubião ao foyer do Teatro Municipal Capitólio.

LEMES, Everton Lourenço. Direção do Conservatório Estadual de Música Maestro Marciliano Braga de Varginha. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 26 nov. 2021.

LISPECTOR, Clarice. Da natureza de um impulso ou entre os números um ou computador eletrônico. In: LISPECTOR, Clarice. 1ª edição. Rio de Janeiro : Rocco, 2018, p. 259-261.

LIVRO ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE DA VARGINHA 1883-1889. 192 folhas numeradas a mão. Prefeitura Municipal de Varginha; acervo da Fundação Cultural do Município.

LIVRO DE ACTAS 1915-1916 MDCCCCXV" [da Câmara Municipal de Varginha]. 400 páginas tipograficamente numeradas. Prefeitura Municipal de Varginha; acervo da Fundação Cultural do Município.

LIVRO DE ACTAS [DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA] 1916-1920. 100 folhas tipograficamente numeradas. Prefeitura Municipal de Varginha; acervo da Fundação Cultural do Município.

LIVRO DE ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE VARGINHA MAIO DE 1920 A JANEIRO DE 1923. 100 folhas tipograficamente numeradas. Prefeitura Municipal de Varginha; acervo da Fundação Cultural do Município.

LIVRO DE ATAS DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DA CIDADE DE VARGINHA DE 15 DE MARÇO DE 1923 A...[22 DE AGOSTO DE 1928]. 200 folhas tipograficamente numeradas. Prefeitura Municipal de Varginha; acervo da Fundação Cultural do Município.

LIVRO DE REGISTRO DE EVENTOS DE PALCO DO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO. Data da abertura: 29 jan. 1993. 100 folhas tipograficamente numeradas.

LIVRO DE REGISTROS DE EVENTOS DO FOYER AURÉLIA RUBIÃO DO THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO. Data da abertura: 05 mar. 1993. 100 folhas tipograficamente numeradas.

MAÇANEIRO, Cassiano Alves. Fundador do Clube da Cultura / Música Varginha. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 20 set. 2021 e 19 jan. 2022.

MACEDO, Joaquim Manoel de. **Luxo e vaidade.** *In:* Clássicos do Teatro Brasileiro. Rio de Janeiro : Funarte, 1979, p. 27-95.

MAIA, Bruno Leite Russi. Fundador e líder da banda Tuatha de Danann. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 16 set. 2021.

MARCHESOTTI, Ana Paula Almeida. Arnaldo Marchesotti: vendo o mundo através da música. Blog Trem da História, 2012.

MARTINS, Cláudio Henrique. Ator e diretor de teatro. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 17 nov. 2021.

MASSA, Teresa de Fátima Guida. Depoimento a José Roberto Sales. Varginha, 09 dez. 2021.
MASSOTE FILHO, Antônio. Álbum de fotografias do primeiro aniversário do Estado Novo e Grande Parada Trabalhista. Varginha, 10 nov. 1938. Acervo da Fundação Cultural do Município de Varginha.

MUNIZ, Lauro César. Entrevista ao programa Persona em foco da TV Cultura; Fundação Padre Anchieta. São Paulo, 18 ago. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/results?search_query=persona+em+foco+lauro+c%C3%A9sar+muniz> Acesso em: 30 mar. 2022.

NAVARRA IRMÃO [SIC] FERRAGENS LTDA. [Revista]. 1912-1945 – 45 anos de atividades comerciais. São Paulo : Varta, [1957].

NOUVEAU PETIT LAROUSSE ILLUSTRÉ. Augé, Claude; Augé, Paul. Paris : Larousse, 1945.

O CAPITÓLIO. Edição nº XXXI. Varginha, 07 ago. 1927.

O CAPITÓLIO. Varginha, 12 out. 1927.

O CAPITÓLIO. Discurso proferido pelo Dr. Luiz Teixeira da Fonseca à beira do túmulo do Cap. Pedro Braga. Varginha, 1928.

O CRUZEIRO. Edição nº 24. Com festas e muito entusiasmo Varginha escolheu "Miss" Sul de Minas. Rio de Janeiro, 30 mar. 1957

O ESTADO DE S. PAULO. Edição nº 13.813, p. 4. São Paulo, 19 out. 1916.

O ESTADO DE S. PAULO. Edição nº 26.789, p. 10. São Paulo, 23 ago. 1962.

O ESTADO DE S. PAULO. Caderno 2, p. 56. São Paulo, 11 ago. 2001.

OFÍCIO DE JOSÉ NAVARRA PARA A CÂMARA MUNICIPAL. Datilografado, 2 folhas. Varginha, 21 mar. 1921.

OFÍCIO DA ORGANIZAÇÃO TEATRAL MARGARIDA SPER. Endereçado ao prefeito municipal Jacy de Figueiredo. Datilografado, duas folhas. Assinatura de Nelson O. Sper (representante autorizado). Protocolo da Prefeitura Municipal de Varginha: nº 1, folha 49, registro nº 180. Varginha, 26 out. 1937.

O GLOBO. Edição Matutina. Geral, p. 06. Varginha progride. Novo melhoramento a ser inaugurado. Rio de Janeiro, 22 ago. 1927.

O GLOBO. Edição Matutina. Geral, p. 5. Um novo teatro em Minas. Rio de Janeiro, 10 out. 1927.

O GLOBO. Edição Matutina. Geral, p. 5. Um novo teatro, em Minas. Rio de Janeiro, 11 out. 1927.

O GLOBO. Edição Matutina. Turismo e Automóveis, p. 35. Varginha em festa este fim de semana. Rio de Janeiro, 28 out. 1982.

O MOMENTO. Edição nº 4, p. 3. Diversões (programa dos Cinemas Brasil e Íris, e do Jardim Público). Varginha, 23 maio 1915.

O MOMENTO. Edição nº 5, p. 3. Diversões (programa dos Cinemas Brasil e Íris, e do Jardim Público). Varginha, 30 maio 1915.

O MOMENTO. Edição nº 6, p. 3. Circo União Familiar. Varginha, 06 jun. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 7, p. 3. Varginha, 13 jun. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 9, (Suplemento do nº 9. Diversões). Varginha, 27 jun. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 10, p. 3. Varginha, 04 jul. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 11, p. 3. Varginha, 11 jul. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 14, p. 2 e 3. Varginha, primeiro ago. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 15, p. 3. Grupo Dramático Recreio Familiar Varginhense. Varginha, 08 ago. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 16, p. 3. Circo Guarani. Varginha, 15 ago. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 17, p. 1. Varginha, 22 ago. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 19, p. 3. Varginha, 05 set. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 21, p. 3. Varginha, 19 set. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 22, p. 2. Varginha, 26 set. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 22, p. 2. Varginha, 26 set. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 24, p. 3. Diversões. Touradas. Varginha, 10 out. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 26, p. 6. Circo Naska. Varginha, 24 out. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 29, p. 2. As festas de hoje. Varginha, 15 nov. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 30, p. 1. Varginha, 21 nov. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 33, p. 2. Tenor José Osário. Varginha, 12 dez. 1915.

O MOMENTO. Edição nº 39, p. 3. Diversões. Varginha, 23 jan. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 42, p. 3. Concerto. Varginha, 13 fev. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 44, p. 2. Grupo Dramático Ideal Varginhense. Varginha, 27 fev. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 49, p. 1-2. Baile. Varginha, 02 abr. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 52, p. 5. Varginha, primeiro maio 1916.

O MOMENTO. Edição nº 56, p. 2. Varginha, 28 maio 1916.

O MOMENTO. Edição nº 58, p. 2. Varginha, 11 jun. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 59, p. 2. Companhia Silveira. Varginha, 18 jun. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 60, p. 1. O Teatro Municipal [artigo de Álvares Rubião]. Varginha, 25 jun. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 63, p. 2. Íris Cinema. Varginha, 16 jul. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 65, p. 3. Cinemas. Brasil. Varginha, 30 jul. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 69, p. 3. Varginha, 27 ago. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 70, p. 2. Varginha, 03 set. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 71, p. 2. Varginha, 10 set. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 80, p. 3. Varginha, 19 nov. 1916.

O MOMENTO. Edição nº 86, p. 3. Varginha, 07 jan. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 88, p. 3. Varginha, 18 jan. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 91, p. 3. Varginha, 04 fev. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 94, p. 1-2. Varginha, 25 fev. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 97, p. 4. Varginha, 18 mar. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 99, p. 3. Club Fogo de Palha. Varginha, 25 mar. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 103, p. 3. Varginha, 22 abr. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 104, p. 6. Ferreira da Silva. Varginha, primeiro maio 1917.

O MOMENTO. Edição nº 105, p. 3. Circo Zovetti. Varginha, 06 maio 1917.

O MOMENTO. Edição nº 107, p. 2. A indústria cigarreira no Brasil. Varginha, 20 maio 1917.

O MOMENTO. Edição nº 107, p. 3. Palcos e diversões. Varginha, 20 maio 1917.

O MOMENTO. Edição nº 109, p. 3. Companhia Portuguesa. Irmãs Vidigal. Varginha, 03 jun. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 109, p. 1-2. O jogo do bicho. Varginha, 03 jun. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 110, p. 3. Íris Cinema. Varginha, 10 jun. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 111, p. 4. Troupe Esteves de Fantoches. Varginha, 17 jun. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 114, p. 2. Varginha, 08 jul. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 115, p. 3. Les Zutz. Circo Landa. Varginha, 15 jul. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 118, p. 2. Nos domínios da arte. Varginha, 05 ago. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 118, p. 2. Um livro de estreia. Varginha, 05 ago. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 119, p. 3. Cap. Pedro Braga. Varginha, 12 ago. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 121, p. 2. Carrossel. Varginha, 28 ago. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 122, p. 2. Touradas. Varginha, 02 set. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 124, p. 2. Touradas. Varginha, 16 set. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 127, p. 3. Circo Pinheiro. Varginha, 07 out. 1917.

O MOMENTO. Edição nº 141, p. 2. Circo Spinelli. Varginha, 20 jan. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 141, p. 2. Troupe Diógenes-Cardoso. Varginha, 20 jan. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 142, p. 2. Circo de touros. Varginha, 27 jan. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 143, p. 2. Carnaval. Varginha, 03 fev. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 148, p. 1. Varginha, 10 mar. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 151, p. 3. Circo Brasileiro. Varginha, 31 mar. 1918.

O MOMENTO. Edição nº 8, p. 2. Varginha, 13 nov. 1921.

O MOMENTO. Edição nº 10, p. 3. Edital Concorrência para retretas no Jardim Público. Varginha, 29 nov. 1921.

O MOMENTO. Edição nº 12, p. 2. Varginha, 11 dez. 1921.

O MOMENTO. Edição nº 13, p. 2. Varginha, 18 dez. 1921.

O MOMENTO. Edição nº 17, p. 2. Varginha, 22 jan. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 19, p. 2. Os Lusos. Varginha, 05 fev. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 22, p.2. Varginha, 26 fev. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 23, p. 1. Varginha, 12 mar. 1922

O MOMENTO. Edição nº 24, p. 3. Declaração [de Júlio Alves Teixeira]. Varginha, 19 mar. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 28, p. 2. Pavilhão-Teatro Colombo. Varginha, 23 abr. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 29, p. 2. Em benefício da Santa Casa. Varginha, 30 abr. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 35, p. 2. Troupe Freire. Varginha, 18 jun. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 36, p. 2. Grande Circo Europeu. Varginha, 06 jun. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 37, p. 2. Circo Europeu. Varginha, 16 jul. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 39, p. 2. Circo Politerpsia. Varginha, 05 ago. 1922.

O MOMENTO. Edição nº 42, p. 2. Varginha, 21 set. 1922.

O PAÍS. Edição nº 15791, p. 7. O famoso Trio Esperança Diez irá aparecer no teatro Lírico. Rio de Janeiro, 14 jan. 1928.

O PAÍS. Edição nº 15798, p. 7. A estreia do Trio Esperança Diez e do "Brasil animado". Rio de Janeiro, 21 jan. 1928.

O SUL-MINEIRO. Ano I. Edição nº 1, p. 4. Um empreendimento de vulto. Varginha, 07 set. 1930.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 3. Theatro Capitólio. Cinema falado. Varginha, 21 set. 1930.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 4. A inauguração do cinema falado. Varginha, 28 set. 1930.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 118, p. 4. Varginha, 18 dez.1932.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 128, p. 3. Varginha, 05 mar. 1933.

O SUL-MINEIRO. Edição nº ?, p. ?. Varginha, 17 set. 1933.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 178, p. ?. Varginha, 18 fev. 1934.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 188, p. 7. Varginha, 20 maio 1934.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 189, p. 1. Varginha, 27 maio 1934.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 215, p. 2. Varginha, 09 dez. 1934.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 368, p. 4. Madame Kitty. A mulher que ficará fechada 18 dias! Varginha, 07 nov. 1937.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 560, p. 2. Aurélia Vergara em Varginha. Varginha, 17 set. 1939.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 570, p. 2. Lyzon Gaster no Capitólio. Varginha, 22 out. 1939.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 706, p. 1. Cia. De Comédias Iglézias. Varginha, 14 fev. 1941.

O SUL-MINEIRO. Varginha, 11 fev. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 894. Varginha, 06 mar. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 911. Varginha, 26 mar. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 942, p. 3. Varginha, 06 maio 1942.

O SUL-MINEIRO. Varginha, 06 jun. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 988, p 1. Varginha, 30 jun. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1015. Varginha, 23 jul. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1052, p. 1. Varginha, 21 ago. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1092, p. 2. Varginha, 31 out. 1942.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1301, p. 3. Varginha, 17 jul. 1943.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1317, p. 3. Varginha, 06 ago. 1943.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1. Varginha, 11 set. 1943.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1357, p. 3. Varginha, 22 set. 1943.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1898. Varginha, 26 jul. 1945.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1901. Varginha, 29 jul. 1945.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 1902, p. 3. Varginha, 31 jul. 1945.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 2116, p. 1. Varginha, 24 abr. 1946.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 2131. Varginha, 14 maio 1946.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 2136, p. 1. Varginha, 18 maio 1946.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 2226, p. 1. Varginha, 07 set. 1946.

O SUL-MINEIRO. Edição nº 2257. Varginha, 16 out. 1946.

PAIVA, Cláudia. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, primeiro dez. 2021.

PAIVA, Lídia. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, primeiro dez. 2021.

PIMENTA, Christiane Navarra Frogeri. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 20 nov. 2021.

PIRES, Celestino Luiz. Neto de Celestino Luiz Pires e sobrinho-neto de Antônio Manoel Pires, construtores do Theatro Municipal Capitólio. Entrevista concedida a José Roberto Sales, 17 nov. 2021.

PRANCHA. Planta baixa dos camarins do Teatro Capitólio. Prancha 1/5. Arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere. Desenho: Giovani O. Bernardes. Out. 1999. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC.

PRANCHA. Planta baixa dos camarins do térreo do Teatro Capitólio. Prancha 2/5. Arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere. Desenho: Giovani O. Bernardes. Out. 1999. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC.

PRANCHA. Planta baixa do pavimento intermediário – camarotes do Teatro Capitólio. Prancha 3/5. Arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere. Desenho: Giovani O. Bernardes. Out. 1999. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC.

PRANCHA. Planta baixa da galeria do Teatro Capitólio. Prancha 4/5. Arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere. Desenho: Giovani O. Bernardes. Out. 1999. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC.

PRANCHA. Fachada do Teatro Capitólio. Prancha 5/5. Arquiteta Lucy Rodrigues Moura Andere. Desenho: Giovani O. Bernardes. Out. 1999. Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC.

PRINCE, Fernando Sérgio. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 30 nov. 2021.

PROGRAMA DA ORQUESTRA DE CÂMARA DO CONSERVATÓRIO MUSICAL CARLOS GOMES DE CAMPINAS (SP). Varginha, 26 out. 1985.

PROPAGANDA. Íris Cinema. Pauline Frederick em Traço da União. Varginha, 10 maio 1924.

REIS, Carla Silva. Entrevista concedida a José Roberto Sales. São João del-Rei, 13 dez. 2021.

REVISTA RADIOLÂNDIA. Edição nº 58, p. 55. Rio de Janeiro, 1957.

REVISTA VIDA ESCOLAR DO GINÁSIO MUNICIPAL SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS [COLÉGIO MARISTA] DE VARGINHA. Revista Periódica nº 2. Rio de Janeiro : Typ. Carlos Meier & Cia. Ltda., [1937?].

RUBIÃO, Luiz José Álvares. **Álbum da Varginha.** Varginha : Casa Maltese, [1919].

SALES, José Roberto. **A gripe espanhola em Varginha (MG) 1918** : memória de uma tragédia. 1ª edição. Varginha : Edição do Autor, 2004. 56p.

SALES, José Roberto. **A gripe espanhola em Varginha (MG) 1918** : memória de uma tragédia. 2ª edição. Belo Horizonte : Secretaria de Estado de Saúde de Minas Gerais; Coordenadoria Estadual de Saúde Mental, 2005. 64p.

SALES, José Roberto. **Aurélia Rubião** : vida e arte. Varginha : Edição do Autor, 2011.

SALES, José Roberto. *A importância da pintura de Aurélia Rubião*. Revista da Academia Mineira de Letras, Belo Horizonte, vol. LXI, p. 141-144, abr. maio, jun., 2012.

SALES, José Roberto. *Memória do teatro varginhense: Primavera Mortal (1987)*. In: JOSÉ ROBERTO SALES. Uma janela no tempo: monólogo de Oneyda Alvarenga. 1ª edição. Varginha : Edição do Autor, 2018, Apêndice, p. 81-107.

SALES, José Roberto. **Imigração italiana em Varginha (MG) 1887-1927.** Varginha : edição do autor, 2018.

SALES, José Roberto. Movimento Separatista Sul-Mineiro de 1892: fatos, versões e imaginário político. Varginha : Edição do Autor, 2018.

SALES, José Roberto. **O silêncio do patriarca:** história da família Milem Sales em Varginha (MG). Varginha : Edição do Autor, 2020.

SALES, José Roberto. **Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências : sentidos sociais da memória.** Varginha : Edição do Autor, 2020. Publicado com o patrocínio da Academia Varginhense de Letras, Artes e Ciências.

SALES, José Roberto. **Varginha (MG) na República Oligárquica: atas da Câmara Municipal 1920-1923.** Belo Horizonte : Edição do Autor, 2022.

SHAKESPEARE, William. **A tempestade**. Edição bilíngue Inglês e Português. Tradução de Rafael Raffaelli. Florianópolis, UFSC, 2014.

SOARES, Anderson. Fundador da Alicerce Cia de Teatro. Entrevista concedida a José Roberto Sales. Varginha, 20 set. 2021.

TRIBUNA VARGINHENSE. Varginha, 07 out. 1980.

TRIBUNA VARGINHENSE. Varginha, 11 out. 1980.

TRIBUNA VARGINHENSE. Varginha, 19 nov. 1980.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1517. Varginha, 06 abr. 1983.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1530. Varginha, 21 maio 1983.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1549. Varginha, 27 jul. 1983.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1550, Varginha, 30 jul. 1983.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1559, p. 1. Varginha, 31 ago. 1983.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº ?, p. 3. Teatro Capitólio terá orientação de cenógrafo famoso. Varginha, 26 jan. 1985.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1748, p. 1. Varginha, 29 out. 1985.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1752, p. 2. Ballet Marlene Rodrigues Paiva (propaganda). Varginha, 16 nov. 1985.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1777, p. 4. Ballet Marlene Rodrigues Paiva (propaganda). Varginha, 21 jan. 1986.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1779, p. 1. Amanhã, última apresentação de Dercy [Gonçalves]. Hoje, a Orquestra Sinfônica [de São João del-Rei]. Varginha, 25 jan. 1986.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1803. Mais dança no Theatro [Ballet Marlene Rodrigue Paiva]. Varginha, 05 abr. 1986.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1962. Varginha, 21 fev. 1987.

TRIBUNA VARGINHENSE. Edição nº 1988, p. 1. Varginha, 03 abr. 1987.

TV PRINCESA. Orquestra Sinfônica de Poços de Caldas se apresenta no Theatro Capitólio. Repórter: Euclides Oliva. Duração: 4'24". Jornal Cidade. Varginha, 07 out. 2013. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=AJqAGP4Mk-M >.

TV PRINCESA. Música instrumental erudita leva centenas de pessoas ao Theatro Capitólio. Repórter: Agnaldo Montesso. Duração: 4'40". Jornal Cidade. Varginha, 30 set. 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Qzn-vB4VNU4 >.

VARGINHA ONLINE. Piano de meia cauda volta para o Theatro Capitólio. Fundação Cultural do Município. 31 ago. 2011. [artigo sem assinatura].
VARGINHA – Órgão Oficial do Município. Edição nº 728, p. 07. Espaço cultural reabre suas portas. Varginha, 12 maio 2011.

VARGINHA – Órgão Oficial do Município. Edição nº 728, p. 7. Linha do tempo – A recuperação [do Theatro Municipal Capitólio]. Varginha, 12 maio 2011.

VARGINHA – Órgão Oficial do Município. Edição nº 976, p. 15. Varginha, 21 maio 2015).

VITÓRIA, Frederico Napoleão de. **Jocelyn, o pescador de baleias**. 2ª edição. Lisboa : Livraria Econômica de F. Napoleão de Victória, s.d.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. 5ª edição. Rio de Janeiro : Global, 2009. 877p.

GRANDE FESTIVAL ARTISTICO

em beneficio das obras da IGREJA MATRÍZ

Terça-Feira - Dia 3 de Abril - Terça-Feira

PROGRAMA

O Grêmio Teatral Varginhense tem a satisfação de anunciar e oferecer á distinta e culta sociedade de Varginha, a sua próxima apresentação, na ribalta do Cine-Teatro Capitolio, a notavel comédia, em 3 átos, de Luiz Iglezias, intitulada :

"CHUVAS DE VERÃO"

O sucesso dessa esplendida comédia do teatro brasileiro vem se renovando dia a dia numa verdadeira consagração.
Como complemento artistico do festival está programado um grande ato variado denominado "MAGIA COLORIDA", a cargo de José Jordão,com a eficientissima colaboração de D. Geralda Salles Gontijo e maestro Fernandez.

Para a interpretação da comedia os papeis estão assim distribuidos:

Januario	Velho de 60 anos	**José Jordão**
Felicidade	esposa de Januario	**Edelma Morais**
Esperança	mãe de Maria-Clara	**Maria A. B. Pinto**
Maria Clara	menina do seculo XX	**Raquel Venga**
Pepe	noivo de Maria Clara	**Mauro Teixeira**
Dr. Alfredo	marido de Esperança	**Enio Morais**
Benedito	mordomo	**José O. Morais**

Contra-regra : Batista Pinto e Paulo Vasconcellos
Ponto : D. Geralda Salles Gontijo
Ensaiador : Mauro Teixeira
Direção Geral : Horacio Morais e Paulo Ramos

Não Percam essa magnifica noite artistica abrilhantada pelo Maestro Fernandez e seu conjunto de ritmos

Preço unico: 10,00

Terça-feira **Dia 3 ás 20 horas** **Terça-feira**

NOTA: Não haverá sessão de cinema. Moveis e ornamentos gentilmente cedidos pelas firmas A. Vidal de Carvalho e Luiz Gabinio de Carvalho

Gráfica Ypiranga Limitada — Varginha

Cartaz de propaganda do Grêmio Teatral Varginhense, década de 1950

ANEXO

CARTA MANUSCRITA DE SOLICITAÇÃO DE RESCISÃO DE CONTRATO ENTRE JOSÉ NAVARRA PARA A CÂMARA MUNICIPAL, 16 DE MAIO DE 1925

[Varginha, 16 de maio de 1925]

Exmo. Snr. Presidente da Câmara e demais vereadores.

Diz José Navarra, comerciante e proprietário da Empresa Cinematográfica desta Cidade, vem pela presente requerer a rescisão do contrato de 30 de Janeiro de 1924, pelo qual se comprometeu a construir um Teatro Novo, em forma de Politeama, mediante as seguintes condições:

O abaixo-assinado, reconhecendo que a Câmara poderia encontrar maior valor pela venda do atual prédio e seu terreno que a importância constante do citado contrato acima, concorda pagar, pelo tempo decorrido de 30 de janeiro de 1924 até esta data, os juros de 10% sobre 30:000$000 [trinta contos de réis], porém, tendo sido pago pelo mesmo contrato 20:000$ [vinte contos de réis], justo será que se lhe abone os juros recíprocos sobre a quantia dada na mesma data, até liquidação deste ajuste, lhe restituindo o saldo da quantia de 20 contos, decorrente do ajuste de juros.

Como ocupante que tem sido do Teatro Municipal, concorda, ainda, o abaixo-assinado em pagar os alugueis do anterior contrato, isto é, de 200$000 (duzentos mil-réis) mensais contados durante o tempo do atual contrato, que ora se pede a rescisão.

Concordado nesta rescisão por parte da ilustre edilidade, o abaixo-assinado

pede ainda, que lhe seja concedido o prazo de um ano para seja restituído o Teatro, pagando o aluguel do antigo contrato, isto é, de 200$000 mensais, durante esta nova concessão, que ora pede.

Motiva este pedido de um ano de nova concessão a existência de diversos contratos de fornecimentos de fitas cinematográficas, cujos atos não podem ser rescindidos sem graves prejuízos.

O ato de rescisão que ora propõe, a Câmara receberá o Teatro como se acha no seu estado de conservação, sem nenhuma modificação, pois, durante este tempo que possui o Teatro como próprio, diversos melhoramentos para conservação têm sido feitos.

Sendo a proposta acima baseada em justos motivos de grave moléstia pessoal, espera o proponente seja esta tomada em consideração como ato de equidade e inteira Justiça.

Varginha, 16 de Maio de 1925

Em tempo: a nova concessão do aluguel, o proponente pede que lhe seja entregue como se acha, sem a retirada de nenhum móvel que pertença à Câmara, ou seja, no estado atual.

Data acima

(a) José Navarra

CONTRATO DE COMPRA E VENDA DO TEATRO MUNICIPAL FIRMADO ENTRE A CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA E JOSÉ NAVARRA, 192-?

A seguir, apresentamos a transcrição integral do contrato firmado entre a Câmara Municipal e José Navarra para a aquisição do antigo Teatro Municipal. O documento datilografado possui quatro folhas numeradas com algarismos romanos (exceto a primeira) e integra o acervo do CEDOC – Centro de Documentação Histórica da Fundação Cultural de Varginha. Dele não constam título, data, carimbos e selos. Todas as folhas foram assinadas por José Augusto de Paiva, presidente da Câmara Municipal:

[início da transcrição]

I

A Câmara Municipal de Varginha vende o prédio do Teatro Municipal e seu terreno a José Navarra, pelo preço e quantia certa de vinte contos de réis (20:000$000), que receberá do adquirente em moeda corrente do País, dando-lhe plena e geral quitação, obrigando-se, porém, o adquirente, a respeitar de modo absoluto as cláusulas seguintes:

I – O adquirente será obrigado a construir no local um politeama com capacidade para 1500 a 2000 espectadores;

II – A Câmara Municipal ficará com direito de requisitar o prédio, sem ônus algum, para solenidades ou diversões públicas quantas vezes quiser, não excedendo de 12 dias ao ano. Fará estas requisições fora das horas regulamentares do cinema, não interrompendo qualquer diversão que, tendo início nesta ocasião, se prolongue por mais tempo, podendo, excepcionalmente, requerer; nestas horas e nestes casos a Câmara indenizará o adquirente as despesas forçadas do dia, sem extraordinários.

III – Só depois de totalmente construído o novo prédio é que o adquirente poderá fazer alienação desta propriedade e só poderá fazer a pessoa reconhecidamente idônea, a juízo da Câmara, exigindo do novo proprietário aceitar as mesmas condições pelas quais ora se obriga, dando ciência da alienação à Câmara Municipal.

IV – Não poderá ser utilizado o referido terreno e prédio a construir para outro fim a não ser para casa de diversão;

V – Destinar um camarote exclusivamente à Câmara Municipal, em lugar conveniente, escolhido pelo Presidente da Câmara da Municipal. Este camarote deverá ser destacado dos demais pelas suas maiores dimensões, comportando todos os membros da Câmara, tendo, em lugar bem visível, o letreiro "Câmara Municipal", e um ou dois ventiladores elétricos, só podendo ser ocupado pelos membros da Câmara ou por pessoas por estes convidadas, pagando, porém, suas entradas;

VI – A construção deverá obedecer em parte e no conjunto as boas regras de higiene, observando em tudo as disposições dos Estatutos da Câmara;

VII – A construção obedecerá às disposições e as medidas constantes da planta, cuja cópia deverá ficar arquivada na Secretaria da Câmara, sendo observada com rigor no conjunto e em todos os detalhes. As bases dos muros perimetrais serão em alvenaria de pedra, construídos com cal e areia a um por três, e as larguras não poderão ser menores de um oitavo da altura total do edifício.

O prédio será construído com paredes de tijolos assentados com cal e areia a 1 por 3 e colunas internas de cimento armado com trilhos duplo T ou vergalhões de ferro de uma polegada e meia e tirantes que das colunas vão às paredes laterais, como está demonstrado no projeto.

Os assoalhos da sala de espera, dos gabinetes sanitários e do camarim onde ficará situado o aparelho cinematográfico serão todos confeccionados com ladrilhos, de superfície lisa e não em relevo. O assoalho da plateia, sendo removível,

conforme o projeto, deverá ser construído de modo que, uma vez armado no lugar, não apresente solução de continuidade apreciável e o adquirente se compromete a retocá-lo sempre que as tábuas se empenarem, tornando o seu plano desigual, com saliências e depressões com frestas ou aberturas em virtude do retraimento das tábuas. As paredes dos gabinetes sanitários serão revestidas de mosaico até a altura de um metro e meio e os vasos sanitários deverão ser dos melhores existentes e com perfeito juncionamento. Os forros da plateia e da sala de espera serão de estuque, podendo ser de tábuas estreitas todos os demais. As escadas não poderão ter seus degraus com elevação superior a 18 centímetros e largura mínima de 30 centímetros. O telhado obedecerá [a]o projeto, sendo construído com madeira de lei de 14 por 20 centímetros, no mínimo, de espessura. Além dos ventiladores que constam da planta, serão necessários ventiladores elétricos, cujo número será determinado depois de ultimada a construção, de acordo com o Presidente da Câmara. A iluminação será na periferia do teatro, sendo bastante ampla e abundante;

VIII – A Câmara Municipal, representada por seu Presidente, terá a faculdade de fiscalizar a obra, intervindo sempre que a seu juízo achar lacunas ou faltas que estejam em desacordo com o projeto ou que não oferecem a necessária solidez, obrigando-se o adquirente a modificar de acordo com as boas regras de construção e higiene;

IX – Esta construção será ultimada dentro do prazo de 12 meses, a contar da data em que for lavrada a escritura do prédio; no caso contrário, pagará o adquirente dois contos de réis de multa por mês, pelo tempo que exceder do prazo estipulado, salvo motivo de força maior comprovado, a juízo da Câmara. O prazo de 12 meses poderá ser prorrogado por mais seis meses, se antes de terminado o primeiro prazo, o adquirente alegar razões, cuja procedência ficará a juízo da Câmara;

X – A Câmara Municipal só permitirá o funcionamento da Casa de Diversões, depois de haver o seu Presidente, a requerimento do adquirente, nomeado uma

comissão composta de três membros para proceder a vistoria. Uma vez terminada completamente a obra, as chaves serão entregues ao Presidente da Câmara, que mandará proceder a respectiva inspeção e, de acordo com o parecer da comissão, o Presidente permitirá o funcionamento da Casa, dando por terminada as obrigações do presente contrato, na parte referente à construção;

XI – Exigir as assinaturas de dois fiadores idôneos, obrigando-se estes por qualquer ato do adquirente que implique o não cumprimento de qualquer cláusula do contrato;

XII – Qualquer dúvida que se suscitar a respeito do cumprimento de qualquer cláusula do presente contrato será resolvida pelo juiz arbitral nos termos das leis em vigor, o que se observará também com relação à indenização a que der causa qualquer das partes contratantes por inobservância das cláusulas a que estão sujeitas.

(aa) J. Paiva [José Augusto de Paiva] (CONTRATO DE VENDA DO TEATRO MUNICIPAL, 1923? CEDOC – Centro de Documentação Histórica da Fundação Cultural de Varginha)

[fim da transcrição]

ARTIGOS DO JORNAL *ARAUTO DO SUL* SOBRE O NOVO TEATRO, 19 DE AGOSTO A 14 DE OUTUBRO DE 1926

A seguir, apresentamos a transcrição integral dos seguintes artigos publicados no jornal varginhense *Arauto do Sul*, entre 19 de agosto e 14 de outubro de 1926: 1) Impressões. O novo teatro. Um gesto simpático (texto de João D'Acqui), 2) O novo teatro. Qual deverá ser seu nome?, 3) Concurso de nome para o novo Teatro. A apuração, 4) o novo Teatro, e 5) Concurso de nome para o novo Teatro. A apuração dos votos.

IMPRESSÕES
O NOVO TEATRO
UM GESTO SIMPÁTICO

Para que se possa ter uma ideia do maior ou menor desenvolvimento de um lugar, é preciso lançar um golpe de vista pelo seu passado, formulando comparações, estabelecendo confrontos para que não se chegue a errôneas conclusões.

Quem, por exemplo, depois de visitar Varginha, conhecendo-a em toda sua enorme extensão; admirando-lhe os magníficos edifícios públicos, as suas custosas e elegante vivendas modernas, será capaz de supor que aquele pardieiro acachapado da Rua Wenceslau Braz, é o Teatro Municipal?

Relativamente baixo, sem conforto, sem estética, pode dar ao visitante de hoje uma ideia de tudo que quiserem, menos de um teatro...

No entanto – sejamos justos! – o que se nos afigura hoje grosseiro arremedo de teatro, estava no tempo de sua construção, compatível com o grau de desenvolvimento do lugar, servindo perfeitamente, satisfatoriamente, ao fim a que ser destinado.

Se volvermos as vistas para época mais remotas, ainda mais admirados

ficaremos, talvez duma sala chamada "Casa de Instrução", exageradamente acanhada, já serviu de teatro e, bem ou mal, deu conta do recado.

Tudo evolui!

E foi assim compreendendo que o espírito *yankee* desses incansáveis propulsores do progresso de Varginha – os irmãos Navarra – não medindo sacrifícios, dando de ombros às enormes dificuldades que em tais empreendimentos sempre surgem – tomaram a si a ousada iniciativa da construção de um monumental teatro que, para orgulhoso nosso, não encontrará algum que lhe leve vantagens em luxo, conforto e segurança, em toda a vasta zona do Sul de Minas.

É impossível, na vertigem de umas simples notas de jornal, descrever a grandiosidade do projeto, já em meio da execução; mas – para que não julguem que pecamos pelo exagero, daremos os dados suficientes para justificarem a nossa admiração pela extraordinária capacidade produtiva dos Irmãos Navarra, admiração que mais se avoluma quando o sabemos presas de múltiplas preocupações reclamadas pelas incontáveis ramificações de suas energias, parecendo-nos mesmo, incrível, que lhes sobrem tempo, coragem e forças para empreendimentos de tamanho vulto.

O que já está feito do novo edifício do teatro e o que já pode ser apreciado, são elementos bastantes para se formar uma ideia aproximada desse verdadeiro monumento de arte, cuja inauguração deverá ser em janeiro de 1927.

O novo teatro, cuja construção está a cargo do conhecido construtor Sr. Antônio M. Pires, além de uma ampla plateia, terá uma ordem de elegantes camarotes e outra, de frisas.

Obedecendo rigorosamente às regras de higiene e proporcionando o conforto necessário, haverá acomodação para 1.300 cadeiras, não contando os 400 lugares que se encontrarão em uma galeria a parte.

O capricho, o bom gosto e o conforto estendem-se às mais pequenas cousas e é

assim que o próprio mobiliário não escapou a esses cuidados, sendo feito especialmente para este fim, em uma fábrica do Paraná, de "embuia nacional", ficando cada cadeira pelo custo aproximado de 30$000 [trinta mil-réis].

A iluminação ampla e farta, caprichosa e ricamente instalada, será de um efeito esplêndido, inundando de luz todas as dependências do teatro, inclusive a luxuosa sala de espera, de que será o teatro igualmente dotado.

O palco amplo e de altura considerável, comporta maquinismos modernos para mutações rápidas de cenários, como nas capitais.

A cabine para exibições cinematográficas, à parte oferece todas as garantias de segurança, e proporcionando o novo aparelho uma nitidez irrepreensível.

As entradas e saídas para as seções são distribuídas com bastante habilidade, evitando deste modo atropelos e confusões, às vezes, bem desagradáveis.

O edifício do teatro, além de todo o conforto que se possa desejar, oferece o máximo de segurança, pois é todo de cimento armado e argamassa, estando a sua construção sob as vistas imediatas dos Irmãos Navarra, que não poupam esforços para dotar Varginha com um teatro à altura de seu desenvolvimento.

Aí está, em largo traços, essa obra gigantesca dos Irmãos Navarra, cujos nomes ficarão para sempre ligados aos dos grandes amigos do progresso deste abençoado torrão.

Dando provas do grande apreço em que tem este pedaço de sua segunda pátria, não trepidarem em despender mancheias, grande parcela de seus vultuosos haveres, assinalando com o majestoso edifício do moderno teatro, a passagem utilíssima e proveitosa de sua existência fecunda em benefícios à coletividade e fértil de melhoramentos à terra que os acolheu como filhos.

Filhos da Itália – invicta fonte exuberante e inesgotável dos encantos das Belas-Artes, – dela herdaram e sentem lhes correr nas veias, sempre impetuoso, esse

sentimento sublime do Belo, ninguém, pois, melhor que eles poderia erigir um templo mais condigno para receber do povo culto desta terra as homenagens que são devidas a Talma, divindade adorada em todos os tempos e por todos os povos.

Vamos fechar estas rápidas "impressões" com uma nota profundamente simpática e de cunho muito significativo os Irmãos Navarra, em homenagem ao povo de Varginha vão, num concurso que será previamente anunciado – confiar-lhe a escolha do nome com que será batizado o novo Teatro.

É um gesto de fidalguia e gentileza que muito de perto tocará a sensibilidade do coração varginhense.

JOÃO D'ACQUI

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Varginha, 19 ago. 1926.

O NOVO TEATRO
QUAL DEVERÁ SER SEU NOME?

Confirmando as "Impressões" de João D'Acqui, relativamente ao nome a dar-se ao novo Teatro, recebemos, ontem, dos Snrs. Navarra & Irmãos atencioso convite para patrocinarmos a ideia de um **CONCURSO POPULAR**, por cujo meio será escolhido o nome ao Teatro ora em construção.

É extremamente simpática e muito significativa a ideia dos Irmãos Navarra, a que o "Arauto do Sul", gostosamente prestará todo seu apoio, lançando desde já as bases e publicando os **coupons** a serem enchidos devidamente.

Este concurso estará aberto até o dia 26 de setembro próximo, podendo qualquer habitante de Varginha sugerir o nome que melhor lhe parecer.

Cheio este **coupon**, o votante manda-lo-á em envelope fechado, com a declaração exterior – **concurso de nome** – para os Snrs. Navarra & Irmãos.

Findo o prazo supra, perante autoridades, representantes da Imprensa e pessoas gradas, serão abertos e apurados todos os votos e escolhido o nome que obtiver maioria.

Estamos certos de que a população de Varginha, em peso, votará, correspondendo desta forma aos nobres intuitos dos Irmãos Navarra, que querem, com isto, prestar-lhe mais uma homenagem.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 158. Varginha 22 ago. 1926.

CONCURSO DE NOME PARA O NOVO TEATRO
A apuração

No próximo domingo, dia 10, em um dos salões do "Club de Varginha" apurar-se-á qual o nome a ser dado ao novo teatro, prestes a ser concluído.

Os Irmãos Navarra, conforme noticiamos, em um requinte de nímia gentileza, deixaram ao culto povo de Varginha a escolha de um nome mais de seu agrado para com ele ser batizado o novo e rico estabelecimento de diversões.

Por meio de *coupons*, por várias vezes publicados em nossa folha e por outras distribuídos em profusão pelos *bars*, cinema, etc. foram alvitrados várias designações, sendo que a de maior número de votantes será, inapelavelmente, a adotada.

Para que seja, de fato, a vontade do povo de Varginha respeitada e para que se não julgue tenha sido este concurso uma simples reclame, os incansáveis Irmãos Navarra em boa hora se lembraram de deixar a apuração dos votos a cargo de pessoas de máxima respeitabilidade, acima da mais leve suspeita, tendo a escolha recaído nas

pessoas dos Srs. Dr. Juiz de Direito, Presidente da Câmara, Dr. Delegado de Polícia etc aos quais foram endereçados convites especiais.

Por nossa vez, confessando-nos lisonjeados pela deferência com que nos distinguiram, reservando-nos um lugar na comissão apuradora, sentimo-nos satisfeito por vermos que a ideia do Concurso de Nome lançado pelo espírito altamente progressista dos Irmãos Navarra, da qual foi o "Arauto do Sul" o porta-voz – ecoou agradavelmente em a culta sociedade varginhense, que pressurosamente e em abundância lhes enviou *coupons* sugerindo-lhes um nome de sua simpatia.

É isto uma prova de que Varginha acompanha com interesse todos os passos dados em prol de seu progresso, não regateando aplausos àqueles que, como os Irmãos Navarra, não perde oportunidade de demonstrar entranhado amor à terra que adotaram como sua.

A comissão apuradora reunir-se-á em lugar que ser previamente anunciado, sendo franca a entrada a todos que quiserem assistir à apuração.

Os Irmãos Navarra, por nosso intermédio, pedem a todas as pessoas que ainda tiverem *coupons* em seu poder [tenham] a fineza de os mandar à sua casa até depois d'amanhã, sábado, às 5 horas da tarde.

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 171. Varginha 07 out. 1926.

Nota: a transcrição manteve as palavras em idioma inglês (*club*; *bars*) e francês (*coupons*) como constam do original.

CONCURSO DE NOME PARA O NOVO TEATRO
A apuração dos votos

[Contém: artigo jornalístico (introdução), ata da apuração dos votos e discurso de João Alves de Miranda]

Realizou-se, no dia 10 deste, a apuração do concurso aberto pelos Srs. Navarra & Irmãos, por intermédio deste periódico, para a escolha do nome para o novo teatro.

Saiu vencedora a denominação "Capitólio" que, na sessão do cinema à noite, foi projetada na tela, como definitivamente assentada.

Os Srs. Navarra & Irmãos mostraram-se satisfeitos com o resultado do concurso e nós, por nossa parte, também nos sentimos desvanecidos, por termos sido o veículo de um ato de deferência daquela importante firma para a com a população de Varginha que, por sua vez, cavalheirescamente, acudiu aos desejos daqueles Srs., atendendo ao seu apelo.

Do que se passu na reunião apuradora, dá conta a ata que adiante transcrevemos, não devendo o leitor levar em conta a nota do mesário, que se declarou vencido, pois que o trabalho de apuração foi consciencioso e aquilo não passou de mera brincadeira para "matar" o tempo.

"Ata.

Aos 10 de Outubro de 1926, no Salão do Club de Varginha, presentes os Srs. Cel. Leopoldo de Melo Pádua, Cap. Pedro A. [Alcântara] da Rocha Braga, Farm. Álvaro de Paula Costa, Dr. Joaquim Afonso Ferreira, Dr. Walfrido Silvino dos Mares Guia, Dr. José Roussoulières, Carlos Silva, Roque Rotundo, João Alves de Miranda, comigo Arthur Braga que esta escrevo, todos comissionados pelos Srs. Navarra & Irmãos para apurarem o Concurso Popular para a escolha do nome do Teatro que estão construindo

e, reunidos para o mesmo fim, assumiu a Presidência por aclamação o Sr. Cel. Leopoldo de Melo Pádua, Diretor do *Arauto do Sul*, que tomou sob o seu patrocínio a presente causa. Este convidou a mim, Arthur Braga, para Secretário e deu início aos trabalhos.

Tomando a palavra, o Sr. João Alves de Miranda produziu singela e eloquente alocução referente ao presente concurso, recebendo palmas. Em seguida, o Dr. Walfrido S. Mares Guia, expondo e justificando com o brilho de costume o seu voto, opinião pela denominação de 'THEATRO PEDRO II", a ser dada ao novo Teatro. Procedeu, então, a Presidência à apuração dos *coupons* apresentados pelos Srs. Navarra & Irmãos, tendo como escrutador [sic] escrutinador o Sr. Cap. Pedro A. Rocha Braga e verificando-se o seguinte resultado: Glória, 9 votos; Capitólio, 118 votos; Pedro II, 13 votos; Íris, 8 votos; Guarani, 8 votos; Trianon, 3 votos; Odeon, 3 votos; Carlos Gomes, 3 votos; Central, 2 votos e, Fulgor, Flor da Noite, Anseática, São Pedro, Cassino, Caruso, Futurista, Trianon, Antartica, Fox, Varginhense, Bata-clan, Mineiro, Brasil, América, Cassino Antártica, Londres, Maximé, Rio de Janeiro, Royal, Imperial, Império, Nacional, Monte Carlo, São Carlos, Espéria, Clicocq, Marinetti, Coliseu Antártica, Polo Norte, Chic, Dr. Melo Viana, Cine-Teatro Rialto, Municipal e Rio Branco – 1 voto cada um. Proclamado o resultado, consultou O presidente se julgavam válido concurso e respondido afirmativamente pela mesa, levantou-se o Presidente e proclamou como vencedora e, portanto, definitivamente estabelecida de acordo com o plano do mesmo concurso a denominação "CAPITÓLIO", a qual foi recebida pela mesa e por numerosas pessoas presentes à reunião com uma ruidosa salva de palmas, sob a aprovação do Sr. Francisco Navarra, sócio da firma construtora do Teatro e proprietária do mesmo.

Em seguida, os Srs. Navarra & Irmãos ofereceram aos presentes delicado copo d'água, sendo trocadas efusivas saudações.

Para constar, eu, Arthur Braga, Secretário, lavrei esta ata, que depois de lida e achada conforme, vai assinada pela mesa e pelas demais pessoas presentes que o

quiserem.

(aa) Leopoldo de Melo Pádua, Pedro A. da Rocha Braga, Walfrido Silvino dos Mares Guia, vencido por ter verificado que a apuração já viera feita, Joaquim Afonso Ferreira, José Roussoulières, Álvaro de Paula Costa, Roque Rotundo, Arthur Braga, Jair Leite da Silveira, José Antônio da Silveira Bragança, Wenceslau Rosa, Euclides Monteiro, Mitre Nacif, João Alves de Miranda, Francisco Navarra, Eurico Silva, Casimiro Teixeira, Luiz Braga".

Damos, a seguir, a alocução proferida pelo Sr. João Alves de Miranda a que se refere a ata acima transcrita:

"EXMOS. SRS.

Estando prestes a inaugurar-se o novo Teatro, os Irmãos Navarra, em dias do mês de Agosto, lançaram a ideia de uma concurso popular, por cujo meio seria escolhido um nome de simpatia dos habitantes desta terra, para o mesmo.

Este concurso, obtendo o patrocínio do Sr. Diretor do "Arauto do Sul", conseguiu o almejado resultado, como se vê do grande número de votos recebidos.

Variados foram os nomes lembrados, quase todos dignos de simpatia e assim demonstrando o interesse despertado no meio social de Varginha, sendo o pedido atendido por muitos moradores de lugares longínquos, onde o "Arauto" tem circulação.

O resultado é, sem dúvida, animador; bastante incentiva a quem trabalha e tem, como os Irmãos Navarra, interesse pelo progresso de Varginha.

A nossa cidade passa por uma série de melhoramentos e remodelações que atestam o seu progresso e patenteiam o esforço da sua atual administração, que incansável tem sido, para dotar a nossa cidade com o conforto de que gozam os habitantes das grandes cidades do País.

Concluída a instalação da sua rede esgotos e higiene, melhoria da Água Potável,

calçamento e rede de águas pluviais, Varginha marchará na vanguarda das melhores cidades do Estado, e terá posição saliente de entre as melhores do País.

Dotado o município de um solo ubérrimo, caracterizado por sua grande lavoura, vegetação luxuriante, sua rica produção agrícola; sua valiosa pecuária; a nascente indústria e seu grande comércio, precisava de dirigentes como os atuais e do esforço patriótico do cidadão que dirige os seus destinos, Sr. Farm. Álvaro Costa, que tudo tem feito em prol do progresso de sua terra e, assim, o seu trabalho seja reconhecido, no seu devido valor.

Entenderam os Srs. Navarra & Irmãos que, ao par de tanto progresso, Varginha se ressentia da necessidade de um Teatro e, sem poupar energia nem capital monetário, puseram mãos à obra e a grande construção se acha adiantada e, em breves dias, entregue ao público e, sem dúvida, será um Teatro que honrará o progresso de nossa terra.

Por meu intermédio, os Srs. Navarra & Irmãos, meus chefes e Amigos, mandam agradecer muito penhorados, o vosso comparecimento para esta apuração e se confessam gratos pelo valioso e desinteressado concurso prestado pelo "Arauto do Sul", fazendo estes agradecimentos extensivos ao seu brilhante colaborador que se oculta sob o pseudônimo – "João D'Acqui", figura intelectual de nosso meio.

Consoante as bases do concurso, o nome que maior número de votos colhesse, seriado dados à nova casa de diversões e, assim, vos entrego para o trabalho da apuração, os *coupons* que foram recebidos.

A todos os presentes a esta festa do trabalho e de amor a Varginha, muito especialmente à Comissão Apuradora, os meus melhores agradecimentos".

Fonte: *ARAUTO DO SUL*. Edição nº 173. Varginha 14 out. 1926.

Notas:

1 Dentre os vários nomes em que a população varginhense votou para o novo teatro, o relator Arthur Braga citou, inicialmente, na ata da apuração, o nome Trianon com três votos. Mais adiante, ele repete o nome e atribui a ele apenas um voto.

2 Walfrido Silvino dos Mares Guia, advogado, declarou logo após a sua assinatura na ata da apuração dos votos: "vencido por ter verificado que a apuração já viera feita", pois ele escolhera o nome Teatro Pedro II. Trata-se de uma brincadeira inoportuna.

APÊNDICE
THEATRO MUNICIPAL CAPITÓLIO
DATAS DE IMPORTÂNCIA HISTÓRICA 1921-2022

21 de março de 1921. José Navarra apresenta a proposta da construção de uma casa moderna para diversões em ofício enviado à Câmara Municipal. A ideia inicial era a da construção de um politeama e não de um teatro tradicional em estilo italiano.

15 de janeiro de 1923. José Navarra apresentou à Câmara Municipal um requerimento em que propunha à municipalidade a compra do Teatro Municipal (Cineteatro Íris), para construir no local um politeama. A Câmara enviou o requerimento para análise da Comissão de Obras Públicas.

16 de janeiro de 1923. Em Parecer, a Comissão de Obras Públicas aprovou a venda do Teatro Municipal a José Navarra. A venda deveria ser feita por hasta pública e atender às exigências contratuais a serem estabelecidas pela Câmara Municipal. O parecer da Comissão de Obras Públicas foi aprovado por unanimidade e, em seguida, enviado à Comissão de Legislação de Justiça para formulação do projeto de lei.

22 de janeiro de 1924. A Lei Municipal nº 511, de 22 de janeiro de 1924, autorizou a venda do Teatro Municipal a José Navarra.

30 de janeiro de 1924. Escritura pública de compra e venda do teatro firmada entre a Câmara Municipal de Varginha (vendedora) e José Navarra (comprador).

16 de fevereiro de 1925. Registro da escritura pública de compra e venda de 30 de

janeiro de 1924 no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha.

16 de maio de 1925. José Navarra enviou ofício à Câmara Municipal em que relatava estar acometido por grave moléstia pessoal, e que, por isso, solicitava a rescisão do contrato de 30 de janeiro de 1924, pelo qual se comprometera a construir um novo teatro, em forma de Politeama. Ele solicitou, ainda, que a Câmara lhe concedesse o prazo de um ano para a restituição do antigo Teatro Municipal.

1925 (segundo semestre). Abandono da ideia da construção de um politeama e decisão da construção de um novo teatro em estilo tradicional.

Nov. 1925 – out. 1927. Início e finalização da construção do Theatro Capitólio.

07 de fevereiro de 1926. Segundo o *Arauto do Sul*, a obra do novo teatro estava iniciada e prosseguia com a atividade, "fazendo surgir do solo, em blocos de granito, alvenaria e cimento armado, a carcaça do novo edifício, que há de ostentar para a geração futura uma fachada imponente" (*ARAUTO DO SUL*. Edição nº 118, p. 1. Varginha, 07 fev. 1926).

10 de outubro de 1926. No Clube de Varginha foi realizada a apuração do resultado da votação no Concurso Popular para a escolha do nome do novo teatro. O nome escolhido foi Capitólio com 118 (59%) votos do total de 201 votos. Em segundo lugar, com 13 votos (6,5%), ficou Pedro II.

12 de outubro de 1927. Inauguração do Theatro Capitólio.

12 de abril de 1943. José Navarra e sua esposa Linda Tolentino Navarra vendem o Theatro Capitólio a Antônio Ribeiro Nogueira. A escritura foi registrada nessa data no

Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha. O documento original não foi localizado.

14 de julho de 1945. Antônio Ribeiro Nogueira vende o teatro a Inocêncio Prince de Souza, que cria a Empresa Cinematográfica Prince de Souza.

28 de agosto de 1945. Registro da escritura pública de compra e venda de 14 de julho de 1945 no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Varginha.

1946. Construção do *foyer* na lateral direita do teatro.

29 de agosto de 1983. A Empresa Cinematográfica Prince de Souza Ltda vende o teatro para a Prefeitura Municipal de Varginha.

1983-1985. Teatro fechado e em reformas. O renomado ator, diretor e cenógrafo italiano Gianni Ratto (1916-2005) esteve em Varginha para prestar consultoria sobre as obras de restauração.

26 de outubro de 1985. Reinauguração do Capitólio com a apresentação da Orquestra de Câmara do Conservatório Carlos Gomes, de Campinas (SP).

12 de abril de 1994. A Lei Municipal nº 2451 dá a denominação "Foyer Aurélia Rubião" ao foyer do teatro em homenagem a Aurélia Rubião (1901-1987), pintora varginhense.

2004-2010. O teatro esteve fechado durante sete anos. Reformas foram executadas no final desse período.

13 de maio de 2011. Reinauguração do Capitólio com o Concerto Quinteto de Cordas

Solistas de Paulínia (SP) e, no dia seguinte, a apresentação da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto – OSRP.

2013. Fortes chuvas ocasionaram infiltrações e, com isso, houve o desabamento de parte do forro de gesso do teto. Em 31 de janeiro o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais interditou o prédio por medida de segurança.

2016. Reforma dos banheiros e camarins. Aprimoramento do sistema de som com a aquisição de novos equipamentos.

15 de setembro de 2020. O Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais emitiu o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros – AVCB em que atestou que o prédio do Theatro Capitólio adotou as medidas de segurança estabelecidas na legislação estadual de Segurança Contra Incêndio e Pânico. Foi a primeira vez em sua história que o prédio recebeu esse tipo de certificação.

2021. Publicação do livro "Saber ver: Teatro Capitólio, patrimônio cultural", de Anita Regina Di Marco e Vanessa Caldeira Teixeira Reis em edição bilingue português / inglês, publicada pela Editora Rio Books, do Rio de Janeiro. Capa dura, dimensões 23 x 23 cm. Impressão em papel couché fosco de 150 gramas. O livro, de 152 páginas, contém 94 fotografias em preto e branco dos mais variados detalhes arquitetônicos do edifício e das obras da reforma do período 2007-2011.

Março de 2020 a 2022. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou a ocorrência da pandemia da Síndrome Respiratória Aguda Grave SARS-CoV-2 Covid-19, que teve início no Brasil no mesmo mês. O teatro foi interditado por esse motivo e, pela primeira vez em sua história, não pôde receber o público

por questões sanitárias e de saúde pública. Durante o período de interdição foram realizadas reformas: recuperação de alvenarias e revestimentos de pisos e paredes; substituição de revestimentos cerâmicos de 15 x 15 cm; recomposição do reboco deteriorado; recuperação de portas e janelas e readequação das instalações elétricas; retirada e reassentamento das cadeiras da plateia. Até 10 de agosto de 2022, data da entrega deste livro para diagramação, o teatro ainda se encontrava em reformas.

2022. Publicação do livro "Theatro Capitólio de Varginha (MG) : do objeto ao símbolo", de autoria de José Roberto Sales, publicado pela Fundação Cultural do Município. Edição comemorativa dos 95 anos da fundação do teatro.

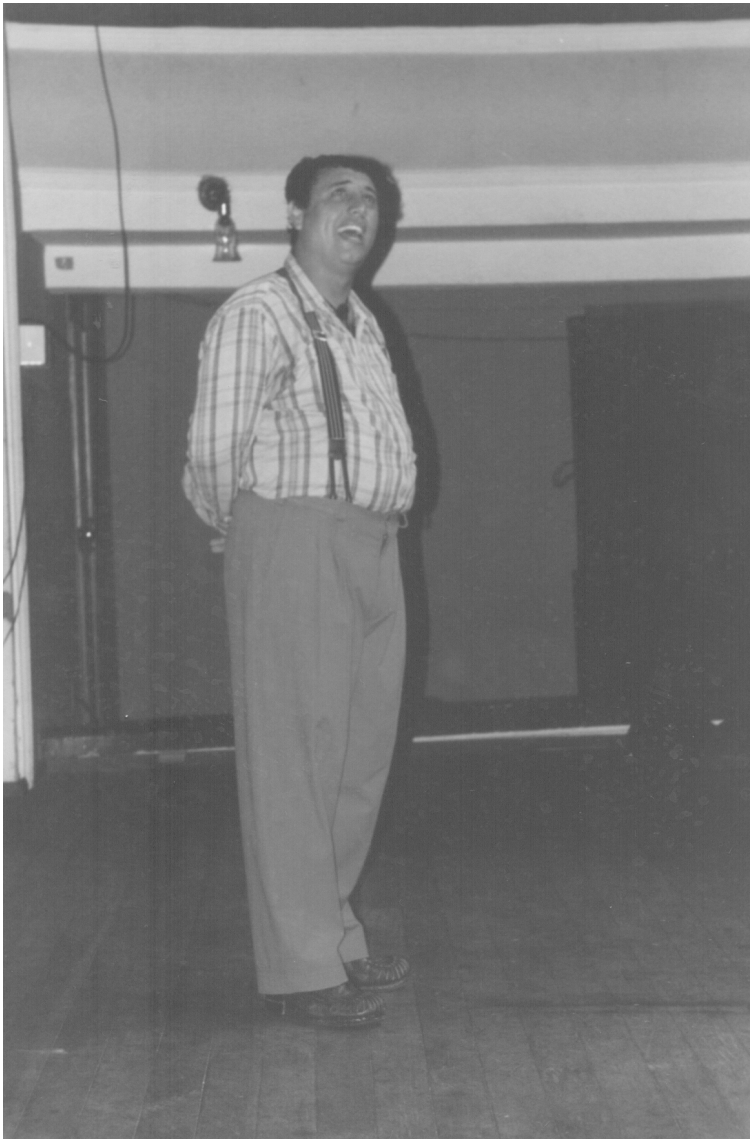
ANEXO FOTOGRÁFICO

Grupo Maranatha de Art Global Natal de Esquina
IV Fest. de Teatro Amador de Varginha, 1991

Oficina do Ator, 1992

Grupo Russo Gypsy Melodies Dança Folclórica Cigana, 1992

Orquestra de Metais do Conservatório Estadual de Música, 1994



Show Trem de Doido com o ator Pedro Bismarck (Nerso da Capitinga), 1995

Cantor e compositor Lô Borges no show "Meu Filme", 2000

Big Band do Conservatório Estadual de Música de Varginha
durante projeto Virada Varginha, 2017

Peça infantil "O Aniversário de Pantera Cor-de-Rosa"
com a finalização do curso de teatro "Cara de Palco", 2018

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA OBRA DE REVITALIZAÇÃO EM 2021 E 2022

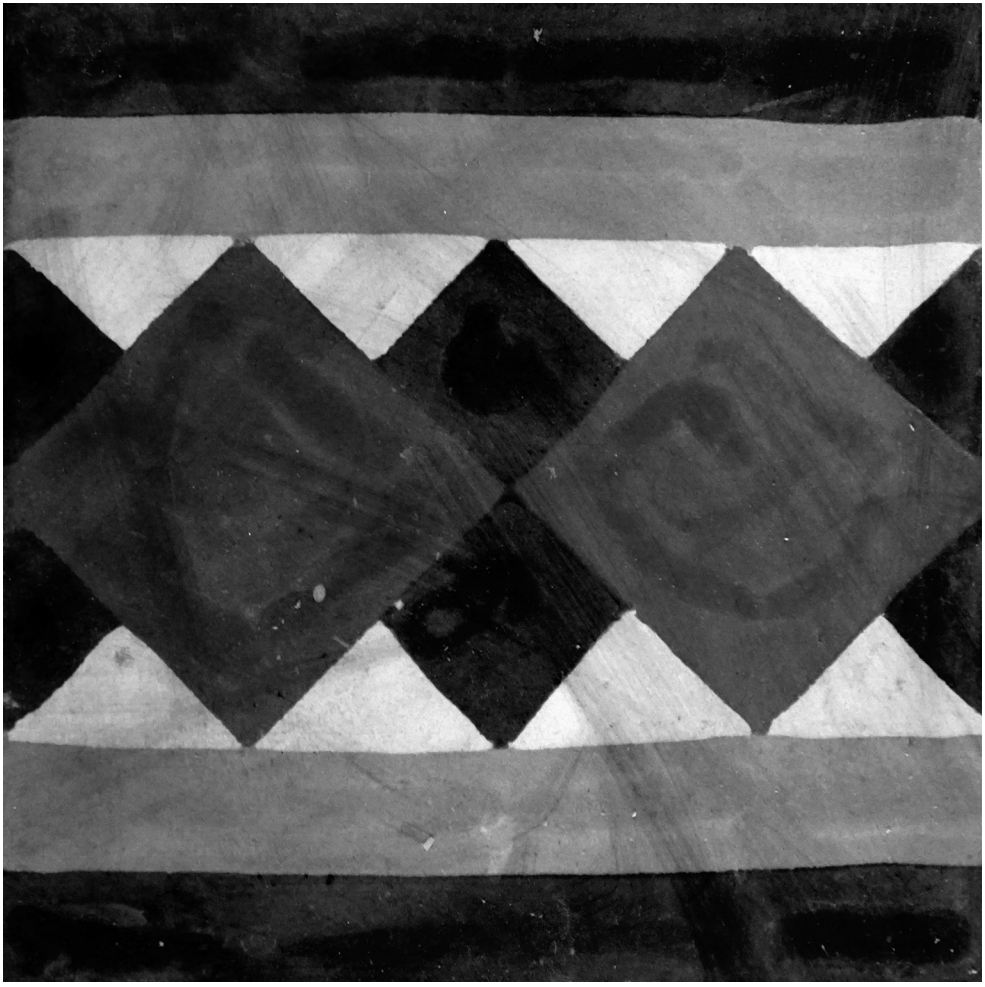
Assentamento do ladrilho hidráulico da plateia. A fotografia ressalta a estrutura interna do teatro modelo italiano com plateia frontal e formato lateral em ferradura, características surgidas a partir do Renascimento

Assentamento do ladrilho hidráulico da plateia

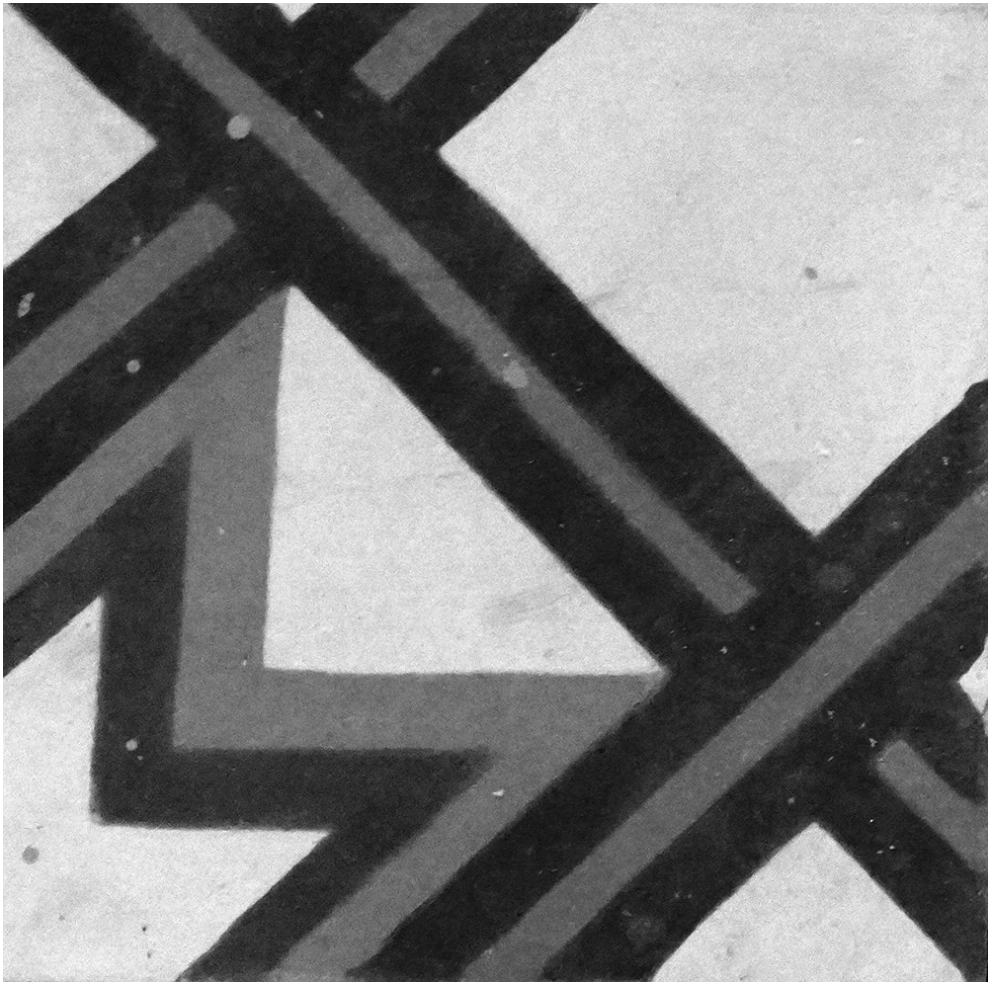
Assentamento do ladrilho hidráulico da plateia

Preparação do contrapiso para assentamento do ladrilho hidráulico da plateia

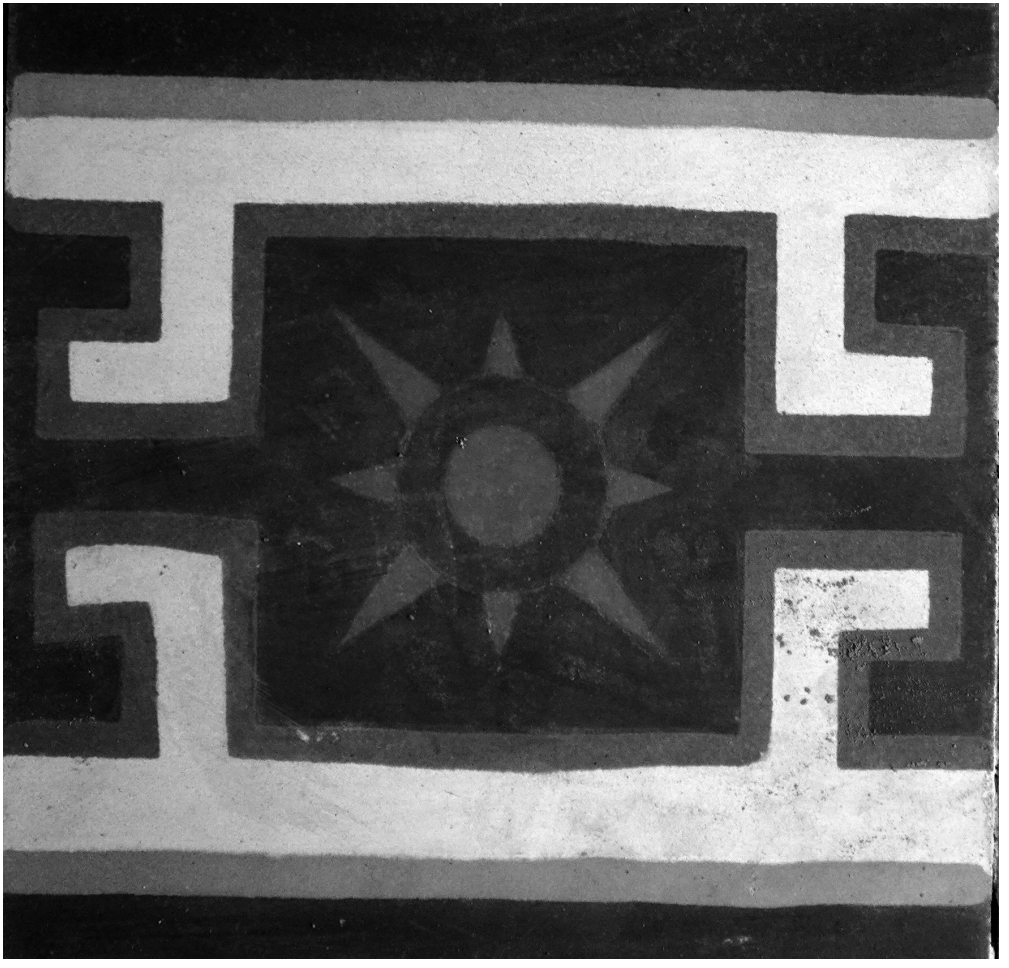
Lixamento mecânico das bordas dos ladrilhos hidráulicos antes do assentamento



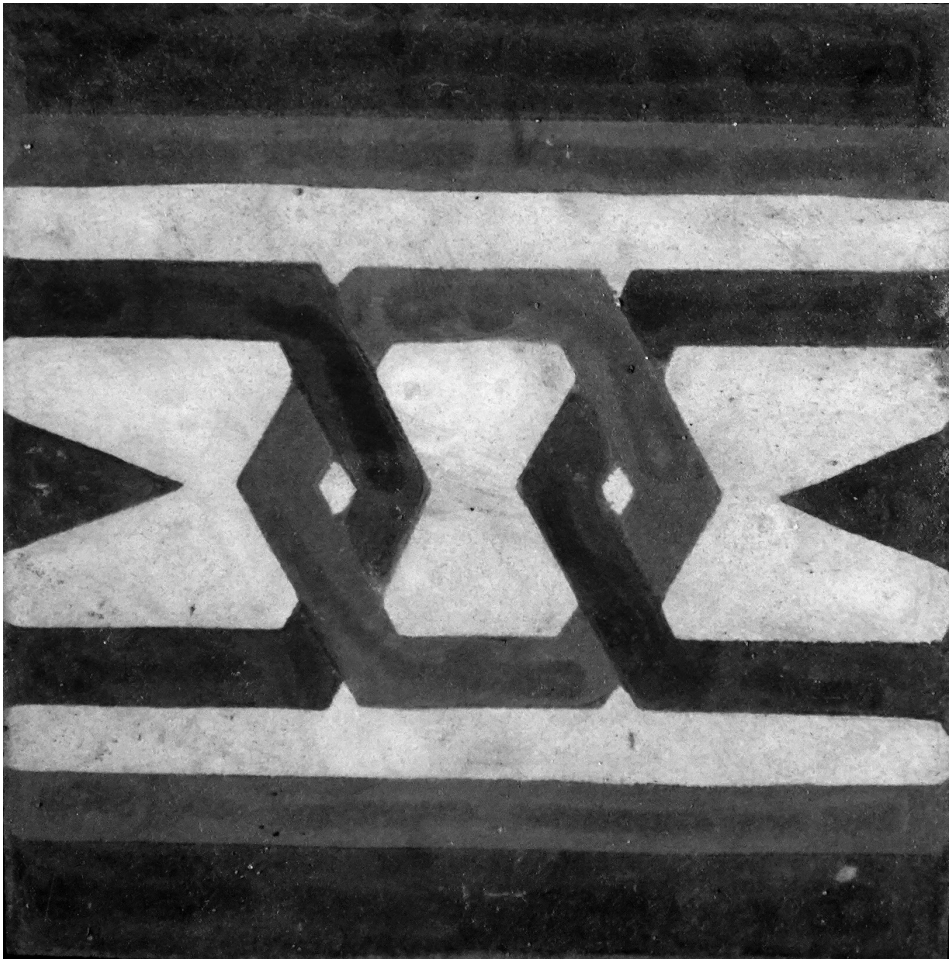
Ladrilho hidráulico padrão geométrico com quadrados e triângulos



Ladrilho hidráulico padrão geométrico

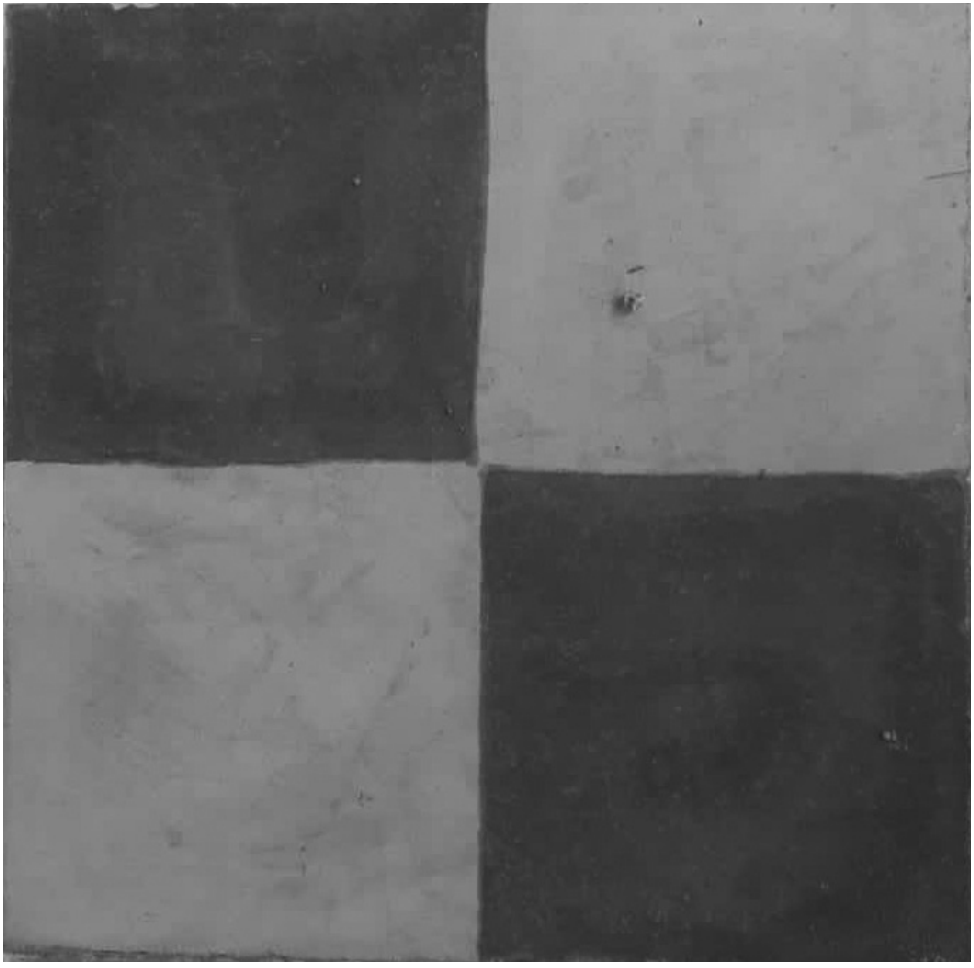


Ladrilho hidráulico padrão geométrico

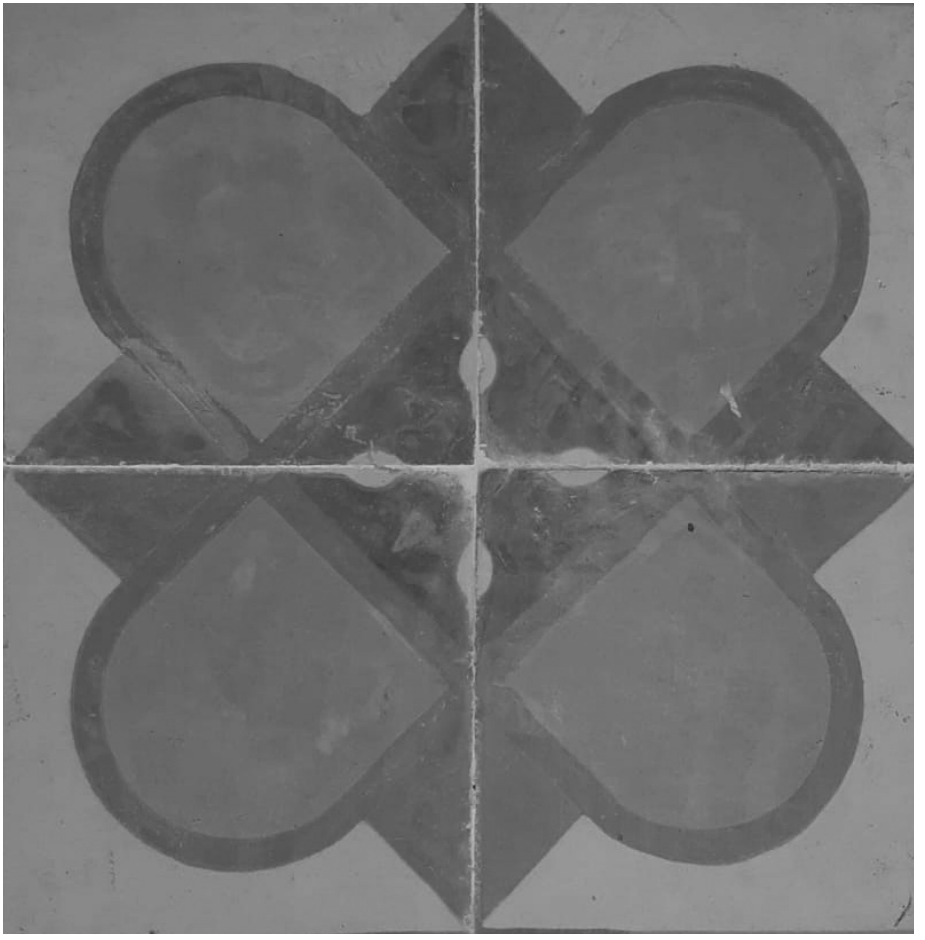


Ladrilho hidráulico padrão corrente

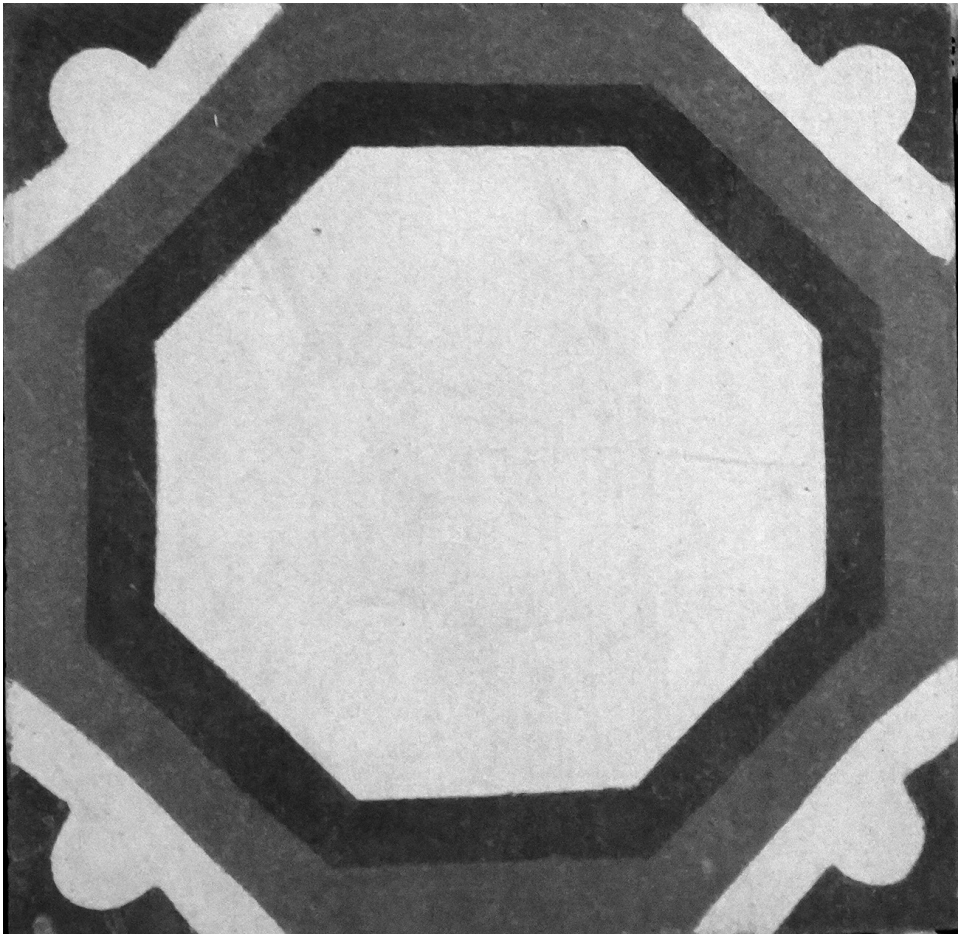
Ladrilho hidráulico padrão geométrico misto com linhas retas e curvas



Ladrilho hidráulico padrão tabuleiro bicolor



Ladrilho hidráulico padrão marquesa



Ladrilho hidráulico padrão octagonal

Piano de armário do Theatro Capitólio (1927–1983). Detalhe do entalhamento superior central com cesto de flores. Arte manual.
Acervo da Família Prince de Souza. Foto: J. R. Sales, 2021.

Este livro foi impresso em setembro de 2022 nas oficinas da Gráfica Grasart, localizada na Av. Caio de Brito, 1234 - bairro Esperança na cidade de Três Pontas, Minas Gerais.

A capa foi confeccionada em papel Cartão Supremo 300g
e o miolo em papel *off-set* 90g.

VARGINHA CAPITÓLIO MUNICIPAL THEATER (BRAZIL – STATE OF MINAS GERAIS): FROM OBJECT TO SYMBOL

This book, divided into two parts, tells the history of the Varginha Capitólio Municipal Theater (Theatro Municipal Capitólio de Varginha), a city in the state of Minas Gerais, Brazil, built by the Navarra family of Italian immigrants. Part I "Brief history of cultural and entertainment activities in Varginha (1884-1930)" presents the following areas of culture: reading (local press and Municipal Library); Carnival; circuses, equestrian shows and bullfights; transforming artists; puppet and puppet shows; illusionism shows; dance; song; exhibitions (paintings, photographs and architectural plans); games; cinemas (Cinema Brasil and Cinema Iris); theaters in Varginha (1884-1927): Casa da Instrução (school) (1884) and Municipal Theater or Cineteatro Íris (1901-1927): historical, shows, films, political, civic and social events, and the legislation on theaters in the Municipal Posture Code of 1919; amateur theater groups and the idealization of a Popular Cineteatro (1930). Part II "Varginha Capitólio Municipal Theater" presents the history of the construction of the theater in the period between 1921 and 1927; the description of the style of architecture; the inauguration (1927) and the reopenings (1985 and 2011); the writ for the purchase and sale of the lot and the building (1924, 1943, 1945 and 1983); the reforms carried out; the building's tipping; shows with international music, singing and dancing companies and artists, brazilian companies and artists, companies and artists from the city of Varginha; exhibitions and books launched at the Foyer Aurélia Rubião; conducting theater workshops; the use of theater for political events during the early years of the Estado Novo (1937-1938); transcription of chronicles about the Capitólio Theater (1940/1943); production of knowledge about the Capitólio Theater; testimonials from writers, artists and politicians; and dynamics of the construction of the Capitólio Theater from object to symbol. The book closes with Appendix Varginha Capitólio Municipal Theater dates of historical importance.

Keywords: Theatro Municipal Capitólio de Varginha (Brazil – Minas Gerais State). Theater (architecture). Theater (plays). Song. Orchestras. Dance. Artists. Cinema (buildings).

ISBN 978-65-994386-3-9